

EDITORIAL

“E-TEOLOGAR”?

Reinaldo W. Siqueira, Ph.D.

Editor da revista *Kerygma*

Centro Universitário Adventista de São Paulo, Campus Engenheiro Coelho, SP
reinaldo.siqueira@unasp.edu.br

A internet e o sistema da world wide web, o famoso “www”, que se tornaram parte integrante do nosso dia-a-dia, têm revolucionado o mundo do conhecimento. A universalização do acesso à informação e da possibilidade de comunicação, a riqueza de meios para se disponibilizar esses dados, a multimídia (visual, áudio e verbal) e a hipertextualização, são realidades sem precedentes na história da humanidade.

O impacto dessa realidade já se reflete no meio da literatura científica, no qual um número crescente de cientistas e pesquisadores tem disponibilizado suas pesquisas na internet. Calcula-se, por alto, que mais de um milhão de artigos científicos já estão publicados em formato online (ver <http://www.nature.com/nature/debates/e-access/Articles/lawrence.html>). Estas estatísticas transformam essa mídia no maior veículo de difusão de trabalhos científicos da atualidade.

Pesquisas preliminares evidenciam que trabalhos gratuitamente disponíveis na web já começam a ser mais citados do que seus congêneres publicados pelos meios tradicionais de revistas e jornais impressos. O estudo feito por Steve Lawrence, pesquisador da NEC Research Institute, que analisou um universo de 119.924 artigos científicos no campo da Ciência da Computação e áreas correlatas, constata esse fenômeno. Segundo a pesquisa de Lawrence, em média, os trabalhos científicos atuais, na área analisada, citam 2,74 vezes artigos offline (impressos) e 7,03 vezes artigos online, ou seja, 157% a mais que os do primeiro grupo. Já na análise de 1.494 jornais científicos que têm uma versão eletrônica além da impressa, ele verificou que um mesmo artigo é citado em média 336% a mais a partir da versão eletrônica do que da impressa. Certamente, o estudo de Lawrence chama a atenção para o enorme potencial de impacto da publicação por meio eletrônico (Steve Lawrence, “Free Online Availability Substantially Increases a Paper's Impact” [<http://www.nature.com/nature/debates/e-access/Articles/lawrence.html>], acessado em: 5/9/2005).

A consolidação da internet como um meio de divulgação acadêmica pode ser observada também na disposição de alguns autores e pesquisadores em pagar pela publicação de seus trabalhos em veículos eletrônicos de renome na web. É o caso da Entomological Society of America (entomologia é uma área da zoologia que lida com insetos), que desde janeiro de 2000 tem cobrado taxas aos autores que desejam publicar na sua revista eletrônica (Thomas J. Walker, “Authors Willing to Pay for Instant Web Access” [<http://www.nature.com/nature/debates/e-access/Articles/walker.html>], acessado em: 5/9/2005). Os trabalhos divulgados nos periódicos online estão saindo em vantagem na corrida por reconhecimento público e impacto científico no meio ao qual pertencem. Eles estão disponíveis 24 horas por dia, nos 365 dias do ano, e podem ser acessados instantaneamente de qualquer parte do globo.

Todo esse fenômeno é algo ainda muito recente. O impacto total que a internet e a web terão na divulgação da produção científica ainda não pode ser mensurado. Qual será o futuro das publicações científicas, à medida que mais revistas e jornais se tornam acessíveis eletronicamente? Com a tendência crescente de que todo o material seja gratuito, quem não estiver acessível na web sobreviverá? O famoso refrão acadêmico inglês “publish or perish!” (“publique ou morra!”) parece se tornar cada vez mais “publish on the web or perish!”.



Todas as áreas do conhecimento humano estão sendo afetadas por esta tendência, e o meio teológico não é exceção. O número de revistas teológicas também cresce na mídia internet. Somente o site da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) , por exemplo, já disponibiliza mais de 136 títulos de periódicos eletrônicos, tanto nacionais como internacionais, nas áreas de teologia e religião (ver <http://www.periodicos.capes.gov.br/portugues/index.jsp>).

Em vista dessa realidade, fazer teologia no meio eletrônico é hoje uma necessidade premente. Portanto, “e-teologar” torna-se uma responsabilidade acadêmica e até mesmo religiosa. O compromisso acadêmico implica o encargo de divulgar o que pesquisamos e assim contribuir com o constante avanço da ciência. Já o compromisso como teólogos e religiosos nos impele a impactar a sociedade com o nosso conhecimento e visão. Desde os tempos antigos, o chamado divino era para “dispor-se e resplandecer” e assim ajudar a iluminar o mundo ao redor (Is 60:1-3), somos chamados a ser luz do mundo e sal da terra (Mt 5:13-16). A fim de ser tudo o que Deus espera de nós, não há como hoje não “e-teologar”.

A revista Kerygma busca assim ser um instrumento que possibilite a realização desta dupla responsabilidade. Os professores e alunos do curso de Teologia do Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp) desenvolveram esse espaço em que podem “e-teologar”. Logo, podem transpor o espaço restrito das salas de aula e dos deveres acadêmicos, e dialogar tanto com a comunidade brasileira, como um todo, quanto com a comunidade internacional. Esperamos que a contribuição desse diálogo seja benéfica a todos.

ARTIGOS

SKINNER: O HOMEM COMO MÁQUINA REVISÃO DE UMA TEORIA COMPORTAMENTAL E SUAS IMPLICAÇÕES PARA A PRÁXIS PASTORAL

Ms. Adolfo S. Suárez

Professor de psicologia e didática do ensino religioso do curso de Teologia do Unasp
Centro Universitário Adventista de São Paulo, Campus Engenheiro Coelho
adolfo.suarez@unasp.edu.br

RESUMO: Apresentar brevemente a teoria comportamental de Frederic Skinner e refletir sobre possíveis implicações para a práxis pastoral.

PALAVRAS-CHAVE: Skinner, Teoria Comportamental, Estímulo-Resposta, Condicionamento operante.

Título em inglês

ABSTRACT: Shortly introduce the behavioral theory of Frederic Skinner and to reflect about possible implications for pastoral practice.

KEYWORDS: Skinner, Behavioral Theory, Stimulus-answer, Operating conditioning

1. INTRODUÇÃO

O objetivo desta pesquisa é apresentar algumas considerações gerais a respeito de Skinner, um teórico do comportamento que muito se destaca principalmente pela sua idéia sobre o condicionamento operante, também conhecida como teoria do estímulo-resposta, rótulo que ele próprio repudiava.

No entender de Hall, Lindzey e Campbell,

Skinner foi um comportamentalista ardente, convencido da importância do método objetivo, do rigor experimental, da capacidade de experimentação cuidadosa e da ciência indutiva para resolver os problemas comportamentais mais complexos. Ele aplicou seus conceitos e métodos às principais preocupações da nossa época, tanto práticas quanto teóricas.¹

Skinner defendeu algumas das reformas sugeridas por John B. Watson, e teve influência comparável, no entanto, ele conseguiu ir além de Watson, promovendo debates até hoje palpitantes.

Este trabalho consta de seis partes, à saber: (1) apresenta dados biográficos de Skinner; (2) discorre brevemente sobre o Behaviorismo; (3) faz um levantamento geral da teoria de Skinner; (4) resume os principais tópicos da teoria de Skinner; (5) analisa o legado de Skinner; (6) contrasta as principais idéias de Skinner com conceitos da ética e teologia cristãs, com conseqüentes aplicações para a práxis pastoral.

2. TRAÇOS BIOGRÁFICOS

Burrhus Frederic Skinner² nasceu no dia 20 de março de 1904, em Susquehanna, no estado da Pensilvânia (EUA). Ele morreu em Cambridge, no estado de Massachusetts (EUA),



no dia 18 de agosto de 1990, com 86 anos, de complicações resultantes de leucemia. Passou a infância, como ele mesmo descreveu, em um ambiente familiar estável e caloroso. Seu pai era advogado e sua mãe, de acordo com a descrição de Skinner, era “brilhante e bonita”, com normas rígidas e imutáveis sobre o que era “correto”. Enquanto crescia, Skinner era ávido construtor de coisas: desde patinetes, carrinhos, trenós e balsas, a gangorras, estilingues, zarabatanas, aeromodelos e outros. Inclusive tentou construir um planador no qual queria voar, e trabalhou, sem êxito, em uma máquina de movimento perpétuo.

Após se formar numa pequena escola, Skinner ingressou na Faculdade de Hamilton, uma pequena instituição de ciências humanas no Estado de Nova Iorque. Lá se formou em inglês e serviu como tutor em uma família da qual ele adquiriu uma grande apreciação pela música, arte, escrita e a “arte de viver”. Também se envolveu em várias atividades nada corretas: ajudou na realização de uma brincadeira envolvendo uma visita programada de Charles Chaplin, o famoso ator cinematográfico e comediante, para a faculdade (uma grande multidão reunida foi enganada); atacou a associação estudantil chamada *Phi Beta Kappa* em uma publicação estudantil; e ele e um grupo de outros alunos fizeram tamanha bagunça nos treinos para a coleção de grau, que foram todos admoestados pelo presidente da faculdade.

Depois da faculdade, Skinner tentou fazer a sua marca como escritor. Durante os próximos dois anos ele perdeu o interesse em escrever, descobriu que se interessava pela psicologia (em parte porque leu sobre as primeiras idéias envolvendo o behaviorismo), morou em Greenwich Village por alguns meses, e passou um verão na Europa. No outono de 1928, Skinner se matriculou na Universidade de Harvard e começou a estudar psicologia.

Em 1931 obteve o seu Ph.D. em Harvard, e ficou mais cinco anos pesquisando. A seguir, assumiu o cargo de professor na Universidade de Minnesota. Em 1945 se tornou presidente do Departamento de Psicologia da Universidade de Indiana, e em 1948 voltou para Harvard como professor, permanecendo nela pelo restante de sua carreira.

Skinner se casou em 1936. Teve duas filhas, sendo que a mais velha se envolveu com a psicologia educacional e a mais nova se tornou artista.

Seu primeiro livro importante foi *The Behavior of Organism (O Comportamento dos Organismos)*, publicado em 1938. Por ocasião de sua publicação, Skinner foi recebido com frieza pela crítica. O livro enalhou; e a segunda edição só saiu na década de 60. Na época de sua morte, no sábado 18 de agosto de 1990, aos 86 anos, ele era o maior nome da psicologia behaviorista e um dos pensadores mais controvertidos da segunda metade do século XX.

Considerado uma pedra no sapato dos humanistas, Skinner tratava os conceitos de liberdade e dignidade humanas como “mitos” que deveriam ser desconsiderados pela ciência. Devido as suas afirmações, recebeu acusações tais como “psicólogo de ratos”. Ademais, boa parte da ira que provocava nasceu do impacto de seus livros que extrapolavam os limites da psicologia.³

3. O BEHAVIORISMO

3.1. CONCEITO

O behaviorismo é uma corrente e método da psicologia que afirma que o único objeto de estudo da psicologia é o comportamento observável, seja nos homens como nos animais, e que é susceptível de ser medido.⁴ O behaviorismo, e as ciências comportamentais como um todo, entenda pessoa como um ser que responde a estímulos do meio exterior, não levando em consideração o que ocorre dentro de sua mente durante o processo. Portanto, a aprendizagem é interpretada apenas como mudança de comportamento.⁵

No entender de John Watson (1878-1958), que cunhou o termo “Behaviorismo” em 1913, esse era o método apropriado para entrar na mente, entidade que há séculos escapa da investigação filosófica. Watson, juntamente com os behavioristas, dizia: “para os animais não tem como perguntar: ‘O que você está sentindo?’. É possível apenas estimulá-los e observar sua reação ao estímulo. Por que deveria ser diferente com seres humanos?”⁶

3.2. SURGIMENTO

Maria Amélia Matos afirma que

o Behaviorismo surgiu em oposição ao mentalismo e ao introspecionismo. Em fins do século passado, a ciência de modo geral começou a colocar uma forte ênfase na obtenção de dados ditos objetivos, em medidas, em definições claras, em

demonstração e experimentação. Esta influência se fez sentir na Psicologia, no começo deste século, com a proposta behaviorista feita por Watson em 1924: “Por que não fazemos daquilo que podemos observar, o corpo de estudo da Psicologia?”⁷

As palavras de Watson sugeriam que a Psicologia deveria:

- (a) estudar o comportamento por si mesmo;
- (b) opor-se ao mentalismo;
- (c) aderir ao evolucionismo biológico;
- (d) adotar o determinismo materialístico;
- (e) usar procedimentos objetivos na coleta de dados, rejeitando a introspecção;
- (f) realizar experimentação;
- (g) realizar testes de hipótese de preferência com grupo controle;
- (h) observar consensualmente.⁸

Watson questionava o acesso ao que o homem sente, pois o método da psicanálise, por exemplo, tinha pouco a oferecer nesse sentido. Seu método é introspectivo, isto é, o indivíduo estuda a si mesmo. Logo, o resultado de seus estudos - o que o pesquisador “observa” - não pode ser compartilhado com outros. Isso se afasta do alvo de toda ciência: construir conhecimento público que não exija dotes especiais de observação.

O ponto então era: se a filosofia jamais deu conta de explicar como pensa o homem, por que não abandonar conceitos como “mente”, “estado mental”, (“alma”, se quiser) e voltar os olhos apenas para o comportamento? Um enfoque que dê caráter realmente científico ao estudo da mente deve tratá-la como se ela fosse uma “caixa preta”. Injetam-se estímulos e se recebem respostas. A equação entre essas duas variáveis é tudo o que uma psicologia realmente experimental pode pretender.

3.3. RAÍZES

De acordo com Hurdin⁹, as três raízes básicas que estimularam o surgimento do behaviorismo nos primeiros anos do século XX foram: (1) o funcionalismo, (2) o instrumentalismo e (3) o associacionismo, conceitos estes profundamente relacionados entre si.

3.3.1. O Funcionalismo

O Funcionalismo foi criado por William James. Nesta teoria, os processos mentais são encarados como funções.¹⁰ Os *funcionalistas* tentavam encontrar respostas à pergunta: “Para que serve esse ou aquele fato que observamos? Qual é sua função?”.¹¹ Darwin, funcionalista por excelência, afirmava que o comportamento humano volta-se para os objetivos, sendo que um dos principais é a adaptação às condições externas, o que garantiria maiores possibilidades de sobrevivência. Na opinião de Darwin, a psicologia deveria estudar o processo dessa adaptação humana. William James também encarava a vida humana como um longo processo de adaptação. Ele via todos os aspectos da vida interior de maneira pragmática. Defendeu a *utilidade* e o *prazer* como as causas do comportamento.¹²

3.3.2. O Instrumentalismo

O *instrumentalismo* defendia o uso de hábitos, opiniões, padrões morais e instituições humanas como tijolos de sua filosofia. John Dewey, um de seus grandes representantes, argumentava que era possível usar unidades de organização como instrumentos (meios) de experimentação, para alcançar o avanço rumo a sistemas mais complexos e úteis.¹³

3.3.3. O Associacionismo

Filósofos como John Locke e David Hume, baseados em Aristóteles, diziam que nós aprendemos por associação.¹⁴ Ou seja, nossa mente liga eventos que ocorrem em seqüência: nós os *associamos*. Se, depois de ver e cheirar o pão que acabou de ser assado, o comermos e acharmos gostoso, na próxima vez que virmos e cheirarmos um pão fresco, a experiência nos levará a esperar que comer um pedaço será também satisfatório. Se associarmos um som com algo assustador, o medo pode ser despertado apenas pelo som.¹⁵

Animais simples podem aprender associações simples, enquanto que animais complexos podem aprender associações complexas, mais ainda se gerarem conseqüências

favoráveis. Pode-se afirmar que os animais, nas diversas situações a que são submetidos, podem “ligar os fatos”, associando o passado ao futuro imediato: uma foca pode associar as batidas das nadadeiras e os gritos ao recebimento de uma sardinha.¹⁶

Pesquisas de Pavlov confirmaram a associação, que pode ocorrer por semelhança, contraste ou contigüidade. Assim, João poderá me fazer lembrar de Luís, por serem muito parecidos; de Jorge, por serem totalmente diferentes; ou de Paulo, simplesmente porque os vi juntos na semana anterior.¹⁷ Também se pode pensar no seguinte fato: se ajudar um idoso a atravessar a rua provoca nele um belo sorriso, a tendência é repetir o ato numa próxima oportunidade. Mas se ajudar esse idoso tem como recompensa um xingamento, a tendência é, numa situação análoga, deixar o idoso atravessar a rua sozinho.

4. ASPECTOS GERAIS DA TEORIA DE SKINNER

A teoria de Skinner se baseia principalmente na idéia de que o aprendizado consiste em mudança no comportamento manifesto. Em outras palavras,

As mudanças no comportamento são o resultado de uma resposta individual a eventos (estímulos) que ocorrem no meio. Uma resposta produz uma conseqüência, como definir uma palavra, bater em uma bola, solucionar um problema matemático. Quando um padrão particular Estímulo-Resposta (S-R) é reforçado (recompensado), o indivíduo é condicionado a reagir. A característica que distingue o condicionamento operante em relação às formas anteriores de behaviorismo (por exemplo: Thorndike) é que o organismo pode emitir respostas, em vez de só obter respostas devido a um estímulo externo.¹⁸

Como podemos perceber na citação acima, o reforço é o elemento-chave na teoria S-R de Skinner. Um reforçador é qualquer coisa que fortaleça a resposta desejada. Pode ser um elogio verbal, uma boa nota, ou um sentimento de realização ou satisfação crescente; isto é denominado de *reforço positivo*, o qual fortalece uma reação ao oferecer um estímulo depois de uma reação.¹⁹ A teoria também fala de reforçadores negativos - qualquer estímulo que aumente a freqüência de uma resposta, ao ser retirado (diferente de estímulo desfavorável - punição - que resulta em respostas reduzidas). Contrário ao que se pensa, o *reforço negativo* não é *punição*, mas sim a remoção de um evento punitivo; enquanto o reforço aumenta um comportamento, a punição o diminui.²⁰ Um reforço é qualquer conseqüência que fortaleça o comportamento.

Skinner fez muitos experimentos com animais para comprovar sua psicologia behaviorista. Em sua agora famosa “caixa de Skinner”²¹ – termo não endossado pelo próprio Skinner – ele estudou os hábitos de aprendizado de pombos e ratos. A partir desse estudo, ele observou duas formas básicas de comportamento: o *respondente* e o *operante*.²² No condicionamento respondente se observa que há estímulos por parte do meio; já no condicionamento operante,

o organismo associa seus comportamentos com as conseqüências. Os comportamentos seguidos por reforços aumentam; os que são seguidos por punição diminuem. Este princípio simples, mas poderoso, tem muitas aplicações, mas também várias qualificações importantes.²³

Os reforçadores são designados como positivos e negativos. Os positivos dependem dos chamados estímulos reforçadores e os negativos ocorrem com o término de um estímulo aversivo. Um reforçador é um elogio verbal, uma boa nota, ou um sentimento de realização ou satisfação crescente. Um reforçador negativo é qualquer estímulo que resulta no aumento da freqüência de uma resposta, quando ele é retirado. Note-se que um reforçador negativo é diferente de um estímulo desfavorável. A punição é diferente do reforço negativo. Em termos conceituais, a punição se refere à aplicação de um desprazer após um determinado comportamento não pretendido por aquele que a aplica, enquanto que o reforço negativo se caracteriza pela retirada do desprazer após a ocorrência de um comportamento pretendido por aquele que o promove.²⁴

Como exemplo de cada um desses elementos, podemos citar o seguinte:

Reforço positivo: o alimento é um reforço positivo para animais; para a maioria das pessoas, atenção, aprovação e dinheiro são reforços positivos. Reforços positivos dão alguma coisa negativa.

Reforço negativo: quando uma pessoa sonolenta aperta o botão que desliga o despertador, o silêncio do barulho irritante é também um reforço, mas negativo. Reforços negativos reduzem alguma coisa negativa.

Punição: o rato leva um choque depois de tocar no objeto proibido e a criança que perde a sobremesa depois de ir para a rua, aprenderão a não repetir o comportamento, devido ao castigo recebido.²⁵

4.1. EM QUE SENTIDO SKINNER É “RADICAL”?

O behaviorismo de Skinner pode ser considerado “radical” especialmente pelas duas seguintes idéias: (a) Skinner não procurou na psique humana qualquer causa do comportamento; (b) Ele aplicou o mesmo tipo de análise para converter comportamentos ocorridos “dentro da pele” (sentimentos, pensamentos, etc.) do que o usado para analisar comportamentos publicamente observáveis.²⁶

De acordo com Maria Amélia Matos, Skinner

é radical em dois sentidos: por negar radicalmente (i.e., negar absolutamente) a existência de algo que escape ao mundo físico, que não tenha uma existência identificável no espaço e no tempo (mente, consciência, cognição); e por radicalmente aceitar (i.e., aceitar integralmente) todos os fenômenos comportamentais.²⁷

4.2 FONTE DE DADOS

Skinner buscou inspiração para suas idéias em pesquisas de laboratório cuidadosamente controladas por ele e seus colegas. Usaram ratos e pombos como animais de experiência. Eles enfatizaram a coleta de dados quantitativos precisos.

Uma pergunta natural sobre as pesquisas de Skinner poderia ser: “Por que ele pesquisou animais e não seres humanos?”. A resposta é que a simplicidade do organismo inferior dos animais e o fato de poder controlar esses animais em laboratório fizeram e fazem deles a escolha freqüente para as pesquisas.

Todavia, a aplicação em grupos humanos das idéias de Skinner mostra a validade de suas pesquisas. Algumas das áreas que receberam aplicação das teorias de Skinner são: (1) o desempenho de alunos: instrução programada, máquinas de ensino, etc.; (2) o tratamento de crianças autistas, pessoas retardadas e psicóticas; (3) gerenciamento industrial; (4) terapia behaviorista para comportamentos problemáticos.²⁸

5. PRINCIPAIS TÓPICOS DA TEORIA DE SKINNER

No entender de Skinner, “o homem é uma máquina no sentido de que é um sistema complexo que se comporta segundo certas leis, mas a complexidade é extraordinária”.²⁹ Essa complexidade extraordinária é analisada de forma detalhada, surgindo assim conceitos bastante interessantes a respeito do comportamento humano. A seguir, e de forma bem resumida, são apresentadas as principais idéias defendidas por Skinner.³⁰

5.1. DETERMINISMO RADICAL

O comportamento é determinado pelos aspectos ambientais e genéticos. Neste sentido, Skinner desprezou claramente a idéia de atribuir ao comportamento explicações mentais, pois questões mentais apenas enganam e confundem, tirando a atenção das causas reais. Por si só, explicações mentais não mereciam nenhum crédito na psicologia.

Atribuindo demasiada importância às questões mentais, corre-se o risco de elementos como a culpa e a ansiedade (só para citar dois exemplos) se tornarem muito importantes e concretos, sendo usados para explicar o comportamento humano. Logo, seriam colocadas de lado as verdadeiras razões que originaram tal situação.

Skinner também dizia que a psicologia científica não deve considerar que o comportamento seja governado pela “escolha individual”. As escolhas são resultados dos

fatores genético e ambiental, os quais influenciam no tipo de resposta que damos ou as decisões que fazemos. Expor-se a determinados eventos durante muito tempo é determinante na consolidação do comportamento e, conseqüentemente, nas escolhas individuais com as quais nos defrontamos a cada dia.

Portanto, Skinner valoriza os aspectos genético e ambiental (a história da pessoa) na formação do comportamento. Para ele, contudo, o ambiente é muito mais importante que o fator genético, e é a chave para melhorar o comportamento humano.

5.2. COMPORTAMENTO RESPONDENTE

A palavra “respondente” se refere a um tipo específico de comportamento que é trazido à tona por um tipo específico de estímulo. Indica uma resposta do tipo reflexivo, onde o estímulo precede o comportamento. Um exemplo pode esclarecer esse conceito: a colocação de comida na boca de um cão faz com que o animal salive (comportamento respondente). Se a comida for apresentada repetidamente juntamente com algum estímulo neutro original (pode ser um sino ou uma música), o cão salivará quando ouvir o sino ou música, mesmo antes de ver a comida. Ou seja, foi condicionado a emitir uma resposta específica.

Um outro exemplo, desta vez humano, pode esclarecer ainda mais a teoria de Skinner: um bebê de 11 meses, chamado Albert, foi condicionado a ter medo de um rato branco, ao lhe apresentarem um roedor, repetidamente, no mesmo momento em que faziam um barulho bem forte e assustador. Inicialmente, Albert não tinha medo do rato branco, mas pela combinação com o barulho, o rato veio trazer respostas de medo.

Mais dois exemplos: uma pessoa mordida por um cachorro pode passar a ter medo de todos os cachorros, assim como passar dor no consultório do dentista leva a pessoa a relacionar a dor com qualquer consultório.

Em síntese, o comportamento respondente pode ser condicionado mediante um estímulo. Dessa maneira, estímulos condicionados trazem respostas condicionadas. O quadro abaixo resume esta idéia:

1. Comida	→	Salivação
2. Comida e Sino	→	Salivação
3. Sino	→	Salivação

5.3. COMPORTAMENTO OPERANTE

É o comportamento que opera no ambiente para produzir conseqüências. O termo *operante* se refere justamente a uma classe de respostas que produz certas conseqüências. Ações como piscar, fazer movimentos súbitos do joelho e salivar podem ser classificadas como *comportamentos respondentes*. Por sua vez, ler, escrever, tocar um instrumento musical, comer com faca e garfo e dirigir um carro podem ser compreendidos como *comportamentos operantes*. Portanto, comportamentos operantes constituem a maioria das respostas que nos definem e diferenciam como indivíduos. São esses comportamentos que explicam as diferentes personalidades.

Segundo Skinner, o fator mais importante do desenvolvimento do comportamento operante é o *reforço*. Se um comportamento é reforçado, ele é fortalecido, aumentando a probabilidade de ser repetido em circunstâncias similares no futuro.

Como vimos anteriormente, existem dois tipos de reforço: *positivo* e *negativo*. Ambos fortalecem o comportamento pois aumentam a probabilidade de resposta. O reforço positivo envolve a *adição* de algo a uma situação quando uma resposta é dada. O reforço negativo envolve a *remoção* de algo de uma situação quando uma resposta é dada.

5.4. A MOLDAGEM DO COMPORTAMENTO

Comportamentos operantes nunca surgem já maduros; eles são moldados em estágios sucessivos. Moldar significa possibilitar respostas cada vez mais próximas à resposta desejada. Em outras palavras, o comportamento desejado é dividido em pequenas etapas que tenham complexidade cada vez maior, sempre do simples ao muito complexo. Dessa maneira, o aluno não se perde, pois ao ter reforço positivo sobre uma parte do comportamento, está apto a seguir em sua caminhada.



5.5. AUTOCONTROLE E CRIATIVIDADE

Dentro do esquema de Skinner, onde fica a individualidade? Temos controle sobre nosso próprio comportamento? Ou somos apenas vítimas das mudanças do ambiente? A individualidade fica por conta do *autocontrole*, mediante o qual cada pessoa age de maneira diferenciada, segundo a situação que vivencia. Ele pode, criativamente, controlar seu comportamento pelo menos das seguintes maneiras em situações específicas:

- (a) Manter as mãos no bolso para evitar comer as unhas.
- (b) Sair de perto de alguém que estimule a perda da paciência. Isso implica remover a situação em que determinado comportamento fatalmente ocorrerá.
- (c) Remover a tentação: jogar fora os cigarros para não fumar.
- (d) Substituir o comportamento passível de punição por outro onde a punição seja inexistente.

6. O LEGADO DE SKINNER

6.1. AS INOVAÇÕES QUE SKINNER TROUXE AO BEHAVIORISMO

O behaviorismo, conforme defendido por Watson, era caracterizado por afirmações extremas. Ele disse, por exemplo, que seria capaz de tomar um bebê saudável e torná-lo o que quisesse: médico, advogado, vagabundo ou ladrão; bastava fornecer-lhe o ambiente apropriado.³¹ Já Skinner pensava um pouco diferente. Estas foram algumas inovações do pensamento de Skinner em relação ao behaviorismo:

- (a) Skinner reconheceu a importância da herança genética para determinar aspectos do comportamento;
- (b) Aceitou e considerou assuntos como o autoconhecimento, autocontrole e criatividade, embora com conceitos diferentes do tradicional;³²

O behaviorismo metodológico de Watson não negou a existência da mente, mas negou-lhe status científico ao afirmar que não podemos estudá-la pela sua inacessibilidade. Em contrapartida, o behaviorismo radical de Skinner negou a existência da mente e assemelhados, mas aceitou estudar eventos internos. Contrário aos pensamentos de Watson e seus seguidores, o behaviorismo radical moderno considera importante os sentimentos, pensamentos e outros eventos internos, embora não como causadores de comportamento.³³

Ainda assim, na teoria de Skinner, o autocontrole depende de variáveis no ambiente e na história de reforços do indivíduo, e não da responsabilidade pessoal. Nas palavras de Myers, Skinner

Remexeu num ninho de vespas ao insistir muitas vezes que são as influências externas, e não os pensamentos e sentimentos internos, que moldam o comportamento; e também por apregoar o uso dos princípios operantes para influenciar o comportamento das pessoas na escola, no trabalho e em casa. Para ajudar ou dirigir as pessoas de maneira eficaz, disse Skinner, devemos nos preocupar menos com suas ilusões de liberdade e dignidade. Reconhecendo que o comportamento é moldado por suas conseqüências, devemos administrar as recompensas de maneira que promovam um comportamento mais desejável.³⁴

Skinner foi acusado de desumanizar as pessoas, negligenciando sua liberdade pessoal e controlando suas ações. Para essa crítica, a resposta de Skinner foi: as conseqüências externas controlam o comportamento das pessoas; então, pensava ele, por que não administrar essas conseqüências com o intuito de melhorar o ser humano? Não seria mais saudável aplicar reforços positivos, em vez de punir as pessoas, seja em casa, na escola e até nas prisões? Afinal, se nossas histórias nos moldam, é claro que elas também nos transmitem a esperança de que podemos moldar nosso futuro.

6.2. APLICAÇÕES PRÁTICAS DO CONDICIONAMENTO OPERANTE

6.2.1. Na escola

Segundo Skinner, o uso de máquinas de ensinar e livros escolares poderiam moldar a aprendizagem em pequenos passos, oferecendo um reforço imediato para as respostas corretas. Dessa maneira, com tempo sobrando pelo uso desses materiais, o professor poderia se concentrar nas necessidades específicas dos estudantes.³⁵ Para tanto, os alunos deveriam ser informados no mesmo instante a respeito de seu acerto ou erro; havendo acertado, deveriam saber qual o próximo passo. O segredo aqui reside em reforçar os pequenos sucessos, e ir aumentando aos poucos os desafios.

6.2.2. No trabalho

Se a produtividade dos trabalhadores gera recompensas para todos, a tendência é aumentar a moral e espírito de equipe. Assim sendo, a produtividade aumenta novamente, numa reação em cadeia: produtividade gera mais motivação, que gera mais produtividade, etc. Para tanto, deveriam ser recompensados alvos e comportamentos específicos.

6.2.3. Em casa

No aspecto familiar, eis algumas contribuições do pensamento de Skinner:³⁶

- (a) Dar atenção e outros reforços às crianças quando estiverem se comportando bem. Determinar um comportamento específico, recompensá-lo e observar seu crescimento.
- (b) Ignorar as manhas. Ao longo do tempo, quando ignoradas, as manhas vão diminuir.
- (c) Diante de um comportamento ruim das crianças, não gritar nem bater. Apenas explicar o mau comportamento e afastá-la do ambiente de reforço por um prazo específico (o famoso “vai ficar de castigo”).

6.2.4. Pessoalmente

O uso pessoal do condicionamento operante pode reforçar bons comportamentos e extinguir comportamentos indesejados. Isso pode ser feito da seguinte maneira:³⁷

- (a) Estabeleça seu objetivo e torne pública sua intenção.
- (b) Registre a freqüência com que você se empenha no alcance de seu objetivo. Anote seus progressos.
- (c) Reforce sistematicamente o comportamento desejado. Controle-se. Aceite desfrutar de momentos ou coisas desejáveis só depois de cumprir com seus objetivos diários ou semanais.
- (d) Reduza os incentivos à medida que seus novos comportamentos desejáveis se tornem mais habituais.

7. IMPLICAÇÕES PARA A PRÁXIS PASTORAL

Neste capítulo, algumas das principais idéias de Skinner serão confrontadas com idéias da ética e teologia cristãs, com a finalidade de provocar reflexões a respeito das implicações do pensamento skinneriano para a práxis pastoral.

7.1. CONCEPÇÃO ANTROPOLÓGICA

A concepção de homem do behaviorismo radical de Skinner propõe um homem total, inteiro. O homem skinneriano é descrito como produto de suas variáveis genéticas e do seu meio ambiente, e não como um corpo orientado por um agente interno autônomo. Assim, o quadro que emerge a partir de uma análise científica é a de um corpo que é uma pessoa, no sentido de que dispõe de um repertório complexo de comportamentos.

O homem é, então, fruto de uma história de sua espécie, de sua herança genética e da exposição às contingências ambientais; é uma pessoa que age sobre o mundo, podendo modificá-lo e ao mesmo tempo o mundo age sobre ele, podendo modificá-lo. Desta forma, o homem passa a ser o que ele fez de si mesmo. Porém, ao contrário do que possa parecer, o homem não é simplesmente um ser passivo, ele é produtor, ator e diretor da história de sua vida. Conseqüentemente, o ser humano é responsável.



Numa comparação dessa concepção antropológica de Skinner com um enfoque antropológico-filosófico, amparado na ética e teologia cristãs, pode-se concluir que há estreita semelhança. Como afirma Konzen,

A responsabilidade se liga às faculdades que constituem a supra-estrutura pessoal do ser humano, isto é, sua dimensão espiritual: a inteligência e a vontade. Nisso consiste a originalidade específica do ser humano e sua dignidade única.

A capacidade de conhecimento e a vontade livre para se decidir, embora sejam faculdades distintas, estão intrinsecamente relacionadas e vinculadas uma à outra, e constituem uma unidade como dimensão espiritual e estrutura pessoal do ser humano, pois a inteligência sem liberdade não teria sentido nem valor; e a liberdade sem inteligência é impossível.³⁸

Para Dietrich Bonhoeffer, responsabilidade e liberdade são conceitos que se complementam. Ele diz que “responsabilidade pressupõe substancialmente – não cronologicamente – liberdade, e a liberdade só pode subsistir na responsabilidade. Responsabilidade é a liberdade humana dada exclusivamente no comprometimento com Deus e o próximo”.³⁹ Assim sendo, o ser humano é livre na direta proporção do exercício de uma vida responsável.

Além do mais, o conceito antropológico de Skinner está em consonância com o conceito antropológico da literatura bíblica. O salmo 51:5, por exemplo, estabelece uma explicação genética à herança de pecado da humanidade: “Eu nasci na iniquidade, e em pecado me concebeu minha mãe”. A mesma idéia é corroborada no escrito neotestamentário de Romanos 3:23: “Pois todos pecaram e carecem da glória de Deus”.

O raciocínio dos escritores bíblicos é claro: Se todos pecaram, embora não estando todos em corpo presente na tragédia do Gênesis 3, é porque a humanidade herdou as conseqüências do pecado de Adão e Eva, assim como herdou de Cristo a salvação (Rm 5:12). Então, o fator hereditariedade tem sua parcela de responsabilidade em estabelecer quem é o ser humano.

Por outro lado, nós também somos frutos do meio onde vivemos. Deus disse a Abraão: “Sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai e vai para a terra que te mostrarei” (Gn 12:1). Esta ordem implicava, entre outras coisas, mudança de ambiente, para melhor, a fim de estabelecer um povo mais próximo do ideal divino para Sua nação. Deus sabia que o ambiente de Ur, com seus deuses pagãos e cultos idólatras, seria um empecilho para completar Seu plano. Começar uma nova nação num ambiente diferenciado seria um grande início.

7.2. PROCESSOS CONSCIENTES

Skinner argumentava que muito do que aprendemos é transmitido verbalmente para nós pelos nossos pais, professores, supervisores de trabalho, colegas, amigos, etc., baseados na experiência deles. Ou seja, uma parte importante do nosso comportamento de pensar é controlada por regras (instruções, provérbios, conselhos, sugestões, leis, avisos, etc.), as quais são comunicadas de forma oral ou escrita.⁴⁰

Neste sentido, Konzen afirma que

Não basta uma ciência objetiva dos valores morais. É necessário também a assimilação ou captação subjetiva destes e sua formulação como norma moral, para orientar o comportamento e promover a moralização da vida humana.⁴¹

A assimilação dos valores morais é possível pela contemplação de modelos ou pelo conhecimento através das regras escritas. Para tanto, é necessário haver discernimento a fim de qualificar o aprendido como útil ou não. E esse discernimento “acontece na vida particular de cada pessoa e também nas decisões comunitárias de grupos que planejam uma ação coletiva”.⁴²

Considerando “que todos os seres humanos são pessoas no sentido de agentes morais racionais”⁴³, é justamente desse ser humano moral que emanam leis, conselhos, normas e regras, com a finalidade de “fazer o que é bom e contribuindo, assim, para a construção da lei moral universal”.⁴⁴



Portanto, a transmissão (ou até confecção) das regras é um processo consciente e intencional, no qual todos têm uma parcela de responsabilidade, visando o bem comum e a estabilidade do espaço em que se vive.

Será que a literatura bíblica tem algo a dizer a este respeito? Sim. O ensino dos valores cristãos e da religião também é processado de maneira verbal ou escrita. Deuteronômio 6:6-9 diz:

“Estas palavras que, hoje, te ordeno estarão no teu coração; tu as inculcarás a teus filhos, e delas falará assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e ao deitar-te, e ao levantar-te. Também as atarás como sinal na tua mão, e te serão por frontal entre os olhos. E as escreverás nos umbrais de tua casa e nas tuas portas”.

Dessa maneira, os escritos veterotestamentários colocam a transmissão de valores num patamar consciente e também intencional, onde existe a participação pessoal e da comunidade.

7.3. COMPORTAMENTO GOVERNADO POR REGRAS

Skinner destaca o fato de que o comportamento é afetado por conselhos, avisos, sugestões, instruções, leis, etc. Essas regras são as contingências de reforço. A este respeito, Dietrich Bonhoeffer nos lembra que

Não pode haver ação responsável que não leve em conta, com a maior seriedade, os limites postos pela própria lei de Deus, porém a ação responsável jamais há de separar esta lei do seu legislador.⁴⁵

Na literatura bíblica, regras claramente expressas são importantes para a vivência de um cristianismo autêntico, pois o amor é manifestado no cumprimento das regras (Jo 14:15).

7.4. DETERMINISMO X LIVRE-ARBÍTRIO

Skinner era *determinista*. Em sua teoria não havia nenhum espaço para o livre-arbítrio, pois afirmar que os seres humanos são capazes de livre escolha seria negar sua suposição básica de que o comportamento é controlado pelo ambiente e os genes.⁴⁶

A ética e teologia cristãs têm sérias ressalvas a esses pensamentos de Skinner. Konzen argumenta, por exemplo, que o conhecimento racional só tem sentido e valor num contexto de liberdade de opção, sob pena de só produzir angústia.⁴⁷ Já para Emmanuel Kant,

O mundo físico, o do conhecimento científico, é rigorosamente determinado, segundo rígidas leis de causa e efeito. A própria vida humana não escapa a essas leis. A única exceção é a esfera da moralidade humana onde Kant admite a possibilidade do livre arbítrio. Essa esfera, porém, não é do domínio da razão pura, mas da “razão prática”, e como tal tem suas próprias regras... Apesar de se encontrar num universo rigorosamente determinado, a vontade humana é livre para querer o que é bom. Essa autonomia da vontade é o fundamento de uma moral baseada na razão prática.⁴⁸

Dentro da literatura bíblica, o livre-arbítrio é elemento fundamental para a tomada de decisões humanas:

- (a) Adão e Eva foram livres para escolher obedecer ou não as ordens do Senhor (Gn 2:16);
- (b) Josué lembra ao povo a respeito da possibilidade de escolha, entre o Deus verdadeiro e os falsos deuses (Js 24:15);
- (c) A figura apocalíptica mostra um Deus que aguarda a decisão da pessoa de abrir-lhe o coração (Ap 3:20).

8. CONCLUSÃO

Influenciado pelas idéias de John Watson sobre o behaviorismo, pelos trabalhos de Pavlov sobre o comportamento condicionado e pelas pesquisas de Thorndike sobre o

comportamento de animais como resultado de processos não cognitivos, Skinner desenvolveu uma nova corrente behaviorista, passando a analisar cientificamente o comportamento.

Skinner acreditava que o comportamento humano é grandemente influenciado pelo ambiente. Na verdade, é uma reação ao ambiente. Seu estudo, então, consistiu no estudo dessas respostas como a maneira mais eficaz e segura de conhecer a pessoa.

Um elemento fundamental para o desenvolvimento do comportamento é o *reforço*: que pode ser *positivo* (o qual fortalece a resposta desejada; pode ser um elogio verbal, uma boa nota, ou um sentimento de realização ou satisfação crescente); ou *negativo* (qualquer estímulo que aumente a frequência de uma resposta, ao ser retirado), é a remoção de um evento punitivo.

Apesar de ser considerado um teórico da aprendizagem, Skinner também se dedicou ao estudo de amplos problemas culturais e à aplicação de suas descobertas no âmbito social. Um aspecto importante que deve ser considerado ainda é a implicação das idéias de Skinner para a Práxis Religiosa. Sobre a práxis, Floristán afirma que ela se caracteriza por quatro aspectos fundamentais:

En primer lugar, la praxis es acción creadora, no meramente reiterativa (...) La praxis creadora es innovadora frente a nuevas realidades o nuevas situaciones. El hombre ha de crear o inventar; no le basta repetir o imitar lo resuelto.

En segundo lugar, la praxis es acción reflexiva, no exclusivamente espontánea. La praxis creadora exige una elevada actividad de conciencia crítica (...) Por eso, la transformación de muchos aspectos no podrá ser a veces ni todo lo rápido, ni todo lo radical que uno quisiera.

En tercer lugar la praxis es acción liberadora y de ningún modo alienante (...) El fin de toda actividad práctica o de toda praxis es la transformación real del mundo natural o social, cuya realidad debe ser una nueva realidad más humana y más libre.

En cuarto lugar, la praxis es acción radical y no meramente reformista. La praxis intenta transformar la organización y dirección de la sociedad, cambiando las relaciones económicas, políticas y sociales.⁴⁹

Então, que tipo de práxis se origina a partir das idéias de Skinner?

- (a) Uma práxis por vezes criadora, especialmente considerando o fato de que Skinner acredita num ser humano amadurecido tanto pelo ambiente como pela genética. Nem tudo está perdido, pois a pessoa humana ainda pode exercer mudanças responsáveis.
- (b) Uma práxis por vezes reflexiva, como quando nos leva a pensar no seguinte: somos de fato livres ou vivemos a mercê de uma existência determinista?
- (c) Uma práxis por vezes alienante, especialmente quando elimina toda possibilidade de livre-arbítrio.
- (d) Uma práxis radical, a ponto de considerar o homem uma máquina, desconsiderando emoções e sentimentos.

Creio que é muito útil um olhar pastoral às idéias de Skinner, pois isso possibilita uma melhor compreensão do comportamento humano, assim como permite o planejamento de estratégias adequadas para favorecer o aprendizado, seja no campo da religião ou no campo da aquisição e internalização de valores.

NOTAS:

¹ Calvin S. HALL & Gardner LINDZEY & John B. CAMPBELL. Teorias da personalidade. p. 390.

² Estes traços biográficos foram extraídos de Robert D. NYE. Três psicologias: idéias de Freud, Skinner e Rogers. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002. p. 51 e 52.

³ Fernando BARROS e SILVA. Herança filosófica ainda assusta humanistas. In Coletânea dos artigos publicados no jornal Folha de São Paulo de 25 de agosto de 1990 sobre a morte de Skinner. <http://www.cemp.com.br/textos12.htm>. Acesso em 26 de outubro de 2003.

⁴ Psicologia Geral. <http://filotestes.no.sapo.pt/psicCorrent01.html>. Acesso em 04 de novembro



de 2003.

⁵ Abordagens teóricas da aprendizagem. <http://www.nce.ufrj.br/ginape/publicacoes/trabalhos/RenatoMaterial/abordagens.htm#skinner>. Acesso em 26 de outubro de 2003.

⁶ Paula ASSIS. A morte de Skinner. In Coletânea dos artigos publicados no jornal Folha de São Paulo de 25 de agosto de 1990 sobre a morte de Skinner.

<http://www.cemp.com.br/textos12.htm>. Acesso em 26 de outubro de 2003.

⁷ Maria Amélia MATOS. Behaviorismo Metodológico e Behaviorismo Radical. <http://www.cfh.ufsc.br/~wfil/matos.htm>. Acesso em 26 de outubro de 2003.

⁸ Idem.

⁹ Roger HURDING. A árvore da cura, p. 55. Nesta obra é apresentada, embora de maneira sintética, a origem do behaviorismo.

¹⁰ Psicologia Geral. <http://filotestes.no.sapo.pt/psicCorrent01.html>. Acesso em 04 de novembro de 2003.

¹¹ Roger HURDING. Op. cit. p. 55.

¹² Ibid., p. 56.

¹³ Idem.

¹⁴ David MYERS. Introdução à psicologia geral, p. 171.

¹⁵ Idem.

¹⁶ Ibid., p. 172.

¹⁷ Roger HURDING. Op. cit. p. 57.

¹⁸ Condicionamento operante. <http://www.planetaeducacao.com.br/professores/suporteapropf/pedagogia/teoria35condoper.asp>. Acesso em 26 de outubro de 2003.

¹⁹ David MYERS. Op. cit. p. 181.

²⁰ Ibid., p. 183.

²¹ Consistia em uma espécie de câmara à prova de som, com uma barra ou tecla para o animal apertar ou bicar a fim de liberar uma recompensa em forma de alimento ou água, além de um aparelho externo que registra as respostas acumuladas do animal. Esse dispositivo, isolado do ambiente externo, era ideal pois possibilitava a criação de condições especificamente determinadas pelo condutor do experimento.

²² Roger HURDING. Op. cit. p. 60.

²³ David MYERS. Op. cit. p. 180.

²⁴ Abordagens teóricas da aprendizagem. <http://www.nce.ufrj.br/ginape/publicacoes/trabalhos/RenatoMaterial/abordagens.htm#skinner>. Acesso em 26 de outubro de 2003.

²⁵ David MYERS. Op. cit. p. 183.

²⁶ Robert D. NYE. Op. cit. p. 53.

²⁷ Maria Amélia MATOS. Behaviorismo Metodológico e Behaviorismo Radical. <http://www.cfh.ufsc.br/~wfil/matos.htm>. Acesso em 26 de outubro de 2003.

²⁸ Robert D. NYE. Op. cit. p. 56.

²⁹ Roger F. HURDING, Op. cit. p. 63.

³⁰ Robert D. NYE. Op. cit. p. 54 a 101.

³¹ Ibid., p. 52 e 53.

³² Ibid., p. 53.

³³ Maria Amélia MATOS. Behaviorismo Metodológico e Behaviorismo Radical. <http://www.cfh.ufsc.br/~wfil/matos.htm>. Acesso em 26 de outubro de 2003.

³⁴ David MYERS. Op. cit. p. 185.

³⁵ Ibid., p. 186.

³⁶ David MYERS. Op. cit. p. 187.

³⁷ Idem.

³⁸ João Aloysio KONZEN. Ética teológica fundamental. p. 108.

³⁹ Dietrich BONHOEFFER. Ética. p. 138.

⁴⁰ Robert D. NYE. Op. cit. p. 85.

⁴¹ KONZEN. Op. cit. 145.

⁴² KONZEN. Op. cit. 200.

⁴³ KEELING, Op.cit. p. 155.

⁴⁴ Idem.

⁴⁵ Dietrich BONHOEFFER. Ética. p. 138.

⁴⁶ Robert D. NYE. Op. cit. p. 96.

⁴⁷ KONZEN, Op. cit. p. 110.



⁴⁸ Michael KEELING, Fundamentos da ética cristã. p. 155.

⁴⁹ Casiano FLORISTÁN, Teología Práctica, p. 181.

BIBLIOGRAFIA

ABORDAGENS TEÓRICAS DA APRENDIZAGEM.

<http://www.nce.ufrj.br/ginape/publicacoes/trabalhos/RenatoMaterial/abordagens.htm#skinner>. Acesso em 26 de outubro de 2003.

ASSIS, Paula. *A morte de Skinner*. In Coletânea dos artigos publicados no jornal Folha de São Paulo de 25 de agosto de 1990 sobre a morte de Skinner. <http://www.cemp.com.br/textos12.htm>. Acesso em 26 de outubro de 2003.

BARROS e SILVA, Fernando. *Herança filosófica ainda assusta humanistas*. In Coletânea dos artigos publicados no jornal Folha de São Paulo de 25 de agosto de 1990 sobre a morte de Skinner. <http://www.cemp.com.br/textos12.htm>. Acesso em 26 de outubro de 2003.

BONHOEFFER, Dietrich. *Ética*. 3 ed. São Leopoldo; Sinodal, 1995.
CONDICIONAMENTO OPERANTE. <http://www.planetaeducacao.com.br/professores/suporteaprof/pedagogia/teoria35condoper.asp>. Acesso em 26 de outubro de 2003.

FLORISTÁN, Casiano. *Teología Práctica*. Salamanca: Sígueme, 2002.
GRANDE ENCICLOPÉDIA LAROUSSE CULTURAL. Vol. 22. São Paulo: Nova Cultural, 1995.
HALL, Calvin S. & LINDZEY, Gardner & CAMPBELL, John B. *Teorias da personalidade*. 4 ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

HURDING, Roger. *A árvore da cura: modelos de aconselhamento e de psicoterapia*. São Paulo: Vida Nova, 1995.

KEELING, Michael. *Fundamentos da ética cristã*. São Paulo: ASTE, 2002.

KONZEN, João Aloysio. *Ética teológica fundamental*. São Paulo: Paulinas, 2001.
MATOS, Maria Amélia. *Behaviorismo Metodológico e Behaviorismo Radical*. <http://www.cfh.ufsc.br/~wfil/matos.htm>. Acesso em 26 de outubro de 2003.

MYERS, David. *Introdução à psicologia geral*. 5 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1999.
NOVA ENCICLOPÉDIA BARSÁ. Vol. 13. São Paulo: 1997.

NYE, Robert D. *Três psicologias: idéias de Freud, Skinner e Rogers*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

PSICOLOGIA GERAL. <http://filotestes.no.sapo.pt/psicCorrent01.html>. Acesso em 04 de novembro de 2003.

SKINNER, Burrhus Frederic. *Ciência e comportamento humano*. 2 ed. São Paulo: EDART - São Paulo Editora Ltda., 1974.

_____. *O mito da liberdade*. 3 ed. São Paulo: Summus, 1983.

_____. *Para além da liberdade e da dignidade*. Lisboa: Edições 70, 1971.

_____. *Questões recentes na análise comportamental*. Campinas: Papirus, 1991.

_____. *Sobre o Behaviorismo*. São Paulo: Cultrix, 1996.

ARTIGOS

GRIFE RELIGIOSA: COMO MANTER A IDENTIDADE CRISTÃ-ADVENTISTA NUM MUNDO PLURAL

Marcos De Benedicto, D.Min.

Jornalista e doutor em Teologia pela Andrews University (EUA)

Artigo apresentado no IV Simpósio Nacional de Universitários Adventistas, em agosto de 2004
marcos.benedicto@cpb.com.br

RESUMO: Manter a identidade religiosa num mundo caracterizado pelo pluralismo é cada vez mais difícil. Este artigo explora os múltiplos fatores que influem na definição/indefinição da identidade religiosa, e propõe estratégias para ajudar o jovem a expressar a identidade cristã-adventista de maneira ousada e criativa.

PALAVRAS-CHAVE: identidade, mudança, pluralismo, religião, adventismo.

Religious hallmark: how to maintain the christian-adventist identity in a plural world

ABSTRACT: In a pluralistic world, it is very hard to have and to keep a particular religious identity. This article deals with several factors that affect the definition/indefinição of religious identity, and suggests strategies for young people to find and express their christian-adventist identity in a bold, creative way.

KEYWORDS: identity, change, pluralism, religion, adventism.

1. INTRODUÇÃO

Ter e manter uma identidade religiosa definida no contexto globalizante do século 21 é cada vez mais difícil. Algumas das grandes palavras da moda nos últimos anos são ecumenismo, diversidade, globalização, multiculturalismo e pluralismo. Como as competições esportivas sempre nos lembram, ter uma identidade particular, com a bandeira do seu país tremulando no lugar mais alto, ainda é bom e emocionante, mas isso em certas áreas já não é tão fácil.

Não é preciso ser um analista de tendências para constatar que o mundo passa por uma fase de imensa transformação. A história está se acelerando a um ritmo vertiginoso. O excesso de velocidade não começou no século 21, mas ganhou um incrível impulso nos últimos anos. A cada dia, a tecnologia derruba barreiras e torna o mundo menor, criando mudanças no tempo, nos costumes, na linguagem, em tudo. Ela afeta o trabalho, a educação, a espiritualidade e uma infinidade de outros aspectos. A aceleração fragmenta estruturas e apaga tradições. Isso gera uma crise de identidade e de significado.

Várias tradições religiosas estão preocupadas com a identidade de suas comunidades e instituições. Cristãos, judeus e muçulmanos têm escrito livros sobre o assunto. A Igreja Adventista do Sétimo Dia, sempre super cuidadosa com a sua identidade, também começa a se preocupar. As perguntas são muitas e as respostas nem sempre são claras. Sentimos que o tema é importante, mas podemos facilmente patinar na areia movediça da subjetividade.

Neste artigo, eu exploro os múltiplos fatores que influem na definição/indefinição da identidade religiosa, e proponho algumas estratégias para ajudar o jovem a manter e expressar a identidade cristã-adventista de maneira ousada e criativa, num mundo caracterizado pelo pluralismo.

Vou dividir a artigo em três partes. Primeiro, sugiro algumas características da identidade. Segundo, para contextualizar o assunto, pinto um rápido panorama dos fatores que conspiram contra a identidade religiosa na atualidade. Por fim, proponho sete estratégias que

podem ajudar você a manter a sua identidade cristã-adventista num mundo global e plural. O enfoque combina *insights* pessoais, psicológicos, sociológicos e teológicos.

2. A DEFINIÇÃO DA IDENTIDADE

A religião não é apenas uma crença, mas uma filosofia e um estilo de vida. Por isso, ela tem uma enorme influência em nossa vida. Mas como se forma a identidade religiosa? Vejo cinco aspectos que merecem destaque. A identidade é (1) dinâmica, (2) interativa, (3) sociológica, (4) progressiva e (5) transcendental.

2.1. A IDENTIDADE É DINÂMICA

A identidade religiosa não é estática. Ela é dinâmica. Todos os dias, em todas as interações, por todos os meios, você está redefinindo a sua identidade. É claro que a identidade básica não muda. Aliás, é a repetição de um padrão estável que possibilita a identidade. Se você não dramatizar continuamente no palco do mundo suas crenças, rituais e tradições, sua identidade se tornará irreconhecível. Mas, em certo sentido, a identidade é moldada, aprofundada e recriada constantemente. A sua grife religiosa é mutante. Assim como as marcas de tênis ou roupas da moda mudam na sua preferência, ou pelo menos os modelos das várias marcas, os valores éticos e religiosos também sofrem variações.

Uma tradição religiosa só pode se manter viva se for discutida, repensada e reavaliada com frequência. Caso contrário, ela se fossiliza e morre. Vira uma relíquia histórica, uma nota de rodapé. O mesmo ocorre no nível individual. A religião tem um papel fundamental na busca do eu e na definição da identidade pessoal, mas ela não pode ser vista apenas como um dogma, um conjunto de crenças cristalizado e imutável. Religião inclui atitude, experiência, vivência. A identidade religiosa deve ser tão dinâmica quanto à identidade pessoal. Paradoxalmente, ela está sempre mudando para nunca mudar.

2.2. A IDENTIDADE É INTERATIVA

Todos nós dependemos dos outros para definir a nossa identidade. Não existe uma identidade puramente nossa, isolada do contexto cultural. Deus é o único que pode revelar a sua identidade sem depender do que os outros pensem ou digam. Por isso, ele pode afirmar: “Eu sou o que sou” (Êx 3:14). Embora eu não possa refletir aqui sobre esta afirmação, devo frisar que ela expressa uma verdade fundamental: Deus é o referencial último e é seu próprio referencial. No nosso caso, isso não ocorre. Você é o que acha que é, o que os outros dizem que você é e, acima de tudo, o que Deus diz que você é.

Até Jesus perguntou: “Quem o povo diz que eu sou?” (ver Lc 9:18). É claro que Jesus também podia se definir com o identificador “Eu sou”, pois tinha consciência de ser divino, mas a opinião do povo sobre a sua identidade messiânica tinha importância para ele. A percepção que os outros têm de nossa identidade determina, em grande parte, a extensão de nossa influência. Há um jogo interativo: a identidade projeta nossa imagem pública, que afeta a percepção pessoal/social de nossa identidade, o que condiciona o impacto da nossa missão.

2.3. A IDENTIDADE É SOCIOLÓGICA

Existe uma tensão entre o individual e o coletivo na identidade religiosa. A religião é um fator pessoal e também social. No passado, as fronteiras entre as religiões eram muito mais estáveis. Você nascia num contexto social e a sua fé era definida pelo grupo. Com raras exceções, a identidade era imposta de fora. Ela vinha culturalmente. A partir da Reforma, no século 16, as coisas começaram a mudar. Houve uma fragmentação. Hoje, na maioria dos países do Ocidente, você escolhe a sua religião. Em muitos casos, as pessoas pegam retalhos de várias tradições para montar o seu mosaico religioso pessoal. As fronteiras são tênues e fluidas. Numa era de estradas digitais e viagens virtuais, não adianta colocar policiamento ideológico, porque as pessoas migram com facilidade. Há mais de um bilhão de computadores no mundo, sem falar nas TVs e outras mídias, e as pessoas estão tendo acesso a novos mundos.

É claro que a religião continua sendo altamente influenciada pelo contexto social. Por isso, você pode encontrar mais diferenças entre, digamos, um grupo católico angolano e outro australiano do que entre grupos protestantes e católicos dentro de um mesmo país, seja Angola ou Austrália. Mas o espaço individual está cada vez maior.

Na era pré-moderna, a religião era a moldura conceitual básica da sociedade. Na era moderna, que dominou o pensamento da sociedade ocidental a partir de 1700 até o século 20, a religião virou basicamente uma disciplina acadêmica, sendo, muitas vezes, imposta pelas instituições dominantes. Agora, com a chamada era pós-moderna (termo que uso por amor à convencionalidade), a religião se torna basicamente um fenômeno a ser “sincretizado” no nível individual, embora vivenciado no âmbito coletivo. Em termos religiosos, você escolhe a sua identidade.

2.4. A IDENTIDADE É PROGRESSIVA

Até que ponto os jovens têm consciência de sua identidade religiosa? Em que idade eles começam a ter experiências espirituais que definem a sua fé? Creio, baseado em observação pessoal e leituras, que já na infância ocorrem experiências religiosas significativas, bem como o início da formação da identidade. A identidade talvez permaneça em estado semiconsciente, vindo à tona em momentos de crise, mas ela está lá. A profundidade dessa identidade, porém, depende de como ela foi interiorizada. Se os agentes socializadores (pais, escola, igreja) cumpriram o seu papel direito, a identidade terá um caráter dogmático bastante forte. Também, quanto mais intensa e marcante a experiência, mais facilmente ela será lembrada e maior efeito terá na identidade religiosa do jovem. À medida que o adolescente amadurece, as experiências são reinterpretadas, podendo ser esquecidas ou conscientemente incorporadas ao seu repertório espiritual.

Podemos falar em estágios da identidade religiosa. Dos sete aos 12 anos, as crianças focalizam sua experiência religiosa em torno de situações concretas e têm um forte senso da proximidade de Deus. Já os adolescentes, na faixa de 13 a 15 anos, focalizam mais as generalidades e começam a nutrir dúvidas sobre a existência de Deus ou sua disposição de ajudar. Os adolescentes têm uma atitude mais crítica em relação às crenças religiosas e ao comportamento adulto do que as crianças. Suas orações diminuem. Com a vida ganhando um horizonte mais amplo, Deus é buscado mais num contexto de decisões e escolhas morais. Entre os 15 e 20 anos, a clarificação e a estabilização começam a se delinear. A experiência com Deus se desenvolve num nível mais abstrato e internalizado. A busca da identidade se intensifica. Deus começa a ser uma fonte de força interior.¹

Nos diversos estágios de desenvolvimento da sua identidade religiosa, é provável que você tenha (1) um contato geral com a cultura religiosa do seu grupo, (2) um encontro com a essência do sistema religioso, (3) uma imersão na dinâmica da fé, (4) um período de internalização e (5) uma abertura para o comprometimento. Tendo chegado a essa fase, você pode fazer o caminho inverso, indo na direção da desintegração total da identidade, ou pode amadurecer cada vez mais, nutrindo e refinando a identidade religiosa através de um processo de pensamento e comportamento consciente e responsável.

2.5. A IDENTIDADE É TRANSCENDENTAL

A identidade religiosa é transcendente em vários níveis e aspectos. Primeiro, o ser humano foi criado à imagem de Deus, o que inclui a sua totalidade: corpo, mente, individualidade, relacionalidade, soberania sobre o mundo e criatividade, para citar alguns aspectos. A imagem/identidade, portanto, é dependente de Deus. Segundo, além de conferir identidade ao ser humano, Deus é quem restaura essa identidade. Sem a intervenção divina, a identidade se torna fragmentada. Terceiro, a comunidade religiosa de Cristo na Terra é uma antecipação e representação imperfeita da comunidade perfeita do Reino de Deus. Quando o crente entra para essa comunidade, ele recebe uma nova identidade em Cristo. Quarto, é Deus quem diz que tipo de identidade a pessoa realmente possui. No julgamento, em certo sentido, ele “fixa” essa identidade para a eternidade. Por fim, a identidade ganhará um novo *status* e refinamento no futuro. Em Apocalipse 2:17, João usa a imagem, literal ou simbólica, de um novo nome escrito numa “pedrinha branca” para representar a identidade escatológica do crente. Portanto, a identidade religiosa, coletiva ou individual, é altamente transcendente.

3. A INDEFINIÇÃO DA IDENTIDADE

Se existem vários fatores que influem diretamente na deformação da identidade religiosa na atualidade, cinco deles têm um peso enorme. É neles que vou me concentrar, fazendo breves comentários: ecumenismo, pluralismo, colapso das ideologias,



homogeneização do pensamento e redefinição interna. O enfoque principal aqui é na identidade denominacional.

3.1. PRIMEIRO FATOR: ECUMENISMO

Ninguém pode tratar do assunto da identidade religiosa na atualidade sem considerar o papel do ecumenismo. Modernamente, as vozes pioneiras defendendo o ecumenismo apareceram no final do século 19.² Nas primeiras décadas do século 20, vários teólogos importantes assumiram o discurso ecumênico. Um deles foi Oscar Cullmann (1902-1999), que, apesar de sua formação luterana, foi recebido pelos papas Pio XII, João XXIII e, sobretudo, Paulo VI, sendo pessoalmente convidado a participar como observador do Concílio Vaticano II, na década de 1960. Por isso, o teólogo suíço Karl Barth costumava brincar que na lápide de seu amigo Cullmann seria escrito: “Aqui jaz o conselheiro de três papas.”

Mas foi a partir de 1948, com a fundação do Conselho Mundial de Igrejas (CMI), em Amsterdã, que o movimento ecumênico ganhou força. Sediado em Genebra, Suíça, o CMI conta atualmente com 347 igrejas-membros, representando mais de 500 milhões de cristãos protestantes, anglicanos e ortodoxos em cerca de 120 países, nos cinco continentes.³ A Igreja Católica não faz parte, mas coopera com o organismo. O Vaticano quer liderar o processo ecumênico, não ser parte dele.

Na década de 1960, o Concílio Vaticano II deu ao ecumenismo uma nova dimensão e importância, ao definir que a Igreja Católica deveria incentivar e promover a unidade cristã. No embalo do Concílio, uma série de diálogos entre católicos e líderes de outras tradições religiosas teve início, principalmente nos Estados Unidos. Com isso, o número de encontros, comissões, documentos e publicações sobre o assunto se multiplicou. O papa João Paulo II, por sua vez, incorporou o espírito conciliador do Concílio Vaticano II, considerando a tarefa ecumênica uma das prioridades pastorais de seu pontificado. A encíclica *Que todos sejam um*, divulgada em maio de 1995, foi um forte chamado à unidade. Para o papa, o ecumenismo é parte da vida e da missão da Igreja.

Os frutos de toda essa articulação estão aparecendo. Atualmente, católicos e ortodoxos reconhecem que apenas diferenças superficiais os impedem de manter plena comunhão. Anglicanos e católicos estão em adiantada fase de entendimento. Um dos passos mais significativos foi dado no dia 31 de outubro de 1999, quando católicos e luteranos assinaram a Declaração Conjunta Sobre a Doutrina da Justificação, na cidade de Augsburg, Alemanha. Em um de seus pontos altos, o documento dizia: “Juntos confessamos: só pela graça e pela fé na ação salvadora de Cristo, e não com base em nossos méritos, somos aceitos por Deus e recebemos o Espírito Santo, que renova nossos corações e nos habilita e conclama a realizar as obras do bem”.

Entre os elementos catalisadores do ecumenismo, com maior ou menor influência, podemos citar o desejo natural e bíblico da unidade de todos os crentes, a aura do papado, a eficiente diplomacia do Vaticano, a força do paradigma carismático (que possibilita um trânsito livre entre várias vertentes e tradições), as aparições da Virgem Maria, o objetivo comum de lutar contra as ameaças terroristas e a defesa da cultura ocidental no choque sutil de civilizações.

O ecumenismo é um sonho bonito. Mas seria a solução dourada para a fragmentação lamentável do cristianismo? A Igreja Adventista tem mantido diálogos com alguns grupos religiosos, como os católicos e luteranos. Mas a posição tradicional da igreja não mudou essencialmente, apesar de protestos em contrário. Os adventistas ainda suspeitam do *glamour* do movimento ecumênico.

Bert Beach talvez expresse bem a visão adventista sobre o assunto, quando diz que o Espírito Santo “produz uma fusão espiritual, não uma confusão ilusória”. Para ele, o cenário bíblico do fim não retrata “uma espécie de igreja-jumbo representando o povo de Deus, mas um remanescente perseguido e unido, tendo a fé de Jesus e guardando os mandamentos de Deus”.⁴ O verdadeiro ecumenismo, para ser bíblico, teria de levar de volta a Jerusalém, não a Roma. Ou seja, o ecumenismo teria de restaurar e adotar o ensino e a prática da igreja apostólica.

3.2. SEGUNDO FATOR: PLURALISMO

O pluralismo também passou a influir decisivamente na descaracterização da identidade religiosa. Pluralismo é uma palavra ambígua, com muitos sentidos. Alguns a usam

simplesmente para indicar a diversidade religiosa existente num determinado lugar. Outros empregam o termo como sinônimo de tolerância religiosa. Mas o significado mais técnico e teológico do termo tem a ver com a origem e a legitimidade de todos os movimentos religiosos.

O pluralismo é um produto relativamente novo, mas a sua matriz é mais antiga. Foi a partir do século 18, em parte por influência do romantismo, que a idéia da variedade começou a ser valorizada. Antes, a verdade era monolítica. Vinha de cima, imposta por papas e reis. Não havia lugar para nuances. A partir daí, os motivos pessoais passaram a ser considerados. Até certo ponto, o absoluto se relativizou e o relativo se absolutizou. O particular passou a ser ouvido e respeitado. A lógica dessa forma de pensar foi permeando a mentalidade coletiva da sociedade ocidental. Na segunda metade do século 20, o pluralismo ganhou fortes adeptos.

O nome mais célebre associado com o pluralismo religioso é o do teólogo e filósofo inglês John Hick. Para ele, todas as religiões são respostas humanas ao Real (a realidade última), condicionadas histórica e culturalmente. Portanto, todas devem ser consideradas “espaços soteriológicos alternativos”, onde as pessoas encontram salvação, libertação e realização.⁵ Segundo o autor, em vez de o cristianismo ser a única religião verdadeira orbitando ao redor de Cristo, todas as religiões (incluindo o cristianismo) orbitam ao redor de Deus e são igualmente válidas em seu contexto cultural. Uma religião não pode pretender ser superior às outras, pois nenhuma tem uma visão definitiva da realidade última. Hick faz uma diferença entre o Real e as múltiplas percepções do Real pelas pessoas. O Real, que corresponderia de algum modo ao conceito místico judaico *En Soph*, ao árabe *Al Haqq*, ao sânscrito *sat*, ao hindu *nirguna Brahman* e ao chinês *zhen*, evoca respostas humanas, mas o que as religiões percebem não é o Real.

Muita coisa já foi escrita defendendo ou criticando as idéias de Hick e seus discípulos.⁶ Nos seminários, um dos campos mais pesquisados hoje é o da teologia das religiões. Alguns teólogos cristãos estão tentando abordar o tópico a partir da pneumatologia, pois é mais fácil primeiro admitir que o Espírito Santo trabalha com todas as tradições religiosas, para depois argumentar que Cristo é o único Salvador.⁷ Em geral, os eruditos analisam o tema sob três categorias:

Exclusivismo: a pessoa pensa e defende que a sua religião é a única absolutamente verdadeira. As outras são falsas e podem até ser instrumentos do diabo. Nesta perspectiva, a salvação é dependente da identidade religiosa. Durante séculos, o cristianismo oficial adotou esta postura. Ela ainda é vista entre alguns grupos cristãos, judeus e islâmicos fundamentalistas.

Inclusivismo: a pessoa considera a sua religião verdadeira, mas admite que outras religiões podem ser parcialmente verdadeiras e estar sinceramente buscando a verdade final. A salvação depende de outros fatores, como a resposta do indivíduo à oferta divina, e não da identidade religiosa. Esta é a perspectiva que talvez mais corresponda ao pensamento evangélico hoje, incluindo o adventismo.

Pluralismo: a pessoa acredita que todas as religiões são legítimas, válidas e verdadeiras, no seu contexto, pois todas evoluem num padrão semelhante e são construções culturais. Nenhuma teria o direito de reivindicar exclusividade em relação à revelação, verdade e salvação. Por isso, você não precisa evangelizar. Este é o pensamento de vários teólogos liberais. Em alguns meios teológicos sofisticados, não é mais politicamente correto falar na particularidade de Jesus como Salvador. Para Hick, Jesus não tinha consciência de ser divino, nem reivindicou esse *status*.⁸

Como se posicionar diante dessas alternativas? O exclusivismo, que parecia fadado ao desaparecimento, está de volta com o fundamentalismo islâmico e cristão. Mas certamente não é uma alternativa saudável. O pluralismo, por outro lado, vai além do texto bíblico e da lógica. Jesus não evitou o escândalo da sua origem e do seu destino celestial (Jo 6:38, 60-62), nem o escândalo da particularidade (Jo 14:6). Ele reivindicou ser divino e se apresentou como o único caminho para Deus.

Se diferentes religiões ensinam coisas contraditórias, nem todas podem ser igualmente verdadeiras. A maioria das religiões tem elementos de verdade e ensina o amor ao próximo e o respeito pela vida, pregando uma ética da reciprocidade (Regra Áurea). Muita gente em diversas religiões será salva. Mas, se a lógica ainda funciona, nem todas podem estar totalmente certas. Isso seria um absurdo contra-senso.



Admito que o pluralismo, no sentido de convivência pacífica de diferentes grupos, sem conflito e sem assimilação forçada, pode ser saudável. Mas não pode ser apenas nivelização e homogeneização. Para ser válido, o pluralismo tem de se contentar em ajudar as religiões a se respeitarem, cada uma mantendo a reivindicação de ter a verdade. O estudo, o progresso do conhecimento e o tempo vão mostrar quem tem razão. Ainda acredito na capacidade de pensar de forma crítica e descobrir o que é correto.

Vamos pensar numa metáfora do esporte, linguagem que muitos entendem melhor. Suponhamos que você é torcedor do São Paulo. Você assiste aos jogos na TV, veste a camisa, torce pelo sucesso do time, acha que ele merece o título, vibra quando ele ganha e lamenta quando perde. Pela lógica do senso comum, tem algo de errado nisso? Não. Mas suponhamos que você torça para o time imaginário Guerreiros da Bola. Fanáticos, os torcedores do GB, você no meio, consideram todos os outros times inferiores e agridem os outros torcedores. Isso é tolerável? Não.

Mudemos para a metáfora do patriotismo. É legítimo gostar do seu país? Óbvio. Você pode se estremecer de orgulho quando canta o Hino Nacional e agitar a bandeira, revelando seu elo com o país. Porém, o problema começa quando você acha que os outros países são inferiores e devem ser subjugados ou explorados. Ninguém tem o direito de hostilizar gratuitamente outros países apenas por não ter nascido neles.

Algo semelhante ocorre na religião. Você deve gostar da sua igreja, torcer por ela, defendê-la e promovê-la, mas não deve hostilizar as outras religiões. Com um pouco de generosidade, você pode até elogiar o que elas têm de verdadeiro e positivo. Todavia, isso é diferente de dizer que todas são a mesma coisa só porque todas lidam com o sagrado, pesquisam a verdade e buscam o sentido último.

3.3. TERCEIRO FATOR: COLAPSO DAS IDEOLOGIAS

Um fator que contribui para a indefinição da identidade religiosa é o colapso das ideologias. O pós-modernismo é uma tentativa de conceituar o fim das grandes narrativas como explicações abrangentes do mundo. Não acho o termo adequado, até porque existem outros termos igualmente válidos ou talvez melhores, mas isso não vem ao caso. O fato é que, pelo menos no momento, parece realmente haver uma falência geral dos grandes sistemas filosóficos ou políticos. A partir da década de 1980, a polarização ideológica sofreu um notável enfraquecimento. Na arena religiosa, que ecoa o universo secular, as pessoas também não parecem muito preocupadas com grandes elaborações teológicas. O rótulo de “herético” não é mais tão temido. Isso é reflexo da mudança de paradigma no pensamento global.

No lugar da ideologia, entrou o pragmatismo religioso. Se funciona ou parece que funciona, serve. Para muitas pessoas, o mais importante não é a viabilidade bíblica ou lógica de certo ensino, mas a sua funcionalidade. Por isso, a mobilidade religiosa através das fronteiras denominacionais é muito maior. O grau de filiação religiosa também pode variar. As pessoas podem ter uma identidade dupla ou mesmo tripla, sem senso de culpa.

Como a censura teológica diminuiu, muita gente entrou na fase do consumismo religioso. O consumismo religioso é, ao mesmo tempo, uma causa e um reflexo do consumismo secular. A sociedade ocidental, com ênfase para os países mais ricos da América do Norte e da Europa, vive uma onda de consumismo. As pessoas compram o que precisam e o que não precisam. Milhões de norte-americanos vivem endividados com cartões de créditos. Eles compram na ilusão de resolver o vazio da vida, e ela se torna ainda mais fútil. Um fenômeno paralelo é notado no *shopping center* religioso. As pessoas vão atrás do que, aparentemente, vai resolver seus problemas imediatos. A religião é baseada na necessidade imediata. A fidelidade à marca preferida é menor do que era há poucos anos. Vivemos no tempo em que Babilônia seduz a Terra com suas muitas mercadorias.

3.4. QUARTO FATOR: HOMOGENEIZAÇÃO DO PENSAMENTO

A homogeneização do pensamento religioso na atualidade é um fenômeno incrível, algo impensável há alguns anos. Aparentemente, temos uma fantástica diversidade de ofertas. Porém, a diversidade, em certo sentido, é falsa. Há inúmeras opções de religiões e igrejas, mas a maioria partilha uma mentalidade básica. As matrizes não são muitas.

É como no mercado. Você encontra uma variedade imensa de marcas e linhas de produtos, mas muitos deles pertencem à mesma multinacional. Você pode gostar do sabonete Lux e a sua namorada pode preferir o Vinólia. Porém, ambos são fabricados pela Unilever. Na

verdade, se ela quiser um sabonete mais cremoso para o rosto e optar pelo Dove, descobrirá que ele também é fabricado pela mesma multinacional.

Há uma influência pervasiva nos conceitos. As companhias automobilísticas copiam as tendências umas das outras. Alguns carros populares como Fiesta, Gol e Pálio têm uma identidade conceitual básica. Na religião, nunca foi tão fácil ser diferente, pois nunca tanta gente foi tão igual. Um dia, na perspectiva apocalíptica, muitas correntes religiosas estarão todas sob o guarda-chuva global da Babilônia mística. Será que estamos chegando a esse dia?

3.5. QUINTO FATOR: REDEFINIÇÃO INTERNA

Várias tradições religiosas estão reavaliando e redefinindo sua identidade a partir das correntes e ondas religiosas mundiais. Vou me concentrar aqui no adventismo. A Igreja Adventista começou com uma identidade bastante aberta. A maioria absoluta de seus pastores e membros tinha vindo de inúmeras igrejas. Mas, com o tempo e a incompatibilidade teológica, ela começou a particularizar sua imagem. No início, pensou-se no nome Igreja de Deus, mas ele foi rejeitado por parecer muito pomposo. Por fim, escolheu-se o nome atual. O nome adventista do sétimo dia, ao contrário de Igreja Católica, Igreja de Deus ou Igreja Universal, é altamente particular e focalizado na identidade. A identidade adventista é primariamente bíblico-teológica e apenas secundariamente cultural-social. O adventismo prega a volta de Jesus e guarda o sábado, entre outras coisas. Mas essa forte identidade vem se diluindo.

Um dos momentos decisivos na mudança do particularismo adventista ocorreu em 1957, com a publicação do livro *Questions on Doctrine*, recentemente relançado em uma edição anotada.⁹ O livro, reconhecido como o mais divisivo na história do adventismo, foi elaborado por um pequeno grupo de líderes adventistas, com a bênção implícita (mas não oficial) da Associação Geral. Foi resultado de uma série de encontros entre líderes adventistas como LeRoy E. Froom, W. E. Read e Roy Allan Anderson e o pesquisador Walter Martin (mais tarde, autor de *The Kingdom of the Cults*), Donald Grey Barnhouse (editor da revista *Eternity*) e George Cannon (professor de teologia no Nyack Missionary College). No livro, os autores respondem a uma lista de perguntas elaboradas por Martin. Esses encontros e o livro foram uma tentativa de aproximar o adventismo da comunidade evangélica e acabar com o rótulo de “seita” (ou “culto”). Mas, se a imagem adventista melhorou em relação ao público evangélico externo, os debates teológicos internos aumentaram.

Cabe aqui uma pergunta: se o adventismo ganhasse total aceitação do público cristão, será que ainda continuaria sendo adventista, com a sua identidade peculiar? Talvez a única alternativa à altura para a identidade imaginária coletiva adventista é uma experiência ímpar do Espírito, com o foco na missão de elevar Cristo como o único Salvador do mundo, não importem os perigos. Ou seja, o adventismo tem uma forte identidade doutrinário-teológica, e apenas a experiência da chamada “chuva serôdia” poderia se rivalizar com a identidade tradicional.

Para ter equilíbrio, devemos manter uma tensão criativa entre o foco interno e o externo, o passado e o presente, a teologia e a experiência. Devemos olhar para a particularidade adventista e a universalidade cristã. Se defendermos apenas os elementos distintivos adventistas, deixaremos de ser evangélicos; se enfatizarmos apenas os pontos comuns com outros cristãos, deixaremos de ser adventistas. Temos de buscar as duas coisas. Devemos olhar para o passado (o legado dos pioneiros) e o futuro (a esperança escatológica), combinando-os para viver o presente (a experiência do momento). Se olharmos apenas para o futuro, perderemos referência; se olharmos apenas para o passado, perderemos relevância. É preciso também combinar verdade objetiva (teologia) e vivência subjetiva (experiência). Se buscarmos apenas a experiência, perderemos a âncora (estabilidade); se nos concentrarmos apenas na teologia, perderemos o fogo (vibração).

4. COMO FORTALECER A IDENTIDADE

Num contexto de indefinição e deformação da identidade, como manter e expressar a identidade religiosa? Aqui estão sete sugestões: (1) conheça os elementos identificadores da sua fé; (2) tenha uma visão equilibrada e realista da identidade da sua igreja; (3) atualize o conhecimento da verdade e contextualize a mensagem; (4) valorize o papel dos modelos espirituais; (5) vivencie o espectro total da fé; (6) mantenha o foco na realidade invisível e na recompensa; e (7) busque uma identidade positiva.

4.1. CONHECIMENTO

Conheça os elementos identificadores da sua fé. O que define a sua igreja? No caso, quais são os pilares do adventismo? Quem somos? Por que existe apenas um Deus? Por que a Bíblia é a Palavra de Deus? Por que devemos guardar o sábado? Por que a pessoa não passa para outro plano de existência quando morre? Em síntese, você deve descobrir a lógica do seu sistema religioso. Se você não sabe o que você crê e por que crê, não terá motivação para defender e viver a sua crença.

Quase todo o mundo sabe que a Igreja Adventista tem 28 crenças fundamentais, incluindo a crença recente que trata do crescimento espiritual em Cristo. Mas eu não estou falando necessariamente desses fundamentos. Se fôssemos definir sete pontos que identificam a essência do adventismo, quais aspectos você indicaria? Se você conhecer as linhas centrais do adventismo, você terá uma moldura conceitual para avaliar as idéias e pressupostos que encontrar no seu dia-a-dia. Eu destacaria os seguintes elementos que podem ajudar você a “blindar” a sua fé, no sentido de que ela possa resistir aos ataques externos:

(1) A crença em um único Deus pessoal de amor que é a última realidade. Este aspecto pode parecer óbvio, mas ele foi essencial na definição do judaísmo, num contexto idólatra, e continua essencial para o cristianismo, num contexto de exposição às grandes religiões orientais. Ninguém pode negar que a maneira como você imagina Deus tem uma influência pervasiva na sua vida. Crer num Deus pessoal é muito diferente de crer num Deus impessoal. Deus é a realidade última. Deus transcende tudo e não é transcendido por nada.

(2) A crença numa teodicéia lucífera. Teodicéia (do grego *theos*, “deus”, “divindade”, + *dike*, “justiça”) é uma palavra cunhada pelo filósofo e matemático alemão Gottfried Wilhelm Leibniz (1646-1716) para designar a tentativa de conciliar a bondade e o poder divinos com a existência do mal no mundo. Para os adventistas, há um conflito cósmico entre o bem e o mal, entre um anjo caído chamado Satanás (palavra hebraica que significa “adversário”) e Deus. Alguns acham que esse conflito é o tema unificador da teologia de Ellen White e até mesmo do adventismo.¹⁰ Eu não penso assim, mas reconheço a importância e a legitimidade bíblica desse conceito.¹¹ O épico *O Senhor dos Anéis*, de J. R. R. Tolkien, é uma ficção, mas o conflito cósmico não é ficção.

Na perspectiva de Ellen White, que talvez desenvolva esse tema mais do que ninguém, Deus, em seu infinito amor, criou seres livres, correndo o risco da liberdade. Sem motivo, o mal surgiu com Lúcifer. Deus permitiu que o mal se desenvolvesse para revelar a natureza da rebelião e reivindicar o seu próprio caráter. A Terra é o palco central desse terrível experimento cósmico, observado com interesse pelos seres inteligentes de todo o Universo. No fim, eles percebem quem Deus realmente é. A questão não é apenas *quando* Deus irá destruir o mal, mas *por que* irá fazê-lo.¹² Ao entender que existe um poder hostil operando invisivelmente, embora usando pessoas e estruturas visíveis, a gente passa a confiar mais em Deus e a testar e filtrar melhor os motivos por trás das idéias e acontecimentos.

(3) A crença na natureza holística do ser humano. Para o adventismo, herdeiro do pensamento hebraico e em oposição ao dualismo grego, o ser humano deve ser visto como um todo, em que a alma é compreendida em conexão com o corpo. No pensamento grego, a pessoa tem uma alma, que é boa e pode/deve ser liberada do corpo. No pensamento hebraico-adventista, a pessoa é uma alma vivente dependente do corpo. Há um contínuo entre matéria e espírito, biologia e espiritualidade. Isso tem inúmeras implicações na religião, epistemologia, biologia, etc.. A Bíblia tem uma dialética espírito-carne, mas ela é diferente da dialética grega mente-corpo. Na visão bíblica, o “espírito” indica a dimensão superior/sobrenatural do ser humano, a qual participa da natureza/vida divina, enquanto a “carne” aponta para a fragilidade humana, pelo fato de o ser humano ter vindo do pó, o que, devido ao pecado, o leva a estar em rebelião e oposição ao divino.¹³

(4) A crença na revelação de Deus registrada em um livro autoritativo. No contexto atual, os livros sagrados estão perdendo espaço como fontes únicas e confiáveis de autoridade. Em certos casos, eles têm uma autoridade afetiva, mas não efetiva. São

usados em cerimônias e rituais, mas já não são levados tão a sério na formulação teológica e na elaboração de uma cosmovisão. Para alguns, a ciência ultrapassou a Bíblia como fonte de autoridade. Isso parece estar começando a ocorrer em certos círculos adventistas no que diz respeito ao relato bíblico da criação. Se a Igreja Adventista quiser manter a sua identidade, tem de continuar crendo em seu livro sagrado. Naturalmente, a Bíblia deve ser interpretada com equilíbrio. A interpretação não pode ser tão livre que se torne inútil do ponto de vista exegético-científico, nem tão tecnicista que perca a relevância da perspectiva homilética-existencial. Longe do biblicismo fundamentalista, é preciso ter uma combinação criativa entre sentido original e significado atual (ou texto e espírito).

(5) A crença numa ordem legal de origem divina. O sistema legal divino torna possível a vida em comunidade e pressupõe Deus como o eixo fixo dessa comunidade. A lei, com o sábado no centro, tem esse papel. Em certo sentido, a lei “criou” a nação de Israel e manteve o seu foco no verdadeiro Criador invisível. Segundo a Bíblia, o Espírito leva o crente a internalizar a lei em sua mente, de modo que ele tenha consciência do mandamento divino, o desejo afetivo de obedecer e o poder para viver a lei do amor. A Igreja Adventista vê a lei como expressão de amor, não um meio de salvação.

(6) A crença em um centro cósmico celestial, de onde Deus administra o Universo. Os adventistas chamam esse centro de “santuário celestial”. É esse centro administrativo que garante justiça para todos os seres. Assim como as sociedades desenvolvidas têm elaborados sistemas de justiça, Deus tem o seu sistema. O juízo divino, em suas diferentes fases, é uma maneira de mostrar quem é justo, a começar pelo próprio Deus.¹⁴

(7) A crença na intervenção pessoal e literal de Deus no planeta. Aqui eu incluo três intervenções especiais, históricas, reais. Primeiro, Deus criou o planeta e a vida. Muita gente não acredita mais nisso. Porém, esse ensino faz parte do centro da fé cristã. Segundo, Deus entrou na história de maneira dramática com a encarnação de Cristo. Terceiro, Jesus voltará ao planeta. Muitos acham que o movimento adventista que pregou a volta de Cristo em 1844 era singular apenas por marcar uma data para esse evento. Mas o fato é que esse movimento revolucionou o pensamento cristão sobre o milênio. Na época, a maioria das igrejas ensinava que Cristo viria após um milênio de conquistas humanas, ou não viria. Os adventistas passaram a ensinar que o milênio viria após uma intervenção divina na história do mundo. A diferença é enorme. Há outros aspectos importantes entre os pilares adventistas, como a crença na liberdade de religião, que por sinal deveria valer internamente (ou seja, assim como uma igreja tem o direito de existir e divulgar suas idéias, os membros de uma denominação também devem ter a liberdade de pensar). Porém, prefiro ficar com os sete itens acima, para não sair do número da perfeição.

4.2. EQUILÍBRIO

Tenha uma visão equilibrada e realista da identidade da sua igreja. Existe hoje um debate sobre a condição de “remanescente” do adventismo. No passado, em alguns círculos, a defesa do adventismo como povo remanescente beirava o sectarianismo; hoje, novamente em alguns círculos, a crítica ao conceito de povo remanescente beira o pluralismo. Para alguns, reivindicar o *status* de remanescente para um povo tão pequeno é pura presunção. O desconforto é sensível.

O Dr. Ángel Rodríguez identifica seis pontos de vista sobre a identidade do adventismo como povo remanescente: (1) a posição tradicional, que define o remanescente como aqueles que guardam os mandamentos e têm o testemunho de Jesus; (2) a idéia de que o remanescente inclui adventistas e não-adventistas; (3) o conceito de que há um remanescente fiel dentro do adventismo remanescente infiel; (4) o ponto de vista de que o remanescente é uma entidade invisível; (5) a sugestão de que o remanescente ainda não é uma realidade; e (6) uma compreensão sociológica do remanescente, no sentido de que ele deve se envolver em atividades político-sociais.¹⁵ O que todas essas posições, exceto a primeira, têm em comum é uma atenuação ou mesmo abandono da idéia de que os adventistas são o povo remanescente.

Será que esse é o caminho? Eu diria que o adventismo é uma síntese teológica especial para o tempo do fim, em que o todo é maior do que a soma das partes. O adventismo

é singular em alguns aspectos, mas não em outros. Ele é único na sua formulação teológica total, semi-único em suas doutrinas isoladas e em sua missão, e não-único em assunto de salvação. A condição de remanescente nasce com um chamado divino, é reforçada com a autopercepção dessa identidade e recebe validação com a exposição aos perigos do exercício da missão. Se o adventismo perder a consciência de que tem um chamado especial, considerando-se apenas uma outra igreja, logo perderá o seu propósito e a sua razão de ser como organização mundial. Porém, a consciência de ser um povo especial nunca deve motivar uma postura sectária, muito menos gerar orgulho. Ser remanescente é amar, servir e sofrer; não é ser perfeito, nem se achar o melhor.

4.3. CONTEXTO

Atualize o conhecimento da verdade e contextualize a mensagem. Se você quer manter a sua identidade, reelabore-a constantemente. Se você quer perdê-la, tente preservá-la intacta. Acho que eu não faria muita violência ao contexto se citar aqui aquele pensamento fantástico de Cristo em Mateus 16:25: “Quem quiser salvar a sua vida perdê-la-á; e quem perdê-la por causa de mim achá-la-á.” Nenhuma personalidade ou identidade sobrevive por muito tempo sem absolutamente nenhuma alteração. Só Deus não muda, dizem os escritores bíblicos. Mas hoje muitos teólogos crêem que Deus não muda em seu caráter, mas muda em outros aspectos, ao se interagir com o Universo. A doutrina da impassibilidade de Deus, inspirada na filosofia grega, a qual dizia que Deus não pode sentir ou sofrer, não é bíblica. Se Deus não pudesse sentir, ele não poderia amar. Portanto, não devemos ter medo destas duas ênfases interligadas: a atualização da verdade e a contextualização da mensagem.

É importante aperfeiçoar constantemente o conhecimento da verdade porque, como costumamos dizer, a luz é progressiva. Este conceito – que é bem conhecido dos adventistas, mas freqüentemente esquecido – quer dizer que a verdade é dinâmica. Em certo sentido, ela é provisória. Você tem a verdade básica, mas precisa elaborá-la. Teologia é nuance. Tentar manter a fé dos pioneiros pela negação do progresso é perder o foco e a identidade.

Os pioneiros adventistas, diz George Knight, tinham uma concepção dinâmica da “verdade presente”, criticavam a rigidez dos credos religiosos e acreditavam na verdade progressiva. Havia pontos não-negociáveis, os chamados pilares da fé (sábado, santuário, imortalidade condicional, segunda vinda e, depois, justificação pela fé), mas eles estavam abertos para novos desenvolvimentos teológicos. Portanto, a nova onda de críticas a algumas doutrinas atuais da igreja, como a Trindade, na pressuposição de que as primeiras tradições da igreja são sempre melhores, não combina com o espírito dos pioneiros adventistas.¹⁶

Por outro lado, quem não contextualiza se fossiliza. Algumas igrejas e pessoas tendem ao sincretismo, enquanto outras tendem ao isolacionismo. Nenhuma das duas posturas é ideal. Na perspectiva bíblica, a contextualização é talvez o melhor caminho. A palavra “contextualização” vem sendo utilizada desde a década de 1970. Contextualizar significa levar em conta o mundo cultural das pessoas, abrindo mão do que é secundário e dando prioridade ao que é essencial. Contextualizar é ceder na forma para preservar o conteúdo. É permitir que o cliente escolha a embalagem que ele mais gosta para vender a mercadoria para o maior número possível de pessoas. É preciso ter respeito pela cultura grupal da sua denominação e incorporar novos elementos de forma responsável. Não dá para promover uma espécie de helenização geral e irrestrita, com falsos deuses e tudo.

No Novo Testamento, vemos vários casos de contextualização. Por exemplo, em Atos 15, encontramos os apóstolos discutindo o que deveria ser exigido dos gentios que se convertiam. Até que ponto eles podiam contextualizar sem desfigurar a essência da fé cristã? Eles raciocinaram a partir da experiência (vv. 8, 12), do senso comum (vv. 9, 10) e das Escrituras (vv. 13-21). Sua decisão “light” em relação aos gentios foi considerada uma decisão do Espírito Santo (v. 28).¹⁷

Paulo era, sem dúvida, o maior contextualizador cristão. Em seu texto clássico sobre a contextualização, I Coríntios 9:19-23, ele fala de quatro grupos com os quais ele “camaleonicamente” se identificava: (1) judeus, (2) os que estão sob a lei, (3) os que estão sem lei e (4) os débeis. Seu motivo para contextualizar era entrar no mundo das pessoas e convertê-las a Cristo. Alguns acham que ele traiu o legado de Jesus. Mas não é isso. Ele queria fazer uma ponte entre a mentalidade judaica e o mundo gentio, a fim de que Jesus fosse reconhecido em ambas as culturas como o Messias aguardado.

A cultura é um fenômeno essencialmente humano que ocorre na paisagem espaço-temporal, incluindo uma multiplicidade de manifestações, criando uma diversidade de signos e

evocando uma infinidade de imagens. Todos nós vivemos num contexto cultural. Por isso, em vez de combater a cultura como um mal, é mais inteligente ver onde o cristianismo e a cultura convergem e onde divergem. Não criemos barreiras desnecessárias à transmissão da identidade cristã, pois já existem muitas.

4.4. IMITAÇÃO

Valorize o papel dos modelos espirituais. Os povos antigos conheciam muito bem o motivo da imitação dos heróis e dos deuses. E. J. Tinsley, um estudioso do assunto, mostra que a imitação era parte fundamental da prática religiosa de vários povos antigos e também do cristianismo.¹⁸ Para os muçulmanos, Maomé é visto como o grande modelo (Alcorão 33:21). No judaísmo, os heróis são tipos culturais ideais a ser imitados. A Bíblia apresenta vários convites à imitação de heróis espirituais e mesmo de Deus. No Antigo Testamento, Deus disse: “Sejam santos porque eu sou santo” (Lv 19:2). Isso era uma maneira de dizer: “Eu sou o modelo ético de vocês”.

No Novo Testamento, o tema da imitação aparece especialmente em Paulo, que convida os crentes a imitar a ele mesmo, a Jesus e ao próprio Deus. Mas Paulo não é o único incentivador da imitação. João e Pedro também desenvolvem o tema. No Apocalipse, segundo Mitchell Reddish, Jesus é apresentado como o protomártir a ser imitado.¹⁹ E há quem defenda que os relatos biográficos dos evangelhos tenham sido escritos, em parte, para mostrar aos crentes como se comportar. David Capes defende que o gênero “evangelho” pertence à categoria das antigas biografias que visavam oferecer ao leitor um padrão para imitar.²⁰ Na época, era comum escrever e ler biografias de pessoas notáveis para imitar suas virtudes. Jesus era o modelo ideal dos crentes.

Com o tempo, os teólogos cristãos passaram a desvalorizar a imitação. Isso ocorreu por três motivos básicos. Primeiro, a palavra imitação passou a significar algo artificial, não autêntico e original. Imitar é copiar. Segundo, a imitação poderia ameaçar a obra de salvação efetuada por Cristo. Afinal, a salvação é teocêntrica. Ela vem de Deus. É baseada na graça e recebida pela fé. Antes de ser Modelo, Cristo é Salvador. Terceiro, como imitar o modelo divino? É uma imitação literal ou simbólica? Mas nenhuma dessas críticas realmente invalida a importância da imitação, quando corretamente entendida.²¹

Hoje, os pesquisadores estão entendendo que a imitação tem um papel fundamental na formação da identidade religiosa e do crescimento espiritual.²² Nós imitamos o tempo todo. Imitamos na música, no esporte, na religião, enfim, em tudo. Todo mundo imita. Até os animais imitam, e nós imitamos os animais. Procuramos ser trabalhadores como as formigas, prudentes como as serpentes e simples como as pombas. Imitamos através da informação obtida pela observação direta ou por meio de filmes, leitura, sermões e outros modos, consciente ou inconscientemente. Segundo Albert Bandura, quatro processos principais governam o aprendizado observacional: (1) atenção (observe os modelos e exemplos), (2) retenção (leia, fale, cante sobre os modelos), (3) reprodução (pratique as virtudes vistas nos modelos) e (4) motivação (veja como o padrão de comportamento deu bom resultado e trouxe felicidade na vida do modelo).²³

A imitação de heróis do passado e do presente, como Moisés, José, Daniel, João, Pedro, Paulo, Ellen White, Mahatma Gandhi, Martin Luther King Jr., Madre Teresa e, acima de tudo de Cristo, nos ajuda a formar a nossa identidade e a ter discernimento e firmeza ao enfrentar os desafios à nossa identidade. Os modelos – sejam heróis, mártires ou exemplos, famosos ou quase anônimos – ajudam-nos a definir quem somos e como devemos agir nas situações de crises. Gandhi se inspirou na ética não-retaliadora de Cristo e Martin Luther King Jr. se inspirou no pacifismo de Gandhi.

Com a ênfase contemporânea na auto-realização e no sucesso individual, parece que a sociedade moderna perdeu um pouco da sua dimensão heróica, que é altamente dependente do contexto social, embora a auto-realização no fundo também seja um fenômeno social.²⁴ O fato é que muita gente já não mede o valor pessoal pela autenticidade, nobreza e contribuição pública. Um herói pode ser definido como aquele que tem virtudes, habilidades ou nobres ideais num grau excepcional e usa-os para o bem coletivo, mesmo em detrimento de uma perda pessoal. O herói não é aquele que não tem fraquezas ou defeitos, mas aquele que supera os obstáculos.

Infelizmente, não é fácil achar heróis e modelos extraordinários na academia e na igreja hoje para imitá-los em todos os sentidos. Mesmo os heróis hebreus antigos eram vistos como encarnando certas virtudes. Abraão, por exemplo, era o pai da fé. Os heróis não eram

modelos perfeitos em tudo. Na verdade, os heróis perfeitos só funcionam para as crianças e grupos mais tradicionalistas. Os jovens e as pessoas mais liberais preferem heróis mais próximos ao mundo real. O que importa é a integridade com que o herói encara os fracassos.

Mas, se não temos muitos heróis públicos, temos o exemplo do maior deles: Cristo. Imitar a Cristo é muito mais do que apenas tentar agir superficialmente como ele. A imitação ocorre do âmago do nosso ser. Imitar é uma aventura de fé. É viver o seu amor sacrificial em todos os momentos. É ter o seu pensamento, a sua atitude, o seu comportamento. A identidade de Cristo pode iluminar a sua identidade e facilitar a sua jornada pessoal como cristão e adventista.

4.5. ABRANGÊNCIA

Vivencie o espectro total da fé. As dimensões básicas da religiosidade têm sido classificadas como: (1) ideológica (crenças), (2) intelectual (conhecimento), (3) ritualística (rituais), (4) experiencial (experiências) e (5) conseqüencial (efeitos).²⁵ Em que a sua igreja é forte e em que ela precisa melhorar? Todos esses aspectos são importantes e devem ser levados em conta.

Cada uma das grandes religiões mundiais se identifica mais diretamente com algum ponto da classificação acima. Não dá para simplificar demais a complexidade de um movimento religioso. Mas, como regra, podemos dizer que o cristianismo enfatiza a crença correta (ortodoxia), o islamismo defende a obediência correta, o judaísmo valoriza a prática correta (ortopraxis) e o budismo e o hinduísmo buscam a experiência correta. A Igreja Adventista é forte nos itens 1 e 2 acima, e mais ou menos no 5. Ela é, provavelmente, deficiente nos itens 3 e 4. Por isso, desejo ressaltar estes pontos: ritual e experiência.

Se você quer manter alguma coisa viva em sua vida, você tem de estar em contato com ela. Aristóteles, além de conceituar a virtude como o meio-termo entre dois extremos, descobriu que a virtude é mais facilmente incorporada à vida da pessoa mediante a habituação, ou seja, através de hábitos e prática.²⁶ Isso é confirmado pelos psicólogos modernos. Você reforça a identidade de sua fé quando a exercita através de rituais.

Os rituais deixados na Bíblia têm essa finalidade básica. Moisés disse que os hebreus deveriam ensinar o tempo todo seus filhos a amar a Deus: deitando, levantando, andando, comendo (Dt 6:4-9). O sábado é um ritual semanal destinado a celebrar a Deus como Criador. As festas judaicas eram lembranças das maravilhas de Deus em favor de Israel. A Ceia é um ritual para dirigir nosso olhar para o passado (a cruz) e o futuro (a volta de Cristo e a Ceia escatológica no Céu).

O ritual sagrado forma, molda, renova e reforça a nossa identidade de modo marcante. A adoração – através de narrativas, rituais e relações sociais num dado contexto de tempo e espaço – é a matriz da formação da nossa identidade religiosa. Ela sustenta e transmite a nossa identidade. Como adoramos define quem somos. Isso significa que a formação da identidade é tarefa individual e coletiva. A Igreja Adventista, a começar por você, deve investir em cultos que realmente promovam o encontro com o sagrado.

Quanto à experiência, não dá para negar que ela tem um papel básico em nossa vida religiosa. A experiência é a percepção do toque divino na vida, sem passar por julgamento crítico externo. Mais do que o senso do sagrado, é o encontro com o Infinito, gerando assombro, admiração e o desejo de adorar. E, mais do que um simples maravilhamento diante do Inefável, é a resposta de fé numa prazerosa entrega total do eu. Você percebe o “sim” de Deus e responde “sim” a Deus.

A experiência está no centro da espiritualidade. Quem não conhece Deus experimentalmente não pode ter uma espiritualidade criativa. Somente quem reconhece as epifanias divinas no dia-a-dia, com emoção e abertura, pode nutrir e desenvolver uma espiritualidade vibrante. Sem perder o realismo da cruz, você precisa ter uma experiência religiosa profunda. Música, oração, leitura da Bíblia e contemplação da natureza estão entre os veículos utilizados pelo Espírito para desencadear experiências religiosas.

4.6. PERSPECTIVA

Mantenha o foco na realidade invisível. A Bíblia tem uma mensagem especial sobre a perseverança na fé, baseada na visão espiritual do invisível. Paulo nos incentiva a prestar atenção nas coisas que não se vêem (2Co 4:18). O autor de Hebreus (11:27) diz que Moisés permaneceu firme em seu propósito porque viu o invisível. No Apocalipse, como revelam pesquisas recentes, João usa uma série de técnicas para incentivar seus leitores a manter a

identidade religiosa mesmo em face das perseguições e ameaças de morte por parte do poder imperial de Roma.²⁷ Há uma recompensa para quem vê além do horizonte e, conscientemente, decide perseverar na peregrinação.

O adventismo não é tão ligado ao visual como outras tradições religiosas cristãs. O adventismo tem um caso de amor com a verdade, que tem a ver com a palavra. A arte que o adventismo valoriza é a arte utilitária, ilustrativa de uma narrativa conhecida e aceita.²⁸ Nesse sentido, somos mais parecidos com a cultura hebraica, que valorizava a palavra escrita e o tempo sagrado, do que com a cultura grega, que valorizava mais a cultura visual e o espaço sagrado. Uma cultura é baseada na palavra; a outra é baseada na imagem. Isso, naturalmente, tem implicações na teologia e na religião do dia-a-dia.

A Igreja Ortodoxa tem toda uma teologia em torno dos ícones. A Igreja Católica também tem uma profunda tradição de imagens. Algum tempo atrás, quando eu estudava na Andrews University, tive a oportunidade de visitar algumas vezes a Universidade de Notre Dame, em South Bend, Indiana. Notre Dame é a capital intelectual do catolicismo nos Estados Unidos. O ponto que desejo ressaltar é que em Notre Dame você vê uma série de apelos visuais que lembram aspectos da fé católica. O próprio prédio da biblioteca tem uma imagem. Isso não acontece com as escolas adventistas.

O apelo ao visual é uma vantagem e uma desvantagem ao mesmo tempo. É “vantagem” porque tenta manter a fé sempre presente na mente dos estudantes e dos professores. É uma desvantagem porque pode virar rotina, se transformar numa forma de idolatria e desviar a mente do real. Num livro recente, Arthur Hunt procura mostrar que a veneração da imagem e do visual na sociedade pós-moderna pode levar o mundo a uma nova versão *high-tech* da Idade Escura.²⁹ O argumento principal de Hunt é que o legado judeu-cristão é caracteristicamente baseado na palavra (apelo ao conteúdo), enquanto a herança pagã é tipicamente dependente da imagem (apelo ao visual). Como a cultura da imagem está suplantando a cultura da palavra, estamos recriando uma espécie de paganismo. Está surgindo uma geração de pessoas acrílicas, que não sabem ler, interpretar e pensar. Os deuses da cultura popular na era da imagem são o sexo, a violência e a celebridade. Será que o título de uma novela recente da Globo (*Celebridade*) foi mera coincidência?

4.7. AFIRMAÇÃO

Busque uma identidade positiva. A nossa identidade é definida pelo que somos e pelo que não somos, pelo que cremos e pelo que não cremos, pelo que fazemos e deixamos de fazer. Porém, o elemento afirmativo deve ter prioridade. Descubra os elementos básicos e definidores da sua fé e valorize-os. Você não deve construir uma identidade em oposição ao outro. Viver uma fé caracterizada pelo combate às idéias e crenças dos outros é difícil e desgastante.

Se os outros têm algo de bom a oferecer a você e a dizer de você, então você deve reconhecer o valor deles para a sua identidade. Não ataque a identidade dos outros para afirmar a sua. As pessoas valorizam suas tradições assim como amam seus familiares e amigos. Ninguém tem o direito de destruir o sistema de crença dos outros se não tiver algo melhor para oferecer. Se você acredita nas doutrinas da sua igreja, você pode e deve tentar convencer os outros. Contudo, há uma maneira certa de fazer isso. Não conquistamos amigos através de violência verbal, mas de um diálogo amistoso, do testemunho positivo.

5. CONCLUSÃO

Para concluir, eu gostaria de sugerir que é o Espírito Santo quem possibilita a expressão real da identidade religioso-espiritual num mundo plural. Por isso, além da identidade doutrinária, devemos buscar a identidade no Espírito.

Em Atos 2, durante o Pentecostes, vemos um fenômeno fantástico. Quando o Espírito Santo desceu, as pessoas reconheceram que os apóstolos estavam falando sua língua. O Pentecostes foi um encontro de idéias e culturas em que o outro foi reconhecido e valorizado. Abriu-se um canal de comunicação. De repente, como Joel profetizara, pessoas marginalizadas ganham um espaço e começam a se sentir parte da nova comunidade messiânica, num clima de amor e aceitação.

A presença do Espírito não destrói a identidade particular, nem elimina as diferenças, mas traz harmonia na diversidade. Como diz Miroslav Volf, “o milagre do Pentecostes consiste em inteligibilidade universal e movimento livre no meio de heterogeneidade cultural e social”.³⁰ O milagre pode se repetir hoje.

**PERGUNTAS PARA REFLEXÃO**

Aqui está um pequeno questionário de dez perguntas para você interagir em grupo:

1. Como você define identidade religiosa?
2. Quais são as vantagens de ter uma identidade religiosa forte?
3. Como se forma a identidade religiosa dos jovens?
4. Você acha importante manter a identidade legada pelos pioneiros da sua igreja?
5. Por que há tanta mobilidade religiosa hoje?
6. Qual é a melhor estratégia para manter a identidade religiosa?
7. É viável se isolar do mundo para manter a identidade religiosa?
8. O pluralismo é uma categoria inevitável hoje?
9. Como manter o equilíbrio entre particularismo e universalismo?
10. Sua identidade espiritual contribui para a tolerância, a aceitação e o amor entre as pessoas de diferentes tradições religiosas?

NOTAS DE REFERÊNCIA

¹ Para um estudo sobre a experiência religiosa de crianças, adolescentes e jovens finlandeses, veja Kalevi Tamminen, "Religious Experiences in Childhood and Adolescence: A Viewpoint of Religious Development Between the Ages of 7 and 20", *The International Journal for the Psychology of Religion* 4 (1994): 61-85.

² O texto desta seção é, em parte, adaptado de Marcos De Benedicto, "Cristianismo Global", *Sinais dos Tempos*, janeiro-fevereiro de 2000, 26-27.

³ O endereço do World Council of Churches na internet é: <http://www.wcc-coe.org>.

⁴ Bert B. Beach, *Ecumenism: Boon or Bane?* (Washington, DC: Review and Herald, 1974), 18, 21.

⁵ John Hick, *An Interpretation of Religion* (New Haven: Yale University Press, 1989), 240. O endereço oficial de Hick na internet é: www.johnhick.org.uk.

⁶ Um autor que vale a pena consultar é Harold A. Netland, *Encountering Religious Pluralism: The Challenge to Christian Faith and Mission* (Downers Grove: InterVarsity, 2001).

⁷ Para apenas um exemplo relevante, veja Amos Yong, *Beyond the Impasse: Toward a Pneumatological Theology of Religions* (Grand Rapids: Baker Academic; Carlisle, Cumbria, UK: Paternoster, 2003).

⁸ Ver John Hick, *A Metáfora do Deus Encarnado* (Petrópolis: Vozes, 2000).

⁹ *Seventh-day Adventists Answer Questions on Doctrine*, edição anotada (Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 2003).

¹⁰ Herbert Douglass, *Mensagem do Senhor: O Ministério Profético de Ellen White* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2001), 256-267.

¹¹ Para a minha posição, ver Marcos C. De Benedicto, "The Role of the Holy Spirit in Enabling Believers for Ministry: An Adventist Perspective" (tese de D.Min., Andrews University, 2004), 401-406.

¹² Richard Rice, "The Great Controversy and the Problem of Evil", *Spectrum* 32 (2004): 46-55.

¹³ Para um estudo iluminador contrastando o pensamento hebraico e grego, incluindo os conceitos de "alma", "corpo" e "espírito", veja Claude Tresmontant, *A Study of Hebrew Thought* (Nova York: Desclée, 1960).

¹⁴ Frank B. Holbrook, em seu livro *O Sacerdócio Expiatório de Jesus Cristo* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2002), apresenta uma visão representativa do pensamento adventista atual sobre o assunto do santuário.

¹⁵ Ángel M. Rodríguez, "The Remnant in Contemporary Adventist Thinking", em *Pensar la Iglesia Hoy: Hacia Una Eclesiología Adventista*, ed. Gerald A. Klingbeil, Martin G. Klingbeil e Miguel Ángel Núñez (Libertador San Martín, Argentina: Editorial Universidad Adventista del Plata, 2002), 269-279.

¹⁶ George R. Knight, *A Search for Identity: The Development of Seventh-Day Adventist Beliefs* (Hagerstown, MD: Review and Herald, 2000), 17-28, 117.

¹⁷ Benedicto, "The Role of the Holy Spirit", 388.

¹⁸ E. J. Tinsley, *The Imitation of God in Christ: An Essay on the Biblical Basis of Christian Spirituality* (Philadelphia: Westminster, 1960).

¹⁹ Mitchell G. Reddish, "Martyr Christology in the Apocalypse", *Journal for the Study of the New Testament* 33 (1988): 85-95.



²⁰ David B. Capes, “*Imitatio Christi* and the Gospel Genre”, *Bulletin for Biblical Research* 13 (2003): 1-19.

²¹ Em minha tese “The Role of the Holy Spirit”, citada acima, eu dedico várias páginas (171-182) ao tema da imitação e considero essas objeções.

²² Ver Doug Oman e Carl E. Thoresen, “Spiritual Modeling: A Key to Spiritual and Religious Growth?”, *The International Journal for the Psychology of Religion* 13 (2003): 149-165.

²³ Albert Bandura, *Social Foundations of Thought and Action* (Englewoods Cliffs, NJ: Prentice Hall, 1986). Veja também Oman e Thoresen, 154-155.

²⁴ C. Taylor, *The Ethics of Authenticity* (Cambridge: Harvard University Press, 1991).

²⁵ Ver C. Y. Glock e R. Stark, *Religious and Society in Tension* (Chicago: Rand Mc Nally), 1965.

²⁶ Para uma excelente introdução à ética de Aristóteles, veja Nancy Sherman, *The Fabric of Character: Aristotle’s Theory of Virtue* (New York: Oxford University Press, 1989).

²⁷ Ian Smith, “A Rational Choice Model of the Book of Revelation,” *Journal for the Study of the New Testament* 85 (2002): 97-116.

²⁸ Ver John N. McDowell, “Looking for Visual Truth: At Play with the Aural and Visual in Adventism”, *Spectrum* 29 (2001): 25-32

²⁹ Arthur W. Hunt III, *The Vanishing Word: The Veneration of Visual Imagery in the Postmodern World* (Wheaton: Crossway, 2003).

³⁰ Miroslav Volf, *Exclusion and Embrace: A Theological Exploration of Identity, Otherness, and Reconciliation* (Nashville: Abingdon, 1996), 228-229.

ARTIGOS

PRINCÍPIOS GERAIS PARA A EDUCAÇÃO DOS FILHOS

Natanael Bernardo Pereira Moraes, DTP

Professor de aconselhamento e estágio pastoral do curso de Teologia do Unasp
Centro Universitário Adventista de São Paulo, Campus Engenheiro Coelho
natanael.moraes@unasp.edu.br

RESUMO: Para alguns, a educação de filhos pode parecer algo simples, mas em verdade não o é. Ela exige preparo e dedicação esmerada. Apesar da enorme produção de livros sobre educação de filhos, ainda há espaço para a discussão sobre os princípios fundamentais que devem nortear a formação dos seus caracteres. Este artigo discute brevemente os principais valores a serem ministrados aos filhos, especialmente o serviço de amor altruísta ao próximo.

PALAVRAS-CHAVE: educação, princípios, valores, filhos.

General principles for the education of one's child

ABSTRACT: For some people, the education of their children is looked upon as a simple thing. However, it is a quite complex matter, it requires preparation and definite dedication. Spite the large number of publications on the subject, there still room for the discussion on the fundamental principles that should guide the process of their development of character. This article discuss briefly the main values that should be taught to children, specially the attitude of altruist love to one's neighbor.

KEYWORDS: education, principles, values, children.

1. INTRODUÇÃO

Os pais são os principais responsáveis pela educação dos seus filhos. Esta precisa estar fundamentada em sólidos valores bíblicos a serem transmitidos em cada fase de desenvolvimento. O primeiro ambiente formador de caráter é o lar. Ali os filhos recebem os princípios que estruturarão suas vidas, particularmente a verdade de que Deus deve ser o primeiro na existência individual. Para tanto, são indispensáveis, a prática da devoção diária, por meio do culto familiar e da ênfase no estudo individual da Bíblia.

O presente artigo discute poucas diretrizes, contudo de grande relevância, como educação para a verdade, justiça, amor e domínio próprio. Os filhos devem aprender desde cedo que uma vida orientada por princípios assegura um futuro feliz. Quando necessária, a disciplina, inicialmente "dolorida", transforma-se em bênção. Por fim, o princípio do serviço desinteressado em favor do semelhante, entre os demais, é destacado como o mais elevado.

2. O ENSINO DA LEI DE DEUS AOS FILHOS ERA UM DEVER DOS PAIS EM ISRAEL

Bem cedo, na história do povo de Israel, os pais receberam a incumbência de ministrarem a devida educação aos seus filhos:

Ouve, Israel, o SENHOR, nosso Deus, é o único SENHOR. Amarás, pois, o SENHOR, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de toda a tua força. Estas palavras que, hoje, te ordeno estarão no teu coração; tu as inculcarás a teus filhos, e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e ao deitar-te, e ao levantar-te. Também as atarás como sinal na tua mão, e te serão por frontal entre os olhos. E as escreverás nos umbrais de tua casa e nas tuas portas (Dt 6:4-9).¹



A tradição judaica denomina esta porção das Escrituras de *Shema'*. Sua relevância consiste em que ela contém a verdade fundamental da religião de Israel e o dever basilar estabelecido sobre a mesma.² O foco desta verdade fundamental é a "unidade" divina, melhor definida como monoteísmo.³

O primeiro verbo da *Shema'*, "ouve", encontra-se no imperativo e também pode ser traduzido como "obedece".⁴ Por sua vez, a expressão "estas palavras" nos remetem à introdução do livro de Deuteronômio, "São estas as palavras que Moisés falou a todo o Israel, dalém do Jordão, no deserto" (Dt 1:1). Isto significa que os pais em Israel deveriam ensinar todo o conteúdo do livro de Deuteronômio aos seus filhos, ou seja, todas as prescrições que faziam parte do concerto entre Deus e Israel.⁵

As leis de Deus deveriam estar no coração de cada israelita. Uma breve análise da palavra "coração" revela um sentido amplo. O coração pode ser identificado como a sede das emoções, sentimentos, pensamentos e vontade.⁶ Deste modo, toda a vida dos filhos de Israel estava envolta pelos princípios da lei de Deus: o foco da sua reflexão, os mais profundos sentimentos, mas, especialmente, as decisões a serem tomadas precisavam ser inspiradas no conteúdo dos valores divinos de Sua Palavra.

À semelhança dos israelitas, os pais cristãos devem tornar a Bíblia como a primeira fonte de orientação moral e espiritual dos seus filhos. Antes de aprender a ler, as crianças podem se familiarizar com as diversas lições das Escrituras. Há várias obras ilustradas que podem ser utilizadas para transmitir valores espirituais por meio de suas histórias bíblicas. Quão bom seria que, após ser alfabetizada, toda criança recebesse uma Bíblia para ler e nela meditar diariamente. Este deveria ser o seu primeiro livro.⁷ Outra atividade a ser dirigida pelos pais é o culto familiar.⁸ Pela reunião da manhã e da noite, os filhos podem ser instruídos nos valores morais e espirituais do Senhor. Assim, pelo hábito da meditação pessoal nas Escrituras e pelo culto familiar diários, cumpre-se o ideal divino da transmissão de princípios espirituais aos filhos.

3. EDUCAÇÃO CENTRADA EM PRINCÍPIOS

Ellen G. White, reconhecida como profetisa pela Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD), desempenhou um papel significativo ao expor os princípios básicos da educação dos seus filhos. Uma vez que o principal objetivo da educação cristã é a formação de um caráter que permaneça para a eternidade,⁹ é exatamente nisto que se deve focalizar a atenção dos pais. Para tanto, os sete anos iniciais da vida de uma criança "têm mais que ver com a formação de seu caráter, do que tudo que ela aprenda em anos posteriores".¹⁰ Neste período formativo de hábitos e costumes, os filhos necessitam aprender a "serem controlados por princípios".¹¹ Dentre os valores que devem nortear o caráter dos filhos, destacam-se misericórdia, amor, justiça, bondade,¹² verdade e honestidade.¹³ São exatamente estes os princípios que promovem a causa do bem.

Atualmente, o Brasil tem vivido um período notavelmente conturbado. O âmagô da crise gira em torno de violação de princípios, particularmente da honestidade. No mês de maio, *Veja*, a revista semanal de informação, divulgou uma reportagem que desencadeou um colapso dentro do poder executivo e legislativo brasileiros. Maurício Marinho, chefe do Departamento de Contratação e Administração de Material dos Correios, foi filmado ao receber uma propina de três mil reais de empresários interessados em participar de uma licitação promovida pela estatal. Nesta gravação, ele diz ter agido em nome do PTB, partido aliado do governo, e do seu presidente, deputado Roberto Jefferson (RJ).¹⁴ Os desdobramentos da crise desencadeada por esta reportagem levaram a formação de uma comissão parlamentar de inquérito para investigar as denúncias feitas. Como resultado das investigações, vários líderes de expressão tiveram que renunciar, como foi o caso do ministro da casa civil, José Dirceu, do tesoureiro do partido dos trabalhadores, além de outros.¹⁵

Em entrevista concedida ao jornal *Folha de São Paulo*, o falecido escritor Antonio Callado reconheceu que o cerne do problema brasileiro encontra-se na ausência de valores. Em tom de lamento, ele asseverou "o mundo está indo num caminho irresistível. Não vejo volta possível. Não tenho esperança de nada diferente do que a gente está tendo (...) estamos ficando sem referências".¹⁶ Ao analisar o quadro atual, o colunista Carlos Heitor Cony admite que a sociedade brasileira fica cada vez mais egoísta, mais narcisista e menos solidária.¹⁷ Em outras palavras, faltam os valores básicos do amor, justiça, bondade, verdade e honestidade.



Exatamente aqueles preconizados pela profetiza inspirada como fundamentais para a educação dos nossos filhos.

4. DOMÍNIO PRÓPRIO

A primeira escola dos filhos é o lar. Neste ambiente, eles têm que aprender as lições que os devem guiar por toda vida: “respeito, obediência, reverência e domínio próprio”.¹⁸ A alimentação é uma área, entre tantas outras, que requer o exercício do domínio próprio. Por isto, a mãe deve ensinar aos filhos a “lição do controle do apetite, e da abnegação”.¹⁹ Deve oferecer aos filhos “tão-somente alimento simples (...) tomado em períodos regulares, não mais do que três vezes ao dia”.²⁰ A aplicação destes princípios na escolha de um cardápio simples, que respeita períodos de regularidade na ingestão de alimentos, evitaria diversos males tão comuns a nossa época, como obesidade infantil e demais doenças decorrentes de maus hábitos alimentares.²¹

A recreação é outra área na qual os filhos precisam aprender a exercer domínio próprio, particularmente no que se refere à leitura e ao tempo dedicado a ver televisão. Embora na época de Ellen G. White não existissem os modernos meios de comunicação de hoje, o que ela escreveu sobre o conteúdo de revistas e novelas pode ser aplicado à utilização da televisão (TV) e da internet:

Aos que se sentem livres para ler revistas de contos e novelas, desejo dizer: Estais a lançar uma semente, cuja ceifa não desejaríeis armazenar. Em tal leitura não há força espiritual a ser adquirida. Antes, ela destrói o amor à verdade pura da Palavra. Mediante tais revistas de contos e novelas, Satanás está operando com o fim de encher com pensamentos irreais e fúteis as mentes que deveriam estar diligentemente a estudar a Palavra de Deus. Assim ele rouba de milhares de milhares o tempo, energia e disciplina própria exigidos pelos sérios problemas da vida.²²

Entre os diversos temas explorados em novelas e filmes está o sexo pré e extra-marital. Pesquisas indicam que 90% das relações sexuais mostradas na TV ocorrem fora do casamento; 94% dos encontros sexuais nas novelas ocorrem entre pessoas não casadas; o sexo entre pessoas solteiras é 24 vezes mais comum do que entre pessoas casadas.²³ O resultado desta avalanche propagandística implica aumento de gravidez na adolescência, aborto, prostituição, doenças sexualmente transmissíveis e suicídio.²⁴

A excitação indevida provocada pelas cenas de sexo veiculadas pela TV e pela internet destrói o desejo pelo estudo e meditação na Palavra de Deus. Como consequência, nossos filhos podem ficar insensíveis aos valores morais e espirituais da Bíblia e, pior ainda, podem vir a perder a salvação e a vida eterna. Quão relevante é que eles sejam instruídos na habilidade de exercer domínio próprio na escolha de recreação e lazer apropriados a jovens cristãos que, estão se preparando para o reino dos céus. Também é dos pais a responsabilidade de conduzirem os filhos a firmarem um compromisso no esperar até o casamento para desfrutarem o privilégio do relacionamento sexual.

5. MANIFESTANDO INTERESSE E TEMPO PARA OS FILHOS

Disse o sábio Salomão que os filhos são a herança do Senhor (SI 127:3). Ter filhos é, ao mesmo tempo, um elevado privilégio e também uma séria responsabilidade. O principal “retorno” que os pais podem prestar a Deus se encontra na “educação e instrução dos filhos para serem cristãos”.²⁵ Além da transmissão de princípios e valores aos filhos, os pais precisam investir tempo com eles, “concedei algumas de vossas horas de lazer aos filhos; associai-vos com eles no trabalho e nos esportes, e ganhai-lhes a confiança. Cultivai-lhes a amizade”.²⁶

A negligência do devido tempo a ser passado com os filhos pode lhes ser crucial. Lastimavelmente, alguns pais cristãos seguem a “onda” secular de dedicar a maior parte do seu tempo para obterem meios e recursos para a educação dos filhos, ao invés de investirem em qualidade de tempo com eles. Um estudo com sete mil mulheres que trabalhavam em boates de *strip-tease*, revelou que a maioria delas vinha de lares onde o pai estava ausente. A



maioria delas disse estar, provavelmente, procurando a atenção masculina que nunca havia recebido na infância.²⁷

Outra problemática intimamente afetada pela ausência do pai é a do crescente índice de homossexualismo. Quando alguém sai pelas ruas à procura de um parceiro sexual, na verdade a busca dele não é primeiramente sexo, mas intimidade. A maioria das buscas do homossexual reflete a procura para encontrar o pai.²⁸

Também é necessário que os pais se interessem em saber quem são os amigos dos seus filhos, com quem eles saem, aonde vão, etc.²⁹ Se porventura vierem a deixar “de escolher para seus filhos companhia conveniente, se permitem que se associem com jovens de moral duvidosa, colocam-nos ou permitem que eles se coloquem numa escola em que são ensinadas e praticadas lições de depravação”.³⁰ Em pesquisa feita com 1.374 jovens adventistas, constatou-se que os filhos que têm pais que se interessam em saber quem são os seus amigos e estabelecem limites de tempo e lugar para freqüentarem, tendem a se envolver menos com relações sexuais pré-maritais.³¹

Outra maneira de demonstrar interesse nos filhos é a aplicação da devida disciplina, quando esta se torna imperiosa. Por vezes os pais têm dúvidas quanto ao princípio a ser seguido no emprego do corretivo. Ellen White orienta que a “vara” só deve ser utilizada quando os demais recursos falharem: “se medidas mais brandas se mostrarem insuficientes, deve administrar-se com amor o castigo que levará a criança à compreensão de seus deveres”.³² Ainda guardo na lembrança um incidente vivido quando eu tinha cerca de seis ou sete anos. Era noite e já havíamos jantado. Eu sabia que havia um determinado bolo na geladeira e fiquei “atormentando” minha mãe para que ela me desse um pedaço. Em determinado momento, meu pai que estava lendo algo à distância, levantou-se e disse que eu já havia jantado e que não importunasse minha mãe. Não adiantou, continuei a pedir. Então ele tirou sua cinta e me aplicou um “corretivo”. Lembro-me muito bem que doeu bastante, mas foi eficaz. Isto confirma as palavras de Ellen White, “Freqüentemente um só destes corretivos será suficiente para mostrar por toda a vida que não está observando a disciplina”.³³

6. SERVIR POR AMOR

“Deus é amor” (1Jo 4:8). Isto Ele revelou ao enviar Seu Filho Jesus ao mundo (Jo 3:16). Durante Sua vida aqui na terra, Jesus viveu para servir por amor: “percorria Jesus todas as cidades e povoados, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do reino e curando toda sorte de doenças e enfermidades” (Mt 9:35). Seu serviço para a promoção do bem pode ser resumido pelos três verbos, “ensinando”, “pregando” e “curando”.

Servir por amor. Este é o princípio central a ser ensinado aos nossos filhos. Evidentemente, é um princípio a ser demonstrado no viver diário e deve começar no lar. As crianças devem ser ensinadas a cumprirem sua parte nas tarefas da família. Além de lhes mostrar como fazer o trabalho útil, os pais precisam ensiná-las a buscarem a excelência na execução – todo trabalho, por mais simples que seja, sempre deve ser bem feito. Ao incentivarem o “espírito de serviço desinteressado no lar, os pais estão atraindo os filhos para mais perto de Cristo, que é a personalização do desprendimento”.³⁴

Uma das fases cruciais na vida de nossos filhos é a que envolve a escolha do curso preparatório para o exercício da profissão futura (que enorme desafio nesta época de incentivo à busca do lucro e realização pessoal a qualquer custo). Nossos filhos precisam ter bem clara a noção de que, mais importante do que a carreira é a motivação correta a ser seguida nesta escolha. Neste caso, o princípio do serviço desinteressado, aprendido no lar, é que deve ser aplicado. Eles poderão optar por serem professores, engenheiros, empresários, profissionais liberais, ou quem sabe, um missionário além-mar que irá pregar o evangelho para pessoas que não conhecem a Cristo. Independentemente do meio de sobrevivência a ser escolhido, a inspiração afirma, “todos são igualmente chamados como missionários para Deus, ministros de misericórdia para o mundo. Devem obter uma educação que os ajude a permanecer ao lado de Cristo em abnegado serviço”.³⁵

7. CONCLUSÃO

Da mesma maneira como os israelitas foram incumbidos com o dever de instruir os filhos em toda a lei do Senhor, os cristãos da atualidade também precisam educar os seus filhos conforme os princípios da Bíblia. Os princípios cristãos de educação são incutidos no



coração dos nossos filhos, por meio dos cultos matutino e vespertino, e também, mediante o esforço de conscientização sobre a necessidade de uma prática devocional diária de oração e estudo das Escrituras. Não é preciso uma longa lista, bastam alguns princípios fundamentais para que nossos filhos saibam proceder adequadamente: misericórdia, amor, justiça, bondade, verdade e honestidade. Deste modo, eles estarão habilitados a decidir e agir apropriadamente em qualquer circunstância da vida, especialmente naquelas que são probantes e exigem um apego incondicional a promoção da causa do bem.

Naturalmente, é no lar que os filhos recebem as primeiras lições de domínio próprio. Elevado princípio, que hoje, mais do que nunca, é exigido das pessoas. É requerido nas atividades mais simples como alimentação, recreação, mas especialmente, naquelas que são mais complexas como as governamentais, educacionais e religiosas. As crianças e jovens devem ser treinadas no exercer domínio próprio em áreas vitais como leituras sadias, uso da TV e da internet, como também no estabelecimento do compromisso de esperar até o casamento pelo privilégio das relações sexuais.

O crescente índice de pessoas que se envolve com homossexualismo e prostituição revela um dado preocupante: uma das principais causas se encontra na ausência física e emocional da figura paterna em suas vidas. Quão relevante é que os pais expressem interesse e atenção pelos filhos. Isto implica boa qualidade de tempo a eles, dedicado para recreação conjunta, além daquela boa “cobrança” para saber aonde os filhos vão e quem são os seus companheiros. Outra maneira de demonstrar interesse é pela aplicação da correta disciplina. A regra a ser seguida é de que a “vara” corretiva só deve entrar em ação quando os filhos revelarem um comportamento ostensivamente rebelde.

Por fim, o princípio mais elevado a ser ensinado aos filhos é o do serviço abnegado, movido por amor altruísta. Como Jesus, cada cristão vive para servir. À luz do que é transmitido pela inspiração, não importa o tipo de trabalho que a pessoa exerce, uma vez que seja motivado pelo espírito desinteressado de serviço, este é visto por Deus como legítimo trabalho missionário. Que nós sejamos habilitados por Deus a inspirar em nossos filhos o espírito do serviço mais elevado: servir por amor, assim como Cristo serviu.

NOTAS DE REFERÊNCIA

¹ Salvo indicação contrária, todas as referências neste artigo são da Versão de João Ferreira de Almeida (São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993).

² Duane L. Christensen, Dt 6:4, *Word Biblical Commentary (WBC)*, Volume 6A: Deuteronomy 1-11 em *Logos Bible Software* (Oak Harbor, WA: Logos Research Systems, 1999), em 1CD-ROM.

³ Ibid.

⁴ *Shama, Theological Wordbook of the Old Testament* em *BibleWorks 4.0* (Big Fork, MT: Hermeneutika, 1999), em 1CD-Rom.

⁵ Christensen, Dt 6:6, *WBC*, em 1CD-ROM.

⁶ Friedrich Baumgärtel, Kardía, *Theological Dictionary of the New Testament (TDNT)*, ed. Gerhard Kittel (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1979), 3:605-607.

⁷ Ellen G. White, *Conselhos aos pais, professores e estudantes* em *Obras de Ellen G. White* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, s.d.), 108, 1CD-Rom.

⁸ Idem, *Evangelismo* em *Obras de Ellen G. White* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, s.d.), 499, 1CD-Rom.

⁹ Idem, *Conselhos aos pais, professores e estudantes*, 61, em 1CD-Rom.

¹⁰ Idem, *Mente, caráter e personalidade* em *Obras de Ellen G. White* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, s.d.), 1:149, 1CD-Rom.

¹¹ Idem, *Fundamentos da educação cristã* em *Obras de Ellen G. White* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, s.d.), 32, 1CD-Rom.

¹² Idem, *Cristo triunfante* em *Obras de Ellen G. White* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, s.d.), 13, 1CD-Rom.

¹³ Idem, *Conselhos aos pais, professores e estudantes*, 165, em 1CD-Rom.

¹⁴ Para uma melhor noção sobre o teor da reportagem, ver “Corrupção”, *Veja*, 18 de maio de 2005, pesquisa realizada na internet, no site <http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/180505/sumario.html>, no dia 2 de outubro de 2005.

¹⁵ Para um histórico compacto da crise ver, Diogo Mainardi, “O Resumo da Ópera”, *Veja*, 7 de setembro de 2005, pesquisa realizada na internet, no site



<http://veja.abril.com.br/070905/mainardi.html>, no dia 12 de setembro de 2005. Ver também, idem, "Resumo da Ópera 2", *Veja*, 14 de setembro de 2005, pesquisa realizada na internet, no site Site: <http://veja.abril.com.br/140905/mainardi.html>, no dia 21 de setembro de 2005.

¹⁶ Antonio Callado, entrevista concedida a Matinas Suzuki Jr. e Mauricio Stycer, *Folha de São Paulo*, 26 de janeiro de 1997, pesquisa realizada na internet, no site http://fws.uol.com.br/folio.cgi/fsp1997.nfo/query=antonio+callado/doc/{@121}/hit_headings/word_s=4/hits_only?, no dia 26 de maio de 2005.

¹⁷ Carlos H. Cony, "Que Sociedade", *Folha de São Paulo*, 26 de maio de 2005, pesquisa realizada na internet, no site <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz2605200506.htm>, no dia 26 de maio de 2005.

¹⁸ Ellen G. White, *Conselhos aos pais, professores e estudantes*, 107, em 1CD-Rom.

¹⁹ Ellen G. White, *Mensagens escolhidas em Obras de Ellen G. White* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, s.d.), 2:439, 1CD-Rom.

²⁰ Ibid.

²¹ Para uma melhor noção dos problemas atuais da obesidade infantil ver, Alessandra P. de O. N. Perón e outros, "Obesidade Infantil", pesquisa realizada na internet, no site http://www.saudenainternet.com.br/venhajantarcomigo/venhajantarcomigo_17.shtml, no dia 2 de outubro de 2005.

²² Ellen G. White, *Conselhos aos pais, professores e estudantes*, 120-121, em 1CD-Rom.

²³ Natanael B. P. Moraes, *Teologia e ética do sexo para solteiros* (Engenheiro Coelho, SP: Imprensa Universitária Adventista, 2000), 181.

²⁴ Para uma melhor noção dos efeitos nocivos da "propaganda" televisiva do sexo pré e extra-marital ver, Moraes, 181-204.

²⁵ Ellen G. White, *O lar adventista em Obras de Ellen G. White* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, s.d.), 268, 1CD-Rom.

²⁶ Idem, *Conselhos aos pais, professores e estudantes*, 124, em 1CD-Rom.

²⁷ Josh McDowell e Norm Wakefield, *A diferença que o pai faz* (São Paulo: Candeia, 1995), 66.

²⁸ Frank Worten, *Ajudando pessoas a sair da homossexualidade* (Manila, Filipinas: OMF Literature, 1991), 18-19.

²⁹ Ver Idem, *Orientação da criança em Obras de Ellen G. White* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, s.d.), 114, 1CD-Rom.

³⁰ Ellen G. White, *Conselhos aos pais, professores e estudantes*, 120, em 1CD-Rom.

³¹ Moraes, 131.

³² Ellen G. White, *Conselhos aos pais, professores e estudantes*, 116, em 1CD-Rom.

³³ Ibid.

³⁴ Idem, *Orientação da criança*, 352, em 1CD-Rom.

³⁵ Ibid., 483.

ARTIGOS

OS "FILHOS DE DEUS" EM GÊNESIS 6:1-4

Reinaldo W. Siqueira, Ph.D.

Professor de Antigo Testamento do curso de Teologia do Unasp
Centro Universitário Adventista de São Paulo, Campus Engenheiro Coelho
reinaldo.siqueira@unasp.edu.br

RESUMO: Gênesis 6:1-4 é geralmente é tida como uma passagem obscura e de difícil interpretação. Muitos a consideram uma narrativa mitológica que fala acerca do casamento de anjos ou seres celestiais com mulheres humanas. Outros vêem nela um relato acerca do abuso de poder por parte de poderosos reis e governantes do mundo antediluviano. Um terceiro grupo a entende como um relato que narra a apostasia dos descendentes de Sete ao se casarem com mulheres da linhagem caimita. A interpretação dessa passagem tem dividido exegetas judeus e cristãos ao longo dos séculos. O presente estudo aborda o texto, por meio do método da "Leitura Atentiva" (Close Reading), e encontra em seu contexto literário, na sua estrutura, na seqüência da narrativa de Gênesis 4 a 6 e nos temas e palavras aí usados, indícios que apóiam a interpretação da expressão "filhos de Deus" como uma referência aos setitas, e "filhas dos homens" como um referência a mulheres da linhagem caimita.

PALAVRAS-CHAVE: Gênesis, filhos de Deus, filhas dos homens, anjos, deuses, seres humanos.

The "sons of God" in Genesis 6:1-4

ABSTRACT: Genesis 6:1-4 is usually considered as an obscure passage difficult of interpretation. Many consider it as a mythological account depicting the marriage of angels, or other celestial beings, with women. Others see in it a narrative that describes the violence and abuse of power practiced by kings and powerful rulers in the world before the Flood. A third group interprets this passage as an account narrating the apostasy of men of the Sethite lineage when they united themselves in marriage with women from the Cainite family. The present study approaches the text from the perspective of the Close Reading Method. It finds in the literary context, in the text's structure, in the sequence of the narrative in Genesis 4-6, and in the themes and words that are used support for the interpretation of the "sons of Gods" as men from the Sethite lineage and the "daughters of man" as women from the Cainite family.

KEYWORDS: Genesis, sons of God, daughters of man, angels, gods, human beings.

1. Introdução

Gênesis 6:1-4 tem sido considerado como uma das passagens mais obscuras de toda a Bíblia¹. Dificuldades surgem em cada aspecto do texto e esses poucos versos têm provocado muita controvérsia quanto à sua compreensão e ao significado de seus temas². Uma dessas questões controversas diz respeito à identidade dos "filhos de Deus" e das "filhas dos homens", mencionados nesses versos. Quem eram esses "filhos de Deus"? Seriam eles seres sobrenaturais ou simples seres humanos? Quem eram essas "filhas dos homens"? Como entender Gênesis 6:1-4? Seria uma passagem mitológica que fala da união de seres divinos com mulheres humanas, de forma semelhante ao que é encontrado na mitologia grega e na do Antigo Oriente Médio³?

O presente estudo enfocará, primariamente, a questão da identidade dos "filhos de Deus", sendo que, assim fazendo, irá necessariamente abordar o problema da identidade das "filhas dos homens" também⁴.

Esta pesquisa não trata a passagem a partir da perspectiva do Método Histórico-Crítico⁵, antes toma o texto tal como ele é, na sua forma final, o abordando a partir da sua perspectiva canônica⁶. Na primeira seção, será apresentada uma revisão das principais interpretações acerca dos "filhos de Deus", cobrindo os argumentos levantados a favor de cada interpretação e suas implicações para a compreensão da passagem bíblica. A segunda seção trará uma análise do texto na qual serão abordadas as questões da delimitação do texto, problemas textuais, o seu contexto literário e sua estrutura⁷. Então será feita uma proposta de identificação dos "filhos de Deus" a partir da perspectiva de uma "leitura atenta" (Close Reading) do texto. Uma boa exposição da metodologia usada nesse estudo pode ser encontrada na obra sobre exegese do AT de Douglas Stuart⁸.

2. As principais interpretações

Através da história do estudo dessa passagem, três interpretações têm se destacado: A primeira, a interpretação mitológica, na qual os "filhos de Deus" são vistos como seres celestes, sendo ou anjos ou deuses. A segunda, a interpretação real, na qual eles são considerados como sendo reis ou governantes, homens com *status* de realeza. A terceira, a interpretação setita, a qual os considera como sendo os descendentes de Sete, homens da linhagem dos fiéis a Deus dentre os descendentes de Adão. Na seqüência, cada interpretação será revisada com um foco na perspectiva de cada uma e nos seus argumentos⁹.

2.1. A interpretação mitológica

A interpretação dos "filhos de Deus" como seres celestes era bem comum na antiga literatura judaica. O livro de *1 Enoque*, capítulos 6 e 7, o *Livro dos Jubileus*, capítulo 5, Filo de Alexandria (*De Gigant* 2:358), Josefo (*Ant.* 1.31), os Manuscritos do Mar Morto (*1QapGen* 2:1; *CD* 2:17-19) identificaram os "filhos de Deus" como sendo anjos¹⁰. Alguns dos primeiros exegetas cristãos (como Justino, Clemente de Alexandria e Tertuliano) fizeram o mesmo¹¹.

A interpretação mitológica é também a mais comum entre os acadêmicos de hoje. Alguns desses acadêmicos, permanecendo dentro de um contexto mais "bíblico", identificam os "filhos de Deus" com os anjos¹². Outros, aceitando a passagem como originária de um contexto politeísta, vêem os "filhos de Deus" como seres divinos, deuses mitológicos que teriam vindo à terra e se unido em casamento com mulheres humanas¹³.

Os principais argumentos apresentados a favor da interpretação mitológica são: Primeiro, em outras partes do AT, a expressão "filhos de Deus" se refere a seres celestes, a criaturas divinas (como em Sl 29:1; 89:7; Jó 1:6; 2:1). Segundo, o contraste entre as expressões "filhos de Deus" e "filhas dos homens" indica seres de natureza diferente entre si. O primeiro grupo é divino e celestial, enquanto o segundo é humano e terrestre. Terceiro, os paralelos encontrados na literatura mitológica das culturas contemporâneas ao antigo Israel, as quais também falam desse tipo de casamento entre os deuses e mulheres. Atenção especial é dada à literatura ugarítica, que usa a expressão "filhos de Deus" em referência aos membros do seu panteão divino¹⁴.

2.2. A interpretação real

Nessa interpretação, a expressão "filhos de Deus" é vista como se referindo a reis, a governantes poderosos que estabeleceram haréns reais pela força ou que violentavam mulheres de forma indiscriminada. Esta interpretação é também encontrada na antiga literatura judaica. O *Targum Onkelos* e o *Targum Jonathan* traduzem a expressão "filhos de Deus" como "filhos dos nobres" (*b^enêy rav^evânayyâ'*); na LXX, Símacus traduziu a expressão por "filhos dos poderosos" (*hoi huiói dunasteuóntôn*). Vários exegetas judeus seguiram essa interpretação¹⁵, e assim o fizeram alguns intérpretes cristãos, às vezes com uma certa *nuance*¹⁶.

Os principais argumentos a favor dessa interpretação são: Primeiro, os juízes são aparentemente identificados com os deuses e os filhos do Altíssimo em Salmo 82. O rei davídico é chamado de "filho de Deus" em 2 Samuel 7:14 e Salmo 2:7. Além dessa evidência bíblica, existe também a evidência das culturas antigas, nas quais os reis eram identificados como tendo uma origem divina. Segundo, esta interpretação toma a sério a frase "tomaram para si mulheres, as que, entre todas, mais lhe agradaram", que indica verdadeiros casamentos e não um tipo de união mitológica. Esta frase fala também acerca do poder dos reis de fazer o que bem quisessem. Terceiro, essa interpretação torna inteligível o julgamento divino que sobreveio sobre toda a humanidade, em vez de atingir somente aqueles que estiveram envolvidos no ato em si



(os "filhos de Deus", as "filhas dos homens" e seus filhos). Na ideologia oriental não é incomum que o destino de todo o povo esteja ligado ao destino do seu rei¹⁷.

2.3. A interpretação setita

Essa interpretação identifica os "filhos de Deus" com homens descendentes da linhagem de Sete, ou seja, daqueles que tinham se mantido fiéis a Deus (Gn 5). As "filhas dos homens" seriam mulheres da ímpia linhagem de Caim (Gn 4:17-24). Este modo de interpretar o texto tem sido muito comum no meio cristão desde os tempos patrísticos¹⁸. Hoje, ele é mais comum no meio cristão conservador, mas há alguns exegetas mais liberais que o adotam também¹⁹.

Os principais argumentos a favor dessa interpretação são: primeiro, homens eram também chamados de "filhos de Deus" na Bíblia (Êx 4:22, 23; Dt 14:1; 32:5,6; Sl 73:15; 82:6; Os 1:10; Mt 1:6). Segundo, não há nenhuma referência na Bíblia que apóie a idéia de que anjos ou demônios sejam seres dotados de funções sexuais, enquanto que o contrário é expressamente declarado em Mateus 22:30. A idéia, mesmo de sexo em relação a Deus ou os anjos, é algo totalmente alheio ao pensamento hebraico. Terceiro, no contexto que precede o capítulo 6, a família de Sete é diferenciada da família de Caim num plano religioso. Os Setitas eram aqueles que invocavam "o nome do Senhor" (Gn 4:26); enquanto que os Caimitas eram os descendentes de uma linhagem ímpia (Gn 4:17-24). Quarto, a expressão "tomar mulher" (*lâqach yishshâh*) é uma expressão comum no AT para o casamento e não denota nenhuma relação anormal entre anjos e seres humanos. Quinto, o vs. 3 deixa claro que o juízo divino concernia o ser humano somente. Se os "filhos de Deus" eram anjos, alguma referência de juízo sobre eles deveria aparecer no texto também. No entanto, o juízo cai somente sobre os homens. Portanto, o texto parece indicar que somente a humanidade esteve envolvida na falta que foi cometida²⁰.

2.4. Avaliação das três principais interpretações

Ao se analisar as três principais interpretações, pode-se observar que cada uma tem fortes argumentos a seu favor. A Bíblia usa o termo "filhos de Deus" tanto para seres celestes, como para governantes e reis, como também para simples homens que faziam parte do povo de Deus. Cada interpretação, portanto, encontra apoio no texto bíblico. Tanto a interpretação mitológica como a real têm paralelos nas idéias, costumes e mitos encontrados no mundo antigo. Este fato constitui em si um forte argumento a favor delas aos olhos da maioria dos exegetas modernos. Para aqueles que apóiam a interpretação setita, geralmente o testemunho da Bíblia, e especialmente as palavras de Jesus, acerca da natureza dos anjos se constitui no mais forte argumento dessa interpretação.

No entanto, cada interpretação deixa em aberto muitas questões. O aceitar a interpretação mitológica, por exemplo, implica na negação do claro testemunho do resto das Escrituras e de Jesus (Mt 22:30) acerca da natureza dos anjos. Além disso, permanece também o questionamento quanto a razão de toda humanidade sofrer juízo pelo pecado de alguns seres celestes com algumas mulheres humanas²¹.

Contra a interpretação real tem se levantado o questionamento de que, apesar de ser encontrado referência a reis como "filhos de Deus" no Egito, na Mesopotâmia e em Canaã; em Israel esse tipo de linguagem parece estar restrita à retórica da corte e a composições poéticas, nunca sendo encontrada no Antigo Testamento, pelo menos, em textos com o estilo de simples narrativa como em Gênesis 6. Além disso, o termo "filho de Deus" nunca é atestado no Antigo Oriente Médio como uma referência genérica a reis, mas somente em referência específica a um certo rei²².

Contra a interpretação setita tem sido objetado que visto o termo "homem" ser usado no vs. 1 como uma referência a toda a humanidade, no vs. 2 ele deve ser entendido também de modo genérico e não específico, como se referisse à linhagem caimita. Em Gênesis 6:1-2 se encontra, portanto, um contraste entre seres humanos e celestiais²³.

Em vista da força dos argumentos tanto a favor como contra essas interpretações, e em vista que todas as três clamam estar bem fundamentadas na Bíblia, nos parece que a questão poderia ser decidida somente a partir de uma investigação detalhada do próprio texto bíblico e do seu contexto. Este é o propósito da próxima seção.

3. Estudo exegético de Gênesis 6:1-4

3.1. O texto

Num primeiro passo, procuraremos confirmar os limites da passagem e lidar com seus principais problemas textuais antes de trabalhar numa tentativa de identificação dos "filhos de Deus".

3.1.1. Delimitação da perícopes

Gênesis 6:1-4 é normalmente considerado como uma unidade literária pela maioria dos exegetas²⁴. De fato, a temática desses quatro versos demonstra que eles estão intimamente interligados. Além dessa unidade temática, o texto foi construído de tal forma a claramente indicar sua unidade:

(1) A expressão *wayhî kî* ... introduz a perícopes de Gênesis 6:1-4. Uma fórmula semelhante irá introduzir a seção seguinte (Gn 6:5-8), onde lemos *wayyar' YHWH kî* ... Portanto, a fórmula *w... kî* ... abre cada uma dessas seções.

(2) No vs. 1, temos a seguinte frase *ûb^enôt yulf^edû lâhem*, essas palavras encontram ressonância no vs. 4, na frase *`el-b^enôt hâ`âdâm w^eyâf^edû lâhem*. Apesar do vs. 1 tratar da questão das filhas que nasceram aos homens, enquanto que o vs. 4 trata dos Nefilim nascido por meio das "filhas dos homens", a seqüência de palavras usadas nos dois versos é muito próxima, e, num nível mecânico, elas se repetem. Essa repetição mecânica parece formar um *inclusio* que enquadra os limites da passagem.

(3) Outra repetição mecânica encontrada no início e no final da passagem é observada também no uso das expressões "filhos de Deus" e "filhas dos homens" que aparecem no início do vs. 2 e do vs. 4.

(4) O advérbio de tempo encontrado no vs. 4 ("naqueles dias") nos remete ao vs. 1, onde é dito que o homem tinha se multiplicado sobre a terra. Essa referência temporal parece corroborar com o vss. 1 e 4 como um *inclusio* a essa unidade textual.

No seu contexto amplo, Gênesis 6:1-4 pertence à primeira parte do livro de Gênesis (capítulos 1-11) a qual trata de temas universais e a questão das origens²⁵. Hoje, é amplamente reconhecido que o livro de Gênesis foi organizado e estruturado com base em genealogias. Cada nova seção do livro é introduzida pelo termo "genealogia" (*tôf^edôt*)²⁶, e Gênesis 6:1-4 pertence à segunda genealogia, a genealogia de Adão (5:1-6:8). Na divisão massorética do texto bíblico, nosso texto pertence ao Seder *dálet* (5:1-6:8)²⁷, o qual corresponde exatamente à genealogia de Adão.

Alguns tomam Gênesis 6:1-4 como uma unidade isolada, sem ter qualquer ligação com o material que a precede e a segue²⁸. Outros a consideram como uma introdução à história do dilúvio que vem logo em seguida²⁹. Outros, no entanto, a consideram como uma conclusão à genealogia de Adão³⁰. Devido a organização do livro de Gênesis em "genealogias", nos parece que o último ponto de vista é o que faz mais justiça ao texto. Essa seção, a genealogia de Adão (5:1-6:8), descreve, junto com o capítulo 4, a história do mundo antes do dilúvio. Ela começa com uma referência à criação de Adão, descreve a multiplicação dos seus descendentes, e conclui com o anúncio da destruição total de todo ser vivo na terra. Gênesis 6:1-4 pertence ao último estágio dessa seção, vindo justo antes do anúncio da destruição total (6:5-8), e é nesse contexto que a passagem precisa ser entendida e analisada.

3.1.2. Problemas textuais

Gênesis 6:1-4 não apresenta muitos problemas textuais. De fato, no texto só existem dois problemas: o primeiro está relacionado com a expressão *b^eshagam* do vs. 3, a qual é normalmente entendida como um composto da preposição *b^e* ("em"), mais o relativo *sh^e* ("que") e o advérbio *gam* ("também"), tendo a expressão como um todo o sentido da conjunção "porque". Vários manuscritos lêem *b^eshagâm*, ou seja, o infinitivo construto do verbo *shâgag* ("errar, pecar sem pensar"), precedido da preposição *b^e* ("em") e seguido do sufixo pronominal *-âm* ("eles, deles"), o que teria o significado "ao eles errarem" ou "ao pecar eles". Segundo o testemunho das antigas versões bíblicas, a leitura *b^eshagam* ("porque") parece ser a mais provável³¹. Assim, essa expressão seria um paralelo à expressão composta hebraica *ba^asher* ("porque")³².

A segunda questão textual envolve o verbo *yâlad* ("nascer") no vs. 4. O texto samaritano tem um 3º. masculino plural, imperfeito hifil com vav consecutivo (*wayyôlîdû*), fazendo assim dos

"filhos de Deus" os sujeitos do verbo; enquanto que o texto massorético tem um 3º. comum plural, perfeito qal com vav conjuntivo (*w^fyâ^fdû*). A forma massorética é ambígua, podendo se referir tanto a um sujeito masculino ou feminino (ver Gn 4:17-18). Visto que o verbo é precedido imediatamente pelas palavras "as filhas dos homens", elas aparentam ser o sujeito do verbo. O texto da LXX é tão ambíguo quanto o massorético, enquanto que o Targum lê um 3º. feminino plural³³. Pela sua ambigüidade e o aparente apoio da LXX, o texto massorético parece ter uma maior probabilidade de refletir o texto original. A forma do texto samaritano parece representar a compreensão de um antigo escriba, como o faz o Targum.

3.2. O contexto

Na seqüência do estudo, será dada atenção ao contexto literário no qual Gênesis 6:1-4 se encontra, como também à sua estrutura literária.

3.2.1. O contexto literário

Como já discutido previamente, Gênesis 6:1-4 pertence à segunda genealogia do livro de Gênesis, a genealogia de Adão (5:1-6:8). Foi observado também que essa genealogia, junto com o capítulo 4, descreve o mundo antes do dilúvio. Essas duas seções têm muitos elementos literários em comum que as interligam entre si. Essa interligação parece prover indícios importantes para a identificação dos "filhos de Deus" em Gênesis 6:1-4.

Um desses elementos literários em comum é o fenômeno das várias semelhanças que ocorrem na descrição das descendências de Caim e de Adão relatadas nos capítulos 4 e 5.³⁴ De fato, nas duas listas aparecem muitos nomes com as mesmas formas ou com significados muito próximos. O mais marcante é o fato de que ambos os relatos atingem o clímax aparentemente ao mesmo tempo de Lameque e seus filhos na linhagem Caimita (Gn 4:19-24), e tempo de Noé, filho de Lameque, da linhagem Setita (Gn 5:28-32). Isto parece indicar que ambos os relatos correm paralelo um ao outro, e o clímax é atingido no tempo junto antes do dilúvio.

Outro aspecto marcante, é que ambos os relatos se encerram com uma seção de transição. O relato Caimita é encerrado por Gênesis 4:25-26, versos que servem também para introduzir na seqüência a descrição da linhagem Setita. Já o relato da linhagem Setita é encerrado por Gênesis 6:1-8, versos que também introduzem a história do dilúvio. Entre essas duas seções de transição existem muitas idéias e expressões paralelas que parecem indicar uma correspondência literária entre si. O 3º. singular perfeito pual do verbo *yâlad* (*yullad*) em 4:26 parece estar em paralelo com forma do 3º. plural (*yull^fdû*) em 6:1. Estas são as duas primeiras ocorrências do pual de *yâlad* em Gênesis, e a forma só será usada novamente a partir do capítulo 10 em diante. Além do pual do verbo *yâlad*, ocorre também a repetição do verbo *châllal* ("começar"). Em 4:26 é dito que o homem "começou [*hûcha*] a invocar o nome do Senhor"; já 6:1 diz "quando o homem começou [*hêché*] a se multiplicar". A repetição dos verbos *yâlad* e *châllal* em 4:26 e 6:1 aponta para existência de um paralelismo entre ambos relatos. Além desses termos, a expressão "tomar mulheres" em 6:2 reflete o uso da mesma expressão em 4:19, onde é dito que Lameque tomou para si duas mulheres. O paralelismo entre os dois relatos é também sugerido pelo uso de outras expressões semelhantes como "foi o pai de", ou "tornou-se o pai de", "nasceu", "filho", "filha", etc.

Esse paralelismo literário parece indicar que ambos os relatos correm paralelo um ao outro, até atingirem o clímax, a situação do mundo justo antes do dilúvio. Dentro desse paralelismo, portanto, Gênesis 6:1-4 descreveria o momento quando os "filhos de Deus", homens da linhagem Setita, passaram a ter o mesmo tipo de atitude que Lameque, o descendente de Caim, descrita em Gênesis 4:19-24. Estaria então Gênesis 6:1-4 descrevendo a fusão das duas linhagens que tinham sido descritas até então? Este parece ser o caso. Gênesis 6:1-4 usa diretamente o vocabulário e os temas que foram construídos nos capítulos precedentes e assim lemos acerca de "filhos", "filhas", "homem", "terra", os verbos "começar", "nascer", "tomar mulher", etc.

Logo, o contexto literário parece apontar para a identificação dos "filhos de Deus" como seres humanos e não como seres celestes ou divinos.

3.2.2. A estrutura literária

Gênesis 6:1-4 parece ter uma estrutura bem simples, a qual poderia ser dividida em quatro partes, cada uma correspondendo a um verso³⁵, assim teríamos:



Declaração introdutória	vs. 1
A crise	vs. 2
O juízo	vs. 3
Conclusão	vs. 4

Esta estrutura simples claramente declara que o juízo (vs. 3) segue a crise (vs. 2) e que está intimamente relacionado com ela. A descrição do juízo divino no vs. 3 concerne o grupo envolvido na crise do vs. 2 e o descreve coletivamente como "homem, pois ele é carnal"³⁶. Portanto, vs. 3 parece confirmar a direção apontada pelo contexto literário, como discutido acima. A estrutura da passagem indica que o clímax da história pré-diluviana foi atingido na fusão de toda humanidade, das linhagens Setita e Caimita, em uma unidade em estado de rebelião contra Deus.

Além disso, os vss. 2 e 3 ressoam vss. 5 e 7,³⁷ reforçando a identificação dos "filhos de Deus" como seres humanos:

- 6:2 Os "filhos de Deus" vêem que "as filhas dos homens" eram boas (formosas)
- 6:5 Deus vê que os pensamentos do homem eram maus
- 6:3 O Senhor disse, "Meu Espírito não agirá para sempre no homem"
- 6:7 O Senhor disse, "Eu destruirei o homem"

Os "ecos" existentes entre esses versos sugerem que cada ação está relacionada com a outra. A ação dos "filhos de Deus" está relacionada com os "pensamentos do homem" do vs. 5, indicando assim um paralelismo entre "filhos de Deus" e "homem". Vss. 3 e 7 apontam para a humanidade como um todo. Portanto, as expressões "filhas dos homens" e "filhos de Deus" pertenceriam ao domínio humano.

3.3. A identidade dos "filhos de Deus"

Nas seções anteriores, vimos que tanto o contexto literário como a estrutura do texto apontam para a identificação dos "filhos de Deus" como seres humanos. No entanto, duas questões ainda permanecem e necessitam ser respondidas concernente a identificação dos "filhos de Deus". A primeira questão: Se os "filhos de Deus" foram seres humanos, teriam sido eles necessariamente membros da linhagem Setita? Não poderia ser uma referência a reis ou a poderosos governantes, como sugerido na Interpretação Real? A segunda pergunta: Se eles eram seres humanos, como entender a expressão "filhas dos homens", que parece usar o termo "homem" de forma genérica e não como uma referência a um grupo específico?³⁸

Concernente a primeira questão, o texto bíblico parece dar uma indicação quanto à identificação dos "filhos de Deus" em Gênesis 4:26 e 5:1-3. Primeiramente, Gênesis 4:26 descreve o início do relacionamento entre um grupo religioso organizado, os descendentes de Sete, e Deus³⁹. Tem sido observado, pelos defensores da Interpretação Setita, que dentro do contexto de uma relação religiosa e de fidelidade a Deus seres humanos têm sido chamados de "filho de Deus" na Bíblia⁴⁰. Além disto, Gênesis 5:1-3 tem algumas características peculiares. Na apresentação da genealogia de Adão, vs. 1 retorna à criação e apresenta Deus como o primeiro membro nessa genealogia. Ele criou o ser humano segundo a Sua imagem (*d'âmût*). Do mesmo modo, Adão gerou seu filho Sete segundo a sua imagem e semelhança (*d'âmût* e *tselem*⁴¹). Deus é aqui claramente colocado como o primeiro membro da linhagem Setita e Sua ação de criar o homem é posta em paralelo, pelo uso do mesmo tipo de palavras, com a ação de Adão de gerar um filho. A ação de Deus e a de Adão são colocadas no mesmo nível no relato genealógico. Deus é verdadeiramente o pai do ser humano (Adão e Eva), quanto Adão era o pai de Sete. Com uma identificação tão clara no início do capítulo 5 não é surpreendente encontrar uma referência aos descendentes de Sete como os "filhos de Deus" em Gênesis 6:1-4.

Quanto à questão acerca das "filhas dos homens", pode-se observar um fenômeno semelhante no texto bíblico. Enquanto no caso dos "filhos de Deus" a referência foi feita ao primeiro membro que aparece na genealogia de Adão, ou seja, a Deus (Gn 5:1); a referência às mulheres caimitas é feita em relação ao primeiro membro da linhagem de Caim, ao Homem (Adão e Eva, ver Gn 4:1)⁴². O texto bíblico lê literalmente "filhas do homem [Adam]" (*b'ênôt hâ'âdâm*). Assim as expressões "filhas dos homens" e "filhos de Deus", em Gênesis 6:1-4, teriam sido enquadradas pelos relatos genealógicos que as precederam nos capítulos 4 e 5. Ambas as expressões parecem fazer referência ao primeiro membro mencionado nestas genealogias.



4. Conclusão

Tendo chegado ao final desse estudo, nos parece que o acúmulo das evidências extraídas do texto apontam para a interpretação Setita. O contexto literário indicou nessa direção, como o fez também a estrutura do texto. Na análise da identidade dos "filhos de Deus" e das "filhas dos homens", um indício final veio do modo como Deus foi introduzido na genealogia de Adão no capítulo 5 de Gênesis. Ele foi apresentado ali como um membro regular dessa genealogia, de fato, como o primeiro membro da mesma. Portanto, não seria nada estranho apresentar os descendentes de Sete como "filhos de Deus". Quanto às "filhas dos homens", Gênesis 6:1-4 fez o mesmo tipo de referência, apontando para Gênesis 4:1, ao Homem (Adão e Eva) como os primeiros membros da genealogia de Caim.

NOTAS

¹ Umberto Cassuto a chama como "um dos mais obscuros" parágrafos no Pentateuco; Robert Davidson a descreve como "uma das passagens mais estranhas de todo o Antigo Testamento"; já John Skinner a designa como uma narrativa "obscura". Ver U. Cassuto, *A Commentary on the Book of Genesis. Part I: From Adam to Noah (Genesis 1-11)* (Jerusalem: Magnes Press, The Hebrew University, 1961), 291; R. Davidson, *Genesis 1-11*, The Cambridge Bible Commentary (Cambridge: University Press, 1973), 69; J. Skinner, *A Critical and Exegetical Commentary on Genesis*, 2nd ed., The International Critical Commentary, vol. 1 (Edinburgh: T. & T. Clark, 1951), 139.

² Ver E. A. Speiser, *Genesis. Introduction, Translation, and Notes*, The Anchor Bible, vol. 1 (New York: Doubleday, 1964), 45.

³ Ver E. G. Kraeling, "The Significance and Origin of Gen. 6:1-4," *Journal of Near Eastern Studies* 6 (1947): 193-208; C. Westermann, *Genesis 1-11. A Commentary* (Minneapolis: Augsburg Publishing House, 1984), 379-381.

⁴ Ao falar acerca de Gn 6:1-4, Brevard S. Childs observa que "é crucial para a compreensão dessa passagem que possamos determinar o significado do termo 'filhos de Deus', todos os outros elementos estão relacionados a ele. Ver B. S. Childs, *Myth and Reality in the Old Testament*, Studies in Biblical Theology, no. 27 (Naperville, IL: Alec R. Allenson, 1960), 49.

⁵ Isto quer dizer o Método Histórico-Crítico do AT em seus três ramos principais: Criticismo das Fontes, Criticismo da Forma, Criticismo das Tradições. Ver G. F. Hasel, *Biblical Interpretation Today. An Analysis of Modern methods of Biblical Interpretation and proposals for the Interpretation of the Bible as the Word of God* (Washington, DC: Biblical Research Institute, 1985), 6.

⁶ Para uma discussão acerca do Método Canônico ver B. S. Childs, *Introduction to the Old Testament as Scripture* (Philadelphia: Fortress, 1989), 69-83.

⁷ Não trataremos acerca do gênero literário, pois, além de seu caráter como uma narrativa, Gênesis 6:1-4 não parece ter qualquer outro gênero em particular. Ver G. W. Coats, *Genesis with an Introduction to Narrative Literature*, The Forms of the Old Testament Literature, vol. 1 (Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans, 1983), 86.

⁸ Ver D. Stuart, *Old Testament Exegesis. A Primer for Students and Pastors*, 2nd ed., rev. and enl. (Philadelphia: Westminster Press, 1984).

⁹ Para uma análise dessas interpretações ver P. S. Alexander, "The Targumim and Early Exegesis of 'Sons of God' in Genesis 6," *Journal of Jewish Studies* 23 (1972): 60-71; L. Pirot and A. Clamer, eds., *La Sainte Bible. Texte latin et traduction française d'après les textes originaux avec un commentaire exégétique et théologique* (Paris: Letouzey et Ané, 1953), 1:175-177; G. J. Wenham, *Genesis 1-15*, Word Biblical Commentary, vol. 1 (Waco, TX: Word Books, 1987), 139-140.

¹⁰ Ver Wenham, 139. Não concordamos com Wenham, no entanto, na sua posição de que a Septuaginta e o NT (2Pe 2:4; Jd 6,7) interpretam os "filhos de Deus" como sendo anjos. A Septuaginta traduz a expressão hebraica בְּנֵי הָאֱלֹהִים, em Gn 6:2 e 4, como *hoi huiói tou theou* e não como *hoi ángeloi tou theou*, como ela o faz em Jó 1:6 e 2:1, por exemplo. Em Jó, a Septuaginta claramente entendeu os "filhos de Deus" como sendo anjos, mas este não é o caso em Gn 6. O Códex Alexandrinus tem *hoi ángeloi tou theou* em Gn 6:2, no entanto, esta frase parece ter sido escrita sobre a frase original *hoi huiói tou theou*, a qual teria sido apagada nesse verso, mas foi mantida no vs. 4 desse códex. Para mais discussão ver Alexander, 63-64. Quanto ao NT, as duas passagens salientadas por Wenham não necessariamente se referem a Gn 6. O

pecado dos anjos mencionado em 2Pe 2:4, pode se referir a rebelião de um grupo de anjos contra Deus antes da queda do homem. A seqüência dos eventos descrita em 2Pe 2:4-10 pode ser entendida como se referindo à rebelião dos anjos no céu, depois ao dilúvio, e então à destruição de Sodoma e Gomorra. Além disto, em outras partes da Bíblia, o fato dos anjos rebeldes terem sido atirados ao inferno, está ligado à expulsão desses depois da rebelião no céu e não com o casamento com seres humanos ver Ap 12:7-12. Em Jd 6 e 7 a comparação entre os anjos caídos e Sodoma e Gomorra enfatiza a semelhança do juízo de Deus sobre ambos e não necessariamente uma semelhança de pecado cometido por eles.

¹¹ Justin, *Apologia*, II,5; Clement of Alexandria, *Stromata*, II,vii; Tertullian, *De idolis*, IX; and others, cf. Pirot and Clamer, 175.

¹² Ver Cassuto, 292-294; *The Interpreter's Bible* (New York and Nashville: Abingdon, 1952), 1: 533-534; D. Kidner, *Genesis. An Introduction and Commentary*, The Tyndale Old Testament Commentaries (Chicago: Inter-Varsity, 1967), 83-84; G. von Rad, *Genesis. A Commentary*, The Old Testament Library (Philadelphia: Westminster Press, 1961), 110; Skinner, 141-143.

¹³ A maioria dos comentaristas que adotam a interpretação mitológica hoje mantém esse ponto de vista. Ver W. Brueggemann, *Genesis, Interpretation* (Atlanta: John Knox Press, 1982), 71; Childs, *Myth and Reality*, 49, 54-55; R. S. Hendel, "Of Demigods and the Deluge: Toward an Interpretation of Genesis 6:1-4," *Journal of Biblical Literature* 106 (1987):13-26; R. Marrs, "The Sons of God (Genesis 6:1-4)," *Restoration Quarterly* 23 (1980): 218-224; D. L. Petersen, "Genesis 6:1-4, Yahweh and the Organization of the Cosmos," *Journal for the Study of the Old Testament* 13 (1979): 58-59; J. van Seters, "The Primeval Histories of Greece and Israel Compared," *Zeitschrift für die Alttestamentliche Wissenschaft* 100 (1988):5-9; Speiser, 44; Wenham, 140.

¹⁴ Ver Wenham, 139 para essas três razões.

¹⁵ Ver Alexander, 62; M. M. Kasher, *Encyclopedia of Biblical Interpretation. Tôrah Sh'lemâh, A Millennial Anthology* (New York: American Biblical Encyclopedia Society, 1953), 1: 182-183.

¹⁶ Meredith G. Kline considera que os "filhos de Deus" é uma referência a uma dinastia Caimita que governava o mundo antes do dilúvio, de acordo com o relato pré-diluviano. Ela apóia seus argumentos sobre o paralelismo acerca do motivo da realeza em Gn 4-6 e a tradição sumero-babilônica sobre o mundo pré-diluviano. Essa tradição apresenta a realeza como de origem celestial e fala acerca dos reis que reinavam sobre as cidades. A. J. Greig aceita a identificação real dos "filhos de Deus", mas argumenta que o autor Javista tomou esse mito antigo e o aplicou a Davi e seus descendentes, os quais transgrediram a ordem social, legal e moral estabelecida por Deus. Greig aceita a explicação etiológica que Claus Westermann dá para Gn 6:1-2. David J. A. Clines sugere uma combinação entre as interpretações mitológicas (angélicas) e real, os "filhos de Deus seriam então tanto seres divinos e governantes antediluvianos". Ver M. G. Kline, "Divine Kingship and Genesis 6:1-4," *Westminster Theological Journal* 24:2 (1962):187-204; A. J. Greig, "Genesis 6:1-4. The Female and the Fall," *Michigan Quarterly Review* 26:3 (summer 1987): 483-496; Westermann, 365-368, 370-373; D. J. A. Clines, "The Significance of the 'Sons of God' Episode (Genesis 6:1-4) in the Context of the 'Primeval History' (Genesis 1-11)," *Journal for the Study of the Old Testament* 13 (1979): 33-46.

¹⁷ Ver Wenham, 140; e Clines, 34 para essas três principais razões a favor da interpretação real.

¹⁸ Julius Africanus (c. 160-240 A.D.) parece ter sido o primeiro defensor da interpretação setita. Para uma breve história dessa interpretação, ver Alexander, 63; e Pirot e Clamer, 175-177.

¹⁹ Para alguns representantes entre especialistas conservativos e liberais ver H. Kaupel, "Zur Erklärung von Gen. 6, 1-4," *Biblica* 16 (1935): 205-212; C. F. Keil and F. Delitzsch, *Biblical Commentary on the Old Testament* (Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans, 1952), 3: 127-134; J. Murray, *Principles of Conduct. Aspects of Biblical Ethics* (Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans, 1957), 243-249; *Seventh-day Adventist Bible Commentary* (Washington, DC: Review and Herald, 1953), 1:250; J. T. Willis, *Genesis* (Austin, TX: Sweet Publishing Co., 1979), 161-165.

²⁰ Ver Murray, 244-247 para uma revisão desses cinco pontos e de outros mais.

²¹ Esta tem sido uma das principais objeções à interpretação mitológica. Ver Clines, 34.

²² Ibid.

²³ Ver *ibid.*, 33; e Childs, 49.

²⁴ Ver Brueggemann, 23,70-71; Cassuto, 290-291; Coats, 85-86; Speiser,44-46; Wenham, 136; Westermann, 368.

²⁵ Do capítulo 12 em diante o texto trata das origens de Israel e não tem mais a perspectiva universal dos capítulos anteriores.

²⁶ Assim, teríamos a seguinte organização do livro de Gênesis:



Prólogo, 1:1-2:3

- 1) *Tôp dôt* dos céus e da terra, 2:4-4:26
- 2) *Tôp dôt* de Adão, 5:1-6:8
- 3) *Tôp dôt* de Noé, 6:9-9:29
- 4) *Tôp dôt* dos filhos de Noé, 10:1-11:9
- 5) *Tôp dôt* de Sem, 11:10-26
- 6) *Tôp dôt* de Terá, 11:27-25:11
- 7) *Tôp dôt* de Ismael, 25:12-18
- 8) *Tôp dôt* de Isaque, 25:19-35:29
- 9) *Tôp dôt* de Esaú, 36:1-37:1
- 10) *Tôp dôt* de Jacó, 37:2-50:26

Ver Wenham, xxii. Para a importância das genealogias como elemento de organização do texto ver também Westermann, 6; e Coats, 30.

²⁷ O livro de Gênesis foi dividido pelos Massoretas em 45 "ordens" (*sêdârîm*) e Gn 6:1-4 pertence à quarta ordem. Ver K. Elliger e W. Rudolph, eds., *Biblia Hebraica Stuttgartensia*, 2nd ed., corrected (Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1984), 7.

²⁸ Ver Brueggemann, 70-71.

²⁹ Ver Coats, 85; Speiser, 46.

³⁰ Ver Cassuto, 249-250; Wenham, 136.

³¹ Assim foi entendido pela Septuaginta, a Peshita, os Targumim e a Vulgata. Ver Elliger e Rudolph, 8, aparato crítico sobre 6:3.

³² para uma discussão sobre essa forma ver Cassuto, 296; Wenham, 136.

³³ Ver A. E. Brooke e N. McLean, eds., *The Old Testament in Greek*, vol. 1, *The Octateuch*, part 1, *Genesis* (Cambridge: Cambridge University Press, 1906), 13; A. Sperber, *The Bible in Aramaic*, vol. 1, *The Pentateuch According to Targum Onkelos* (Leiden: E. J. Brill, 1992), 9.

³⁴ Ver Skinner, 138.

³⁵ Ver Coats, 84-85.

³⁶ Ver L. Eslinger, "A Contextual Identification of the *bene ha'elohim* and *benoth ha'adam* in Genesis 6:1-4," *Journal for the Study of the Old Testament* 13 (1979): 65; Murray, 245-246.

³⁷ Ver Wenham, 137.

³⁸ Esta é provavelmente a principal objeção da parte daqueles que defendem a interpretação mitológica. Ver Childs, 49.

³⁹ Ver Wenham, 116.

⁴⁰ Ver Keil e Delitzsch, 128-130.

⁴¹ *Tselem* é a outra palavra usada no relato da criação do homem em Gn 1:26 e 27.

⁴² Não concordamos com Eslinger, que vê nos "filhos de Deus" uma referência aos Caimitas e nas "filhas dos homens" uma referência a mulheres Setitas. Ver Eslinger, 65-72. Parece-nos que o texto aponta em outra direção.

Bibliografia

Alexander, P. S. "The Targumim and Early Exegesis of 'Sons of God' in Genesis 6." *Journal of Jewish Studies* 23 (1972): 60-71.

Brueggemann, W. *Genesis*. Interpretation. Atlanta: John Knox Press, 1982.

Cassuto, U. *A Commentary on the Book of Genesis. Part I: From Adam to Noah (Genesis 1c-VI g)*. Jerusalem: Magnes Press, The Hebrew University, 1961.

Childs, B. S. *Myth and Reality in the Old Testament*. Studies in Biblical Theology, no. 27. Naperville, IL: Alec R. Allenson, 1960.

_____. *Introduction to the Old Testament as Scripture*. Philadelphia: Fortress, 1989.

Clines, D. J. A. "The Significance of the 'Sons of God' Episode (Genesis 6:1-4) in the Context of the 'Primeval History' (Genesis 1-11)." *Journal for the Study of the Old Testament* 13 (1979): 33-46.



- Coats, G. W. *Genesis with an Introduction to Narrative Literature*. The Forms of the Old Testament Literature, vol. 1. Grand Rapids, MI: Wm. Eerdmans, 1983.
- Davidson, R. *Genesis 1-11*. The Cambridge Bible Commentary. Cambridge: University Press, 1973.
- Elliger, K. e W. Rudolph, eds. *Biblia Hebraica Stuttgartensia*. 2nd ed., corrected. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1984.
- Eslinger, L. "A Contextual Identification of the *bene ha'elohim* and *benoth ha'adam* in Genesis 6:1-4." *Journal for the Study of the Old Testament* 13 (1979): 65-73.
- Greig, A. J. "Genesis 6:1-4. The Female and the Fall." *Michigan Quarterly Review* 26:3 (summer 1987): 483-496.
- Hasel, G. F. *Biblical Interpretation Today. An Analysis of Modern Methods of Biblical Interpretation and proposals for the Interpretation of the Bible as the Word of God*. Washington, DC: Biblical Research Institute, 1985.
- Hendel, R. S. "Of Demigods and the Deluge: Toward an Interpretation of Genesis 6:1-4." *Journal of Biblical Literature* 106 (1987): 13-26.
- Interpreter's Bible*. 12 vols. New York and Nashville: Abingdon, 1952.
- Kasher, M. M. *Encyclopedia of Biblical Interpretation. Tôrâh Sh^êlêmâh, A Millenial Anthology*, vol. I. New York: American Biblical Encyclopedia Society, 1953.
- Kaupel, H. "Zur Erklärung von Gen. 6, 1-4." *Biblica* 16 (1935): 205-212.
- Kautzsch, E., ed. *Gesenius' Hebrew Grammar*, 2nd ed. Oxford: Clarendon, 1988.
- Keil, C. F. e F. Delitzsch. *Biblical Commentary on the Old Testament*. Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans, 1952.
- Kidner, D. *Genesis. An Introduction and Commentary*. The Tyndale Old Testament Commentaries. Chicago: Inter-Varsity, 1967.
- Kline, M. G. "Divine Kingship and Genesis 6:1-4." *Westminster Theological Journal* 24:2 (1962):187-204.
- Kraeling, E. G. "The Significance and Origin of Gen. 6:1-4." *Journal of Near Eastern Studies* 6 (1947): 193-208.
- Marrs, R. "The Sons of God (Genesis 6:1-4)." *Restoration Quarterly* 23 (1980): 218-224.
- Murray, J. *Principles of Conduct. Aspects of Biblical Ethics*. Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans, 1957.
- Petersen, D. L. "Genesis 6:1-4, Yahweh and the Organization of the Cosmos." *Journal for the Study of the Old Testament* 13 (1979):47-64.
- Pirot, L. e A. Clamer, eds. *La Sainte Bible. Texte latin et traduction française d'après les textes originaux avec un commentaire exégétique et théologique*. Vol. 1. Paris: Letouzey et Ané, 1953.
- Seventh-day Adventist Bible Commentary*. Vol. 1. Washington, DC: Review and Herald, 1953.
- Skinner, J. *A Critical and Exegetical Commentary on Genesis*. 2nd ed. The International Critical Commentary, vol. 1. Edinburgh: T. & T. Clark, 1951.



Speiser, E. A. *Genesis. Introduction, Translation, and Notes*. The Anchor Bible, vol. 1. New York: Doubleday, 1964.

Stuart, D. *Old Testament Exegesis. A Primer for Students and Pastors*. 2nd ed., rev. and enl. Philadelphia: Westminster Press, 1984.

van Seters, J. "The Primevernal Histories of Greece and Israel Compared." *Zeitschrift für die Alttestamentliche Wissenschaft* 100 (1988): 1-22.

von Rad, G. *Genesis. A Commentary*. The Old Testament Library. Philadelphia: Westminster Press, 1961.

Wenham, G. J. *Genesis 1-15*. Word Biblical Commentary, vol. 1. Waco, TX: Word Books, 1987.

Westermann, C. *Genesis 1-11. A Commentary*. Minneapolis: Augsburg Publishing House, 1984.

Willis, J. T. *Genesis*. Austin, TX: Sweet Publishing Co., 1979.

ARTIGOS

THE "SONS OF GOD" IN GENESIS 6:1-4

Reinaldo W. Siqueira, Ph.D.

Professor de Antigo Testamento no curso de Teologia
Centro Universitário Adventista de São Paulo, Campus Engenheiro Coelho
reinaldo.siqueira@unasp.edu.br

ABSTRACT: Genesis 6:1-4 is usually considered as an obscure passage difficult of interpretation. Many consider it as a mythological account depicting the marriage of angels, or other celestial beings, with women. Others see in it a narrative that describes the violence and abuse of power practiced by kings and powerful rulers in the world before the Flood. A third group interprets this passage as an account narrating the apostasy of men of the Sethite lineage when they united themselves in marriage with women from the Cainite family. The present study approaches the text from the perspective of the Close Reading Method. It finds in the literary context, in the text's structure, in the sequence of the narrative in Genesis 4-6, and in the themes and words that are used support for the interpretation of the "sons of Gods" as men from the Sethite lineage and the "daughters of man" as women from the Cainite family.

KEYWORDS: Genesis, sons of God, daughters of man, angels, gods, human beings.

1. INTRODUCTION

Gen 6:1-4 has been considered as one of the most obscure and strange passage in the Bible.¹ Difficulties emerge at every level and these few verses stir up much controversy concerning the understanding of the text and its themes.² One of these controversial themes concerns the identity of the "sons of God" and the "daughters of man" that are mentioned in these verses. Who were these "sons of God"? Were they supernatural beings or just plain humans? Who were these "daughters of man"? How to understand Gen 6:1-4? Is it a mythological passage that speaks about the union of divine beings with women in the same way Greek and Near Eastern mythology do?³

The present essay will focus primarily on the identification of the "sons of God", being that, by doing so, it will also forcefully deal with the issue of the identity of the "daughters of man".⁴

This study will not treat the passage according to the Historical-Critical Method,⁵ instead, it will take it as it is, in its final form, approaching the text from its canonical perspective.⁶ In the first section, it will review the main interpretations of the term "sons of God," covering the arguments raised in favor of each view and their implications for the understanding of the passage. In a second section, it will present a fresh analysis of the text, looking out for the delimitation of the text, the textual problems, its literary context and structure.⁷ Then a proposal for the identification of the "sons of God" will be made from the perspective of a close reading of the text. A good survey on the exegetical methodology presented in this study can be found in the essay on OT exegesis of Douglas Stuart.⁸

2. The major views on the "sons of God"

There has been 3 major views on the "sons of God" throughout the history of the interpretation of the passage: The first one, the mythological interpretation, they are seen as celestial beings, either angels or gods. As for the second one, the royal interpretation, they are

understood as kings or rulers, men of royal status. The third one, the Sethite interpretation, views them as the descendant of Seth, men from the faithful lineage among the children of Adam. In the sequence, each interpretation is reviewed focusing in its perspectives and arguments.⁹

2.1. The mythological interpretation

The interpretation of the "sons of God" as celestial beings was quite common in the early Jewish literature. The book of *1 Enoch* chaps. 6 and 7, the *Book of Jubilees* chap. 5, Philo (*De Gigant* 2:358), Josephus (*Ant.* 1.31), The Dead Sea Scrolls (*1QapGen* 2:1; *CD* 2:17-19) identify the "Sons of Gods" with angels.¹⁰ Some earlier Christians exegetes (as Justin, Clement of Alexandria, and Tertullian) did the same.¹¹

The mythological interpretation is also the most adopted today among modern scholars. Some of these scholars try to stay in a more "biblical realm" and identify the "sons of God" with angels.¹² Others accept the passage as coming from a more polytheistic view, and see the "sons of God" as divine beings, mythological gods who came unto earth and intermarried with earthly women.¹³

The main reasons advanced for the mythological interpretation have been: First, elsewhere in the OT, "sons of God" refers to heavenly, godlike creatures (e.g. Ps 29:1; 89:7; Job 1:6; 2:1). Second, the contrast between the expressions "sons of God" and "daughters of man" points out to beings of different nature. The former is divine and heavenly, and the latter human and earthly. Third, the parallels found in the mythological literature of the contemporary cultures to Ancient Israel which speak about such intermarrying between gods and women. Special focus is given to the Ugaritic literature, since it uses the expression "sons of god" as referring to members of the divine pantheon.¹⁴

2.2. The royal interpretation

In this interpretation, the "sons of God" are seen as kings, dynastic rulers who established royal harem by force or practiced indiscriminate rape. This interpretation is also found in early Jewish literature. The Targums Onkelos and Jonathan translated the expression "sons of God" as the "sons of the nobles" (*b^enêy rav^rvânayâ'*); in the LXX, Symmachus rendered it as the "sons of the powerful men" (*hoi huiói dunasteuóntôn*). Many Jewish interpreters followed this view,¹⁵ as did some Christian scholars, sometimes with a particular *nuance*.¹⁶

The main arguments in its favor are: First, the judges are apparently identified with gods and the sons of the Most High in Ps 82. The Davidic king is called "son of God" in 2 Sam 7:14 and Ps 2:7. Besides this biblical evidence, there is also the evidence from the ancient cultures, where the kings were identified as of divine origin. Second, this view takes seriously the phrase "they took for themselves wives from all whom they chose," which points out to real marriages and not to mythological ones. It also points to the power of the kings to do whatever they please. Third, it makes intelligible the divine punishment upon mankind as a whole, and not only on those involved in the act (the "sons of God", the "daughters of man" and their children). In oriental ideology, it was not uncommon to find the fate of the people at large was bound with the fate of their king.¹⁷

2.3. The Sethite interpretation

This interpretation identifies the "sons of God" as the male descendants of the Sethite lineage, i.e., those who kept themselves faithful to God (Gen 5). The "daughter of man" would then be women from the impious Cainite line (Gen 4:17-24). This view has characterized Christianity since patristic times.¹⁸ Today, it is usually most accepted among conservative Christians, but there are some critical scholars who adopted it too.¹⁹

The major arguments raised in favor of the Sethite interpretation are: First, men were also called "sons of God" in the Bible (Exod 4:22, 23; Deut 14:1; 32: 5,6; Ps 73:15; 82:6; Hos 1:10; Mal 1:6). Second, there is no reference anywhere in the Bible that supports the idea that angels or demons are capable of sexual functions, while the contrary is expressly declared in Matt 22:30. The whole concept of sex related to God or angels is absolutely foreign to Hebrew thought. Third, in the context that preceded chap. 6 the family of Seth is distinguished from the family of Cain on a religious basis. The Sethites were those who "called upon the name of God" (Gen 4:26), while the Cainites were the descendants of an impious lineage (Gen 4:17-24). Fourth, the expression "to take wife" (*lâqach yishshâh*) is a common expression in OT for marriage and does not denote any abnormal relationship between angels and humans. Fifth, vs. 3 makes clear that the divine judgment concerned man alone. If the "sons of God" were angels, one should expect some

reference to judgment upon them too. However, the passage report judgment only on men. Thereby, one is led to suspect that only mankind was involved in the wrong committed.²⁰

2.4. Avaliação of the three major views

By going through the three main different interpretations, one can see that all of them have strong arguments. The Bible uses the term "sons of God" either for heavenly being, as well as for rulers and kings, and also for simple men who were part of God's people. Indeed, each interpretation make strong claims based in the biblical text. Both the mythological and royal interpretation make claims on the basis of parallel ideas, customs and myths existent in the ancient world, and this fact constitutes a strong argument in their favor in the sight of most modern scholars. For the supporters of the Sethite interpretation, usually the witness of the Bible, and specially the words of Jesus, about the nature of the angels is the strongest motif for their position.

However, each one of these interpretation raises many questions. To accept the mythological interpretation, for example, is to deny the clear testimony of the rest of Scriptures and of Jesus (Matt 22:30) concerning the nature of the angels. Besides, there remains the question of why should all mankind suffer the punishment for the sin of some heavenly being with some women.²¹ Against the royal interpretation, it has been objected that though we find reference to king as "sons of God" in the Egypt, Mesopotamia, and Canaan; in Israel such language seems to be restricted mainly to courtly rhetoric and to poetic pieces, and it is never found, in the Old Testament at least, in straightforward narrative style as we have in Gen 6. Besides, the term "son of god" is never attested in Ancient Near East in reference to kings in general but rather only when referring to a specific king.²² Against the Sethite interpretation, it has been objected that since the term "man" is used in vs. 1 in reference to mankind in general, in vs. 2 it should have also a general meaning and not a specific one, pointing to the Cainite descendance. Gen 6:1-2 would therefore make a contrast between human and heavenly beings.²³

In view of the strength of the arguments in favor and against these three interpretations, and in view of the fact that all three claim to be well founded in the biblical text, it seems that the question can only be decided by a close scrutiny of the biblical text itself and its context. That will be the purpose of the next section.

3. Exegetical study of Genesis 6:1-4

3.1. The text

As a first step, there is the need for confirming the limits of the passage and settle the main textual problems prior trying to work with it in an essay of identification of the "sons of God."

3.1.1. Delimitation of the pericope

Gen 6:1-4 is usually taken as a literary unity by a majority of scholars.²⁴ Indeed the thematic of these four verses shows that they are closely tied together. Besides the thematical unity, the text was build in such a way to clearly indicate its unity:

1) The expression *wayhî kî ...* introduces the section of Gen 6:1-4. Similar formula will introduce the next following section (Gen 6:5-8), where we have *wayyar' YHWH kî ...* Hence, the formula *w... kî ...* opens each one of these sections.

2) In vs. 1, one reads *ûb^enôt yull^fdû lâhem*, these words find their resonance in vs. 4 in the words *'el-b^enôt hâ'âdâm w^eyâl^fdû lâhem*. Although in vs. 1 it is question of the daughters born to men, while in vs. 4 of the Nephilim born through the "daughter of man", the wording between the two verses is very close, and in a mechanic level they repeat each other. One could take these mechanic repetition as an *inclusio* which frame the passage.

3) Another repetition in the beginning and in the end of the passage is also found in the expressions "sons of God" and "daughters of man" that appear in the beginning of vs. 2 and in vs. 4 also.

4) The time reference in vs. 4 ("in those days") send us back to verse 1 when is said that the man has multiplied upon the earth. This time reference seems to corroborate with viewing vss. 1 and 4 as an *inclusio* for this text unity.

In its large context, Gen 6:1-4 belongs to the first part of the book of Genesis (chaps. 1-11) which deals with universal issues and the questions of the origins.²⁵ It is widely recognized today that the whole book of Genesis was organized and framed by genealogies. Each new

section on the book is introduced by the term "genealogy" (*tôf dôt*),²⁶ and Gen 6:1-4 belongs to the second genealogy, the genealogy of Adam (5:1-6:8). In the Massoretic division, our text belongs to Seder *dalet* (5:1-6:8),²⁷ which corresponds exactly to the genealogy of Adam.

Some take Gen 6:1-4 as an isolated unit with no connection whatever with the preceding and following material.²⁸ Others see it as an introduction to the Flood history which follows our text.²⁹ Others consider it, together with vs. 5-8, as belonging to the closing verses of the genealogy of Adam.³⁰ Because of the organization of the book of Genesis through "genealogies", it seems that the last view is the one which does more justice to the indications of the text itself. This section of the genealogy of Adam (5:1-6:8) describes, together with chap 4, the history of the world before the Flood. It starts back with the creation of Adam, describes the multiplication of his descendants, and concludes with the announcement of the total annihilation of every living creature on earth. Gen 6:1-4 would belong to the last stage of this section, before the announcement of the total destruction (6:5-8), and it is within this context that it need to be understood and analyzed.

3.1.2. Textual problems

Gen 6:1-4 does not present many textual problems. Indeed, there are only two textual issues. The first one concerns the expression *b^eshagam* in vs. 3, which usually is taken as a compound of *b^e* ("in"), plus *sh^e* ("which") and *gam* ("also"), with the meaning of "because". Many manuscripts have *b^eshagâm* what would be the infinitive of *shâgag* ("commit error, sin inadvertently"), plus the preposition *b^e* ("in") and the suffix *-âm* ("their, them"), which would mean "in their erring" or "in erring them." According to the testimony of the ancient translations, it seems that the reading "because" is the more likely.³¹ Hence, it would be a parallel in meaning to the similar Hebrew compound *ba^asher* ("because").³² The second textual issue involves the verb *yâlad* on vs. 4. The Samaritan text has an 3^o. masculine plural of the imperfect hiphil with a consecutive *waw* (*wayyôlîdû*), making of the "sons of God" the subject of the verb; while the Massoretic text has the 3^o. common plural of the perfect qal with a conjunctive *waw* (*w^eyâf dû*). The massoretic form is ambiguous, it can refer either to a masculine or a feminine subject (see Gn 4:17-18). Since it is immediately preceded by the words "the daughters of men", it seems to indicate that they were the subject. The text of the LXX is as ambiguous as the Massoretic, while the Targum reads a 3^o. feminine plural.³³ For its ambiguity and the apparent support of the LXX, the Massoretic text seems to have a greater probability of reflecting the original text. The Samaritan form probably represents the understanding of an ancient scribe, as does the Targum.

3.2. The context

In the continuation of the study, attention will be given to the literary context in which Gen 6:1-4 is found, and to its literary structure.

3.2.1. Literary context

As previously discussed, Gen 6:1-4 belongs to the second genealogy in Genesis, the genealogy of Adam (5:1-6:8). It was also noticed that this genealogy, together with chap. 4, described the world before the Flood. These two sections have many interconnecting literary features that bind them together. Their interdependence seems to provide valuable clues to solve the problem of the identification of the "sons of God" in Gn 6:1-4.

One of these interconnecting literary features are the similarities in the descendance of Cain and Adam described in chaps. 4 and 5.³⁴ Indeed there are between them many common names, with the same form or close in meaning. More striking is that both accounts reach their climax more less in the same time \subset the time of Lamech and his sons in the Cainite line (Gen 4:19-24), and in the time of Noah, son of Lamech in the Sethite line (Gen 5:28-32). This would point out to the fact that both account run parallel to each other in time and their endings come to the time prior to the Flood.

It is also striking that both account are closed by a transitory section. The Cainite account is closed by Gen 4:25-26, verses also introduce the Sethite genealogy that follows. The Sethite account is closed by Gen 6:1-8, verses that also introduce the Flood history. Between these two concluding sections there are many parallel ideas and expression which seems to point out a parallelism between them. The 3^o. singular perfect pual of the verb *yâlad* (*yullad*) in 4:26 parallels the 3^o. plural form (*yull^edû*) in Gen 6:1. These are the first two occurrences of the pual of *yâlad* in Genesis, and it will be used again only from chap. 10 onward. Besides the pual of the verb *yâlad*, there occurs also the repetition of the verb *châllal* ("to start"). In 4:26, it is said that "man started



[*hûchal*] to call upon the name of the Lord," and in 6:1 is said that "when man started [*hêchêl*] to multiply." The parallel forms of the verbs *yâlad* and *châlal* in 4:26 and 6:1 point out to a parallelism between both accounts. Besides these terms, the expression "take wives" in 6:2 calls back to the same expression in 4:19, where Lamech took for him two wives. The parallelism between the two accounts is also suggested by the similar wording as "was the father of", or "became the father of", "was born", "sons", "daughter", etc.

This literary parallelism indicates that both accounts runs parallel to each other up to their climax, the situation of the world before the Flood. Within this literary parallelism Gen 6:1-4 would describe the moment when the "sons of God", men of the Sethite lineage, assumed the same kind of attitude of Lamech, the descendent of Cain, described in Gen 4:19-24. Would then Gen 6:1-4 depict the fusion of the two lines of people described up to now ? It seems that it is the case. Gen 6:1-4 borrows entirely on the vocabulary and themes that have been built in the preceding chapters. So we have the expressions "sons", "daughters", "man", "earth", the verbs "to start", "to be born", "to take wife", etc.

It seems therefore that the literary context points out to the identification of the "sons of God" as human, and not as heavenly or divine beings.

3.2.2. The literary structure

Gen 6:1-4 seems to have a very simple structure which would be divided in 4 parts, each one corresponding to one verse³⁵, so we have:

Introductory Statement	vs. 1
The crisis	vs. 2
The judgment	vs. 3
Conclusion	vs. 4

This simple structure plainly states that the judgment (vs. 3) follows the crisis (v. 2), and is intimately in connection with it. The description of the divine judgment in vs. 3 refers back to the group involved in the crisis of vs. 2 and describes it in a collective way as "man who is flesh".³⁶ Therefore vs. 3 seems to confirm the direction pointed out by the literary context as seen above. The structure of the passage points therefore that the climax pre-Flood history is reached in the fusion of the entire mankind, Sethite and Cainite lineages, into one unity in rebellion against God.

Further more, vss. 2 and 3 echoes vss. 5 and 7 of chap. 6,³⁷ corroborating to the identification of the "sons of God" as human being, as it can be seen:

6:2 The "sons of God" see "the daughters of man" are good
6:5 The Lord sees the thoughts of man are evil
6:3 The Lord said, "My Spirit shall not remain in man for ever"
6:7 The Lord said, "I shall wipe out man"

These echoes suggest that one action is related to the other. The action of the "sons of God" is related to the "thoughts of man" in vs. 5, pointing out to a parallelism between "sons of God" and "man". Vss. 6:3 and 7 point to the entire mankind. Therefore both "daughter of man" and "sons of God" would belong to the human realm.

3.3. The identity of the "sons of God": a proposal

In the previous section it has been observed that both the literary context and structure point toward the identification of the "sons of God" as human beings. However, two questions remain to be answered in the quest of the identification of the "sons of God". The first one, if the "sons of God" are human beings, are they necessarily the members of the Sethite lineage? Could it not be a reference to kings or to powerful rulers, as suggested by the Royal Interpretation? Second, if they are human how to understand the expression "daughters of man" which seems to point to "man" in a generic sense rather than in a sense of a specific human group?³⁸

As for the first question, it seems that the biblical text gives a clue to the identification of the "sons of God" through 4:26 and 5:1-3. First, 4:26 depicts the beginning of a organized religious relationship between an group of men, the descendants of Seth, and God.³⁹ It has been noticed, by the defenders of the Sethite interpretation, that inside of a religious and faithful relationship with God man has been called "son of God" in the Bible.⁴⁰ Besides that, 5:1-3 has some interesting

features. In the presentation of the genealogy of Adam, vs. 1 goes back to creation and presents God as the first one in that genealogy. He created Man according to His image (*d'êmût*). In the same way Adam begot his son Seth according to his image and resemblance (*d'êmût e tselem*⁴¹). God is here clearly placed as the first member in the Sethite lineage, and His action of creating man is paralleled through similar wording by the action of Adam in begetting a son. God's and Adam's actions are placed at the same level in the genealogical account. God is truly the father of Man (Adam and Eve) as Adam is father of Seth. With such clear indication in the beginning of chap. 5 is not surprising to find a reference to the descendent of Seth as the "sons of God" in 6:1-4.

Concerning the question about the "daughters of man", one can observe a similar phenomenon here too. While in the case of the "son of God" the reference was made to the first member that appears in the genealogy of Adam, that means God (5:1); the reference to the Cainite women was made to the first member that appears in the lineage of Cain, that means Man (Adam and Eve, cf. 4:1).⁴² The expression "daughters of man" and "sons of God" in Gen 6:1-4 would then be framed by the genealogical accounts which preceded them in chaps 4 and 5. And both expressions seem to point out to the first member mentioned in these accounts.

4. CONCLUSION

Having reached the end of the present study, it seems that the cumulative evidences point out to the Sethite interpretation as being the one supported by the text. The literary context pointed toward this direction as did the literary structure. In the analysis of the identity of the "sons of God" and of the "daughter of man", a final clue came from the way God is introduced in the genealogy of Adam in chap. 5. He is depicted as regular member of this genealogy, indeed as its first member. Hence, it was not abnormal to present the descendents of Seth as "sons of God". As for the "daughters of man", for in the same way Gen 6:1-4 spoke of the descendent of Seth by referring back to the first member in Adam's genealogy (God), it did the same in regard the "daughters of man", in referring back to Gen 4:1, to Man (Adam and Eve), as the first members of the Cain's genealogy.

NOTES

¹ Umberto Cassuto calls it as "one of the obscurest" paragraph in the Pentateuch, Robert Davidson finds it to be "one of the strangest passage in the whole Old Testament," John Skinner designs it as an "obscure" narrative. Cf. U. Cassuto, *A Commentary on the Book of Genesis. Part I: From Adam to Noah (Genesis 1-11)* (Jerusalem: Magnes Press, The Hebrew University, 1961), 291; R. Davidson, *Genesis 1-11*, The Cambridge Bible Commentary (Cambridge: University Press, 1973), 69; J. Skinner, *A Critical and Exegetical Commentary on Genesis*, 2nd ed., The International Critical Commentary, vol. 1 (Edinburgh: T. & T. Clark, 1951), 139.

² Cf. E. A. Speiser, *Genesis. Introduction, Translation, and Notes*, The Anchor Bible, vol. 1 (New York: Doubleday, 1964), 45.

³ Cf. E. G. Kraeling, "The Significance and Origin of Gen. 6:1-4," *Journal of Near Eastern Studies* 6 (1947): 193-208; C. Westermann, *Genesis 1-11. A Commentary* (Minneapolis: Augsburg Publishing House, 1984), 379-381.

⁴ Speaking about Gen 6:1-4 Brevard S. Childs observes that "it is crucial for an understanding of this passage that we determine the meaning of the term "sons of God", all the other elements of the passage are related to it. Cf. B. S. Childs, *Myth and Reality in the Old Testament*, Studies in Biblical Theology, no. 27 (Naperville, IL: Alec R. Allenson, 1960), 49.

⁵ That means the Historical-Critical in its 3 major approaches: Source Criticism, Form Criticism, and Tradition Criticism. Cf. G. F. Hasel, *Biblical Interpretation Today. An Analysis of Modern methods of Biblical Interpretation and proposals for the Interpretation of the Bible as the Word of God* (Washington, DC: Biblical Research Institute, 1985), 6.

⁶ For a discussion on the Canonical Method see B. S. Childs, *Introduction to the Old Testament as Scripture* (Philadelphia: Fortress, 1989), 69-83.

⁷ We will not deal with the literary genre for besides being a narrative Gen 6:1-4 does not seem to have any particular genre in special. Cf. G. W. Coats, *Genesis with an Introduction to Narrative*



Literature, The Forms of the Old Testament Literature, vol. 1 (Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans, 1983), 86.

⁸ Cf. D. Stuart, *Old Testament Exegesis. A Primer for Students and Pastors*, 2nd ed., rev. and enl. (Philadelphia: Westminster Press, 1984).

⁹ For a review of these interpretations cf. P. S. Alexander, "The Targumim and Early Exegesis of 'Sons of God' in Genesis 6," *Journal of Jewish Studies* 23 (1972): 60-71; L. Pirot and A. Clamer, eds., *La Sainte Bible. Texte latin et traduction française d'après les textes originaux avec un commentaire exégétique et théologique* (Paris: Letouzey et Ané, 1953), 1:175-177; G. J. Wenham, *Genesis 1-15*, Word Biblical Commentary, vol. 1 (Waco, TX: Word Books, 1987), 139-140.

¹⁰ Cf. Wenham, 139. We do not agree with Wenham however in his position that the Septuagint and the NT (2 Pet 2:4; Jude 6,7) interpret the "Sons of God" as angels. For the Septuagint translates the hebrew bⁿêy hâ^elôhîm in Gen 6:2 and 4 as *hoi huiói tou theou* and not as *hoi ángeloi tou theou*, as it does in Job 1:6 and 2:1 for example. In Job, the Septuagint clearly understands the "Sons of God" as being angels, but in Gen 6 it does not seem so. Codex Alexandrinus has *hoi ángeloi tou theou* in Gen 6:2, however it seems to be a reading over the erasure of *hoi huiói tou theou* which is the form we have in vs. 4. For further discussion cf. Alexander, 63-64. For the NT, the two passages pointed out by Wenham do not need to be understood as referring to Gen 6. The sin of the angels in 2 Pet 2:4 can be taken as referring to the rebellion of the angels against God before the Fall of man. The sequence of events in 2 Pet 2:4-10 could be understood as a reference to angels' rebellion in Heaven, the Flood, and the destruction of Sodom and Gomorrah. Besides that, elsewhere in the Bible the casting out the demons into Hell is related with the rebellion in Heaven and not with the intermarriage with humans cf. Rev 12:7-12. In Jude 6 and 7 the comparison between the angels and Sodom and Gomorrah seems to point more to the similarity of the judgment of God for both rather than to a similarity of sin.

¹¹ Justin, *Apologia*, II,5; Clement of Alexandria, *Stromata*, II,vii; Tertullian, *De idolis*, IX; and others, cf. Pirot and Clamer, 175.

¹² Cf. Cassuto, 292-294; *The Interpreter's Bible* (New York and Nashville: Abingdon, 1952), 1: 533-534; D. Kidner, *Genesis. An Introduction and Commentary*, The Tyndale Old Testament Commentaries (Chicago: Inter-Varsity, 1967), 83-84; G. von Rad, *Genesis. A Commentary*, The Old Testament Library (Philadelphia: Westminster Press, 1961), 110; Skinner, 141-143.

¹³ Most of the scholars who adopt the mythological interpretation today sustain such view. Cf. W. Brueggemann, *Genesis, Interpretation* (Atlanta: John Knox Press, 1982), 71; Childs, *Myth and Reality*, 49, 54-55; R. S. Hendel, "Of Demigods and the Deluge: Toward an Interpretation of Genesis 6:1-4," *Journal of Biblical Literature* 106 (1987):13-26; R. Marrs, "The Sons of God (Genesis 6:1-4)," *Restoration Quarterly* 23 (1980): 218-224; D. L. Petersen, "Genesis 6:1-4, Yahweh and the Organization of the Cosmos," *Journal for the Study of the Old Testament* 13 (1979): 58-59; J. van Seters, "The Primeval Histories of Greece and Israel Compared," *Zeitschrift für die Alttestamentliche Wissenschaft* 100 (1988):5-9; Speiser, 44; Wenham, 140.

¹⁴ Cf. Wenham, 139 for these 3 main reasons.

¹⁵ Cf. Alexander, 62; M. M. Kasher, *Encyclopedia of Biblical Interpretation. Tôrah Sh^elêmâh, A Millennial Anthology* (New York: American Biblical Encyclopedia Society, 1953), 1: 182-183.

¹⁶ Cf. Meredith G. Kline considers the "sons of God" as referring to a Cainite dynasty which would have ruled before the Flood according to the antediluvian account. She finds arguments for her position in the parallel motif of kingship in Gen 4-6 and the Sumero-Babylonian antediluvian tradition which presents the kingship as of heavenly origin, and the kings as ruling in the cities. A. J. Greig accepts the royal identification of the "sons of God" but he says that the Yahwist author takes this ancient myth and in extension applies it in reference to the actions of David and his sons who transgressed the social, legal and moral boundaries God has established. Greig accepts the etiological explanation Claus Westermann provides for Gen 6:1-2. David J. A. Clines suggests a combination of the angelic and the royal interpretations, the "sons of God would then be both divine beings and antediluvian rulers". Cf. M. G. Kline, "Divine Kingship and Genesis 6:1-4," *Westminster Theological Journal* 24:2 (1962):187-204; A. J. Greig, "Genesis 6:1-4. The Female and the Fall," *Michigan Quarterly Review* 26:3 (summer 1987): 483-496; Westermann, 365-368, 370-373; D. J. A. Clines, "The Significance of the 'Sons of God' Episode (Genesis 6:1-4) in the Context of the 'Primeval History' (Genesis 1-11)," *Journal for the Study of the Old Testament* 13 (1979): 33-46.



¹⁷ Cf. Wenham, 140; and Clines, 34 for these 3 main reason in favor of the royal interpretation.

¹⁸ Julius Africanus (c. 160-240 A.D.) seems to be the first defensor of the Sethite interpretation. For a history of such interpretation cf. Alexander, 63; and Pirot and Clamer, 175-177.

¹⁹ For some representatives among conservatives and critical scholars cf. H. Kaupel, "Zur Erklärung von Gen. 6, 1-4," *Biblica* 16 (1935): 205-212; C. F. Keil and F. Delitzsch, *Biblical Commentary on the Old Testament* (Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans, 1952), 3: 127-134; J. Murray, *Principles of Conduct. Aspects of Biblical Ethics* (Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans, 1957), 243-249; *Seventh-day Adventist Bible Commentary* (Washington, DC: Review and Herald, 1953), 1:250; J. T. Willis, *Genesis* (Austin, TX: Sweet Publishing Co., 1979), 161-165.

²⁰ Cf. Murray, 244-247 for a review on these 5 points and some couple more.

²¹ This has been one of the main objections to the mythological interpretation. Cf. Clines, 34.

²² Ibid.

²³ Cf. Ibid., 33; and Childs, 49.

²⁴ Cf. Brueggemann, 23,70-71; Cassuto, 290-291; Coats, 85-86; Speiser,44-46; Wenham, 136; Westermann, 368.

²⁵ From chap 12 onward the text deals with the origins of Israel, and does not have anymore the universal scope of the previous chapters.

²⁶ So we would have the following organization in the book of Genesis:

Prologue, 1:1-2:3

1) Tôl^odôt of heaven and earth, 2:4-4:26

2) Tôl^odôt of Adam, 5:1-6:8

3) Tôl^odôt of Noah, 6:9-9:29

4) Tôl^odôt of Noah's sons, 10:1-11:9

5) Tôl^odôt of Shem, 11:10-26

6) Tôl^odôt of Terah, 11:27-25:11

7) Tôl^odôt of Ishmael, 25:12-18

8) Tôl^odôt of Isaac, 25:19-35:29

9) Tôl^odôt of Esau, 36:1-37:1

10) Tôl^odôt of Jacob, 37:2-50:26

Cf. Wenham, xxii. For the importance of the genealogies as a framework in see also Westermann, 6; and Coats,30.

²⁷ The book of Genesis is divided by the Massorets into 45 "orders" (*s^edârîm*) and Gen 6:1-4 belongs to the fourth one. Cf. K. Elliger and W. Rudolph, eds., *Biblia Hebraica Stuttgartensia*, 2nd ed., corrected (Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1984), 7.

²⁸ Cf. Brueggemann, 70-71.

²⁹ Cf. Coats, 85; Speiser,46.

³⁰ Cf. Cassuto, 249-250; Wenham, 136.

³¹ So it was understood by the Septuagint, the Peshita, the Targumim, and the Vulgate. Cf. Elliger and Rudolph, 8, critical apparatus on 6:3.

³² For discussion on that form cf. Cassuto, 296; Wenham, 136.

³³ Cf. A. E. Brooke and N. McLean, eds., *The Old Testament in Greek*, vol. 1, *The Octateuch*, part 1, *Genesis* (Cambridge: Cambridge University Press, 1906), 13; A. Sperber, *The Bible in Aramaic*, vol. 1, *The Pentateuch According to Targum Onkelos* (Leiden: E. J. Brill, 1992), 9.

³⁴ Cf. Skinner, 138.

³⁵ Cf. Coats, 84-85.

³⁶ Cf. L. Eslinger, "A Contextual Identification of the *bene ha'elohim* and *benoth ha'adam* in Genesis 6:1-4," *Journal for the Study of the Old Testament* 13 (1979): 65; Murray, 245-246.

³⁷ Cf. Wenham, 137.

³⁸ That is probably the main objection of those who defend a mythological interpretation. Cf. Childs, 49.

³⁹ Cf. Wenham, 116.

⁴⁰ Cf. Keil and Delitzsch, 128-130.

⁴¹ *Tselem* is the other word used in the creation of man in Gen 1:26 and 27.

⁴² I do not agree with Eslinger who sees in the "sons of God" a reference to the Cainite and to the "daughter of man" a reference to the Sethites. Cf. Eslinger, 65-72. It seems to me that the text points in another direction.

**BIBLIOGRAPHY**

Alexander, P. S. "The Targumim and Early Exegesis of 'Sons of God' in Genesis 6." *Journal of Jewish Studies* 23 (1972): 60-71.

Brueggemann, W. *Genesis. Interpretation*. Atlanta: John Knox Press, 1982.

Cassuto, U. *A Commentary on the Book of Genesis. Part I: From Adam to Noah (Genesis 1-11)*. Jerusalem: Magnes Press, The Hebrew University, 1961.

Childs, B. S. *Myth and Reality in the Old Testament*. Studies in Biblical Theology, no. 27. Naperville, IL: Alec R. Allenson, 1960.

_____. *Introduction to the Old Testament as Scripture*. Philadelphia: Fortress, 1989.

Clines, D. J. A. "The Significance of the 'Sons of God' Episode (Genesis 6:1-4) in the Context of the 'Primeval History' (Genesis 1-11)." *Journal for the Study of the Old Testament* 13 (1979): 33-46.

Coats, G. W. *Genesis with an Introduction to Narrative Literature*. The Forms of the Old Testament Literature, vol. 1. Grand Rapids, MI: Wm. Eerdmans, 1983.

Davidson, R. *Genesis 1-11*. The Cambridge Bible Commentary. Cambridge: University Press, 1973.

Elliger, K. and Rudolph, W., eds. *Biblia Hebraica Stuttgartensia*. 2nd ed., corrected. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1984.

Eslinger, L. "A Contextual Identification of the *bene ha'elohim* and *benoth ha'adam* in Genesis 6:1-4." *Journal for the Study of the Old Testament* 13 (1979): 65-73.

Greig, A. J. "Genesis 6:1-4. The Female and the Fall." *Michigan Quarterly Review* 26:3 (summer 1987): 483-496.

Hasel, G. F. *Biblical Interpretation Today. An Analysis of Modern Methods of Biblical Interpretation and proposals for the Interpretation of the Bible as the Word of God*. Washington, DC: Biblical Research Institute, 1985.

Hendel, R. S. "Of Demigods and the Deluge: Toward an Interpretation of Genesis 6:1-4." *Journal of Biblical Literature* 106 (1987): 13-26.

Interpreter's Bible. 12 vols. New York and Nashville: Abingdon, 1952.

Kasher, M. M. *Encyclopedia of Biblical Interpretation. Tôrâh Sh'îlêmâh, A Millennial Anthology*, vol. I. New York: American Biblical Encyclopedia Society, 1953.

Kaupel, H. "Zur Erklärung von Gen. 6, 1-4." *Biblica* 16 (1935): 205-212.

Kautzsch, E., ed. *Gesenius' Hebrew Grammar*, 2nd ed. Oxford: Clarendon, 1988.

Keil, C. F. and Delitzsch, F. *Biblical Commentary on the Old Testament*. Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans, 1952.

Kidner, D. *Genesis. An Introduction and Commentary*. The Tyndale Old Testament Commentaries. Chicago: Inter-Varsity, 1967.

Kline, M. G. "Divine Kingship and Genesis 6:1-4." *Westminster Theological Journal* 24:2 (1962): 187-204.



Kraeling, E. G. "The Significance and Origin of Gen. 6:1-4." *Journal of Near Eastern Studies* 6 (1947): 193-208.

Marrs, R. "The Sons of God (Genesis 6:1-4)." *Restoration Quarterly* 23 (1980): 218-224.

Murray, J. *Principles of Conduct. Aspects of Biblical Ethics*. Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans, 1957.

Petersen, D. L. "Genesis 6:1-4, Yahweh and the Organization of the Cosmos." *Journal for the Study of the Old Testament* 13 (1979):47-64.

Pirot, L. and Clamer, A., eds. *La Sainte Bible. Texte latin et traduction française d'après les textes originaux avec un commentaire exégétique et théologique*. Vol. 1. Paris: Letouzey et Ané, 1953.

Seventh-day Adventist Bible Commentary. Vol. 1. Washington, DC: Review and Herald, 1953.

Skinner, J. *A Critical and Exegetical Commentary on Genesis*. 2nd ed. The International Critical Commentary, vol. 1. Edinburgh: T. & T. Clark, 1951.

Speiser, E. A. *Genesis. Introduction, Translation, and Notes*. The Anchor Bible, vol. 1. New York: Doubleday, 1964.

Stuart, D. *Old Testament Exegesis. A Primer for Students and Pastors*. 2nd ed., rev. and enl. Philadelphia: Westminster Press, 1984.

van Seters, J. "The Primeverial Histories of Greece and Israel Compared." *Zeitschrift für die Alttestamentliche Wissenschaft* 100 (1988): 1-22.

von Rad, G. *Genesis. A Commentary*. The Old Testament Library. Philadelphia: Westminster Press, 1961.

Wenham, G. J. *Genesis 1-15*. Word Biblical Commentary, vol. 1. Waco, TX: Word Books, 1987.

Westermann, C. *Genesis 1-11. A Commentary*. Minneapolis: Augsburg Publishing House, 1984.

Willis, J. T. *Genesis*. Austin, TX: Sweet Publishing Co., 1979.

ARTIGOS

O USO DA APOLOGÉTICA NA FENOMENOLOGIA DA FÉ CRISTÃ: UMA REFLEXÃO SOBRE OS DESAFIOS E TENDÊNCIAS DO CRISTIANISMO

Rodrigo Pereira Silva, Th.D.

Professor de Novo Testamento e Filosofia do curso de Teologia do Unasp
Centro Universitário Adventista de São Paulo, Campus Engenheiro Coelho
rodrigo.silva@unasp.edu.br

RESUMO: Este artigo aborda o uso da apologética, enquanto disciplina racional para defesa da fé cristã, durante a história do cristianismo, acusando desvios ocasionados tanto no sentido do fundamentalismo, resultante da negação da razão, quanto do liberalismo, decorrente do esvaziamento do elemento sobrenatural. Aponta desafios atuais da fenomenologia cristã diante do relativismo e hedonismo pós-modernos, e propõe a busca de uma apologética equilibrada que reconheça as limitações bem como o papel da razão e da ciência na compreensão da fé.

PALAVRAS-CHAVE: apologética, filosofia, fé cristã.

The use of the apologetics in Christian faith phenomenology: a reflection on challenges and tendencies of Christianity

ABSTRACT: This paper has discussed the use of apologetics, as a reasonable discipline for Christian faith defense, during Christianity history, accusing deviations caused by fundamentalism, resulting from the reason denial, and by liberalism, resulting from the emptying of supernatural element. The work has pointed to the modern challenges of the christian phenomenology face to the postmodern relativism and hedonism, proposing the investigation of an equilibrated apologetics which may recognize the limitations, as well as the reason and science role played on the comprehension of faith.

KEYWORDS: Apologetics, philosophy, Christian faith.

1. INTRODUÇÃO

Um artigo que busque correlacionar apologética e fenomenologia poderia, a princípio, parecer ilógico, pois sugere uma espécie de contradição ao silogismo. Ocorre que a apologética e a fenomenologia são tidas, por muitos, como premissas particulares impossíveis de serem correlacionadas para uma conclusão filosófica. De modo geral, poderia se dizer que são até mesmo contraditórias, pois enquanto a apologética tende à defesa racional de uma determinada interpretação dos fatos, a fenomenologia, conforme vista em HUSSERL (1964, pp. 3-12), tende a eliminar toda interpretação apriorística, deixando em pauta apenas os fenômenos, conforme a impressão que causam na consciência pura.

Contudo, é importante verificar que o uso pluralístico de certos termos filosóficos por parte dos mais diversos autores não permite uma compreensão inequívoca de seu significado. Logo, é mister que se faça uma apresentação prévia do que se pretende com aquele vocábulo. E este é o caso da fenomenologia que sofreu profundas transformações desde que foi introduzida em 1764 pela obra *Nouvel Organon*, de J. H. Lambert.

A princípio, o termo equivaleria a um dos quatro sistemas lambertianos juntamente com as teorias da verdade, da lógica e da semiótica. Porém, com o tempo vieram outras interpretações. Kant (1781) chamava de fenomenologia as características gerais dos fenômenos históricos. Já Hegel (1807), empregava o termo para indicar os estágios de experiência mental desde os mais inferiores até ao elevado campo do pensamento absoluto.

Heidegger (1988), que estudou com Husserl, usava a fenomenologia dentro da metafísica como método de redescoberta do *Ser*, mais especificamente da essência humana. E, por fim, Sartre (1966), seguindo a definição de Heidegger, ampliou o sentido do termo passando da mera análise humana para a compreensão ontológica de todas as coisas.

Neste artigo, entenderemos a fenomenologia como uma busca pela essência do cristianismo e sua identidade, dentro da esfera maior da “pós-modernidade”, que para MARTIN (2000, p. 134) já poderia ser chamada de “pós-pós-modernidade”.

Quanto à apologética, já não nos restam muitas dúvidas conceituais. Trata-se daquela disciplina racional usada durante a história do cristianismo para apresentar uma defesa da fé diante dos que não aceitavam o teor doutrinário exposto nas Escrituras. Neste caso ela se contrasta com o conceito de *polêmica* que, em termos teológicos, seria um debate entre membros de diferentes ramos do cristianismo com o fim de determinar a verdadeira posição cristã acerca de um assunto qualquer.

2. Considerações históricas

O grande desafio do cristianismo sempre foi o de exteriorizar, a cada momento, a certeza de um fato (fenômeno) ocorrido no passado, mas com constantes influências no presente. Isto pode ser chamado “contemporaneidade da fé”, pois alude a uma história que deve ser sempre revista e contextualizada, porém jamais corrigida ou melhorada. Afinal trata-se da encarnação de Deus na figura histórica de Jesus Cristo, um fenômeno único e não mitológico, testemunhado pelos escritores do Novo Testamento.

Por isso, a revelação cristã é antiga e recente, ao mesmo tempo. É antiga quando alude à história narrada nos evangelhos e é recente quando estes mesmos escritos falam de maneira persuasiva ao homem contemporâneo.

Essa forma “atualizadora” de se compreender a essência do cristianismo precisou ser defendida desde o início de nossa era, quando os primeiros escritores cristãos, cognominados Pais da Igreja, sentiram a necessidade de justificar a fé diante dos magistrados e filósofos de sua época ou ainda defendê-la dos ataques lançados pelos dissidentes, pelo judaísmo e pelos vários setores do paganismo. Assim nasceu a apologética, inspirada no termo grego *apologia* que basicamente significa “defesa”. De fato, o famoso discurso de Platão intitulado “A Apologia” expõe judicialmente a defesa de Sócrates diante de seus acusadores.

Então, vieram autores como Aristides, Justino, Atenágoras, Taciano, Tertuliano e outros que foram corretamente chamados de “apologetas”. Sua técnica, a princípio, os envolvia na investigação formal e erudita da época que era a Filosofia. Deste ponto em comum, porém, sua linha de argumentação se dividia, grosso modo, em dois segmentos: (a) um contrário à filosofia grega, que era tida como fruto da mentalidade pagã e; (b) outro mais helenizado, que usava principalmente o platonismo e o estoicismo para dar uma expressão filosófica às rudes sistematizações do *querigma* apostólico. Para os de mente helenizada, a Filosofia era o melhor meio de aguçar o discurso da Teologia.

Clemente de Alexandria, Agostinho e outros, tentando salvar a supremacia da fé sem perder o sabor filosófico que lhe era requerido, referiram-se à filosofia como *ancilla theologiae*, isto é, “serva da teologia”. Logo, ele quis dizer que a primeira só tem valor quando empregada em ajudar na compreensão da segunda. Seu objetivo, neste exercício apologético, era responder aos diversos questionamentos que punham em dúvida a ressurreição e autoridade divina do homem chamado Jesus de Nazaré (ILLANES, 2004).

Mais tarde, entra em cena Tomás de Aquino, o mais famoso apologeta da Alta Escolástica. Usando técnicas de argumentação tremendamente materialistas, ele escreveu sua *Summa contra Gentiles* para defender de modo racional as verdades já não tão bíblicas que estavam sendo oficializadas pelo cristianismo de Roma. Neste tempo, a defesa era mais da estrutura eclesial medieval que da Bíblia, enquanto revelação de Deus dada à humanidade.

Valendo-se de uma abordagem manualística e pouco bíblica, Aquino, na verdade, nada mais fez do que imitar o estilo filosófico dos árabes, especialmente Averróis, em sua redescoberta do aristotelismo clássico. Esse mecanismo de reflexão, diga-se de passagem, transformou-se numa força dominante da apologética cristã ocidental até à chegada da modernidade no início do século XVI.

Quando Lutero e os pensadores modernos romperam com o catolicismo, esse se viu obrigado a se justificar perante os ataques protestantes e racionalistas que se avolumavam

cada vez mais. Até então, todos criam de fato, embora sua crença não estivesse necessariamente na doutrina de Cristo, mas naquilo que o Magistério da Igreja ensinava. O lema racional era *Roma locuta, finita causa est* (se Roma falou, não há mais o que discutir). Logo, desde o fim da Escolástica, a Igreja não tinha sentido tamanha urgência de justificar sua fé perante seus inquiridores. É quando aparece a ruptura que se sente a necessidade de uma apologética sobre aquilo que se crê.

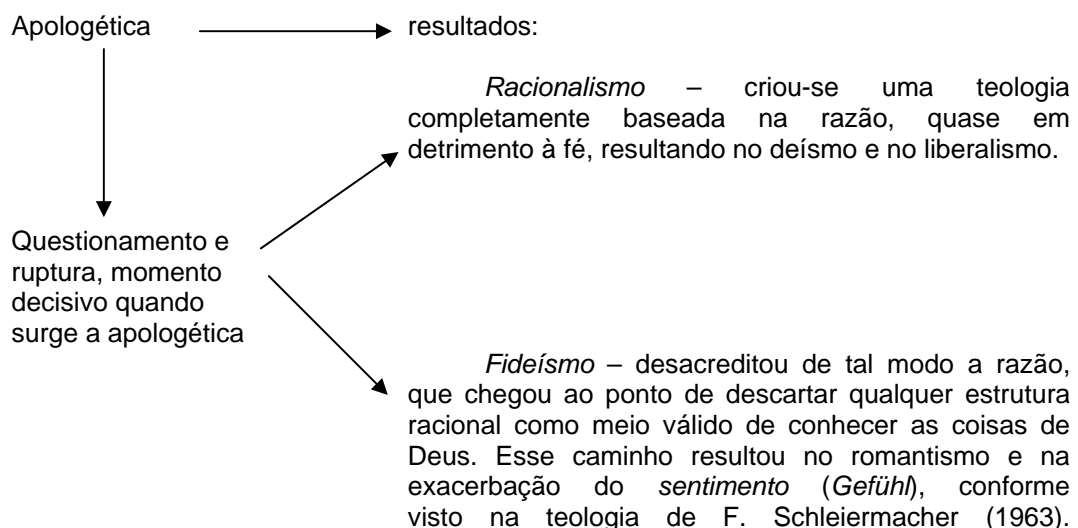
3. Apologética Fundamental versus Racionalismo

Como fenômeno psicológico, é possível dizer que a apologética não é característica apenas do cristianismo. A fenomenologia do saber de William Hamilton (1852) associada à própria noção de valores de Max Scheler (1928), demonstra que a apologética é um problema essencialmente humano e não apenas “eclesiástico”. Na história de todos os ramos seculares é possível ver, em determinados momentos, uma tensão apologética marcada até mesmo por certo grau de fundamentalismo.

Afinal de contas, a crença fundamentalista interessa basicamente a qualquer sistema que procura monopolizar a chave hermenêutica da realidade. Toda estrutura que detém o sentido oficial da interpretação, quer seja religioso (catolicismo medieval), quer seja secular (evolucionismo moderno), sente-se beneficiado por uma postura que não admite averiguação. O fundamentalismo, portanto, não precisa provar nada, sua solidez está na autoridade imposta.

Talvez seja por isso que a apologética hoje está sendo vista num caráter negativo. Nem mesmo KARL BARTH (1981, pp. 65-71), considerado o gigante defensor da neo-ortodoxia cristã, aceitou usar a apologética como meio de defesa do cristianismo. Para ele, tal atitude refletiria uma falta de fé, pois a revelação bíblica não necessitava de defesa racional. Ela estaria acima da filosofia e da razão humana. Porém, ao se expressar assim, Barth acabou defendendo de modo apologético aquilo em que acreditava. Noutras palavras, pode-se até não apreciar o método, mas não há como fugir dele.

Portanto, a estrutura básica da apologética na história, especialmente na transição do medievalismo para a Modernidade, poderia ser vista na tensão entre dois segmentos que não conduziram a resultados muito positivos para a fé:



Ambos os segmentos também resultaram, cada um a seu modo, num humanismo que acabou “recriando” Deus à imagem e semelhança do homem. A religião, neste contexto, deixou de refletir sobre o Transcendente para esboçar apenas uma imanência racional, descomprometida com a revelação divina.

Foi, talvez, dentro deste quadro filosófico-racionalista que a *apologética* passou a ganhar moldes de *polêmica*. Na disputa intelectual do racionalismo contra o fideísmo, a busca pela compreensão e defesa da verdade tornou-se apenas uma briga de “ismos” e uma guerra de “pensadores”.

O crente comum, é claro, ficava normalmente à margem desses grandes debates, e uma boa parte do cristianismo, formada tanto de leigos quanto de acadêmicos, acabou se voltando para um radicalismo doutrinário em busca de segurança intelectual. Daí o surgimento de correntes como o evangelicalismo protestante e o pietismo alemão.

É notório que o ser humano sempre se volta para o fundamentalismo em momentos de crise de identidade. E aqui não seria diferente. Afinal, o fundamentalismo é firme no que diz, e o liberalismo havia enlouquecido demais a exegese bíblica (LOADER, 2001, p. 8, 9).

Foi, portanto, essa simbiose entre fundamentalismo e apologética que a fez ser vista com preconceito. Muitos ainda a reputam como método arcaico e ultrapassado, confundindo-a com *polêmica*. Crêem que ela está superada como instrumento de defesa da fé cristã e devia ser retirada dos currículos teológicos da atualidade.

Essa visão, contudo, esquece que entre a sedução do fundamentalismo e a tensão do fideísmo *versus* racionalismo, houve uma contribuição valiosa da apologética para a manutenção da identidade cristã. Alguns movimentos como os valdenses, albigenses ou até mesmo protestantes podem ter sido radicais, se analisados pela ótica da atualidade. Contudo, foi seu brado histórico que evitou a transformação do cristianismo numa religião de mistérios ou numa continuidade do mitraísmo romano (RODNEY, 2000, p. 20).

Como dizia PAUL TILICH, “a teologia apologética é uma *teologia que responde*. Responde às perguntas implícitas na *situação*, com a força da mensagem eterna e com os meios que a situação lhe proporciona e a cujas perguntas responde” (1984, p. 18).

4. Sistemas apologéticos contemporâneos

A partir do século XX, alguns autores procuraram apresentar uma nova apologética que respondesse às ansiedades do homem pós-moderno, especialmente as de solidariedade e afeto (RORTY, 1991, p. 22). Eles reconheceram o valor e a necessidade da apologética como meio de compreensão da realidade, mas negaram sua estrutura tradicional, preferindo criar novos modelos ou uma “nova apologética”.

BLONDEL (1940, p. 349-363) talvez seja o primeiro a propor uma nova abordagem apologética, que se daria não mais a partir da revelação escriturística, mas da condição psico-estrutural do ser humano. Trata-se da subjetividade histórica do indivíduo como padrão gnosiológico das novas estruturas da realidade. Neste caso, a humanidade seria comparada a um *iceberg* cujo topo fica fora d'água, mas a estrutura maior fica submersa. No balanço das águas, o que está no topo se movimenta mais rápido, porém o que está oculto (a base submersa) se move com muito mais lentidão. Em outras palavras, as conjecturas mudam radicalmente a maneira humana de pensar, mas as estruturas básicas demoram muito para serem alteradas. Logo, são essas estruturas que devem ser defendidas apologeticamente, não porque sejam a reprodução exata da verdade, mas porque a subjetividade humana precisa delas e não está preparada para abandoná-las de imediato. É daí que surge a valorização pós-moderna da religião cristã, não como fenomenologia reveladora de Deus, mas como fenômeno sociológico em nada diferente dos folclores e costumes de cada povo.

O problema com esse conceito blondeliano é o elemento agnóstico e relativista que o compõe. Ele nega a revelação divina de verdades eternas, relativizando historicamente todos os conceitos humanos acerca da realidade. Trata-se, portanto, de uma visão apofática de Deus e do universo! Tudo o que entendemos por verdade, não passaria de uma estrutura histórica temporariamente necessária, até ao dia em que não precisemos dela para continuar sobrevivendo. No campo religioso, tal apologética deixaria de ser uma “busca pelas verdades de Deus”, para se tornar uma “conveniente defesa das circunstâncias estruturais”.

Foi essa mesma visão “excessivamente circunstancial e localizada”, que inspirou a apologética política vista nas chamadas “teologias genitivas”, como a Teologia da Libertação (BOFF, 1987; GUTIERREZ, 1973), Teologia dos Negros (WILMORE e CONE, 1986); e Teologia da Esperança (MOLTMANN, 1967), entre outras. Todas essas correntes parecem compartilhar o mesmo pressuposto dialético político de sua apologia: “O indivíduo faz a realidade e a realidade faz o indivíduo”. Novamente o problema com esses sistemas, por mais justificáveis que sejam suas denúncias de injustiça social, é que eles negam a meta-história e a intervenção divina nos negócios da humanidade. Elevam a tal nível o livre-arbítrio e a atividade humana, que transformam Deus num expectador distante, bem ao sabor das correntes deístas do século XVIII e XIX (MOORE, 1997, p. 15-14).

5. Desafios atuais à Fenomenologia Cristã

A apologética na pós-modernidade tende a ser essencialmente fragmentária, relativista, refratária e hedonista (GRENZ, 1995, p. 8). Sua intenção não é atingir aos racionais (racionalismo moderno) ou aos simplórios (fideísmo pré-moderno). Ela intenta alcançar a juventude, os mais velhos parecem não necessitar de certos convencimentos, principalmente acerca dos valores. São os jovens o topo do *iceberg* (Blondel). São eles que estão extraviados, precisando ser convencidos contra as drogas, a promiscuidade e outros valores defendidos pela estrutura básica que se encontra submersa. É neste momento que se verifica a não superação da apologética como legítimo instrumento de defesa daquilo que está sendo questionado.

Em sua obra, *Evangelicalism and the Future of Christianity*, ALISTER MCGRATH (1992) advoga a tese de que as transformações acumuladas pelo cristianismo no século XX tenderão a ser maiores e mais rápidas no século XXI. Entre elas, por exemplo, está a possibilidade de países orientais, especialmente da África e Ásia, tomarem as rédeas da missiologia mundial, enviando missionários para a Europa e Estados Unidos. O motivo disto está no fato de que esses dois pólos perderão de tal maneira as raízes de seu cristianismo histórico, que seus descendentes poderão ser considerados “povos não alcançados” pelo Evangelho. O interessante, no entanto, é que a apologia, definida por MCGRATH como “a aplicação da Escritura ao descrente” é vista neste contexto como um eficiente instrumento de defesa da fé cristã, ante a fragmentação proposta pelo pós-modernismo filosófico (1995, p. 2, 102).

Outros autores como CARSON (1996, p. 6-13) e COWAN (2000, p. 20-27) também têm admitido o valor e necessidade da apologética para a identidade fenomenológica do cristianismo, nesta época de tamanho pluralismo filosófico e religioso. Aliás, ao se comparar filosofia e teologia cristã, é importante entender que esta última não é um mero sistema especulativo provido de longa reflexão por determinados indivíduos cercados de condições privilegiadas e favoráveis ao estudo (HORDERN, 1979, p. 26). Pelo contrário, a teologia sempre emergiu no entrechoque da revelação cristã com outros pensamentos que a negavam ou que relativizavam seu *querigma* histórico da cruz. Noutras palavras, isto quer dizer que a teologia é essencialmente apologética.

Por outro lado, também, o teólogo e o filósofo têm em comum a busca pela sabedoria (*phylos - sophia*). A diferença, porém, é que para uns a sabedoria tem um “S” maiúsculo, pois se traduz na própria busca de Deus, e não apenas de um conceito racional acerca da realidade.

Assim, uma vez afirmada a indispensabilidade da apologética, procura-se agora uma adequação sensata de seu método, para que ela cumpra bem seu papel defensivo sem descambar para um fundamentalismo insípido. Deve-se lembrar que a única maneira de vencer o racionalismo e o liberalismo não é se voltar para o fundamentalismo, mas mostrar que a razão e a ciência humana também são falhas e limitadas. Foi por meio delas que se criaram também as guerras mundiais, poluição da natureza, ameaça ao planeta com a bomba nuclear. Se o cristianismo cometeu seus erros, o racionalismo também. O problema é que este último tende a esconder seus pressupostos igualmente fundamentalistas.

Sugere-se, portanto, um uso sadio da apologética como instrumento de sustentação da identidade cristã diante dos desafios do século XXI. E que a nova apologética teológica se pautar por aquilo que a fenomenologia cristã tem de mais impressivo em sua identidade: a *semiologia*, que são os sinais de Deus na história, e a *sistemática*, que é a reflexão adequada destes sinais interpretando-os à luz da Escritura Sagrada (MOORE, 1997, p. 5-14; CLAPP, 2000, p. 105). A perda destas marcas resulta na fragmentação de um *querigma* ocorrido há dois mil anos, mas que se atualiza a cada dia na fé religiosa dos seguidores de Jesus Cristo.

Bibliografia

BARTH, Karl, *Introdução à Teologia Evangélica*, São Leopoldo, RS: Sinodal, 1981.



BLONDEL, Maurice, "La pérennité de la philosophie et le discernement progressif d'une constante et indispensable médiation", em *Revue de métaphysique et de morale* 47 (1940), p. 349-363, reproduzido em: Maurice Blondel: Oeuvres complètes. Paris: P.U.F., 1995.

BOFF, Leonardo, *Teologia do Cativo e da Libertação*, Petrópolis: Vozes, 1987

CARSON, D. A. *The Gagging of God: Christianity Confronts Pluralism*, Grand Rapids, MI: Zondervan, 1996.

CLAPP, Rodney. *Border Crossings: Christian Trespasses on Popular Culture and Public Affairs*. Grand Rapids, MI: Brazos Press e Baker Book House, 2000.

COWAN, Steven B. [ed]. *Five Views on Apologetics*, The Counterpoint Series, Grand Rapids: Zondervan, 2000.

GRENZ, S. J., *A Primer on Postmodernism* (Grand Rapids, MI: Cambridge University Press, 1995).

GUTIERREZ, Gustavo, *A Theology of Liberation*, New York: Orbis Books, 1973.

HAMILTON, William. *Discussions on Philosophy and Literature, Education and University Reform* (London, 1852).

HEGEL, G. W. F. *The Phenomenology of Mind*, 1807, Edição eletrônica disponível em In: <http://www.class.uidaho.edu/mickelsen/ToC/Hegel%20Phen%20ToC.htm>, acessado em 30 de agosto de 2004.

HEIDEGGER, Martin, *The basic problems of Phenomenology – studies in phenomenology and Existencial Philosophy*, Bloomington, IN: Indiana University Press, 1988.

HORDERN, W. *Teologia Protestante ao Alcance de Todos*. Rio de Janeiro, Juerp, 1979.

HUSSERL, Edmund, *Leçons pour une phénoménologie de la conscience intime du temps*. Paris: P.U.F., 1964.

ILLANES, José Luis, "Filosofia ancilla theologiae", limites y avatars de un adagio, vol. 36, fac. 1, 2004, acessado em 24 de agosto de 2004. *Scripta Theologica*, revista eletrônica da Universidade de Navarra.



KANT, E., *Critique of Pure Reason*, Edição eletrônica disponível em <http://www.arts.cuhk.edu.hk/Philosophy/Kant/cpr>, acessado em 15 de agosto de 2004.

LOADER, William, *Jesus and the Fundamentalism of his Day*, Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2001.

MARTIN, Tom, *Green History: The Future of Past*, Washington, DC.: University Press of America, 2000.

McGRATH, Alister. *Evangelicalism and the Future of Christianity*, Downers Grove: IL: InterVarsity Press, 1995.

MOLTMANN, Jürgen. *Theology of Hope*, New York: Harper & Row, Publishers, 1967.

RORTY, Richard, *Objectivity, Relativism, and Truth*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

MOORE, Scott H. "Christian History, Providence, and Michel Foucault", em *Fides et historia* XXIX:1 (Winter/Spring 1997): 5-14.

SARTRE, Jean-Paul. *L'existentialisme est un humanisme*. Paris: Nagel. 1966.

SCHELER, Max. *Vom Umsturz der Werte in Vom Umsturz der Werte*. Vol. 3, editado por Maria Scheler e Manfred S. Frings (15 volumes) 1954-1970. disponível em <http://www.maxscheler.com/scheler4.shtml#4-CollectedWorks>, acessado em 24 de agosto de 2004.

SCHLEIERMACHER, F., *The Christian Faith*. Nova Iorque: Harper & Row, 1963, 2 vols.

TILICH, Paul. *Systematic Theology*. Nova Iorque: Harper & Row, 1984, 2 vols.

WILMORE, Gayraud S. e CONE, James H. *Teologia Negra*, São Paulo: Paulinas, 1986.

ARTIGOS

AS TEORIAS DA INTERPRETAÇÃO DA HISTÓRIA E A PROFECIA

Rúben Aguilar, Ph.D.

Professor de história do cristianismo do curso de Teologia do Unasp
Centro Universitário Adventista de São Paulo, Campus Engenheiro Coelho
ruben.aguilar@unasp.edu.br

RESUMO: A importância da História não reside no fato de “o que” estudar, mas, em “como” estudar a História. Com esse propósito se estruturam princípios de interpretação do acontecer histórico. Um dos princípios é o da “Causalidade”, o qual afirma que todo evento está sujeito a uma causa. Dentro desse princípio foram elaboradas as teorias de interpretação histórica: “cíclica”, defendida por historiadores antigos e; “linear” proposta por historiadores modernos. A teoria “linear” apresenta-se em duas expressões: a primeira, defende a idéia de que os eventos seguem o ideal de liberdade; a segunda, sugere que todo evento histórico é o resultado da luta de classes. Outro princípio é o “Determinismo”, baseado na ação da natureza, onde cada fenômeno já está determinado pelas leis naturais. Assim também os eventos históricos. Segundo A. Toynbee, a História está determinada segundo o plano divino. Concluímos que o princípio do “Determinismo” se expressa na Profecia. É nesse aspecto que a História se relaciona com a Profecia.

PALAVRAS-CHAVE: História, Causalismo, Determinismo, Profecia, Liberdade, Materialismo.

The theories of interpretation of History and Prophecy

ABSTRACT: The importance of History does not remain on the fact of “what” must be studied, but in “how” it must be done. In order to reach this purpose, some principles of interpretation of the historical facts were elaborated. One of these is the principle of “Causality” that maintains the idea that every historical event is subjected to a cause. Inside this principle there are two theories of historical interpretation: the “cyclic” and the “linear”. The “linear” theory itself has two branches: the first defends the idea that every event follows the goal of liberty. The second suggests that all events are the result of social fights. Another principle is the “Determinism” which maintains that, as in Nature, every phenomenon is determined by a natural law. A. Toynbee affirms that History is determined according to a divine plan. Hence, the natural conclusion is this “Determinism” is manifested in biblical prophecies. It is in this aspect that History relates itself to Prophecy.

KEYWORDS: History, Causalism, Determinism, Prophecy, Liberty, Materialism.

1. INTRODUÇÃO

O termo “História” foi utilizado por Heródoto de Halicarnasso (484-425 a.C.) como título da sua obra, onde procurou narrar eventos político sociais das nações do antigo Oriente Médio, e que ao seu juízo, foram considerados dignos de serem preservados. O que realmente foi preservado, nas narrativas de Heródoto, foram eventos que presenciou ou chegaram ao seu conhecimento, como fruto das suas pesquisas, e de ouvir depoimentos de testemunhas, as mais diversas. Dessa maneira o termo “História”, que significa “pesquisa”, justifica plenamente o título dado à obra do pioneiro da narrativa histórica.

2. DIÁLOGO ENTRE O PRESENTE E O PASSADO

Utilizando o significado etimológico do termo, pode-se conceituar a História como a exposição de narrativas de eventos do passado, obtidos mediante pesquisa. Por essa razão foi estabelecido que o “objeto” da História é, ou são, os eventos já ocorridos; e o “propósito” da mesma é narrar os acontecimentos passados, como eles “tinham realmente ocorrido”¹. Sobre esses aspectos, recai a crítica dos historiadores contemporâneos, justificadamente certa, de que desprever eventos do passado como realmente aconteceram é praticamente impossível.

Apesar dessa controvérsia, o conceito de História, qualquer que seja mencionado, não deixa de destacar a relação que o estudioso da história tem com o passado. Este é o motivo pelo qual permanece estável o conceito enunciado por Edward Hallet Carr, que define a História como “um processo contínuo de interação entre o historiador e seus fatos, um diálogo sem fim entre o presente e o passado”².

O conceito que define uma determinada ciência, revela qual é o objeto de estudo da tal ciência. No caso da História, como fora citado anteriormente, são os eventos do passado. Para o estudioso da história, ter como objeto de estudo essa disciplina os acontecimentos do passado, responde satisfatoriamente à questão sobre “o quê” o historiador deve pesquisar.

No entanto, para uma interpretação filosófica da História, não é tão relevante conhecer “o quê” o historiador estuda; mas, “como” o estuda. Isso sugere o estabelecimento de certas linhas de pensamento interpretativo sobre o acontecer histórico. Em outras palavras, é uma forma de tornar inteligível o fato histórico. A atitude do teórico da interpretação filosófica da história é buscar uma resposta à questão do “por que” ocorreu o evento histórico.

3. O PRINCÍPIO DA CAUSALIDADE

A História pode ser considerada como uma das mais antigas ciências documentadas do conhecimento humano. O início da historiografia é anterior ao aparecimento das ciências contemporâneas, como as físicas, biológicas, sociais, etc. Foi assim que, ao longo dos séculos de produção de tratados históricos, surgiram algumas manifestações teóricas que fundamentam a interpretação do acontecer histórico e, dessa maneira, procuram dar resposta à interrogante filosófica: por que acontece o fato histórico?

Uma das primeiras formas teóricas de interpretação da História foi a chamada “Teoria Cíclica”. Segundo esta posição, a história acontece sem começo nem fim, semelhante a estrutura de um círculo. Um evento já ocorrido, volta a ser repetido. É como se um determinado ponto de um aro em movimento circular tocasse a superfície em certo momento e, voltasse a fazê-lo em outro momento.

A síntese dessa corrente leva a exprimir a frase: tudo que aconteceu ao homem, acontecerá a ele novamente. O mesmo pensamento, dito na forma de ação, seria expresso com a frase: tudo que o homem fizer, o fará novamente, numa ação repetitiva permanente. Esta forma de interpretação da História dominava o pensamento dos historiadores gregos, como Heródoto, Tucídides, Políbio; e os romanos, como Tácito e Lívio³.

Um modelo de interpretação da História, relativamente variado do anterior, foi proposto por Giambattista Vico (1688–1744). Esse autor expõe seu pensamento na sua obra sobre *Crítica da Razão Histórica*, onde admite que a História é repetitiva, conforme a teoria cíclica; mas também é progressiva, ou seja, segue uma determinada orientação, segundo expressa a “Teoria linear”. Pode-se ilustrar o pensamento de Vico, utilizando a figura geométrica de uma espiral, onde a repetição é constante, porém, com características progressivas de uma orientação ascendente⁴.

A mais clara expressão da Teoria Linear, sobre a interpretação da História, é encontrada no idealismo de Friedrich Hegel (1770–1831). Esse pensador defende a posição de que desenvolvimento histórico se dá na procura de um ideal supremo: a liberdade. Todos os eventos históricos acontecem em forma sucessiva, e são motivados pelo desejo humano de aspirar à liberdade plena. A sociedade que alcançasse esse padrão ideal de liberdade, teria constituído o que ele denominava de Estado racional. Para Hegel, a história ocorre num processo de desenvolvimento à semelhança do desenvolvimento humano, iniciando na fase da infância, passando pela juventude e maturidade⁵.

Na segunda metade do século XIX, surge um novo pensamento, que enfatiza a matéria como única realidade. Essa nova corrente filosófica, outra forma de expressão da Teoria

Linear, é o “materialismo histórico”, que surgiu como uma bandeira da luta social desfraldada por Friedrich Engel (1820-1895) e Karl Marx (1818-1883). Para esses teóricos, a substância da realidade é a matéria em movimento. A História é a manifestação temporal dessa realidade, a qual se evidencia na luta de classes. Todo evento histórico, até os mais insignificantes, tem sua origem na luta de classes. Essa matéria em movimento é manifestada nos conflitos sociais entre os grupos privilegiados e os grupos sociais submetidos à exploração.

Os mentores desse modelo, ao aceitarem que a realidade histórica é a matéria em movimento, reconhecem que o motor que impulsiona tal forma de expressão social é a luta de classes. O ideal a ser atingido é a extinção paulatina das diferenças sociais, que conduz a humanidade a constituir uma sociedade sem classes, ou seja, o comunismo perfeito ⁶.

O impacto desse paradigma foi tão forte que até influenciou estudiosos da história bíblica, tais como Norman K. Gottwald. Este autor, ao tratar da historicidade do período patriarcal, reconhece que é necessário editar uma nova versão da mesma até encontrar narrativas que evidenciem a luta de classes. Dessa maneira, Gottwald sugere a aplicação de métodos sociais, entre os quais, as propostas por Karl Marx, para conhecer e talvez escrever a verdadeira história do povo de Israel ⁷.

Todas essas teorias de interpretação histórica, tanto a Cíclica como a Linear, estão baseadas num fundamento que José A. Maravall chama de “Princípio da Causalidade”. Emoldurado neste princípio, a história é uma seqüência de eventos promovidos por uma causa ou evento anterior. Assim, mantém-se conexão entre um fato anterior e outro posterior, de modo que o último aparece como conseqüência do primeiro ⁸.

4. O PRINCÍPIO DO DETERMINISMO

José A. Maravall, mencionado linhas acima, observando os fenômenos da natureza, principalmente no campo da física, enuncia outro fundamento para explicar o fato histórico: o “Princípio do Determinismo” ⁹. Não se pode duvidar da experimentação e dos resultados dos fenômenos físicos, como a força gravitacional, a atração dos corpos, a incidência dos raios luminosos, etc., cujos efeitos são determinados e seus resultados podem ser previstos. Assim, do mesmo modo, os eventos históricos não seriam manifestações aleatórias, mas fatos sujeitos a um prévio determinismo.

Uma noção do “Princípio do Determinismo” aplicado à interpretação da História é encontrada na obra *Cidade de Deus* de Agostinho de Hipona (354-430). Nessa obra, seu autor procura explicar que a queda do império romano e outros acontecimentos foram desígnios da Divina Providência ¹⁰. Modernamente, essa mesma noção é transmitida por um dos mais destacados teóricos da interpretação histórica, Arnold Toynbee. Segundo esse erudito, a História segue o desdobramento de um plano divino, até alcançar uma finalidade última, ou seja, cumprir o seu propósito teleológico ¹¹.

O estudioso da Bíblia que procura, mediante o uso deste instrumento sagrado, compreender a realidade histórica deste mundo e seu desenlace último, encontra nas suas páginas a orientação precisa para atingir esse propósito. Os escritores da Bíblia não somente foram inspirados para registrar os eventos passados, mas também receberam iluminação para expor o plano divino sobre o acontecer histórico do homem. Logo, mediante o estudo das Escrituras é possível continuar o “diálogo”, mencionado anteriormente segundo o conceito de Edward Hallet Carr, não somente “entre o presente e o passado”, mas também “entre o presente e o futuro”.

É temerário negar que muitos eventos ocorridos no transcorrer da História dependem de uma “causa” e, da mesma maneira, não se pode negar que outros resultaram de uma manifestação de conflito ou “luta de classes”. Tal distinção serve de base para a fundamentação das respectivas teorias. No entanto, sobre esses paradigmas se impõe a autoridade das Escrituras, cuja revelação assevera que o transcurso da História é o desdobramento do “plano divino” para a humanidade, até atingir que esse atinja sua suprema finalidade.

Afirmar que a História é o desdobramento do “plano divino”, imposto sobre o acontecer da realidade humana, pode ser surpreendente para quem não é familiarizado com a interpretação bíblica. Contudo, para quem tem intimidade com as páginas bíblicas, tal afirmação adquire todas as características de uma revelação. Essa revelação, expressa na Bíblia, é transmitida num estilo literário próprio, pleno de simbolismos e denominado profecias.

5. O DETERMINISMO E A PROFECIA

Profecia é um vocábulo substantivado, cujo conceito, por estar relacionado a uma atividade de expressão muito restrita, não é fácil de ser enunciado. Em forma simples, a profecia pode ser definida como a proclamação da palavra e vontade de Deus. Considerando o caso específico da profecia, o sentido dessa proclamação é extensivo ao futuro. Por isso o desenrolar da história humana é a expressão da vontade de Deus, mediante a revelação.

Todavia, é preciso considerar que a análise e interpretação da profecia não devem conduzir à simples descrição de acontecimentos que irão ocorrer, independentes de um propósito divino. Se assim fosse, a interpretação profética seria simplesmente uma outra forma de adivinhação ou instrumento de elaboração de prognósticos, emitidos para satisfazer mentes curiosas.

A profecia, mais do que revelar a História futura, procura manifestar claramente que os eventos do porvir estão determinados pela vontade de Deus, com o propósito de favorecer o bem-estar final do homem. Assim, o significado da profecia se amplia, alcançando as áreas que disciplinam o procedimento social humano e as que orientam a conduta individual. Isto significa que a profecia, além de revelar a história futura da humanidade, torna claro que o propósito divino irá se cumprir, respeitando o livre-arbítrio conferido ao homem. Desse modo, o conteúdo da profecia inclui palavras de exortação, advertência e encorajamento para os integrantes do povo de Deus de todas as épocas; a fim de que possam cumprir com a finalidade prescrita.

A profecia é a palavra de Deus. A palavra é ação que se manifesta tanto na criação como na história e, que “permanece para sempre” (Is 40:8). Pela palavra de Deus é que o Universo veio à existência, e pela palavra divina o desígnio do Universo foi traçado. Desde o Jardim do Éden a palavra profética revela o propósito último para o homem, o qual é sua salvação (Gn 3:15).

A História humana não é outra coisa senão a história da salvação, determinada desde o alvorecer da civilização. Nesse processo, Deus é o realizador e organizador da história humana. Ele não se limita a uma atuação afastada dessa realidade, mas pela encarnação, o próprio Deus participa da História. A aceitação desta realidade torna inteligíveis as palavras de Jesus quando afirma: “...meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também” (João 5:17). Entendendo por “trabalho”, o processo de salvação do homem efetuado pela Divindade.

A relação da palavra profética com a natureza divina é de tal sentido que a ação de Deus, como criador e como condutor da história, é realizada por este mecanismo. Nas Escrituras Sagradas, as palavras divinas e os fatos conseqüentes fazem parte da revelação de Deus. O Ser divino atua no universo expressando sua vontade mediante a palavra profética. É pela profecia que os desígnios de Deus são cumpridos. Como criador, Deus revela por meio da palavra profética sua função de governante do Universo (Sl 65:5-14). Sujeita cada objeto da criação ao cumprimento irrestrito de leis naturais, tão necessárias e que garantem a própria existência deles (Jr 31:35). Assinala também a cada objeto, limites da sua participação natural e uma específica finalidade deste (Jr 5:22).

É também pela palavra profética que Deus manifesta sua intenção sobre os eventos que marcam a história humana. Estes, não são acontecimentos acidentais, obedecem a um plano estabelecido por Deus, inclusive os de relativa significação (Is 43:18-21). Na Bíblia, Deus é apresentado como quem dirige a História de maneira sábia, determinando no transcorrer dos fatos uma finalidade e, fazendo que todo esse desígnio se cumpra pelo Seu atributo de onipotência.

Em forma específica, Deus dirige a história do Seu povo escolhido, exortando-o à obediência e, verbalizando advertências e ameaças de castigo (Am 3:2). Deus dirige também a história das nações, cuja participação no cenário histórico é preponderante pelo seu papel de domínio sobre outros povos (Is 10:5-14); e daquelas que, mesmo sendo menos expressivas, são significativas para a compreensão da História geral (Am 9:7 u.p.).

O objeto da profecia é dar sentido à História. É pela revelação profética que a história humana adquire seu real significado. A aceitação dessa afirmação foi uma questão existencial na religião do povo de Israel, e por extensão, também o é, no sentimento religioso do homem moderno, pois envolve o propósito final para a humanidade.

A palavra profética nos revela em última análise que Deus é o centro da História. Sua relação direta é evidenciada pela participação em dois planos de atuação. Primeiro, como



Providência ¹², ao organizar ou projetar o desenlace da História e, segundo, pela participação direta, através da encarnação, no drama da História humana. Deus entra na História, participa do cenário humano e dessa maneira assinala o objetivo teleológico para o homem.

NOTAS DE REFERÊNCIA

1. Essa expressão é própria da escola histórica alemã, exposta principalmente por Leopold von Ranke (1795-1886). Helio Jaguaribe. *Um Estudo Crítico da História*, p. 34.
2. Citado por H. Jaguaribe, Op. Cit. p. 41. Thomas Ramson Giles. *Introdução à Filosofia*, p. 212.
3. Vico acreditava que todos os povos passam por três idades sucessivas: a divina, a heróica e a humana. Essas idades são repetitivas e em forma indefinida (lei dos fluxos e refluxos) Jacinto Tredici. *História de la Filosofia*, p. 167
4. Hegel afirma que o idealismo na História começa com as nações do antigo Oriente e se desenvolve nas nações do Ocidente. T.R. Giles, Op. Cit. p. 214.
5. Para o Materialismo Histórico todo pensamento humano é conseqüência das suas necessidades vitais, que são de caráter econômico. Assim, a sociedade está sujeita a luta de classes para satisfazer essas necessidades. I. M. Bochenski. *A Filosofia Contemporânea Ocidental*, p. 81.
6. Norman K. Gottwald. *As Tribos de lahweh*, pp. 12-33.
7. José Antonio Maravall. *Teoria del Saber Histórico*, p. 160.
8. José Antonio Maravall. *Teoria del Saber Histórico*, pp. 146-160.
9. J. Tredici. Op. Cit. p. 84.
10. H. Jaguaribe, Op. Cit. pp. 50-52.
11. A Providência divina é comparada, por Keller e citado por Schökel, à atividade de um cineasta que organiza e monta o espetáculo da História, em três seqüências. A relatada por Moisés, a história de Israel; de Daniel, a sucessão dos grandes impérios; a de Isaías, o reino eterno de Deus. L. Alonso Schökel & J. L. Sicre Diaz. *Profetas. Comentários*, vol. I, p. 64.

TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO

DIMENSÕES MORAIS DA CONTRACEPÇÃO: UMA VISÃO BÍBLICO-CRISTÃ

Rogério Stencil Arrais

Bacharel em Teologia pelo Unasp, Campus Engenheiro Coelho, SP.
TCC apresentado em dezembro de 2004
Orientador: Emilson Reis, MTP
rogerio.arrais@iabc.org.br

RESUMO: O propósito deste estudo é analisar os principais pontos envolvidos na utilização de contraceptivos e a compreensão que existe sobre o assunto no meio cristão. Examinar se os métodos utilizados pela sociedade respeitam as normas ético-cristãs e, além disso, fornecer subsídios para o uso dos mesmos.

PALAVRAS-CHAVE: ética bíblico-cristã, planejamento familiar, contracepção, sexo.

Moral dimensions of contraception: a christian-biblical view

ABSTRACT: The purpose of this study is to analyze the majors points related with the use of contraceptives and the understanding about this issue in Christian circles. It investigates if methods of common usage in society coadunate with Christian-ethical norms. It also intends to provide guidance concerning their usage.

KEYWORDS: Christian-biblical ethics, family planning, contraception, sex.

CENTRO UNIVERSITÁRIO ADVENTISTA DE SÃO PAULO
CAMPUS ENGENHEIRO COELHO
CURSO DE TEOLOGIA

DIMENSÕES MORAIS DA CONTRACEPÇÃO
UMA VISÃO BÍBLICO-CRISTÃ

Trabalho de Conclusão de Curso
Apresentado como requisito parcial
à obtenção da Graduação no
Bacharelado em Teologia

Por
Rogério Stencil Arrais
Dezembro de 2004

CENTRO UNIVERSITÁRIO ADVENTISTA DE SÃO PAULO
CAMPUS ENGENHEIRO COELHO
CURSO DE TEOLOGIA

DIMENSÕES MORAIS DA CONTRACEPÇÃO
UMA VISÃO BÍBLICO-CRISTÃ

Trabalho de Conclusão de Curso
Apresentado como requisito Parcial
à obtenção da Graduação no
Bacharelado em Teologia

Por

ROGÉRIO STENCEL ARRAIS

COMISSÃO DE APROVAÇÃO:

Orientador
Emílson dos Reis
Professor de Teologia Aplicada

Avaliação

Ruben Aguilar
Professor de Teologia Histórica

Data da Aprovação

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULOS	
1. PLANEJAMENTO FAMILIAR.....	3
1.1 RAZÕES PARA TER FILHOS.....	3
1.1.1. As crianças são um dom.....	4
1.1.2. Os filhos são uma bênção.....	4
1.1.3. Os filhos são uma prova tangível do amor do casal.....	5
1.1.4. Os filhos realizam um desígnio da mente humana.....	5
1.2. RECÉM-CASADOS.....	6
1.3. EXPLOSÃO DEMOGRÁFICA.....	6
1.4. ORDENANÇA BÍBLICA.....	8
2. CONTRACEPTIVOS DO PONTO DE VISTA CRISTÃO.....	10
2.1. ARGUMENTOS CONTRA O CONTROLE DA NATALIDADE.....	10
2.1.1. Controlar é desobedecer ao mandamento de Deus.....	10
2.1.2. Controlar é um assassinato incipiente na intenção.....	11
2.1.3. O propósito do sexo é a procriação.....	11
2.2. RESPOSTAS AOS ARGUMENTOS CONTRA O CONTROLE DA NATALIDADE.....	13
2.2.1. O mandamento de Deus é geral, não específico.....	13
2.2.2. O controle da natalidade não é um assassinato incipiente.....	14
2.2.3. A procriação não é o único propósito para o sexo.....	15
2.2.4. A Bíblia não condena o controle da natalidade em geral.....	15
3. QUESTÕES POLÊMICAS SOBRE CONTRACEPTIVOS.....	17
3.1. ABORTIVOS COMO CONTRACEPTIVOS.....	17
3.2. PRESERVATIVO CONSIDERADO COMO MAL MENOR.....	18
3.3. ESTERILIZAÇÃO.....	20
3.3.1. Terapêutico.....	20
3.3.2. Contraceptivo.....	21
3.3.3. Eugênico.....	21
3.3.4. Social.....	21
3.3.5. Punitivo.....	22
3.4. CONTRACEPÇÃO E INTERESSES POLÍTICOS, ECONÔMICOS E SOCIAIS.....	22
3.5. CONTRACEPÇÃO E ADOLESCÊNCIA.....	23

3.6. CONTRACEPÇÃO E JUVENTUDE.....	24
CONCLUSÃO.....	26
BIBLIOGRAFIA.....	28

INTRODUÇÃO

Na construção e estabelecimento de um lar, existe a preocupação sobre a quantidade de filhos. Muitas famílias possuem um planejamento familiar adequado às condições econômicas do país e às do próprio casal. Além disso, os casais estão sujeitos a outros fatores que são postos na balança ao planejarem a chegada de um filho ou filha. Neste planejamento incluem-se também os métodos contraceptivos que podem adiar a vinda de um bebê, ou mesmo, impedi-la para sempre. Porém, será que há implicações teológicas com respeito aos contraceptivos disponíveis? Que métodos estão disponíveis para este fim? Estariam estes métodos de acordo com a moral e ética bíblico-cristã-adventistas?

O propósito deste estudo é analisar os principais pontos envolvidos na utilização de contraceptivos e a compreensão que existe sobre o assunto no meio cristão. Examinar se os métodos utilizados pela sociedade respeitam as normas ético-cristãs e além disso, fornecer subsídios para o uso dos mesmos.

Pode ser notada a pouca quantidade de pesquisas feitas neste sentido. Embora o assunto, quando levantado, a princípio não pareça demonstrar grandes dificuldades de interpretação ética ou de aplicação prática, pode, porém, trazer a luz questões de vida e morte e, por isso, atingir diretamente os mandamentos de Deus para o homem.

O estudo não explicará detalhadamente a utilização de um contraceptivo. Ele enfocará as questões éticas levantadas no meio acadêmico, bem como sua prática em geral pelo ser humano.

Creemos que existe pouca informação sobre o uso apropriado de contraceptivos, principalmente entre a classe economicamente mais pobre, porém, pessoas bem informadas também podem estar usando contraceptivos de forma

contrária à ética bíblica. A igreja tem o papel de orientar sobre o assunto. Ela não deve se omitir, nem tentar impor sua visão e assim controlar a consciência dos membros de forma arbitrária. Contudo, é possível observar que em muitos lugares ou em muitas ocasiões faltam orientações apropriadas tanto para os solteiros quanto para os casados.

Antes de justificar este ou aquele método contraceptivo ou de defender ou não sua utilização, o primeiro capítulo tratará da importância do planejamento familiar e das questões envolvidas na procriação. O segundo capítulo apresentará os argumentos que são utilizados por alguns especialistas contra os métodos contraceptivos, e a contra-argumentação levantada por outros especialistas. No terceiro capítulo serão apresentadas mais algumas questões sutis, como por exemplo, a utilização de contraceptivos por motivos de interesse político e também o tema da esterilização.

CAPÍTULO 1

PLANEJAMENTO FAMILIAR

Nos tempos antigos a falta de filhos era uma vergonha para o casal, principalmente para a mulher, que era considerada como amaldiçoada por Deus (Gn. 20:18; Dt. 7:14). Hoje existe, ainda, uma certa cobrança por parte da sociedade para que os casais tenham filhos. Porém, as circunstâncias do mundo têm feito com que as pessoas pensem mais e considerem alguns fatores antes de assumirem a vocação de pais e mães. Alguns deles refletem sobre a quantidade de filhos, sobre a hora certa para os criarem e muitos deles optam por adiar durante algum tempo a chegada de um bebê. Para esta última finalidade o casal necessita analisar os métodos contraceptivos apropriados para as circunstâncias sócio-físico-econômicas do casal.

Porém, antes de falar em contracepção, faz-se necessário mostrar as razões para um casal planejar e ansiar a chegada dos filhos. Vendo os benefícios e cuidados da concepção eles poderão lidar de forma correta com a contracepção.

1.1 RAZÕES PARA TER FILHOS

Os filhos podem ser desejados por uma série de razões. Muitos pais podem ter boas razões e outros podem até almejá-los por razões negativas ou egoístas. Alguns deles também, infelizmente não são planejados ou desejados, mas para um casal que preza por sua família há bons motivos para se ter filhos. Lahaye cita quatro razões: as crianças são um dom, uma bênção, uma prova tangível do amor do casal e realizam um desígnio da mente humana (Lahaye, 1986 p.183). A seguir cada um destes itens será discutido.

1.1.1. As crianças são um dom

Os seres humanos criados a imagem de Deus têm a capacidade de procriar o dom da vida, podem continuar a obra iniciada por Seu Criador. O ser nascido também recebe a capacidade de produzir outros seres com livre arbítrio. Estes seres através da aceitação de Jesus como Salvador podem obter vida eterna que foi o plano original de Deus para o homem. Portanto o dom da vida é perpetuado através da procriação.

1.1.2. Os filhos são uma bênção

Uma das maiores alegrias para os pais é verem o desenvolvimento de uma criança, desde seu nascimento, infância, adolescência e vida adulta. Elas são fonte de alegria no lar. Apesar das possibilidades de doenças, fracassos, dificuldades financeiras, e quase todos os tipos de problemas que crianças e jovens podem trazer, a procriação vale a pena por este envolvimento e crescimento mútuo que existe dentro do lar.

O lar é um bem precioso para a humanidade, e deve ser protegido contra os ataques do Inimigo. Os pais ao receberem seus filhos entendem mais o profundo amor de Deus, e as crianças, com o auxílio dos pais, podem crescer estáveis fisicamente, mentalmente, socialmente e espiritualmente, para a glória de Deus.

“Por vezes os homens consideram os filhos como ‘uma grande responsabilidade’, ‘um peso financeiro’, ou ‘um acidente’, mas a Bíblia os considera ‘uma bênção’” (Ibid. p. 179). Ela ainda acrescenta sobre a bênção de gerar filhos: “Feliz o homem que enche deles a sua aljava” (Sl. 127: 5, RA). Utiliza uma linguagem figurada comparando os filhos a flechas e a seguir diz que felizes são aqueles que enchem sua aljava de flechas.

1.1.3. Os filhos são uma prova tangível do amor do casal

Os pais podem enxergar de forma palpável o resultado do amor que têm ao se tornarem “uma só carne”, e reproduzirem uma pessoa de uma só carne, que é uma combinação dos dois. Os traços apresentados pelos filhos estão ligados às feições e características paternas e maternas, o que confere valor e apreciação. “Portanto, o plano de Deus era que os filhos fossem uma manifestação do amor dos pais” (Ibid. p. 180).

1.1.4. Os filhos realizam um desígnio da mente humana

O homem foi dotado com este instinto de se tornar pai, mãe, avô, avó. Sua estrutura mental está condicionada a procriar-se. Isto é natural no ser humano, e para que ele possa se completar, uma das realizações é se tornando pai ou mãe. “Deus nunca ordena ao homem que faça nada que não esteja de acordo com sua estrutura mental. O melhor modo de se descobrir os mecanismos mentais do homem é estudar os mandamentos de Deus na Bíblia. Pois ele colocou na mente do homem uma estrutura psíquica que só opera harmonicamente quando este obedece aos seus mandamentos” (Ibid.). Aqueles que por algum motivo não podem ter filhos, “a graça de Deus lhes basta”, porém aqueles que egoisticamente se recusam a gerar filhos, deixam de receber a gratificação de estar em harmonia com o processo natural colocado pelo Criador.

Acima foi visto a valorização da concepção como um plano estabelecido pelo Criador e que os casais, por conseguinte, também devem valorizar. A seguir, analisaremos o que ocorre com os casais atuais na hora de planejarem seu lar em relação ao momento mais apropriado para a chegada e à quantidade de filhos.

1.2. RECÉM-CASADOS

Muitos casais escolhem não ter filhos, pois não querem assumir a responsabilidade, ou porque não querem que os filhos atrapalhem suas carreiras profissionais ou seus interesses pessoais. Justificativas consideradas egoístas se tomados em consideração apenas estes motivos. Contudo, há casais que desejam aguardar um pouco, pois esperam construir um ambiente melhor para eles, ou esperam estabilizarem-se profissionalmente para então trazer à luz bebês com melhores condições de vida. Motivos justos e sábios, pois o primordial é planejar. Muitos lares naufragam por falta de planejamento, e os filhos são colocados em situações difíceis, pois não encontram um ambiente apropriado para se desenvolverem e se firmarem de uma forma mais equilibrada na vida.

Um jovem casal precisa de tempo para adaptar-se. Algo natural e normal. Embora o período de namoro tenha sido uma oportunidade para se conhecerem, há facetas da personalidade e do caráter que são revelados apenas dentro do casamento. E um bebê nesta hora tornaria mais complexa esta adaptação à vida a dois, tão importante logo após o matrimônio (Woolsey, 1987, p. 43).

1.3. EXPLOSÃO DEMOGRÁFICA

O desenfreado crescimento da população tem causado sérios problemas, principalmente em países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento. Juntamente com esta explosão demográfica alguns problemas surgem tais como contaminação ambiental, fome, crimes, problemas com transporte e muitos outros (ver estudo detalhado destes problemas em Woolsey, 1987, p. 44).

Além disso, os pais a cada dia têm menos tempo para os filhos, deixando de suprir suas necessidades emocionais, afetivas e físicas. Os custos de vida e

educação por outro lado, estão sempre mais altos e o rendimento familiar não proporciona estabilidade para quatro, cinco ou mais filhos.

No passado ter muitos filhos significava riqueza e fonte de trabalho, e até segurança militar, em consequência disso as famílias eram grandes e numerosas, embora também tivessem suas desvantagens. Não eram difíceis de encontrar mães prejudicadas, bebês enfermos e crianças sem uma educação personalizada.

Neste sentido a contracepção pode ajudar. As mães são preservadas com mais saúde e capacidade para educar seus filhos, as crianças recebem um tratamento especial e personalizado na educação e o pai pode com seus recursos atender adequadamente as necessidades de sua família. Para isto as pessoas tiveram que recorrer a métodos contraceptivos naturais ou aqueles desenvolvidos pela medicina para sabiamente planejarem suas famílias e melhorarem a qualidade e o bem estar de seus componentes.

Contudo, algo deve ser dito sobre a explosão demográfica. Se por um lado o aumento populacional desregrado é prejudicial, a falta de crescimento acarreta problemas tão graves ou piores. O aumento de pessoas com idade avançada e a diminuição de pessoas jovens na sociedade causam problemas tais como falta de força de trabalho, sobrecarga dos recursos públicos para saúde, seguro social e conseqüente aumento de impostos. Por isto, muitos países que fizeram no passado programas de controle de natalidade, estão hoje incentivando o crescimento populacional e até mesmo chamando pessoas de outras partes do mundo para habitarem suas áreas com baixo crescimento de natalidade (ver Davis, 1993, p. 46-49). O estudo de Davis apresenta inclusive exemplos de países como Coréia do Sul, Singapura, Taiwan e Hong Kong que possuem uma alta densidade demográfica, e que estão utilizando este quadro para tornarem-se líderes em produção de produtos

de alta tecnologia, utilizando a força de trabalho e grande quantidade de mentes pensantes (Ibid.).

1.4. ORDENANÇA BÍBLICA

“Multiplicai-vos e enchei a Terra” (Gn. 1:28). Foi a ordem dada pelo Criador. Ao findar a criação, homem e mulher foram abençoados por Deus. Uma bênção de fertilidade, para que o mundo se enchesse de seres humanos a semelhança de Adão e Eva e em consequência a semelhança do próprio Deus.

É importante notar alguns aspectos com respeito a esta ordenança tais como o tempo, a ocasião, a situação, o ambiente, etc. Após a criação Adão e Eva eram os únicos seres humanos a habitarem a Terra. Existia alimento em abundância, a educação era proporcionada pelo Criador e não precisavam se preocupar com moradia e vestimentas. Com a entrada do pecado a bênção da procriação continua e os pais ainda têm esta oportunidade. Contudo as circunstâncias mudaram, e muito. Embora um casal tenha até a possibilidade de ter muitos filhos, é importante usar a sabedoria dada por Deus para planejar a quantidade de filhos de modo a prover uma qualidade de vida melhor para a família.

Outro aspecto importante que é ressaltado por Lima é que “o número de filhos nunca foi especificado na Bíblia, como condição especial para o cumprimento da vontade divina. Ele não disse qual seria o multiplicador (...) o nascimento do primeiro filho já provoca uma multiplicação.” A Bíblia dá importância ao cuidado dos filhos também e não apenas ao multiplicar. Diz o salmista: “Os filhos são a herança do Senhor” (Sl. 127:3, RC), por isto devem ser cuidados e queridos. Em I Timóteo 5:8 Paulo afirma que: “se alguém não tem cuidado dos seus, e principalmente dos da sua família, negou a fé, e é pior do que o infiel” (RC). Mais importante do que multiplicar é cuidar bem dos filhos já gerados, segundo a Bíblia (Lima, 2002, p. 58).

O que foi visto até aqui demonstra a seriedade da questão, pois por um lado há um incentivo à procriação e por outro a planejar a vinda de filhos. Muitos casais hoje em dia têm optado por métodos contraceptivos naturais ou artificiais, mas muitos deles não recebem informações sobre as implicações do uso deste ou daquele método, ou então nem mesmo discutem o assunto. O próximo capítulo apresentará a visão cristã da contracepção para que um casal possa avaliar e decidir como agirá em seu lar juntamente com seu cônjuge.

CAPÍTULO 2

CONTRACEPTIVOS DO PONTO DE VISTA CRISTÃO

É importante saber que dentro do cristianismo existem argumentos contra e a favor da contracepção. É de grande valor expor os pensamentos existentes dentro de um meio que professa utilizar a Bíblia como norma e fonte de princípios. A preocupação da ética é pesar na balança estes argumentos para que se possa aplicá-los corretamente.

2.1. ARGUMENTOS CONTRA O CONTROLE DA NATALIDADE

Existem pelo menos quatro argumentos contra o uso de métodos contraceptivos. E seus defensores os utilizam tendo como base a Bíblia. Geisler cita quatro principais argumentos: controlar é desobedecer ao mandamento de Deus; controlar é um assassinato incipiente na intenção; o propósito do sexo é a procriação; e a própria Bíblia condenou o controle de natalidade (Geisler, 1997, p.180).

2.1.1. Controlar é desobedecer ao mandamento de Deus

O primeiro mandamento expresso por Deus foi o de se multiplicar, portanto, ele deve ser seguido. Homem e mulher, com suas qualidades têm a oportunidade de compartilhar da bondade de seu Criador ao reproduzir-se. Sendo assim, deixar de seguir a orientação divina é egoísmo, dizem os defensores desta idéia. Estes pressupõem que a obrigação da vida é passá-la à frente. O texto bíblico usado para sustentar sua tese é: “Como flechas na mão do guerreiro, assim os filhos da mocidade. Feliz o homem que enche deles a sua aljava!” (Sl. 127:5, RA). Adotam, ainda, o ponto de vista de que a esterilidade era considerada uma maldição (Gn. 20:18; Dt. 7:14). Ao deixar de compartilhar a vida, as pessoas estariam obliterando

o plano de Deus de estender o dom da vida a tantas pessoas quanto possível (Ibid. p.180 e 181).

2.1.2. Controlar é um assassinato incipiente na intenção

Os defensores deste argumento comparam aqueles que utilizam métodos contraceptivos a um semeador que ao plantar, aplica veneno nas sementes logo que começam a germinar; ou a um sitiante que se recusa a plantar a semente no solo fértil. Dizem eles que isto é matar de antemão. Os textos utilizados para este argumento são: “Vede agora que Eu Sou, Eu somente, e mais nenhum Deus além de mim; Eu mato, Eu faço viver” (Dt. 32:39, RA). Assim concluem que tentar exercer uma prerrogativa divina - a não ser com o Seu consentimento - ou seja, tentar controlar a vida, é moralmente errado (Ibid. p. 181).

Grunlan demonstra de forma prática como este pensamento se apresenta: “Um casal deveria engajar-se em atividade sexual e deixar os resultados para Deus (...) estamos nos colocando no lugar de Deus (...) um casal deveria confiar em Deus desde que Ele sabe o que é bom para eles e trará os melhores resultados” (Grunlan, 1984, p. 232). Aqui entra em questão o poder de controlar a natureza. Os defensores deste pensamento acreditam que o homem não tem esta prerrogativa.

2.1.3. O propósito do sexo é a procriação

O prazer do sexo só pode ser ganho, de acordo com alguns, quando estiver ligado à intenção de procriar. O sexo não é para diversão, mas sim para procriação. O uso, portanto de dispositivos para a anticoncepção, é moralmente errado, sendo uma atitude egoísta, pois, favorece os deleites do sexo sem o dever de gerar filhos.

Este pensamento foi grandemente influenciado por Agostinho, que ao reagir ao Maniqueísmo acabou por estabelecer regras muito estritas para o relacionamento sexual. Ele dizia que para um relacionamento sexual ser sem pecado, deveria

acontecer sem o uso de contraceptivos e os frutos deveriam ocorrer da união, e acrescentava que todo ato de intercursos tinha que ter uma intenção procriadora. Sua idéia sobre o pecado original também tinha que ver com a idéia de relacionamento sexual entre Adão e Eva sem a intenção de produzirem descendência, por isto todos os descendentes daquela união nascem com o pecado original (Fromer, 1983, p. 109). Temos que notar na atitude de Agostinho seu grande fervor ao se converter do movimento maniqueísta (do qual participou dos 18-29 anos) e que se posicionava contra a concepção (ver Fromer, *Ibid.*).

Este conceito foi fortemente defendido pelo papa João Paulo VI ao publicar a encíclica *Humanae vitae*, onde se afirma que “todo ato matrimonial deve permanecer aberto à transmissão da vida” (HV 11) e que há um “elo indissolúvel entre os dois significados do ato conjugal: união e procriação” (HV 12) (João Paulo VI¹ Apud Séguin, 1997, p. 73).

2.1.4. A própria Bíblia condenou o controle de natalidade

O texto utilizado é de Gênesis 38:9, onde um homem, deliberadamente se recusou a procriar. Concluem, assim, que a prática contraceptiva é errada. O verso bíblico diz: “Sabia, porém, Onã que o filho não seria tido por seu; e todas as vezes que possuía a mulher de seu irmão deixava o sêmen cair na terra, para não dar descendência a seu irmão” (RA). Este é o único caso na Bíblia em que alguém tenta impedir a procriação, ou seja, utilizar uma forma contraceptiva. E essa ação foi condenada por Deus (Geisler, *Ibid.* p. 181 e 182).

¹ PAUL VI, *La régulation des naissances. Encyclique Humanae vitae*, Montreal, Fides, 1968.

2.2. RESPOSTAS AOS ARGUMENTOS CONTRA O CONTROLE DA NATALIDADE

Embora os argumentos citados acima não devam ser totalmente desconsiderados, sua tentativa é provar, apenas, que o uso de contraceptivos está errado. Porém, no máximo, demonstram que existem certos limites, e que em cada caso, o uso dos contraceptivos deve ser avaliado. Porém, como já foi afirmado estes argumentos, não apresentam o quadro completo. São parciais em sua abordagem do assunto, deixando algumas lacunas que serão supridas a seguir com base na contra-argumentação de Geisler: o mandamento de Deus é geral, não específico; o controle de natalidade não é um assassinato incipiente; a procriação não é o único propósito para o sexo; e a Bíblia não condena o controle de natalidade em geral (Geisler, *ibid.* p. 182). Assim, procurar-se-á eliminar muitas opiniões errôneas sobre o assunto.

2.2.1. O mandamento de Deus é geral, não específico

O mandamento dado a toda a raça em geral para procriar-se, não atinge necessariamente cada indivíduo. Alguns casos específicos precisam ser avaliados. Por exemplo, aqueles que decidem não se casarem para se dedicarem a Deus, não estão pecando. Sobre isto Jesus declara: “E há outros que a si mesmos se fizeram eunucos, por causa do reino dos céus. Quem é apto para o admitir, admita” (Mt. 19:12, RA). O celibato não é pecado. O chamado de Deus para servi-Lo se estende a pessoas solteiras e casadas.

Existem alguns casais que decidem se resguardar do relacionamento sexual por algum tempo para se dedicarem à oração. Desta forma, perdem a oportunidade do período fértil da mulher e conseqüentemente, a oportunidade de procriação. Estes casais estão utilizando, de certa forma, um método contraceptivo – a abstinência. Porém, eles não estão quebrando uma ordenança divina para se

multiplicar e encher a Terra, ao se dedicarem à oração de forma mais intensa. Paulo ainda complementa neste verso que o motivo para o casal voltar a se unir sexualmente não é por causa de motivos de procriação, mas para que o casal não seja tentado por Satanás pela incontinência (I Co. 7:5).

Além disso, se fosse para atender, estritamente, este mandamento, levando-se em conta o maior número possível de filhos, seria justificativo o casamento polígamo (indesejado por Deus), onde se obteria uma grande quantidade de filhos.

2.2.2. O controle da natalidade não é um assassinato incipiente

É preciso diferenciar entre impedir uma vida de nascer e tirar uma vida depois de ter nascido. Por isso não é pecaminoso planejar a quantidade de filhos que se pretende trazer ao mundo, de modo que cada filho possa subsistir bem. Da mesma forma como a sementeira indiscriminada num pomar, ou numa fileira de milho seria prejudicial para a qualidade e bem estar da plantinha em desenvolvimento, assim também os resultados de um lar sem planejamento poderiam trazer mais males do que bem. Geisler neste sentido afirma:

“de qualquer forma, quem limita a quantidade da vida humana não peca necessariamente. Se alguém limitasse a totalidade da vida humana, quanto à sua multiplicação, isto seria contrário ao mandamento de Deus no sentido de multiplicar a espécie humana, mas limitar alguma vida, especialmente tendo em vista fazer a vida mais viável para as vidas que já estão ali, não é errado” (Geisler, *ibid.* p. 183).

Veja que a ética não lida, apenas com o certo e o errado, mas também se importa com a qualidade de vida dos seres humanos. É ético preservar a vida e é também ético manter a vida com qualidade.

Sobre o homem poder controlar a natureza ou não, é claro dentro da visão bíblica logo nos primeiros capítulos que Deus investiu o homem de autoridade para isto, mas deu-lhe sabedoria para fazê-la da forma correta. Então se pode afirmar

como Grunlan, “A questão real é, deu-lhe Deus meios e responsabilidades para subjugar a natureza? Se Ele o fez, somos responsáveis ao realizar isto” (Grunlan, *Ibid.* p. 233).

2.2.3. A procriação não é o único propósito para o sexo

O sexo tem vários propósitos para o ser humano. Talvez o propósito básico para o sexo seja a procriação, mas existem outros. Ele é uma forma de reviver, de forma recreacional, o amor e compromisso feitos uma vez. “Um casamento humano é mais do que o acasalar. É uma união sem igual de duas pessoas para compartilharem mutuamente as experiências da vida. O sexo é um dos meios de encorajar e enriquecer aquela união” (Geisler, *Ibid.*).

Ao se calcular o período fértil de uma mulher, chega-se à conclusão de que ele abrange apenas 1/10 do tempo da sua vida de casada, ou seja, mais ou menos três anos (1000 dias). “Pareceria estranho que Deus designasse o sexo com seus impulsos durante várias décadas da sua vida, se fosse designado somente para estes breves períodos procriativos” (*Ibid.*). Um dos melhores exemplos de amor recreacional entre um homem e uma mulher encontra-se no livro Cantares de Salomão, onde o amor físico é expresso de forma patente no relato.

2.2.4. A Bíblia não condena o controle da natalidade em geral

Não se pode estabelecer uma regra de controle de natalidade calcada no episódio ocorrido com Onã em Gênesis 38:9. O ocorrido naquela passagem trata de um outro assunto. Onã estava se omitindo a produzir descendente para seu irmão mais velho, morto por Deus por sua maldade. Assim, deixou de cumprir um dever que mais tarde seria conhecido como lei do levirato. Esta lei regulamentava a situação de algum homem que morresse sem deixar descendente. Neste caso, sua viúva deveria ser tomada por seu próximo irmão, e o primogênito que nascesse da

união, levaria seu nome, para que sua descendência não desaparecesse (Dt. 25:5). Onã usou, portanto, neste caso, um método contraceptivo (coito interrompido) por motivos egoístas, pois, manteve relações sexuais sem a intenção de gerar descendentes para seu irmão.

Hoje alguém pode ter outros motivos para não ter filhos - razões higiênicas ou para o bem-estar psicológico e emocional de uma esposa sobrecarregada de filhos e deveres, dentre outros. “Em resumo, nada há na natureza que limite necessariamente o sexo à procriação e nada há na Escritura para proibir o uso dos contraceptivos quando houver uma motivação apropriada (altruísta). A pergunta não é se, mas quando os contraceptivos são moralmente permissíveis” (Ibid. p. 184).

CAPÍTULO 3

QUESTÕES POLÊMICAS SOBRE CONTRACEPTIVOS

3.1. ABORTIVOS COMO CONTRACEPTIVOS

Nesta pesquisa, procuramos não abordar o tema do aborto, pois consideramos os dois assuntos muito abrangentes, porém, sabemos que os dois envolvem assuntos de natureza ética sobre a vida. Porém, chegamos a um ponto onde os dois temas se cruzam, pois alguns dos chamados contraceptivos são na verdade abortivos. Fromer distingue os dois: “Embora tecnicamente o termo seja usado para substâncias que previnem o óvulo fertilizado de se implantar no canal endométrio e seja usado como sinônimo para contraceptivo, na verdade não é precisamente a mesma coisa. Um contraceptivo, por definição, previne a união de esperma e óvulo” (Fromer, 1983, p. 123).

Nota-se pela definição acima que há uma distinção muito grande entre um e outro. Os contraceptivos previnem a fecundação do óvulo pelo esperma, já o aborto destrói uma vida em formação. Neste caso existem alguns chamados contraceptivos que também fazem isto:

“Existem dois abortivos que são usados com mais frequência: O DIU (embora os efeitos desejados por este mecanismo não são bem conhecidos, pois a melhor teoria é que ele causa pequenas ondas de contrações no útero, tornando a implantação do óvulo impossível; contudo é classificado como abortivo), e ‘a pílula do dia seguinte’, o qual possui uma dose alta de estrógenos que são tomados depois do intercurso sexual ter ocorrido. A pílula do dia seguinte, contudo, tem grandes efeitos colaterais. É normalmente usada para mulheres que foram estupradas” (Ibid.).

Muitos acreditam que para o caso do DIU depende da forma como se encara a transição do óvulo para o útero - o que ocorre lá dentro. Os dois grupos divergentes manifestam-se assim:

“Aqueles que vêem os abortivos como moralmente lícito, vêem aquele grupo de células apenas como um conjunto de células indistintas que aconteceram de se juntarem por uma relação sexual. Nesta junção de células, ou seja, neste emaranhado, cada célula é uma célula; não tem nenhuma função humana relacionada, nem estão ligadas a algum órgão ou sistema do corpo” (Ibid). Olhando por este ângulo parece não haver diferença entre destruir este sistema de células e destruir células sexuais individuais. Contudo, existe outro grupo de especialista que vêem o fato diferentemente. “Aqueles que vêem os abortivos como moralmente ilícitos vêem o grupo de células como uma pessoa em potencial porque têm todas as características genéticas de uma pessoa.” (Ibid.). Portanto, quem faz uso deste dispositivo deve estar a par das discussões e das implicações do uso do DIU. É digno de nota que também outros autores pesquisados afirmam que este dispositivo é classificado como abortivo (ver Lahaye, 1976 p. 189; Keane, 1977, p. 127; Grunlan, 1984, p. 240; Davis, 1993, p. 19 e 39; Lima, 2002, p. 68), embora a maioria também reconheça a contínua polêmica existente.

No caso da pílula do dia seguinte, já legalizada e usada em muitos países, foi altamente combatida pela igreja católica quando regulamentada também nos Estados Unidos em 1996. “Segundo a entidade norte-americana, a droga pode ser usada por mulheres que estejam até na sétima semana de gravidez” (Agências Internacionais, 1996). Desta forma, não se recomenda o uso da pílula do dia seguinte, pois destrói um organismo vivo e produz um tipo de aborto num período inicial de desenvolvimento do ser.

3.2. PRESERVATIVO CONSIDERADO COMO MAL MENOR

Assunto também bastante polêmico é o incentivo dado por algumas entidades de saúde para o uso de camisinhas. Elas defendem o uso com a intenção

de acabar com a propagação da AIDS, e doenças sexualmente transmissíveis e promovem o chamado “sexo seguro”.

Diante de uma situação tão difícil em que se encontra a sociedade, os políticos e até mesmo alguns religiosos consideram o preservativo como um mal menor. Um meio para conter a onda de doenças e gastos extras com saúde e medicamentos.

Sabe-se, porém, que o melhor meio para acabar com doenças sexualmente transmissíveis é a prática do sexo “seguro” dentro do casamento, e abstinência fora dele. Neste sentido a igreja católica é altamente conservadora, como pode ser visto na da declaração de João Paulo II, em 1989: “Uma prevenção de inspiração egoísta, que reivindica considerações incompatíveis com valores prioritários da vida e do amor, nada mais é do que um ato ilícito, contraditório, amenizando o problema sem atacá-lo na raiz”. (Freire e Redação, 1996). Porém, em 1996, uma comissão católica declarou na França: “Se por causa de um comportamento sexual condenável alguém pode vir a transmitir a AIDS, e, portanto a morte, é melhor usar o preservativo. É o mal menor”. (Ibid.). No mesmo artigo Busery, um dos porta-vozes da comissão católica da França, aconselhando um católico solteiro contaminado por causa do uso de drogas injetáveis e que quisesse casar, disse: “Se você acha que pode se contaminar e se matar, ou matar alguém, é melhor usar o preservativo” (Ibid.).

Apesar desta aparente abertura a posição oficial da igreja católica sempre foi contra o uso do mesmo: ‘Para a igreja, a prevenção da AIDS é decorrência da observância da monogamia e, fora do casamento, da castidade’, disse Henry Busery, 36, secretário-geral da Comissão Social dos Bispos da França. (Ibid.)

Quanto ao uso do preservativo dentro dos limites do casamento, não se vê problemas éticos, pois como alguns outros ele pode, apenas, prevenir

espermatozóides de fecundarem o óvulo. O conselho de Lima sobre isto é válido: “O que temos orientado é que, havendo necessidade, pode se usado sem que contrarie a ética cristã, visto que não se trata de método que violente a natureza, ou o funcionamento do corpo da mulher” (Lima, 2002, p. 68).

3.3. ESTERILIZAÇÃO

Este método contraceptivo é posto como o método definitivo para se impedir a procriação de filhos. Portanto um método que na maioria das vezes não pode ser revertido. Existem vários pontos de vista quanto a este assunto. De um lado a igreja católica e os judeus que não admitem de forma alguma este método, e do outro, protestantes evangélicos. O autor Kubo escrevendo a este respeito, coloca a esterilização no mesmo nível que a contracepção, “embora geralmente irreversível e exigindo maior cautela, todavia a esterilização recai no mesmo nível que a contracepção. Se empreendida após marido e esposa terem considerado todos os fatores relevantes, a esterilização basicamente não é diferente da contracepção” (Kubo, 1980, p. 92). Por terem os mesmo propósitos, ambos estão relacionados e têm, portanto as mesmas implicações éticas referentes ao controle da natureza, embora o segundo exija maior cuidado e análise prévia.

De acordo com Lebacqz, a esterilização pode ser utilizada com cinco propósitos principais: Terapêutico, contraceptivo, eugênico, social e punitivo (Lebacqz² Apud Fromer, Ibid. p. 135).

3.3.1. Terapêutico

Serve para conservar a saúde geral do corpo quando algum órgão sexual comprovadamente não está funcionando bem (Fromer, Ibid. p. 125).

² Lebacqz, K. Sterilization: ethical aspects. In *Encyclopedia of bioethics*, v. 4, p. 1609.

3.3.2. Contraceptivo

Impede o nascimento de crianças, ou limita o tamanho da família. Deve ser pensado e decidido com oração, pois é considerado um método irreversível (Lahaye, 1976, p. 194). Neste mesmo aspecto Wittschiebe orienta: “certamente qualquer pessoa que considere tal tipo de esterilização deveria se sentir livre para perguntar a opinião de seu médico, a qual deveria se fundamentar nas últimas descobertas disponíveis a ele no momento” (Wittschiebe, 1974, p. 126).

3.3.3. Eugênico

Usado quando pessoas mentalmente desequilibradas ou retardadas podem gerar filhos com as mesmas características. Muitas vezes este método é usado de forma coerciva (contra a vontade da pessoa, violando seus direitos) (Fromer, Ibid. p. 126).

3.3.4. Social

Utilizado quando se quer conter o aumento desregrado da população, contudo, muitas vezes questões de racismo podem se levantar por trás destes programas. Dizer apenas que não é justo trazer uma criança a um mundo de pobreza, miséria e violência não é motivo para um programa geral de esterilização, pois as pessoas podem estar deixando de abrir uma porta somente por estarem enxergando as circunstâncias presentes e ignorando o futuro que é difícil de prever. Neste aspecto vários líderes e pessoas cristãs de influência têm reagido às atitudes de certos países que promovem o ‘controle de natalidade’ (no sentido real da expressão). Acreditam que não é papel do Estado decidir a quantidade de filhos que um casal deve ter, nem utilizar meios coercivos, tais como aumento de impostos para aqueles que possuem mais de um filho ou até mesmo obrigar abortos

ou mesmo matar bebês que extrapolam o número de filhos estipulado pelo Governo (ver o caso da Índia, citado por Davis, 1993, p. 21).

3.3.5. Punitivo

Usado em alguns lugares para aqueles que cometem violentos atos anti-sociais, tais como estupro e crimes sexuais. “A justificativa para isto é parcialmente bíblica (teoria do ‘olho por olho’), parcialmente emocional, e parcialmente prática; um homem que é castrado não será capaz de estuprar novamente” (Fromer, Ibid. p. 128). Contudo as coisas podem piorar. Se antes o indivíduo usava seu pênis para agressão, agora ele pode usar instrumentos mortíferos. E, além disso, o papel dos médicos é curar e não punir.

Pode-se concluir que a esterilização involuntária não é certa do ponto de vista ético, pois tira o controle sobre o próprio corpo, o poder de decisão e do exercício da autonomia que cada um deve exercer segundo a vontade de Deus. Quando parte de um ato voluntário, várias orientações devem ser dadas antes de ser efetuada. Cabe aos hospitais e aos órgãos públicos informarem, e às pessoas a buscarem informações, e exigirem seus direitos, pois em certos lugares pode haver abuso e coerção no sentido da esterilização.

3.4 CONTRACEPÇÃO E INTERESSES POLÍTICOS, ECONÔMICOS E SOCIAIS

Embora o assunto da contracepção pareça de ordem particular e pessoal, é difícil separá-lo dos interesses de ordem mais abrangente, isto é, políticos, econômicos e sociais. Este assunto afeta não especificamente uma pessoa, mas pelo menos um grupo ou um segmento significativo da população.

Várias questões podem surgir quanto à natureza das pesquisas, quanto aos gastos envolvidos pelos laboratórios. Outras perguntas tais como: Qual o método

principal através do qual a concepção deveria ser prevenida? O método deveria ser designado para o uso masculino ou feminino? Todos estes questionamentos entram em voga quando grandes montantes de dinheiro e tempo estão envolvidos.

“Algumas minorias étnicas têm feito acusações que as políticas federais e estaduais em relação a pesquisas e serviços envolvendo contraceptivos são racistas; ou sejam, negros, hispânicos e outras minorias, são mais encorajadas a praticarem o controle de natalidade do que os brancos” (Ibid. p. 116). Infelizmente, isto é algo que precisa ser enfrentado em alguns lugares.

3.5. CONTRACEPÇÃO E ADOLESCÊNCIA

Numa fase em que o ser humano está se descobrindo, é de extrema importância uma adequada informação a respeito das transformações físicas e emocionais, das funções de seus órgãos sexuais, e da maneira correta de se comportarem. Nas escolas é comum o estudo de educação sexual. Os pais deveriam conversar com seus filhos sobre estes assuntos (Hess, 1986 p. 75). Porém, o assunto da contracepção não precisa necessariamente ser abordado nesta fase, Depende muito da turma e da maturidade ali expressa. Algumas precauções devem ser tomadas, pois os alunos ainda estão na faixa abaixo de 16 anos (Ibid, p. 86).

O conteúdo da aula vai depender do amadurecimento da classe em que o professor de biologia está atuando, e também da conversa e contato que este professor tem com os pais, onde discutirá as questões envolvidas e procurará receber ou não o consentimento deles para o ensino das técnicas anticoncepcionais. O mais importante nesta fase seria abordar assuntos sobre moral, comportamento, namoro, recato antes do casamento, funcionamento do corpo, curiosidades e dúvidas. Situações pelas quais os adolescentes estão passando no momento.

3.6. CONTRACEPÇÃO E JUVENTUDE

Época em que o indivíduo está mais exposto aos seus instintos e apetites, o jovem deve ser orientado a guardar para o casamento o prazer sexual. Porém, o meio e a sociedade cobram o despertar da sexualidade sem que o jovem esteja maduro psicologicamente, mentalmente e espiritualmente. Ensinam um tipo de comportamento livre, sem repressão. Já a moral bíblica se coloca contrária a este tipo de comportamento, Dr. Natanael Moraes sintetiza a visão bíblica do sexo já a partir do Gênesis que serve como padrão para os jovens solteiros interessados em seguir as orientações do Criador da raça humana:

“(1) uma atividade a ser precedida por um juramento de fidelidade e solidariedade, (2) uma relação exclusiva do concerto matrimonial, (3) embasada em amor, (4) que reconhece a legitimidade do prazer sexual como privilégio da união conjugal monogâmica, (5) e a legitimidade da procriação, (6) cumprindo a estipulação divina de formar uma sociedade humana, (7) que através da relação marido-mulher reflita a imagem de Deus” (Moraes, 2001, p. 51).

Durante a juventude, há ainda, um contraste ou disparidade entre o físico e o emocional. Enquanto o físico já está maduro, ou melhor, já tem a capacidade para exercer a função sexual, a parte emocional está em desenvolvimento. Para poder desfrutar adequadamente da vida sexual, o jovem precisa esperar até que esteja estabilizado também emocionalmente, sabendo assim, utilizar sabiamente a sexualidade, ou seja, dentro de um casamento equilibrado e ajustado.

Os métodos contraceptivos são, muitas vezes, a saída para a prática desequilibrada e deturpada do sexo. Sendo um mal e não um bem. Não há nada de errado em um jovem saber como utilizar métodos anticoncepcionais, porém é necessário apresentar a forma e a época correta para o emprego destes recursos. Devem portanto ser encorajados a se resguardarem para o casamento. Sobre o propósito do sexo no seu lugar correto Davis declara:

“A sexualidade humana dentro dos limites do casamento deve ser uma imagem do puro e devoto amor de Cristo por Sua igreja (cf. Ef. 5:23-33). O intercurso promíscuo nega a permanência, a pureza, a exclusividade e o profundo comprometimento que Deus pretendia que a sexualidade humana representasse no casamento. O intercurso promíscuo separa as funções unitivas e procriativas da sexualidade humana, as quais Deus planejava fossem ligadas no casamento” (Davis, Ibid. p. 42).

O papel de um jovem em relação à contracepção, portanto, é a de conhecer suas implicações e não utilizá-la fora dos limites do casamento, pois como afirma Thielicke:

“a sexualidade perde sua natureza essencial quando praticada fora do casamento sem nenhum respeito à individualidade do parceiro (falhando, assim, em ser “amor” no sentido completo) e recusando aceitar a paternidade. Esta perda da natureza essencial da sexualidade estaria indicando que a contracepção praticada sob estas circunstâncias é apenas um sintoma de um problema maior” (Thielicke, 1964, p. 201 e 202).

CONCLUSÃO

Existe uma grande responsabilidade ao se constituir uma família. Apesar de parecer recair todo o peso sobre pais e mães, Deus está conduzindo e auxiliando em todos os momentos a dedicação daqueles que esperam construir seus lares de acordo com Sua vontade. Começar bem é sempre importante, por isso é necessário um cuidadoso planejamento.

Os métodos contraceptivos estão à disposição como meios de ajudar nesta sábia planificação. Eles também contribuem para a felicidade do casal enquanto não tem filhos, quando preferem um maior espaço de tempo entre o nascimento de um e o de outro, ou quando querem parar com o processo de procriação.

Usado da forma correta podem ser uma bênção, porém da forma errada, podem trazer muita infelicidade e desapontamento, isto é, fora do casamento e de forma forçada, ou induzida. Na sociedade moderna os preservativos e contraceptivos têm incentivado uma conduta sexual promíscua, e longe dos padrões deixados pelo Criador. E os resultados do “sexo livre” já se apresentam diante da sociedade através dos problemas cada vez maiores que tem causado.

Várias outras questões estão envolvidas por trás da contracepção. As campanhas de controle de natalidade nem sempre são efetuadas de forma inocente e com bons interesses. Muitas vezes questões raciais, políticas e financeiras podem estar incutidas nestes programas.

Atualmente, muitos ainda procuram saber quais são os padrões morais éticos, mas infelizmente em certos lugares, tais padrões não são seguidos. Também cada vez mais freqüente, algumas sociedades rejeitam os padrões éticos considerados corretos e adotam outros que justifiquem suas práticas.

O cristão deve posicionar-se diante desta realidade e com sabedoria optar pelo que é melhor para si e para aqueles que estão envolvidos, posicionando-se

dentro dos conceitos ético-bíblico-cristãos, desta forma, agradando a Deus e proporcionando a si mesmo e aqueles ao seu redor uma vida mais feliz.

BIBLIOGRAFIA

1. AGÊNCIAS INTERNACIONAIS. Igreja rejeita uso de pílula abortiva. **Folha de São Paulo**, 23 jul. 1996.
2. BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993. Edição Revista e Atualizada. 2. ed.
3. BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo Sociedade Bíblica do Brasil, 1971. Edição Revista e Corrigida.
4. DAVIS, John Jefferson. **Evangelical Ethics, Issues Facing the Church Today**. 2. ed. Phillipsburg/NJ: Presbyterian and Reformed Press, 1993.
5. FREIRE, Vinícius T. de; REDAÇÃO. Preservativo é mal menor, diz padre. **Folha de São Paulo**, 15 de fev. 1996.
6. FROMER, Margot J et al. **Ethical Issues in Sexuality & Reproduction**. 9. ed. St. Louis/MO: C.V. Mosby Company, 1983.
7. GEISLER, Norman L. **Ética Cristã**. 1. ed. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1997.
8. GRUNLAN, Stephen A. **Marriage and Family – A Christian Perspective**. Grand Rapids/MI: Zondervan Publishing House, 1984.
9. HESS, Ernst. **A sexualidade na educação global, orientação para pais e mestres**. 1. ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1986.
10. KEANE, Philip S., S.S. **Sexual Morality: A Catholic Perspective**. New York: Paulist Press, 1977.
11. KUBO, Sakae, **Theology and Ethics of Sex**. Nashville/TN: Review and Herald Publishing Association, 1980.
12. LAHAYE, Tim; LAHAYE, Beverly. **The Act of Marriage**. Grand Rapids/MI: Zondervan Publishing House, 1976.

13. _____. **O Ato Conjugal**. 7. ed. Venda Nova/MG: Editora Betânia, 1986.
14. LIMA, Elinaldo Renovato de. **Ética Cristã**. 2. ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 2002.
15. MORAES, Natanael. **Teologia e Ética do Sexo para Solteiros: Análise Bíblico-Histórica e Proposta Adventista de Educação Sexual**. 2. ed. Engenheiro Coelho/SP: Imprensa Universitária Adventista, 2001.
16. SÉGUIN, Michel. **A Contracepção e a Igreja – Balanço e Perspectiva**. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 1998.
17. THIELICKE, Helmut. **The Ethics of Sex**. 1. ed. New York/NY: Fortress Press, 1964.
18. WOOLSEY, Raymond H. **Sexo Cristiano y Planificación Familiar**. 1. ed. Buenos Aires: Asociación Casa Editora Sudamericana, 1987.
19. WITTSCHIEBE, Charles. **God Invented Sex**. 2. ed. Nashville/TN: Southern Publishing Association, 1974.

TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO

A LEI ABOLIDA NA CRUZ: ANÁLISE DE GÁLATAS 3:24, 25

Djack Douglas Stuart, Rodrigo Fritoli e Sidnei Constante

Bacharéis em Teologia pelo Unasp, Campus Engenheiro Coelho, SP.

TCC apresentado em dezembro de 2004

Orientador: Wilson Paroschi, Ph.D.

djack.stuart@usb.org.br

RESUMO: O presente estudo se propõe a fazer uma exegese do texto de Gálatas 3:24,25. Esse é um dos trechos mais utilizados no meio evangélico para sustentar a idéia de que hoje não há mais a necessidade de se guardar a lei, uma vez que Paulo parece dizer que a lei teve seu fim com a vinda de Cristo. Em resposta a essa interpretação, muitos adventistas afirmam que a lei mencionada por Paulo no referido texto é a cerimonial, cujo cumprimento se deu com a morte de Cristo na cruz. Dessa forma, tentam resguardar os dez mandamentos de qualquer acusação. A conclusão que essa pesquisa apresenta é de que a lei a qual Paulo se refere neste texto inclui os dez mandamentos, em sua função condenatória. Contudo, a lei moral não terminou na cruz, como pretende a maioria evangélica, pelo contrário, permanece ainda hoje, visto que traz os princípios eternos da Lei de Deus. Logo, seu papel condenatório findou no Gólgota, quando foi pago legalmente o preço que os pecados da humanidade requeriam. Tendo Cristo morrido, não havia mais razão para condenação.

PALAVRAS-CHAVE: teologia de Paulo, lei moral, lei cerimonial, condenação, cruz.

The law abolished in the cross: an analysis of Galatians 3:24,25

ABSTRACT: The present study intends to work out an exegesis of the text of Galatians 3:24,25. This text is usually used in the Evangelical circles in order to sustain the idea that there is not anymore any need to keep the Law, since Paul seems to be saying that Law ended with the coming of Christ. In answer to this interpretation, many Adventists declare that the Law mentioned in the text is the ceremonial law whose fulfillment occurred with the death of Christ in the cross. By doing so, they try to safeguard the Ten Commandments from any accusation. The conclusion reached by this research is that the Law that Paul mentions in the text includes the Ten Commandments in its condemnatory function. However, the moral law did not ended at the cross, as pretend by a majority of Evangelicals, on the contrary, it stays to the present since it contains the eternal principles of the Law of God. Therefore, its condemnatory role ended at the Golgotha when was paid the legal price required by the sins committed by men. Once Christ died, there is no more reason for condemnation.

KEYWORDS: theology of Paul, moral law, ceremonial law, condemnation, cross.

CENTRO UNIVERSITÁRIO ADVENTISTA DE SÃO PAULO
CAMPUS ENGENHEIRO COELHO
CURSO DE TEOLOGIA

ANÁLISE DE GÁLATAS 3:24-25

Trabalho de Conclusão de Curso
Apresentado como requisito parcial
à obtenção da Graduação no
Bacharelado em Teologia

Por

Djack Douglas Stuart, Rodrigo Fritoli e Sidnei Constante

Dezembro de 2004

CENTRO UNIVERSITÁRIO ADVENTISTA DE SÃO PAULO
CAMPUS ENGENHEIRO COELHO
CURSO DE TEOLOGIA

ANÁLISE DE GÁLATAS 3:24-25

Trabalho de Conclusão de Curso
Apresentado como requisito parcial
à obtenção da Graduação no
Bacharelado em Teologia

Por

Djack Douglas Stuart, Rodrigo Fritoli e Sidnei Constante

COMISSÃO DE APROVAÇÃO:

Orientador
Wilson Paroschi
Professor de Teologia Bíblica

Avaliação

Emilsom dos Reis
Professor de Teologia Aplicada

Data da Aprovação

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
Capítulo	
I. O CONTEXTO HISTÓRICO.....	3
II. A LEI NA TEOLOGIA DE PAULO	10
A Lei foi Adicionada	15
Por Causa das Transgressões	17
Até que Viesse o Descendente.....	20
III. O FIM DA LEI EM GÁLATAS 3:24-25.....	23
CONCLUSÃO	28
BIBLIOGRAFIA	30

INTRODUÇÃO

Em Gálatas 3:24-25 Paulo escreve: “De maneira que a lei nos serviu de aio para nos conduzir a Cristo, a fim de que fôssemos justificados por fé. Mas, tendo vindo a fé, já não permanecemos subordinados ao aio”.

Esse é um dos textos mais utilizados no meio evangélico para sustentar a idéia de que hoje não há mais a necessidade de se guardar a lei, uma vez que Paulo parece dizer que a lei teve seu fim com a vinda de Cristo. Em resposta a essa interpretação, muitos adventistas afirmam que a lei mencionada por Paulo no referido texto é a lei cerimonial, cujo cumprimento se deu com a morte de Cristo na cruz. Dessa forma tentam resguardar os dez mandamentos de qualquer acusação.

Estaria Paulo se referindo à lei dos Dez Mandamentos? Teria essa lei realmente terminado na cruz? Supondo uma resposta afirmativa, então qual seria “a razão de ser da lei?” (Gl 3:19).

Para responder as perguntas propostas, esta pesquisa será dividida em três capítulos. O primeiro capítulo, intitulado *Contexto Histórico*, apresenta o contexto histórico do livro, a fim de garantir a correta interpretação do mesmo. No segundo capítulo, intitulado *A Lei na Teologia de Paulo*, Gálatas 3:24-25 é contextualizado no plano de toda a epístola. E o terceiro capítulo, intitulado *O Fim da Lei em Gálatas 3:24-25*, apresenta o real sentido das palavras de Paulo no texto em estudo. Finalmente, a pesquisa terminará com as conclusões obtidas.

Esta pesquisa poderá suscitar algumas perguntas além das que serão aqui respondidas, perguntas que, embora estejam relacionadas com o tema aqui tratado, excedem as intenções dessa pesquisa, e por isso não serão consideradas. A pesquisa se limitará à exegese do texto em questão.

CAPÍTULO I

CONTEXTO HISTÓRICO

Um dos princípios básicos da hermenêutica é levantar o contexto histórico de um livro a fim de garantir uma correta interpretação do mesmo¹. Com a epístola aos Gálatas não é diferente. O seu significado preciso não pode ser compreendido a menos que antes se descubra o fundo histórico envolvido.

A epístola aos Gálatas foi escrita por Paulo possivelmente às igrejas de Ancara, Pessino e Távium, mais ao norte da província da Galácia, quando o apóstolo se encontrava na cidade de Corinto, ao redor dos anos de 57-58 d.C.². Nessa época, certos segmentos da igreja cristã estavam sendo agitados por discussões em torno da obrigatoriedade de algumas práticas judaicas para os gentios, discussões que duraram aproximadamente até o final do primeiro século³. Pode se dizer que os principais pólos dessas discussões eram o apóstolo

¹ Henry A. Virkler, *Hermenêutica Avançada*, trad. Luiz Aparecido Caruso, (São Paulo: Editora Vida, 2001), 18-19.

² Francis. D. Nichol, *Comentário bíblico Adventista Del Séptimo Dia* (Boise, ID: Pacific Press publishing Association, 1987), 6:929-932. A data de composição e o destinatário da Epístola aos Gálatas são pontos de discussão entre os teólogos. Esta pesquisa, porém, não se deterá nessa questão; apenas assume a posição tradicional de que a epístola foi direcionada às igrejas do norte da Galácia e que foi escrita por Paulo durante a terceira viagem missionária.

³ Peter Stuhlmacher, *Lei e Graça em Paulo: uma reafirmação da doutrina da justificação*, trad. Lucy Yamakami (São Paulo: Vida Nova, 2002), 25-27.

Paulo de um lado, e os judaizantes do outro, um grupo de judeus convertidos ao cristianismo que propagava a idéia de que certos ritos judaicos e principalmente a circuncisão deveriam ser obrigatórios para gentios convertidos (At 15:1-5)¹. Para eles, o evangelho da salvação unicamente pela fé em Jesus Cristo, sem a circuncisão, como pregado por Paulo, era incompleto, um evangelho parcial. Entendiam que a pregação de Paulo buscava simplesmente conquistar o “favor dos homens” (Gl 1:10), ou seja, a popularidade entre os novos conversos. Parecia um evangelho de fácil aceitação, sem muito compromisso. Portanto, em oposição a Paulo, os judaizantes defendiam que além da fé, necessitava-se ainda a circuncisão, requisito indispensável para se alcançar justiça perante Deus². E como a circuncisão era, por assim dizer, a marca distintiva dos judeus como povo do concerto, a exigência para que os gentios se circuncidassem implicava no fato de que, para esses cristãos, nenhum gentio poderia ser salvo sem antes se tornar um judeu, isto é, sem antes se unir ao povo do concerto.

Com essa pregação híbrida de fé e obras, os judaizantes não apenas criaram oposição à pregação de Paulo, mas acabaram movimentando toda a liderança da igreja. O primeiro concílio da igreja, reunido em Jerusalém, visava justamente definir essa questão, conforme At 15:1: “Alguns indivíduos que desceram da Judéia ensinavam aos irmãos: se não vos circuncidardes segundo o costume de Moisés, não podeis ser salvos”. E houve

¹ Mesmo sabendo que o termo judaizante pode assumir uma conotação negativa, esta pesquisa optou em usar o termo apenas para identificar esse grupo de judeus, sem qualquer intenção pejorativa.

² Clifton Allen F., *Comentário bíblico Broadman: Novo testamento*, 2ª ed., trad. Adiel Almeida de Oliveira. (Rio de Janeiro, JUERP, 1988), 11:105.

contenda entre eles e os pregadores Paulo e Barnabé (At 15:2). “Então, se reuniram os apóstolos e os presbíteros para examinar a questão” (v. 6). E depois de ter havido “grande debate” (v. 7), chegou-se à conclusão de que os gentios não deveriam ser forçados a praticar tais costumes (vs. 28-29).

Essa decisão do concílio foi então levada às igrejas gentílicas por meio de Paulo, Barnabé e outros dois irmãos, todos revestidos de autoridade da igreja para executarem a tarefa, levando aos irmãos grande alegria e conforto pela mensagem (At 15:30-31)¹. Talvez a liderança da igreja esperava assim dar fim à questão e impedir que as igrejas continuassem a ser perturbadas, bem como desfazer os embaraços à pregação do evangelho. Contudo, o impasse não se resolveu assim tão facilmente. Em realidade, até o final de seu ministério evangelístico, Paulo teve de combater os ensinamentos dos chamados judaizantes, que geralmente entravam em conflito com sua pregação².

Alguém pode pensar que toda essa discussão girava em torno de um ponto realmente sem importância. Porém, não se pode minimizar a tensão existente entre o evangelho pregado por Paulo e o ensino de seus opositores. Não era uma discussão de caráter ritual apenas, mas de implicações soteriológicas. A circuncisão, ponto nevrálgico do conflito, bem como a prática de outros costumes, era exigida como requisito indispensável à salvação. Segundo o que advogavam os judaizantes, a fé em Jesus Cristo era apenas uma parte do evangelho. A outra, era a obediência à lei de Moisés, e

¹ Giuseppe Barbaglio, *As Cartas de Paulo, II*, (São Paulo: Loyola, 1991), 19-20.

² Charles R. Erdman, *Comentário à Epístola de São Paulo aos Gálatas* (São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, s/d), 45-49.

principalmente a circuncisão, que remontava ao tempo do concerto entre Deus e Abraão. Portanto, a salvação só podia ser alcançada por meio de uma combinação de fé e obras, graça e lei, o que se opunha frontalmente à mensagem de Paulo, que pregava a salvação unicamente pela graça, mediante a fé em Jesus. Toda a reação do apóstolo contra os judaizantes era motivada pela sua compreensão de que Deus, para justificar o homem, não exige nada dele, a não ser que aceite, pela fé, o que Jesus efetuou na cruz (Gl 2:16). Mas isso parecia não ser entendido pelos opositores.

Do ponto de vista histórico, a pregação judaizante é até compreensível, visto que naquela ocasião o cristianismo passava por uma fase de transição, saindo de um ambiente essencialmente judaico, para um ambiente de predominância gentílica. À medida que o evangelho avançava, o número de gentios convertidos crescia, e para muitos judeus cristãos, não era coisa fácil e natural aceitar a entrada de gentios incircuncisos na igreja sem nenhuma restrição. No judaísmo o contato com os gentios era abominação e causa de contaminação, como visto na experiência de Pedro com Cornélio. A visão de um judeu em relação a um gentio só era diferente quando este se tornava um prosélito, ou seja, um convertido ao judaísmo, e para tanto precisava passar necessariamente pela circuncisão. Para Paulo, porém, essa distinção não mais existia; judeus e gentios deveriam conviver juntos e partilhar da mesma fé (Gl 3:27-29).

Mas essa nova realidade, como foi dito, não foi aceita prontamente. A própria liderança mostrou-se bastante resistente. Basta perceber a maneira como se iniciou a pregação do evangelho aos gentios. Em primeiro lugar, Pedro teve de receber uma visão de Deus para que fosse à casa do centurião Cornélio (At 10:9-16). Talvez, sem essa visão,

Pedro não aceitasse acompanhar os soldados que bateram à sua porta (At 10:17-22). E mesmo tendo sido convencido pela visão, tomou ainda o cuidado de levar consigo outros irmãos de Jope, a fim de lhe servirem de testemunhas, prevendo talvez que seu encontro com Cornélio poderia trazer-lhe problemas com os demais líderes da igreja (v. 23). Isso foi o que exatamente aconteceu. Depois que os outros apóstolos, identificados como os da circuncisão (At 11:2), souberam da visita de Pedro a Cornélio, o condenaram por ter entrado em casa de homens incircuncisos e comer com eles (At 11:3). Contudo, depois de ouvirem sua explicação, acalmaram-se e glorificaram a Deus (At 11:18). Se por um lado, a própria liderança da igreja teve dificuldade de entrar em contato com gentios e aceitá-los sem a circuncisão, para alguns outros, isso foi praticamente impossível. Esse era o caso dos judaizantes, que continuavam vendo a circuncisão como necessária¹. E foi precisamente essa dificuldade apresentada por eles que trouxe tanto trabalho para o apóstolo Paulo, e é na epístola aos Gálatas onde essa realidade foi mais nitidamente retratada².

É possível que a epístola aos Gálatas tenha sido uma epístola circular. De acordo com Gl 1:2, a carta é dirigida “às igrejas de Galácia”. O plural “igrejas” permite pensar em no mínimo dois, e preferencialmente em três ou mais grupos de cristãos. Deste modo, o escrito representa uma espécie de carta circular que fazia um rodízio nas reuniões cristãs de uma região, sendo lida em público. Essa não foi a única vez que o apóstolo enviou uma carta a mais de uma igreja, como se pode observar em I Tessalonicenses 5:27 e

¹ Stuhlmacher, 30.

² Francis D. Nichol, *Introdução às Epístolas* (São Paulo: SALT, 1984), 27.

Colossenses 4:16¹. Dessa forma, o destino da epístola não era uma igreja específica, mas sim um grupo de igrejas situadas na província romana da Galácia, na Ásia Menor. A epístola devia ser lida em cada uma das igrejas que foram estabelecidas na região por ocasião da segunda viagem missionária de Paulo, com a finalidade de combater falsos ensinamentos dos judaizantes e proteger a fé dos conversos².

Essas igrejas eram constituídas em sua maioria por gentios convertidos do paganismo. Haviam prontamente recebido o evangelho, porém, não tardou para que começassem a se desviar dele. Parece que as igrejas da Galácia começaram a manifestar o mesmo perfil que assinalava, de maneira geral, o povo gálata. Este era conhecido como impulsivo, inconstante, instável, que facilmente se deixava influenciar e que mudava de atitude com grande facilidade³. Assim que o apóstolo Paulo partiu da região, as igrejas ali recém formadas receberam a visita dos judaizantes, e rapidamente se deixaram levar por um “outro evangelho” (Gl 1:6). Isso explica a surpresa do apóstolo Paulo ao tomar conhecimento da receptividade dos irmãos gálatas em relação às idéias erradas que haviam ouvido. Ele admirou-se da rapidez com que estavam passando da verdade para o erro (Gl 1:6). Eles haviam deixado o paganismo e os rituais idólatras, haviam aceitado a Cristo pelo evangelho pregado por Paulo, haviam entendido que na justificação Deus não pede nada do

¹ Adolf Pohl, *Carta aos Gálatas* (Curitiba, PR: Editora Evangélica Esperança, 1999), 16.

² Nichol, *Comentário bíblico Adventista Del Séptimo Dia*, 6:929-932.

³ Barbaglio, 22-25.

ser humano, senão a verdadeira fé em Jesus Cristo¹, e que a salvação não é o resultado de nenhuma prática ou esforço humano, mas sim da suficiente graça de Deus em Jesus Cristo (Gl 2:16). Mas agora, diante do falso evangelho pregado pelos judaizantes, estavam questionando a total suficiência da fé para a salvação. Estavam como que retornando à idéia de que além de crer, deveriam também fazer algo, ou seja, circuncidar-se e praticar outros costumes judaicos (Gl 4:8-11). Paulo viu o falso evangelho da fé e obras ocupando lugar entre as igrejas da Galácia, e para protegê-las de tal distorção doutrinária, enviou-lhes a epístola², na qual combate terminantemente a idéia de que a salvação pode, de alguma forma, ser conquistada através da obediência a qualquer lei. Se Paulo fala na epístola aos Gálatas contra a lei, é nesse sentido: o de obedecê-la com propósitos salvíficos, conforme pretendiam os judaizantes. Assim, aquela aparente contradição bíblica entre as afirmações de Paulo acerca da lei, desaparece, e não teríamos tal compreensão sem esta análise do contexto histórico. Agora podemos partir para a análise exegética do texto.

¹ Stuhlmacher, 33.

² Taylor, 32-35.

CAPÍTULO II

A LEI NA TEOLOGIA DE PAULO

No capítulo anterior analisamos o contexto histórico ligado à produção da epístola. Vimos que foi escrita em reação ao ensino judaizante que insistia em conferir valor salvífico à prática da circuncisão. Neste segundo capítulo vamos contextualizar Gálatas 3:24-25 no plano de toda a epístola, para responder à questão levantada no início desta pesquisa: “Qual é o papel da Lei?” Ou, nas palavras do próprio apóstolo Paulo, “qual, pois, é a razão de ser da Lei?”(Gl. 3:19).

Em sua epístola aos Gálatas, Paulo não profere nenhum tipo de elogio a sua audiência, como normalmente o faz nas outras epístolas. Parece que em virtude da urgência e gravidade da situação, o apóstolo resolveu poupar palavras e ir direto ao ponto. Apenas prestou seus cumprimentos às igrejas e partiu imediatamente para o problema central — a apostasia das igrejas da Galácia. “Admira-me”, disse ele, “que estejais passando tão depressa daquele que vos chamou na graça de Cristo para outro (*heteros*) evangelho, o qual não é outro (*allos*) , senão que há alguns que vos perturbam e querem perverter o evangelho de Cristo” (Gl 1: 6-7). O texto deixa evidente a admiração do apóstolo pela rapidez com que os gálatas acolheram esse “outro evangelho”¹. Mas esse

¹ Matthew Henry, *Comentario Exegético-Devocional a Toda La Biblia de II Corintíos à Hebreus*, trad. Francisco Lacueva (Barcelona: CLIE, 1989), 76-77.

não foi o único motivo de sua admiração. Ele surpreendeu-se também pela natureza desse evangelho que os gálatas estavam aceitando, conforme podemos observar pelo termo utilizado por ele para identificá-lo. Quando Paulo se refere a esse “outro evangelho”, utiliza o adjetivo *heteros*, que significa “outro de natureza ou qualidade diferente”. Em seguida, ele afirma que esse evangelho não é “outro”, utilizando agora o adjetivo *allos*, que significa “outro de mesma natureza ou qualidade”. Ou seja, não se tratava de uma simples distorção ou desvio do verdadeiro, mas algo diametralmente oposto à pregação de Paulo, uma completa perversão do verdadeiro evangelho¹.

O ponto que tornava esse “outro evangelho” tão contrário ao de Paulo era a maneira como entendia a justificação do homem, a qual não poderia ocorrer divorciada da circuncisão. Mas para Paulo a circuncisão (ou qualquer outro preceito legal), tão enfatizada pelos judaizantes, não tinha valor nenhum como meio de justificação. Em sua pregação aos gentios, sua ênfase era a fé em Cristo Jesus, através da qual, unicamente, o homem poderia ser justificado perante Deus. Ele não conhecia outra forma de justificação, apenas a fé em Jesus Cristo. Por isso, quando escreveu aos gálatas, reafirmou enfaticamente aquilo que certamente já havia pregado a eles: que “o homem não é justificado por obras da Lei e sim mediante a fé em Cristo Jesus”, e, por essa razão, completa ele, “temos crido em Cristo Jesus, para que fôssemos justificados pela fé em Cristo e não por obras da lei, pois, por obras da Lei, ninguém será justificado” (Gl 2:16)².

¹ Notas de Classe, Wilson Paroschi, Novo Testamento II, 1º semestre de 2004, SALT.

² Nichol, *Comentário Bíblico Adventista del Séptimo Dia*, 6:1109.

Notamos que a necessidade de justificação para o homem era sustentada tanto por Paulo como pelos judaizantes, mas a compreensão de como era alcançada diferia completamente entre eles. Paulo cria na fé, e os judaizantes na fé e na circuncisão (ou nas obras), e por isso o evangelho de cada um era diametralmente oposto ao outro. Quando o assunto é justificação (ou meio de salvação), a fé e as obras são incompatíveis, uma anula a outra. Ou se confia na fé ou se confia nas obras. Se o homem é justificado pela fé em Cristo, mediante a Sua graça (Rm 3:24), não há lugar para as obras como meio de justificação, caso contrário a salvação não seria um dom gratuito, mas uma recompensa pelos méritos humanos. Por outro lado, se as obras são colocadas como meio de justificação, anula-se a graça de Cristo. O que Ele efetuou na cruz perde seu valor, ficando a salvação dependente do próprio homem (Gl 2:21). Por isso Paulo escreveu: “De Cristo vos desligastes, vós que procurais justificar-vos na Lei; da graça decaístes” (Gl 5:4)¹.

Entre esses dois evangelhos, o pregado por Paulo e o pregado pelos judaizantes, o do Espírito e o da carne, o da fé e o das obras, estavam os cristãos da galácia. Eles haviam recebido primeiramente a verdade anunciada por Paulo, sendo depois confrontados com a noção de que a prática de obras da Lei (em particular a circuncisão) também determinam a salvação, e para trazê-los novamente à verdade, Paulo escreve a eles reafirmando o princípio supremo da fé cristã — a fé em Cristo Jesus. No meio desse conflito e diante das alegações de Paulo seria natural que os gálatas, dominados pelo

¹ Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas*, 6ª ed., trad. Isolina A. Waldvogel (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1998), 367.

pensamento judaizante, se perguntassem da razão da lei¹. Se o homem obtém a justificação somente pela fé, de acordo com a pregação de Paulo, então porquê a lei? Se ela não tem a capacidade de salvar, como insistem os judaizantes, para que serve então? Paulo provavelmente sabia que tal pergunta surgiria entre os gálatas, o que fez com que se adiantasse à situação. Depois de salientar a fé em Cristo e rejeitar as obras como forma de justificação, levanta a pergunta central da epístola, depois da qual passa a sistematizar sua teologia da lei: “Qual, pois, a razão da lei?” (Gl 3: 19).

Sua resposta a essa pergunta é dada no mesmo versículo, sendo dividida em três afirmações: (1) A Lei foi “adicionada”; (2) “Por causa das transgressões”; e (3) “Até que viesse o descendente a quem se fez a promessa”.

Antes de considerarmos cada uma das afirmações acima, devemos primeiro analisar e entender o significado da lei para Paulo em sua epístola aos Gálatas. Será que ele estava pensando somente nos dez mandamentos? Ou então apenas na lei cerimonial? Ou ainda em alguma outra porção da lei de Moisés?

Freqüentemente, alguns adventistas do sétimo dia tendem a explicar alguns textos polêmicos de Paulo através da tradicional distinção feita entre lei moral e lei cerimonial². Quando o apóstolo fala sobre a lei, e parece reduzir a importância de se obedecer aos dez mandamentos, então afirmam que ele está se referindo apenas à lei cerimonial, para dessa forma proteger a lei moral. Essa distinção entre lei moral e lei cerimonial é, de fato, bíblica, porém, nem sempre é suficiente para resolver a problemática

¹ Nichol, *Comentário Bíblico Adventista del Séptimo Dia*, 6:957.

² Ibid, “A Cristo”, 6:959.

de alguns textos de Paulo, principalmente porque na maioria dos casos o próprio apóstolo não tinha em mente essa distinção. Embora algumas vezes ele tenha enfatizado determinados aspectos da lei de Moisés, como em Romanos 2:17-24 (lei moral) e Gálatas 5:2 (lei cerimonial), geralmente usava o termo lei como sinônimo de toda legislação mosaica, incluindo os mandamentos morais, cerimoniais, civis, etc¹.

Esse conceito abrangente de lei está presente em muitas das epístolas de Paulo, inclusive em Gálatas. Comentando o assunto, o Comentário Bíblico Adventista em Espanhol afirma que “lei na epístola aos Gálatas equivale a toda revelação recebida no Sinai, as regras de Deus para seus filhos: lei moral, estatutos civis e ritos cerimoniais”², ou ainda, que lei significa “todo o sistema legal composto por estatutos morais, cerimoniais e civis”³. Durante o nosso estudo de Gálatas, portanto, devemos ter em mente o mesmo conceito de lei que tinha o seu escritor; não um conceito compartimentalizado, mas totalmente abrangente, que abarca todo o conjunto de leis revelado no Sinai.

Mas de todo o conjunto de leis revelado no Sinai, que compõe o sentido de lei em Gálatas 3:24-25, a porção mais esquecida entre os adventistas do sétimo dia são os dez mandamentos. Muitos aceitam facilmente a idéia de que no texto acima Paulo se refere a lei cerimonial. Aliás, esse é o pensamento mais comum entre eles. Incomum é entenderem que

¹ Lothar Coenen e Colin Brown, *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, 2 vols., 2ª ed., trad. Gordon Chown (São Paulo, Vida Nova: 2000), 1157-1165.

² Nichol, *Comentário Bíblico Adventista del Séptimo Dia*, 6: 931.

³ *Ibid*, 959.

a lei moral também está incluída. Por isso, afirmamos que a lei moral tem sido o elemento esquecido em Gálatas 3:24-25. Por essa razão esta pesquisa dará ênfase maior sobre os dez mandamentos quando se referir à lei mencionada nesse texto, não ignorando com isso o conceito Paulino de lei apresentado acima. Além disso, em Gálatas 3:19 Paulo fala da lei em sua função condenatória, e a lei que revela o pecado e condena o pecador é a lei moral,

A Lei Foi Adicionada

Se a lei, na concepção de Paulo, compreende toda a revelação de Deus feita a Moisés no monte Sinai, então fica claro que o evento do Sinai foi o momento histórico no qual a lei foi entregue a Israel e passou a fazer parte integral de sua história. Cerca de três meses após a saída do povo de Israel da terra do Egito, eles vieram ao deserto do Sinai e acamparam defronte do monte (Ex 19:1-2). O Senhor desceu sobre o monte (Ex 19: 3-7) e de lá comunicou a todo o povo a Sua vontade na forma de leis. Foi uma ocasião marcada por grande solenidade e extraordinária demonstração do poder de Deus (Ex 19: 16-20). Paulo localiza esse impressionante acontecimento quatrocentos e trinta anos após a promessa feita a Abraão (Gl 3:17), mas independente de qualquer precisão cronológica, o essencial é saber que foi no monte Sinai que a lei foi “adicionada” à história de Israel, e, indiretamente, à história de toda a humanidade¹.

A afirmação de que a lei foi “adicionada” pode sugerir um tempo em que a lei não existia. Se foi no Sinai que a lei foi “adicionada”, então pode-se supor que antes do

¹ Norman Geisler e Thomas Howe, *Manual Popular de Dúvidas, enigmas e “contradições” da Bíblia*, trad. Milton Azevedo Andrade (São Paulo, Mundo Cristão: 1999), 479-480.

Sinai não havia lei. Essa dedução, embora pareça lógica, não é, contudo, verdadeira. Deus é eterno, e Sua lei, como perfeita expressão de Seu caráter santo e imutável, também é eterna. Em seus princípios básicos ele sempre existiu, sendo a constante norma do governo divino desde a eternidade, e ao longo de cada época foi apresentada aos seres criados de uma forma que pudesse ser compreendida. Isso pode ser observado na vida de Abraão. Quando atingiu a idade de noventa e nove anos o Senhor lhe apareceu e pediu ao patriarca que andasse em Sua presença e fosse perfeito (Gn 17:1). Ninguém pode viver em perfeição sem que haja um padrão de conduta. Logo, o que foi requerido de Abraão implica na pré-existência de princípios morais¹. Mais esclarecedor ainda é o texto de Gênesis 26:5, onde lemos: “por que Abraão obedeceu à minha palavra e guardou os meus mandamentos, e os meus preceitos, e os meus estatutos e as minhas leis”. Abraão viveu cerca de quatrocentos anos antes do Sinai, no entanto, mesmo sem a noção de um decálogo, compreendeu qual era a vontade de Deus e viveu de acordo com o conhecimento que teve, em obediência aos princípios morais revelados.

No caso de Israel, porém, Deus precisou comunicar Sua lei através de um formato diferente do que fora revelado a Abraão, próprio a sua realidade, para que pudesse compreender qual era a Sua vontade. Esse formato consistiu dos dez mandamentos escritos em tábuas de pedra. Para Israel, a lei nesse formato parecia algo totalmente novo, embora

¹ Derek Kidner, *Gênesis introdução e comentário* (São Paulo, Edições Vida Nova, 1991), 119.

trouxesse em si todos os princípios eternos do governo de Deus. (Hb 12:18-21; cf. II Cor 3:7)¹.

Por causa das Transgressões

O pecado tem a propriedade de afastar o homem de Deus. O profeta Isaías declara: “Mas as vossas iniquidades fazem separação entre vós e o vosso Deus; e os vossos pecados encobrem o seu rosto de vós, para que vos não ouça” (Is 59: 2). Devido a esse afastamento causado pelo pecado, a capacidade do homem de compreender a vontade de Deus diminui, e quanto maior essa distância, menor é a sua capacidade de compreensão. Assim tem acontecido com a raça humana desde a entrada do pecado.

No ambiente perfeito criado por Deus, a Sua vontade era inteiramente compreensível. Mas depois que entrou o pecado, esta não podia mais ser entendida. O homem passou a uma condição de ignorância quanto à vontade de Deus, e continuaria nessa condição a menos que tal vontade lhe fosse apresentada de maneira apropriada à sua nova condição. Então, para que o homem fosse alcançado, os princípios eternos da lei de Deus, sem sofrerem a mínima mudança, foram dispostos e expressos de modo a adaptar-se ao homem em seu estado decaído.

A situação de pecado exigiu uma revelação diferenciada à humanidade. Ellen G. White afirma que o próprio Cristo comunicou a Adão e Eva o “conhecimento da lei de Deus e do plano da salvação”². Esse conhecimento da lei de Deus transmitido aos

¹ White, 386.

² Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas*, 3 vols. 2ª ed. trad., Isolina Waldvogel (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1985), 1:230.

primeiros pais, adaptado a condição pós-queda, foi então transmitido verbalmente de pai para filho, sendo assim preservado através das gerações seguintes. Desde que essas gerações vivessem em obediência aos princípios revelados, seriam mantidas afastadas do pecado e em harmonia com as normas do governo divino. Contudo, devido à desobediência dos descendentes de Adão, a lei teve de passar por nova adaptação, efetuada primeiramente através de instituição da circuncisão. Ellen G. White possui uma esclarecedora citação:

Se o homem houvesse guardado a Lei de Deus, conforme fora dada a Adão depois de sua queda, preservada por Noé e observada por Abraão, não teria havido necessidade de se ordenar a circuncisão. E, se os descendentes de Abraão houvessem guardado o concerto, do qual a circuncisão era um sinal, nunca teriam sido induzidos a idolatria; tão pouco lhes teria sido necessário sofrer vida de cativo no Egito; teriam conservado na mente a lei de Deus, e não teria havido necessidade de que ela fosse proclamada no Sinai, nem gravada em tábuas de pedra¹.

A desobediência ou as transgressões dos descendentes de Adão criou a necessidade da circuncisão, e o mesmo comportamento em relação à lei de Deus por parte dos descendentes de Abraão exigiu o evento do Sinai, ou seja, a entrega da lei em forma escrita como foi dada no Sinai. Do modo mais natural, podemos entender que no Sinai a lei teve uma reformatação específica, para adequá-la àquela situação particular, sendo que o fator que determinou essa reformatação foram as transgressões das gerações que precederam o Sinai. Mas além das transgressões dessas gerações, a condição de Israel no cativeiro egípcio também acabou tornando necessária a transmissão da lei num formato escrito.

E qual era a situação de Israel no cativeiro egípcio? No Egito imperava o mais crasso paganismo, que envolvia uma variedade de rituais de orgias e de libertinagem, os

¹ White, *Patriarcas e Profetas*, 364.

quais exerceram pesada influência sobre Israel, como é visto no episódio da adoração ao bezerro de ouro (Êx 32:1-4). Com a mente cegada pela escravidão ao paganismo, Israel estava despreparado para receber e avaliar perfeitamente os princípios de grande alcance da lei de Deus. Além disso, a escravidão bárbara reduzira os israelitas a uma condição sub humana de trabalho e de vida, limitando inclusive a expectativa de vida deles para cerca de 40 anos¹. Ou seja, a situação do povo era resultado tanto do ambiente moral decaído no qual estava inserido quanto do tratamento físico perverso a que era submetido. Por tudo isso, o povo de Israel acabou absorvendo muito das práticas idólatras do Egito, e por quase toda a sua história teve dificuldades para se desvencilhar totalmente dessa condição de idolatria e profunda depravação.

Foi por essa razão que Deus teve que apresentar a Sua Lei numa nova formulação, para que o povo de Israel fosse libertado dessas atitudes de depravações. Então surge uma outra pergunta. Como Deus alcançaria o Seu povo naquele estado? Por ter Israel quase perdido por completo toda a sua sensibilidade moral, Deus usa uma linguagem a qual podia ser entendida por eles. Usou uma série de recursos: tábuas de pedras, como símbolo de severidade, condenação e morte (II Cor 3:7); declarações negativas (Ex 20:1-17); trovões, relâmpagos, o monte Sinai fumegava e tremia e o brilho no rosto de Moisés (Ex 20:18-19), com o fim de desenvolver o conceito de Sua santidade e a pecaminosidade do ser humano. A teofania de Deus no Sinai foi insuportável ao povo, o qual pedia que Moisés lhes falasse em lugar do próprio Deus (Hb 12:18-21).

¹ Notas de Classe, Wilson Paroschi, Novo Testamento II, 1º semestre de 2004, SALT.

O resultado final foi a lei de Deus no formato que poderia ser entendido por Israel: dez preceitos gravados em pedra, por meio dos quais o povo poderia ser conduzido a Deus. O formato era novo, porém, as verdades anunciadas eram eternas. Os princípios da lei de Deus se mantiveram por detrás de cada mandamento; neste aspecto a lei é considerada eterna, porque reflete o caráter de Deus. Os recursos extras utilizados por Deus visavam alcançar o povo na condição em que estavam e levá-los a uma situação onde não mais pecassem (Ex 20:18). A Lei foi dada para revelar-lhes o pecado, condená-los e mostrar-lhes que necessitam de ajuda (Cristo).

Até que viesse o Descendente

Paulo foi claro o suficiente para não permitir outra conclusão. A lei que foi adicionada no Sinai por causa das transgressões não se destinava a durar eternamente, pelo contrário, tinha um prazo de validade limitado: “...até que viesse o descendente a quem se fez a promessa” (ou “ao descendente a respeito de quem se fez a promessa”), o qual, segundo Gálatas 3:16, é Cristo: “Ora, as promessas foram feitas a Abraão e ao seu descendente que é Cristo”¹.

É fácil perceber que os versos acima têm como pano de fundo o concerto de Deus com Abraão. Esse concerto foi estruturado em torno de duas promessas: de uma terra e de uma semente (ou de um descendente), e o cumprimento de ambas possuía duas dimensões, uma temporal e parcial e outra final e completa. Deus prometeu dar ao patriarca a terra de Canaã, “desde o rio do Egito até o grande rio Eufrates” (Gn 15:18).

¹ Pohl, 120-121

Embora ele não tenha vivido para ocupar a terra, a sua descendência chegou a possuí-la por algum tempo. No entanto, apenas quando a terra for restabelecida à sua perfeição edênica e dada a ele como possessão eterna é que a promessa alcançará sua plenitude. Da mesma forma, o nascimento de Isaque foi para Abraão um cumprimento apenas parcial da promessa, cuja plenitude seria alcançada somente com a vinda de seu descendente messiânico, ou seja, com a vinda de Cristo, o descendente esperado desde os dias de Adão (cf. Gn 3:15), através do qual a salvação seria providenciada para toda a humanidade. Logo, ao identificar a Cristo como o descendente de Abraão, Paulo, explorando o sentido mais profundo da promessa, apresenta-O como a própria salvação a tanto tempo prometida¹.

Segundo Gálatas 3:19, vindo essa salvação findaria, então, o período de validade da lei outorgada no Sinai. E quando veio essa salvação? O idoso Simeão, tomando nos braços o menino Jesus com cerca de quarenta dias de vida, louvou a Deus dizendo: “Agora Senhor, podes despedir em paz o teu servo, segundo a tua palavra; porque os meus olhos já viram a tua salvação” (Lc 2:29-30). O próprio nome Jesus significa “Jeová é salvação”. De fato, Jesus foi a salvação de Deus presente entre os homens. Durante todo o Seu ministério ofereceu às pessoas perdão dos pecados, libertação e vida eterna.

Contudo, houve um momento em que a salvação que por todo tempo esteve disponível nEle, foi realmente efetivada. Esse momento foi a cruz. Ali Cristo cumpriu de

¹ John R. W. Stott, *A Mensagem de Gálatas: Somente um Caminho*, (São Paulo: ABU, 2003), 81-82.

fato Sua missão. Ele mesmo declarou antes de morrer: “Está consumado” (Jo 19:30). E quando vemos outras passagens de Paulo, percebemos que ele também tinha a cruz como esse referencial, principalmente em relação ao fim da lei. Ele mostra que se a lei de alguma forma terminou, esse fim se deu na cruz: “Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se ele próprio maldição em nosso lugar, por que está escrito: Maldito todo aquele que for pendurado em madeiro” (Gl 3:13). “Tendo cancelado o escrito de dívida, que era contra nós e que constava de ordenanças, o qual nos era prejudicial, removeu-o inteiramente, encravando-o na cruz” (Cl 2:14). Nos dois versos a cruz aparece como o ponto final do período da lei. Na cruz Cristo nos resgatou...Na cruz Ele cancelou... Assim, podemos entender a “vinda do descendente” como a “morte do descendente”, uma vez que foi na cruz que a vinda de Cristo alcançou o seu propósito final — salvar a humanidade. Portanto, a cruz é o evento que assinala o término do período de vigência da lei que teve início quando foi outorgado no Sinai, período este que coincide com o período do chamado velho concerto.

CAPITULO III

O FIM DA LEI EM GÁLATAS 3:24-25

Mas de que forma a cruz pôs fim à lei? O que realmente terminou quando Cristo foi crucificado? Certamente Paulo não poderia estar se referindo ao aspecto eterno da lei de Deus. Já mencionamos acima que a lei de Deus, como expressão do Seu caráter, é eterna, nunca mudou e nunca sofrerá mudança alguma. Seria um contra-senso Paulo apontar o fim de algo que é eterno por natureza. A lei, nesses termos, não pode ter acabado na cruz, caso contrário o ensinamento paulino estaria em conflito com o restante do ensinamento bíblico acerca da lei de Deus¹.

Entendemos melhor o que terminou na cruz quando relembramos o que foi dado no Sinai. A lei de Deus não foi criada no Sinai, ela já existia antes disso. No Sinai ela foi apenas apresentada num formato especial a fim de que pudesse ser compreendida e obedecida por Israel. Nesse formato a lei possuía uma função bastante específica — a de revelar o pecado e conseqüentemente condenar o pecador. Ellen G. White acrescenta:

A lei de Deus, pronunciada do Sinai com terrível solenidade, é para o pecador o pronunciamento de sua condenação. É da alçada da lei condenar, mas não existe nenhum poder para perdoar ou redimir. É ordenada para a vida; os que andam em

¹ A. R. Buckland, *Dicionário Bíblico Universal*, 2ª ed., trad. Joaquim dos Santos Figueiredo, (Rio de Janeiro: Livros Evangélicos, 1957), 485.

harmonia com os seus preceitos receberão a recompensa da obediência. Ele traz, porém, escravidão e morte aos que permanecem sob sua condenação¹.

Essa ação condenatória da lei atuava sobre todos. A lei atuava como uma prisão, encerrando toda a humanidade em seus pecados. Paulo declara: “Mas a Escritura encerrou tudo sob o pecado...” (Gl 3:22). Essa condição durou até a cruz. Até esse momento as pessoas estavam, como diz o apóstolo, “sob a tutela da lei” (Gl 3:23).

É importante notar que para Paulo a expressão “sob a tutela da lei” pode assumir dois significados distintos. O primeiro tem que ver com tempo cronológico. Significa alguém ter vivido dentro do período de vigência da lei, ou seja, no período do Sinai até a cruz. Nesse tempo, o perdão era concedido com base num evento ainda futuro, que não havia ocorrido. Deus perdoava na certeza da morte de Seu Filho, que estava ainda por acontecer. Assim, embora o perdão fosse concedido nesse período, legalmente todos estavam sob condenação, pois o pagamento ainda não havia sido efetuado. Cristo nasceu nesse período. Gálatas 4:4-5 informa que Ele nascera “sob a lei”, mas no Seu caso o sentido é apenas cronológico, visto que Ele nunca sofreu condenação alguma².

O segundo diz respeito a um modo de vida. Mesmo não estando sob a lei do ponto de vista cronológico, alguém pode, mesmo assim, viver sob a lei e continuar sob sua condenação. Isso ocorre pela rejeição de Jesus Cristo como único salvador. Morrendo na cruz, Cristo trouxe perdão e absolvição dos pecados. Contudo, apenas recebem os

¹ White, *Mensagens Escolhidas*, 1:236-237.

² Donald Guthrie, *Gálatas: Introdução e Comentário*, Série Cultura Bíblica. (São Paulo: Mundo Cristão, 1988), 136-137.

benefícios de Sua morte aqueles que O aceitam como salvador (Jo 3:16-18). Os que O rejeitam permanecem na condição de condenados pela lei, sem perdão, sem absolvição e sem salvação. Vale notar que tanto no primeiro quanto no segundo caso a idéia de condenação está presente¹.

Gálatas 3:23, além de afirmar que antes da cruz as pessoas estavam “sob a tutela da lei”, apresenta ainda o porquê das pessoas, nesse período, estarem nessa condição: “... para essa fé que, de futuro, haveria de revelar-se”. Nesse sentido Charles R. Erdman afirma que a lei tinha um caráter preparatório². Aqui temos, em outras palavras, o propósito da outorga da lei — gerar fé no Messias, isto é, em Cristo. E como isso acontecia? Sendo condenado pela lei, o pecador percebia que não existia solução para o seu caso em si mesmo. Necessitava de um salvador que o livrasse da condenação, e este era encontrado em Cristo. A lei nunca foi dada como agente de salvação, mas funcionava como um instrumento que conduzia à mesma, levando o pecador a Cristo.

Paulo desenvolve essa idéia em Gálatas 3:24 através da figura do “aio”: “De maneira que a lei nos serviu de aio para nos conduzir a Cristo, a fim de que fossemos justificados por fé”. O termo “aio” é traduzido do grego *paidagogos*, que originalmente era aplicado a escravos de confiança, encarregados de supervisionar a vida e a moral das crianças de famílias mais abastadas³. A tônica da função que exerciam era disciplina.

¹ Notas de Classe, Wilson Paroschi, Novo Testamento II, 1º semestre de 2004, SALT.

² Erdman, 79.

³ Frank E. Gaebelein. *The Expositor's Bible Commentary*, (Zondervan: Publishing House, 2000), 10:467.

Disciplinando as crianças, eles as conduziam a um bom caminho. Semelhantemente, a lei, como um *paidagogos*, através da disciplina, ou da condenação conduzia o pecador ao bom caminho que é Cristo. Fica claro, assim, que a lei cumpriu um propósito condenatório, serviu de “aio”, de disciplinador¹.

Mas a função de “aio” não deveria durar todo tempo, conforme já dissemos acima: “Mas, tendo vindo a fé, já não permanecemos subordinados ao aio” (Gl 3:25). Novamente Paulo levanta a noção de que a lei tinha um prazo limitado de vigência. Com a morte de Cristo, sua função condenatória não era mais necessária. Nele, o pecador tem completa oferta de perdão. Ele é “o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo” (Jo 1:29). Portanto, o que terminou na cruz não foi o princípio eterno da lei de Deus, mas sim a sua função condenatória, cujo objetivo era conduzir os pecadores a Cristo.

É praticamente natural que se levante uma pergunta: A lei em seu formato atual tem algum valor para alguém espiritual? Relembrando o que já dissemos, no Sinai os princípios eternos da lei de Deus foram colocados dentro de um formato específico de acordo com as necessidades de Israel. Nesse formato ela tinha uma função também específica que se destinava a durar até a cruz. Mas ocorre que esse formato é o mesmo que temos ainda hoje; não conhecemos a lei de outra forma. A diferença é que hoje, para o cristão, a lei não condena mais como antes da cruz. Cristo já pagou o preço pelos pecados, libertando a humanidade da condenação da lei. Apenas permanecem em condenação aqueles que rejeitam a Cristo como salvador. Para os que O aceitam, a lei passa a ser internalizada no coração pelo Espírito Santo, e a vida passa a ser governada pelos

¹ Allen, 11:130-131.

princípios eternos da lei de Deus que estão por detrás de cada mandamento — lealdade, adoração, reverência, santidade, respeito, amor, pureza, honestidade, veracidade e contentamento. Portanto, embora hoje tenhamos a lei no mesmo formato que antes da cruz, hoje ela assume uma dimensão superior na vida do crente, gravada no coração.

CONCLUSÃO

Observamos no primeiro capítulo que a epístola aos gálatas foi escrita por Paulo, para um grupo de igrejas da Galácia, possivelmente às que estavam mais ao norte da província, como reação ao ensino propagado pelo grupo judaizante de que a circuncisão deveria também ser requerida dos gentios convertidos à fé cristã como requisito indispensável à salvação. Tal ensino se opunha frontalmente à pregação de Paulo de que a fé em Jesus era suficiente para a salvação. O conflito girava em torno de questões soteriológicas, e para proteger os cristãos da Galácia o apóstolo escreveu a epístola enfatizando que a salvação não pode ser conquistada através da obediência a qualquer lei.

No segundo capítulo, observamos que o conceito Paulino de lei é abrangente e não compartimentalizado, diz respeito a toda revelação dada no Sinai, e não a alguma porção específica da lei de Moisés. Vimos que a teologia de Paulo acerca da lei é apresentada em resposta a pergunta central da epístola: “Qual, pois a razão de ser da lei?”, estando resumida nas seguintes declarações: “a Lei foi adicionada”; “por causa das transgressões”; e “até que viesse o descendente”. Considerando cada uma delas, notamos que a lei eterna de Deus foi adicionada no Sinai no sentido de que ali ela assumiu um formato e uma função específica, apropriada à condição de Israel naquela ocasião. Sua função era de condenação, a fim de despertar a mente do pecador para a necessidade de um Salvador, e dentro dessa função e nos moldes como fora dada no Sinai a lei se destinava a durar até a cruz.

No terceiro capítulo os conceitos apresentados nos capítulos precedentes foram aplicados ao texto em estudo levando-nos à conclusão de que a lei mencionada nesse texto inclui a lei moral, ou seja, os Dez Mandamentos, que em sua função condenatória tal como foi dada no Sinai, serviu para conduzir as pessoas a Cristo, da mesma forma que um mestre disciplinador tinha a função de levar a criança a sua maturidade. Os Dez Mandamentos não terminaram na cruz, como pretende a maioria evangélica, pelo contrário, permanecem ainda hoje, visto que trazem os princípios eternos da Lei de Deus. No entanto, seu papel condenatório terminou na cruz, quando foi pago legalmente o preço que os pecados da humanidade requeriam. Tendo Cristo morrido, não havia mais razão para condenação. É nesse sentido que Paulo escreve: “Mas, tendo vindo a fé já não permanecemos subordinados ao aio”.

BIBLIOGRAFIA

- Barbaglio, Giuseppe. *As Cartas de Paulo, II*. São Paulo: Loiola, 1991.
- Buckland, A. R. *Dicionário Bíblico Universal*. 2ª edição. Traduzido por Joaquim dos Santos Figueiredo. Rio de Janeiro: Livros Evangélicos, 1957.
- Coenen, Lothar e Colin Brown. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. 2ª edição. Traduzido por Gordon Chown. 2 vols. São Paulo: Vida Nova, 2000.
- Erdman, Charles R. *Comentário à Epístola de São Paulo aos Gálatas*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, s/d.
- F, Clifton Allen. *Comentário bíblico Broadman: Novo testamento*. 2ª edição. Traduzido por Adiel Almeida de Oliveira. Rio de Janeiro: JUERP, 1988.
- Gaebelein, Frank E. *The Expositor's Bible Commentary*. Zondervan: Publishing House, 2000.
- Geisler, Norman e Thomas Howe. *Manual Popular de Dúvidas, enigmas e "contradições" da Bíblia*. Traduzido por Milton Azevedo Andrade. São Paulo: Mundo Cristão, 1999.
- Guthrie, Donald. *Gálatas: Introdução e Comentário*. Série Cultura Bíblica. São Paulo: Mundo Cristão, 1988.
- Henry, Matthew. *Comentario Exegético-Devocional a Toda La Biblia de II Corintíos à Hebreus*. Traduzido por Francisco Lacueva. Barcelona: CLIE, 1989.
- Kidner, Derek. *Gênesis introdução e comentário*. São Paulo: Edições Vida Nova, 1991.
- Nichol, F. D. *Comentário bíblico Adventista Del Séptimo Dia*. 6 vols. Boise, ID: Pacific Press publishing Association, 1987.
- _____. *Introdução às Epístolas*. São Paulo: SALT, 1984.
- Pohl, Adolf . *Carta aos Gálatas*. Curitiba, Paraná: Editora Evangélica Esperança, 1999.

- Stott, John R. W. *A Mensagem de Gálatas: Somente um Caminho*. São Paulo: ABU, 2003.
- Stuhlmacher, Peter. *Lei e Graça em Paulo: uma reafirmação da doutrina da justificação*. São Paulo: Vida Nova, 2002.
- Virkler, Henry A. *Hermenêutica Avançada*. São Paulo: Editora Vida, 2001.
- Stuhlmacher, Peter. *Lei e Graça em Paulo: uma reafirmação da doutrina da justificação*. Traduzido por Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 2002.
- Virkler, Henry A. *Hermenêutica Avançada*. Traduzido por Luiz Aparecido Caruso. São Paulo: Editora Vida, 2001.
- White, Ellen G. *Mensagens Escolhidas*. 2ª edição. Traduzido por Isolina A. Waldvogel. 3 vols. Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1985.
- _____. *Patriarcas e Profetas*. 6ª edição. Traduzido por Isolina A. Waldvogel. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1998.

TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO

1 CORÍNTIOS 16:2 E A OBSERVÂNCIA DO DOMINGO

Rinaldo Franco Garbelini

Bacharel em Teologia pelo Unasp, Campus Engenheiro Coelho, SP.

TCC apresentado em dezembro de 2004

Orientador: Reinaldo W. Siqueira, Ph.D.

rinaldogarbelini@hotmail.com

RESUMO: Esta passagem, bem conhecida do Novo Testamento, geralmente é citada como evidência para a observância do domingo na era apostólica. Seria esse o propósito de Paulo ao instruir os crentes de Corinto? Poderíamos usar esse texto para mostrar que os cristãos primitivos observavam habitualmente o primeiro dia da semana? A separação de fundos (coleta) dos coríntios pode ser interpretada como estando relacionada ao culto divino no domingo? É imperativa uma análise da passagem de I Coríntios 16:2, a fim de estabelecermos se a observância do domingo é pressuposta ou mesmo sugerida nessa passagem do Novo Testamento.

PALAVRAS-CHAVE: coríntios, coleta de ofertas, domingo, sábado, Paulo.

1 Corinthians 16:2 and the observance of Sunday

ABSTRACT: This well known passage of the New Testament is usually quoted as an evidence of the religious observation of Sunday in the Apostolic Era. Would this be the purpose of Paul in his instructions to the believers in Corinth? Could one use this text in order to show the first Christians usually kept the first day of the week? The setting apart of funds (collect) by the Corinthians could be interpreted as an activity related to an act of worship on Sundays? It is an imperative need to analyze this passage in order to establish if the religious observation of Sunday is here presented or at least suggested in this passage.

KEYWORDS: Corinthians, collect of offerings, Sunday, Sabbath, Paul.

Faculdade Adventista de Teologia
UNASP – Campus 2

UMA PESQUISA SOBRE O TEXTO BÍBLICO

“1 CORÍNTIOS 16:2”

Um Relatório

Apresentado em Cumprimento da

Trabalho de Conclusão de Curso

Estudo Dirigido Individual

por

Rinaldo Franco Garbelini

Dezembro de 2004

ESTUDO EXEGÉTICO DE 1 CORÍNTIOS 16:2

Trabalho de Conclusão de Curso
Apresentado como Requisito Parcial
à Obtenção do Título de
Bacharel em Teologia

por

Rinaldo Franco Garbelini

COMISSÃO DE APROVAÇÃO:

Orientador
Reinaldo W. Siqueira
Professor de Antigo Testamento

Avaliação

Amin A. Rodor
Diretor do Curso de Teologia

Data da Aprovação

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
Definição do Problema.....	1
Metodologia do Estudo	2
Capítulos	
I. REVISÃO DE LITERATURA	4
A Coleta foi feita no Primeiro Dia da Semana na Igreja	4
A Coleta foi feita no Primeiro Dia da Semana em Casa	5
Conclusão Parcial.....	6
II. O TEXTO	7
Delimitação da Perícope.....	7
O Texto da Perícope.....	8
Tradução.....	9
III. CONTEXTO HISTÓRICO	10
Contexto Histórico Geral.....	10
Contexto Histórico Específico	14
Surgimento da Observância do Domingo	17
Conclusão Parcial.....	18
IV. CONTEXTO LITERÁRIO	20
Gênero Literário	20
Forma Literária.....	20
Estrutura Literária do Livro.....	20
Estrutura Literária da Perícope.....	22
Figuras de Linguagem.....	22
Conclusão Parcial.....	23

V. ANÁLISE LÉXICO-SINTÁTICA E TEMÁTICA.....	25
Paralelo de Palavras	25
Análise do Verso	27
Análise da Perícopre.....	29
Paralelo de Idéias	30
O Primeiro Dia da Semana.....	30
O Dia do Senhor.....	36
A Coleta para os Santos de Jerusalém.....	42
Conclusão Parcial.....	47
VI. REAÇÃO CRÍTICA E REFLEXÃO TEOLÓGICA	49
Reação Crítica	49
Reflexão Teológica	51
CONCLUSÃO	54
BIBLIOGRAFIA	59

INTRODUÇÃO

Na primeira carta de Paulo aos Coríntios, o apóstolo recomendou um plano singular aos crentes de Corinto (semelhante às instruções que havia dado às igrejas da Macedônia e Galácia) para assegurar uma contribuição substancial à campanha de um levantamento geral de fundos a favor dos pobres da igreja de Jerusalém. O plano foi assim estabelecido: “No primeiro dia da semana, cada um de vós ponha de parte, em casa, conforme a sua prosperidade, e vá juntando, para que se não façam coletas quando eu for” (1 Co 16:2)¹.

Definição do Problema

Esta passagem bem conhecida do Novo Testamento geralmente é citada como evidência para a observância do domingo na era apostólica. Seria esse o propósito de Paulo ao instruir os crentes de Corinto? Poderíamos usar esse texto para mostrar que os cristãos primitivos observavam habitualmente o primeiro dia da semana? A separação de fundos (coleta) dos Coríntios pode ser interpretada como estando relacionada ao culto divino no domingo? É imperativa uma análise da passagem de 1 Co 16:2 a fim de estabelecermos se a observância do domingo é pressuposta ou mesmo sugerida nessa passagem do Novo Testamento.

¹*Bíblia Sagrada, Revista e Atualizada [ARA]*, 2ª ed., trad. João Ferreira de Almeida (Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999), 146.

Metodologia do Estudo

Para atingir este objetivo, será utilizado o método da “Leitura Atentiva” (Close Reading) do texto. No primeiro capítulo, faremos uma revisão de literatura para verificar as diferentes interpretações existentes entre os comentaristas bíblicos sobre a coleta requerida por Paulo. As divisões desse capítulo serão de acordo com as posições dos escritores.

No segundo capítulo, analisaremos o texto bíblico da passagem em questão. Primeiro, delimitaremos a perícopa na qual se encontra o nosso verso. Depois, verificaremos o texto em si na intenção de identificar possíveis variantes e suas implicações para o texto. Por fim será fornecida uma tradução do texto da perícopa analisada.

No terceiro capítulo, será pesquisado o contexto histórico geral do livro de 1 Coríntios, o contexto histórico específico da passagem analisada e um sumário dos principais fatores que deram origem a observância do domingo nos primeiros séculos. No contexto histórico geral apresentaremos prováveis evidências sobre a autoria, data, principais temas e propósitos da primeira carta enviada aos Coríntios, bem como aspectos culturais e geográficos da cidade. No contexto histórico específico serão apresentados os aspectos relevantes que levaram Paulo a levantar essa coleta para os pobres de Jerusalém.

No quarto capítulo, analisaremos o gênero literário e a forma literária da perícopa, a estrutura literária, primeiramente do livro, e em seguida da perícopa. Finalizando o capítulo verificaremos as figuras de linguagem existentes na perícopa e se o uso destas figuras influenciaram na compreensão do verso que estamos analisando.

No capítulo cinco, faremos uma análise léxico-sintática e temática, apresentando as descobertas feitas que respondem ou esclarecem o problema levantado no presente trabalho.

No capítulo seis, apresentaremos uma reação crítica sobre as diferentes interpretações do texto, descritas no capítulo um, à luz das descobertas realizadas ao longo dessa pesquisa. Em seguida será feita uma reflexão teológica do texto, mostrando sua contribuição para outras áreas da teologia.

Por último, concluiremos resumindo as principais descobertas feitas ao longo de nossa pesquisa e quais foram as suas implicações para a compreensão do verso analisado.

CAPÍTULO I

REVISÃO DE LITERATURA

Ao realizar a revisão da literatura que trata sobre o assunto em questão, podemos notar que os escritores se dividem basicamente em dois grupos. O primeiro grupo interpreta 1 Co 16:2 como um levantamento de fundos (coleta) no domingo, indicando que essa oferta foi entregue na igreja, por ser esse o dia de guarda dos cristãos. O segundo grupo interpreta o texto enfatizando que a coleta foi realizada em casa, individualmente, e, portanto, Paulo não faz alusão a uma reunião dominical cristã.

A Coleta foi Feita no Primeiro Dia da Semana na Igreja

Segundo esta interpretação, a menção do primeiro dia da semana, ou seja, o domingo, como o dia escolhido para dar as ofertas, sugere que este dia era observado pelos cristãos primitivos. Os teólogos que apóiam esta interpretação alegam que a orientação fornecida por Paulo em 1 Co 16:2 reforça a adoração do domingo, inclusive nas igrejas modernas.

Os teólogos que concordam com essa posição são: Henry H. Halley, Raymond Bryan Brown, Matthew Henry, R. N. Champlin, Leon Morris, Donald Guthrie, Herschel H. Hobbs, Richard S. Taylor, W. Harold Mare, David Prior, S. Lewis Johnson, Norman

Hillyer, Charles W. Carter, R.V.G. Tasker, Hans Conzelmann, Robert Jamieson, David Brown, Albert Barnes e F. B. Meyer¹.

A Coleta foi Feita no Primeiro Dia da Semana em Casa

Segundo essa interpretação, os teólogos do segundo grupo afirmam que Paulo orientou os cristãos de Corinto a realizarem a separação de fundos em casa, de forma individual e privativa. Esses teólogos dizem que as coletas foram feitas para ajudar os

¹Henry H. Halley, *Manual bíblico*, 10ª ed. (São Paulo: Vida Nova, 1991), 529; Raymond Bryan Brown, “Introdução e comentário sobre o texto de I Coríntios”, *Comentário bíblico Broadman*, ed. Clifton J. Allen, 2ª ed., trad. Adiel Almeida de Oliveira (Rio de Janeiro: JUERP, 1987), 10:460; Matthew Henry, *Comentário exegético devocional a toda la Bíblia*, 6 vols. (Barcelona: Libros Clie, 1989), 4:481; R. N. Champlin, *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo*, 6 vols. (São Paulo: Editora Hagnos, 2002), 4:276; Leon Morris, *I Coríntios: Introdução e comentário*, 3ª ed., Série Cultura Bíblica (São Paulo: Mundo Cristão, 1989), 191; Donald Guthrie, *Nuevo comentario bíblico* (Barcelona: Casa Bautista de Publicaciones, 1977), 795; Herschel H. Hobbs, *The Epistles to the Corinthians*, 3ª ed. (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1960), 79; Richard S. Taylor, *Beacon Bible Commentary*, 10 vols. (Kansas City, MS: Beacon Hill Press, 1968), 8:475; W. Harold Mare, “I Corinthians”, *The Expositor’s Bible Commentary*, ed. Frank E. Gaebelin (Grand Rapids, MI: Zondervan Publishing House, 1976), 10:293; David Prior, *A mensagem de I Coríntios*, ed. J.A. Motyer e J. R. W. Stott, 13 vols. (São Paulo: ABU Editora S/C, 1993), 9:300; S. Lewis Johnson, *El comentario bíblico Moody*, ed. Everett F. Harrison (Chicago: Editorial Moody, 1971), 314; Norman Hillyer, *The New Bible Commentary*, 3ª ed., ed. Donald Guthrie (Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans Publishing, 1970), 1073; Charles W. Carter, *The Wesleyan Bible*, 2ª ed., 6 vols. (Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans Publishing, 1971), 5:238; R.V.G. Tasker, *The First Epistle of Paul to the Corinthians*, Tyndale New Testament Commentaries, vol. 5 (Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans Publishing, 1966), 238; Hans Conzelmann, *I Corinthians*, Hermeneia (Philadelphia: Fortress Press, 1977), 296; Robert Jamieson, A.R. Fausset e David Brown, *A Commentary Critical, Practical and Explanatory on the Old and New Testament*, 4 vols. (Dayton, OH: Loizeaux Brothers, 1888), 2:785; Albert Barnes, *Notes on the New Testament Explanatory and Practical*, ed. Robert Frew, 11 vols. (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1967), 3:327; F. B. Meyer, *Comentário bíblico devocional do Novo Testamento* (Venda Nova, MG: Editora Betânia S/C, 1992), 183.

pobres de Jerusalém, e que Paulo não estava reforçando que o domingo é o dia que os cristãos adoravam. As ofertas deveriam ser acumuladas por um determinado período de tempo, até que o apóstolo viesse buscá-las.

Os teólogos que concordam com essa posição são: Floyd V. Filson e James Reid, H.D.M. Spence e Joseph S. Exell, William F. Orr e James A. Walther, Archibald T. Robertson, A.B. Christianini, Lourenço Gonzáles, Samuelle Bacchiocchi e o *Comentário bíblico Adventista del 7º Dia*¹.

Conclusão Parcial

Conforme vimos, os autores possuem divergências em suas opiniões sobre o levantamento de fundos na igreja de Corinto. Nesse capítulo apresentamos duas diferentes interpretações: (1) a coleta foi realizada na igreja no dia oficial de guarda – o domingo, e (2) a coleta foi realizada em casa, individualmente, e, portanto, o texto não indica a observância do domingo por parte dos cristãos primitivos.

¹Floyd V. Filson e James Reid, “I e II Corinthians, Galatians, Ephesians”, *The Interpreter’s Bible*, ed. George Arthur Buttrick (Nashviele,TE: Abingdon Press, 1953), 10:256; H. D. M. Spence e Joseph S. Exell, *The Pulpit Commentary*, 23 vols. (Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans Publishing, 1977), 19:519; William F. Orr e James A. Walther, *I Corinthians*, 5ª ed., The Anchor Bible, vol. 32 (Garden City, NY: Doubleday & Company, 1976), 355; Archibald T. Robertson, *Word Pictures in the New Testament – The Epistles of Paul*, 6 vols. (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1931), 4:200; A. B. Christianini, *Subtilezas do erro*, 2ª ed. (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1981), 212; Lourenço Gonzales, *Assim diz o Senhor*, 5ª ed. (Rio de Janeiro: Editora Ados, 1993), 130; Samuelle Bacchiocchi, *Do sábado para o domingo*, 5 vols. (Roma: Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma, 1990), 2:29; “Aparte” [1 Co 16:2], *Comentário bíblico Adventista del 7º Dia [CBASD]*, ed. Francis D. Nichol, trad. Victor E. Ampuero Matta (Boise, ID: Pacific Press Publishing Association, 1988), 6:809.

CAPÍTULO II

O TEXTO

Delimitação da Perícope

Conforme análise do texto de 1 Co 16:2, chegamos à conclusão que a delimitação da perícope de nossa pesquisa encontra-se em 1 Co 16:1-4. Essa conclusão baseia-se no argumento de que no capítulo anterior, ou seja, no capítulo 15, o apóstolo Paulo aborda o tópico referente à ressurreição, tanto a de Cristo, no passado, quanto a dos crentes, no futuro, e sua importância crucial para a fé cristã. Em 1 Co 16:1, o apóstolo Paulo inicia o capítulo com as palavras: “*Quanto à coleta para os santos, fazei vós também como ordenei às igrejas da Galácia*”. O uso da expressão “*Quanto à*”, que poderia ter sido traduzido também como “*relativo à*” ou “*a respeito da*”, demonstra que o apóstolo havia terminado suas considerações sobre a questão da ressurreição e estava introduzindo um novo assunto. O assunto introduzido no capítulo 16 estabelece um plano de ofertas sistemáticas que deveriam ser levantadas pelos coríntios e serem enviadas para os crentes pobres de Jerusalém. Essas ofertas ou coletas deveriam ser feitas antes da chegada do apóstolo na cidade de Corinto. Notamos, portanto, uma mudança significativa de assunto entre 1 Co 15 e 16. Convém ressaltarmos que nos versículos posteriores à 16:4, o apóstolo informa aos coríntios sobre os planos de suas viagens missionárias (5-9), como também

relata informações à respeito de Timóteo, Apolo, Estéfanos, Fortunato e Acaico, todos esses colaboradores de Paulo na pregação do evangelho (10-18). A partir do verso 19 até o verso 24, o apóstolo encerra a sua epístola fazendo as saudações e bênçãos finais, comuns ao estilo de Paulo no final de suas cartas. Portanto, concluímos que há uma mudança de assunto entre os versículos 4 e 5 e, portanto, nossa perícopé encerra-se em 1 Co 16:4.

Outro argumento em favor da delimitação dessa perícopé encontra-se no fato de que a maioria dos teólogos concordam que existe uma mudança significativa de assunto entre os capítulos 15 e 16; que os versos 1 à 4 referem-se às coletas levantadas para os pobres de Jerusalém, que os versos 5 à 18 referem-se aos planos de viagem de Paulo à Corinto como também informações sobre seus colaboradores de trabalho; e que os versos 19 à 24 são saudações e bênçãos finais do apóstolo aos crentes de Corinto. Dentre os teólogos que pesquisaram o assunto e que também estão de acordo com as informações citadas acima encontram-se Robert H. Gundry, Henry H. Halley, Raymond Bryan Brown, Richard Kugelman, Matthew Henry, F. F. Bruce e R. N. Champlin¹.

O Texto da Perícopé

O texto de 1 Co 16:1-4 não possui variantes textuais na 3ª ed. do *Greek New*

¹Robert H. Gundry, *Panorama do Novo Testamento*, 2ª ed. (São Paulo: Vida Nova, 1998), 317; Halley, 529; Brown, 10:459-461; Richard Kugelman, “I Coríntios”, *Comentário bíblico San Jerônimo [CBSJ]*, eds. Raymond E. Brown, Joseph A. Fitzmyer e Roland E. Murphy, trad. Jesus V. Malla e Juan J. del Moral (Madrid: Ediciones Cristiandad, 1972), 4:61-62; Henry, 4:480-486; F. F. Bruce, “Seção introdutória”, *Zondervan Pictorial Encyclopedia of the Bible*, ed. Merrill C. Tenney, 5 vols. (Grand Rapids, MI: Zondervan Publishing House, 1975), 1:965-966; Champlin, 4:275-276.

Testament de Kurt Aland e outros¹. Logo, concluímos que a perícopes de nossa pesquisa não apresenta divergências relevantes entre os manuscritos existentes.

III.

IV. Tradução

Segue-se uma tradução própria do texto de 1 Co 16:1-4, baseada no *Nuevo*

*Testamento Interlineal Griego-Español*²:

¹E, acerca da coleta para os santos, conforme ordenei as igrejas da Galácia, assim também fazei vós. ²No primeiro dia da semana, cada um de vós ponha de parte, juntando, conforme a prosperidade, para que então não se façam coletas quando eu chegar. ³E, quando chegar, a quem aprovardes, mediante cartas, a estes enviarei para que levem o donativo de vocês a Jerusalém. ⁴E se convém que eu vá também, eles irão comigo.

¹Kurt Aland e outros, *The Greek New Testament*, 3ª ed. (Westphalia: United Bible Societies, 1975), 618-619.

²Francisco Lacueva, *Nuevo Testamento interlineal griego-español* (Barcelona: Libros Clie, 1984), 704-706.

CAPÍTULO III

O CONTEXTO HISTÓRICO

Contexto Histórico Geral

Com exceção de alguns críticos radicais que chegam a duvidar da existência de Paulo, geralmente tem sido aceito de forma generalizada a paternidade literária paulina desta epístola. O nome do autor aparece tanto no começo como no final de sua epístola (1 Co 1:1-2; 16:21). A carta foi ditada por Paulo a um dos seus secretários, exceto a saudação final do livro, onde Paulo declara que ele escreveu com seu “próprio punho” (16:21).

Não se conhece a razão exata por que Paulo utilizava secretários, mas frequentemente era esse o seu costume (Rm 16:22; Cl 4:18). Uma possível razão era que Paulo enfrentava problemas de visão (Gl 4:15; 6:11). Dentre os vários teólogos que concordam com a autoria de Paulo na epístola aos Coríntios, citamos Raymond B. Brown, Matthew Henry, Merrill C. Tenney e Richard S. Taylor¹.

Conforme o texto de At 18:1-19, Paulo, na sua segunda viagem missionária, chegou a Corinto, e encontrou ali um casal judeu, Áquila e Priscila, que, juntamente com todos os outros judeus, havia sido forçado a sair da cidade de Roma em 49 D.C, pelo

¹Brown, 10:342; Henry, 4:485-486; Bruce, 1:964; Taylor, 8:295.

imperador Cláudio¹. A missão de Paulo em Corinto logrou grande êxito (At 18:8), e ele permaneceu em Corinto por um ano e meio (At 18:11). Conforme At 18:12-17, Paulo esteve em Corinto durante a administração de Lucius Junius Annaeus Gallio, que fora enviado a Corinto em 51 ou 52 d.C., para servir como procônsul da Acaia². Visto que Paulo chegou a Corinto antes de Gálio ter sido nomeado procônsul (At 18:12), é provável que ele tenha chegado lá em 50 d.C. Certamente Paulo estava pregando em Corinto no ano 51 d.C.

Depois de um ataque levado a efeito contra ele por alguns judeus, que foi frustrado, Paulo viajou para a Síria (At 18:18). Posteriormente, por ocasião de sua terceira viagem missionária, Paulo dirigiu-se a cidade de Éfeso (At 18:19) onde escreveu a primeira epístola aos Coríntios (1 Co 16:8). A primeira epístola de Paulo aos Coríntios, no entanto, é a segunda das epístolas que o apóstolo escreveu à igreja de Corinto. A declaração que se encontra em 1 Co 5:9 permite-nos entender que Paulo já havia escrito uma epístola anterior à igreja de Corinto, mas que depois se perdeu³.

Provavelmente Paulo escreveu essa primeira epístola aos Coríntios poucos meses antes de deixar Éfeso, a fim de visitar novamente as igrejas que havia fundado na Macedônia e em Corinto. Em 1 Co 16:8, Paulo expressa o desejo de ficar em Éfeso até à festa de Pentecostes esperando partir dali pouco depois. R.N. Champlin diz que é bem

¹Brown, 10:343.

²Ibid., 10:344.

³Ibid., 10:338-339; Gundry, 307-308.

provável que Paulo tenha escrito a epístola de 1 Coríntios durante a primavera, pouco antes da festa de Pentecoste, em 54 d.C. A maioria dos teólogos concordam que a data provável para a elaboração da primeira carta aos Coríntios encontra-se aproximadamente entre os anos de 54 à 57 AD¹.

Pesquisas realizadas por Henry H. Halley, revelaram que Corinto era uma metrópole comercial da Grécia, uma das maiores, mais ricas e importantes cidades do Império Romano, com uma população de 400.000, só ultrapassada por Roma, Alexandria e Antioquia. Situada no istmo da Grécia, uns 80 Km de Atenas, na principal rota comercial do império, pelos seus ancoradouros passava o comércio do mundo. Corinto era a residência de romanos, gregos, egípcios, sírios, judeus e orientais. Naturalmente, as pessoas de diferentes raças levaram com elas, para Corinto, a sua herança cultural, inclusive diferentes costumes sociais, crenças e práticas religiosas. Corinto tornou-se famosa por sua moral frouxa, talvez, em parte, como consequência dos rituais religiosos pagãos. Desde a época do poeta Aristófanes (c.400 a.C.), “corintianizar” era uma expressão proverbial de imoralidade².

Havia em Corinto um sincretismo religioso, trazidos de muitas partes do Império Romano. Em uma colônia romana como Corinto, o primeiro lugar devia ser dado à adoração dos Césares deificados, à deusa de Roma (personificação da cidade) e aos deuses do Estado romano - Júpiter, Marte e Vênus. O culto mais famoso em Corinto era o

¹Champlin, 4:2; Guthrie, 779; Mare, 10:179-180; Brown, 10:342.

²Halley, 523.

de Afrodite, cujo templo ficava localizado no topo do monte Acrocorinto. Conforme Estrabão, geógrafo que viveu no primeiro século, mais de mil mulheres serviam de prostitutas sagradas no templo de Afrodite¹.

Donald Guthrie, comentando sobre o propósito de Paulo ao escrever a primeira carta aos Coríntios, diz que essa carta era uma resposta de Paulo às informações que os filhos de Cloé trouxeram de Corinto (1 Co 1:11) acerca das contendas que tinham surgido entre os crentes de Corinto, o que havia produzido facções entre eles (1 Co 1:12; 3:4; 4:6), cada uma das quais com o seu suposto líder (Paulo, Pedro, Apolo e Jesus). Paulo havia também recebido uma carta enviada pelos Coríntios. Essa é a única carta que sabemos com certeza que Paulo recebeu (1 Co 7:1). A carta entregue pelos delegados da comunidade, Estéfanos, Acaico e Fortunato, era uma consulta a Paulo pedindo os conselhos do apóstolo acerca de várias questões que, evidentemente, vinham sendo debatidas entre os cristãos daquela cidade. O resultado dessas indagações é a primeira epístola aos Coríntios, ou, pelo menos, partes da mesma².

Os temas abordados por Paulo em Corinto são essencialmente éticos e práticos; e por causa dos muitos problemas acerca dos quais o apóstolo escreveu, no intuito de corrigi-los, encontramos a mais completa declaração ética da fé cristã em todo o N.T. Isso é particularmente importante para a nossa época, pois a maioria dos problemas que os crentes de Corinto tiveram de enfrentar são os mesmos comuns à experiência cristã hoje em

¹Brown, 10:338.

²Guthrie, 779-780.

dia. Apresentamos os principais temas desenvolvidos na epístola: Problemas das divisões partidárias (1:10-4:21); imoralidade e os padrões éticos gerais e cristãos (5:1-7:40); a liberdade cristã (8:1-11:1); regulamentos sobre a adoração cristã (11:22-14:40); a ressurreição dos mortos e a *parousia* (15:1-58); e questões pessoais (16:1-24).

Concluimos, portanto, ressaltando que os motivos básicos pelos quais foi escrita a primeira epístola aos Coríntios é duplo: (1) relatórios orais provenientes dos familiares de Cloé acerca das desavenças desencadeadas na igreja; e (2) a chegada de uma delegação da parte da igreja de Corinto – Estéfanos, Fortunato e Acaico – trazendo uma carta solicitando o parecer de Paulo sobre diversos problemas, aos quais ele aborda na epístola.

V. Contexto Histórico Específico

A coleta para os pobres de Jerusalém era um item muito importante para o apóstolo dos gentios, como indica o extenso texto que ele escreve a respeito em 2 Co 8-10. Em quatro de suas cartas Paulo faz menção a esse levantamento de fundos para os crentes judeus. Em Rm 15:25 e 26, Paulo faz referência a mesma coleta, que deveria ser levantada também pelas igrejas da Macedônia e Acaia. Em 2 Co 8:1-5, o apóstolo chama a atenção dos Coríntios para o exemplo de generosidade das igrejas da Macedônia. As igrejas da Macedônia haviam sido generosas em sua ajuda aos pobres da Judéia, apesar de sua profunda pobreza (verso 2), e isso provava que a graça de Deus havia movido os corações dos macedônios e que o mesmo exemplo deveria ser seguido pelas demais igrejas. Em 2 Co 9:1-15, Paulo retoma novamente o assunto da coleta, e no verso 7 o apóstolo revela a

natureza com que as ofertas deveriam ser dadas: “*Cada um de vós contribua segundo tiver proposto no coração, não com tristeza ou por necessidade; porque Deus ama a quem dá com alegria*”. Um conselho parecido o apóstolo havia dado também aos Coríntios: “...*cada um de vós ponha de parte, juntando, conforme a prosperidade...*” (1 Co 16:2). Em Gl 2:9-10, Paulo novamente menciona os esforços que empreendeu para ajudar aqueles que eram pobres, e é bem provável que ele estivesse referindo-se aos necessitados da Judéia.

Essa coleta estava além do interesse humanitário envolvido, Paulo provavelmente também tinha uma finalidade política em foco. Ele desejava unir mais estreitamente a igreja-mãe (dos judeus) com as igrejas gentílicas, pois entre esses dois grupos do cristianismo primitivo – o dos judeus e o dos gentios – aparecera certa tensão, devido à questão do legalismo, isto é, as relações entre o cristianismo e o judaísmo antigo, com sua legislação mosaica. A oferta era uma excelente maneira de demonstrar a unidade da igreja, e poderia suavizar quaisquer suspeitas que eles tivessem a respeito dele e de sua obra entre os gentios. A doação de esmolas era uma fortíssima virtude, segundo o Antigo Testamento, considerada como um sinal de piedade e retidão¹.

Portanto, a coleta especial para os pobres de Jerusalém é um reflexo da participação das igrejas gentílicas nos princípios éticos judaicos.

Por que os crentes de Jerusalém estavam necessitando dessa coleta? Não encontramos nenhuma declaração bíblica específica que nos informe por qual razão a igreja de Jerusalém fora reduzida à pobreza, mas algumas hipóteses podem ser levantadas.

¹Champlin, 4:275; 3:867; Prior, 9:300; Morris, 190.

A população de Jerusalém era tradicionalmente empobrecida. Desde os tempos de Cícero, lemos acerca de recursos enviados a Jerusalém, doados por diversos outros centros populacionais judaicos. Além disso, a igreja primitiva era composta principalmente de pessoas pobres, assim sendo, já começou pobre. Não há que duvidar, em acréscimo a isso, que essa situação foi ainda mais agravada devido às perseguições contra cristãos judeus. Essas perseguições envolviam a confiscação de propriedades, além de pressões financeiras em geral¹.

As condições econômicas na Palestina eram opressivas para os judeus e cristãos. Calcula-se que os impostos – civis e religiosos – alcançavam o assombroso total de quase quarenta por cento do salário de uma pessoa. O povo não tinha nenhuma esperança de escapar da pobreza. Além disso, a igreja de Jerusalém sofria muito com as perseguições. A maioria dos crentes eram pobres, alguns deles por que haviam se tornado cristãos (At 4:34-35; 6:1; 8:1; 11:28-30)².

A pobreza dos crentes em Jerusalém, parece ser resultado também de uma fome severa que fora predita por Ágabo, em uma profecia relatada em At 11:28, um desastre natural que teria afetado com mais rigor os arredores de Jerusalém, na Judéia, por não ser uma região muito rica. Através dessa fome, Paulo destacou a oportunidade, o privilégio e a responsabilidade de atender às necessidades dos santos de Jerusalém³.

¹Champlin, 4:275.

²“Aparte” [1 Co 16:2], *CBASD*, 6:809.

³Prior, 9:299.

Conforme vimos até aqui, as instruções dadas pelo apóstolo envolvia questões assistenciais e não litúrgicas. Não podemos relacionar essa campanha assistencial do apóstolo com a guarda do domingo, como fazem alguns teólogos. A observância do domingo entre os cristãos surgiu muitas décadas depois, conforme veremos na seção histórica a seguir.

Surgimento da Observância do Domingo

A mudança do sábado para o domingo, como dia de adoração, ocorreu gradualmente. Não existem evidências de santificação semanal do domingo por parte dos cristãos antes do segundo século, mas as evidências indicam que por volta da metade desse século alguns cristãos observavam voluntariamente o domingo como dia de adoração, não como dia de repouso. A igreja de Roma, composta em grande medida de crentes gentios (Rm 11:13), liderou a tendência no tocante à adoração dominical. Em Roma, a capital do Império, existiam fortes sentimentos anti-judaicos, os quais se tornaram ainda mais fortes com o passar do tempo. Reagindo a tais sentimentos, os cristãos da cidade procuraram mostrar que eram diferentes dos judeus. Abandonaram algumas práticas que tinham em comum com os judeus e iniciaram a tendência de afastar-se da adoração no sábado, caminhando gradualmente para a adoração exclusiva no domingo¹.

¹Para um estudo mais detalhado do surgimento histórico da observância do domingo, favor consultar as obras *Nisto Cremos*, 3ª ed., trad. Hélio L. Grellmann (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1995), 344-346; Bacchiocchi, 3:56-97; 4:37-61; Charles J. Hefele, *A History of the Councils of the Church From the Original Documents*, trad. de Henry N. Oxenham (Edinburg: T. & T. Clark, 1876), 2:316; John N. Andrews, *History of the Sabbath and First Day of the Week*, 2ª ed. (Battle Creek, MI: Seventh-day Adventist Publishing Assn., 1873), 575.

O quarto século testemunhou a introdução de leis dominicais. Em primeiro lugar, foram impostas leis dominicais de caráter civil, depois vieram às leis dominicais de caráter religioso. O imperador Constantino estabeleceu o primeiro decreto dominical civil em 7 de março de 321 d.C. Em vista da popularidade do domingo entre os adoradores pagãos do Sol e da estima que muitos cristãos lhe dedicavam, Constantino tinha a esperança de que, tornando o domingo um dia santo, obteria ele o apoio das duas correntes em favor de seu governo. O decreto dominical de Constantino refletia suas próprias origens como adorador do Sol. Diz o texto: “No venerável Dia do Sol [venerabili die Solis] devem os magistrados e as pessoas que residem nas cidades descansar, e devem fechar todas as casas de comércio. No campo, entretanto, as pessoas envolvidas na agricultura podem livre e legalmente continuar com suas tarefas”¹.

Conclusão Parcial

Verificamos que o autor da primeira carta aos Coríntios é o apóstolo Paulo, e escreveu-a com o auxílio de um secretário, por volta dos anos 54 à 57 AD. Provavelmente a carta foi escrita da cidade de Éfeso, por ocasião de sua terceira viagem missionária (1 Co 16:8). Um dos objetivos para o envio dessa carta aos Coríntios era resolver as contendas que haviam surgido entre eles, produzindo assim facções entre aquela igreja (1 Co 1:12; 3:4; 4:6).

Concluimos também, que a coleta foi levantada numa ocasião específica, ou

¹*Codex Justinianus*, livro 3, título 12:3 – transcrito em Schaff, *History of the Christian Church*, 5ª ed. (New York: Charles Scribner, 1902), 3:380.

seja, para socorrer os pobres de Jerusalém. Além do interesse humanitário, Paulo desejava unir mais estreitamente a igreja-mãe (dos judeus) com as igrejas gentílicas. Como as condições econômicas na Palestina eram opressivas para os judeus e os cristãos, e um possível desastre natural tenha contribuído para aumentar ainda mais as dificuldades entre eles (At 11:28), Paulo viu a oportunidade de estreitar os laços entre judeus e gentios, levantando uma oferta entre as igrejas sob a sua liderança, inclusive a igreja de Corinto.

Portanto, conforme vimos, a coleta foi solicitada pelo apóstolo para atender uma necessidade assistencial da igreja e não com a finalidade de estabelecer a observância de um dia de culto para os cristãos. O surgimento da guarda do domingo ocorreu muitas décadas após as instruções dadas pelo apóstolo. Não existem evidências históricas que os cristãos guardavam o domingo antes do segundo século. Foi a igreja de Roma que liderou a tendência no tocante à adoração dominical.

CAPÍTULO IV

CONTEXTO LITERÁRIO

Gênero Literário

A primeira epístola aos Coríntios é um dos escritos clássicos de Paulo; e ela preserva para nós padrões de ética cristã dadas aos crentes de Corinto. Portanto, seu gênero literário enquadra-se dentro das epístolas gerais escritas pelo apóstolo¹.

Forma Literária

Analisando a perícopé de nossa pesquisa (1 Co 16:1-4), chegamos à conclusão que o apóstolo utiliza-se da forma literária da instrução e exortação².

Estrutura Literária do Livro

Ao analisarmos o livro de 1 Coríntios podemos verificar que ele divide-se em 7 partes; cada uma tratando de um tema específico. Essa estruturação do livro é bem clara e podemos encontrá-la nos comentários de R. N. Champlin e Robert H. Gundry³.

I. Introdução, Saudações e Ação de Graças (1:1-9)

- a. Identificação do autor e seus colaboradores (1:1)
- b. Destino da epístola (1:2)

¹Gundry, 287.

²James L. Bailey e Lyle D. van der Broek, *Literary Forms in the New Testament* (Louisville, KY: Westminster e John Knox Press, 1992), 25.

³Champlin, 4:6-7; Gundry, 317.

- c. Bênção inicial (1:3)
 - d. Elogio pelo Crescimento Espiritual (1:4-9)
- II. Problemas das Divisões Partidárias (1:10 à 6:20)
- a. Reprovação ao homem faccioso (1:10-13)
 - b. Defesa de Paulo quanto ao seu ministério e evangelho (1:14 à 2:16)
 - c. A inconsequência do homem partidarista (3:1-23)
 - d. Seção contrária aos detratores de Paulo, que haviam causado divisões (4:1-21)
- III. Imoralidade e os Padrões Éticos Gerais e Cristãos (5:1 à 7:40)
- a. Contra a imoralidade grosseira (5:1-13)
 - b. Contra os processos legais entre crentes (6:1-8)
 - c. O padrão do reino de Deus (6:9-11)
 - d. A moralidade pessoal do crente (6:12-20)
 - e. O casamento e o celibato (7:1-40)
- IV. Liberdade Cristã (8:1 à 11:1)
- a. Alimentos oferecidos a ídolos (8:1-13)
 - b. O exemplo de Paulo renunciando a seus direitos (9:1-23)
 - c. Os perigos da obstinação (9:24 à 10:22)
 - d. Declarações finais (10:23 à 11:1)
- V. Regulamentos sobre a Adoração Cristã (11:22 à 14:40)
- a. O véu das mulheres (11:2-16)
 - b. A ceia do Senhor (11:17-34)
 - c. O uso dos dons espirituais (12:1 à 14:40)
 - d. O amor governa o uso dos dons e toda a conduta cristã (13:1-13)
- VI. A Ressurreição dos Mortos (15:1-58)
- a. A tradição e o evangelho (15:1-11)
 - b. O significado da ressurreição (15:12-19)
 - c. O acontecimento e a sua ordem (15:20-34)
 - d. A natureza da ressurreição (15:35-50)
 - e. A parousia: imortalidade final (15:51-58)
- VII. Questões Pessoais (16:1-24)
- a. Coleta para os santos pobres de Jerusalém (16:1-4)
 - b. Os planos de Paulo sobre suas viagens (16:5-12)
 - c. Exortações finais, saudações e bênção (16:13-24)

Estrutura Literária da Perícope

A estrutura de nossa perícope inicia-se em 1 Co 16:1, onde Paulo usa como introdução a frase “*Quanto à coleta para os santos...*”. Essa frase introduz o conteúdo do assunto que Paulo desejava que os Coríntios soubessem, ou seja, que deveriam fazer uma coleta para os pobres de Jerusalém seguindo o modelo que ele havia ordenado às igrejas da Galácia. No final da perícope (verso 4) Paulo orienta os crentes quanto à maneira que as ofertas deveriam chegar à Judéia. Paulo poderia levá-las pessoalmente ou, se fosse necessário, outros irmãos de boa reputação poderiam acompanhá-lo na viagem. Portanto, diante dessa análise, a estrutura da nossa perícope poderia dividir-se da seguinte forma:

Coleta para os Santos de Jerusalém (16:1-4):

I. A Intenção da coleta (verso 1)

- a. Paulo deseja ajudar os pobres da Judéia (v.1a)
- b. A oferta deve ser feita tomando como modelo os crentes da Galácia (v.1b)

II. A Forma como deveria ser feita a coleta (verso 2)

- a. A ocasião para separar a oferta era o primeiro dia da semana (v.2a)
- b. A separação deveria ser feita em casa (v.2b)
- c. As ofertas deveriam ser guardadas em casa (v.2c)
- d. A separação deveria ser feita de acordo com a prosperidade de cada um (v.2d)
- e. Paulo não desejava separar as ofertas quando chegasse em Corinto (v.2e)

III. O Envio da coleta (versos 3-4)

- a. As ofertas deveriam ser enviadas somente após a presença de Paulo em Corinto (v.3)
- b. As ofertas poderiam ser levadas pessoalmente pelo apóstolo (v.4a)
- c. Outros crentes de Corinto poderiam acompanhá-lo na viagem a Judéia (v.4b)

VI.

VII. Figuras de Linguagem

Conforme E.W. Bullinger¹, em 1 Co 16:1, na frase “*cada primeiro dia da*

¹E. W. Bullinger, *Diccionario de dicción usadas en la Bíblia* (Barcelona: Clie, 1985), 572.

semana” encontramos uma figura de linguagem do tipo “Sinédoque da Parte”. Esse tipo de figura de linguagem toma a parte como referência ao todo. No caso da frase citada acima, Bullinger diz que a passagem deveria ser literalmente traduzida por “*cada dia da semana*”, ou seja, as ofertas deveriam ser levantadas durante todos os dias da semana, e não somente no primeiro dia. Como a maioria dos comentaristas entendem que o texto de 1 Co 16:1 refere-se literalmente ao primeiro dia da semana, adotamos essa interpretação em nossa pesquisa.

Conclusão Parcial

Verificamos neste capítulo que o gênero literário enquadra-se dentro das epístolas gerais escritas pelo apóstolo. A forma literária de instrução e exortação usada por Paulo mostra que ele estava estabelecendo a maneira como as ofertas deveriam ser coletadas. Na estrutura literária do livro, o apóstolo dedica uma seção para tratar dos assuntos relacionados com a adoração cristã. Ele cita a questão do véu, da ceia do Senhor, do uso dos dons espirituais e sobre a conduta cristã. Se o primeiro dia da semana deveria ser observado pelos cristãos de Corinto, era de se esperar que o apóstolo o mencionasse nessa seção que trata da liturgia da igreja. Como o primeiro dia é mencionado dentro da estrutura literária referente a questões pessoais, chegamos à conclusão que a intenção do apóstolo não era estabelecer a guarda do domingo neste dia. Dentro da estrutura literária da perícopes encontramos o motivo e a maneira que Paulo desejava que fossem feitas as coletas. Ele menciona que elas deveriam ser levantadas para ajudar os pobres, tomando como exemplo as igrejas da Galácia. A ocasião para a coleta deveria ser no primeiro dia da

semana, em casa, para que quando o apóstolo chegasse a Corinto elas já estivessem prontas para serem enviadas para Jerusalém. Paulo novamente não menciona o aspecto litúrgico ao referir-se ao primeiro dia da semana. Na perícopre encontramos também uma figura de linguagem, a “Sinédoque da Parte”, em que Bullinger chega a conclusão que as ofertas deveriam ser levantadas durante todos os dias da semana, e não somente no primeiro dia. Se Bullinger realmente estiver correto em sua interpretação acima, reforça o argumento de que os cristãos não estavam reunidos no primeiro dia da semana em uma reunião dominical.

CAPÍTULO V

ANÁLISE LÉXICO-SINTÁTICA E TEMÁTICA

Em nosso texto nos parece necessário analisar duas expressões chaves em grego¹. Efetuaremos, neste capítulo, um exame das palavras *θησαυριζων* e *παρ εαυτω*. Essas palavras serão analisadas primeiramente dentro do Novo Testamento, e depois dentro da perícopie e do verso onde as mesmas estão inseridas. Após essa análise apresentaremos uma pesquisa dos textos onde o primeiro dia da semana é mencionado. Essa análise contribuirá para verificarmos se outras passagens do Novo Testamento mencionam a observância do domingo entre os cristãos primitivos. Dedicamos também uma seção para pesquisarmos o texto de Ap 1:10 e outra para analisarmos os textos de 2 Co 8-9; Rm 15:25-27; At 11:29-30; 20-21; 24:17 onde Paulo faz referência a coleta para os pobres da Judéia.

Paralelo de Palavras

O verbo *θησαυριζω* pode comumente ser traduzido por “armazenar”, “poupar”, “colher”, “acumular”, “entesourar”, “ajuntar” ou “reservar”². As palavras *παρ εαυτω*

¹Aland e outros, 619.

²J. Eichler e Colin Brown, “Posses”, *Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*, eds. Lothar Coenen e Colin Brown, 2ª ed., 2 vols. (São Paulo: Vida Nova, 2000), 2:1708.

podem ser traduzidas por “consigo mesmo”, “em si mesmo” ou “por si mesmo”; e fazem melhor sentido no verso quando traduzidas em conjunto¹.

O verbo *θησαυριζω* aparece oito vezes no Novo Testamento². Em Mt 6:19; Mt 6:20; Lc 12:21; Rm 2:5; 1 Co 16:2; 2 Co 12:14; Tg 5:3; 2 Pe 3:7. Nesses textos o termo é geralmente traduzido por “acumular”, “juntar” ou “ajuntar” e “entesourar” na *Almeida revista e atualizada 2ª edição*³.

A preposição *παρ* no caso dativo aparece vinte e três vezes no Novo Testamento⁴. Essa preposição pode aparecer também nos casos genitivo e acusativo, portanto optamos por analisá-la somente no caso dativo, pois é nesse caso em que a mesma aparece em nosso texto de pesquisa. No caso dativo essa preposição geralmente é traduzida por “entre”, “junto a”, “com”, “enquanto a”, “em” e “para”. A palavra *εαυτω* aparece vinte e nove vezes no Novo Testamento⁵. Todas as vezes que aparece esta palavra, ela aparece como um pronome reflexivo, e geralmente é traduzida por “sí”, “sí mesmo”, “consigo

¹Paul A. Hamar, *The New Testament Study Bible Romans-Corinthians*, ed. Stanley M. Horton, 10 vols. (Chicago: R.R. Donnelley and Sons Company, 1989), 7:484.

²Jackson J. Stegenga, *Concordância Analítica Greco-Española Del Nuevo Testamento Greco-Español*, trad. Alfred E. Tuggy (Barcelona: CLIE, 1987), 764-765.

³ARA, 7, 62, 125, 146, 153, 190, 195.

⁴Mt 21:25; 22:25; Lc 9:47; 11:37; Jo 1:40; 4:40; 14:17, 23, 25; At 18:3, 20; 21:7, 8, 16; 26:8; Rm 11:25; 12:16; 1 Co 16:2; 2 Co 1:17; Ef 6:9; Cl 4:16; Tg 1:17 e Ap 2:13; Stegenga, 612.

⁵Mt 13:21; Mc 5:30; Lc 7:39; 9:47; 12:17, 21; 16:3; 18:4; 19:12; Jo 5:26; 6:61; 11:38; 13:32; At 10:17; 12:11; Rm 14:7; 15:3; 1 Co 11:29; 14:28; 16:2; 2 Co 5:18, 19; 10:7; Ef 2:15; 5:27; Fl 3:21; Tt 2:14; Hb 5:4 e 1 Jo 5:10.

mesmo”, “se” e “consigo”. A preposição *παρ*, às vezes, aparece junto com o pronome *εαυτω*. Essa é a forma grega que aparece em 1 Co 16:2, e que geralmente é traduzida por “junto de si”¹.

Tomemos como exemplo o relato de Lc 9:46-48, onde Jesus explica para os discípulos quem é o maior no reino dos céus. Diz a Bíblia que Jesus tomou uma criança e a colocou “*junto de si*” (v. 47). O termo usado nesse texto é *παρ εαυτω*.

No livro de 1 Coríntios encontramos duas referências ao pronome *εαυτω*, além daquela analisada em nossa pesquisa. A primeira encontra-se em 1 Co 11:29, onde esse pronome é traduzido por “si” e a segunda está em 1 Co 14:28, e é traduzido por “consigo mesmo”.

Análise do Verso

No texto de 1 Co 16:2, o pronome *εαυτω* é traduzido pelo termo “em casa” por João F. de Almeida, versão revista e atualizada 2ª edição. Essa tradução provavelmente tenha sido feita levando em consideração que a coleta deveria ser feita de forma privada, particular e individual, ou seja, “consigo mesmo” ou “junto de si”, como geralmente é traduzido. Outras versões pesquisadas também fazem uso do termo “em casa”, concordando assim com a interpretação acima². As versões que não fazem uso do termo

¹Stegenga, 214, 612.

²*Bíblia Sagrada, Tradução Ecumênica Brasileira [TEB]* (São Paulo: Edições Loyola, 1995), 1417; *La Santa Bíblia, Tradução Reina Valera [TRV]* (Madrid: Sociedades Bíblicas Unidas, 1960), 1447; *Bíblia Sagrada, Tradução Brasileira [TB]* (Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica Brasileira, s/d.), 188.

“em casa”, usam as expressões “cada um de vós ponha de lado” [ARC] [NIV] [BJJ] ou “cada um de vós ponha de parte” [EC] [NRSV] e, portanto, transmitem também a idéia que a coleta era feita de forma particular e individualmente¹.

As interpretações acima podem ser confirmadas quando fazemos a junção das palavras *παρ* (“junto a”), *εαυτω* (“sí mesmo” ou “em casa”) e *θησαυριζων* (“juntando”), conforme aparece no texto grego². Considerando que a coleta deveria ser guardada junto ao doador, é coerente interpretarmos que as mesmas permaneceriam com ele por um determinado período de tempo. Convém ressaltarmos que a palavra que encontra-se em nosso verso está em grego no particípio presente (*θησαυριζων*) e, portanto, ela deve ser traduzida por “juntando”³. É nesse contexto que a admoestação do apóstolo faz sentido. Os doadores deveriam ir “*juntando*” as ofertas até que o apóstolo viesse para buscá-las (1 Co 16:2).

Uma pergunta poderia ser levantada em relação à interpretação acima:

Poderiam os cristãos serem admoestados a realizarem a separação de fundos em casa, porque os lugares de culto público ainda não existiam e as reuniões religiosas eram feitas em casas particulares? Esse argumento pode ser refutado pelo fato de que Paulo não

¹*Bíblia Sagrada, Revista e Corrigida [ARC]*, trad. João F. de Almeida (Rio de Janeiro: SBB, 1969), 228; *New International Version [NIV]* (Grand Rapids, MI: Zondervan Bible Publishers, 1985), 1758; *Bíblia de Jerusalém [BJJ]* (São Paulo: Edições Paulinas, 1973), 2171; *Bíblia Thompson, Edição Contemporânea [EC]* (São Paulo: Vida Nova, 1990), 1047; *New Revised Standard Version [NRSV]* (Grand Rapids, MI: Zondervan Publishing House, 1991), 1698-1699.

²Aland e outros, 619.

³Hamar, 7:484.

somente orientou os cristãos a realizarem suas coletas em particular, mas também em uma base individual: “*junto de si*” (παρ εαυτω).

Em Corinto, provavelmente as reuniões dos cristãos eram realizadas na casa de Tício Justo¹. Quando Paulo foi impedido de pregar na sinagoga de Corinto (At 18:1, 5-6), os cristãos mudaram-se para a casa de Tício, que morava próximo da sinagoga (At 18:7), e ali permaneceu um ano e meio ensinando a Palavra de Deus (At 18:11). Conquanto, seja verdade que os cristãos reuniam-se em casas particulares (At 12:12; Rm 16:5; 1 Co 16:19; Cl 4:15; Fm 2), a admoestação de Paulo era para que os coríntios armazenassem suas dádivas cada um “consigo mesmo”, “junto de si” (παρ εαυτω), e não que eles as levassem para as reuniões domiciliares de oração.

Análise da Perícopre

Ao analisarmos a perícopre de 1 Co 16:2 verificamos que Paulo não desejava que os coríntios doassem suas ofertas quando ele chegasse. Essas dádivas deveriam ser levantadas antes da chegada dele. Por ocasião da chegada do apóstolo em Corinto, os recursos armazenados poderiam rapidamente ser recolhidos e enviados para Jerusalém. Foi por esse motivo que Paulo pediu para que os coríntios fossem “*juntando*” (θησαυριζων) suas ofertas “*em casa*”, “*consigo mesmo*” (παρ εαυτω).

Parece-nos que a intenção do apóstolo era não demorar-se em Corinto, mas apenas passar pela cidade para recolher o que os irmãos haviam doado. As mesmas instruções foram também dadas para as outras igrejas da Galácia (16:1). Provavelmente a

¹John Stott, *A mensagem de Atos* (São Paulo:ABU Editora S/C, 1994), 277.

preocupação de Paulo era a urgência para socorrer os pobres de Jerusalém, pois naquela época as viagens não eram feitas com a facilidade que dispomos hoje. Se o apóstolo demorasse em Corinto as necessidades dos pobres da Judéia também demorariam para serem atendidas.

O texto de 1 Co 16:3-4 mostra-nos que Paulo talvez precisasse acompanhar a delegação que levaria as ofertas até Jerusalém. E foi isso que realmente aconteceu. Em At 20:4 e 21:17 encontramos o relato da viagem do apóstolo à igreja de Jerusalém, juntamente com a delegação enviada pelas igrejas dos gentios.

Paralelo de Idéias

Nessa seção faremos um estudo de três tópicos: (1) Análise dos textos onde encontramos a expressão “primeiro dia da semana”; (2) um estudo do texto de Ap 1:10 onde encontramos o termo “dia do Senhor” e; (3) uma pesquisa nos outros textos escritos por Paulo referente “à coleta para os santos de Jerusalém”.

O Primeiro Dia da Semana

Ao analisarmos os textos em que encontramos a expressão “primeiro dia da semana” verificaremos se existem neles justificativas plausíveis para observância do domingo pelos cristãos primitivos. As passagens que se referem ao primeiro dia da semana são as seguintes: Mt 28:1; Mc 16:2, 9; Lc 24:1; Jo 20:1, 19; At 20:7 e 1 Co 16:2.

O primeiro dia da semana (ou domingo) é designado no grego neotestamentário pelas expressões *μῆν σαββατων* (Mt 28:1), *μια των σαββατων* (Mc 16:2; Lc 24:1; Jo 20:1,

19; At 20:7), πρωτη σαββατου (Mc 16:9) e μιαν σαββατου (1 Co 16:2)¹.

A expressão mais geral (μια των σαββατων), para o primeiro dia da semana, é formada em grego de dois elementos: (1) a palavra μια, numeral grego, na sua forma feminina e (2) da palavra grega σαββατων, nome neutro², que pode significar sábado ou semana³. Se a palavra μια é feminina, percebe-se logo, que não pode referir-se ao vocábulo σαββατων que é neutro. Μια sendo numeral feminino precisa concordar com outra palavra feminina e esta é ημερα, dia em grego, que está subentendida. Essa concordância gramatical leva-nos a concluir que a tradução correta e fiel da expressão original grega deve ser: “o primeiro dia da semana”.

Um exemplo do uso da palavra σαββατων no Novo Testamento referindo-se a “semana” encontra-se em Lc 18:12. O evangelista citando as palavras do fariseu, declara: “Jejuo duas vezes na semana”. Em grego a frase usada é νηστευω δις του σαββατου⁴. O homem não poderia estar afirmando que jejuava duas vezes durante um único sábado. Portanto, concluímos que ele queria dizer que jejuava duas vezes durante a semana.

Conforme vimos anteriormente a expressão “primeiro dia da semana” é usada oito vezes no Novo Testamento e foi traduzida da frase grega μια των σαββατων ou de outras, com pequenas variações, com exceção de Mc 16:9 onde a frase grega é πρωτη

¹Aland e outros, 115, 195, 196, 313, 409, 411, 497, 618.

²Pedro Apolinário, *Explicação de textos difíceis da Bíblia* (São Paulo: Instituto Adventista de Ensino, 1980), 264.

³Aland e outros, 160.

⁴Ibid., 298.

σαββατου. Em Mc 16:9 encontramos o numeral ordinal πρωτη e o genitivo singular σαββατου, sendo que nos outros textos que mencionam “o primeiro dia da semana” encontramos o numeral cardinal μια e o genitivo plural σαββατων. Os escritores gregos podiam tanto usar o numeral cardinal quanto o ordinal, na mesma acepção, para expressarem a mesma coisa, como nos comprovam os exemplos de Mc 16:2 e 9¹.

Os quatro evangelhos mencionam seis vezes o primeiro dia da semana (Mt 28:1; Mc 16:2, 9; Lc 24:1; Jo 20:1, 19). Eles são unânimes em declarar que a ressurreição de nosso Senhor ocorreu nesse dia. Os observadores do domingo afirmam que a ocorrência desse acontecimento naquele dia ocasionou uma mudança do sábado do sétimo dia para o primeiro.

Um exame destes textos, porém, revela que eles não dizem absolutamente nada a respeito de uma mudança do sábado. Os textos fazem distinção entre o sábado e o primeiro dia da semana, tornando claro que o sábado do Novo Testamento é o dia anterior ao primeiro dia. Eles não outorgam nenhum título sagrado ao primeiro dia. Nada dizem eles com referência à colocação de uma benção sobre o primeiro dia. Não indicam nenhum preceito ou ordem quanto à sua observância. Nada há nestas passagens a declarar que o primeiro dia deva ser considerado pelos seguidores de Cristo como qualquer coisa a mais do que o dia comum da semana pelo qual ele é chamado – exatamente “o primeiro dia da semana”.

Em Mt 28:1, Mc 16:1-2; 9, Lc 24:1 e Jo 20:1 encontramos o relato das

¹Apolinário, 61.

mulheres que visitaram o sepulcro de Jesus na manhã do primeiro dia da semana. Esses textos apenas descrevem que elas foram ao sepulcro “levando especiarias que tinham preparado”. Nesses textos não encontramos nenhum indicativo da mudança do sábado para o domingo e nem permissão para santificá-lo. Pelo contrário, em Mc 16:1-2 diz que essas mulheres esperaram passar o sábado para então dirigirem-se até o sepulcro. Provavelmente essa espera pode ter ocorrido em virtude delas necessitarem comprar “aromas” para embalsamar o corpo de Jesus. Como a Lei judaica proibia o comércio no sábado (Êx 20:8-11), é coerente interpretarmos que elas aguardaram passar o sábado para então efetuarem suas compras. Se realmente foi esse o motivo, o texto nos mostra que era o sábado e não o domingo o dia santificado¹. Lc 24:1 nos é relatado que “no sábado”, essas mulheres, “descansaram, segundo o mandamento”².

O último texto dos evangelhos onde encontramos a frase “primeiro dia da semana” encontra-se em Jo 20:19. Crêem os cristãos que guardam o domingo que este texto lhes assegura ser uma reunião religiosa dominical, e por isso o sábado cedeu seu lugar ao domingo. Essa interpretação não se faz coerente se levarmos em consideração as seguintes razões: (1) A intenção era esconder-se. Os discípulos se ajuntaram “com medo dos judeus” e não para uma reunião religiosa regular; (2) os discípulos não criam que Jesus havia ressuscitado (Ver Mc 16:11, 13-14; Lc 24:37; Jo 20:24-27), e evidentemente não era esta uma reunião religiosa, nem dominical e; (3) Jesus também não transformou essa

¹Ver um estudo mais detalhado sobre esses textos em Bacchiocchi, 1:17-32; Gonzales, 125-127.

²ARA, 75.

reunião em cerimônia religiosa, muito menos em santa ceia. Comeu, sim, peixe assado e mel (Lc 24:38-43), para provar aos discípulos que era Ele mesmo, pois até então acreditavam estarem diante de um fantasma. A fórmula “Paz seja convosco” mencionada no texto é uma saudação oriental comum (Lc 10:5), e naquele momento Jesus a proferiu com o objetivo de acalmar os temores dos discípulos, pois se achavam em grande angústia e atemorizados¹.

Convém ressaltarmos que, embora variem as opiniões quanto às datas em que se escreveram os Evangelhos, o fato é que foram escritos depois da metade do primeiro século. Os dados sugerem que Mateus foi publicado antes do ano 70 d.C., com maior probabilidade durante os anos 60 d.C.; ao livro de Marcos é atribuído uma data anterior a 60 d.C.; o livro de Lucas provavelmente foi escrito entre os anos 75 a 85 d.C.; e o evangelho de João é comumente aceito como tendo sido escrito no período entre 80 a 85 d.C.². Essas informações são importantes, pois se o dia de repouso houvesse sido alterado, e o domingo fosse o dia santificado pelos cristãos naquela época, sem dúvida os evangelistas a ele se refeririam de modo especial. Tal, porém, não se deu. Os evangelhos não se referem a ele como dia santificado, dia de guarda, ou que devesse substituir o sábado. Referem-se apenas, incidentalmente, ao “primeiro dia da semana”.

O “primeiro dia da semana” é mencionado em mais dois lugares no Novo Testamento. O primeiro deles é no livro de Atos. Em At 20:7 encontramos o relato de uma

¹Ver um estudo mais detalhado em Christianini, 196-200.

²D. A. Carson, Douglas J. Moo e Leon Morris, *Introdução ao Novo Testamento*, trad. Márcio L. Redondo (São Paulo: Vida Nova, 1997), 90,111,129, 191.

reunião religiosa, a qual foi celebrada no “primeiro dia da semana”. Deve ser notado que esta é a única vez mencionada no Novo Testamento, em que uma reunião foi realizada no primeiro dia da semana. Esta passagem, contudo, também não encerra nenhuma evidência de mudança do sábado e nenhum apoio à santificação do domingo por se tratar da realização da ceia do Senhor. Foi uma reunião especial no primeiro dia, mas não uma reunião dominical¹.

Sugerimos a seguir algumas considerações para uma melhor compreensão do texto: (1) Não se pode assegurar que esta reunião foi uma santa ceia, porque “partir o pão” era um costume que os irmãos praticavam diariamente (At 2:42, 46), e não apenas no primeiro dia da semana. Essas refeições contribuía para alargar o sentimento cristão e desenvolver o amor mútuo. O texto também não menciona o uso do suco da vide e a cerimônia do lava-pés (Jo 13:1-15; 1 Tm 5:10; 1 Co 11:23-29) e; (2) Lucas emprega coerentemente o cômputo judaico do tempo em sua narrativa. Outras passagens escritas pelo próprio Lucas esclarecem que, mesmo sendo de origem gentílica, fazia uso desse cômputo para demarcar o tempo (Lc 2:8; 4:40; 23:44; 24:29; At 2:15; 3:1; 10:3, 9; 23:23). Segundo tal sistema, o primeiro dia começava na noite de sábado, ao pôr-do-sol. À noite do primeiro dia no qual a reunião ocorreu, corresponderia então ao nosso sábado à noite. Paulo, que teria de partir no dia seguinte, desejou usufruir da presença dos discípulos e isso se estendeu até à meia-noite (logicamente do sábado). Entretanto, foi uma reunião accidental cujo motivo principal era o fato de ter Paulo que se ausentar dos irmãos no dia

¹Bacchiocchi, 48.

seguinte (At 20:11). Convém observarmos que caso admitamos que a reunião se deu no domingo (segundo o cômputo romano), por conseguinte a ceia teria ocorrido na segunda-feira e não no domingo, pois Paulo a realizou após a meia-noite (v. 7 e 11)¹.

A última referência bíblica ao “primeiro dia da semana” encontra-se no texto da nossa pesquisa (1 Co 16:2). Uma provável razão pela qual Paulo escolheu o primeiro dia da semana para a separação dos fundos em Corinto encontra-se no livro *Subtilezas do Erro*, de A. B. Christianni. Nesse livro, o autor diz que no sábado findava-se a semana e os cristãos eram providentes e organizados. Eles tinham por costume, no início da semana, logo no seu primeiro dia, planejarem suas atividades seculares e considerarem os gastos para a nova semana. Uma questão de contabilidade doméstica. Paulo lhes recomenda que, ao fazerem a costumeira previsão, no início da semana, não se esquecessem de separar, se possível, os recursos para os pobres de Jerusalém².

O Dia do Senhor

Além dos textos mencionados acima, Ap 1:10 é uma outra referência bíblica que os comentaristas citam constantemente para argumentar em favor da guarda do domingo. Eles alegam que o “dia do Senhor” no qual o apóstolo João foi “arrebato em espírito” não é outro senão o domingo.

¹Ver um estudo mais completo sobre o texto em Christianini, 205-210. Para uma discussão do uso do cômputo judaico por Lucas, ver Bacchiocchi, 37-44.

²Christianini, 212.

A expressão grega utilizada para “dia do Senhor” é κυριακή ημέρα¹. Esta expressão aparece esta única vez na Bíblia, e não deixa dúvida alguma de que o profeta se refere a um dia de propriedade do Senhor, desde que o vocábulo κυριακή é adjetivo possessivo que está determinando o substantivo ημέρα – dia, como posse². João faz alusão a um dia semanal que, antes da visão, ele considerava como “dia do Senhor”, propriedade do Senhor. A que dia está se referindo o apóstolo com esta afirmação?

A história eclesiástica nos confirma que os pais da igreja fizeram longo uso da expressão κυριακή ημέρα para o primeiro dia da semana. Por esta razão muitos estudiosos argumentam que κυριακή ημέρα, em Ap 1:10, também se refere ao domingo e que João não apenas recebeu sua visão naquele dia, mas também o reconheceu como o “dia do Senhor”, pelo fato de naquele dia o Senhor haver ressuscitado dos mortos.

De acordo com o *Comentário bíblico Adventista del 7º Dia*, existem razões tanto negativas como positivas para a rejeição desta interpretação. A primeira é o reconhecimento do princípio do método histórico que declara que uma alusão deve ser interpretada somente em termos da evidência que lhe antecede no ponto de vista do tempo, ou que lhe seja contemporânea e não por dados históricos de um período posterior. Este princípio tem um aspecto importante no problema do significado da expressão “dia do Senhor” como aparece na presente passagem. Embora este termo ocorra freqüentemente nos Pais da Igreja com a significação de domingo, a primeira evidência conclusiva de tal

¹Aland e outros, 837.

²Apolinário, 88.

uso não aparece senão na última parte do segundo século, no apócrifo Evangelho Segundo Pedro (9-12), onde o dia da ressurreição de Cristo é denominado “dia do Senhor”. Desde que este documento foi escrito quase cem anos após João ter escrito o Apocalipse, ele não pode ser apresentado como prova de que a frase “dia do Senhor” no tempo de João se refere ao domingo¹.

Conforme comentário acima, notamos que no apócrifo Evangelho de Pedro, escrito várias décadas mais tarde, o dia da ressurreição é designado não como “primeiro dia da semana”, mas como “dia do Senhor”. Se o domingo já houvesse recebido o novo título “dia do Senhor” por volta do final do primeiro século, quando o Evangelho de João (80 d.C.) e o livro do Apocalipse (70 d.C.) foram escritos, esperaríamos que este novo nome para o domingo fosse usado coerentemente em ambas às obras, especialmente porque foram aparentemente produzidas pelo mesmo autor, aproximadamente na mesma época e na mesma área geográfica². Se um novo termo empregado é mais facilmente compreendido, um escritor não confunde seus leitores com designações arcaicas. Portanto, o fato de que a expressão “dia do Senhor”, usada no Novo Testamento somente por João, ocorre em seu livro apocalíptico, mas não em seu Evangelho, onde o primeiro dia é explicitamente mencionado juntamente com a ressurreição (Jo 20:1) e as aparições de Jesus (Jo 20:19, 26), enfraquece a reivindicação de que João deseja indicar especificamente o dia em que a comunidade cristã celebra igualmente a sua liturgia.

¹“Día del Señor” [Ap 1:10], *CBASD*, 7:752.

²D. A. Carson, Douglas J. Moo e Leon Morris, 191 e 530.

O fato de em fins do segundo século da era cristã surgirem escritos aludindo ao primeiro dia da semana como sendo o “dia do Senhor”, não autoriza a dogmatizar que João também se referia ao domingo. Além do mais, um profeta ter uma visão em determinado dia não significa que tal dia deva ser guardado. A santidade de um dia repousa em base mais sólida, fundamenta-se num claro “assim diz o Senhor”.

Tendo analisado a posição anterior, nossa atenção se fixará na declaração de que o sábado é o “dia do Senhor”.

Após os seis dias da criação, Deus reservou o sétimo dia para si, colocando sobre ele a Sua benção e reclamando-o como Seu santo dia (Gn 2:2-3). A Bíblia está repleta de declarações convincentes de que o sábado é o dia do Senhor, destacando-se entre estas por sua clareza as seguintes: Êx 16:23; 20:8-11; 31:13, 17; Lv 23:3; Is 56:6; 58:13; Ez 20:12, 20; Mt 12:8; Mc 2:28. Assim, quando a frase “dia do Senhor” é interpretada de acordo com as evidências anteriores, torna-se evidente que não há referência a nenhum outro dia a não ser o sábado ou o sétimo dia da semana.

Convém ressaltarmos que além das duas interpretações acima com relação ao “dia do Senhor”, outros três posicionamentos também são mantidos pelos comentaristas. São eles: (1) Abrange toda a dispensação cristã e não qualquer particular dia de vinte e quatro horas; (2) refere-se ao dia do juízo e; (3) refere-se ao dia do imperador. O comentarista Pedro Apolinário apresenta um estudo mais detalhado desses posicionamentos e as razões para se rejeitar essas interpretações¹.

¹Ver estudo mais detalhado sobre esses posicionamentos em Apolinário, 88-89.

Outro argumento que reforça a interpretação do “dia do Senhor” como sendo o sábado bíblico é que o próprio Cristo e Seus discípulos tinham por costume reunirem-se para adorar a Deus nesse dia. Cristo freqüentava a sinagoga no sábado (Lc 4:16) e proclamava ser o “Senhor do sábado” (Mt 12:8; Mc 2:28). Durante todo o Seu ministério terrestre, Jesus exemplificou diante de nós a fiel observância do sábado. Sua participação nos serviços sabáticos revela o endosso que Ele ofereceu a esse dia como dia de adoração.

Os discípulos também respeitavam grandemente o sábado. Isso se tornou evidente por ocasião da morte de Cristo. Ao chegar o sábado, interromperam os preparativos do sepultamento e “no sábado, descansaram, segundo o mandamento”, pretendendo prosseguir com seus afazeres no domingo, o “primeiro dia da semana” (Lc 23:56; 24:1). Assim como fizera Cristo, os discípulos adoraram no sábado do sétimo dia.

Em suas viagens evangelísticas, Paulo freqüentava as sinagogas no dia de sábado e pregava a Cristo (At 13:14; 17:1-2; 18:4). Os judeus e os prosélitos o convidavam para pregar a palavra de Deus no sábado (At 13:42 e 44). Nas localidades em que não havia sinagoga, ele procurava um lugar adequado para a adoração sabática (At 16:13). Portanto, se o mesmo apóstolo estivesse escrito 1 Co 16:2 para apoiar a doutrina da guarda do domingo, estaria se contradizendo.

Em parte alguma autoriza a Bíblia a mudança do dia de adoração que Deus instituiu no Éden e reafirmou no Sinai. Outros cristãos, eles próprios observadores do domingo, reconhecem isso. O cardeal católico Tiago Gibbons escreveu em certa oportunidade: “Você poderá ler a Bíblia do Gênesis ao Apocalipse, e não encontrará uma

única linha autorizando a santificação do domingo. As Escrituras ordenam a observância religiosa do sábado¹.

A. T. Lincoln, um protestante, admite que “não se pode argumentar que o Novo Testamento, por si mesmo, provê apoio para a crença de que desde a ressurreição Deus indicou o primeiro dia da semana para ser observado como sábado. Tornar-se observador do sábado do sétimo dia é o único curso de ação consistente para qualquer pessoa que sustente possuir todo o Decálogo, a força de lei moral”².

Conforme vimos, a Bíblia não revela que o primeiro dia da semana ou o domingo deve ser guardado em comemoração da ressurreição de Cristo neste dia. Convém salientarmos que nas Escrituras é a cerimônia do batismo que é identificada como um ato simbólico da morte e ressurreição de Cristo, e não o primeiro dia da semana. Em Rm 6:3-6 lemos: “Ou, porventura, ignorais que todos nós fomos batizados em Cristo Jesus fomos batizados na sua morte? Fomos, pois, sepultados com Ele na morte pelo batismo; para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também andemos nós em novidade de vida. Porque, se fomos unidos com Ele na semelhança da sua morte, certamente, o seremos também na semelhança da sua ressurreição, sabendo isto: que foi crucificado com Ele o nosso velho homem, para que o corpo do pecado seja destruído, e não sirvamos o pecado como escravos” (ver também Cl 2:22; 3:1).

¹James Gibbons, *The Faith of Our Fathers*, 47ª ed. (Baltimore: John Murphy & Co., 1895), 111-112.

²Andrew T. Lincoln, “From Sabbath to Lord’s Day: A Biblical and Theological Perspective” in *From Sabbath to Lord’s Day: A Biblical, Historical and Theological Investigation*, edição de D. A. Carson (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1982), 386.

A Coleta Para os Santos de Jerusalém

Em At 11:27-29 encontramos a primeira referência bíblica sobre uma ajuda prestada aos irmãos que habitavam na Judéia. A profecia de Ágabo (v. 28) encorajou os cristãos de Antioquia a enviar uma coleta em dinheiro para capacitar seus irmãos na Judéia a comprarem estoques de gêneros alimentícios para enfrentar a crise vindoura. Essa ajuda foi enviada por intermédio de Paulo e Barnabé por volta do ano 46 AD, por ocasião da segunda viagem de Paulo a Jerusalém¹.

Em 1 Co 16:1-4 encontramos o relato de uma segunda coleta para socorrer os pobres de Jerusalém. Esse levantamento de fundos provavelmente ocorreu por volta dos anos 53 a 56 AD, durante a terceira viagem de Paulo a Jerusalém².

Além de 1 Co 16:1-4, essa segunda coleta encontra-se também registrada em 2 Co 8-9; Rm 15:25-27 e At 20-21; 24:17. A questão da coleta para os santos pobres de Jerusalém parecia extremamente importante para o apóstolo Paulo. Sem dúvida ele esperava poder insuflar uma maior unidade na igreja em geral, como também esperava que a missão evangelizadora dos gentios, por parte da igreja, poderia ser vista de um ângulo melhor pela igreja de Jerusalém. Essa coleta vinha sendo feita voluntariamente pelas igrejas, em boa atitude de contribuição, que são elementos que emprestam valor a qualquer oferta³.

¹Champlin, 3:240-241; Stott, 231-232.

²Champlin, 4:275.

³Ver um estudo sobre a questão em Champlin, 4:371-388; 3:449-451, 498, 867-868.

Na segunda epístola aos Coríntios 8:1-9:15, Paulo desejava que os Coríntios seguissem as mesmas instruções dadas às igrejas da Galácia. As instruções dadas aos coríntios e aos macedônios confirmam a maneira como Paulo desejava que as coletas fossem preparadas. À época em que 2 Coríntios fora escrita, Paulo entrara em contato com as igrejas macedônias, as quais lhe solicitaram participarem da assistência aos santos de Jerusalém, de modo que Paulo agora usa seu exemplo de generosidade a fim de estimular os coríntios a executarem o que anteriormente demonstraram estarem prontos para fazer (8:1-7; 1 Co 16:1-4), da mesma forma que ele havia usado o exemplo da prontidão dos coríntios a fim de motivar os macedônios (9:1-5). Ao elogiar a prontidão coríntia, Paulo enfatizou não apenas sua solicitude, mas também a confiança que ele, Paulo, depositava nos coríntios, em que eles teriam suas contribuições prontas quando ele chegasse com os demais para apanhá-las.

Agora, todavia, ele se preocupa; neste último aspecto talvez eles falhem. Caso isso viesse a acontecer, as conseqüências seriam embaraçosas. A fim de evitar a humilhação, Paulo julgou conveniente enviar Tito e mais dois obreiros na frente (8:16-24), de modo que preparassem de antemão a dádiva, pois caso os macedônios fossem com Paulo não encontrariam os coríntios despreparados.

De fato, alguns macedônios foram a Corinto, e se incluíram entre as pessoas que acompanharam Paulo dessa cidade até Jerusalém. Três macedônios são mencionados pelo nome: Sópatro de Beréia, Aristarco e Secundo (At 20:2-6). Se quando esses macedônios chegassem a Corinto encontrassem os cristãos dali despreparados, a vergonha e o constrangimento de Paulo teria sido agudo; mais aguda ainda seria a humilhação que os

próprios coríntios haveriam de sofrer. Paulo queria evitar que se fizesse uma coleta apressada. Quando ele próprio chegasse a contribuição dos coríntios deveria ser uma expressão de generosidade, e não de avareza. À luz de 2 Co 9:5-7, o modo de contribuir deveria ser de “antemão” (planejada), não com “tristeza”, mas com regozijo, pois “Deus ama a quem dá com alegria”.

Em Rm 15:25-27, Paulo desvenda seus planos imediatos de visitar Jerusalém, levando às dádivas que as igrejas tinham levantado para os crentes daquela região. A menção à citada coleta, no presente versículo, talvez tenha tido a finalidade de obter a contribuição dos crentes romanos. Paulo tinha muitas apreensões relativas à sua desejada viagem à Jerusalém, conforme relatados nos versículos posteriores do mesmo capítulo, mas essa oferta se revestia de capital importância para ele. Por essa razão, estava disposto a enfrentar todos os perigos, contanto que pudesse levar sua viagem a uma conclusão feliz e bem-sucedida. Paulo menciona aqui os cristãos da Macedônia e Acaia provavelmente porque passara três meses em estreito contato com eles (At 20:3). Mas temos o seu próprio testemunho em 1 Co 16:1 de que tinha organizado uma coleta semelhante nas igrejas da Galácia, e a presença de Tíquico e Trófimo ao lado dele nessa ocasião (At 20:4) indica que as igrejas de Éfeso e de outras localidades da província asiática também tinham partilhado deste serviço.

A contribuição era um gesto voluntário da parte das igrejas gentílicas; contudo era o reconhecimento de uma dívida – dívida moral. Em Rm 15:27 o apóstolo lembra os gentios que eles são “devedores” para com os crentes de Jerusalém, pois eles “têm sido participantes dos valores espirituais dos judeus”, e agora deveriam reconhecer essa dívida

moral servindo-os “com bens materiais”. Paulo sustentou com persistência o mérito histórico da comunidade primitiva judaica. Foi ela que entregou o evangelho ao mundo dos gentios, e em reciprocidade pelas grandes dádivas espirituais que eles haviam recebido dos santos de Jerusalém, certamente deveriam corresponder ofertando-lhes seus “bens materiais”.

Com certeza, foi essa natureza simbólica da oferta que causou tanta preocupação em Paulo. Ele queria ter certeza de que ela não seria mal interpretada, talvez como uma tentativa de comprar o seu favor, e que a sua aceitação não fosse entendida como um tipo de capitulação dos cristãos judeus diante da postura pró-gentílica de Paulo. Foi por isso que Paulo rogou que os cristãos romanos orassem com ele para que o seu serviço em Jerusalém fosse “bem aceito pelos santos” (Rm 15:31).

Em At 20-21, encontramos o relato da viagem realizada por Paulo até Jerusalém com o objetivo de assegurar a entrega da referida coleta aos crentes necessitados. Grande parte do livro de Atos se ocupa em historiar os detalhes finais da vida de Paulo, conforme conhecemos sobre os mesmos nas Escrituras. Sua viagem, a caminho de Jerusalém, incluiu lugares como Trôade (20:7), Assôs (20:13), Mitilene (20:14), Quios, Samos, Mileto (20:15), Cós, Rodes, Pátara (21:1), Chipre, Síria, Tiro (21:3), Ptolemaida (21:7) e Cesaréia (21:8).

Uma parte dessa seção do livro de Atos é utilizada por Paulo em defesa de seu sustento no ministério apostólico. Uma das acusações mais amargas, maliciosas e sem fundamento que foi levantada contra Paulo, por parte dos falsos mestres, é que ele saía por todas as igrejas a recolher a coleta para os santos pobres de Jerusalém, mas, na realidade

tencionava ficar com o dinheiro (2 Co 12:17). Conquanto seja verdade que aqueles que pregam o evangelho e ensinam a doutrina cristã “vivam do evangelho” (1 Co 9:14), tal como nos tempos do Antigo Testamento, os sacerdotes levíticos eram sustentados das coletas feitas no templo de Jerusalém (Dt 18:1-8), Paulo, juntamente com Barnabé, demonstrou através de sua profissão como fabricante de tendas, que não visava tirar proveito de sua posição de apóstolo de Cristo, não querendo tirar disso o seu sustento. Por isso que ele é enfático ao dizer em At 20:33 que de ninguém havia cobiçado “prata, nem ouro, nem vestes”.

Em At 24:17 Paulo faz menção novamente a sua viagem à Jerusalém e a coleta recolhida entre as igrejas gentílicas. A última visita de Paulo a Jerusalém havia tido lugar ao concluir sua segunda viagem missionária (At 18:21-22). Paulo explica de forma específica nesse texto o propósito do seu regresso à Jerusalém. Sua chegada estava em harmonia com sua determinação de servir a Deus e seus semelhantes. Não havia chegado para perturbar o seu povo, mas para beneficiá-los com as “esmolas” e “oferendas” trazidas para os necessitados da nação judaica.

Conforme vimos nessa seção o motivo principal do levantamento das ofertas, registradas nos escritos de Paulo, estava relacionada com uma ajuda assistencial aos pobres de Jerusalém. Foi uma campanha específica realizada pelo apóstolo entre às igrejas da Galácia. Sua preocupação era assisti-los em suas necessidades humanitárias demonstrando o interesse comunitário dos gentios para com os judeus, e não determinar um dia em que o cristão deve observar.

Conclusão Parcial

No paralelismo de palavras analisamos os termos *παρ εαυτω* e *θησαυριζω*. Vimos que o verbo *θησαυριζω* pode ser traduzido por “armazenar”, “poupar”, “colher”, “acumular”, “entesourar” ou “ajuntar” e as palavras *παρ εαυτω* por “consigo mesmo”, “em si mesmo” ou “por si mesmo”. Na análise do verso pudemos ver que a tradução dos termos citados acima (*παρ εαυτω* e *θησαυριζω*) favorece a interpretação que a coleta deveria ser feita de forma particular (*em casa*). Vimos também que a palavra *θησαυριζω* em 1 Co 16:2 encontra-se, em grego, no particípio presente (*θησαυριζων*) e, portanto, ela deve ser traduzida por “juntando”. Ao analisarmos a perícopé descobrimos que Paulo não desejava que as coletas fossem feitas quando ele chegasse, mas antecipadamente. Quando o apóstolo chegasse apenas reuniria as ofertas e enviaria para Jerusalém.

No paralelo de idéias analisamos os textos que citam a frase “primeiro dia da semana” no Novo Testamento. Através dessa análise verificamos se existem nesses textos justificativas plausíveis para observância do domingo pelos cristãos primitivos. As passagens que se referem ao primeiro dia da semana são as seguintes: Mt 28:1; Mc 16:2, 9; Lc 24:1; Jo 20:1, 19; At 20:7 e 1 Co 16:2. Nessa análise não encontramos nenhuma evidência que o primeiro dia deveria ser considerado pelos seguidores de Cristo como qualquer coisa a mais do que um dia comum da semana.

Conforme A. B. Christianini, o primeiro dia da semana foi escolhido pelo apóstolo para a separação dos fundos, por que os cristãos tinham por costume no início da semana, logo no seu primeiro dia, planejarem suas atividades seculares, e considerarem os gastos para a nova semana. Ao fazerem a costumeira previsão, no início da semana, não

deveriam esquecer de separar, se possível, os recursos para os pobres de Jerusalém. Se a posição de Christianini estiver correta, essa é uma provável razão para se fazer a coleta nesse dia.

Além dos textos analisados onde encontra-se a frase “primeiro dia da semana”, realizamos também uma pesquisa em Ap 1:10. Essa pesquisa mostrou que o “dia do Senhor” mencionado nesse texto identifica-se mais com o sábado bíblico do que com o domingo. Essa interpretação foi reforçada pelo fato de encontrarmos no Novo Testamento evidências de que Cristo e Seus discípulos tinham por costume observar o sábado.

Outros textos de Paulo onde encontramos referência à coleta levantada pelos cristãos foi analisado também (2 Co 8-9; Rm 15:25-27 e At 20-21; 24:17). Vimos que a menção dessa coleta visava atender uma necessidade específica da igreja de Jerusalém, e não estabelecer um dia para o culto cristão.

CAPÍTULO VI

REAÇÃO CRÍTICA E REFLEXÃO TEOLÓGICA

Após termos analisado o texto e abordado os seus problemas, refletiremos aqui sobre as implicações das descobertas feitas ao longo da pesquisa, e nos posicionaremos também, a partir dos dados encontrados, em relação as diferentes propostas de interpretações do texto apresentadas no primeiro capítulo.

Reação Crítica

Os autores que consideram que Paulo orientou os cristãos a efetuarem suas ofertas no primeiro dia da semana, por ser esse um dia apropriado para o culto cristão, desconsideram sete aspectos abordados nesse estudo:

Primeiro: Que as ofertas deveriam ser levantadas para um fim específico, ou seja, para socorrer os pobres necessitados da Judéia. As ofertas deveriam ser doadas por um determinado período, ou seja, até que Paulo e seus companheiros chegassem para levá-las a Jerusalém. Essas instruções foram dadas para solucionar um problema de ordem assistencial. Não se tratava de ofertas levantadas para a igreja local.

Segundo: Que o objetivo de Paulo ao mencionar o primeiro dia da semana, não é estabelecer um dia de adoração para os cristãos, mas estabelecer um plano sistemático de ofertas nesse dia, em que ele julgou ser o melhor dia para separar uma certa quantia para

ajudar os pobres. Nesse dia iniciava-se a semana, e os cristãos poderiam, antes de usar o dinheiro para os gastos pessoais, separar sua dádiva para socorrer os pobres. Convém ressaltarmos que se os cristãos já adorassem a Deus no primeiro dia da semana e tivessem por costume levar suas ofertas na igreja nesse dia, não haveria necessidade do apóstolo novamente mencioná-lo em suas instruções. O fato de Paulo especificar o dia em que as ofertas deveriam ser levantadas demonstra que os cristãos não tinham por hábito adorarem a Deus nesse dia.

Terceiro: As palavras *παρ εαυτω* e *θησαυριζων* encontradas no texto grego de 1Co 16:2, demonstram que as ofertas deveriam ser armazenadas com o próprio doador. Conforme vimos, *θησαυριζων* pode ser traduzido por “acumulando”, “entesourando”, e *παρ εαυτω* por “consigo mesmo”, “por si mesmo”, “junto de si”. Está implícito nesse estudo que as ofertas deveriam ser acumuladas em casa e não levadas a igreja como forma de adoração a Deus.

Quarto: Outros textos onde o “primeiro dia da semana” é mencionado (Mt 28:1; Mc 16:2, 9; Lc 24:1; Jo 20:1, 19; At 20:7) não trazem evidências que esse dia era guardado pelos cristãos. Onde o primeiro dia da semana é mencionado, ele não passa de um dia comum da semana.

Quinto: No Novo testamento encontramos muitas evidências que Cristo e Seus seguidores, inclusive o apóstolo Paulo, guardavam o sábado bíblico e não o primeiro dia da semana (Mt 24:20; Lc 4:16; 23:56; 24:1; At 13:14, 42, 44; 16:13; 17:1-2; 18:4).

Sexto: A mudança do sábado para o domingo, como dia de adoração, ocorreu gradualmente. Não existem evidências de santificação semanal do domingo por parte dos

cristãos antes do segundo século. A igreja de Roma, composta em grande medida de crentes gentios (Rm 11:13), liderou a tendência no tocante à adoração dominical. As leis dominicais foram impostas pelo imperador Constantino por volta do quarto século.

Sétimo: Aqueles que crêem que devemos guardar o domingo porque Cristo ressuscitou nesse dia, esquecessem que como ato simbólico comemorativo da ressurreição de Cristo foi instituído o batismo e não a adoração do primeiro dia da semana (Rm 6:3-6; Cl 2:22, 3:1).

Por outro lado, os autores que afirmam que Paulo orientou os cristãos de Corinto a realizarem a separação de fundos em casa, de forma individual e privativa, para ajudar os pobres de Jerusalém e não para estabelecer um dia de culto cristão, se enquadram dentro do grupo que aceitam pelo menos em parte os dados apresentados acima e, portanto, interpretam o texto de forma coerente com outras partes das Escrituras onde Paulo trata do mesmo assunto.

Reflexão Teológica

A teologia da epístola de 1 Coríntios baseia-se em questões relativas à conduta cristã. Muitas de suas recomendações práticas foram dadas para o desenvolvimento e o amadurecimento das virtudes cristãs. Uma das contribuições teológicas que pode ser extraída de nossa pesquisa em 1 Co 16:2, está diretamente relacionada com a virtude cristã da generosidade. O plano estabelecido por Paulo para ajudar os pobres e necessitados tem como objetivo desenvolver a generosidade cristã entre os irmãos. É um dos principais fatores para a alegria e a saúde mental. Toda dádiva que se entrega levando em conta a

glória de Deus e a felicidade de outros redundará em bençãos para o doador. A generosidade permeia toda à Bíblia e tem sua origem em Deus. Muito antes de Paulo estabelecer esse plano generoso, Deus havia orientado o povo de Israel quanto o cuidado dos necessitados (Dt 15:11; 24:14). No Novo Testamento o mesmo conselho é encontrado em textos como os de At 20:35; Ef 4:28; Tt 3:14 e Tg 2:15. O plano estabelecido por Paulo é encontrado também em outras porções das Escrituras, demonstrando assim que a ajuda aos necessitados era também uma oportunidade para o crescimento no serviço abnegado.

Além do aspecto humanitário apresentado por Paulo, poderíamos ressaltar também o cuidado do apóstolo ao lidar com as finanças da igreja, especialmente quanto ao envio da coleta até Jerusalém. Assim como o apóstolo, os pastores e os demais líderes da igreja deveriam reconhecer que o dinheiro dado a Deus deve ser administrado com fidelidade e transparência. Quando os membros notam a precária administração financeira da igreja, as doações invariavelmente diminuem. Por outro lado, quando o pastor e os líderes são considerados despenseiros cuidadosos e fiéis, aumentam tanto a confiança como as dádivas.

Outra contribuição teológica, que pode ser extraída de nossa pesquisa, é a confirmação bíblica da continuidade da observância do sábado no Novo Testamento. O sábado foi instituído e oferecido ao homem como algo muito precioso, como um bem, um favor divino. Não foi feito para os judeus somente. O sábado foi estabelecido a mais de dois mil anos antes de haver um único judeu. Não devemos deixar-nos arrastar pela opinião comum de que o sábado é mera instituição judaica, que foi abolido ou anulado por Cristo. Não encontramos passagens das Escrituras que prove isso. Todos os casos em que

nosso Senhor Se refere ao sábado, fala contra as opiniões errôneas que os fariseus propagaram a respeito de Sua observância. O Salvador despojou o sábado das tradições judaicas, ensinando-os como o mesmo deveria ser guardado. No Novo Testamento Cristo não argumenta se o sábado deve ou não deve ser guardado. Esse aspecto estava bem definido em sua vida quando engrandeceu e exaltou o dia de sábado (Lc 4:16; Mc 2:27-28). Portanto, essa pesquisa contribuiu para reafirmar a observância do sábado bíblico.

CONCLUSÃO

Finalizamos nossa pesquisa resumindo as principais descobertas feitas ao longo de nosso trabalho e as implicações que essas descobertas tiveram para a definição do problema apresentado na introdução.

No primeiro capítulo, realizamos uma revisão de Literatura, e descobrimos que os autores se dividem em dois grupos em relação ao texto pesquisado. O primeiro grupo interpreta 1 Co 16:2 como sendo uma evidência que as ofertas levantadas foram na igreja e, portanto, comprova que os cristãos primitivos se reuniam no primeiro dia da semana para adorar a Deus. O segundo grupo, interpreta o verso como sendo um plano sistemático de ofertas para socorrer os pobres de Jerusalém, e que o apóstolo não estava preocupado em estabelecer o primeiro dia da semana como um dia de adoração, pois as ofertas deveriam ser acumuladas em casa, junto com cada doador.

No capítulo dois, verificamos que a perícopé onde nossa passagem encontra-se é em 1 Co 16:1-4. Analisando o texto de nossa pesquisa verificamos que o mesmo não possui variantes textuais. Apresentamos também, nesse capítulo, uma tradução do texto de nossa perícopé que acreditamos ser a mais coerente com o texto grego.

No capítulo três, vimos que a maioria dos teólogos concordam que a autoria de 1 Coríntios é do apóstolo Paulo, e que a carta foi escrita entre os anos de 54 à 57 AD. Essa carta foi escrita da cidade de Éfeso e o propósito da carta era resolver problemas

doutrinários que estavam minando à fé dos crentes de Corinto. O contexto específico de nossa perícopes tem por objetivo demonstrar que através desse plano sistemático de ofertas, o apóstolo desejava estreitar os relacionamentos entre os judeus e os gentios, como também socorrer os necessitados da igreja de Jerusalém. Em relação aos pobres de Jerusalém vimos que eram cristãos judeus que haviam sofrido perseguições e opressões econômicas, e que por isso precisavam de ajuda das igrejas mais abastadas. Nesse capítulo descobrimos também que o surgimento da guarda do domingo ocorreu muitas décadas após as instruções dadas pelo apóstolo. Não existem evidências históricas que os cristãos guardavam o domingo antes do segundo século. Foi a igreja de Roma que liderou a tendência no tocante à adoração do domingo.

No capítulo quatro, destinado a analisar o contexto literário, verificamos que o gênero literário dessa carta encontra-se entre as “epístolas gerais” do apóstolo. A sua forma literária é do tipo “instrutiva” e “exortativa”. Na perícopes encontramos também uma figura de linguagem do tipo “Sinédoque da Parte”. Vimos que se Bullinger estiver correto com a aplicação da mesma, os cristãos então deveriam separar suas ofertas cada dia da semana, e não apenas no primeiro dia. Nesse capítulo, apresentamos também uma estrutura literária da carta, dividida em sete partes distintas. Nessa estrutura Paulo dedica uma seção para tratar de temas relacionados com a liturgia da igreja. Se o domingo era guardado pelos cristãos de Corinto, o apóstolo provavelmente o teria incluído nessa seção litúrgica.

No capítulo cinco, destinado a seção léxico-sintática e temática analisamos as palavras gregas *θησαυριζω* e *παρ εαυτω*, e descobrimos que a primeira delas geralmente é traduzida como “armazenar”, “poupar”, “acumular”, “entesourar” ou “reservar”, e que as

outras duas podem ser traduzidas por “consigo mesmo”, “em si mesmo” ou “junto de si”. Ao analisarmos o verso de 1 Co 16:2 descobrimos que, de acordo com as instruções de Paulo, as ofertas deveriam ser separadas em casa, de forma particular, e não na igreja. Na seção destinada ao estudo da perícopa vimos que Paulo desejava que as ofertas fossem recolhidas antes da sua chegada em Corinto. Foi por esse motivo que o apóstolo instruiu os coríntios a separarem suas ofertas antecipadamente. O verbo *θησαυρίζω* no participio presente (*θησαυρίζων*, “*juntando*”) reforça a instrução do apóstolo. Nesse capítulo realizamos também uma análise de todos os textos do Novo Testamento onde se encontra a frase “primeiro dia da semana”, e não encontramos nenhuma evidência que os cristãos primitivos guardavam o domingo. Conforme A. B. Christianini, o primeiro dia da semana foi escolhido pelo apóstolo para a separação dos fundos, por que os cristãos tinham por costume no início da semana, logo no seu primeiro dia, planejarem suas atividades seculares, e considerarem os gastos para a nova semana. Ao fazerem a costumeira previsão, no início da semana, não deveriam esquecer de separar, se possível, os recursos para os pobres de Jerusalém. Se a posição de Christianini estiver correta, essa é uma provável razão para se fazer à coleta nesse dia. Além desses textos foi pesquisado também o texto de Ap 1:10, em especial o termo “dia do Senhor”. Descobrimos que a frase “dia do Senhor” identifica-se mais com o sábado bíblico do que com o domingo. Essa posição foi reforçada pelo fato de encontrarmos no Novo Testamento evidências de que Cristo e Seus discípulos tinham por costume observar o sábado. Outros textos de Paulo, onde encontramos referência à coleta levantada pelos cristãos, foram analisados também (2 Co 8-9; Rm 15:25-27 e At 20-21; 24:17). Vimos que a menção dessa coleta visava atender

uma necessidade específica da igreja de Jerusalém, e não estabelecer um dia para o culto cristão.

No capítulo seis, após termos uma melhor compreensão sobre o assunto, apresentamos uma reação crítica em relação às duas interpretações do texto apresentadas no primeiro capítulo. Descobrimos também, nesse capítulo, que nosso trabalho contribuiu teologicamente para motivar-nos a sermos generosos na ajuda aos necessitados, a administrarmos com fidelidade os recursos financeiros da igreja, como também clarificar e aprofundar nossos conhecimentos a respeito da doutrina do sábado bíblico.

À luz das descobertas feitas em nossa pesquisa, chegamos a algumas conclusões específicas do texto de 1 Co 16:2, e que descrevemos a seguir para concluirmos nosso trabalho: (1) Não se tratava de culto nem reunião de espécie alguma no primeiro dia da semana; (2) as coletas não eram feitas na igreja; (3) as coletas não eram parte do culto nem se destinava a igreja local; (4) era uma separação de recursos que cada um devia fazer, individualmente, no primeiro dia da semana (planejamento financeiro familiar); (5) as coletas deviam ser feitas de acordo com a prosperidade de cada um e de forma espontânea; (6) quando Paulo fosse a Corinto, cada um lhe entregaria o total de sua separação semanal, que o apóstolo levaria ou mandaria para os crentes pobres da Judéia; (7) Paulo não gostaria que as coletas fossem feitas no dia em que ele chegasse, para que não causasse constrangimento nos doadores por estarem despreparados (2 Co 9:4) e (8) Paulo estabeleceu um plano sistemático de ofertas para assegurar uma coleta substancial aos pobres de Jerusalém.

Tentar aplicar outras interpretações ao texto, além daquelas descritas pelo apóstolo, é não respeitar o contexto bíblico tanto da perícopé, do livro de 1 Coríntios e do Novo Testamento como um todo.

BIBLIOGRAFIA

- Aland, Kurt e outros. *The Greek New Testament*. 3ª edição. Westphalia: United Bible Societies, 1975.
- Andrews, John N. *History of the Sabbath and First Day of the Week*. 2ª edição. Battle Creek, MI: Seventh-day Adventist Publishing Assn., 1873.
- Apolinário, Pedro. *Explicação de textos difíceis da Bíblia*. São Paulo: Instituto Adventista de Ensino, 1980.
- Bacchiocchi, Samuelle. *Do sábado para o Domingo*. 5 vols. Roma: Pontificia Universidade Gregoriana de Roma, 1990.
- Bailey, James L. e Lyle D. van der Broek. *Literary Forms in the New Testament*. Louisville, KY: Westminster e John Knox Press, 1992.
- Barnes, Albert. *Notes on the New Testament Explanatory and Practical*. ed. Robert Frew. 11 vols. Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1967.
- Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Edições Paulinas, 1973.
- Bíblia Sagrada*. Revista e Atualizada. 2ª edição. Traduzida por João Ferreira de Almeida. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.
- Bíblia Sagrada*. Revista e Corrigida. Traduzida por João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.
- Bíblia Sagrada*. Tradução Brasileira. Rio de Janeiro: SBB, s/d.
- Bíblia Sagrada*. Tradução Ecumênica Brasileira. São Paulo: Edições Loyola, 1995.
- Bíblia Thompson*. Edição Contemporânea. São Paulo: Editora Vida Nova, 1990.
- Brown, Raymond Bryan. “Introdução e comentário sobre o texto de I Coríntios”. *Comentário bíblico Broadman*, ed. Clifton J. Allen, 10:337-463. 2ª edição. Traduzido por Adiel Almeida de Oliveira. Rio de Janeiro: JUERP, 1987.

- Bruce, F. F. “Seção introdutória”. *Zondervan Pictorial Encyclopedia of the Bible*, ed. Merrill C. Tenney, 1:964-972. Grand Rapids, MI: Zondervan Publishing House, 1975.
- Bullinger, E. W. *Diccionario de dicción usadas en la Biblia*. Barcelona: Clie, 1985.
- Carson, D. A., Douglas J. Moo e Leon Morris. *Introdução ao Novo Testamento*. Traduzido por Márcio L. Redondo. São Paulo: Vida Nova, 1997.
- Carter, Charles W. *The Wesleyan Bible*. 2ª edição. 6 vols. Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans Publishing, 1971.
- Champlin, R. N. *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo*. 6 vols. São Paulo: Editora Hagnos, 2002.
- Christianini, A.B. *Subtilezas do erro*. 2ª edição. Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1981.
- Codex Justinianus*, livro 3, título 12:3. Transcrito em Schaff, *History of the Christian Church*. 5ª edição. New York: Charles Scribner, 1902. 380.
- Conzelmann, Hans. *I Corinthians*. Hermeneia. Philadelphia: Fortress Press, 1977.
- Eichler, J. e Colin Brown. “Posses”. *Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*. eds. Lothar Coenen e Colin Brown. 2ª edição. São Paulo: Vida Nova, 2000. 2:1708-1715.
- Filson, Floyd V. e James Reid. “I e II Corinthians, Galatians, Ephesians”. *The Interpreter’s Bible*. ed. George Arthur Buttrick, 10:3-262. Nashville, TE: Abingdon Press, 1953.
- Gibbons, James. *The Faith of Our Fathers*. 47ª edição. Baltimore: John Murphy & Co., 1895.
- Gonzales, Lourenço. *Assim diz o Senhor*. 5ª edição. Rio de Janeiro: Editora Ados, 1993.
- Gundry, Robert H. *Panorama do Novo Testamento*. 2ª edição. São Paulo: Vida Nova, 1998.
- Guthrie, Donald. *Nuevo comentario bíblico*. Barcelona: Casa Bautista de Publicaciones, 1977.
- Kugelman, Richard. *Comentário bíblico “San Jerônimo”*. eds. Raymond B. Brown, Joseph A. Fitzmyer e Roland E. Murphy. Traduzido por Jesus V. Malla e Juan J. del Moral. 5 Vols. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1972.

- Halley, Henry H. *Manual bíblico*. 10ª edição. São Paulo: Vida Nova, 1991.
- Hamar, Paul A. *The New Testament Study Bible Romans-Corinthians*. Ed. Stanley M. Horton. 10 vols. Chicago: R.R. Donnelley and Sons Company, 1989.
- Hefele, Charles J. *A History of the Councils of the Church From the Original Documents*. Traduzido por Henry N. Oxenham. Edinburg: T. & T. Clark, 1876.
- Henry, Matthew. *Comentário exegético devocional a toda la Bíblia*. 6 vols. Barcelona: Libros Clie, 1989.
- Hillyer, Norman. *The New Bible Commentary*. 3ª edição. Ed. Donald Guthrie. Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans Publishing, 1970.
- Hobbs, Herschel H. *The Epistles to the Corinthians*. 3ª edição. Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1960.
- Jamieson, Robert, A.R. Fausset e David Brown. *A Commentary Critical, Practical and Explanatory on the Old and New Testament*. 4 vols. Dayton, OH: Loizeaux Brothers, 1888.
- Johnson, S. Lewis. *El comentário bíblico Moody*. ed. Everett F. Harrison. Chicago: Editorial Moody, 1971.
- Lacueva, Francisco. *Nuevo Testamento interlineal griego-español*. Barcelona: Libros Clie, 1984.
- La Santa Biblia*. Tradução Reina Valera. Madrid: Sociedades Bíblicas Unidas, 1960.
- Lincoln, Andrew T. "From Sabbath to Lord's Day: A Biblical and Theological Perspective" in *From Sabbath to Lord's Day: A Biblical, Historical and Theological Investigation*. Ed. D. A. Carson. Grand Rapids, MI: Zondervan Publishing House, 1982. 386.
- Mare, W. Harold. "I Corinthians". *The Expositor's Bible Commentary*, ed. Frank E. Gaebelin, 10:173-298. Grand Rapids, MI: Zondervan Publishing House, 1976.
- Meyer, F.B. *Comentário bíblico devocional do Novo Testamento*. Venda Nova, MG: Editora Betânia S/C, 1992.
- Morris, Leon. *I Coríntios: Introdução e comentário*. 3ª edição. Série Cultura Bíblica. São Paulo: Mundo Cristão, 1989.
- New International Version*. Grand Rapids, MI: Zondervan Bible Publishers, 1985.

- New Revised Standard Version*. Grand Rapids, MI: Zondervan Publishing House, 1991.
- Nichol, Francis D., ed. *Comentário bíblico Adventista del 7º Dia*. 7 vols. Traduzido por Victor E. Ampuero Matta. Boise, ID: Pacific Press Publishing Association, 1988.
- Nisto Cremos*. 3ª edição. Traduzido por Hélio L. Grellmann. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1995.
- Orr, William F. e James A. Walther. *I Corinthians*. 5ª edição. The Anchor Bible, vol. 42. Garden City, NY: Doubleday & Company, 1976.
- Prior, David. *A mensagem de I Coríntios*. Ed. J.A. Motyer e J. R.W. Stott. 13 vols. São Paulo: ABU Editora S/C, 1993.
- Robertson, Archibald T. *Word Pictures in the New Testament – The Epistles of Paul*. 6 vols. Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1931.
- Spence, H.D.M. e Joseph S. Exell. *The Pulpit Commentary*. 23 vols. Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans Publishing, 1977.
- Stegenga, Jackson J. *Concordância analítica greco-española del Nuevo Testamento Greco-Español*. Traduzido por Alfred E. Tuggy. Barcelona: CLIE, 1987.
- Stott, John. *A mensagem de Atos*. São Paulo: ABU Editora S/C, 1994.
- Tasker, R.V.G. *The First Epistle of Paul to the Corinthians*. Tyndale New Testament Commentaries, vol. 18. Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans Publishing, 1966.
- Taylor, Richard S. *Beacon Bible Commentary*. 10 vols. Kansas City, MS: Beacon Hill Press, 1968.

TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO

1 TIMÓTEO 4:4 E A DIETA ALIMENTAR DO CRISTÃO

Manolo Damásio

Bacharel em Teologia pelo Unasp, Campus Engenheiro Coelho, SP.

TCC apresentado em novembro de 2004

Orientador: Reinaldo W. Siqueira, Ph.D.

manolo.damasio@usb.org.br

RESUMO: Em I Timóteo 4:4, encontramos as seguintes palavras de Paulo dirigidas a Timóteo: "pois tudo que Deus criou é bom, e, recebido com ações de graças, nada é recusável". Um das interpretações mais comuns deste verso é a de que a oração santifica o alimento, qualificando a ingestão do mesmo como aceitável a Deus. No entanto, o que seria "bom" neste verso? Seriam todos os tipos de alimentos considerados adequados ao uso? Não haveria mais restrições quanto a dieta alimentar apresentada no Antigo Testamento? O objetivo deste trabalho é procurar compreender mais claramente a expressão "bom", proveniente do grego *καλος*, evidente no texto acima.

PALAVRAS-CHAVE: alimento, bom, *καλος*, práticas ascéticas.

1 Timothy 4:4 and the Christian's alimentary diet

ABSTRACT: In 1 Timothy 4:4 are found the following words of Paul: "for everything God created is good, and , once it is received with thanksgiving, nothing is to be rejected". One of the most common interpretations of this verse is that prayer sanctifies any aliment, rendering it proper and acceptable to God. However, what is the meaning of "good" in this verse? Would all kind of food be considered adequate for consumption? There are no more restrictions as in the food dietary laws of the Old Testament? The objective of this study is to search for a clear understanding of the term "good", from Greek *καλος*, found in the text above.

KEYWORDS: aliment, good, *καλος*, ascetic practices.

Faculdade Adventista de Teologia
UNASP – Campus 2

UM ESTUDO SOBRE O TEXTO 1 TIMÓTEO 4:4
E SUAS IMPLICAÇÕES QUANTO
AO USO DE ALIMENTOS

Um Relatório

Apresentado em Cumprimento Parcial do

Trabalho de Conclusão de Curso

Estudo Dirigido Individual

por

Manolo Damasio

Novembro de 2004

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
O Problema	1
Metodologia	2
Capítulo	
I. REVISÃO DE LITERATURA	4
Todo Alimento é Intrinsecamente Bom	4
O Alimento é Santificado Pela Oração	4
O Alimento é Santificado Pela Oração do Justo	5
A Lei Mosaica Foi Abolida	6
A Alimentação Regida Pela Palavra de Deus	6
II. O TEXTO	8
Delimitação da Perícope	8
Elementos de Unidade	8
Elementos de Divisão	8
O Texto da Perícope	8
Variantes Textuais	9
Tradução	9
Tradução Literal	10
Conclusão Parcial	10
III. CONTEXTO HISTÓRICO	11
Contexto Geral	11
O Autor	11
Data e Local	12
Circunstâncias Históricas	13
Contexto Histórico Específico	13
Conclusão Parcial	14

IV. CONTEXTO LITERÁRIO.....	15
Gênero Literário.....	15
Forma Literária	15
Estrutura Literária.....	16
Estrutura do Livro.....	16
Estrutura da Perícopre.....	17
Figuras de Linguagem	17
Conclusão Parcial	18
V. ANÁLISE LÉXICO-SINTÁTICO E TEMÁTICO	19
A Palavra no Contexto do Verso	19
O Contexto da Palavra na Perícopre	20
O Contexto da Palavra na Carta.....	21
Paralelo de Palavras	22
No Novo Testamento.....	22
No Antigo Testamento.....	24
Paralelo de Idéias	25
Alimentação.....	25
No Antigo Testamento	25
Nos Ensinos de Jesus.....	26
No Livro de Atos.....	26
Nos Escritos de Paulo.....	27
Casamento	28
No Antigo Testamento	28
Nos Ensinos de Jesus.....	28
Nos Escritos de Paulo.....	29
A Sã Doutrina	30
Conclusão Parcial	31
VI. TEOLOGIA.....	32
Crítica.....	32
Reflexão	34
CONCLUSÃO.....	35
BIBLIOGRAFIA	38

INTRODUÇÃO

O Problema

Em 1Tm 4:4, encontramos as seguintes palavras de Paulo dirigidas a Timóteo: “pois tudo que Deus criou é bom, e, recebido com ações de graças, nada é recusável”¹. O que seria bom? Seriam todos os tipos de alimentos considerados aptos ao uso? Não haveria mais restrições quanto a dieta alimentar apresentada no Antigo Testamento? Seria o alimento santificado pela oração?

O objetivo deste trabalho é procurar compreender mais claramente a expressão “bom”, proveniente do grego *καλος*, evidente no texto acima. Portanto, será necessário desenvolver uma exegese do texto, na busca do sentido do termo à luz do seu contexto e de toda a Escritura.

¹ Bíblia de Estudo Almeida, Revista e Atualizada, 2ª ed., trad. João Ferreira de Almeida (Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999), 172.

Metodologia

A fim de alcançar esse objetivo, utilizaremos o método de “Leitura Atentiva” do texto. No capítulo um, procuraremos fazer uma revisão de literatura a fim de vermos as diferentes interpretações desse texto existentes entre os autores. Dividiremos este capítulo de acordo com as diferentes posições dos escritores.

Na seqüência, em um segundo capítulo, buscaremos analisar o texto bíblico da passagem em questão, delimitando a perícopes, descobrindo possíveis variantes textuais e suas implicações na compreensão do texto. Forneceremos também uma tradução do texto da perícopes que nos parece mais de acordo com o original.

Já no capítulo três, iremos discorrer sobre o contexto histórico da passagem, apresentando o contexto histórico geral da carta a Timóteo, seguido pelo contexto específico do texto.

Em um quarto capítulo será analisado o contexto literário, definindo qual o gênero e a forma literária da perícopes, apresentando a estrutura literária da carta e da perícopes e finalmente as figuras de linguagem que aparecem no texto.

No capítulo cinco, faremos uma análise léxico-sintático e temático do texto, analisando o contexto da palavra na frase, na perícopes e no livro. Verificando também o paralelo de palavras, idéias e o ensino geral do tema.

Em um sexto e último capítulo, veremos as implicações das descobertas para a interpretação teológica do texto, mostrando sua contribuição na compreensão da teologia bíblica. Analisaremos criticamente os blocos de interpretação demonstrados no primeiro capítulo à luz das descobertas realizadas ao longo da pesquisa.

Por fim faremos uma conclusão, apresentando as descobertas feitas ao longo do trabalho e suas implicações para a compreensão do verso.

CAPÍTULO I

REVISÃO DE LITERATURA

Todo Alimento é Intrinsecamente Bom

O *Comentário de la Santa Biblia*, Francis Davidson, David S. Dockery e Matthew Poole argumentam que pelo simples fato de Deus ter criado, todo alimento pode e deve ser considerado bom. Foi com o propósito de servir ao homem que todas as coisas foram criadas, sendo intrinsecamente boas e apropriadas. Por pior que pareça ser o alimento, não deve ser rejeitado quando apreciado de coração. Para manter a vida humana, nada é rejeitável. Desprezar os benefícios de Deus é considerado perigoso. Paulo exorta Timóteo a cuidar com a idéia fanática de rejeitar qualquer alimento, porque todos são bons¹.

O Alimento é Santificado Pela Oração

Já Martin Dibelius, Ralph Earle, Archibald T. Robertson, F. F. Bruce, R. C. H. Lenski, Everett F. Harrison, Roy S. Nicholson e Gordon Fee pensam que independente do

¹ “La Esperanza Superior” [I Tm 4:4] *Comentario de La Santa Biblia*, ed. Adam Clarke (Kansas City, MS: Casa Nazarena de Publicaciones, 1976), 3:550-551; Francis Davidson, *O novo comentário da Bíblia*, 3ª ed., trad. Russel P. Shedd (São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1995), 1318; David S. Dockery, *Manual bíblico Vida Nova* (São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 2001), 785; e Matthew Poole, *Matthew – Revelation, A Commentary on the Holy Bible*, 2ª ed., 3 vols. (Carlisle, PN: The Banner of Truth Trust, 1975), 3:782.

que seja, sendo criado por Deus dando-se ações de graças, pode ser considerado apropriado. Tudo é lícito quando dedicado. A ação de graça torna aceitável o alimento pela expressão de gratidão. Existe certa condicionalidade na questão. Qualquer alimento se torna aceitável após a ação de graça, não porque o alimento seja mau em si, mas porque a ação de graça prepara o que recebe o alimento¹.

O Alimento é Santificado Pela Oração do Justo

Morgan P. Noyes enfatiza também a idéia de que o alimento é santificado pela oração do justo. Para ele, o homem regido pelo Espírito, tendo vontade e vida santificada, não pode ser contaminado por qualquer influência ou objeto externo. Tudo é puro para o puro, tudo é aceitável para o aceitável².

¹ Martin Dibelius, *The Pastoral Epistles*, Hermeneia – A Critical and Historical Commentary on the Bible, 12 vols., 4a ed. (Philadelphia: Fortress Press, 1984), 8:64-65; Ralph Earle, “False Ascetism”, *The Expositor’s Bible Commentary (I Timoteo)*, ed. Frank E. Gaebelin, 12 vols. (Grand Rapids, MI: Zondervan Publishing, 1978), 11:372; Archibald T. Robertson, *Word Pictures in the New Testament*, 7 vols. (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1931), 4:579; F. F. Bruce, *International Bible Commentary*, 2a ed. (Grand Rapids, MI: Englande and Zondervan Publishing House, 1986), 1479-1480; R. C. H. Lenski, *The Interpretation of St. Paul’s Epistles to the Colossians, to the Tesselonians, to Timothy, to Titus and to Philemon*, 12 vols. (Minneapolis, MN: Augsburg Publishing House, 1946), 9:624-625; e Everett F. Harrison, ed. *The Wycliffe Bible Commentary*, 4ª ed. (Chicago: Moody Press, 1968), 1376; Roy S. Nicholson, *Romans, I & II Corinthians, Galatians, Ephesians, Philippians, Colossians, I & II Tesselonians, I & II Timothy, Titus, Philemon*, The Wesleyan Bible Commentary, ed. Ralph Earle, 2ª ed., 6 vols. (Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans Publishing Company, 1971), 592; e Gordon D. Fee, *I e II Timóteo*, trad. Luiz Aparecido Caruzo, Novo Comentário Bíblico Contemporâneo (São Paulo: Editora Vida, 1994), 35.

² Morgan P. Noyes, “Exegesis of the Book of Timothy”, *Interpreter’s Bible*, ed. G. Arthur Buttrick (Nova Iorque: Abingdon, 1954), 11:425.

A Lei Mosaica Foi Abolida

Russel N. Champlim, John N. Kelly, Henry H. Halley e os comentários das Bíblias de Tradução Ecumênica e Edição Pastoral argumentam que o texto apóia a abolição das leis alimentícias. Dizem que o próprio Cristo aboliu essas leis, rejeitando-as como mero ritual (Mc 7:19). Também com o intuito de provar a Pedro, foi-lhe concedida uma visão apresentando todo e qualquer tipo de alimento como aceitável (At 10:9). Todas as regulamentações cerimoniais da legislação mosaica caem por terra no conselho de Paulo a Timóteo. Essas regras “jazem no passado”, nem sendo dignas da atenção dos crentes. Os que aceitam o evangelho estão livres das leis alimentícias¹.

A Alimentação Regida Pela Palavra de Deus

F. B. Meyer, George W. Knight III e o *Comentário bíblico Adventista del Séptimo Dia* defendem a idéia de que os alimentos dados na criação não devem ser rejeitados. Não existe qualquer restrição em relação àqueles alimentos, exceto aos que foram dados após o dilúvio. A alimentação do homem é regida pela Palavra de Deus. Cada coisa criada tem seu propósito definido, devendo ser usado de maneira apropriada.

¹ Russel N. Champlim, *O Novo Testamento comentado versículo por versículo*, 6 vols., 4a ed. (São Paulo: Editora Candeia, 1996), 6:320-321; John N. Kelly, *I e II Timóteo e Tito – Introdução e Comentário*, trad. Gordon Chown, Série Cultura Bíblica (São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1983), 94-95; B. H. Carroll, *Las Epistolas Pastorales del Apostol Pablo, I y II de Pedro, Judas, I, II y III de Juan*, Una Interpretación de la Biblia, 6 vols, ed. J. B. Cranfill, trad. Sara A. Hale (El Paso, TX: Casa Bautista de Publicaciones, 1966), 5:79-81; Henry H. Halley, *Manual bíblico* (São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1994), 559; Bíblia Tradução Ecumênica, trad. Gabriel C. Galache (São Paulo: Edições Loyola, 1988), 2326; e Bíblia Sagrada Edição Pastoral, eds. Ivo Storniolo e Euclides Martins Balancin (São Paulo: Sociedade Bíblica Católica Internacional e Edições Paulinas, 1989), 1532.

Paulo não revoga as distinções entre alimentos puros e impuros, instituídas por Deus através de Moisés. Ele está afirmando que tudo é bom, dentro de um propósito definido¹.

¹ F. B. Meyer, *Comentário bíblico devocional* (Venda Nova, MG: Editora Betânia, 1992), 241; George W. Knight III, *The Pastoral Epistles, A Commentary on the Greek Text*, ed. I. Howard Marshall e W. Ward Gasque, 7 vols. (Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans Publishing Company, 1992), 5:191-192; e “Bueno” [I Tm 4:4], *Comentário bíblico Adventista del 7º Dia [CBASD]*, ed. Francis D. Nichol, trad. Victor E. Ampuero Matta (Boise, ID: Pacific Press Publishing Association, 1990), 7:303-304.

CAPÍTULO II

O TEXTO

Delimitação da Perícope

A perícope da passagem que está sendo analisada corresponde a 1Timóteo 4:1-5, que pertence a uma seção de instruções especiais a Timóteo (4:1-16). Chegamos a essa conclusão, procurando respeitar os limites naturais do texto, ao averiguar os elementos de unidade e de divisão explícitos no próprio texto bíblico.

Elementos de Unidade

Ao verificar o contexto da perícope delimitada observa-se que o tema unificador é marcado pela preocupação de Paulo quanto a apostasia provocada por doutrinas estranhas, hipocrisia e mentira, iniciado em 4:1. Paulo prediz a apostasia por doutrinas estranhas (1Tm 4:1), dizendo que os que a propagam são hipócritas (vs. 2) por proibirem o uso de coisas “boas”, “criadas por Deus” (vss. 3 e 4). Esse tema é tratado até 4:5 na expressão “pela palavra de Deus e oração é santificada”, referindo-se ao casamento e à alimentação.

Elementos de Divisão

Os limites são indicados pela mudança de tema. No final do capítulo 3 (vss 14-16), Paulo justifica os conselhos dados anteriormente (2:8- 3:13), tratando do procedimento

na casa de Deus por parte das mulheres, diáconos e bispos; ele muda consideravelmente de assunto no verso 1 do capítulo 4, quando passa a tratar da apostasia que viria a igreja por espíritos enganadores e doutrinas de demônios que rejeitavam o casamento e abstinham-se de alimentos. Já o fim da perícopé encontra-se no verso 5 do capítulo 4, pois no verso 6, Paulo dá início a uma série de recomendações ministeriais notavelmente visto nas expressões: “serás bom ministro”, “rejeita as fábulas”, “exercita-te”, “manda”, “ensina-as”, “sê o exemplo”, “persiste”, “não desprezes”. Ele não mais trata de assuntos doutrinários específicos. Justificamos a delimitação por notarmos a diferença da seção anterior (2:8-3:16) ao tratar da postura na igreja e das instruções posteriores (4:6-16) ao fazer recomendações específicas às atividades ministeriais de Timóteo¹.

O Texto da Perícopé

Segundo a 4ª edição do *The Greek New Testament*, a perícopé proposta não apresenta variantes textuais².

Tradução³

¹O Espírito diz expressamente que nos últimos tempos alguns renegarão a fé, dando atenção a espíritos sedutores e a doutrinas demoníacas, ²por causa da hipocrisia dos mentirosos, que têm a própria consciência como que marcada por ferro quente; ³eles proibirão o casamento, exigirão a abstinência de certos alimentos, quando Deus os criou para serem recebidos, com ações de graças, pelos que têm fé e conhecem a verdade. ⁴Pois tudo o que Deus criou é bom, e nada é desprezível, se tomado com ações de graças, ⁵porque é santificado pela Palavra de Deus e pela oração.

¹ Apóiam a idéia da perícopé de 1Tm 4:1-5 os seguintes comentaristas: Champlim, 5:318; John N. Kelly, 93; F. F. Bruce, 1474; Leon Morris, *Introdução ao Novo Testamento*, trad. Márcio Loureiro Redondo (São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1997), 411; Noyes, 1172; e Knight, 5:187.

² Kurt Aland e outros, *The Greek New Testament*, 4a ed. (Grand Rapids, MI: William B. Eedermans, 1989), 718.

³ Bíblia de Jerusalém (São Paulo: Edições Paulinas, 1973), 2229.

Tradução Literal

A tradução literal do texto de 2 Timóteo 4:4, segundo nos parece, é a seguinte:

“Pois tudo que Deus criou é bom, e nada é recusável se recebido com ações de graça”.

Conclusão Parcial

O conteúdo da perícopes traz um conselho de Paulo a Timóteo quanto a apostasia provocada por falsas doutrinas que pregam a abstinência de alimentos e do casamento. Paulo reprova esta prática ascética por serem estas coisas instituídas por Deus na Criação, não havendo, portanto, dentro desse plano original, motivos para serem rejeitados. Paulo é enfático ao tratar do problema da apostasia. Ele procura esclarecer que tais práticas ascéticas estão em desacordo com a verdade. O texto contrasta as “outras doutrinas” com a sã doutrina, a hipocrisia com a verdade. O apóstolo recorre a criação para confirmar o paradigma do “bom” relacionado ao casamento e aos alimentos.

CAPÍTULO II

CONTEXTO HISTÓRICO

Contexto Geral

O Autor

O autor se identifica claramente como Paulo. Além da apresentação (1Tm 1:1) e da experiência pessoal (1:12-14), notamos que o apóstolo refere-se a uma viagem para a Macedônia, aconselhando o jovem Timóteo a permanecer em Éfeso, esperando em breve encontrar-se com ele, mesmo que venha a demorar um pouco (1Tm 1:3; 3:14, 15 e 4:13). Essas referências não teriam motivo de serem mencionadas se de fato não fosse o próprio Paulo quem as houvesse escrito¹.

Todavia, a crítica moderna levantou a idéia de que o autor poderia não ser Paulo e sim alguém próximo a ele, ou qualquer um outro que, com o propósito de dar credibilidade ao escrito, atribuiu ao apóstolo a autoria da carta².

Parece não haver coerência em aceitar a idéia de que alguém, posterior a Paulo, tenha escrito cartas preocupando-se em dar informações sobre viagens e planos, sendo seu objetivo principal combater idéias erradas e aconselhar o ministro quanto a maneira de conduzir a igreja. Tais referências harmonizam-se com o relato de At 16:10, 11; 18:5 e

¹ Champlin, 5:266; Fee, 35.

² Kelly, 13.

19:22, onde vemos descrições da 3ª viagem missionária de Paulo, deixando-nos evidências claras de que o apóstolo é o autor da epístola¹.

Data e Local

A referência inicial da carta quanto ao destino de Paulo (1Tm 1:3) e sua intenção em voltar a Éfeso para juntar-se a Timóteo (3:14), mostra-nos que a carta foi remetida da Macedônia. Pelos planos de viagem do apóstolo (3:14, 15 e 4:13), concluímos que a carta de 1Timóteo foi escrita num período em que Paulo estava em liberdade, em contraste com a segunda epístola, escrita num tom bem diferente, por ele estar preso em Roma (2 Tm 1:16, 17; 2:9; 4:6-8 e 16-18)².

A diferença circunstancial em que a primeira e a segunda carta foram escritas poderão estabelecer uma data aproximada de sua composição. O ano de execução de Paulo, normalmente é aceito como ocorrido em 64 d.C. Por relatos históricos, sabemos que sua morte ocorreu no período em que Nero governava, entre os anos 54-68 d.C. Se Paulo escreveu a segunda carta a Timóteo enquanto estava preso em Roma, consideramos a autoria da primeira epístola a Timóteo como ocorrendo numa data anterior ao aprisionamento, em sua 3ª viagem, no final da quinta, início da sexta década de nossa era³.

¹ Champlin, 5:266; e Fee, 35.

² Fee, 15.

³ Ibid., 16.

Circunstâncias Históricas

Quando Paulo escreveu a carta a Timóteo, os judeus ainda estavam sob o jugo romano e Jerusalém ainda não havia sido destruída. Iniciando seu trabalho junto aos gentios, Paulo funda várias igrejas na Ásia. Entre elas, encontra-se a de Éfeso, na região da Ásia menor¹.

As circunstâncias no qual a carta foi escrita nos ajudam a entender o conteúdo da mesma. Paulo estava de viagem para a Macedônia. Quando passa por Éfeso, vê-se forçado a deixar Timóteo ali, para que lide com alguns problemas existentes na igreja. Ao escrever a carta, Paulo está bem ciente dos problemas da igreja, por isso é tão específico ao descrever tais problemas².

O apóstolo busca conscientizar Timóteo de sua obra, encorajando, instruindo e preocupando-se com ele. Era trabalho de Timóteo tratar da adoração (1Tm 2:1-8), do procedimento de vários grupos da igreja (2:9-3:13; 5:1-6:2) e das falsas doutrinas (especificamente 4:1-5). Mesclado a tudo isso foram feitas recomendações diretas ao ministério de Timóteo e como ele deveria lidar com todas essas questões.

Contexto Histórico Específico

Os problemas abordados por Paulo tinham que ver com falsas doutrinas, disseminadas por hereges que promoviam contendas e dissensões levando uma vida moralmente questionável. Essas doutrinas, também pregadas por uns tais de Alexandre e

¹ Champlim, 5:272.

² Ibid.

Himeneu, homens citados e rejeitados por Paulo (1Tm 1:20), que, aparentemente misturavam elementos judaicos e gnósticos nas suas doutrinas.

Apesar de ganhar expressão a partir do 2º século, o gnosticismo manifestou-se antes disso. Podendo ser chamado de “pré-gnosticismo”, esta corrente já sentida no 1º século representava mais uma maneira de pensar do que uma religião. Fundia-se com facilidade a qualquer religião, ajustando-se também a filosofia. Para os gnósticos a matéria é constantemente má, sendo bom o que se relaciona apenas com o espírito. A salvação, segundo eles, vinha pelo conhecimento – a *Gnósis*¹.

O ascetismo era uma forte característica dessa corrente, que praticava a penitência visando a perfeição. Abstinham-se de alimentos, relações sexuais e bebidas alcoólicas buscando a purificação. Segundo eles, tais práticas comprometiam o recebimento da *Gnósis*².

Conclusão Parcial

Através de evidências aqui analisadas, vemos que Paulo foi o autor da epístola, e que ao escrever a Timóteo buscava instruir o discípulo tanto na conduta ministerial como na solução de problemas existentes na igreja de Éfeso. Em sua carta, Paulo demonstra preocupação específica com as ameaças pré-gnósticas que procuravam fundir-se com a sã doutrina. Tais ameaças promoviam a abstinência de alimentos e a rejeição do casamento, sendo tratadas por Paulo como heresia.

¹ Philip Hughes, *Síntesis de historia de la Iglesia* (Barcelona: Editorial Herder, 1963), 72.

² “Ascetismo”, *Enciclopedia de la Biblia*, ed. Alejandro Díez-Macho (Barcelona: Ediciones Garriga, 1963), 1:832.

CAPÍTULO IV

CONTEXTO LITERÁRIO

Gênero Literário

A perícopre analisada está inserida na sua totalidade, no gênero literário denominado *carta*, comumente considerada como “*carta pastoral*”¹.

Forma Literária

A forma literária da perícopre é interpretada como a de *conselho* ou *instrução*, especificamente um *conselho contra a apostasia* (4:2). Percebe-se essa característica pela maneira que Paulo insiste em instruir a Timóteo em questões pertinentes ao bom funcionamento da igreja (4:1). O apóstolo age como um professor – antevendo, evidenciando e combatendo problemas².

¹ Recebe este título por abordar problemas eclesiásticos, tendo por intuito ajudar os pastores em seu trabalho, especialmente no ministério do ensino e na vigilância em favor da igreja cristã. Para maiores informações, ver Gordon D. Fee e Douglas Stuart, *Entende o que Lês? Um guia para entender a Bíblia com o auxílio da exegese e da hermenêutica*, trad. Gordon Chown (São Paulo: Sociedade Bíblica Religiosa Edições Vida Nova, 1991), 30; Champlim, 5:265; Kelly, 9.

² Earle, 11:344 e Kelly, 18.

Estrutura LiteráriaEstrutura do Livro¹

- I. Saudação.
- II. A tarefa de Timóteo em Éfeso, 1:3-11.
 - A. Supressão de Falsos Mestres, 1:3-7
 - B. O Propósito da Lei, 1:8-11
- III. Ação de Graças à Deus, 1:12-17
 - A. A graça abundante de Deus, 1:12-14
 - B. O Pior dos Pecadores, 1:15-17
- IV. A responsabilidade de Timóteo, 1:18-20
- V. Adoração e Conduta, 2:1 – 3:16
 - A. Oração, 2:1-7
 - B. Homens, 2:8
 - C. Mulheres, 2:9-15
 - D. Pastores, 3:1-7
 - E. Diáconos, 3:8-13
 - F. O ministério da piedade, 3:14-16
- VI. Instruções Especiais a Timóteo, 4:1-16
 - A. Falso Ascetismo, 4:1-5
 - B. Superioridade espiritual, 4:6-10
 - C. Deveres Pastorais, 4:11-16
- VII. Grupos Especiais na Igreja, 5:1 – 6:2
 - A. Os mais velhos e os mais novos, 5:1, 2
 - B. Viúvas, 5:3-16
 - C. Anciões, 5:17-25
 - D. Escravos, 6:1, 2
- VIII. O perigo do Amor ao Dinheiro, 6:3-10
- IX. Apelo de Paulo a Timóteo, 6:11-16
- X. Instruções Finais, 6:17-21
 - A. Admoestações para os Ricos, 6:17-19
 - B. Admoestações a Timóteo, 6:20, 21a
 - C. Adeus, 6:21b

Verificamos pela estrutura acima, que nossa perícopa (1Tm 4:1-5) se enquadra dentro da seção de instruções especiais dadas a Timóteo em 4:1-16.

¹ Earle, 11:347.

Estrutura da Perícope

A perícope nos parece estar estruturada da seguinte maneira:

- I. A Descrição da Apostasia, 4:1-3a
 - A. O Espírito Prediz a Apostasia, 4:1a
 - B. A Causa da Apostasia nos Últimos Tempos, 4:1b
 - (1) Pela Obediência de Espíritos Enganadores, 4:1b'
 - (2) Pelo Ensino de Demônios, 4:1b''
 - C. A Manifestação da Apostasia nos Últimos Tempos, 4:2
 - (1) Pela Hipocrisia, 4:2a
 - (2) Pela Mentira, 4:2b
 - (3) Por Uma Consciência Cauterizada, 4:2c
 - D. A Pregação Apóstata nos Últimos Tempos, 4:3a
 - (1) Proibição do Casamento, 4:3a'
 - (2) Abstinência de Alimentos, 4:3a''
- II. A Descrição da Verdade, 4:3b -5
 - A. Deus Criou Alimentos para Serem Recebidos, 4:3b
 - (1) Com Ações de Graças, 4:3b'
 - (2) Pelos Fiéis, 4:3b''
 - (3) Pelos que Conhecem Plenamente a Verdade, 4:3b'''
 - B. Tudo que Deus Criou é Bom, 4:4a
 - C. Recebido com Ações de Graça nada é Recusável, 4:4b
 - D. A Palavra de Deus e a Oração Santificam, 4:5

Figuras de Linguagem

A perícope em questão traz consigo algumas figuras de linguagem que acabam enfatizando a mensagem do texto. Em 1Tm 4:1, encontramos uma *antenantiosis* que consiste na redução da pessoa ou objeto com o objetivo de a engrandecer. Nesse verso quando Paulo diz que “alguns apostatarão”, de fato ele quer dizer que muitos, uma multidão apostatará¹. Em 1Tm 4:3, encontramos um *protozeugma* e uma *paronomasia*, uma figura de construção onde é omitido um termo facilmente identificado na oração ou contexto.

¹ Ethelbert W. Bullinger, *Diccionario de figures de dicción usadas en la Bíblia* (Barcelona: CLIE, 1990), 156.

No verso três isso ocorre entre os verbos “proibir” e “mandar”, sendo o segundo verbo omitido a fim de enfatizar o primeiro¹. Em 1Tm 4:2, vemos a expressão “cauterizada”, uma espécie de metáfora, que substitui uma palavra por outra, não possuindo entre si uma ligação. É mais usada para lhe atribuir um significado do que meramente uma comparação².

Conclusão Parcial

Chamada de “carta pastoral” por haver muitas recomendações ao trabalho ministerial, 1Timóteo é de natureza instrutiva. A estrutura literária da perícopé nos ajuda a entender o texto por contrastar apostasia e verdade, classificando como erro a abstinência alimentar e matrimonial e como verdade o fato de Deus ter criado estas coisas para serem usadas. Em 1Tm 1:3-11 Paulo atribui a necessidade da permanência de Timóteo em Éfeso a existência de “outras doutrinas”(vs. 3). Segundo o apóstolo estas heresias desviam alguns (vs. 6) e promovem discussões (vs. 4). São pregadas por alguns que se julgam “mestre da lei”, mas que “não entendem o que dizem”. A perícopé (4:1-5) está intimamente ligada a esta seção por detalhar que “outras doutrinas” eram as práticas ascéticas (vs. 3) e por classificar a lei como “boa” quando usada de maneira legítima (1:8), assim como o uso de alimentos por serem dados por Deus na criação (4:4).

¹ Ibid., 133, 135, 268 e 275.

² José de Nicola, *Gramática contemporânea da língua portuguesa*, 8ª ed. (São Paulo: Editora Scipione, 1992), 441.

CAPÍTULO V

ANÁLISE LÉXICO-SINTÁTICO E TEMÁTICA

Para uma compreensão segura do texto, faz-se necessário uma análise léxico-sintática da palavra *καλος*, onde está implícito o problema de nosso estudo.

Καλος pode ser traduzida em seu significado básico como: “organicamente saudável”, “apropriado”, “útil”, “sadio”. Julgamentos estéticos se vinculam desde a mais remota antiguidade ao conceito de saudável e “belo”. Posteriormente, o significado foi alargado e ganhou o sentido adicional de “moralmente bom”¹.

A Palavra no Contexto do Verso

“Pois tudo que Deus criou é bom, e, recebido com ações de graças, nada é recusável”. O verso busca esclarecer um assunto mencionado no verso anterior (vs. 3), a abstinência de alimentos e a proibição do casamento.

A expressão “que Deus criou” explica o “tudo” de 1Tm 4:4, colocando-o em paralelo com Gn 1:31, onde o adjetivo “bom” é também usado para classificar a obra da criação. Esta classificação não valida todo e qualquer uso, antes, sublinha a qualidade da criação, em seu propósito original, como base para determinar a discussão acerca do uso de alimentos e da prática do casamento.

¹ Colin Brown, ed., *O novo dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*, trad. Gordon Chown (São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 2000), 1:243.

A ação de graça mencionada no verso está em harmonia com a idéia bíblica da cooperação e submissão a Deus. Repetidas vezes, Paulo enfatiza a necessidade de expressar gratidão e reconhecimento a Deus (Cl 1:12; 2:7; 3:15; 3:17 e; 4:2). Em Colossenses 3:17, Paulo declara: “quanto fizerdes por palavras ou por obras, fazei tudo em nome do Senhor Jesus, dando por ele graças a Deus Pai”. A ação de graça assume papel importante no sentido de expressar gratidão à Deus, mas não provoca mudança no que Ele criou. Portanto, a qualificação não está associada à vontade humana, nem tampouco a uma atitude sua. A palavra de Deus é quem determina a santidade e qualifica aquilo que pode e deve ser recebido (1Tm 1:5).

O Contexto da Palavra na Perícopé

A primeira parte da perícopé é marcada pela descrição da apostasia (1Tm 4:1-3a). Predita pelo Espírito como ocorrendo nos últimos tempos, tal apostasia seria caracterizada pela “obediência a espíritos enganadores” e “ensinos de demônios”. Manifestar-se-ia na “hipocrisia” e “mentira” daqueles que têm a “mente cauterizada”, que “proíbem o casamento e exigem a abstinência de alimentos”. Isso está em pleno contraste com a descrição da verdade vista na segunda parte da perícopé (1Tm 4:3b-5) que reafirma a licitude dos alimentos dados na criação. Os que praticam o casamento e recebem esses alimentos são descritos como fiéis e plenos conhecedores da verdade. A validade dessas coisas está condicionada à criação, como evidente nas expressões: “que Deus criou para serem recebidos” (vs. 3) e “tudo que Deus criou é bom” (vs. 4).

A apostasia rejeita a fé (vs. 1) e é sustentada pela hipocrisia dos mentirosos e doutrinas de demônios (vss. 1 e 2), enquanto a verdade recebe o apoio daqueles que a

conhecem plenamente e dos fiéis (vs. 3) que se apóiam na Palavra de Deus e na oração (vs. 5).

O Contexto da Palavra na Carta

Para compreendermos melhor o contexto da palavra no livro, é fundamental que tenhamos em mente o objetivo de Paulo ao escrever a carta. O Apóstolo procura fazer recomendações pertinentes ao funcionamento da igreja e ao ministério de Timóteo com o intuito de preservar a igreja da apostasia. Sua preocupação é de eliminar tendências filosóficas não bíblicas que “se ocupam com fábulas e genealogias sem fim que promovem discussões” (1:4); que “se voltam para as discussões inúteis” (vs. 6); “obedecem a espíritos enganadores e a ensinos de demônios” (4:1); “são guiados pela hipocrisia dos que falam mentiras” (vs. 2); “proíbem o casamento e exigem abstinência de alimentos” (vs. 3); “dedicam-se a fábulas profanas” (vs. 7); “têm mania por questões e contendas de palavras” (6:4) e que; “supõem que a piedade é fonte de lucro” (vs. 5). Paulo aconselha Timóteo a não permitir que “ensinem outra doutrina” (1:3). Condena aqueles “contrários a sã doutrina” (vs. 10), prediz a apostasia pela pregação da “doutrina de demônios” (4:1) e acusa de blasfêmia os que ensinam “outra doutrina” (6:3).

Tratando dessa corrente herética, Paulo usa a lei para sustentar a verdadeira doutrina. O contraste feito por ele entre a heresia e a verdade ganha forma quando ele recorre ao relato da criação. O “bom” usado em Gênesis revela o parecer de Deus à sua própria obra, e é usado por Paulo para confirmar a validade dos alimentos e do casamento dados na criação.

A palavra *καλος* ocorre dezesseis vezes na primeira carta a Timóteo, procurando sempre destacar uma atitude, necessidade ou qualificar uma pessoa.

Destacamos duas ocorrências que elucidam o texto de 1Tm 4:4. Para contrastar a verdadeira doutrina da graça com as “fábulas” que produzem “vãs contendas” e que não passam de “falsas doutrinas”, 1Tm 1:8 classifica a lei como “boa” se usada de maneira legítima. Logo, a qualidade está condicionada a maneira e ao propósito do uso.

A outra referência encontra-se em 1Tm 4:6. Esse verso vem logo após a nossa perícopé. Assim Paulo, ao descrever a apostasia e suas manifestações (4:1-3a) e expor a verdade utilizando o relato da criação (vss. 3b-5), anima Timóteo a ensinar essa verdade, que é a “boa” doutrina (vs. 6) e não as fábulas que incentivam uma “fé fingida” (1:5) que não passa de hipocrisia (4:2).

Portanto, o apóstolo ao recomendar Timóteo que repreenda os que pregam “outra doutrina”, afirma que “a lei é boa”, indicando que a “boa doutrina” é aquela fundamentada na Palavra revelada de Deus e não em meras conjecturas produzidas por uns que “pretendem ser mestres da lei, mas não sabem nem o que dizem” (1:7).

Paralelo de Palavras

No Novo Testamento

Καλος aparece noventa e nove vezes¹ no Novo Testamento², quarenta e uma delas nos escritos de Paulo, sendo vinte e três nas epístolas pastorais³.

¹ Mt 3:10; 5:16; 7:17, 18, 19; 12:33; 13:8, 23, 24, 27, 37, 38, 45, 48; 15:26; 17:4; 18:8, 9; 26:10, 24; Mc 4:8, 20; 7:27; 9:5, 42, 43, 45, 47, 50; 14:6, 21; Lc 3:9; 6:38, 43; 8:15; 9:33; 14:34; 21:5; Jo 2:10; 10:11, 14, 32, 33; At 27:8; Rm 7:16, 18, 21; 12:17; 14:21; 1Co 5:6; 7:1, 8, 26; 9:15; 2Co 8:21; 13:7; Gl 4:18; 6:9; 1Ts 5:21; 1Tm 1:8, 18; 2:3; 3:1, 7, 13; 4:4, 6; 5:10, 25; 6:12, 13, 18, 19; 2Tm 1:14; 2:3; 4:7; Tt 2:7, 14; 3:8, 14; Hb 5:14; 6:5; 10:24; 13:9, 18; Tg 2:7; 3:13; 4:17; 1Pe 2:12; 4:10.

² Concordância Fiel do Novo Testamento (São José dos Campos, SP: Editora Fiel da Missão Evangélica Literária, 1994), 415-416.

O uso de *καλος* merece destaque nos capítulos 7 e 14 da epístola aos Romanos. Em Romanos 7:16 a palavra é usada para qualificar a lei por sua moral e excelência, em contraste com as frustradas tentativas do apóstolo de observá-la perfeitamente. A mesma expressão é usada em 1Tm 1:8. Em ambos os casos, notamos o modo determinante de Paulo ao classificar a lei como “boa”. Em Romanos 14:21, diz que “não é bom comer carne, nem beber vinho, nem fazer outras coisas em que teu irmão tropece, ou se enfraqueça”. Tais palavras demonstram a preocupação de Paulo com os mais fracos na fé e a responsabilidade dos mais fortes em relação a estes, semelhantemente a 1Co 8, que será abordado mais abaixo. O apóstolo argumenta que o cristão deve estar disposto a renunciar sua liberdade a escandalizar um irmão mais fraco. Não importa se a carne ou o legume fazem parte da dieta, porque ambos foram permitidos. A preocupação se dá em conservar os mais fracos de um escândalo, não lhes comprometendo a fé.

Em 1Co 7, *καλος* é usado três vezes (vss. 1, 8, 26) no contexto de casamento e deve ser entendido como uma resposta aos capítulos 5 e 6, que tratavam da fornicação. Paulo responde tanto aos que viviam na libertinagem como a uns judeus que pregavam a obrigatoriedade do casamento apoiados em suas tradições. O apóstolo valida o matrimônio ao dizer que os que casam não pecam (1 Co 7:28, 36), mas não reprova quem, assim como ele, decide ficar solteiro (vs. 8). A prática espúria do sexo e a exigência abstinência do

³ Brown, 1:244

casamento são condenadas por Paulo, o que importa segundo ele, é a observância dos mandamentos de Deus (vs. 19).

A epístola aos Hebreus no capítulo 13 apresenta os deveres sociais do crente, exaltando os que conservam o matrimônio sem impureza (vs. 4). Aponta como bom o coração cheio de graça e não de caprichos disfarçados de obrigações religiosas como a abstinência de alimentos (vs. 9).

No Antigo Testamento

Na tradução do Velho Testamento, a LXX usou a palavra *καλος* para traduzir as palavras *yāṭab* e *ṭôb*. A primeira significa uma “bela aparência externa”, já a segunda geralmente é traduzida por “bom” e abarca tanto valores externos quanto morais¹.

Outra palavra de significado semelhante é *αγαθος*. Como sinônimo de *καλος*, ela agrega em seu sentido o toque de Deus, sendo bom o que se associa à Ele². Em seu uso comum, *αγαθος* dá sentido de “bom”, “útil”, “suficiente”, “apropriado”, “benéfico”, “honrado”³. Usada em sua maioria para traduzir *ṭôb*, *αγαθος* ficou sendo a designação regular do caráter ou das ações de Deus, aquilo que O agrada e se dirige à vontade dEle expressa na lei (Mq 6:8; Is 1:17; Dt 6:18; 12:28; II Cr 14:2 e Pv 3:4)⁴.

¹ Brown, 240.

² Ibid., 242.

³ Barclay Newman M., Jr. *A Concise Greek-English Dictionary of the New Testament* (Suttgart, Alemanha: Deutsche Bibelgesellschaft German Bible Society, 1993), 718.

⁴ Ibid., 244.

O uso extraordinário de *καλος* em Gênesis 1:31 explica a preferência de Paulo em 1Tm 4:4 pela palavra. Num contexto como o da criação, *ῥόβ* normalmente seria traduzida por *αγαθος*, entretanto, a LXX prefere utilizar *καλος*, escolha seguida por Paulo ao referir-se à criação.

Paralelo de Idéias

Alimentação

No Antigo Testamento

A dieta original foi dada por Deus na criação. Ela é descrita como envolvendo “toda a erva que dá semente, que está sobre a face de toda a terra; e toda a árvore, em que há fruto que dá semente, servindo para mantimento” (Gn 1:29). Essa proposta/lei é aquilo realmente “bom” para alimentação (vs. 31). Após a entrada do pecado, adicionado a isso, foi dado também ao homem a “erva do campo” (3:18).

Em Gn 9:3 vemos a liberação do alimento cárneo após o dilúvio. É importante lembrar que a distinção entre animais puros e impuros já existia, como visto nas recomendações de Deus a Noé sobre que animais deveria preservar dentro da arca (Gn 7:2, 8; 8:20).

Em Lv 11 temos a lei acerca dos animais puros e impuros. Tais normas, consideradas por Deus como essenciais (vss, 46, 47), esclarecem com mais detalhes aquilo que já era conhecido. Deus encerra a seção associando a santidade com a obediência a essas ordenanças (vs. 43).

O uso da carne, como observado, não fazia parte do plano original. É em Gn 1:29 que encontramos a lei de Deus sobre a conservação de Sua criação perfeita, em termos de alimentação, avaliada por Ele como “muito bom” (vs. 31).

Nos Ensinos de Jesus

Jesus, em debate com os fariseus, declarou em Mateus 15 que “o que entra pela boca não contamina o homem, e sim o que sai da boca”, levando alguns a entenderem que não há mais restrição ao uso de alimentos. No entanto, ao Jesus explicar a “parábola” (assim classificada pelos discípulos [vs. 15]), Ele diz que a maldade do coração é que contamina o homem e não o deixar de lavar as mãos (vs. 20) que é mera tradição (vss. 2, 3 e 7). Portanto, a questão do debate não eram os tipos de alimentos apropriados, e sim a violação da tradição. Ao condená-la (a tradição), Jesus valida a lei e acusa os fariseus de transgredi-la em detrimento de doutrinas que são “preceitos de homens” (vs. 9).

No Livro de Atos

Faz-se necessário uma breve menção à passagem de Atos 10, por ser interpretada como uma prova de já não haver mais restrições alimentícias, como especificadas na lei mosaica. O relato descreve Pedro diante de um grande lençol que descia do Céu, e sobre ele toda a espécie de animal imundo (vs. 11 e 12). Diante de tal cena lhe é ordenado que mate e coma (vs. 13). O apóstolo nega o pedido (vs. 14). Então, a voz lhe diz que não deve ser considerado comum o que Deus purificou. Aparentemente o assunto é sobre alimentação. Entretanto, fica claro nos versos 28, 34 e 35 que a questão é o preconceito racial. Deus apenas usou um assunto comum e familiar a Pedro para comunicar Sua vontade. Deste modo, o que Deus purificou não são os animais “imundos”, mas as pessoas que o “temem”, independente da raça (vs. 35).

Nos Escritos de Paulo¹

Em 1Co 8 vemos o problema da carne sacrificada a ídolos. Paulo lembra que o “ídolo nada é no mundo”, porque há “um só Deus” (vss. 4-6). Todavia, ele não desconhece o fato de que alguns não são familiares a essa verdade (vs. 7), e se espantariam ao ver um cristão à mesa comendo carne sacrificada a ídolos (vs. 10). O apóstolo não visa, com este relato, determinar que espécie de alimento deva ser ingerido pelos cristãos, como uma exegese errada poderia mostrar. O ponto determinante tem a ver com um problema de consciência. Em outras palavras, Paulo preocupa-se com o fraco na fé, que não deve ter a consciência abalada ao ver um cristão participando de algo que ele poderia muito bem deixar de lado apesar de lícito (vss. 8, 13)².

No capítulo 10 da mesma epístola, Paulo trata mais uma vez do uso da carne sacrificada a ídolos. Declara que a participação na idolatria é um culto direto aos demônios e não deve ter lugar na vida do crente (vss. 14-21). Considerando a liberdade humana, o apóstolo declara que “todas as coisas são lícitas, mas nem todas convêm; todas as coisas são lícitas, mas nem todas edificam” (vs.23). O conveniente pra Paulo aqui é o não servir de tropeço a ninguém (vss. 24, 32), buscando a salvação de muitos e não a satisfação própria (vs. 33). Quando o apóstolo diz para que se “coma tudo o que se vende no mercado, sem pergunta nada” (vs. 25), ele não está endossando o uso de qualquer tipo de alimento como se não houvesse diferença entre eles. A “pergunta” a que Paulo se refere diz respeito à dedicação aos ídolos e não o tipo de animal sacrificado³.

¹ Ver *infra*, 22. Para um estudo ao uso de *καλος* por Paulo.

² Para uma discussão mais detalhada do assunto, ver Pedro Apolinário, *Explicação de textos difíceis da Bíblia* 4ª ed. (Santo Amaro, SP: Editora Universitária Adventista IAE, 1990), 144; Knight e; Nichol, [1Co 8].

³ Para uma discussão mais detalhada do assunto, ver Nichol, [1Co 10].

O princípio estabelecido em toda essa discussão é a glória de Deus que deve ser buscada em cada ação humana e o dever do crente em relação àqueles que Ele busca salvar. Os três grupos mencionados em 1Co 10:32 assinalam a responsabilidade do crente como estando além das fronteiras ou paredes da igreja, envolvendo todas as pessoas.

Casamento

No Antigo Testamento

O casamento é instituído na recomendação de Gn 1:28 que diz: “frutificai e multiplicai-vos, e enchei a terra, e sujeitai-a; e dominai sobre os peixes do mar e sobre as aves dos céus, e sobre todo o animal que se move sobre a terra”. E confirmado pelo diagnóstico divino ao dizer que “não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma auxiliadora que lhe seja idônea” (Gn 2:18).

Como parte da criação, o casamento também é classificado como “muito bom” (Gn 1:28, 31). Contrário a idéia de ser pecaminosa, a relação sexual ratifica o compromisso do casamento, proporciona prazer e participa juntamente com Deus da perpetuidade da vida.

A expressão “e serão uma só carne” (Gn 2:24) denota uma relação etimológica com a afirmação de que “há um só Deus” (Dt 6:4). O uso de *ehad* para a união matrimonial indica que o homem e a mulher, unidos por laços de amor e fidelidade no matrimônio, exemplificam a plenitude da imagem de Deus no seio da humanidade, segundo o Seu plano estabelecido na criação.

Nos Ensinos de Jesus

Questionado pelos fariseus sobre o casamento (Mt 19:3-12; Mc 10:2-12 e Lc 16:18), Jesus usa o evento da criação para solucionar o problema como visto nessas

palavras: “não tendes lido [na lei e nos profetas] que o Criador, desde o princípio, os fez homem e mulher e que disse: Por esta causa deixará o homem pai e mãe e se unirá a sua mulher, tornando-se os dois uma só carne?” (Mt 19:4; Mc 10:6-9). Com essa citação de Gn 2:24, Ele põe fim ao debate, validando o matrimônio como instituição divina. Jesus usa a lei e o evento da criação como base na discussão com os fariseus.

Nos Escritos de Paulo¹

Paulo, em suas cartas, procurou tratar de questões familiares e matrimoniais. Em Romanos 7:2, antes de classificar a lei como “boa”, Paulo reafirma a vigência da mesma ao dizer que a “mulher está sujeita ao marido... pela lei”. Ao aconselhar os maridos e as mulheres da igreja de Éfeso (Ef 5:22-33), o apóstolo menciona o relato da criação para solucionar o problema e ratificar o compromisso matrimonial. Ele traça um paralelo entre o marido e Cristo, a mulher e a igreja. O homem deveria amar a mulher assim como Cristo ama a igreja (vs. 25), por sua vez, a mulher deveria se submeter ao marido “como ao Senhor” (vs. 22). Quando cita Gn 2:24, Paulo aponta o modelo da criação como parâmetro, enfatizando também o princípio do amor que deve prevalecer no casamento a exemplo do relacionamento que Cristo mantém com Sua igreja.

Não diretamente ligados à compreensão do nosso texto, existem outras duas passagens na primeira carta a Timóteo que abordam a questão do matrimônio. No capítulo 3, verso 12, Paulo reafirma o plano monogâmico do casamento ao considerar este um critério para a ordenação do diácono, e em 5:14, o apóstolo recomenda o casamento às viúvas mais novas a fim de assumirem o papel da mulher no lar.

¹ Para a discussão desse tema em 1Co 7 e Hb 13, ver *infra.*, 22 e 23.

A Sã Doutrina

A compreensão do nosso texto (1Tm 4:4) exige uma abordagem da problemática enfrentada por Paulo sobre as falsas doutrinas. Em suas cartas, o apóstolo busca prevenir os crentes contra a apostasia provocada por essas falsas doutrinas que causavam desordem na igreja.

Na epístola aos Efésios, Paulo expressa preocupação com a maturidade espiritual dos santos nas seguintes palavras: “para que não mais sejamos como meninos, agitados de um lado para outro e levados ao redor por todo vento de doutrina, pela artimanha dos homens, pela astúcia com que induzem ao erro” (4:14). Paulo está se referindo a falsa piedade condenada em 1Tm, que para ele não passa de “vento de doutrina”. A carta aos Colossenses traz uma advertência à igreja para não se “enganar com raciocínios falazes” (2:4) e que “tome cuidado [para] que ninguém os enrede com suas filosofias e vãs sutilezas, conforme a tradição dos homens, conforme os rudimentos do mundo e não segundo Cristo” (vs. 8).

Notamos ranços de distorções doutrinárias e risco de apostasia em outras partes do Novo Testamento também. A segunda Epístola de Pedro previne os crentes a não “serem arrastados pelo erro desses insubordinados” (2Pe 3:17) que deturpam as Escrituras (vs. 16) e aquilo que “o amado irmão Paulo escreveu” (vs. 15).

Os problemas doutrinários são combatidos por Paulo com o que ele chama de “boa doutrina”, fundamentada unicamente na Palavra de Deus (1Tm 4:6; Tt 1:9; 2:1). O contraste feito por ele no início da primeira carta a Timóteo, entre as falsas doutrinas e o evangelho da graça (ilustrado em sua experiência [vss. 12-16]), mostram a caráter da doutrina verdadeira, que é a lei (vs. 8) unida ao evangelho (vss. 14-16). A sã doutrina é a

união entre esses dois elementos – lei e evangelho. Em 1Tm 4:6, ele a classifica como “boa”, e constantemente exorta Timóteo que se apóie na Palavra (4:9, 16; 6:3).

“Outra doutrina” não passa de um mau uso da lei e do evangelho. Ao invés de apontar o pecado (1Tm 1:9) e conduzir a Cristo (vs. 14), a lei é usada para promover uma espécie de aperfeiçoamento meritório (como propagado pelas práticas ascéticas [1Tm 4:3]), excluindo a necessidade de Cristo, que é a essência do evangelho. Paulo repudia tais “fábulas”, “doutrinas”, “filosofias” por usarem a lei de maneira e com propósitos errados.

Conclusão Parcial

A palavra no contexto do verso apresenta a dieta e o casamento como parte integrante da criação e alvo do parecer de Deus em relação à Sua própria obra. O “tudo” de 1Tm 4:4 está em franco paralelo ao de Gn 1:31, etimológica e tematicamente. A afirmação de Paulo de que “tudo que Deus criou é bom” fez-se necessária devido a heresia pietista de proibir o que Deus havia dado para ser recebido. Essa “filosofia” é combatida por Paulo com severidade. Ele a contrasta com a Palavra de Deus, o bom uso da lei e o relato da criação.

Tanto Jesus quanto Paulo usam a lei e o relato da criação como base para repudiar as tradições e ensinamentos humanos não-bíblicos. Para eles, o plano estabelecido na criação corresponde ao verdadeiro paradigma, devendo ser imitado e considerado realmente “bom”.

CAPÍTULO VI

TEOLOGIA

Feita a análise textual e abordado os seus problemas, buscaremos aqui refletir sobre as implicações e descobertas feitas ao longo da pesquisa para a teologia bíblica. Nos posicionaremos a partir dos dados encontrados no texto, em relação às diferentes interpretações apresentadas no primeiro capítulo.

Crítica

Uma corrente de pensamento existente no primeiro século, considerada por Paulo como “vã sutileza”, se fundia facilmente com a religião. Podendo ser chamada de “pré-gnosticismo”, caracterizava-se pelo aperfeiçoamento da alma através de práticas ascéticas. O corpo é mau e não deve ter os desejos atendidos. Por isso a obrigatoriedade em abster-se de alimentos e do casamento. Vestido de piedade, essa “corrente” fazia um mau uso da lei ao proibir coisas que a lei considerava apropriada. O reflexo dessas exigências consistia no aperfeiçoamento através de obras e penitências, contrário a “sã doutrina”, que tem por base a justificação pela fé.

Ao tratar desse assunto, Paulo afirma que “tudo que Deus criou é bom e deve ser recebido com ações de graça”. Alguns teólogos, baseados nessa declaração sustentam a idéia de que todos os alimentos são bons por terem sido criados por Deus, não havendo

motivos para não serem utilizados. De fato, todos os alimentos são bons para o uso. A questão é o que Deus considera como alimento, pois nem tudo que é possível comer é considerado pelo Criador como próprio à alimentação, haja vista que Ele mesmo determinou a dieta (Gn 1:29).

Outros comentaristas bíblicos afirmam que a oração tem o poder de santificar o alimento. Aceitar isso é não levar em conta que a santificação ou qualificação do alimento é condicionada, como o próprio texto diz: pela “palavra de Deus” (1Tm 4:5). A oração nesse contexto assume apenas o papel de expressar gratidão a algo santificado pela Palavra. Uma atitude humana não pode mudar um princípio ou lei divina. Seria contraditório rogar pela santificação de algo contrário a uma revelação divina já existente. Logo, o papel que a oração assume na refeição é simplesmente uma atitude de gratidão, não mudando essencialmente o “alimento”.

Uma outra linha de pensamento afirma ter sido a lei abolida, não havendo mais restrições quanto ao uso de alimentos. Estes desconsideram o fato de que a lei não é anulada pela fé em Cristo; antes é confirmada por Sua morte. Paulo afirma que ele não conheceria pecado sem a permanência da lei (Rm 7:7). A Carta aos Hebreus se refere à permanência dos Dez Mandamentos na exortação à pureza matrimonial (Hb 13:3). A carta de Tiago chama a atenção para os Dez Mandamentos como o padrão do juízo citando o sétimo e o sexto mandamento como exemplos da “lei da liberdade” (Tg 2:10-12). No início da primeira carta a Timóteo Paulo menciona o mau uso da lei, condenando a heresia e a hipocrisia. Se a lei não estivesse mais em vigor, como alguns destes teólogos sugerem, o apóstolo não se preocuparia em corrigir suas más interpretações. A Bíblia mantém a lei como padrão perfeito da vontade de Deus, e foi a ela (lei) que Jesus recorreu ao debater com os fariseus e Paulo ao trabalhar pela conservação da igreja apostólica.

Reflexão

O bem-estar da igreja depende da unidade doutrinária, e essa, do fundamento que a sustém – as Escrituras Sagradas. Em suas cartas, Paulo demonstra cuidado especial em prevenir os crentes contra as falsas doutrinas. O apóstolo repudia as vãs filosofias que se misturam com a verdade comprometendo suas bases. Para ele, a “boa doutrina” é aquela firmada na Palavra revelada de Deus.

Os alimentos e o casamento protagonizaram algumas discussões na igreja apostólica. Ao tratá-las, Paulo, buscava exaltar o princípio de que tudo deve ser feito para a glória de Deus, que o testemunho é dado em cada ação do crente e o zelo que os mais experientes na fé devem ter para com os mais fracos. O apóstolo não negava as permissões de Deus, mas, buscava levar o crente a ver a conveniência de seus atos.

A alimentação e o casamento encontram seu paradigma na criação. Ambos foram recomendados especificamente no relato de Gênesis. O bom é aquilo que Deus considera bom. Todavia, com a entrada do pecado, alguns ajustes foram feitos. Deus amplia a dieta ao permitir a “erva do campo” e o uso da carne, daí a necessidade de instituir normas para essa ampliação alimentar. Quanto ao casamento, Deus reconhece duas possibilidades para o divórcio – morte e adultério.

CONCLUSÃO

Começamos com uma revisão de literatura, e descobrimos que os autores se dividem em cinco grupos. Primeiro, aqueles que colocam os alimentos como sendo bons intrinsecamente; segundo, os que consideram o alimento como santificado através da oração; terceiro, em complemento à posição anterior, os que defendem a santificação do alimento pela oração do justo; quarto, os que dizem que a lei que determinava isso, foi abolida; e finalmente, os autores que defendem a idéia da alimentação ser regida pela Palavra de Deus.

Delimitamos nossa perícopes como se enquadrando em I Tm 4:1 – 5.

Analizamos o texto da perícopes, notando a inexistência de variantes textuais. Apresentamos uma tradução do texto da perícopes. O seu contexto indica que a questão em debate deveria ser compreendida no âmbito do relato da criação, na Bíblia, e o uso do adjetivo “bom” dentro desse relato.

Analizamos o contexto geral e específico, apresentamos o autor como Paulo, escrevendo a carta antes do aprisionamento e execução em Roma, por volta do ano 60 da nossa era. O objetivo primário da carta a Timóteo era aconselhar o jovem pastor em questões pertinentes a sua função ministerial, principalmente a apostasia. As doutrinas condenadas por Paulo torciam a lei fazendo um uso errado dela. Vestida numa

espécie de “pré-gnosticismo”, essas doutrinas defendiam a autopurificação através de penitências. Abstinham-se de muitas coisas, entre elas o alimento e o casamento, na busca do aperfeiçoamento.

Determinamos o gênero literário como *carta pastoral*, a forma literária como *conselho contra a apostasia*, a estrutura do livro e da perícopes e as figuras de linguagem encontradas nela. Verificamos que o tema central da perícopes é a falsa doutrina da autopurificação pela abstinência de alimentos e rejeição do casamento em contraste a qualificação de Paulo ao dizer que “tudo que Deus criou ‘bom’”.

Fizemos uma análise léxico-sintático e temático. Vimos que Paulo utiliza o adjetivo “bom” dentro do contexto da criação de Deus em Gênesis, e aos Seus propósitos originais. O “tudo” utilizado por Paulo em 1Tm 4:4 está em paralelo com o “tudo” de Gn 1:31, sendo aplicado diretamente à criação perfeita, obras das mãos do Criador, excluindo uma aplicação generalizada fora do propósito original. A preferência da LXX por *καλος* em Gn 1:31 explica o uso de Paulo pela palavra em 1Tm 4:4, quando normalmente se empregaria a palavra *αγαθος*. Ao condenar a apostasia, Paulo exalta a verdade, que é a Palavra de Deus. O apóstolo qualifica a lei como “boa” logo após referir-se a criação. Ambos, a criação e a lei, determinam o plano de Deus tanto em relação aos alimentos quanto ao casamento abarcando o que foi estabelecido antes e depois do pecado. Os ensinamentos gerais mostram que textos como o de At 10, Rm 14 e 1Co 7, 8, 10 buscavam essencialmente a unidade e o crescimento da igreja e em nada aboliam as recomendações de Deus quanto aos alimentos e ao matrimônio. Nos debates de Jesus com os fariseus, Jesus não invalida a lei, mas a tradição. Tanto Jesus quanto Paulo volveram à criação na busca

de solução aos debates, não desconsiderando, todavia, as permissões de Deus após o pecado, que ampliavam as propostas originais.

Terminamos contrastando as diferentes interpretações do texto com as descobertas feitas ao longo da pesquisa, a ponto de respondermos: “Seriam todos os alimentos bons em si?” Não, porque sua qualidade está ligada não só a criação, mas também ao propósito. “Poderia o alimento ser santificado pela oração?” Não, pois não pode haver discordância entre o pedido e a revelação divina já existente. “Estaria a lei abolida, liberando o uso de qualquer alimento?” Não, pois Tanto Jesus quanto Paulo usam a lei e o relato da criação como base para repudiar as tradições e ensinamentos humanos não-bíblicos. “A dieta ‘boa’ seria então a estabelecida na criação?” Esta é a conclusão geral desta pesquisa – o bom está condicionado ao propósito original de Deus estabelecido e avaliado por Ele mesmo na criação, havendo na lei uma adaptação devido a entrada do pecado.

BIBLIOGRAFIA

- Aland, Kurt. *The Greek New Testament*. 4ª edição. Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans, 1989.
- Apolinário, Pedro. *Explicação de Textos Difíceis da Bíblia*. 4ª edição. Santo Amaro, SP: Editora Universitária Adventista IAE, 1990.
- Bíblia de Estudo Almeida*, Revista e Atualizada 2ª edição. Traduzido por João Ferreira de Almeida. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.
- Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Edições Paulinas, 1973.
- Bíblia Sagrada Edição Pastoral*. Editores: Ivo Storniolo e Euclides Martins Balancin. São Paulo: Sociedade Bíblica Católica Internacional e Edições Paulinas, 1989.
- Bíblia Tradução Ecumênica*. Traduzido por Gabriel C. Galache. São Paulo: Edições Loyola, 1988.
- Brown, Colin. *O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. Traduzido por Gordon Chown. 3 vols. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 2000.
- Bruce, F. F. *International Bible Commentary*. 2ª edição. Grand Rapids, MI: Englands and Zondervan Publishing House, 1986.
- Bullinger, Ethelbert W. *Diccionario de Figures de Dicción usadas en la Biblia*. Barcelona: CLIE, 1990.
- Buttrick, G. A., ed. *Interpreter's Bible*. 12 vols. Nova Iorque: Abingdon, 1954.
- Champlin, Russel Norman. *O Novo Testamento Interpretado – versículo por versículo*. 6 vols. 4ª edição. São Paulo: Editora Candeia, 1996.
- Clarke, Adam., ed. *Comentario de La Santa Biblia*. 3 vols. Kansas City, MS: Casa Nazarena de Publicaciones, 1976.
- Concordância Fiel do Novo Testamento*. São José dos Campos, SP: Editora Fiel da Missão Evangélica Literária, 1994.

- Davidson, Francis. *O novo comentário da Bíblia*, 3ª edição. Traduzido por Russel P. Shedd. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1995.
- Dibelius, Martin. *Hermeneia – A Critical and Historical Commentary on the Bible*. 4ª edição. Philadelphia: Fortress Press, 1984.
- Dockery, David S. *Manual bíblico Vida Nova*. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 2001.
- Earle, Ralph., ed. *Romans, I & II Corinthians, Galatians, Ephesians, Philippians, Colossians, I & II Tesselonians, I & II Timothy, Titus, Philemon, The Wesleyan Bible Commentary*, 2ª edição. 6 vols. Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans Publishing Company, 1971.
- Enciclopedia de la Biblia*. 6 vols. Barcelona: Ediciones Garriga, 1963.
- Fee, Gordon D. *Novo Comentário Bíblico Contemporâneo – I e II Timóteo*. São Paulo: Editora Vida, 1994.
- Fee, Gordon D. e Douglas Stuart. *Entende o que Lês? Um guia para entender a Bíblia com o auxílio da exegese e da hermenêutica*. Traduzido por Gordon Chown. São Paulo: Sociedade Bíblica Religiosa Edições Vida Nova, 1991.
- Gaebelein, Frank E., ed. *The Expositor's Bible Commentary Ephesians – Philemon*. 12 vols. Grand Rapids, MI: Zondervan Publishing, 1978.
- Halley, Henry H. *Manual bíblico*. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1994.
- Harrison, Everett F., ed. *The Wycliffe Bible Commentary*. 4ª edição. Chicago: Moody Press, 1968.
- Hughes, Philip. *Síntesis de Historia de La Iglesia*. Barcelona: Editorial Herder, 1963.
- J. B. Cranfill., ed. *Las Epistolas Pastorales del Apostol Pablo, I y II de Pedro, Judas, I, II y III de Juan, Una Interpretación de la Biblia*. 6 vols. Traduzido por Sara A. Hale. El Paso, TX: Casa Bautista de Publicaciones, 1966.
- Kelly, John N. *I e II Timóteo e Tito – Introdução e Comentário*. Traduzido por Gordon Chown. Série Cultura Bíblica. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1983.
- Lenski R. C. H., ed. *The Interpretation of St. Paul's Epistles to the Colossians, to the Tesselonians, to Timothy, to Titus and to Philemon*. 12 vols. Minneapolis, MN: Augsburg Publishing House, 1946.
- Leon Morris. *Introdução ao Novo Testamento*. Traduzido por Márcio Loureiro Redondo. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1997.

- Marshall, Howard., ed. *The Pastoral Epistles, A Commentary on the Greek Text*. 7 vols. Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans Publishing Company, 1992.
- Meyer, F. B. *Comentário Bíblico Devocional*. Venda Nova, MG: Editora Betânia, 1992.
- Newman, Barclay M. Jr, *A Concise Greek-English Dictionary of the New Testament*. Suttgart, Alemanha: Deutsche Bibelgesellschaft German Bible Society, 1993.
- Nichol, Francis D., ed. *Comentário bíblico Adventista del 7º Dia*. 7 vols. Traduzido por Victor E. Ampuero Matta. Boise, Idaho: Pacific Press Publishing Association, 1978-1990.
- Nicola, José. *Gramática Contemporânea da Língua Portuguesa*. 8ª edição. São Paulo: Editora Scipione, 1992.
- Poole, Matthew. *Matthew – Revelation, A Commentary on the Holy Bible*. 2ª edições. 3 vols. Carlisle, PN: The Banner of Truth Trust, 1975.
- Robertson, Archibald T. *Word Pictures in the New Testament*. 7 vols. Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1931.
- Schaeffer, Francis A. *Gênesis in Space and Time*. Downer's Grove, IL: Intervarsity, 1972.

TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO

O ANTIBAGISMO NA METODOLOGIA DE EVANGELIZAÇÃO PÚBLICA ADVENTISTA

Ademar da Mata Porto Baesso e Valmir Freitas de Lima

Bacharel em Teologia pelo Unasp, Campus Engenheiro Coelho, SP.

TCC apresentado em novembro de 2004

Orientador: José Miranda Rocha, D.Min.

RESUMO: O curso *Como Deixar de Fumar em Cinco Dias*, realizado há décadas no Brasil pela Igreja Adventista do Sétimo Dia, é amplamente conhecido dentro e fora da comunidade adventista. Contudo, percebe-se que em algumas localidades ele tem fugido do seu propósito original: o evangelismo. É fato que o curso tem uma contribuição temporal, já que melhora a qualidade de vida da comunidade, mas como aplicá-lo de modo que tenha um alcance social e espiritual? Esse estudo visa analisar as possibilidades para que o programa não seja apenas um curso relacionado à saúde, mas um recurso que desperte nos fumantes o desejo de estudar a Bíblia.

PALAVRAS-CHAVE: evangelismo, tabagismo, curso, Igreja Adventista.

Antismoking action in the adventist public evangelism methodology

ABSTRACT: The program of *How to Stop Smoking in Five Days*, implemented for many decades in Brazil by the Seventh-day Adventist Church, is well known inside and outside the Adventist circles. However, in some places it has been used outside its original purpose: the evangelism. It is true that this program has temporal contribution, since it helps to improve the quality of life of the community at large, but to implement such a program in a way that it may have a social and spiritual impact? This study aims to analyze the possibilities that this program may be implemented in such a way that it will not be only a health related program, but that it may be also a way to awake among smokers the desire to study the Bible.

KEYWORDS: evangelism, tobacco, program, Adventist Church.

Faculdade Adventista de Teologia
Centro Universitário Adventista de São Paulo
Campus Engenheiro Coelho

O CURSO COMO DEIXAR DE FUMAR EM CINCO DIAS NA ABORDAGEM
METODOLÓGICA DE EVANGELIZAÇÃO PÚBLICA DA IASD

Trabalho de Conclusão de Curso
Apresentado em Cumprimento Parcial
dos Requisitos para o Título de
Bacharel em Teologia

por

Ademar da Mata Porto Baesso e
Valmir Freitas de Lima

Novembro de 2004

**O CURSO COMO DEIXAR DE FUMAR EM CINCO DIAS NA ABORDAGEM
METODOLÓGICA DE EVANGELIZAÇÃO PÚBLICA DA IASD**

Trabalho de Conclusão de Curso
Apresentado em Cumprimento Parcial
Dos Requisitos para o Título de
Bacharel em Teologia

Por

Ademar da Mata Porto Baesso e

Valmir Freitas de Lima

COMISSÃO DE APROVAÇÃO:

Orientador
José Miranda Rocha
Professor de Teologia Aplicada

Avaliação

Wilson Paroschi
Professor de Teologia Bíblica
Leitor Externo

Data da Aprovação

Amim A. Rodor
Diretor da Faculdade Adventista de Teologia

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
Definição do Problema	1
Objetivos	1
Justificativa.....	2
Delimitação.....	2
Definição de Termos	2
Metodologia.....	3
Organização do Assunto.....	3
Capítulos	
I. HISTÓRICO DO CURSO COMO DEIXAR DE FUMAR EM CINCO DIAS.....	4
O Hábito de Fumar	4
Origem	4
Malefícios do Fumo	5
Combate ao Hábito de Fumar.....	8
Combate ao Hábito do Fumo na Igreja.....	8
Implantação do Curso no Brasil.....	15
Outros Métodos Utilizados contra o Hábito de Fumar	16
II. O CURSO COMO DEIXAR DE FUMAR E O EVANGELISMO.....	20
Adventismo, Pioneiro no Combate ao Tabagismo	20
Meio de Transição Eficaz	21
Surgimento de Grandes Campanhas Anti-Tabágicas	22
A disposição do Brasileiro em Abandonar o Hábito	24
Curso Como Deixar de Fumar nas Igrejas Locais.....	26
Como Obter Êxito.....	30

III. “O CURSO COMO DEIXAR DE FUMAR EM CINCO DIAS”	33
Plano de Ação Anterior ao Curso	33
Programação Geral do Curso.....	35
Formação da Plataforma.....	35
Materiais que Serão Úteis para um Curso Eficaz	36
Planejamento Evangelístico.....	38
Ambiente do Programa.....	38
Atitude do Auditório	38
Atitude Mental na Abertura do Curso	39
CONCLUSÃO.....	40
ANEXOS.....	42
Anexo I - Propaganda e Materiais do Curso.....	42
Anexo II - Algumas Doenças Provocadas pelo Cigarro	45
Anexo III - Questionário Aplicado na Pesquisa de Campo	46
Anexo IV - Questionário Aplicado na Pesquisa com Especialistas no Assunto	47
BIBLIOGRAFIA.....	50

INTRODUÇÃO

Definição do Problema

O “Curso Como Deixar de Fumar em Cinco Dias”¹ é amplamente conhecido entre os Adventistas do Sétimo Dia² e também fora de seu meio³. Mas afinal, qual é realmente o objetivo da aplicação deste curso por parte de nossa Igreja? Estão as igrejas fazendo uso deste curso para benefício da sociedade onde estão inseridas? Será que o curso “CDFCD”, muitas vezes, não é usado somente com o único objetivo de libertar as pessoas do vício físico, esquecendo-se a Igreja do fim maior que é a libertação espiritual? Como aplicar o curso de modo a alcançar os dois objetivos?

Objetivos

O objetivo desse estudo é analisar as possibilidades para que o curso “CDFCD” não seja apenas um curso relacionado à saúde, mas, sim, uma abertura efetiva para o estudo da Palavra de Deus. A perfeita integração entre o curso e o evangelismo é importantíssima para que o trabalho alcance o seu objetivo evangelístico.

¹Daqui em diante será usado a sigla “CDFCD” para nomear “Como Deixar de Fumar em Cinco Dias”.

²Daqui em diante será usado a sigla IASD para nomear Igreja Adventista do Sétimo Dia.

³Gilles Lepoutre, “Cinco dias para deixar de fumar” *Seleções do Readers Digest*, Março de 1973, 87-91.

Justificativa

A IASD, da qual fazem parte os pesquisadores, não possui dados históricos do curso “CDFCD” no Brasil, para fins evangelísticos. Devido à escassez de informações agrupadas, estamos realizando uma pesquisa mais detalhada do assunto proposto.

Delimitação

O estudo está limitado ao curso “CDFCD” na abordagem metodológica de evangelização pública para início do evangelismo local. Não serão tratados contudo, assuntos de como se produz o vício e apenas superficialmente como item de esclarecimento. O foco da pesquisa não estuda o tema evangelismo e seus diversos métodos.

Definição de Termos

Associação: Subdivisão administrativa da IASD que abrange um determinado grupo de distritos pastorais.

Associação Geral: Sede administrativa mundial da IASD.

Campo(s): Área que é abrangida pela administração de uma associação.

Departamental: Promotor responsável por um ministério ou serviço organizado em departamento à frente de trabalho ao nível de Missão ou Associação e demais níveis administrativos da IASD.

Distrito: Grupo de igrejas administrado por um pastor distrital.

Evangelismo Público: Atividade proselitista de cunho religioso, cultural e de apoio social, numa determinada região ou parte de uma cidade. Todo trabalho se concentra na pregação pública das verdades bíblicas e de todo o trabalho de apoio necessário para o

sucesso do empreendimento.

União: Nível administrativo da IASD responsável pela supervisão e organização de diversas Associações.

Igreja: Dependendo do contexto, igreja pode ter um significado geral como comunidade universal, ou pode significar uma comunidade local, chamada comumente de igreja.

Metodologia

A metodologia a ser usada é descritiva, valendo-se de contribuições de autores renomados que não apenas falam de teorias, mas que também vivenciaram a prática do curso. Serão realizadas pesquisas pela Internet, nos periódicos oficiais da igreja, nas obras da escritora Ellen G. White e pesquisa qualitativa¹ e entrevistas com especialistas no assunto.

Organização do Assunto

O trabalho está dividido em três capítulos principais. O capítulo I relata uma breve história do curso “CDFCD” no Brasil. O capítulo II aborda o curso “CDFCD” em relação à campanha de evangelização. O capítulo III descreve um programa geral do curso “CDFCD”, com base em materiais bibliográficos. Nos anexos estarão disponíveis alguns materiais de apoio.

¹Veja no Anexo III, o modelo do questionário usado para esta pesquisa.

CAPÍTULO I

BREVE HISTÓRICO DO CURSO COMO DEIXAR DE FUMAR

Neste capítulo a ênfase está no curso “CDFCD” propriamente dito, mas que na primeira parte o capítulo discorre sobre as origens do hábito de fumar e a progressiva conscientização de seus malefícios, tanto fora como dentro da igreja.

O Hábito de fumar

Origem

O hábito de fumar surgiu com o ato de enrolar folhas da planta que se fuma, denominadas tobagos, termo que deu origem ao nome *tabaco*¹. Esta é uma planta *herbácea*, pertencente à família das *solanáceas*. À esta família também pertencem o tomate, a batata, a berinjela e o pimentão. Todas estas plantas fazem parte do gênero *nicotiana*, designação esta dada pelo famoso historiador Lineu em homenagem a Jean Nicot, embaixador da França em Lisboa, e a quem se atribui a introdução do fumo na Europa²

¹Edward M. Berger, *Escravos do século XX* (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1967), 23-24.

²Robert Fulton, *Enciclopédia Britânica do Brasil* (São Paulo: Editora Melhoramentos, 1997), 6: 462.

Quando Colombo e outros exploradores vieram para as Américas nos séculos XV e XVI, já encontraram o uso do fumo como um hábito bastante difundido entre os nativos que ali habitavam. Não se sabe ao certo quanto tempo fazia que estava sendo utilizado. Logo, o tabaco foi levado para a Europa e, mais tarde, se espalhou por todos os cantos e recantos do mundo¹.

Em 1832, provavelmente, foi fabricado o primeiro cigarro, durante uma batalha entre os egípcios e turcos. O primeiro cigarro fabricado mecanicamente, começou a ser industrializado em maio de 1870, nos Estados Unidos².

Malefícios do Fumo

A OMS³ afirma que o hábito de fumar deve ser considerado uma pandemia, ou seja, uma epidemia generalizada, e como tal precisa ser combatido. Atualmente, morrem no mundo três milhões de fumantes por ano em consequência das doenças que o tabaco provoca. No Brasil estima-se 80 a 100 mil óbitos anuais relacionados ao fumo. O cigarro mata mais que a cocaína, heroína, álcool, incêndios, suicídios e AIDS juntos¹. É responsável por 80% a 90% das mortes por câncer do pulmão, 80% das bronquites crônicas e enfisemas pulmonares e 30% dos infartos do coração. Aumenta o risco de câncer da boca, da laringe, do esôfago, estômago, pâncreas, rim e bexiga e de derrames

¹George Thomason, *Inimigos da humanidade* (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, s/d), 80.

²João Batista da Costa, *O fumo no banco dos réus* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1987), 19-20.

³OMS: Organização Mundial da Saúde.

do sistema nervoso central e aneurismas da aorta e abdome. Por diminuir as defesas orgânicas, o tabagismo também aumenta o risco de contrair doenças infecciosas, como tuberculose e gripe².

Até mesmo um só cigarro por dia é prejudicial. O filtro dos cigarros retém apenas parte de algumas substâncias tóxicas. Os chamados cigarros com baixo teor de nicotina e alcatrão são também nocivos. Os tabagistas, para absorverem a dose de nicotina exigida pela dependência orgânica, tragam esses cigarros mais vezes e mais profunda e demoradamente. Com isso os usuários ainda absorvem maiores quantidades dos elementos tóxicos. Não há cigarro que não seja prejudicial³. O único cigarro que não faz mal é aquele que não se fuma.

O fumo encerra milhares de substâncias tóxicas, além da nicotina. Já foram identificadas no cigarro mais de 4.720 substâncias. Conforme a qualidade do tabaco e a maneira de tragar, inala-se aproximadamente de 2.000 a 2.500 dessas substâncias. Em média, traga-se até dez vezes um cigarro. Após uma tragada, a nicotina chega ao cérebro em 7 segundos. Quem fuma um maço de cigarros por dia, sofre, portanto, 200 impactos cerebrais de nicotina, totalizando 73.000 mil impactos por ano. Nenhuma outra droga age com esse volume e intensidade, provocando vários malefícios e lesando

¹Ministério da Saúde. Secretaria Nacional de Ações Básicas. Instituto Nacional do Câncer. *Falando Sobre Tabagismo*. 3^a ed. (Rio de Janeiro: INCA, 1988), 1: 78.

²Ibid.

³Ibid.

praticamente todos os órgãos do corpo humano¹. Afinal, as instituições médico-científicas e órgãos internacionais de saúde, ante as provas científicas irrefutáveis, fizeram declarações incisivas de que a nicotina é droga psicoativa responsável pela dependência químico-física. A Associação Americana de Psiquiatria, nos seus manuais publicados de 1980 a 1994, declarou a dependência da nicotina como sendo uma “desordem mental de uso de substância psicoativa”². A OMS, em 1992, na Classificação Internacional de Doenças incluiu a tabaco³.

Em 1992, a diretora geral desse órgão internacional de saúde, Dra. Gro Brudtland, declarou: “O cigarro não deveria ser visto como um produto, mas como um pacote. O produto é a nicotina. Pense no cigarro como um distribuidor de uma dose de nicotina. Pense na tragada como o veículo da nicotina”⁴.

Também fizeram declarações oficiais sobre a nicotina como droga psicoativa causadora de dependência instituições científicas de renome internacional como a Associação Americana de Psicologia (1988), a Sociedade Real do Canadá (1988), a

¹Almeida Coutinho, “Prevalência de consumo de bebidas alcoólicas e de tabagismo em uma região metropolitana do Brasil”, *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, 1993, 23-29.

²American Psychiatric Association, *Diagnostic and statistical manual of mental disorders*. DSM IV. 4th ed. (Washington DC: American Psychiatric Association, 1994), 5.

³World Health Organization, “International statistical classification of diseases and related problems”. Material apostilado da UNIG (Genebra: 1992), 18

⁴Ibid.

Associação Médica Americana (1993), e o Conselho Britânico de Pesquisas Médicas (1994)¹.

Cada vez que a nicotina chega ao cérebro provoca a liberação de grande quantidade de hormônios, muitos psicoativos. Os receptores específicos cerebrais que reconhecem a nicotina exigem, com o decorrer do tempo, quantidade cada vez maior da droga para dar o mesmo nível de resposta. É a nicotino-dependência, cujo tempo de instalação varia conforme os organismos e a quantidade de cigarros diariamente consumidos. Dos adolescentes e jovens que se iniciam no tabagismo, quando chegam aos 19 anos, 90% tornam-se nicotino-dependentes².

Combate ao Hábito de Fumar

O combate a esse hábito nocivo iniciou-se por volta do século XVI, na Europa. Alguns países como a Turquia, Pérsia, China, Rússia e outros utilizaram leis despóticas para punir os que fossem apanhados em flagrante. Na Espanha a inquisição prendeu em um cárcere (Jeres) a primeira vítima da consequência deste hábito pernicioso. O Papa Urbano VII ordenou a excomunhão dos fumantes em todas as partes do mundo³. Quando a filosofia antifumo atingiu a América, os seus divulgadores e defensores encontraram na IASD fortes aliados.

¹Medical Research Council, *Field Review of Drug Dependence* (London: Medical Research Council, 1994), 11.

²Machado Neto, “*Tabagismo em amostra de adolescentes escolares*”. *Jornal de Pneumatologia*. vol, 29(São Paulo: Universidade Federal de São Paulo, 2003), 5:264

³Ibid., 18-19.

Combate ao Hábito do Fumo na Igreja¹

Desde o início da IASD, a saúde tem sido uma parte importante de seus ensinamentos. Embora geralmente o termo “temperança” se refira à abstenção de bebidas alcoólicas, para os Adventistas, ela tem tido um significado mais amplo. Segundo o dicionário Houaiss, “temperança” significa: qualidade ou virtude de quem é moderado, comedido². Conforme a escritora Ellen G. White: “A verdadeira temperança nos ensina a abster-nos inteiramente do que é prejudicial, e usar judiciosamente apenas artigos de alimentação saudáveis e nutritivos”³.

Infelizmente, muitos têm igualado a temperança com a intemperança. Temperança é, de fato, oposto ao álcool, fumo ou qualquer dessas dependências. Temperança, significando domínio próprio, é o fundamento espiritual para a vida restaurada e mantida pelo Espírito Santo (Gál 5:22, 23).

Temperança afigura-se como uma vida de vitória sobre qualquer prática aviltante. Faz com que o crente tenha uma distinta separação de todos os enganos da idolatria, luxúria e orgulho (II Cor. 6:14-18), tornando o corpo um templo vivo de dedicação a Deus. Portanto, Ellen G. White escreveu em 1874: “Essa temperança unicamente é o fundamento de todas as graças que vêm de Deus, de todas as vitórias a

¹Don F. Neufeld, ed. *Commentary Book Series: Seventh Day Adventist Encyclopedia*. (Washington, DC: Review and Herald, 2000), 1466-1468.

²Antonio Houaiss, “*Temperança*”, *Houaiss dicionário da língua portuguesa a* (RJ: Editora Objetiva, 2001), 427.

³Ellen G. White, *Temperança* (Tatuí: SP; Casa Publicadora Brasileira, 1989), 2.

serem ganhas”¹. Em contraste, ela escreveu: “A intemperança jaz à base de todo o mal em nosso mundo”².

O fumo, com seus devastadores efeitos sobre o indivíduo e sobre a sociedade, foi desde cedo reconhecido pela IASD como contrário ao desenvolvimento da fé e experiência cristã. José Bates, um dos pioneiros do adventismo moderno, foi o fundador da sociedade de temperança, e deixou o álcool e o fumo muitos anos antes de sua associação com o desenvolvimento da IASD³.

Outros pioneiros, como Tiago White e John Andrews, nunca tiveram o vício do álcool ou do fumo. John Loughborough, que começou a fumar charutos por recomendação de seu médico como um meio de amainar a dor de uma certa infecção, abandonou o vício na véspera de sua conversão, jogando parte de um charuto que fumava num rio. José Waggoner parou de fumar quando se tornou Adventista do Sétimo Dia⁴.

Em 1870, Tiago White lembrou que “há 22 anos (1848) do outubro corrente, nossa mente foi chamada para os efeitos deletérios do fumo, chá e café, através do testemunho da Sra. White”⁵.

Três anos mais tarde, no dia 14 de dezembro de 1851, Ellen G. White respondeu a questão de ser errado “o uso do fumo” nos seguintes termos:

¹Ibid., 201.

²Ibid., 165

³Neufeld, Don F, 1466.

⁴Ibid., 280.

⁵Thiago White, “Efeitos deletérios”, *Review and Herald*, 8 de Novembro de 1870, 4.

“Vi em visão que o fumo é uma praga imunda e que deve ser abandonado. Disse meu anjo instrutor. Se este for um ídolo, é tempo de ser abandonado, e, a menos que assim o seja, o desagrado de Deus estará sobre o que o usar, e este não poderá ser selado com o selo do Deus vivo”¹.

Parece que nenhum esforço especial foi feito através das publicações da IASD para concitar os adventistas guardadores do sábado a que abandonassem o uso do fumo até o final de 1853. Tiago White, o editor, incluiu um artigo “escolhido” que dizia em parte:

“A religião, para seu completo desenvolvimento, exige todas as nossas capacidades mentais. ... Esta droga [o fumo] as danifica. Segue-se, conseqüentemente, que, em proporção ao seu transtorno, será o defeito de sua ação. De modo que, nesse sentido, pode-se dizer com certeza que a pessoa que usa o fumo não pode ser tão boa cristã quanto o seria sem ele”².

Com o passar do tempo, a objeção ao fumo foi mais positivamente declarada.

Assim escreveu Tiago White:

“Entre os que professam fé na terceira mensagem angélica estão não menos que 1.000 famílias que deixaram (ou deveriam imediatamente deixar) o uso do fumo e do chá. O gasto para cada família não poderia ser menor que \$10, anualmente, somando o tal de \$10.000 economizados (ou deveriam ser) pelos amigos da verdade presente ao abandonar a venenosa (para não citar os efeitos extremamente danosos do fumo) praga do fumo e do chá. Esse valor seria suficiente para manter 30 missionários em novos campos de trabalho. Que fato vergonhoso, que há entre nós alguns que, professando zelo pela causa, são tão pobres para pagar pela revista ou para ajudar o pregador que os visita. Ainda assim, fazem planos para comprar fumo e chá!”³.

No prefácio a um artigo de George Trask, tratando do fumo, que apareceu alguns meses mais tarde, o editor observou que “o assunto do uso do fumo está atraindo a

¹Ellen G. White, “Fumo Praga Imunda”, *Carta 5*, 1851.

²Thiago White, “Efeitos nocivos”, *Review and Herald*, 13 de Dezembro de 1853.

³Ibid., 1º de maio de 1856.

atenção de muitos de nossos irmãos em diferentes lugares”¹. No dia 15 de outubro de 1855, em uma reunião onde os delegados votaram:

“Que o uso do fumo (tabaco) por qualquer membro é uma séria e amarga tristeza grandemente lamentada pela Igreja; e após tais membros terem sido aconselhados e propriamente admoestados, tanto quanto o dever pareça requerer, se eles não se reformarem, a Igreja considerará então seu dever excluí-los da comunhão”².

Essa atitude é essencialmente a atual posição da IASD sobre o uso do fumo pelos membros. O uso de bebidas alcoólicas pelos membros da igreja nunca foi assunto de contendas na IASD. De fato, quando a igreja estava em seu estágio formativo, o movimento anti-alcoolatra tinha permeado a maioria dos grupos religiosos. Mas os adventistas foram além dos grupos de temperança populares ao tornar claro que a abstinência também incluía vinho³.

O chá o fumo e o café eram quase universalmente usados, mas ao ser citado o dano dessas bebidas, bem como do fumo, eles foram listados como práticas deletérias de intemperança. Ellen G. White repetiu várias vezes o que ela chamou de “males gêmeos” referindo-se ao álcool e ao fumo. Ela tornou claro que, para os membros da Igreja, o único curso a ser seguido é “não tocar, não provar, não manusear,” e que “a total abstinência é a única plataforma na qual o povo de Deus pode conscienciosamente permanecer.”⁴. Ela pôs ênfase no álcool como um grande fator para muitos problemas da sociedade inclusive o

¹Ibid., 16 de outubro. 1855.

²Ibid., 4 de dezembro de 1855.

³*Manual da Igreja Adventista do Sétimo Dia*, trad., Naor G. Conrado (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1985), 36.

⁴Ellen G. White, *Conselhos Sobre Saúde* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1989), 432.

crime, acidentes, delinqüência juvenil e pobreza, descrevendo-o até como a maior causa dos juízos divinos sobre a humanidade: “Por causa da impiedade que se segue grandemente como resultado do uso do álcool, os juízos de Deus estão caindo sobre a terra em nossos dias”¹.

Muito antes que os especialistas e pesquisadores da área médica achassem ser o fumo causa de câncer no pulmão e outras doenças fatais, a IASD sabia que o fumo “é um veneno da mais aviltante e maligna espécie, possuindo uma influência excitante e logo após paralisante sobre os nervos do corpo”². “Seus efeitos são mais dificilmente purificados do sistema do que os efeitos do álcool”³.

Por causa do impacto desses hábitos destrutivos sobre a sociedade, a IASD decidiu dar um testemunho claro e decisivo contra o uso de bebidas intoxicantes e o uso do fumo. Positiva instrução mostrou que a Bíblia está cheia de histórias sobre temperança, e que Cristo estava ligado à obra de temperança mesmo desde o início. Foi pela indulgência com o apetite que nossos primeiros pais pecaram e caíram. Cristo remiu o fracasso do homem.

No deserto da tentação, Ele resistiu à prova em que o homem falhara. Isto significou para a IASD que a temperança, domínio próprio e restauração dependiam da obra de Cristo. A declaração foi a de que “ainda que forte a paixão do apetite, é possível ganhar

¹Ibid.

²Ellen G. White, *Testemunhos para a Igreja*, Vol. 3 (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1998), 569.

³Ibid.

a vitória, porque podemos ter o poder divino para unir aos nossos fracos esforços.

Aqueles que fogem para Cristo terão uma fortaleza no dia da tentação”¹.

Temperança, então, dependia da escolha certa do homem de trabalhar em cooperação com Deus para o desenvolvimento da vida mental, social e espiritual. Isto incluía uma dieta correta, hábitos de estudo, vestuário, trabalho e conduta social. “Devemos ser temperantes em tudo, porque uma coroa incorruptível, um tesouro eterno está adiante de nós”².

A importância da instrução sobre temperança cedo no lar, e o exemplo correto da parte dos pais são enfatizados aqui. De suprema importância a esse respeito é que a igreja e o lar tornem a temperança (domínio próprio) uma alternativa positiva e recompensadora para as falsas dependências da intemperança com todos os seus atrativos.

“A palavra de Deus não condena ou reprime a atividade do homem, mas tenta dar-lhe a direção certa”, escreveu Ellen G. White, que encontrou na temperança um assunto favorito. Em função disso ela declara: “Eu deveria também falar sobre o assunto da temperança quando o Senhor me chamou para ser mensageira”³.

Referindo-se à experiência de Cristo ao Se encontrar com a mulher Samaritana no poço de Jacó e oferecer-lhe a água da vida, ela disse, “Esta é uma ilustração da maneira em que devemos trabalhar. Devemos oferecer aos homens algo melhor do que eles possuem, até mesmo a paz de Cristo, que ultrapassa todo entendimento”⁴. Dessa maneira,

¹Ellen G. White, *Temperança* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1998), 267, 268.

²Ibid., 213.

³ Ibid., 259.

⁴ Ibid., 132.

a temperança significa contrafazer o mal com o bem, apresentando uma vigorosa advertência contra a intemperança e, por preceito e exemplo, mostrar um caminho melhor.

Devido à conscientização dos próprios membros sobre os malefícios do fumo, a IASD se empenhou no combate ao tabagismo. No início, este esforço era feito de forma desordenada, mas com o passar do tempo, houve a necessidade de uma ação mais eficaz.

Dois médicos Adventistas norte-americanos, J. Wayne McFarland e Elman J. Folkenberg¹, preocupados com o desenvolvimento deste trabalho, uniram-se elaborando em 1962 na cidade de São Francisco, Califórnia, um programa sistematizado para conscientização dos fumantes a deixarem o hábito de fumar, e lançaram com êxito o primeiro curso “CDFCD”².

Implantação do Curso no Brasil

O Pastor Alcides Campolongo, como secretário Departamental de Temperança, Evangelismo Público e Comunicação da antiga Associação Paulista da IASD, foi escolhido como delegado geral para a Assembléia da Conferência Geral, em Junho de 1962, que teria lugar na cidade de São Francisco da Califórnia, nos Estados Unidos. Chegando alguns dias antes, teve a informação que dois médicos adventistas lançariam como novidade um curso “CDFCD”. De pronto, ele e mais alguns pastores adventistas do Brasil fizeram planos para assistir à reunião e colher todo o material que seria distribuído na ocasião³.

Todo o material foi trazido para o Brasil e traduzido para o Português. Baseado nesses dados, médicos adventistas e não-adventistas de São Paulo, (Dr. Ajax Walter César da Silveira, Dr. Geraldo Leitzke, Dr. Gideon de Oliveira, Dr. Carlos Schwantes, Dr. Benedito Reis, Dr. Rui Reis e o Dr. Augusto Paulino Filho), prepararam junto com o Pr.

¹Neufeld, Don F., 10: 551.

²Alcides Campolongo, “Histórico do curso como deixar de fumar em 5 dias”, *Boletim de Temperança da União Central Brasileira* (julho de 2003): 7.

³Ibid., 7.

Alcides Campolongo um material para o lançamento do primeiro curso “CDFCD”, em São Paulo e no Brasil¹.

No dia 8 de Junho de 1964, o Pr. Alcides Campolongo e a liderança da IASD no Brasil lançaram o primeiro curso no grande auditório da Escola Normal Caetano de Campos, na Praça da República, São Paulo. Fizeram propaganda pelos jornais de São Paulo, bem como pelo rádio e televisão e, como resultado, mais de 1200 pessoas assistiram cada noite e, aproximadamente, 85% delas abandonaram o vício de fumar. Na ocasião, o Pastor Alcides Campolongo, como diretor do curso, ministrava terapia de grupo para todos os fumantes onde todos receberam folhas de orientação para cada dia como também o medicamento² (solução de nitrato de prata)³.

Outros Métodos Utilizados Contra Hábito de Fumar

Atualmente, tem se buscado conter o hábito do fumo de várias formas, que incluem desde acupuntura a medicamentos, passando por uma água com nicotina e até mesmo por pirulitos. O fumante tem muitas possibilidades de escolha para tentar abandonar o hábito. Diversos métodos são usados. Alguns destes são citados abaixo:

Spray Nasal: Usado da mesma maneira que os descongestionantes nasais, porém possui nicotina. Foi aprovado pela Food and Drug Administration, mas não está à

¹Ibid.

²Ibid.

³Solução de nitrato de prata: preparado em farmácia, nas medidas 1mg por 1000 ml de água bidistilada, 400 centímetros cúbicos. Usada para gargarejar 4 a 6 vezes por dia.

venda no Brasil. Libera doses de nicotina para que a pessoa diminua a quantidade de cigarros, contendo a crise de abstinência¹.

Adesivos: O tratamento tem três estágios, que diminuem a carga de nicotina liberada. É indicado numa fase seguinte ao uso do remédio².

Água Nicotinizada: Consiste em quatro miligramas de nicotina por garrafa de meio litro de água. É o mesmo que fumar dois cigarros. Diminui a vontade de fumar e não tem gosto. Não está à venda no Brasil³.

Acupuntura: A aplicação de agulhas em um ponto na orelha libera substâncias que ajudam a atenuar os sintomas da falta de nicotina, diminuindo a síndrome de abstinência⁴.

Gomas de Mascar: Em vez de acender um cigarro, o fumante mastiga o chiclete. O princípio é semelhante ao dos adesivos, mas as gomas são usadas quando a dependência é menor. Elas têm dois miligramas de nicotina, o equivalente a um cigarro⁵.

Homeopatia: O tratamento homeopático para se abster do cigarro não oferece pílulas específicas para o fumante, mas defensores da homeopatia argumentam que o tratamento

¹José Rosemberg *Tabagismo, sério problema de saúde pública* (São Paulo: Editora: Almed da Universidade de São Paulo, 1987), 123. [Professor titular de tuberculose e pneumologia da Faculdade Ciências Médicas da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, presidente do comitê coordenador do controle do tabagismo no Brasil, presidente da comissão de tabagismo da Associação Médica Brasileira e membro da comissão de tabagismo do Conselho Federal de Medicina e da Câmara Técnica].

²Ibid.

³“Water`s Nico”.

⁴Ibid.

⁵Ibid., 124.

consegue amenizar os efeitos desagradáveis que ocorrem no organismo, evitando recaídas¹.

Filtros Phasis: Têm forma de piteira e a pessoa troca gradualmente. Eles retêm parte da nicotina e do alcatrão. Na última fase do tratamento, a redução de teores chega a 95%².

Pirulito de Nicotina: Gerou discórdia nos Estados Unidos. Prometia efeito mais rápido que dos adesivos ou dos chicletes. Outra vantagem seria que o fumante não perderia o hábito de levar algo à boca. O problema era que as crianças poderiam confundirlos com pirulitos comuns³.

Ziban: Medicamento sem nicotina usado para tratamento do tabagismo. Contém uma substância que reduz o impulso de querer fumar e também a crise de abstinência⁴.

Mário Rigatto, professor de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, diz que não adianta parar gradualmente (desta maneira os métodos acima incentivam parar de fumar). O melhor método é parar de uma só vez. Não há nenhum risco na interrupção abrupta.

Por outro lado, sua experiência com os que tentaram parar gradualmente foi pouco encorajadora. Segundo Rigatto, na maioria das capitais brasileiras, a IASD tem oferecido o curso “CDFCD”. Estes cursos são considerados, segundo a OMS, como

¹Ibid., 125

²Ibid.

³Ibid., 126.

⁴Ibid., 127.

sendo “de muito boa qualidade”¹. Porém, se esses cursos forem bem utilizados, dando-se a real importância do seu uso no evangelismo tanto global como local, seus resultados poderiam ir além de apenas livrar os indivíduos do vício do tabaco.

Se bem utilizado, esse recurso poderia ser uma benção em prol da IASD e do ser humano.

A IASD tem sido pioneira no combate ao tabagismo, e também no uso do curso “CDFCD” no evangelismo. Esse pioneirismo e a utilização do curso integrado ao evangelismo será o assunto do capítulo seguinte.

¹Mário Rigatto, “Dicas sugestivas para abandonar o tabagismo”, *Jornal Brasileiro de Medicina* (Santa Maria, RS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul: 1979), 68.

CAPÍTULO II

O “CURSO COMO DEIXAR DE FUMAR EM CINCO DIAS” E O EVANGELISMO

Adventismo, Pioneiro no Combate ao Tabagismo

José Rosenberg afirma que o Brasil é um dos países mais atrasados no combate ao tabagismo. Ele diz que em 1979 fazia já dez anos que praticamente ninguém falava dos perigos do tabaco no Brasil¹.

Historicamente falando, podemos observar uma iniciativa da IASD em realizar cursos “CDFCD”. No Brasil isso ocorre desde 8 de junho de 1964, data do primeiro curso realizado pelo Pastor Alcides Campolongo². Desde o primeiro curso “CDFCD”, vários outros foram realizados em diversas regiões, e conforme citações da Revista Adventista, todos alcançaram sucesso. Citaremos alguns cursos realizados antes do período mencionado por Rosemberg e que estão relatados na Revista Adventista.

Na cidade de Porto Alegre foi realizado, em 1964, um curso “CDFCD” que teve grande repercussão. Lá estiveram presentes cerca de 200 pessoas tendo como palestrantes o Pr. Sesóstris César, diretor de temperança, o Dr. Jurandir Barcelos da Silva,

¹Rosemberg, 23.

²Alcides Campolongo, “Histórico do curso como deixar de fumar em 5 dias”, *Boletim de Temperança da União Central Brasileira* (julho de 2003): 7.

presidente da associação Antialcoólica, o jornalista Fernando Worn, o professor Ronaldo Lahembaner e o Dr. Nelson Porto. Neste curso , cerca de 100 pessoas abandonaram o hábito de fumar¹.

No Pará em 1965, foi realizado também outro curso e teve a participação e colaboração dos doutores Zildomar Deucher, Daniel Reis e também o cardiologista João Fecury. Participaram do curso 234 pessoas e destes cerca de 120 declararam ter deixado o vício².

Podemos notar que a IASD foi a pioneira no combate do tabagismo no Brasil, através da realização de cursos “CDFCD”. Pois, o primeiro curso “CDFCD” foi realizado pelo Pastor Campolongo no Brasil antes que o assunto do tabagismo tivesse a devida consideração por parte do Governo Federal.

Meio de Transição Eficaz³

No Brasil, os primeiros cursos “CDFCD”, estavam relacionados com a saúde dos participantes, isto é, não tratavam de assuntos espirituais ou doutrinas religiosas.

Esclarecia-se ao público que os cursos “CDFDC” eram realizados pela IASD, mas não se ensinava a ser um cristão. Simplesmente ensinava-se a deixar de fumar. O objetivo principal era a saúde e não a religião. O Pastor Campolongo, porém, ao estudar

¹Sesóstris César, “Plano de 5 dias:”, *Revista Adventista*, março de 1964, 26, 27.

²Orlando S. Barreto, “Como deixar de fumar”, *Revista Adventista*, janeiro de 1966, 30.

³Josafá da Silva Oliveira, “Como surgiu e se desenvolveu o Curso Como Deixar de Fumar em Cinco Dias no Brasil”, monografia apresentada para a classe de “História da Igreja”, Instituto Adventista de Ensino, junho de 1990.

melhor as técnicas utilizadas, pôde notar que o curso não deveria ser um fim em si mesmo, mas também um meio para proclamar a mensagem da verdade¹.

Surgiu então a pergunta: Por que não levar essas pessoas também ao conhecimento de Jesus? E com essa preocupação em mente, o pastor Campolongo começou a fazer adaptações dos cursos “CDFCD” em séries de conferências. Primeiramente, realizava-se os cursos, depois estendia-se o convite para a permanência por mais algumas noites nas quais falava-se durante cinco minutos sobre os males do fumo. No meio, da programação diária² o Pastor Campolongo fazia conferências com temas Bíblicos. E ao final realizava-se a terapia de grupo e distribuição dos medicamentos. Cerca de 60 a 70% dos participantes dos cursos ficavam para as conferências e muitos eram batizados³.

O pastor Campolongo observa que o número de batismos realizados em séries de conferências cresceu cerca de 40% após ser utilizado o curso “CDFCD” como um meio de transição para os temas bíblicos. Tal fato prova a eficiência do curso “CDFCD” como um excelente método de abordagem na pregação do evangelho. Associado ao evangelismo da igreja local, esse programa, com certeza, também é um grande instrumento de serviço comunitário com o qual muitos podem ser influenciados a aceitar a doutrina bíblica.

Surgimento de Grandes Campanhas Antitabágicas

Segundo o Dr. Rosemberg, a OMS começou a publicar e tomar resoluções antitabágicas somente em 1970. Em 1983, houve o primeiro Dia Mundial contra o Cigarro,

¹Ibid.

²Veja em Anexo I: Modelo de convite das Conferências do Pastor Alcides Campolongo.

³Ibid.

comemorado em 31 de Maio. A campanha dizia: “Tabaco ou saúde: a escolha é sua”¹. O mundo moderno despertou para os malefícios do cigarro, o que como igreja nos leva a pensar na declaração de Ellen G. White:

O fumo é um veneno lento, perigoso, e seus efeitos são mais difíceis de desaparecer do organismo do que os do álcool. Que resistência tem o adepto do fumo para deter o progresso da intemperança? Deve haver em nosso mundo uma revolução acerca do fumo, antes que o machado seja posto à raiz da árvore².

As grandes campanhas começaram a surgir, dependendo do país, entre os anos de 1970- 1980. Hoje a própria mídia tem abordado com insistente abrangência o tema. Há um artigo sobre o tabaco uma vez por semana em revistas e jornais³. Podemos ver esta realidade através das seguintes advertências do Ministério da Saúde por intermédio dos meios de comunicação: Contrapropaganda em 1988, “Fumar é prejudicial à saúde”., Temas de 1996: “Fumar pode causar câncer do pulmão, bronquite crônica e enfisema pulmonar”; “Fumar durante a gravidez pode prejudicar o bebê”, “Quem fuma adoece mais de úlcera do estômago”, “Evite fumar na presença de crianças”, “Fumar provoca diversos males à sua saúde”; Temas de 1999: “Fumar causa impotência sexual”, “Fumar causa câncer de pulmão”, “Fumar provoca infarto do coração”, “A nicotina é droga e causa dependência”, “Crianças começam a fumar ao verem os adultos fumando”⁴.

¹Rosemberg, 26.

²White, *Conselho sobre saúde.*, 85.

³Rosemberg, 30.

⁴OMS, Agosto, 2003 , Disponível em http://www.who.int/tobacco/en/smokers_es_po.pdf.

Notamos assim, que o pensamento do mundo e principalmente dos brasileiros está se modificando. Com a criação do “Dia Mundial contra o Cigarro”, as limitações impostas pela legislação para as propagandas de cigarros; a proibição em lugares públicos; as advertências sobre os males do fumo nas carteiras de cigarro e propagandas; a proibição de venda para os menores de 18 anos e a restrição cada vez maior de espaços onde é permitida a prática do tabagismo apontam para a conscientização do público sobre os males do cigarro¹. Podemos até dizer que hoje em dia é praticamente impossível fumar sem remorso. Esse pensamento, com certeza, facilita a abertura do curso “CDFCD” como uma transição para o evangelismo local.

A Disposição do Brasileiro em Abandonar o Hábito de Fumar

Nessas últimas décadas, em consequência dos bem sucedidos e continuados programas de esclarecimento à população e o auxílio direto aos fumantes para o abandono do tabagismo, o número de fumantes vem diminuindo em países do primeiro mundo há muitos anos, o que infelizmente não é realidade em muitos países da América Latina². O Brasil, porém, é um dos recordistas em motivação para abandonar o tabagismo. Estima-se que 81% dos brasileiros querem parar de fumar³. É um percentual só comparável aos dos suecos com 85%. Mas o índice de tentativas frustradas entre os brasileiros é igualmente

¹Ibid.

²Fábio Mascarenhas Haggstran, *Tratamento do tabagismo com bupurina e reposição de nicotina* (Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2000), 3.

³OMS, Agosto, 2003. Disponível em: http://www.who.int/tobacco/en/smoker_es_po.pdf.

alto: O fumante brasileiro chega entre cinco a sete tentativas para deixar o vício, em média sem sucesso¹.

Nota-se que mesmo com a motivação de abandonar o hábito entre os brasileiros o tabagismo continua sendo um importante problema de saúde pública. Não existem mais dúvidas quanto aos inúmeros danos que o hábito de fumar causa não somente à saúde dos fumantes, mas também dos não fumantes². Podemos observar que mesmo com todo esforço, ainda existe aproximadamente 1,1 bilhão de fumantes no mundo com idade acima de 15 anos, cerca de um terço da população adulta mundial. No Brasil, a proporção é semelhante, sendo que o número de fumantes corresponde a aproximadamente 33,6% da população adulta (11,2 milhões de mulheres e 16,7 milhões de homens, segundo dados de 1998)³.

A prevalência de tabagistas no Brasil varia conforme as regiões do país, que apresentam as seguintes proporções: 42% na região Sul, 41% na região Sudeste, 40% na região Norte, 38% na região Centro-Oeste, e 31% na região Nordeste⁴. Observamos que o povo brasileiro quer abandonar o hábito de fumar, mas a vontade só não basta; é necessário um acompanhamento especializado para não se frustrarem em suas tentativas⁵.

¹Ibid.

²José Cavalcante, *Cigarro, o veneno completo*. 1ª ed. (Fortaleza: Editora INESP, 2000), 1:17.

³Instituto Nacional do Câncer. Agosto de 2003. Disponível em <http://www.inca.gov.br/tabagismo/dadosnum/index.html>.

⁴Ibid.

⁵Nancy Rigotti, “Vontade não basta”, *Revista Veja*, 9 junho de 2004, 11-15.

O Dr. Mário Rigatto, professor de medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e membro da Academia Nacional de Medicina, diz que o único tratamento para o dependente é parar de fumar, apesar de muitas pessoas não conseguirem na primeira tentativa. “Se tentou e voltou a fumar, tente de novo”, comenta Rigatto¹. Praticamente todos aqueles que não desistem acabam conseguindo o intento. Para ter mais sucesso na tentativa, é aconselhável ler o que estiver ao alcance sobre tabagismo e saúde. O ser humano é inteligente, e por isso os argumentos objetivos como os que ilustram a destruição da saúde pelo fumo suscitam uma reação desejável rumo ao objetivo.

Curso como deixar de fumar nas igrejas locais

Como já foi descrito, a IASD tem conduzido cursos “CDFCD” em igrejas e salões da comunidade, liderados por médicos, evangelistas e pastores. Porém, podemos notar que muitas igrejas têm dificuldades em utilizar este programa (CDFCD) como um meio eficaz para o evangelismo local. No período da composição deste trabalho 30 igrejas foram pesquisadas na região de Campinas. A faixa etária das pessoas pesquisadas era entre 20 e 60 anos. A presente pesquisa nos forneceu os seguintes dados: vinte e quatro das igrejas pesquisadas não estão fazendo uso do curso “CDFCD”. Seis igrejas apenas fazem o curso, mas não o fazem como uma cunha, seja para o evangelismo público ou pessoal².

Podemos dizer que é lamentável que algumas igrejas não utilizam este excelente método evangelístico. Como já foi descrito, o pastor Alcides Campolongo

¹Mário Rigatto, “Dicas sugestivas para abandonar o tabagismo” (Porto Alegre: UFGS, Jornal Brasileiro de Medicina 1979), 68.

²Pesquisa feita com líderes de igrejas locais da região de Campinas, Estado de São Paulo.

diversas vezes lançou mão deste meio obtendo ótimos resultados, mesmo em uma época em que não havia tantas informações sobre os malefícios do tabaco.

Nunca este método foi tão oportuno. Esta realidade está clara e patente bem diante de nossos olhos; os próprios dados estatísticos revelem esta realidade. Hoje 81% dos brasileiros querem abandonar o hábito de fumar¹.

Monte Sallin, diz que um dos fatores que diferencia as igrejas que obtêm rápido crescimento e as que não crescem é encontrada na falta de serviços comunitários designados para não membros. De acordo com Sallin, serviços tais como auxílio para descobrir empregos e programas de treinamento para empregos, refeições e quartos semanais ou diárias para cidadãos da terceira idade da vizinhança, abrigo para pessoas sem-teto, serviço de aconselhamento familiar, e programas para tratar aos que sofrem abuso, têm correlação com o crescimento de igreja². Podemos adicionar a esta lista o curso “CDFCD” que também é um serviço comunitário.

A população brasileira parece estar bastante acessível. Isto é visível até por órgãos internacionais como fora dito na XI Conferência Mundial sobre o Tabaco ou a Saúde, realizada em 2003, em Chicago, pela OMS. Como mencionamos anteriormente, o Brasil é hoje um dos países que mais tem o desejo de abandonar o hábito de fumar e um dos mais conscientes dos males provocados pelo cigarro³.

Mas apesar da eficácia do curso “CDFCD”, o número de igrejas que utilizam

¹Luiz Suáres Halty, *Dependência nicotínica* (Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, 2003), 2.

²Monte Sallin, “What makes churches grow? what recent adventist research reveals”. *Ministry*, novembro de 2004, 5-11.

³OMS, Agosto, 2003, Disponível em: http://www.who.int/tobacco/health_

este método é muito baixo. Segundo o Pr. Alcides Campolongo, dentre as causas detectadas, destacam-se três: 1) Falta de incentivo e envolvimento da igreja local; 2) falta de treinamento da igreja; 3) escassez de pessoas capacitadas e disponíveis para ministrar as palestras¹.

O incentivo e o treinamento da igreja depende muito da visão da liderança da igreja local. Há pessoas capacitadas nos campos que poderiam efetuar essa tarefa se houvesse uma demonstração de interesse das igrejas.

Quanto ao terceiro motivo, muito cuidado deveria ser tomado na escolha do(s) palestrante(s). O público se identifica com orador e o seu carisma e conhecimento determinarão o nível de interesse do auditório.

Se o palestrante não cativar as pessoas, o curso bíblico posterior ficará comprometido. A educadora americana Ellen G. White menciona que ninguém tem o desejo de abandonar um vício se não for através da operação do Espírito Santo no íntimo do coração e que a própria vontade é uma resposta a essa operação. Como vimos, muitos percebem que está ocorrendo uma mudança no povo brasileiro em relação ao hábito de fumar, o que poderia ser positivamente explorado pela igreja para a pregação do evangelho.

Ellen G. White também diz:

Aqueles que estão desejosos de informar-se com relação ao efeito que a condescendência pecaminosa exerce sobre a saúde e iniciam a obra da reforma, mesmo por motivos egoístas, podem por assim fazer, colocar-se onde a verdade divina possa alcançar-lhes o coração².

¹Entrevista feita por telefone com o Pr. Alcides Campolongo, 17 de Novembro de 2004.

²Ellen G. White, *Conselhos Sobre Regime Alimentar* (Tatuí; São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1989), 22.

Nesta pesquisa, também observamos igrejas que utilizam o curso “CDFCD” da mesma forma como o pastor Alcides Campolongo o utilizava no início de sua implantação no Brasil. Isto significa levar pessoas ao abandono do vício e também divulgar o nome da igreja. O que é louvável. Mas como já foi visto, o próprio Pr. Campolongo viu que o curso “CDFCD” não deveria ser um fim em si mesmo, mas um meio eficaz para ajudar a conduzir pessoas a Cristo, o que está de pleno acordo com o diz Ellen G. White:

“A reforma de saúde está tão intimamente relacionada com a terceira mensagem angélica, como o braço ao corpo; mas o braço não pode tomar o lugar do corpo. A proclamação da mensagem do terceiro anjo, dos mandamentos de Deus e do testemunho de Jesus, é o fardo de nossa obra. A mensagem deve ser proclamada com alto clamor, e deve ir a todo o mundo. A apresentação dos princípios de saúde deve estar unida com esta mensagem, mas não deve em caso algum ser independente dela, ou de alguma maneira tomar o seu lugar”¹.

A declaração acima é muito clara. Não podemos achar que o curso “CDFCD” seja a única informação que homens necessitam, sendo essa mensagem apenas parte do corpo de mensagens, o qual é dever da igreja proclamar, e aquilo que o ser humano necessita. Não devemos fazer do *braço o corpo inteiro*, mas devemos apresentar outras mensagens que também são tão necessárias como essa.

Vemos que se não dermos a oportunidade aos homens de conhecerem o poder salvador de Cristo que é revelado na mensagem do evangelho, de nada valerão os nossos esforços, pois aqueles que abandonaram o vício com certeza não terão força para continuarem firmes em suas decisões.

De outra forma, a igreja estará não somente prestando um auxílio comunitário como também apresentando às pessoas as verdades do evangelho. O próprio pastor

¹Ellen G. White, *Colportor Evangelista* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1994), 131.

Campolongo, ao empreender esforços missionários unidos ao curso, passou a compreender mais amplamente o conselho de Ellen White, que diz:

“A obra médico-missionária é o braço direito do evangelho. Ela é indispensável ao avanço da causa de Deus. Quando por meio dela os homens e mulheres forem levados a ver a importância dos hábitos corretos de vida, o poder salvador da verdade se tornará conhecido. Cada cidade deve ser atingida por obreiros instruídos para fazerem a obra médico-missionária. Como braço direito da mensagem do terceiro anjo, os métodos divinos de tratamento das doenças abrirão portas para a entrada da verdade presente”¹.

Como Obter o Êxito

É certo o êxito das igrejas que fizerem uma transição paulatina da mensagem da saúde para a mensagem bíblica. O sucesso deste método foi e é testificado por homens de Deus, homens como o pastor Márcio Nastrine e o irmão Jairo Avelar, os quais ministram cursos “CDFDC” há quinze anos e são representantes da IASD no Ministério da Saúde².

Segundo eles, é necessário efetuar uma boa transição do curso bíblico subsequente e também integrar a visão do grupo de participantes com os assuntos que são apresentados. Essa integração exigirá uma dedicação do palestrante e sua equipe a fim de conhecer melhor seus alunos. Cada pessoa tem aspectos únicos, e juntas essas características individuais formarão a personalidade do grupo. Conhecendo o grupo, o palestrante pode traçar estratégias de abordagem e apelos³.

O Pastor Márcio Nastrine e o irmão Jairo Avelar sempre encerram suas reuniões com o grupo fazendo uma leitura bíblica e a Oração do Pai Nosso. Segundo eles,

¹White, *Conselhos Sobre Saúde*, 72.

²Entrevista com o Pr. Márcio Nastrini e Jairo Avelar, dia 12 de Novembro de 2004.

³Ibid.

essa prática é sempre bem aceita e prepara os alunos para atender apelos mais diretos que serão feitos na última reunião. Mas conhecendo o grupo, e dependendo do seu perfil, apelos poderão ser feitos já no primeiro dia¹.

Os especialistas como Pr. Alcides Campolongo, Pr. Robson da Silva Araújo, Pr. Ari Celso Cidral, Pr. Waldir Lucas, Pr. Miguel Reis de Cabral, Pr. Silvestre Cotezine Filho e também Dr. Ajax da Silveira são unânimes ao afirmar que o sucesso do curso “CDFCD” garantirá um número alto de alunos no curso bíblico subsequente, chegando quase à totalidade².

Para tanto, é imprescindível lançar mão de recursos audiovisuais que chamem a atenção. Esses recursos segundo eles devem incluir imagens fortes e reais, que demonstrem o que o fumo causa no ser humano. Evidenciando-se assim o problema, deve-se destacar com maior liberdade a Confiança em Deus como solução definitiva³. Segundo eles, a falha ao empregar o curso “CDFCD” nas igrejas locais está em condicionar os ouvintes a estatísticas e monólogos áridos. Assim, na transição, o auditório cai sensivelmente.

Logo, o curso que é feito tendo em vista o evangelismo deve analisar o problema dos participantes (tabagismo) e fazer a ligação entre o contexto social (“CDFCD”) e o texto bíblico. A tarefa evangelística não é uma opção para IASD, mas parte de sua missão. Por isso, um curso “CDFCD” nunca deveria ser oferecido sem o

¹Ibid.

²Entrevista feita com como Pr. Alcides Campolongo, Pr. Robson da Silva Araújo, Pr. Ari Celso Cidral, Pr. Waldir Lucas, Pr. Miguel Reis de Cabral, Pr. Silvestre Cotezine Filho e Dr. Ajax Silveira.

³Ibid.

planejamento de um curso bíblico. Um curso “CDFCD” que não tem como objetivo a evangelização dos participantes inevitavelmente perderá o foco.

Assim, vimos que a IASD tem em mãos um recurso que vem ao encontro das necessidades da sociedade: o curso “CDFCD”. No entanto, tendo em vista a sua missão evangelizadora, o curso “CDFCD” deve ser usado sempre como parte de um esforço público ou pessoal. Deve-se cuidar, porém, evitar que as pessoas fumantes percebam na oferta do curso “CDFCD” apenas uma espécie de anzol para conseguir adeptos para a igreja. Aliás, nenhuma metodologia de evangelização deveria ter esse foco. Isto é uma distorção da grande comissão de Mateus 28: 19-20. O alvo evangélico é amar o mundo para que todo aquele que venha a crer seja salvo. Nesse ponto, a metodologia de Cristo é de fundamental importância. Nas palavras de Ellen G. White esse método pode ser assim descrito: “O Salvador misturava-Se com os homens como uma pessoa que lhes desejava o bem. Manifestava simpatia por eles, ministrava-lhes às necessidades e granjeava-lhes a confiança. Ordenava então: Segue-me”¹. Se a comunidade perceber que a intenção da igreja é ajudar, os resultados serão maiores. Mas, o que fazer para implementar um curso “CDFCD”? Que materiais são necessários? E qual preparo prévio envolvido? As respostas serão supridas no capítulo a seguir.

¹Elen G. White, *Ciência do Bom Viver* (Tatuí; SP: Casa Publicadora Brasileira, 1990), 143.

CAPÍTULO III

“O CURSO COMO DEIXAR DE FUMAR EM CINCO DIAS”

O presente capítulo consiste numa sugestão de como o curso “CDFCD” deve ser administrado a fim de que ele preserve sua função preparatória para o evangelismo.

Plano de Ação Anterior ao Curso¹.

Equipe de visitantes domiciliares: Equipe formada por irmãos da IASD, treinados para visitas às casas e realização de pesquisas de saúde (questionário próprio) com grande distribuição de material de divulgação e convites para o curso “CDFCD”, realizados nos fins de semanas.

Visitas às igrejas de outras denominações: Nos dias específicos de cultos com divulgação do curso “CDFCD”, mediante anúncios feitos pelos organizadores no horário de culto com entrega de folhetos de divulgação e convites à porta após o encerramento do culto com a participação dos desbravadores uniformizados.

Divulgação interna aos funcionários da prefeitura: À cargo da promoção social com distribuição de cartazes alusivos aos males do fumo, e entrega de convites.

Visita à câmara dos vereadores com a realização de palestras sobre os males do fumo: Ampla divulgação mediante distribuição de cartazes para colagem em lugares públicos e grande número de convites para o curso.

¹Boletim de Temperança da Associação Paulista Leste.

Serviço telefônico de convite: Dois telefones são destinados a pesquisa de interesse, divulgação e diante do interesse manifestado pelo entrevistado, anotações dedados pessoais principalmente endereço para posterior envio de carta, convite.

Envio de carta/ convite: A todos os que responderam ao questionário de pesquisa de saúde e àqueles inscritos pelo serviço telefônico. A carta/ convite é enviada quinze dias antes do curso pelo correio.

Visita ao comércio e aos bancos pela equipe com entrega de carta: Com solicitação de divulgação interna aos funcionários e solicitação de permissão para colagem de cartazes alusivos aos males do fumo.

Visita ao Rotary Club da cidade com a realização de palestra sobre os males do fumo: Ampla distribuição de material de divulgação do curso “CDFCD” e solicitação de apoio dos clubes à campanha antitabagismo.

Divulgação através das festas cívicas e típicas da cidade: Nos meses que antecedem o curso “CDFCD”, aproveitando também os serviços de alto falantes para divulgação do curso, nos stands ampla distribuição de literaturas pertinentes aos males do fumo.

Instituição de concurso de cartazes alusivos aos males do fumo: Com apoio da delegacia de Ensino, através do delegado de Ensino e supervisores de Ensino, sendo a premiação ao melhor cartaz realizado.

Visitação às escolas da rede pública e da rede particular de ensino: Feita pela equipe de divulgação, com ampla distribuição de cartazes alusivos ao fumo, bem como anúncio da abertura de concurso de cartazes, com suas regras e forma de premiação.

Palestras sobre os males do fumo: Realizada na delegacia de Ensino a todos

os diretores de escolas com distribuição de cartazes e convites sobre o curso “CDFCD”.

Divulgação através de faixas colocadas em pontos estratégicos da cidade:

Frases alusivas ao fumo.

Divulgação através de carro alto falante móvel: Nos dias próximos ao curso principalmente nos bairros que responderam ao questionário de pesquisa sobre saúde conclamando as pessoas para o curso “CDFCD”.

Trabalho individual de cada membro da IASD: Através de pesquisas de saúde e entrega de convites do curso.

Divulgação através dos meios de comunicação: Jornais e rádio.

Realização de passeatas com participação da polícia, corpo de bombeiros, prefeitura, desbravadores, fanfarras e irmãos da igreja: Onde se faz o enterro simbólico do cigarro.

Programação Geral do Curso⁹⁴.

A seguir, daremos uma sugestão do programa que poderá ser adaptado às condições locais. As linhas gerais, entretanto, deverão ser mantidas para o êxito do trabalho.

Preparo do salão, clube, tenda ou igreja para realização do curso. Arranjo da mesa, das cadeiras, flores, aparelho de som, projetor de vídeo, vídeos, telão ou tela para projeção dos filmes e apresentação da palestra.

Formação da Plataforma⁹⁵.

⁹⁴Departamento de Temperança da UCB, *Como Deixar de Fumar em Cinco Dias*, 5.

- 1- Boas vindas dadas aos participantes do curso.
- 2- Projeção de um vídeo sobre os malefícios do fumo.
- 3- Palestra médica (poderá ser feita por um médico ou pessoa escolhida).
- 4- Terapia de grupo (distribuir a folha do primeiro dia da terapia).
- 5- Orientação psicológica pelo pastor ou pessoa responsável pelo curso.
- 6- Entrega do vidro com nitrato de prata, já preparado.
- 7- Promoção da próxima reunião.
- 8- Oração pública e curta (poderá ser o “Pai Nosso”).
- 9- Despedida do público na porta: Todos que fazem parte da equipe devem ir à porta e se despedir das pessoas com palavras de ânimo, desejando-lhes uma boa noite e o retorno na noite seguinte para continuidade do curso.
- 10- Reunião da equipe de temperança que está dirigindo o curso para um momento de oração em favor daqueles que estão deixando de fumar.

Observação: A ordem, às vezes, pode ser alterada. O programa todo não deve durar mais do que 1 hora e quinze minutos. Um horário sugestivo seria, por exemplo, começar às 19:45h e terminar às 21:00h.

Materiais que serão úteis para um curso eficaz⁹⁶.

- 1- Manual do curso “CDFCD” da UCB, com palestras de orientação psicológica e médica.
- 2- Folhas de terapia de grupo para cada dia.

⁹⁵Ibid., 7.

⁹⁶Ibid., 7.

- 3- Deve haver folhas de controle pessoal, para serem entregues a cada pessoa que fez sua inscrição na porta de entrada do salão ou da igreja.
- 4- Remédios para gargarejo ou bochecho, já preparado em vidros pequenos. Mandar preparar na farmácia uma solução de nitrato de prata: 1 por mil em água destilada, 400 centímetros cúbicos. Gargarejar 4 a 6 vezes por dia quando vem a vontade de fumar. Na segunda noite, cada participante do curso deverá trazer o vidro de volta para receber nova quantidade de medicamentos e assim sucessivamente, até o fim do curso.
- 5- Literatura sobre os malefícios do fumo e do álcool, especialmente folhetos e revistas que o departamento de Temperança oferece.
- 6- Vídeos ou filmes sobre o prejuízo do hábito de fumar ou beber. Há vídeos novos e sugestivos no departamento da Associação local.
- 7- PowerPoint (do “CDFCD”).
- 8- Juca fumante; boneco que fuma com pulmão de vidro, para ser mostrado ao público.
- 9- Máquina de fumar; pequena máquina ou bomba que aspira a fumaça do cigarro, lançando a nicotina em papel branco com desenho de um pulmão.
- 10- Pulmão canceroso; pode-se conseguir em hospitais, ou em Faculdades de Medicina, um pulmão canceroso que será uma ilustração penetrante.
- 11- O cigarrão; pode-se adquirir pelo Campo local, o cigarrão de 1 metro e 40 centímetros (inflável) com os nomes dos venenos.
- 12- Pode-se usar muitos painéis alusivos aos malefícios do fumo e também um quadro negro, com giz e apagador.

Planejamento Evangelístico

Deve ser realizado em parceria com a direção do Ministério Pessoal, para que os resultados sejam canalizados de maneira evangelística. Procure por profissionais médicos na sua cidade que possam colaborar com as palestras. Sua equipe de apoio deverá ter: mestre de cerimônia (dinâmica de grupo e apresentador), recepcionistas, som e vídeo, música, comunicação (divulgação), auxiliar de enfermagem para auferir pressão arterial (se possível). Faça divulgação com no mínimo um mês de antecedência (rádio, tv, jornal, cartazes, panfletos, carro de som, etc.). Tenha preparado um curso sobre a família e a classe bíblica para a seqüência da programação. Não desperdice este investimento e o esforço dos membros da sua igreja sem que haja um planejamento que leve à colheita⁹⁷.

Ambiente do Programa

Após conseguir um salão (igreja local) cuidar para que as cadeiras, a mesa do orador, a tela de projeção, o projetor de vídeo e as luzes do salão estejam arrumados com bom gosto. Ter recepcionistas trajados com esmero; pode-se presentear algumas revistas sobre o Fumo e a Saúde a cada participante, na entrada.

Música suave atuará de maneira positiva sobre os nervos daqueles que hão de enfrentar uma terrível batalha. Pontualidades ao iniciar e ao terminar o programa, acrescida de exatidão nas atividades, gerarão confiança no coração dos ouvintes⁹⁸.

Atitude do Auditório

⁹⁷Entrevista feita com o Pr. Marcio Nastrine, dia 12 de Novembro de 2004.

⁹⁸Ibid.

Deve-se ter em mente que o curso “CDFCD”, muitas vezes, atrai o fumante crônico que já tentou de tudo, em um esforço para libertar do fumo.

Tivesse ele tido êxito antes, não estaria entre os assistentes hoje. Desanimado, com o poder da vontade enfraquecida e falta de confiança própria, por causa dos fracassos anteriores, geralmente espera receber dos organizadores a certeza de que romperá com o vício. Portanto, o primeiro dever dos dirigentes é irradiar a confiança, a qual se consolidará apoiada nos relatos de libertação alcançada pelo poder de Deus⁹⁹.

Atitude Mental na Abertura do Curso

Ter em mente a certeza de que pelo poder de Deus, aliado a uma execução do curso, os participantes poderão ser vitoriosos sobre o fumo. Um início vacilante facilmente terminará em fracasso. A direção do curso deverá mostrar decisão e confiança. Todos devem-se lembrar da inspiradora promessa de Paulo: “Porque na esperança somos salvos” (Rom. 8:24)¹⁰⁰.

Dessa forma, percebe-se que um curso “CDFCD” requer planejamento e preparação prévia. Além disso, deve haver conhecimento do auditório e bom uso dos recursos disponíveis, com vistas ao sucesso evangelístico. E, por fim, o curso “CDFCD” deve sempre estar envolvido de uma atmosfera de atitude mental positiva, inspirando ânimo e confiança em Deus nos participantes.

⁹⁹Ibid.

¹⁰⁰Ibid.

CONCLUSÃO

Na presente pesquisa, vimos como surgiu o curso “CDFCD”, dentro de um contexto social que exigia tal programa de combate ao hábito de fumar. O curso é uma resposta da IASD à uma necessidade das pessoas, pois o tabagismo é uma epidemia que tem atraído os esforços de diversos segmentos da sociedade para combatê-la. Analisando o histórico do curso “CDFCD” percebemos que o mesmo é uma atividade formada e modelada pelo tempo e lugar, tornando-se contextual.

Também foi descrito como funciona o curso “CDFCD” em relação ao evangelismo. Muitos cursos são ministrados sem o propósito evangelístico, e aí está uma falha. O curso não deveria ser algo com um fim em si mesmo, mas ser sempre parte de um projeto maior de evangelismo. A mensagem da reforma de saúde é parte da missão da IASD, e não se deve olvidar a pregação integral do evangelho.

Nota-se que o curso “CDFCD” é um dos meios mais eficazes de atrair pessoas, quebrar o preconceito e despertar o interesse espiritual, especialmente na evangelização das grandes cidades. A IASD tem necessidade de métodos eficazes para cumprir a missão urbana, e o curso “CDFCD” tem revelado ser um desses métodos. Estratégias evangelísticas que não sejam apoiadas, modeladas e elaboradas por uma teologia coerente estão destinadas ao fracasso. Também vimos que os especialistas dizem a respeito de uma boa transição entre o curso “CDFCD” e o curso bíblico posterior.

O público porém, deve ser preparado para o apelo do último dia curso, portanto

deve ocorrer em todas as reuniões orações e referências a Bíblia.

A pouca utilização do curso “CDFCD” como um método para atrair pessoas para o evangelismo se deve a fatores que envolvem falta de incentivos, de treinamento e de qualificação pessoal para se dar as palestras. Mas esses são problemas facilmente solucionáveis. Se contarmos com pessoas (obreiros e membros) capazes de resolver essas questões e implementarem o curso “CDFCD” dentro de um projeto de evangelismo.

Há também um programa geral sugestivo de um curso “CDFCD” baseado na prática de palestrantes entrevistados. É um programa básico, aplicável em qualquer situação e/ou condição. Para alcançar resultados satisfatórios, no entanto, os realizadores devem buscar recursos áudio-visuais, treinar a igreja e a equipe envolvida e buscar palestrantes competentes. Torna-se oportuno lembrar que todos os recursos e métodos devem estar submetidos à aprovação divina, mediante oração.

Percebemos que o curso “CDFCD” ainda não é explorado pelas igrejas adventistas no Brasil tanto como poderia e deveria. Mesmo sem o interesse das igrejas, a sociedade vê com simpatia iniciativas de cunho comunitário, e esse é um dos fatores que recomenda o curso “CDFCD”.

Deus quer salvar pessoas de todos os tipos e lugares. E muitas dessas pessoas têm o hábito de fumar e lutam contra isso. Grande parte delas querem se libertar desse hábito, mas não sabem como fazê-lo. O curso “CDFCD” vem como alternativa para libertar completa e integralmente esses que são a razão maior das ações divinas. O amor de Deus busca tais pessoas, e a igreja é o instrumento dessa busca. Deus se deleita em ver vidas transformadas, e a Igreja deve lançar mão de métodos e recursos para cooperar neste sentido

Anexo III

Questionário Aplicado na Pesquisa de Campo

- 1- Sexo () Masculino () Feminino
- 2- Igreja _____
- 3- Cargo _____
- 4- Tem sido realizado em sua igreja o curso como deixar de fumar? ()sim ()não
- 5- Por que não é realizado? (se a resposta acima for não)
- 6- Há quanto tempo foi realizado o último curso como deixar de fumar na igreja?
() 1 ano () 2 anos () 5 anos () mais de 5 anos
- 7- O número de participantes do último curso “Como Deixar de Fumar Em Cinco Dias” foi satisfatório?
() sim () não quantos?_____
- 8- O que foi realizado após os 5 dias de curso?
() estudo da Bíblia () encerraram as atividades () outro tipo de palestra.
Qual?_____
- 9- Quantos permaneceram nestas palestras?
- 10- O que foi feito para manter os interessados a continuarem participando do curso bíblico?
- 11- Quantos foram conduzidos ao batismo como resultado do curso “Como Deixar de Fumar em Cinco Dias”?

Anexo IV

Questionário Aplicado na Pesquisa com Especialistas no Assunto

1- Nome:

2- Função

3- Há quantos anos trabalha na área evangelística realizando o Curso “Como Deixar de Fumar em Cinco Dias”

4- O curso “Como Deixar de Fumar em Cinco Dias” é um meio eficaz para o início de uma campanha evangelística?

() Sim () Não

Justifique:

5- No curso “Como Deixar de Fumar em Cinco Dias” quais são os pontos fortes?

E quais os pontos fracos?

6- O que foi feito para despertar o interesse dos participantes do curso “Como Deixar de Fumar em Cinco Dias” para o início do curso bíblico?

7- Qual o método utilizado para incentivar os participantes a continuarem assíduos no curso bíblico.

8- Em média, quantos se batizam ao final do curso bíblico realizado após o curso “Como Deixar de Fumar em Cinco Dias”?

9- O curso “Como Deixar de Fumar em Cinco Dias” foi implantado no Brasil em 1964 e muitos evangelistas e Igrejas Adventistas do Sétimo Dia utilizam-se deste método. Atualmente, este curso ainda tem sido realizado? Justifique sua resposta?

10- Que orientação daria para igrejas que não estão realizando o curso “Como Deixar de Fumar em Cinco Dias” ?

11- Dê um modelo sugestivo de um curso “Como Deixar de Fumar em Cinco Dias”.

BIBLIOGRAFIA

- American Psychiatric Association, *Diagnostic and statistical manual of mental disorders*. DSM IV. 4th Ed. Washington DC: American Psychiatric Association, 1994.
- Barreto, Orlando S. “Como deixar de fumar”, *Revista Adventista*, janeiro de 1966.
- Berger, Edvard M. *Escravos do século XX*. Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1967.
- Campolongo, Alcides. “Histórico do curso como deixar de fumar em 5 dias”, *Boletim de Temperança da União Central Brasileira*, 4 Julho de 2003.
- Cavalcante, José. *Cigarro, o veneno completo*. 1ª. ed. Fortaleza: Editora INESP, 2000.
- César, Sesóstris. “Plano de 5 dias:”, *Revista Adventista*, março de 1964.
- Costa, João Batista da. *O fumo no banco dos réus*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1987.
- Coutinho, Almeida. “Prevalência de consumo de bebidas alcoólicas e de tabagismo em uma região metropolitana do Brasil”. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo: 1993.
- Entrevista com o Pr. Alcides Campolongo e Pr. Robson da Silva Araújo, São Paulo, 20 de Outubro de 2004.
- Entrevista Pr. Marcio Nastrine, 12 de novembro de 2004.
- Fulton, Robert. *Enciclopédia Britânica do Brasil*. São Paulo: Editora Melhoramentos, 1997.
- Gilles Lepoutre, “Cinco dias para deixar de fumar” *Seleções do Readers Digest*, março de 1973.
- Haggstran, Fábio Mascarenhas. *Tratamento do Tabagismo com bupurina e reposição de nicotina*. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande Do Sul, 2000.
- .

- Halty, Luiz Suáres. *Dependência nicotínica*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul- UFRGS, 2003.
- Instituto Nacional do Câncer. Agosto de 2003. Disponível em <http://www.inca.gov.br./tabagismo/dadosnum/index.html>
- Medical Research Council, *Field Review of Drug Dependence*, London: Medical Research Council, 1994.
- Ministério Da Saúde. Secretaria Nacional de Ações Básicas. Instituto Nacional do Câncer. *Falando Sobre Tabagismo*. 3ª. ed. Rio de Janeiro: 1988.
- Neto, Machado *Tabagismo em amostra de adolescentes escolares*. *Jornal de Pneumatologia*. vol. 29. São Paulo: Universidade Federal de São Paulo, 2003.
- Neufeld, Don F. ed. Commentary Book Series: *Seventh Day Adventist Encyclopedia*. (Washington, DC: Review and Herald, 2000).
- Oliveira, Josafá da Silva. “Como surgiu e se desenvolveu o curso como deixar de fumar em cinco dias no Brasil”, monografia apresentada para a classe de “História da Igreja”, Instituto Adventista de Ensino, junho de 1990. Material Apostilado.
- Organização Mundial da Saúde. Agosto, 2003, Disponível em: http://www.who.int/tobacco/health_impact/en/.
- Organização Mundial da Saúde. Agosto, 2003. Disponível em: http://www.who.int/tobacco/en/smokers_es_po.pdf.
- Rigatto, Mário. *Dicas sugestivas para abandonar o tabagismo*, *Jornal Brasileiro de Medicina*. Santa Maria, RS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul: 1979.
- Rigotti, Nancy. “Vontade não basta”, *Revista Veja*, junho de 2004.
- Rosemberg, José. *Tabagismo, sério problema de saúde pública*. São Paulo: Editora: Almed da Universidade de São Paulo, 1987.
- Sallin, Monte “*What makes churdes grow? what recent adventst research reveals*”. Ministry, Novembro, 2004.
- Thomason, George. *Inimigos da humanidade*. Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, s/d.
- White, Thiago. “Efeitos nocivos” *Review Herald*, 13 de Dezembro de 1853.
- White Ellen G., *Conselhos Sobre Saúde*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1989.

_____. *Testemunhos para a Igreja*, Vol. 3. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1998.

_____. “Fumo Praga Imunda”, *Carta 5*, 1851.

_____. *Temperança*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1998.

_____. *Colportor Evangelista*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1994.

_____. *Conselhos Sobre Regime Alimentar*. Tatuí; São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1989.

_____. *Ciência do Bom Viver*. Tatuí; São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1990.

World Health Organization, *International statistical classification of diseases and related problems*, 1992. Material apostilado da Universidade UNIG.

TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO

EVANGELISMO EM TENDAS: SUA VALIDADE NO PRESENTE

Marcelo Peres Argenton e Márcio Rogério de Carvalho

Bacharéis em Teologia pelo Unasp, Campus Engenheiro Coelho, SP.

TCC apresentado em novembro de 2004

Orientador: José Miranda Rocha, D.Min.

marcelo.peres@usb.org.br

RESUMO: No decorrer da história do adventismo no Brasil, o evangelismo por meio de auditórios móveis (ou tendas de evangelismo) se mostrou uma estratégia eficaz. No entanto, atualmente, os evangelistas adventistas divergem quanto à pertinência deste recurso para o evangelismo contemporâneo. O presente estudo pretende avaliar a validade do evangelismo com auditórios móveis atualmente. A pesquisa se restringe a uma análise da aplicação desse método pelos adventistas nas regiões Sul e Sudeste do Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: tendas de evangelismo, evangelismo, validade, Ellen White.

Tent evangelism: its value today

ABSTRACT: All along the history of Adventism in Brazil, the work of evangelism through mobile auditoriums (or tent evangelism) has shown to be an efficient method. Nowadays, however, Adventists evangelistic preachers diverge concerning its value for today's evangelism. The present study pretends to evaluate the evangelism done in mobile auditoriums as it is actually practiced. The research is limited to a deployment of this method by Adventists in the Southern and Southeast regions of Brazil.

KEYWORDS: tent evangelism, evangelism, validity, Ellen White.

Faculdade Adventista de Teologia
Centro Universitário Adventista de São Paulo
Campus Engenheiro Coelho

EVANGELISMO EM TENDAS: SUA VALIDADE NO PRESENTE

Trabalho de Conclusão de Curso
Apresentada em Cumprimento Parcial
dos Requisitos para Título de
Bacharel em Teologia

por

Marcelo Peres Argenton e
Márcio Rogério de Carvalho

Novembro de 2004

EVANGELISMO EM TENDAS: SUA VALIDADE NO PRESENTE

Trabalho de Conclusão de Curso
Apresentado em Cumprimento Parcial
dos Requisitos para o Título de
Bacharel em Teologia

por

Marcelo Peres Argenton
Marcio Rogério de Carvalho

COMISSÃO DE APROVAÇÃO

Orientador
José Miranda Rocha
Professor de Teologia Aplicada

Avaliação

Leitor Externo
Natanael Bernardo Pereira Moraes
Professor de Teologia Aplicada

Data da Aprovação

Amim Rodor
Diretor da Faculdade
de Teologia

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
Contextualização do Problema.....	1
Definição do Problema.....	1
Delimitação do Problema.....	2
Objetivos.....	2
Justificativa.....	2
Metodologia.....	3
Organização do Estudo.....	3
Capítulo	
I. UM BREVE HISTÓRICO DO INÍCIO DAS TENDAS EVANGELÍSTICAS NA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA DO BRASIL.....	5
O Início.....	6
A Era do Evangelismo Total.....	7
Experiência em São Paulo.....	11
II. RESULTADOS DA PESQUISA DE CAMPO.....	13
Pastores que Participaram da Pesquisa.....	14
Análise Comparativa.....	14
III. É RELEVANTE?.....	21
Contraste.....	21
Orientações do Espírito de Profecia.....	25
Recomendações para Séries de Evangelismo em Tendas.....	26
CONCLUSÃO.....	30
ANEXOS.....	33
Anexo I.....	33
Anexo II.....	35
Anexo III.....	38
BIBLIOGRAFIA.....	41

INTRODUÇÃO

Contextualização do Problema

No decorrer da história do adventismo no Brasil, o evangelismo por meio de auditórios móveis (ou tendas de evangelismo) tem sido utilizado em diversos locais e por vários pastores evangelistas. Com certeza, este recurso tem contribuído para a obra de evangelização. Considerável número de pessoas tem atendido aos convites de evangelistas que, naquele ambiente, as levou ao conhecimento da verdade e à conversão.

Definição do Problema

Contudo, pergunta-se: Seria este meio de trabalho realmente eficiente para atrair todos os níveis sociais? Quais as vantagens e desvantagens de um evangelismo realizado em tendas? E mais, avaliando as vantagens e desvantagens, considerando também os outros recursos evangelísticos e somando ainda o fato de estarmos no evoluído século vinte e um, poderia ainda ser compensador o evangelismo realizado em tendas?

O problema é que, enquanto alguns acreditam que as tendas no trabalho evangelístico são ultrapassadas, outros permanecem defendendo que elas ainda são eficientes em alcançar pessoas de todos os níveis sociais para o evangelho. Portanto, o propósito do presente trabalho é verificar quais dos dois grupos estão mais próximos da realidade. Delimitação do Problema.

O estudo será delimitado a casos específicos deste tipo de evangelismo no Brasil, mais precisamente com pesquisas aplicadas a evangelistas das Uniões Central e Sul do Brasil¹. Faremos ainda um resumo da história da utilização de tendas por evangelistas adventistas no Brasil.

Objetivos

Pretende-se através deste trabalho responder de forma clara e objetiva às questões formuladas na contextualização do problema como exposto acima. Assim, será possível averiguar se na atualidade o uso de tendas ainda alcança os mesmos resultados que no passado obteve e se tais resultados são equivalentes aos meios convencionais de se evangelizar, ou seja, ao evangelismo em igrejas ou salões normais.

Justificativa

Julgamos ser necessário o presente estudo para verificarmos se realmente o evangelismo de tendas se tornou ultrapassado. Veremos ainda se ele enfrenta hoje algum tipo de preconceito entre os níveis sociais, o que consideramos um obstáculo em potencial aos projetos evangelísticos que planejam usar este tipo de equipamento. Desta forma descobriremos também se esse tipo de recurso alcança de uma maneira mais fácil uma determinada classe social e, em contrapartida, se apresenta alguma dificuldade para alcançar outra de nível diferente.

¹ As Uniões são subdivisões da Igreja Adventista do Sétimo Dia que administram a mesma em determinado território. No caso da União Sul e Central do Brasil, cuidam do território que corresponde à região Sudeste e Sul do Brasil, respectivamente.

Metodologia

O método a ser utilizado neste trabalho será o de leitura atenta de artigos e eventuais obras referentes à história do evangelismo em tendas no Brasil. Também trabalharemos com entrevistas aplicadas aos evangelistas dos campos já mencionados acima. Para isto, faremos uso de questionários pré-elaborados sobre os pontos positivos e negativos de uma conferência pública realizada em tendas. Consultaremos ainda sites da internet sobre a questão. Com o resultado destas pesquisas faremos uma análise comparativa entre vantagens e desvantagens deste método de evangelismo. Tal comparação estará sendo considerada no capítulo que irá discutir sobre a relevância da tenda na atualidade.

Organização do Estudo

No capítulo um, faremos um breve histórico do início do evangelismo em tendas na IASD² no Brasil, dando uma atenção especial aos evangelistas pioneiros deste trabalho.

No capítulo dois estará exposto o questionário que foi pré-elaborado para a pesquisa deste trabalho e que os evangelistas e pastores responderem para a sua execução. Ainda no nesse capítulo, logo após o questionário, estará o resultado do mesmo apresentado em forma gráfica para a melhor compreensão do leitor.

No terceiro capítulo, a discussão será relacionada à relevância do evangelismo em tenda no presente século, considerando aqui as vantagens e desvantagens sugeridas pelos pastores pesquisados. Incluiremos também nesta parte do trabalho alguns textos da

² Esta é a abreviatura de Igreja Adventista do Sétimo Dia a qual de agora em diante estará sendo assim referida neste trabalho.

escritora Ellen G. White vinculados ao trabalho com auditórios móveis. Além disto, ainda neste capítulo, apresentaremos sugestões de evangelistas experientes em campanhas desta modalidade (tendas) que tornem essa metodologia eficaz.

E, finalmente, concluiremos a pesquisa levando em conta as ponderações dos pastores pesquisados, suas sugestões sobre a importância do evangelismo em tendas hoje, se ainda é ou não aconselhável, o que deve ser observado se for realizar um trabalho desse tipo e quais as observações de Ellen G. White sobre a questão. Também deixaremos sugestões para possíveis trabalhos posteriores sobre o assunto, visto que não temos aqui a pretensão de esgotar o tema.

CAPITULO I

UM BREVE HISTÓRICO DO INÍCIO DAS TENDAS EVANGELÍSTICAS NA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA DO BRASIL

Há vários anos que a IASD tem realizado evangelismo público no Brasil através de tendas, ou auditórios móveis como também são chamadas. Hoje, contudo, parece que está havendo um declínio deste meio de evangelismo, sendo que a alegação para tal fato é que as tendas já estão ultrapassadas. Antes de averiguarmos se a presente alegação é coerente ou não, precisamos buscar conhecer um pouco mais sobre as raízes históricas dessa modalidade de evangelismo na IASD no Brasil.

Em meados das décadas de setenta e oitenta, as séries de conferências eram realizadas, na maioria das vezes, em salões alugados pela igreja. Todavia, as dificuldades para encontrar um salão apropriado eram cada vez maiores³. Além disto, a Igreja Católica Romana exercia uma forte influência sobre seus fiéis, de forma que estes geralmente se ressentiam em alugar seus salões para realização de séries de evangelismo, o que dificultava ainda mais a obtenção do local pela igreja⁴. Portanto, a tenda chega exatamente para suprir esta necessidade e, talvez por isto, ela tenha sido tão aceita no meio adventista.

³ Walter Streithorst, “*Evangelismo fecundo em auditório móvel*”, Revista Adventista, dezembro de 1971, 18 – 19.

⁴ Entrevista realizada de forma escrita com Pr. Wilson Sarli, em agosto de 2004.

O Início

Os primeiros registros da utilização de tendas pela IASD do Brasil encontrados para esta pesquisa referem-se à Associação Rio Grandense do Sul⁵. Esta, pelo menos por duas vezes, teria realizado suas campanhas e reuniões administrativas em tendas nas cidades de Porto Alegre e Taquara, no Rio Grande do Sul, sendo que aquela teria sido em 1928⁶ e esta em 1930⁷. Além disto, há também a possibilidade do uso de tendas nos estados do Paraná⁸, do Espírito Santo e de Minas Gerais⁹, porém, também estas não visavam a realização de conferências evangelísticas.

A primeira série de evangelismo realizada em tenda da qual encontramos registro é a de São Luiz do Maranhão que aconteceu em 1968. Neste ano, São Luiz passou por uma grande arrancada evangelística composta por uma equipe de obreiros que contava com a presença dos pastores: Enoque de Oliveira e Francisco Siqueira, da Divisão Sul-Americana da época; Pastor Eduardo G. Schmidt, evangelista da então Missão Costa Norte; o distrital da cidade; o pastor Sidnei Nazaré, distrital de Coroatá; pastor José Maria Costa e Silva, distrital de Teresina; pastor Tércio Sarli; e mais os obreiros Haroldo Seidl, Eunice

⁵ Associação Rio Grandense do Sul era a então subdivisão da IASD que administrava a região Sul do Brasil naquela época .

⁶ N. P. Neilsen, “*Reunião Campal em Porto Alegre*”, Revista Mensal, maio de 1928, 13.

⁷ N. P. Neilsen, “*Conferência e Reunião Campal*”, Revista Mensal, maio de 1930, 18.

⁸ Wilson Sarli.

⁹ Pesquisa realizada de forma escrita com Pr. José Miranda Rocha em novembro de 2004.

Schmidt e José Ponciano.¹⁰

O projeto foi dividido em duas fases: A primeira foi realizada em dois salões normais da cidade em um período de dois meses em que todos ouviam as mensagens pregadas pelo Pr. Enoque de Oliveira. Já a segunda fase foi desenvolvida no auditório da própria igreja que não era outro senão uma grande tenda chamada de “pavilhão de ar da União Norte” adquirida nos Estados Unidos justamente para fins missionários. É relatado que cada noite a tenda recebia mais de mil pessoas para ouvirem a Palavra de Deus pregada então pelos pastores Francisco Siqueira e Eduardo Schmidt.¹¹

O referido “pavilhão” oferecia uma grande praticidade, pois, ao ser acionado dois motores-ventiladores, levava apenas dez minutos para estar em condições de receber os ouvintes. O Pr. Tércio Sarli mencionou na época que, muito provavelmente, esta seria a primeira série de evangelismo realizada em um auditório daquele tipo no Brasil. Ele acrescenta ainda que, mesmo antes do término da série, trezentas pessoas já haviam sido batizadas e inúmeras outras já tinham o interesse despertado para a pesquisa da verdade. Assim, outro templo teve que ser construído no bairro de João Paulo, na mesma cidade.¹²

“A Era do Evangelismo Total”

Este foi o tema do evangelismo da União Este-Brasileira¹³ quando as tendas

¹⁰ Tércio Sarli, “*Evangelismo em São Luis – Maranhão*”, Revista Adventista, abril de 1969, 21 – 22. Ver também fotos em anexo I deste trabalho.

¹¹ Ibid.

¹² Ibid.

¹³ A União Este-Brasileira na época abrangia toda a região desde de o Rio de Janeiro até o Rio Grande do Norte.

passaram a fazer parte fundamental do seu programa¹⁴. Para esta União tudo começou em 1970 com uma viagem do Pr. José Mascarenhas Viana a Buenos Aires, Argentina, para estudar o evangelismo em tendas com o Pr. Daniel Belvedere. Lá ele pode ver como montar uma tenda, como fazer as reuniões, quais os principais cuidados e custos, etc. Depois disto, retornou para o Brasil onde começou a sua jornada de evangelização usando o auditório móvel, como ele preferiu denominar a tenda¹⁵.

O Pr. Viana, então evangelista da UEB, adquiriu em Buenos Aires mesmo uma grande tenda transportada por avião para o Rio de Janeiro. Ela tinha um formato retangular, estilo tabernáculo e de um material ainda meio rústico, pois era de lona comum¹⁶. Ela comportava até mil pessoas sentadas¹⁷.

Assim que, ainda em 1970, o pastor Viana inicia o evangelismo em tendas no bairro de Guadalupe, zona norte da cidade do Rio de Janeiro. Para ele, é aqui que começa a “era moderna das tendas”, um reavivamento das mesmas que, por diversas razões, ainda não haviam se efetivado no Brasil¹⁸. Para a UEB, contudo, é a era do “evangelismo total”, pois é a partir daí que os campos começam a investir nas tendas. O propósito desta União era que no início do ano seguinte todos os seus campos tivessem o seu próprio auditório

¹⁴ Streithorst. Dora avante União Este-Brasileira será referida como UEB.

¹⁵ Entrevista realizada de forma oral (gravada) com o Pr. José Mascarenhas Viana em 05 de agosto de 2004.

¹⁶ Ibid.

¹⁷ Streithorst.

¹⁸ Viana. Ver também foto em anexo I deste trabalho.

móvel¹⁹.

Nessa primeira experiência em Guadalupe, não foi utilizado todo o espaço da tenda Usaram pouco mais da metade de seu tamanho, comportando setecentas pessoas²⁰ das quais perto de duzentas foram levadas ao batismo²¹.

A segunda investida evangelística com o auditório móvel foi no primeiro semestre do ano seguinte (1971), em Salvador, na Bahia²². Todas as principais igrejas da cidade foram envolvidas. O Pr. Viana dirigia simultaneamente as reuniões da igreja central de Salvador e a da tenda que, usada em todo o seu espaço, abrigava mais de mil pessoas por noite. Contando com a ajuda do Pr. Luís A. Santana e do pastor da igreja central acima citada, a tenda chegava a ter até mais de mil e quinhentas pessoas em noites de batismos.²³

Antonio Talbot, em sua reportagem para a Revista Adventista, mencionou que os primeiros cento e dezessete batizados, frutos da tenda, renderam para a igreja Cr\$ 2,000,00 (dois mil cruzeiros, a moeda da época) de dízimo em menos de dez dias, o que, segundo ele, mostra que “vale a pena investir no evangelismo bem planejado”²⁴. Em três meses de campanha aquela série já havia batizado mais de trezentas pessoas²⁵ e no final do

¹⁹ Streithorst.

²⁰ Miranda.

²¹ Streithorst.

²² Ver foto em anexo I.

²³ Antonio Talbot, “*Mais de 300 adventista em três meses*”, Revista Adventista, julho de 1971, 18.

²⁴ Ibid.

²⁵ Ibid.

ano já passavam de quatrocentos o número dos conversos naquele local²⁶.

Ainda no primeiro semestre de 1971, foi iniciado também um outro ciclo de evangelismo com tenda. Este começou em abril, no bairro de Campo Grande, na cidade de Vitória com o Pr. Joel Sarli, então evangelista da Divisão Sul-Americana. Esta tenda tinha um formato circular, mais parecida com um circo e, segundo o Pr. Joel, comportava mais ou menos duas mil pessoas.²⁷ Entretanto, o Pr. José Miranda, sendo um dos obreiros presentes naquela série, explica que o referido auditório comportava não mais que seiscentas pessoas sentadas, podendo chegar a mais ou menos duas mil apenas se fossem abertas as laterais da tenda²⁸. O Pr. Joel relata ainda que médicos, estudantes universitários e mais outras pessoas da classe média-alta, sempre se encontravam no meio de sua congregação assistindo a série²⁹ que, após três meses de iniciada, batizou mais de duzentas pessoas³⁰.

Em 4 de setembro, também no ano de 1971, o Pr. Viana, que havia terminado recentemente a campanha de Salvador, dava início a mais uma série, desta vez em Belo

²⁶ Streithorst.

²⁷ Pesquisa realizada de forma escrita com o Pr. Joel Sarli em novembro de 2004. Ver também foto em anexo I deste trabalho.

²⁸ Miranda.

²⁹ Ibid.

³⁰ Streithorst.

Horizonte, em um auditório móvel novo, de propriedade da então Missão Mineira e onde freqüentavam assiduamente mais de mil pessoas por noite.³¹

Experiência em São Paulo

O dia 19 de agosto de 1972 foi a data marcada para o início da utilização do auditório móvel no Estado de São Paulo. Neste dia, no bairro de Campo Limpo, na capital paulistana, era inaugurada a tenda que ficou conhecida como “Navespacial”. O pastor responsável era o evangelista do campo (na época Associação Paulista), o Pr. Geraldo G. de Oliveira (hoje falecido)³². Ele contava com o apoio do Pr. Wilson Sarli, o então presidente do campo, e também com o seu auxiliar, Pr. Balduino dos Reis, além da equipe de obreiros da qual fazia parte o Prof. José Carlos Ebling³³.

O Pr. Wilson foi quem fez o discurso³⁴ de inauguração da “nave” que, com trinta e seis metros de comprimento e dezoito de largura, tinha capacidade para receber mil pessoas sentadas. No entanto, ao prosseguir com as reuniões, o Pr. Geraldo era por diversas vezes obrigado a fazer duas sessões com mais de mil pessoas em cada uma delas,

³¹ Ibid.

³² “*Noticias da Paulista*” (Informativo Nacional). Revista Adventista, dezembro de 1972, 27. Ver também foto em anexo I deste trabalho.

³³ Pesquisa realizada de forma escrita com o evangelista Balduino dos Reis em novembro de 2004.

³⁴ Wilson Sarli. Ver discurso em anexo II deste trabalho.

tamanho foi o sucesso³⁵. Mais de duzentas pessoas foram levadas a Cristo através do batismo naquela série³⁶.

Este auditório, segundo afirma o evangelista Balduino dos Reis, foi o primeiro a ser fabricado aqui no Brasil (ele não diz se é o primeiro da IASD ou se é o primeiro de todos) e isto no mesmo ano em que foi inaugurado. A Associação Paulista teria patrocinado a construção deste auditório inflável que levava apenas meia hora para ficar totalmente instalado.³⁷

De 1982 para 1983 o Pr. Balduino montava pela última vez esta tenda. A partir de então, ele iria fabricar, juntamente com o engenheiro Adolfo dos Reis Filho, outras tendas, agora estruturais, para serem usadas em especial na baixada santista, tanto por ele como por outros conferencistas como o Pr. Alcides Campo Longo.³⁸

A Associação Paulista, de acordo com o Pr. Wilson Sarli, dispunha também de outras tendas que eram utilizadas pelos pastores distritais. Para ele, alguns dos pastores que se destacaram pelo uso de tendas no evangelismo foram os pastores: Geraldo G. de Oliveira, Arnaldo Ahnnies, Balduino dos Reis e Miguel Cabral.³⁹

³⁵ “Noticias da Paulista”.

³⁶ Wilson Sarli.

³⁷ Reis.

³⁸ Ibid.

³⁹ Wilson Sarli.

CAPÍTULO II

RESULTADOS DA PESQUISA DE CAMPO

Neste capítulo, iremos apresentar de forma gráfica, a pesquisa que foi realizada com os pastores de diversos campos do Brasil. Esta pesquisa teve como intuito principal, apresentar a opinião dos pastores que já utilizaram séries de evangelismo com auditórios móveis (tendas), ou que ainda realizam.

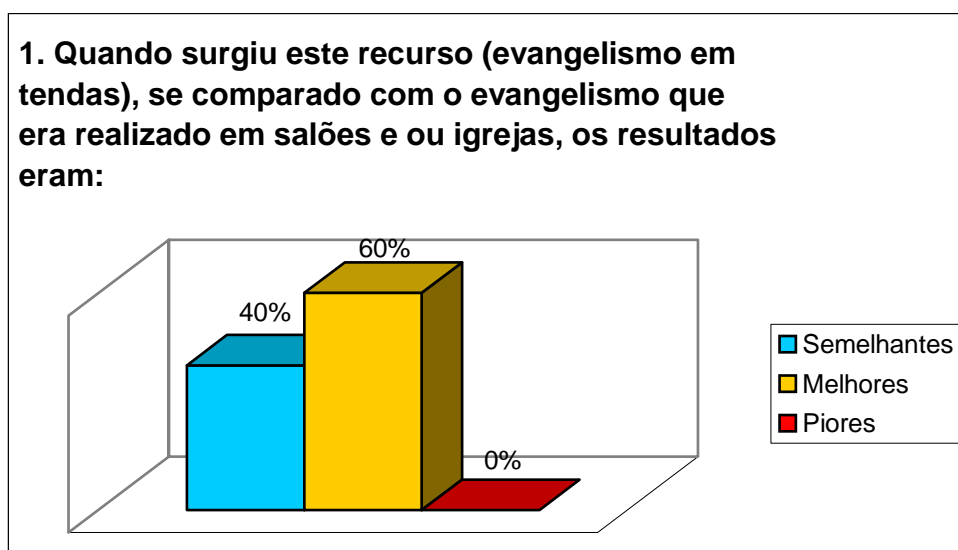
Diversos pontos foram destacados na pesquisa, inicialmente ela se dividiu em duas partes. Na primeira parte, cada pastor deveria descrever a história inicial do evangelismo em tendas no Brasil. Já na segunda parte, onde se encontra o maior número de perguntas, questionamos outros aspectos.

Nas perguntas que foram realizadas, abordamos os seguintes pontos: 1) os resultados iniciais (de quando começou) do evangelismo de tendas, comparado com os métodos mais convencionais; 2) se na atualidade, os resultados alcançados seriam melhores do que os métodos convencionais; 3) as vantagens e desvantagens do evangelismo em tendas; 4) as classes sociais atingidas; 5) o tipo de programação; 6) se o evangelismo em tendas é ainda aconselhável ou não; 7) sobre os cuidados que devem ser tomados para um evangelismo em tendas; 8) discutimos também sobre a aceitação da liderança da igreja em relação ao evangelismo em tendas (Igreja local e Associação) e, por último; 9) sobre os índices de apostasia.

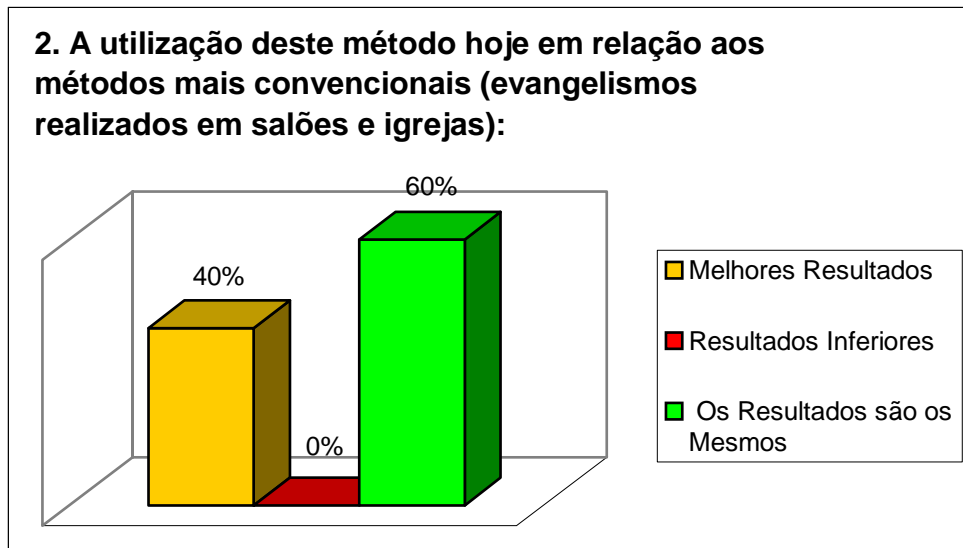
Pastores que Participaram da Pesquisa

Dez pastores responderam o questionário, de diversos lugares do Brasil. Os seguintes pastores foram submetidos à pesquisa: Pr. Ari Celso Cidral, Pr. José Carlos Ramos, Pr. Wilson Sarli, Pr. Miguel Cabral, Pr. Balduino dos Reis, Pr. José Miranda Rocha, Pr. Luiz Nunes, Pr. Luís Gonçalves, Pr. Joel Sarli e Pr. José Mascarenhas Viana.

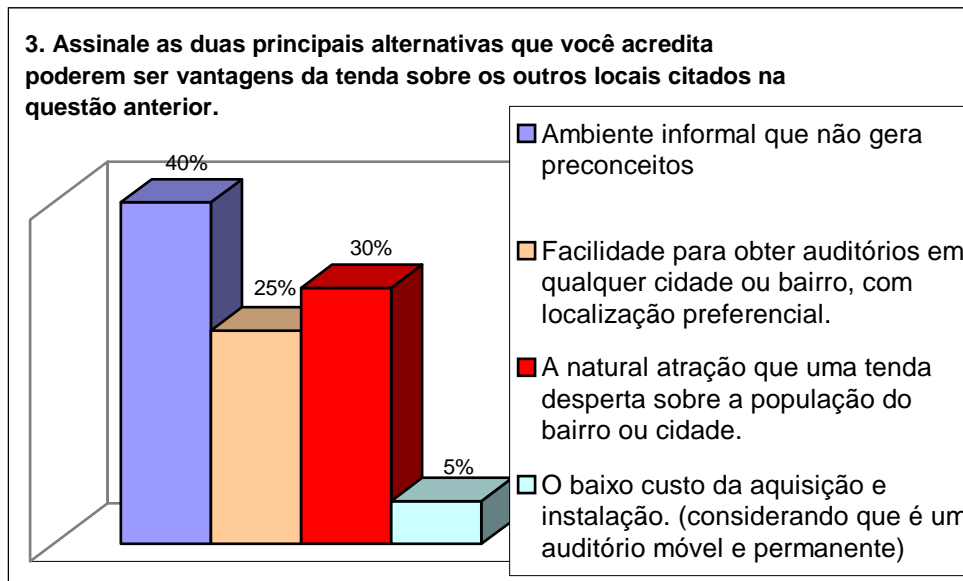
Análise Comparativa



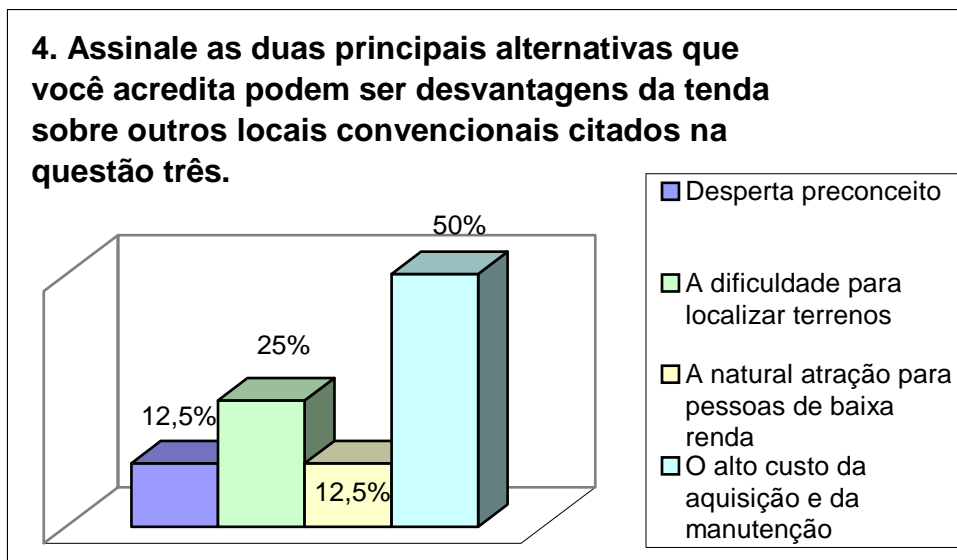
Esta foi uma pergunta referente ao período inicial de implantação deste método entre os Adventistas do Sétimo Dia no Brasil. Desta forma, analisando o gráfico, encontramos que na maioria das respostas, os evangelistas entrevistados concordam que os resultados alcançados em tendas de evangelismo eram mais satisfatórios do que os métodos convencionais. Em um número menor, porém também significativo, a pesquisa nos aponta alguns evangelistas que responderam que em ambos os métodos os resultados são semelhantes. Porém em nenhum dos entrevistados, foi encontrado alguém que achasse resultados inferiores no evangelismo em tendas.



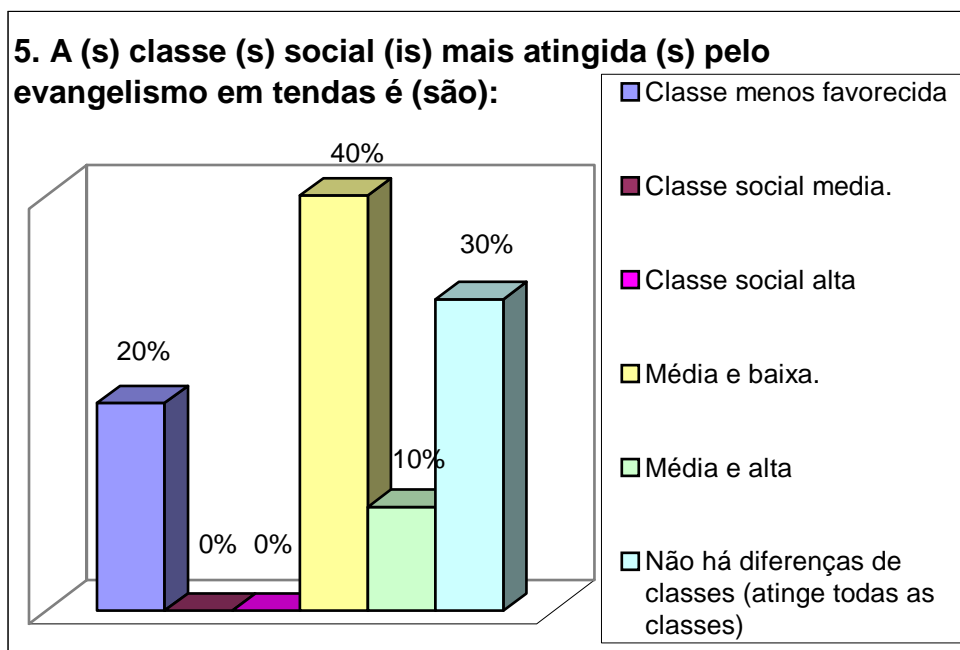
Porém, ao realizarmos a mesma pergunta, mas com o enfoque nos resultados da atualidade, podemos notar uma inversão de valores. Agora os resultados alcançados para a maioria dos entrevistados é semelhante. Mas também há um número significativo que acredita que os resultados ainda continuam sendo superiores.



Nesta questão analisamos as vantagens que o evangelismo em tendas poderia ter em relação aos métodos convencionais. Encontramos várias visões em relação ao tema. Porém a que mais se destacou, foi a de que o evangelismo em tendas não gera preconceitos.



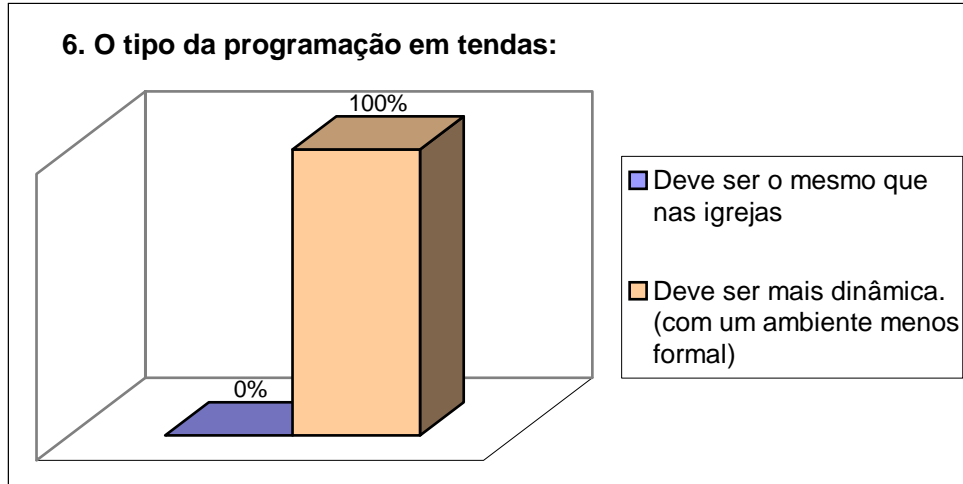
Já nesta questão, fizemos o inverso, perguntamos agora sobre as desvantagens encontradas no evangelismo em tendas. Aqui a maioria dos pastores entrevistados opina que uma forte desvantagem é que o evangelismo em tendas gera um alto custo em relação aos outros evangelismos (realizados em salões ou igrejas).



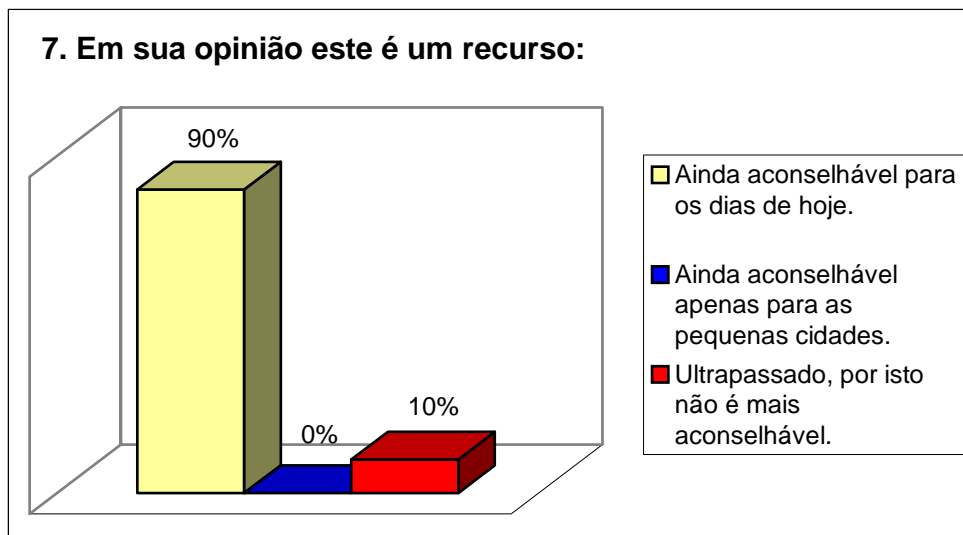
E quando a pergunta gira em torno das classes sociais mais atingidas, encontramos várias opiniões.

A maioria opina que as classes mais atingidas são as classes média e baixa.

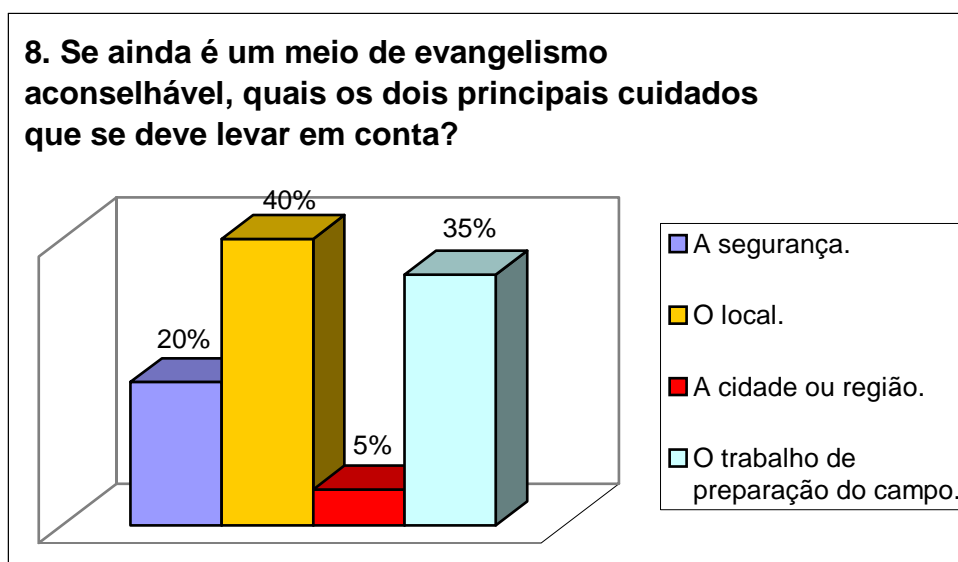
Porém um número muito próximo também acha que não há diferença entre as classes atingidas. Um número menor ainda concorda que as classes menos favorecidas são as mais alcançadas e, apenas dez por cento dos entrevistados acha que as classes média e alta são as mais alcançadas.



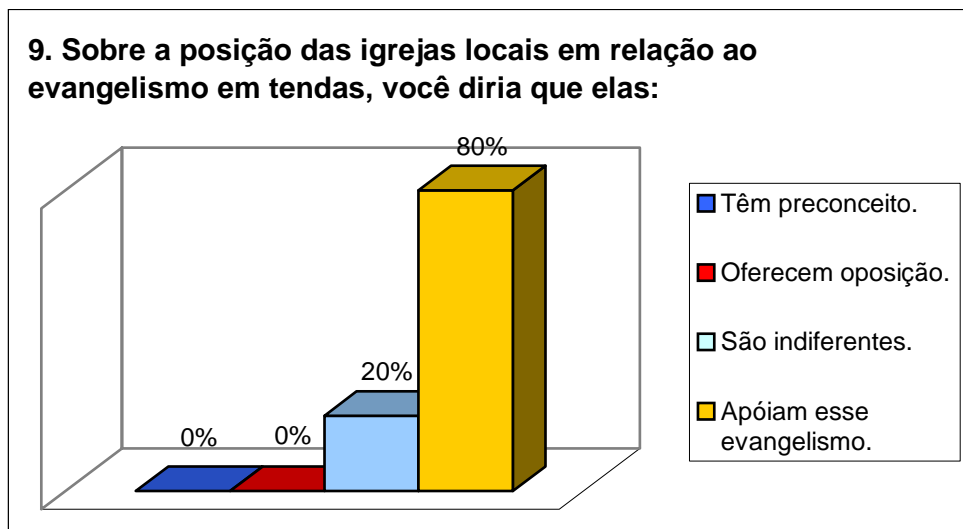
Quando a questão envolve o tipo de programação, encontramos que a opinião geral de todos os entrevistados é a mesma. Na opinião de todos, o tipo de programação realizado em tendas deve ser mais dinâmico do que os programas das igrejas.



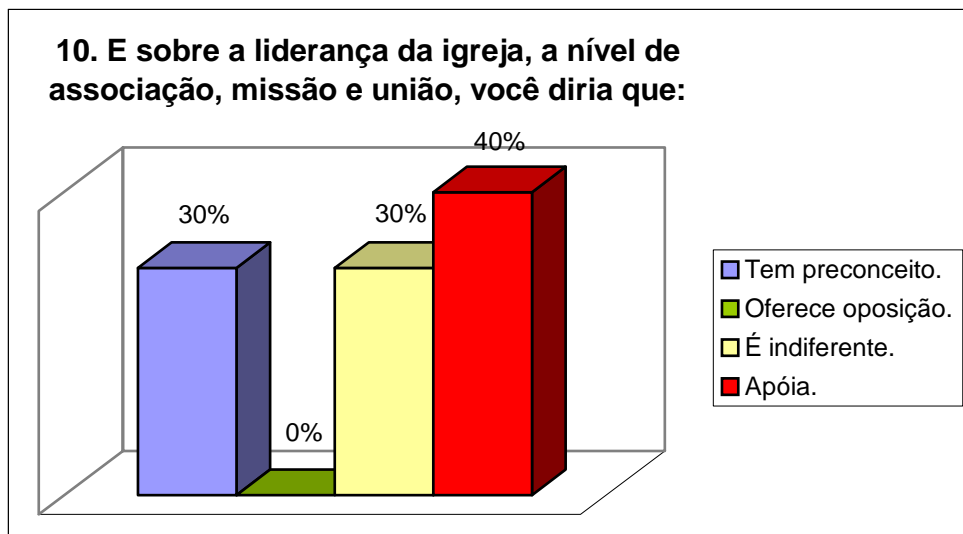
Na questão nove, perguntamos se este é um recurso ainda aconselhável. Quase todos os pastores entrevistados concordam que é um recurso ainda aconselhável em nossos dias, só dez por cento dos entrevistados, um número muito pequeno, diz ser este um método já ultrapassado.



Na questão oito, perguntamos sobre os cuidados que devem ser tomados para que haja um bom funcionamento do projeto. As duas repostas que se equipararam foram, a questão do local, onde irá se montar a tenda e, a questão da preparação do campo, distribuição de folhetos e propagandas. Porém, a segurança não foi deixada de lado, ela também é fundamental para o andamento do projeto (aqui a segurança é tanto atribuída ao público presente, bem como aos equipamentos que nela ficam instalados).



Nesta questão perguntamos sobre a posição das igrejas em relação ao evangelismo realizado em tendas. Quando tratamos diretamente com os membros das igrejas, não encontramos oposição nem preconceito para a realização do projeto (de acordo com as respostas dos entrevistados), todavia há membros que agem de forma indiferente quanto a realização do projeto, mas é um número bem insignificante.



Por outro lado, quando perguntamos sobre o apoio da liderança da igreja (a nível de associação, missão e união), as respostas não são mais as mesmas.

Uma parte ainda dos entrevistados (quarenta por cento) relata receber apoio por parte da liderança. Outras duas partes (trinta por cento cada) relatam que sofrem preconceito e indiferença por parte de sua liderança.

Como última pergunta, questionamos sobre o índice de apostasia do evangelismo de tendas, comparado com os evangelismos realizados em salões e igrejas. Entretanto, estes resultados não refletem uma realidade, porque na verdade eles apenas refletem as opiniões pessoais dos entrevistados. Por este motivo, o gráfico referente a questão onze não será apresentado, para que não haja uma falsa realidade estatística.

CAPITULO III

É RELEVANTE?

Como tudo na vida, o evangelismo na modalidade de auditório móvel também apresenta as suas vantagens e desvantagens. O propósito deste capítulo é expor de forma imparcial o que, segundo alguns pastores com boa experiência na área, poderia ser positivo e o que seria negativo na utilização das tendas em séries de evangelismo, isto afim de que o leitor possa concluir se tal método é ou não relevante hoje.

Contraste

Para o pastor evangelista Luís Gonçalves, a utilização das tendas no evangelismo hoje é um método ultrapassado que pode funcionar apenas nas cidades mais “precárias”. De acordo com ele, alguns dos fatores que conspiram contra este meio de evangelização são: Quem irá cuidar dos novos conversos, visto que eles não adentraram em uma congregação já existente? O fato de muitos pastores esconderem de início o nome da igreja seria outra enorme desvantagem. Outra objeção se constitui pela dificuldade na mudança das pessoas da tenda para a igreja.⁴⁰

⁴⁰ Pesquisa realizada de forma escrita com o Pr. Luís Gonçalves em outubro de 2004.

Já para o Pr. José M. Viana, as tendas hoje são aconselháveis e de total relevância. Apesar de concordar com o Pr. Luís que a transição dos novos conversos da tenda para a igreja é algo “dramático”, ele afirma que este meio de trabalho pode hoje, assim como no passado, abrir portas que de outra maneira não seriam abertas, tanto em cidades pequenas como em grandes. Para ele, o que faz a diferença não é tanto o local para onde as pessoas devem ir e, sim, o trabalho de preparação realizado antes da primeira noite de reuniões. Tal preparação deveria ser interna (com a igreja) e externa (divulgação fora da igreja).⁴¹

O Pr. Viana argumenta também que duas vantagens da tenda sobre o auditório comum são de fundamentais importância. A primeira delas, que ele denomina de vantagem física, é que o conferencista pode ter total domínio no ambiente, pois ele pode escolher o melhor local onde instalar seu auditório. Esta é a grande arma do evangelismo em tendas, segundo O Pr. Viana. No entanto, ele reconhece que no passado era muito mais fácil conseguir um bom local que no presente. A segunda grande vantagem da tenda, apresentada por esse pastor como vantagem psicológica, é que o evangelista tem um público completamente desarmado, “com a mente aberta, sem preconceito de igreja”. Esta vantagem ele assegura que ainda pode ser a mesma que no passado.⁴²

Contudo, o pastor em questão admite que, além da dificuldade da transição dos novos conversos e da aquisição do local de instalação, há outras desvantagens da tenda em comparação com a igreja, ou outro salão convencional. Algumas delas seriam: as reuniões ficam mais expostas às intempéries climáticas, como chuvas e ventos; o alto custo da

⁴¹ Viana.

⁴² Ibid.

aquisição e da manutenção geral da tenda como a contratação de um vigia e a locomoção de toda a parafernália de uma cidade para outra. Entretanto, segundo o Pr. Viana, todo este custo seria o equivalente ao gasto que se teria com o evangelismo comum por um período de dois anos. A grande vantagem da tenda, considerada por ele, é que mesmo depois de dois anos ela pode ser usada por muito mais tempo.⁴³

Quando se trata de apostasia, tanto o Pr. Luís quanto o Pr. Viana concordam que o problema não é com a questão do local onde as pessoas foram convertidas, e sim com a fixação delas na igreja. Aqui está, conforme explicam esses pastores, a falha clamorosa da igreja e não do evangelismo em si, seja em tenda ou não.⁴⁴

Para o Pr. Joel Sarli, só se posiciona contra o evangelismo em tenda quem nunca realizou este tipo de trabalho para ver as grandes vantagens que ele oferece. Entre elas, esclarece ele, está o fato de se ter ali um auditório neutro para trazer as pessoas que, por terem preconceito contra a igreja, não vão à mesma, mas podem ir à tenda. Além disto, neste tipo de auditório, o evangelista tem a oportunidade de formar a personalidade do seu grupo de ouvintes e, conseqüentemente, dos novos conversos, conclui o Pr. Joel Sarli.⁴⁵

O Pr. Wilson Sarli, mesmo sendo também um defensor das tendas no trabalho da pregação do evangelho, adverte que, ao menos no tempo em que ele presidia a antiga Associação Paulista, a maioria esmagadora das pessoas que eram atraídas por esses auditórios eram das classes médias e baixas. As pessoas de uma classe social mais elevada,

⁴³ Ibid.

⁴⁴ Ibid. e Gonçalves.

⁴⁵ Joel Sarli.

com algumas raras exceções, dificilmente freqüentavam as tendas. Elas eram mais facilmente atraídas pelos salões convencionais.⁴⁶

Por outro lado, o Pr. José Miranda acredita que, embora a tenda possa ser confundida com circo, ou tenda espírita, as vantagens que ela apresenta podem superar todos os pontos negativos e atingir todos os níveis sociais. Ele pondera que quando a tenda é bem montada e ornamentada chama a atenção positivamente até de classes mais altas como médicos, juízes, etc. Sua afirmação é reforçada com o exemplo de um ex-Juiz de direito que se tornou pastor da Igreja do Evangelho Quadrangular e abriu uma congregação local no Alto da XV, um ponto nobre da cidade de Curitiba, no Paraná. As pessoas que passaram a freqüentar aquela tenda eram de classe média alta. Além do mais, somente o fato de se ter boa mobilidade de bairro para bairro, ou de cidade para cidade, já é visto pelo Pr. Miranda como uma considerável vantagem.⁴⁷

O Pr. Balduino dos Reis, já citado neste trabalho, concorda com o Pr. Miranda quanto às classes sociais que são atraídas à tenda. E, por sua vez, só vê vantagens na utilização da mesma. Para ele não gera preconceito em nenhuma classe se não for chamada de “tenda”. O nome mais adequado seria auditório móvel. Nas campanhas dirigidas por ele, a nomenclatura adotada era sempre “Auditório Família Feliz”. Com esta denominação, diz ele que sempre alcançou pessoas de todos os níveis, tanto operários como médicos, dentistas, advogados, engenheiros e até pastores de outras denominações.⁴⁸

⁴⁶ Wilson Sarli.

⁴⁷ Miranda.

⁴⁸ Reis.

Outros pastores que trabalharam ou trabalham no evangelismo e crêem que a tenda ainda é um recurso recomendável, são os pastores José Carlos Ramos, Luís Nunes e Miguel Cabral⁴⁹. Dos dez evangelistas pesquisados para este trabalho somente o Pr. Luís Gonçalves vê o trabalho com tendas como ultrapassado. Mesmo assim, ele concordaria em usar este recurso se algumas condições fossem levadas em consideração⁵⁰.

Orientações do Espírito de Profecia

Nesta altura de nossa discussão, e considerando que este trabalho é feito especialmente para os arraiais adventistas, se faz necessário averiguarmos quais as orientações da escritora Ellen G. White para o assunto. É claro, porém, que não pretendemos esgotar as citações dessa autora sobre a questão, pois seria preciso um longo trabalho. Além disto estaríamos fugindo do propósito colocado para o presente.

Para não correremos o risco de sermos tendenciosos quanto às ponderações da autora em pauta, vamos apenas citar suas declarações e deixarmos que o leitor tire suas próprias conclusões. Esclarecemos, no entanto, que as declarações da autora se fundem em reuniões campais da sua época e séries de conferencias evangelísticas. São elas⁵¹:

⁴⁹ Pesquisa realizada de forma escrita com Pr. José Carlos Ramos em agosto de 2004, com Pr. Luís Nunes em setembro de 2004 e com Pr. Miguel Cabral em outubro de 2004.

⁵⁰ As condições levantadas pelo Pr. Luís estão citadas nas páginas 27 e 28 deste mesmo capítulo.

⁵¹ A fonte de todas as declarações é: Ellen G. White, *Evangelismo*, 2^a Ed. (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1978), 61, 76, 204, 390, 397, 403, 412, 453, 581, respectivamente.

...Oh! Como me parece ouvir a voz dia e noite: "Avançai; acrescentai novo território; penetrai em novos campos com a tenda, e dai ao mundo a derradeira mensagem de advertência.

...Os que por anos tiveram instruções para entrar em novos territórios com a tenda, e celebraram reuniões campais no mesmo local anos a fio, precisam converter-se, porque não dão ouvidos à Palavra do Senhor.

...Eu gostaria que tivésseis um pavilhão desmontável para reuniões. Isto seria muito mais conveniente para vosso trabalho do que uma tenda, especialmente nas estações chuvosas.

...O Pastor S está agora dirigindo uma série de conferências em Oakland. ... Armou ele sua tenda em local central e conseguiu bom auditório, melhor do que esperávamos.

...A cidade e seus subúrbios devem ouvir a derradeira mensagem de misericórdia a ser dada a nosso mundo. É preciso realizar reuniões de tenda em muitos lugares.

...Que os membros da igreja ergam a bandeira da verdade em sua vizinhança. Armem os pastores sua tenda, e preguem a verdade ao povo com poder, e depois mudem-se para outra vizinhança e aí preguem a verdade.

...Devem realizar-se bem aparelhadas reuniões de tenda nas grandes cidades, como São Francisco; pois, não tarda muito, estas cidades sofrerão os juízos de Deus.

...Fui solicitada a falar quanto à realização de reuniões em tendas, na Europa. Disse-lhe, segundo a luz que o Senhor me deu, que as tendas poderiam ser usadas com proveito em alguns lugares e, caso as reuniões fossem dirigidas como deviam ser, resultariam em grande bem. Eu não sabia naquela ocasião porque eles me consultaram sobre isto, mas soube que foi porque o irmão _____ havia falado anteriormente de certo modo em contrário de serem as tendas a coisa melhor para lugar de reuniões.

...Disse que o povo de Cantuária não é dado a ir à igreja, mas que a tenda em _____ tem sido uma propaganda, e eles estão curiosos de saber o que tudo isto significa. Desse modo têm sido atraídos a assistir às reuniões, e muitos estão interessados. Não os podeis levar a entrar em uma igreja ou salão, mas a tenda, eles acolhem bem.

...Em todo lugar em que se arma uma tenda, devem-se fazer desde o princípio diligentes esforços para pregar o evangelho aos pobres e curar os doentes.

Recomendações para Séries de Evangelismo em Tendras

Concluindo esta secção de nosso trabalho, descreveremos o que segundo os pastores e evangelistas pesquisados seria de fundamental importância levar em conta para a realização de uma série de conferência através de um auditório móvel. Na secção anterior já apresentamos algumas idéias, mas agora vamos detalhá-las um pouco mais e acrescentaremos mais algumas que julgamos serem indispensáveis para o fim proposto, qual seja, conferências em tendas.

O Pr. Viana adverte que, antes de tomar a decisão de realizar uma série de conferência desse estilo, deve-se considerar se o custo é compensável para o local escolhido, ou seja, se o aluguel de um auditório, ou a utilização de uma igreja não seria mais viável para o local e mais em conta. Caso a decisão seja a favor da tenda, é preciso então verificar a disponibilidade de um terreno adequado e a parte legal de poder realizar tal projeto no mesmo. Algumas indagações devem ser formuladas antes: É permitido pela administração da cidade? É seguro? Ou seja: o local oferece segurança para os que irão ali, ou é perigoso e suspeito? Internamente, o auditório está bem preparado para algum eventual acidente? Tem extintores suficientes?⁵²

Um fator que ele também pensa ser essencial é que o projeto deve ser de alguma das organizações superiores da igreja (Missão, Associação, União, Divisão, Associação Geral) para que desta maneira haja o investimento e a estrutura necessária.⁵³

O Pr. Luís Gonçalves estabeleceu uma lista de nove recomendações que ele respeitaria se fosse dirigir uma série em tenda. Segue-se a lista como ele a descreve:

1. Uma tenda nova e bonita, com acentos descentes.

⁵² Viana.

⁵³ Ibid.

2. Colocar um piso lindo e não aquelas pedras horríveis que se colocava no passado.
3. Fazer salas para a realização do evangelismo infantil.
4. Evitar a aparência de circo, ou tenda espírita.
5. Colocar uma placa especial na frente, e não esconder o nome da igreja, pois isto é anti-evangelismo.
6. Formar um núcleo especial, ou seja, formar um grupo organizado de irmãos que freqüentarão aquela igreja.
7. Formar um coral com os interessados e ampliar, ou formar as raízes de amizades entre aqueles que freqüentam a tenda.
8. Enquanto realizar o evangelismo é necessário estar construindo a igreja onde o povo irá freqüentar. O terreno deve ser bem próximo à tenda (caso não haja igreja ali).
9. Que o trabalho seja feito no mínimo em um ano.⁵⁴

O Pr. Luís Gonçalves observa que a verba gasta para o trabalho em uma tenda seria o suficiente para construir um novo templo. Daí a sua reserva pra com este tipo de trabalho.⁵⁵

O segredo do sucesso para esta modalidade de evangelismo, segundo o evangelista Balduino dos Reis, é, de fato, a localização da tenda. Recomenda que ela nunca deve estar em lugar escondido e, sim, à vista de todos, para que “quem passar correndo a possa ver”. Para ele, a propaganda também deve ser bem planejada, atraente e forte na sua

⁵⁴ Gonçalves.

⁵⁵ Ibid.

divulgação. Contudo, o maior sucesso, para esse evangelista, parece estar mesmo é na preparação da igreja e do campo local. Ambos devem ser conscientizados de suas funções no projeto. Adverte ainda que as reuniões não devem ser muito longas, devem ter ótimas atrações tanto para crianças como para adultos. O auditório deve ser bem identificado com faixas, cartazes e muita iluminação interna e externa. E, por fim, proporcionar aos ouvintes um ambiente semelhante ao que eles têm, em casa.⁵⁶

⁵⁶ Reis.

CONCLUSÃO

Através do evangelismo em auditórios móveis, a Igreja Adventista do Sétimo Dia tem sido grandemente beneficiada em seu crescimento numérico. Resultados positivos em relação a batismos tem sido alcançados. Todavia, observações tem sido feitas contra este método de evangelização, como: São ultrapassados ou não? Ainda são eficientes? Atingem todas as classes sociais? É mais deficiente que os outros meios evangelísticos quando se trata de apostasia?

No capítulo um, ao analisarmos o uso de tendas pela Igreja Adventista do Sétimo Dia, no Brasil, descobrimos que desde o final da década de sessenta, ela tem lançado mão deste recurso para seu trabalho de evangelização. Desde então, pastores e evangelistas de renome na Igreja, através das tendas têm alcançado grande sucesso em seu trabalho, levando o evangelho onde as dificuldades seriam muito maiores se não fizessem uso dos auditórios móveis. Pastores como José M. Viana, Joel Sarli, Geraldo G. de Oliveira parecem ter sido os protagonistas da efetivação das tendas no evangelismo adventista nesse país. Apesar de haverem iniciado no final dos anos sessenta, a efetivação deste recurso foi mesmo na década de setenta, primeiro com a importação de auditórios móveis, mas logo em seguida com auditórios produzidos no Brasil. Os resultados numéricos de batismos eram geralmente expressivos, com séries de conferências que chegavam a batizar mais de quatrocentas pessoas.

No segundo capítulo, foi feita uma pesquisa de campo, com os pastores evangelistas. Todos se submeteram a um questionário onde responderam perguntas que se referiam diretamente aos resultados obtidos pelo método de evangelismo em auditórios moveis (tendas). Com raras exceções, os pastores evangelistas foram bem sucedidos com o uso de auditórios móveis. A pesquisa prova que os resultados obtidos, na maioria das vezes, foram satisfatórios, e o método não é ultrapassado.

No capítulo três abordamos a questão relacionada à relevância das tendas na atualidade e, isto, a partir do ponto de vista dos pastores experientes da área. Assim, notamos que, se forem seguidas as sugestões apresentadas nesse capítulo, o evangelismo em tenda é ainda um método não só relevante e aconselhável, mas também uma boa opção para a pregação do evangelho onde a igreja não dispõe de um auditório adequado. Se seguidas também as idéias colocadas sobre a preparação interna (com a igreja) e externa (divulgação com o público alvo) do campo, o que a maioria dos evangelistas pesquisados pensam, é que todos os níveis sociais podem ser alcançados com esta modalidade de auditório.

Segue-se abaixo uma listagem das vantagens e desvantagens como consideradas pelos pastores pesquisados e já inclusas no meio deste trabalho.

Vantagens:

- Ambiente informal, que não gera preconceitos;
- Facilidade para obter auditório em qualquer cidade ou bairro, com

localização preferencial;

- Geralmente o público vai as reuniões com a mente aberta, sem o preconceito que teria se estivesse indo à igreja;

- Na tenda forma-se a personalidade do público;
- Mobilidade da tenda de bairro para bairro, de cidade para cidade;
- A natural atração que uma tenda desperta sobre a população;
- O baixo custo da aquisição-instalação (considerando que é um auditório móvel e permanente).

Desvantagens.

- Dificuldade para localizar terrenos que comportam o tamanho da tenda;
- Alto custo da aquisição e manutenção da tenda;
- A transição dos novos conversos da tenda para a igreja;
- A natural atração para pessoas de baixa renda, crianças e gangues do local;
- Desperta preconceito ao confundir com circos ou tendas espíritas, etc;
- Dificuldade na conservação da tenda;
- Falta de pessoas para cuidar dos novos na fé.

Concluindo, sugerimos para pesquisas futuras, um estudo mais aprofundado sobre a história do surgimento e utilização de tendas na IASD, tanto no Brasil como no mundo, tendo em vista que nosso trabalho se deteve em averiguar apenas o início deste método no Brasil. Sugerimos ainda, um estudo detalhado e específico sobre a questão de apostasia, comparando os conversos em tendas com os conversos das igrejas, ou salões convencionais.

ANEXOS

Anexo I



Pavilhão de ar onde se realizaram as Conferências em São Luís, Maranhão, em 1968. (vista externa)



Pavilhão de ar onde se realizaram as Conferências em São Luís, Maranhão, em 1968. (vista interna em noite de conferência)



“Navespacial” da Associação Paulista, utilizada pelo Pastor G. G. de Oliveira em 1972.



Evangelismo realizado no auditório móvel de Salvador, em 1971.



Pastor José M. Viana, Evangelista da União Este-Brasileira, na Conferência de Salvador em 1971, no auditório móvel.



Pastor Joel Sarli, Evangelista da Divisão Sul-Americana, na Conferência de Vitória em 1971, no auditório móvel.

Anexo II

Sermão de Inauguração da “Navespacial”

Crônica

Meus prezados amigos deste simpático e próspero bairro do Campo Limpo. Em nome da..., tenho a satisfação de dar-vos as boas-vindas a bordo desta “Navespacial” que, hoje, fará o seu vôo inaugural sob o comando do Professor Geraldo Gomes de Oliveira.

Hoje é o dia 19 de agosto, dia que escolhemos para a inauguração desta gigantesca “nave”, que tem a capacidade de transportar mil “passageiros”, todos assentados confortavelmente.

Como podeis perceber, as turbinas já estão acionadas com toda a sua potência. Foram testadas e tudo parece estar em ordem e em condições de operação. Pode acontecer, entretanto, que durante o vôo, as turbinas venham a parar por falta de energia elétrica. Mas ninguém deve ter receio e nem preocupação. Esta “nave” não cai tão fácil; é a mais perfeita e segura do mundo.

Eu explico: caso as turbinas venham parar pelos motivos já mencionados, estando com as cortinas baixadas (os “comissários” já estão devidamente instruídos para tomar todas as providências) a “nave” levará três horas para descer. É tempo mais que suficiente para ela retornar à base de pouso. E o pouso será muito suave. Mas, temos uma outra alternativa e, portanto, ela não cai, não. É que temos uma turbina de reserva impulsionada a óleo diesel. Ela é um pouco mais barulhenta que a primeira, mas funciona muito bem.

Mas vejam senhores, que estamos no dia 19 do mês de agosto, mês que antecede a primavera.

E alguém que nasceu no dia 19 de agosto de 1841, um poeta, escreveu os seguintes versos:

Era no mês de agosto, o mês dos riscos,
Das doces queixas, das canções sentidas,
Quando no céu azul, ermo de nuvens,
Passam as andorinhas foragidas.

Quando voltam do exílio as garças brancas,
Quando as manhãs são ledas e sem brumas,
Quando sobre a corrente dos ribeiros
Pende o canavial as alvas plumas.

Quando palram no mato os periquitos,
Quando corre o tatu pelas roçadas,
Quando chilra a cigarra nos fragedos
E geme a juriti nas assomadas.

Quando os lagartos dormem no caminho,

Quando os macacos pulam nas palmeiras,
Quando se casa o grito da araponga
À triste e surda voz das cachoeiras.

Este é o mês de agosto, prenúncio da primavera com as suas flores e perfumes, mês quando se separa o solo da terra e do coração para a semeadura da boa semente para aqui e para a eternidade.

Pois bem, isto é apenas uma introdução para a nossa descontração no início desta primeira viagem, dentre as muitas que faremos nesta “Navespacial”.

O local do embarque será sempre aqui, no horário das 19:30 hs. Os “comissários” estarão sempre a porta para dar-vos as boas-vindas. As viagens serão sempre panorâmicas e não durarão, entre a partida e o regresso, mais que uma hora e meia, no máximo, duas horas.

Como já vos disse, o comandante desta “nave” é o professor G. G. de Oliveira. E durante os quatro ou cinco meses que a “Navespacial” ficará aqui no Campo Limpo, o professor Geraldo vai nos mostrar, durante os vôos, muitas coisas que vocês antes não conheciam.

E tem mais. Durante as viagens teremos a oportunidade de ouvir músicas boas e selecionadas, reproduzidas em modernos aparelhos stereofônicos.

Durante a viagem poderemos apreciar bons filmes e slides luminosos altamente educativos, ocasião em que o professor Geraldo aproveitará para fazer muitas palestras orientadoras.

Cada noite, chova ou faça bom tempo, teremos surpresas e novidades durante a viagem. Perder uma viagem é o mesmo que perder uma parte da vida.

As crianças também poderão viajar, desde que acompanhadas de seus pais. Nenhuma criança menor de idade pode entrar na “nave” desacompanhada. Os programas para a criançada, nestas viagens, estarão a cargo da professora Linda de Oliveira, esposa do Comandante da “Navespacial”.

Nas viagens que faremos o professor Geraldo nos levará a conhecer muitas coisas e lugares. Viajaremos pelos espaços siderais, além do céu azul, muito além das estrelas e haveremos de ver as mais belas coisas que Deus tem preparado para nós; viajaremos através da História, quando haveremos de entender que a vida de povos ou nações não é meramente um colecionar de fatos e incidentes que se vão, numa seqüência ininterrupta, fazendo marcos no decorrer dos séculos, mas que em tudo isto se revela de maneira imparcial os decretos da Providência. A qual “tem domínio sobre o reino dos homens e que os dá a quem Ele quer” (Dan. 4:32).

Viajaremos pelo passado, passaremos pelo presente e avançaremos pelo futuro, conhecendo grandes homens e muitas civilizações que muito têm a nos ensinar. Nesta viagem, pelo “túnel do tempo”, conheceremos muitos povos e civilizações com suas culturas, tradições e costumes milenares, tais como: egípcios, assírio e babilônicos, fenícios, árabes e judeus. E, enquanto estamos viajando, o professor Geraldo aproveitará o tempo para fazer algumas palestras muito proveitosas sobre saúde, felicidade, casamento e

noivado, vida familiar e muito mais...Palestras que nos ajudarão a viver melhor neste mundo conturbado em que vivemos e a nos prepararmos para o outro mundo que conheceremos durante essas viagens.

Pois bem, meus amigos, temos que começar a viagem. O momento de tanta expectativa, está chegando. E para esta primeira viagem, convidamos para estar conosco, o coral Carlos Gomes que sob a regência do Maestro Flávio Araújo Garcia, cantará em vários momentos até o nosso regresso.

A todos, pois, uma boa viagem sob o comando do professor Geraldo Gomes de Oliveira.

Pr. Wilson Sarli – Presidente da AP.

Anexo III

QUESTIONÁRIO UTILIZADO NA PESQUISA DE CAMPO.

PARTE I – PARTE HISTÓRICA

1. Em relação à história de tendas no Brasil, o que o senhor pode dizer? Quando, como e com quem começou?

(Responda no verso desta página)

PARTE II – RESPONDA APENAS UMA ALTERNATIVA. (quando não houver indicação contrária)

1. Quando surgiu este recurso (evangelismo em tendas), se comparado com o evangelismo que era realizado em salões e ou igrejas, os resultados eram:

- a () Semelhantes.
- b () Melhores.
- c () Piores.

2. A utilização deste método hoje em relação aos métodos mais convencionais (evangelismos realizados em salões e igrejas):

- a () Obtém-se melhores resultados.
- b () Obtém-se resultados inferiores.
- c () Não há diferenças significativas, os resultados são os mesmos.

3. Assinale **as duas principais alternativas** que você acredita poderem ser **vantagens** da tenda sobre os outros locais citados na questão anterior:

- a () Ambiente informal que não gera preconceitos.
- b () Facilidade para obter auditórios em qualquer cidade ou bairro, com

localização preferencial.

c () A natural atração que uma tenda desperta sobre a população do bairro ou cidade.

d () O baixo custo da aquisição e instalação (considerando que é um auditório móvel e permanente).

4. Assinale **as duas principais alternativas** que você acredita poderem ser **desvantagens** da tenda sobre outros locais convencionais citados na questão três:

- a () Desperta preconceito ao confundir com circos, tendas espíritas, etc.
- b () A dificuldade para localizar terrenos que comportam o tamanho da tenda.

- c () A natural atração para pessoas de baixa renda, crianças e gangues do local.
- d () O alto custo da aquisição e da manutenção com: salários de vigilantes

permanentes, o valor do transporte ao deslocar de um local para o outro, o aluguel do local onde irá se instalar, etc.

5. A (s) classe (s) social (is) mais atingida (s) pelo evangelismo em tendas é (são):

- a () Classe menos favorecida.
- b () Classe social media.
- c () Classe social alta
- d () Média e baixa.
- e () Média e alta.
- f () Não há diferenças de classes (atinge todas as classes).

6. O tipo da programação em tendas:

- a () Deve ser o mesmo que nas igrejas.
- b () Deve ser mais dinâmica (com um ambiente menos formal).

7. Em sua opinião este é um recurso:

- a () Ainda aconselhável para os dias de hoje.
- b () Ainda aconselhável apenas para as pequenas cidades.
- c () Ultrapassado, por isto não é mais aconselhável.

8. Se ainda é um meio de evangelismo aconselhável, quais os dois principais cuidados que se devem levar em conta?

- a () A segurança na tenda.
- b () O local onde será instalada.
- c () A cidade ou região onde se realizará a série.
- d () O trabalho de preparação do campo como: divulgação, preparação das igrejas adventistas existentes na região, etc.

9. Sobre a posição das igrejas locais em relação ao evangelismo em tendas, você diria que elas:

- a () Têm preconceito.
- b () Oferecem oposição.
- c () São indiferentes.
- d () Apóiam esse evangelismo.

10. E sobre a liderança da igreja, a nível de associação/missão e união, você diria que:

- a () Tem preconceito.
- b () Oferece oposição.
- c () É indiferente.
- d () Apóia esse evangelismo.

11. Sobre o índice de apostasia:

- a () O número é maior entre os que foram evangelizados em tendas.
- b () O número é menor entre os que foram evangelizados em tendas.
- c () O fato de ter sido evangelizado em tendas não é relevante para a

apostasia.

PARTE III - OBSERVAÇÕES ADICIONAIS:

(As observações relevantes foram incluídas dentro do trabalho)

BIBLIOGRAFIA

- Anderson, R. A. *O pastor evangelista*. Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1965.
- Neilsen, N. P. “*Reunião Campal em Porto Alegre*”. *Revista Mensal*, maio de 1928, 13.
- _____. “*Conferência e Reunião Campal*”. *Revista Mensal*, maio de 1930, 18.
- Rodrigues, Samuel Eman. “*Evangelismo publico no Brasil*”. Monografia apresentada em cumprimento parcial às exigências do curso de pós-graduação. Santo Amaro, SP: Fevereiro, 1984.
- Sarli, Tércio. “*Evangelismo em São Luis – Maranhão*”. *Revista Adventista*, abril de 1969, 21 – 22.
- Silva, João Fabrício da. “*Evangelismo publico, um item para o crescimento da igreja.*” Monografia apresentada em cumprimento às exigências da matéria métodos de investigação. Engenheiro Coelho, SP: 1993.
- Streithorst, Walter. “*Evangelismo fecundo em auditório móvel*”. *Revista Adventista*, dezembro de 1971, 18 – 19.
- Talbot, Antonio. “*Mais de 300 adventistas em três meses*”. *Revista Adventista*, julho de 1971, 18.
- Weeks, Haward B. *Adventist Evangelism in the Twentieth Century*. Washington, DC: Reviw and Herald, 1969.
- White, Ellen G. *Evangelismo*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2002.
- Wilson, J. Chisty Jr. e Robson L. Ramos. *Fazedores de tendas hoje*. São Paulo: Editora Sepal, 1992.
- “*Noticias da Paulista*” (Informativo Nacional). *Revista Adventista*, dezembro de 1972, 27.

TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO

O DESENVOLVIMENTO DA COLPORTAGEM DE PALESTRAS EM EMPRESAS

Agenor Pereira Simões

Bacharel em Teologia pelo Unasp, Campus Engenheiro Coelho, SP.

TCC apresentado em novembro de 2004

Orientador: José Miranda Rocha, D.Min.

RESUMO: O trabalho de colportagem (evangelismo por meio da venda de literatura) desenvolvido pela Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil, tradicionalmente tem contribuído na manutenção financeira de um número significativo de estudantes universitários que passam pelos internatos adventistas. Uma das segmentações deste programa é a realização, em empresas, de palestras sobre qualidade de vida. Por, geralmente, trazer bons resultados financeiros, este setor da colportagem tem crescido consideravelmente. Com o aumento de alunos envolvidos neste trabalho, cresce a necessidade de orientação para que os objetivos financeiros e evangelísticos sejam alcançados. Esta pesquisa pretende sistematizar conceitos e técnicas, a fim de propor uma metodologia para esta modalidade de colportagem.

PALAVRAS-CHAVE: colportagem em empresas, metodologia, treinamento, materiais.

The development of canvassing through presentations in business companies

ABSTRACT: The work of canvassing (evangelism through the sales of religious literature), developed by the Seventh-day Adventist Church in Brazil, has traditionally helped a large number of university students to pay for their studies in the Adventist schools. One modality of canvassing is the speeches on quality of life presented in business companies. Since it has enjoyed pretty good results, this modality of canvassing had lately a high rate of growth. With the large number of students involved in this modality of canvassing increases the need of orientation so that their financial and evangelistic goals may become a reality. This research pretends to systematize concepts and techniques related to this modality in order to provide a methodic approach to it.

KEYWORDS: canvassing in business companies, methodology, training, material.

Faculdade Adventista de Teologia
Centro Universitário Adventista de São Paulo
Campus Engenheiro Coelho

O DESENVOLVIMENTO DA COLPORTAGEM DE PALESTRAS EM EMPRESAS

Trabalho de Conclusão de Curso
Apresentado em Cumprimento Parcial
dos Requisitos para o Título de
Bacharel em Teologia

por
Agenor Pereira Simões

Novembro de 2004

O DESENVOLVIMENTO DA COLPORTAGEM DE PALESTRAS EM EMPRESAS

Trabalho de Conclusão de Curso
Apresentado como requisito Parcial
à obtenção da Graduação no
Bacharelado em Teologia

Por

Agenor Pereira Simões

COMISSÃO DE APROVAÇÃO:

Orientador
Emilson dos Reis
Professor de Teologia Aplicada

Avaliação

Wagner Kuhn
Professor de Teologia Aplicada

Data de Aprovação

Amim Rodor
Diretor do Curso de Teologia

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
Capítulo	
I . A IMPORTÂNCIA DA COLPORTAGEM DE PALESTRAS EM EMPRESAS... 2	
Conceito	2
A Relação da Colportagem de Palestras em Empresas e os Treinamentos em Empresas	3
Os Benefícios para a Empresa.....	5
Os Benefícios para Colportagem.....	6
II . MATERIAIS NECESSÁRIOS.....	7
Importância dos Materiais de Palestra	7
Materiais Imprescindíveis	8
Materiais Acessórios	12
III . ABERTURA DE EMPRESAS	15
Conceito	15
Como Abrir uma Empresa.....	15
IV. PALESTRAS EM EMPRESAS	19
Conceito	19
Como Efetuar uma Palestra.....	20
CONCLUSÃO	24
APÊNDICE: MATERIAIS DE PALESTRA.....	26
Apêndice A: Ficha de Abertura de Empresa.....	27
Apêndice B: Ficha de Abertura do Colportor	30
Apêndice C: CD-Card.....	34
Apêndice D: Folder	36
Apêndice E: Declaração.....	38

Apêndice F: Ficha de Compra	40
Apêndice G: Proposta	42

BIBLIOGRAFIA.....	44
-------------------	----

INTRODUÇÃO

Ao longo dos últimos anos a Colportagem de Palestras em Empresas tem sido um grande instrumento para a propagação do evangelho, bem como um meio de subsistência e manutenção de alunos em várias instituições educacionais mantidas pela IASD. Constituída, geralmente, de bons resultados financeiros, este setor da Colportagem tem crescido significativamente.

Um número cada vez maior de pessoas tem procurado aprender como realizar este trabalho. E as seguintes questões são levantadas: Como é desenvolvido o trabalho da Colportagem em Empresas? O que é necessário para se realizá-lo? Como é feito? Como se faz uma palestra na Empresa?

O objetivo desta pesquisa é responder a tais perguntas sistematizando as informações disponíveis de modo a resultar em uma possível metodologia eficaz para este tipo de Colportagem.

Para tanto, este trabalho será desenvolvido a partir de uma pesquisa bibliográfica de livros sobre Colportagem e Treinamentos em Empresas, e apresentará quatro capítulos: (01) A Importância da Colportagem de palestras em Empresas, (02) Materiais Necessários, (03) Abertura de Empresas e (04) Palestras em Empresas. Ao final do trabalho haverá também uma conclusão da pesquisa.

CAPÍTULO I

A IMPORTÂNCIA DA COLPORTAGEM DE PALESTRA EM EMPRESAS

Este capítulo será desenvolvido a partir de quatro tópicos: (01) Conceito, (02) A relação entre Colportagem de Palestras em Empresas (CPE) e os Treinamentos em Empresas (TE), (03) Os Benefícios para a Empresa e finalmente (04) Os Benefícios para a Colportagem.

Conceito ¹

A CPE é um método de trabalho financeiro evangelístico realizado dentro das Empresas em geral, constituído de duas partes: Abertura da Empresa e a realização da palestra com vendas de livros de Colportagem, de modo que o pagamento é feito com o desconto em folha, dos possíveis funcionários interessados, por parte da Empresa.

A CPE não pode ser confundida com um outro método conhecido como “Oferta Coletiva”. Apesar de suas semelhanças, são dois métodos completamente diferentes. Na Oferta Coletiva não há a realidade do desconto em folha e nem a passagem dos processos de Abertura e realização da palestra em Empresas. A oferta Coletiva é um método mais rápido e descomprometido com a Empresa ao passo que a CPE mostra-se ser um processo mais lento, porque abrange dois momentos: A Abertura e a Palestra. Além do que, se baseia no

¹ Ver: Ronald E. Appenzeller, *Curso Básico para Colportores* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1997), 102; Nicholas Chaj, *Métodos de Campeões* (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1981),95.

desconto em folha e está comprometida com a Empresa, ou seja, todo o pagamento é feito via Empresa.

A Relação entre a CPE e o TE

Há uma significativa relação entre a CPE e o TE. Ambas necessitam ser realizadas, possuem alguns propósitos em comum, além de trazerem benefícios tanto para a Colportagem como para a Empresa.

O TE é um processo de assimilação e desenvolvimento profissional e pessoal dos funcionários e administradores, que compõem a Empresa. Os treinamentos possuem o objetivo de melhoramento e aperfeiçoamento, sobretudo, no conjunto de conhecimento, habilidades e atitudes (CHA) dos funcionários, e, por conseguinte, da Empresa ¹.

Os treinamentos são obrigatórios para todas as Empresas. A Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT) no Artigo 163 rege a obrigatoriedade de treinamentos nas Empresas, bem como a instituição da Comissão Interna de Prevenção de Acidentes (CIPAT). Este departamento é um dos responsáveis pela área de treinamento, e pode ser procurado para a

¹ Ver: Dave Ulrich, *Os Campeões de Recursos Humanos* (São Paulo: Futura, 2002), 39-45; Gustavo G Boog, *Manual de Treinamento e Desenvolvimento*, (São Paulo: Associação Brasileira de treinamento e Desenvolvimento, 1999), 141-144; Idalberto Chiavenato, *Gestão de Pessoas* (Rio de Janeiro: Campus, 1999), 293. Jean Pierre Marras, *Administração de Recursos Humanos* (São Paulo: Futura, 2002), 180-205; Juarez C Bezerra, *O Desenvolvimento dos Recursos Humanos na Busca da Perpetuação da Qualidade* (São Paulo: CIP, 1992) 9; John A. Wagner, e John R Hollenbeck, *Comportamento Organizacional* (São Paulo: Saraiva, 2002), 119; Leszek Celinsk, *Treinamento Gerencial Básico* (Petrópolis, RJ: Vozes, 1995), 65-67; Paulo P. Ferreira, *Treinamento de Pessoal, A Técnico-Pedagogia do Treinamento* (São Paulo: Atlas, 1975), 101; Roberto Kanaane, *Manual de Treinamento e Desenvolvimento do Potencial Humano* (São Paulo: Atlas, 2001), 211; Sylvia Constant Vergara, *Gestão de Pessoas* (São Paulo: ATLAS, 2000), 41-68; Yolanda F. Balcão, e Laerte Leite Cordeiro, *Comportamento Humano na Empresa* (Rio de Janeiro: FGV, 1979), 319-337.

abertura de Empresas, conforme será tratado posteriormente. Vale notar, que a área de atuação da CIPAT não se restringe apenas à prevenção de acidentes, mas inclui os treinamentos em geral, inclusive sobre a Qualidade de Vida, que é um importante item utilizado como ponte para a CPE. Além disso, a realização de treinamentos é um requisito das Normas Regulamentadoras (NRS) no referente ao cumprimento da legislação da Higiene, Segurança e Medicina do Trabalho(HSMT)¹.

Em consonância com a Empresa, a realização de Palestra nas Empresas também são necessárias para a Colportagem. Isso ajuda na pregação do evangelho a todas as pessoas, em todos os lugares. Traz consigo muitos benefícios, conforme serão tratados posteriormente. A CPE, de fato, fará bem para o funcionário, em suas áreas física, mental e espiritual, e, por conseguinte para a Empresa. E aqui está o centro do relacionamento entre a CPE e o TE: ambas necessitam das palestras ou treinamentos, e ambas saem beneficiadas.

Um dos programas que poderia ser usado para unirem a Colportagem com as Empresas, no referente a realização de palestras, é a Qualidade de Vida. A Qualidade de Vida é um programa de atuação que visa o aumento na produtividade e melhoria na Competitividade através do crescimento dos funcionários, que são a base da Empresa. De acordo com a Cecília Shibuya, presidente da Associação Brasileira de Qualidade de Vida (ABQV) os programas de Qualidade de Vida nas Empresas tornaram-se, nesses últimos anos, a menina dos olhos de inúmeras organizações que, por fim, acabaram por descobrir

¹ Ver: Dave Ulrich, 39-45; Gustavo G. Boog, 141-144; Idalberto Chiavenato, 293; Jean P. Amarras, 180-205; Juarez C. Bezerra,9; John A. Wagner, 119; Leszek Celinsk, 65-67; Paulo P. Ferreira, 101; Roberto Kanaane, 211; Sylvia Constant Vergara, 41-68; Yolanda F. Balcão, 319-337.

que investir no bem-estar de seu funcionário não resume apenas a uma questão legal, mas também numa excelente arma estratégica ¹. Além disso, os sindicatos inseriram, desde os anos 80, em seu discurso e também em suas pautas de reivindicações a questão da Qualidade de Vida no trabalho². Assim a CPE traz Qualidade de Vida para a Empresa, e ao mesmo tempo evangeliza e provê recursos financeiros para a colportagem.

Os Benefícios para a Empresa

Existem, de modo geral, dois tipos de benefícios cedidos por uma Empresa: Benefício Compulsório e o Benefício Espontâneo. O primeiro é aquele que a Empresa concede aos seus empregados em atendimento às exigências da lei ou de normas legais como acordos ou convenções coletivas de trabalho. Como exemplo, pode-se citar: Décimo Terceiro e férias. Já o segundo, é aquele que a Empresa oferece aos seus funcionários por voluntariamente, geralmente com o objetivo de atender as necessidades dos empregados. Como exemplo, pode-se citar: Seguro de vida, festas, etc ³.

A CPE traz para a Empresa os dois tipos de benefícios, Compulsórios e Espontâneos. Além de ajudar a Empresa a cumprir requisitos da lei (CLT, NRS e HSMT), conforme visto no tópico anterior, também demonstra um investimento próprio da instituição, que atenderá as necessidades dos Funcionários.

Ademais, a CPE de fato trará para a Empresa uma boa Qualidade de Vida. Através da palestra, conforme será analisado no capítulo 4, o funcionário ficará mais motivado,

¹ Carlos Francis, *Gestão RH*, ano 10, Janeiro/fevereiro de 2004, “O Oscar da Qualidade de Vida” (São Paulo: ABTD, 2004)14-16.

² Jean P. Marras, 180-122.

³ *Ibidem*, 139.

poderá modificar para melhor seu estilo de vida, poderá se relacionar melhor com sua família, com os colegas, enfim, será um funcionário melhor. Afinal, conforme Bachir Haidar Jorge, Psiquiatra e Consultor, antes do desenvolvimento profissional vem o desenvolvimento pessoal ¹.

Os Benefícios para a Colportagem

Assim como a Empresa, a Colportagem também tem seus benefícios com a realização das palestras. De modo geral, poder-se-ia dividir em dois tipos de benefícios: financeiro e evangelístico. O primeiro diz respeito aos lucros obtidos a partir das vendas dos livros. Já o segundo, se refere a mensagem do evangelho que está inserida nos livros que são adquiridos ².

Em se tratando do Benefício Financeiro, uma grande vantagem de se trabalhar com as Empresas é que o pagamento é à vista e não existe o problema de queda de pedidos. Ao final da Palestra os livros são apresentados para os funcionários e entregues aos interessados. Logo após este ocorrido, o Colportor, acompanhado pela pessoa contactada para a realização da Palestra, efetua os devidos acertos com a tesouraria da Empresa. Assim, os livros são entregues imediatamente após a palestra e o pagamento também é logo realizado.

Em seu Benefício Evangelístico, a CPE se constitui em mais uma boa maneira de se evangelizar. É uma maneira de “ir aonde o Pastor não pode ir”¹. Além da mensagem contida nos livros, é o momento em que se pode fazer também orações e até mesmo falar de Jesus.

¹ Bachir H. Jorge, *Super Hiper*, Novembro de 2003, “Pessoas bem-desenvolvidas são mais Produtivas” (São Paulo: Abras, 2003), 6.

² Nicolas Chaj, *Métodos de Campeões* (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1981), 23.

¹ Ellen G. White, *Mensageiros da Esperança* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2002), 13.

CAPÍTULO II

MATERIAIS NECESSÁRIOS

Para tratar sobre os Materiais Necessários, apresentar-se-ão os seguintes tópicos: (01) Importância dos Materiais de Palestra, (02) Materiais imprescindíveis e finalmente (03) Materiais acessórios. Vale notar que cada colportor tem a sua metodologia e os itens aqui abordados constituem-se como uma sugestão.

Importância dos materiais de palestra

Em conformidade com os diversos setores da colportagem com seus respectivos métodos, a CPE também tem seus materiais e metodologias específicas. Os materiais utilizados para palestra têm a função de facilitar o trabalho do Colportor em suas necessidades de abertura e realização de palestras, além de servir para dar credibilidade ao trabalho junto a Empresa.

A credibilidade é um item relevante no desenvolvimento da CPE. No mundo onde há tanta competitividade e corrida por uma melhor posição no mercado de trabalho a credibilidade, que se define aqui como uma boa qualidade do trabalho, abrirá as portas para a realização da CPE, mostrando, que de fato, a Empresa será recompensada ¹. O tempo gasto em uma palestra é de aproximadamente uma hora. Isso significa muito para uma Empresa. Porque neste tempo a

¹ Marcus V. C. Rodrigues, *Qualidade de Vida no Trabalho* (Petrópolis, RJ: Vozes, 2002), 73.

Empresa poderia estar produzindo, e por conseguinte tendo lucro. Por isso, a fim de que tenha credibilidade, a CPE tem de ser realizada de maneira organizada e sistematizada, o que também inclui os seus materiais. A importância de cada material será explanada no próximo item.

Materiais Imprescindíveis

Os materiais imprescindíveis são aqueles fundamentais para a CPE, pois sua falta dificulta ou até mesmo compromete todo o trabalho. São verdadeiras pontes que viabilizam o sucesso. Formam entre si importantes bases de sustentação, que fazem da CPE um trabalho feito de maneira bonita, organizada e bem sistematizado. Afinal o trabalho que disponibiliza de recursos didáticos, bem elaborados, tende a fortificar o TE, bem como a CPE ¹.

Os materiais Imprescindíveis podem ser divididos em três grupos: (01) Materiais de Venda, (02) Materiais de Abertura e (03) Materiais de Palestra.

¹ Ver: Dave Ulrich, *Os Campeões de Recursos Humanos* (São Paulo: Futura, 2002), 39-45; Gustavo G Boog, *Manual de Treinamento e Desenvolvimento*, (São Paulo: Associação Brasileira de treinamento e Desenvolvimento, 1999), 141-144; Idalberto Chiavenato, *Gestão de Pessoas* (Rio de Janeiro: Campus, 1999), 293. Jean Pierre Marras, *Administração de Recursos Humanos* (São Paulo: Futura, 2002), 180-205; Juarez C Bezerra, *O Desenvolvimento dos Recursos Humanos na Busca da Perpetuação da Qualidade* (São Paulo: CIP, 1992) 9; John A. Wagner, e John R Hollenbeck, *Comportamento Organizacional* (São Paulo: Saraiva, 2002), 119; Leszek Celinsk, *Treinamento Gerencial Básico* (Petrópolis, RJ: Vozes, 1995), 65-67; Paulo P. Ferreira, *Treinamento de Pessoal, A Técnico-Pedagogia do Treinamento* (São Paulo: Atlas, 1975), 101; Roberto Kanaane, *Manual de Treinamento e Desenvolvimento do Potencial Humano* (São Paulo: Atlas, 2001), 211; Sylvia Constant Vergara, *Gestão de Pessoas* (São Paulo: ATLAS, 2000), 41-68; Yolanda F. Balcão, e Laerte Leite Cordeiro, *Comportamento Humano na Empresa* (Rio de Janeiro: FGV, 1979), 319-337.

Os materiais de Venda

Coleções

As coleções podem ser formadas por um livro de saúde e um livro missionário. A função destes materiais é evangelizar o leitor e viabilizar recursos financeiros ao colportor. Segundo Ellen G. White, o trabalho da Colportagem não pode ser feito sem a presença de um livro missionário. Estes são indispensáveis para o cumprimento evangelístico da obra da Colportagem. Pois apesar da importância dos livros de saúde, estes não apresentam um conteúdo específico que conduza o leitor ao conhecimento da salvação ¹.

Os materiais de Abertura

Os materiais Imprescindíveis para a abertura de uma Empresa são: (a) Fichas de Abertura da Empresa, (b) Fichas de Abertura do Colportor, (c) Proposta, (d) Prospecto e (e) a Pasta de Declarações ².

As Fichas de Abertura da Empresa

São instrumentos que comunicam a Empresa, de maneira bem clara, todas as informações significativas apresentadas na abertura, além de ratificar e lembrar a Empresa de seu compromisso com o Colportor. Todos os detalhes, inclusive forma de pagamento, estão expressos nesta ficha, como se pode verificar no Apêndice. Esta ficha fica com a Empresa.

¹ Ellen G. White, *Mensageiros da Esperança* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2001), 55.

² Ver Apêndice.

As Fichas de Abertura do Colportor

São instrumentos que dão ao Colportor um comprovante do Compromisso assumido pela Empresa. Além dos mesmos itens contidos na ficha de abertura da Empresa, são acrescentados os seguintes itens: dados da Empresa (CNPJ, Inscrição estadual...) e dados de agendamento (Data da palestra, número de seções...).

A Proposta

É um instrumento utilizado quando a abertura para a realização da CPE não é definida na primeira entrevista, e então a pessoa comunicada solicita um material que apresente os itens abordados na entrevista. O objetivo desta solicitação feita pela pessoa comunicada, geralmente, é para mostrar aos seus superiores ou até mesmo já adiantar aos mesmos, os itens que serão explanados em uma próxima entrevista. Contudo, por que não utilizar a Ficha de Abertura da Empresa (FAE)? Porque a FAE só é preenchida mediante um comprometimento da Empresa, ao passo que a proposta é um instrumento apenas comunicador, que não apresenta nada para se preencher e nem envolve um compromisso por parte da Empresa. Assim a proposta não fecha as portas, mas apenas prorroga a proposta da CPE.

O Prospecto

É um instrumento que visualiza os itens abordados na entrevista. Pode ser apresentado de três maneiras: (01) Por um “prospecto” específico de CPE contendo os itens da entrevista sob um quadro bem atrativo, bem estruturado, com gráficos, dados científicos e pesquisas. (02) Através de um “Folder” com os mesmos itens do prospecto específico de CPE, e (03) por meio de uma “Apresentação em Power Point”, também com

os itens anteriores, a qual pode ser realizado com um Notebook do Colportor ou um computador da Empresa.

A Pasta de Declarações

É um instrumento que contém algumas declarações de outras Empresas onde a CPE já foi realizada. Estas declarações conferem ao trabalho maior credibilidade e devem ser solicitadas às Empresas como um dos requisitos necessários para a realização da CPE, conforme será visto no último capítulo.

Os materiais de Palestra

Os materiais indispensáveis para o desenvolvimento, organização e concretização da palestra são: (a) Recurso Visual e a (b) Ficha de Compra.

Recurso Visual

Existem vários tipos de recursos visuais que poderiam ser utilizados na CPE. Contudo, destacam-se dois recursos: O Retroprojeter e o Vídeo Projeter. O primeiro recurso é o mais comumente utilizado. Não é muito caro e atende as necessidades básicas de se apresentar a palestra de maneira ilustrada e atrativa. Na utilização deste recurso faz-se necessário ter um bom jogo de transparências. Estas devem ser feitas cuidadosamente de maneira a tornarem-se um instrumento que prenda a atenção do público, que os informe, e que esteja em harmonia com o conteúdo da Palestra. Já o segundo recurso, devido o seu preço elevado, é o menos comum de se utilizar, apesar de ser o melhor. Este recurso permite a utilização de slides animados e até mesmo de filmes. A sua imagem é mais nítida e causa um

maior impacto na Empresa. Na utilização deste recurso os requisitos para a elaboração dos slides são os mesmos da elaboração das transparências do Retroprojeto.

Ficha de Compra

É através desta ficha que se efetua a compra por parte dos interessados em adquirir os livros. Ao final da Palestra, o funcionário que queira adquirir os livros solicita a ficha, a assina, e então entrega para o Palestrante, que por sua vez a anexa a um vale que especifica o comprometimento do funcionário na aquisição dos livros e mostra o valor e o plano utilizado, geralmente um desconto em três vezes, na folha pagamento. Esta ficha além de ajudar o palestrante, também ajuda o departamento de RH ao efetuar os respectivos descontos em folha. Após o pagamento, estas fichas ficam para o departamento de RH para um controle interno da empresa como um comprovante do compromisso do funcionário.

Materiais Acessórios

Os materiais acessórios são aqueles que complementam o trabalho, mas que não impedem o processamento da CPE se não forem utilizados. Auxiliam a CPE mas não chegam a ser algo indispensável. O programa pode muito bem ser feito com a ausência deles. Contudo eles fazem com que o trabalho tenha uma aparência mais atrativa e organizada.

Assim como os materiais Imprescindíveis, os materiais acessórios estão divididos em três grupos: (1) Materiais de Venda, (02) Materiais de Abertura e (03) Materiais de Palestra.

Materiais de venda

Revistas

Estas revistas podem ser vendidas junto com as coleções ou até mesmo serem sorteadas como brindes. De maneira especial, o mais viável seria a segunda opção, fazer da revista um Brinde. Isso ajuda a quebrar o pensamento de que o Colportor está ali apenas para sugar das pessoas e que o objetivo do projeto é apenas vender. Este tipo de impressão, conforme será visto no último capítulo, deve ser evitado, pois fecha as portas para um trabalho futuro. A Empresa deve ver, de fato, os benefícios que está ganhando ¹.

Materiais de Abertura

Cartaz

É um anúncio, que mostra os temas da palestra, a data e o horário. É uma verdadeira propaganda.

CD-CARD

É um material que contém todos os itens abordados na entrevista em forma de Power Point. Este material além de funcionar como uma forte propaganda, por causa do recurso audiovisual, também apresenta a mesma função da proposta: prorrogar a definição da CPE para uma outra entre ocasião, se necessário.

¹ Ver: Juarez C Bezerra, *O Desenvolvimento dos Recursos Humanos na Busca da Perpetuação da Qualidade* (São Paulo: CIP, 1992) 9; John A. Wagner, e John R Hollenbeck, *Comportamento Organizacional* (São Paulo: Saraiva, 2002), 119; Leszek Celinsk, *Treinamento Gerencial Básico* (Petrópolis, RJ: Vozes, 1995), 65-67; Paulo P. Ferreira, *Treinamento de Pessoal, A Técnico-Pedagogia do Treinamento* (São Paulo: Atlas, 1975), 101; Roberto Kanaane, *Manual de Treinamento e Desenvolvimento do Potencial Humano* (São Paulo: Atlas, 2001), 211.

Materiais de Palestra

Laser

Serve para indicar os itens dos recursos visuais. É bom para que o auditório acompanhe o desenvolvimento da palestra nas projeções.

Aparelho de som

É um material importante para preparar o público para a palestra, para se quebrar o gelo, para se fazer dinâmicas dentre outras coisas mais.

Ilustrativos

São tudo aquilo que pode ser utilizado como ilustração dos itens abordados na Palestra (Balões, fantasias, desenhos, etc.).

CAPÍTULO III

ABERTURA DE EMPRESAS

Este capítulo desenvolverá dois tópicos: (01) Conceito e (02) Como Abrir uma Empresa. Vale notar que toda apresentação deste capítulo constitui-se como uma sugestão. Existem outras formas de se abrir uma Empresa.

Conceito

A Abertura de Empresas é a primeira etapa da CPE, que visa possibilitar a realização do trabalho de Colportagem na Empresa. É a oferta inicial, é o momento de se mostrar o projeto, pode-se ratificar o compromisso entre o Colportor e a Empresa, caso esta aceite a proposta.

Não há como fazer a CPE sem que se faça a Abertura da Empresa. Como foi afirmado no primeiro capítulo, a CPE só pode ser processada mediante o comprometimento da Empresa em realizar o desconto em folha dos funcionários que quiserem adquirir os livros. E é justamente na Abertura da Empresa em que estas questões são definidas.

Como Abrir uma Empresa

O processo de abertura de uma Empresa está dividido em duas partes: O contato Telefônico e a Entrevista. Cada um destes tópicos serão abordados a seguir. Contato telefônico

Este é o primeiro momento da Abertura de Empresas, que visa marcar uma entrevista com o responsável pela área de treinamentos na Empresa. Este processo, Além de abrir as portas para o contato com a empresa, mostra também que o trabalho é organizado e tem credibilidade.

A pessoa a ser solicitada em primeira instância no contato é o responsável pelos Recursos Humanos (RH). Pois o RH, em uma empresa organizada, é o principal responsável pela área da Qualidade de Vida, conforme foi abordado no primeiro capítulo, além de ser o encarregado da empresa em fazer os devidos descontos na folha de pagamento. Contudo, caso não se consiga contactar o RH, as outras pessoas que podem ser solicitadas são os responsáveis pelas seguintes áreas: Marketing, CIPAT, Diretor Financeiro, Chefe de segurança ou até mesmo o Presidente da Empresa ¹. Este último seria, talvez, o mais difícil de se contactar em se tratando de uma empresa de Médio a Grande porte. Mas em Empresas pequenas é justamente com o proprietário que se fala.

Finalmente, é importante destacar que no Contato Telefônico o Colportor deve responder a três perguntas básicas: Quem eu sou? De onde eu sou? e o que eu quero? É o momento de apresentar o projeto de maneira bem resumida e com simpatia despertar o interesse do responsável da empresa. Não se deve acertar nada por telefone. O Objetivo deste passo é somente marcar uma entrevista para verificar a possibilidade de realizar a CPE, na entrevista serão feitos os devidos acertos ².

Entrevista

É o momento final da Abertura de Empresas, que visa firmar o compromisso da realização da CPE. Este é um processo decisivo e tão importante quanto a realização da Palestra. Uma boa abertura contribuirá para um bom resultado, e o contrário também é verdadeiro.

¹ Ver: Juarez C Bezerra 9; John A. Wagner, e John R Hollenbeck, 119; Leszek Celinsk 65-67; Paulo P. Ferreira 101; Roberto Kanaane, 211.

² Ver: Nicolas Chaj, 23

Como já foi enfatizado no tópico anterior, a primeira pessoa a se procurar para se fazer a entrevista é o responsável pelo RH. A Qualidade de Vida, que é a ponte utilizada para se realizar a CPE, tem sido muito trabalhada por este departamento. De acordo com Waldir José Quadros, professor do instituto de Economia da Unicamp e pesquisador do Centro de Estudos Sindicais e de Economia do Trabalho (Cesit), o RH tem se tornado uma área estratégica nas empresas de todo o Brasil por ter uma visão de Qualidade de Vida, da premiação e da recompensa aos funcionários, chamados por ele de colaboradores ¹.

Dentre as várias formas de se realizar uma boa entrevista, pode-se citar três itens que devem ser mostrados e enfatizados: Objetivos, Benefícios e a clareza do trabalho.

Todo programa de palestra deve basear-se no diagnóstico de necessidades expressas em objetivos que, em última análise, tem de responder à pergunta: Para que realizar esta palestra? Isto é, os objetivos ou resultados esperados devem estar bem claros. Se se pretende fazer um trabalho eficaz de CPE, é fundamental determinar exatamente onde se quer chegar. Deve-se ter a preocupação de deixar claro qual o comportamento que o participante poderá ter ao final da palestra. E estes objetivos, que são apresentados na entrevista, devem apresentar as seguintes características: (01) Relevância, isto é, a importância da necessidade atendida, como pode-se verificar no primeiro capítulo; (02) Coerência, isto é, deve estar sintonizado com a missão e os objetivos da organização em conjunto com a Colportagem; (03) Realismo, isto é, deve ser viável e pragmático e finalmente (04) Ética, isto é, o respeito às pessoas envolvidas no processo e ao seu ambiente ¹.

¹ Adolfo Bom Tempo, *Melhor Gestão de Pessoas*, Agosto de 2004, “Além do Comercial” (São Paulo: Segmento, 2004), 38-41.

¹ Ver: Adolfo Bom Tempo, 38-41; Dave Ulrich, 39-45; Gustavo G Boog, 141-144; Idalberto Chiavenato, 293. Jean Pierre Marras, 180-205; Juarez C Bezerra, 9; John A. Wagner, e

Finalmente, os Benefícios e a clareza do trabalho também são fundamentais para o sucesso da CPE. A questão dos benefícios pode ser vista no primeiro capítulo. A questão da clareza, tem de ser cumprida ao longo de todo o processo, desde a abertura até a realização e conclusão da palestra. Nada deve ser omitido. Deve-se mostrar o projeto em toda a sua totalidade: A palestra tem a duração de 50 minutos à uma hora, ao final são apresentados alguns livros didáticos, que são uma extensão da palestra. É necessário falar do desconto em folha feito via Empresa, e tudo que for importante, a fim de que o trabalho não seja mal compreendido e as portas se fechem para futuros Colportor

CAPÍTULO IV

PALESTRAS EM EMPRESAS

Este capítulo tratará de dois tópicos: (01) Conceito e (02) Como efetuar a Palestra.

Todas as informações constituem-se apenas como uma sugestão. Há outras maneiras de se fazer a palestra na Empresa.

Conceito ¹

A palestra na Empresa é a etapa final da CPE, que visa beneficiar a Empresa em seus itens Compulsórios e Espontâneos e a Colportagem em seus itens Evangelísticos e Financeiros. A CPE não pode de forma alguma pensar apenas na Colportagem, mas como já foi visto, no primeiro capítulo, a Empresa também deve ser beneficiada.

O mais viável é que uma palestra dure de 50 minutos a 1 hora no máximo.

Difícilmente o responsável pela produção da Empresa disponibilizará maior tempo do que este.

Todas as empresas têm os seus compromissos produtivos, que geralmente, são elevados. Por isso o tempo máximo de 1 hora, com a utilização dos materiais relatados no segundo capítulo, contribuirá para a realização de uma boa palestra.

¹ Ver: Nicolas Chaj, 23; Ver: Juarez C Bezerra 9; John A. Wagner, e John R Hollenbeck, 119; Leszek Celinsk 65-67; Paulo P. Ferreira 101; Roberto Kanaane, 211.

Finalmente, deve-se lembrar que é importante chegar, com antecedência, à Empresa onde será feita a palestra. O aconselhável é de 30 minutos no mínimo. Esse tempo é solicitado para montar e testar os equipamentos, bem como efetuar os devidos preparativos.

Como Efetuar a Palestra

Dentre as várias formas de se efetuar uma palestra, bem como os itens que a constituem, pode-se citar dois tópicos: (01) O Roteiro e (02) Os Itens de Sucesso. Esses aspectos corroborarão na construção de uma boa palestra.

O Roteiro

O Roteiro é um segmento fundamental na construção de um treinamento ou palestra. Os tópicos que serão abordados na palestra têm de ser estudados e estruturados em consonâncias com os objetivos, que por sua vez, devem ser esquematizados em um Roteiro. Os assuntos a serem abordados devem ter uma linha específica, além de se ligarem mutuamente por meio de pontes de idéias, que não permitam que a linha de raciocínio seja distraída ou quebrada ¹.

¹ Ver: Frank Bettger, *Uma Nova Dimensão no Treinamento de Vendas* (São Paulo: PL, 1982), 199; Lauro B. Fontes, *manual de Treinamento na Empresa Moderna* (São Paulo: Atlas, 1980), 58-62; George S. Odiorne, *Treinamento por Objetivo* (Rio de Janeiro: Interciência, 1979)98-105; Hanry Mackay, *Como Nadar com os Tubarões sem ser comido Vivo* (São Paulo: Nova Cultura, 1989), 32-50; Ken Mantejka, *Sua Equipe veste a Camisa?* (São Paulo: Kobel, 1999), 75-93; Donald Weiss, *Treinando e Orientando no Local de Trabalho* (São Paulo: Nobel, 1993), 29, 69, 83; Ishwar Dayal, *Gerência de Treinamento* (São Paulo: Universidade de São Paulo, 1979), 47-73; Tomás de Vila Nova, *Motivação no Trabalho* (Rio de Janeiro: FGV, 1980), 65-94; Marder V. Carvalho, *Qualidade de Vida no Trabalho* (Petrópolis, RJ: Vozes, 2002), 41-88; George T. Milkovich, *Administração de Recursos Humanos* (São Paulo: Atlas, 2000), 338-335; Stephen P. Robens, *Comportamento Organizacional* (São Paulo: Prentice Hall, 2002), 151-202; Stephen Robis e Mary Coulter, *Administração* (São Paulo: Atlas, 2000), 300-333 e Antônio Maximiniano, *Teoria Geral da Administração* (São Paulo: Atlas, 2000), 296-323.

Sugere-se aqui o Roteiro que apresenta os seguintes assuntos na ordem em que são referidos: (01) Motivação, (02) Saúde e (03) Relacionamento. Estes três itens abarcam os assuntos voltados para a Qualidade de Vida.

A motivação é a razão pelo qual as pessoas agem. Este é, talvez, dos três pontos o mais almejado e o mais trabalhado pelas Empresas ao longo do Brasil. O funcionário que é motivado, além de beneficiar-se, produz muito mais do que o funcionário que não tem esta característica ¹.

A saúde é, por sua vez, o funcionamento pleno do copo Humano em todos os seus aspectos, sem nenhum tipo de impedimento ou problema que danifique o estado normal de uma pessoa. Assim, tão importante quanto a motivação, a saúde é também um item que contribui para a Qualidade de Vida do funcionário, que uma vez doente, além de produzir menos, pode vir a não trabalhar ².

Finalmente, o relacionamento, assim como os outros dois itens abordados acima, contribuirá para uma boa palestra e também ajudará na Qualidade de Vida dos funcionários. Segundo Laura Muller, Terapeuta e comunicadora social, e Cecília Shibuya, Presidente da Associação Brasileira de Qualidade de Vida, o relacionamento tem sido a chave do sucesso de muitas Empresas. Não apenas o relacionamento com os clientes, mas dos funcionários entre si e dos funcionários com as suas famílias. E é justamente disso que Riane, RH da Incentive House,

¹ Frank Bettger, 199; Lauro B. Fontes, 58-62; George S. Odiorne, 98-105; Hanry Mackay, 32-50; Ken Mantejka, 75-93; Donald Weiss, 29, 69, 83; Ishwar Dayal, 47-73; Tomás de Vila Nova, 65-94; Marder V. Carvalho, 41-88; George T. Milkovich, 338-335; Stephen P. Robens, 151-202; Stephen Robis e Mary Coulter, 300-333 e Antônio Maximiliano, 296-323.

² *Administração de Recursos Humanos* (São Paulo: Atlas, 2000), 338-335; Stephen P. Robens, *Comportamento Organizacional* (São Paulo: Prentice Hall, 2002), 151-202.

aborda em sua afirmação de que as empresas têm de tratar os seus funcionários como clientes especiais ¹.

Itens de Sucesso para a Palestra ²

Ter-se-ão como itens de sucesso seis fatores que serão abordados neste tópico. O primeiro deles é o conhecimento do auditório. O palestrante deve saber quem são as pessoas que irão ouvi-lo, seu grau de instrução, sua posição na Empresa, etc. E a partir daí adequar a sua palestra para a realidade do auditório.

O segundo ponto está ligado ao despertar da Necessidade do material que será vendido. Todas as pessoas têm as suas necessidades. E o sucesso está justamente em despertar no ouvinte a necessidade de adquirir os livros apresentados. Porque nem sempre ela sabe ou expressa claramente seus desejos. Nunca ofereça algo sem antes sondar as necessidades que a pessoas possa ter. As reais necessidades podem estar escondidas. Por isso o palestrante tem de despertá-las ao longo de sua palestra com dados alarmantes e perguntas reflexivas.

O terceiro tópico é o teste dos benefícios por meio de perguntas. O palestrante deve construir perguntas que apresentem uma situação e validem os assuntos abordados na palestra. Por exemplo: O que você faria se descobrisse agora que está com um problema seríssimo de coração?, Já pensou se alguém da sua família tivesse um Câncer, o que você faria? Existem soluções rápidas, fáceis e econômicas de se prevenir estas doenças. Sabe

¹ Adolfo Bom Tempo, 38-41.

² Frank Bettger, 199; Lauro B. Fontes, 58-62; George S. Odiorne, 98-105; Hanry Mackay, 32-50; Ken Mantejka, 75-93; Donald Weiss, 29, 69, 83; Ishwar Dayal, 47-73; Tomás de Vila Nova, 65-94; Marder V. Carvalho, 41-88; George T. Milkovich, 338-335; Stephen P. Robens, 151-202; Stephen Robis e Mary Coulter, 300-333 e Antônio Maximiniano, 296-323; Nicolas Chajj, 45.

como? Agora sim o palestrante tem a atenção das pessoas e poderá ter um bom resultado em sua palestra.

O quarto enfoque é o bom trabalho argumentativo. O palestrante tem de se lembrar que, de certa forma, ele está negociando com outra pessoa. E pessoas buscam razões lógicas para justificar suas decisões emocionais. Na maioria das negociações, há interferência dessa natureza. Por isso o palestrante tem de trabalhar com os dois tipos de argumentos: O Emotivo e o Racional.

O quinto ponto é o fato de que o preço é um sentimento. O valor do que está sendo apresentado é o resultado do que a outra pessoa enxerga como benefício para ela versus sua sensação de custo. Por isso, ressaltar vantagens ou características não resolve. O palestrante tem de falar dos benefícios. Benefícios é tudo aquilo que sua oferta (os livros) tem e que pode satisfazer diretamente as necessidades daquele com quem se está apresentando a palestra.

Finalmente, o sexto item está ligado a parte espiritual. A CPE não deixa de estar vinculada a espiritualidade da Colportagem. Assim como nas outras áreas, na CPE é preciso fazer oração com as pessoas, é preciso falar de Jesus para as pessoas. Este é o dever de todo Colportor. Mas como? Bem, existem diversas formas de se fazer isso. Aqui poderia-se sugerir duas maneiras bem simples, mas poderosas e influenciadoras de se fazer isso: (01) uma oração no início da palestra e (02) uma transparência de Jesus em um dado momento da palestra, onde o palestrante pode citá-lo como o maior exemplo de funcionário. Ele foi motivado, cuidava da sua saúde e se relacionava bem com as pessoas. Montou uma pequena Empresa com 12 funcionários. E hoje sua Empresa é uma multinacional. Em quase todo o mundo as pessoas já ouviram falar de Jesus.

CONCLUSÃO

A CPE, quando realizada de maneira organizada e sistematizada, é realmente um grande instrumento evangelístico e financeiro. Muitos benefícios podem ser alcançados com este trabalho, tanto para a Empresa como para a Colportagem. Esta terá os seus benefícios financeiros e evangelístico, e a Empresa, por sua vez, terá também os seus benefícios Compulsórios e Espontâneos.

Como foi apresentado, os materiais para o desenvolvimento da CPE estão divididos em dois grupos: Os Imprescindíveis e os Acessórios. O primeiro grupo é formado por: Coleções de livros, Fichas de abertura de Empresas, Fichas de Abertura do Colportor, proposta, prospecto, pasta de declarações, retroprojektor ou videoprojetor e ficha de Compra. O segundo grupo é formado por: Revistas, Cartaz, CD-CARD, caneta laser e um aparelho de som.

A Abertura de Empresas é a primeira etapa da CPE, está dividida em duas partes: Contato Telefônico e Entrevista; e tem o objetivo de viabilizar, por meio de um compromisso entre a Empresa e o Colportor, o trabalho da Colportagem na Empresa.

A Palestra, por sua vez, é a etapa final da CPE. Deve ter a duração de 50 minutos a uma hora, roteiro e itens que possibilitem sucesso financeiro e espiritual. Tem o objetivo de alcançar as metas propostas para a Empresa e para a Colportagem.

Finalmente, deve ser notado que todas as informações deste trabalho constituem-se apenas como uma sugestão. Há outras formas de se fazer a CPE. O importante é que ela seja

feito da melhor maneira possível, a fim de que o colportor e a Empresa fiquem satisfeitos com o trabalho, e acima de tudo, o evangelho seja bem representado e pregado.

APÊNDICE: MATERIAIS DE PALESTRA

APÊNDICE A: FICHA DE ABERTURA DE EMPRESA

PROJETO**Construindo um Bem-Estar Social e Familiar**

A UNASP – Universidade Adventista de São Paulo, há muitos anos vem beneficiando a sociedade brasileira com sua filosofia de ensino, disponibilizando serviços para escolas, comunidades e empresas, propiciando com isso um viver saudável para as pessoas. Esse serviços nos últimos anos, tem sido desenvolvido por um programa integrativo “Qualidade de Vida” que é uma grande ação social do setor educacional, que visa o fortalecimento físico, mental e produtivo dos funcionários, administradores e empresários em todo o Brasil.

Durante o ano letivo, os universitários são treinados para que no período de férias possam realizar treinamentos nas empresas, promovendo qualidade de vida e ao mesmo tempo realizando o seu estágio. Cada palestra realizada serve como avaliação para o estágio.

Sendo assim, o estudante beneficia a empresa ministrando palestras temáticas como: **Motivação, câncer, DSTS, Alimentação, relacionamento, Qualidade de vida e produtividade.**

Mais de 100 mil empresas já participaram conosco deste projeto em todo o Brasil. Esta palestra não tem custo algum para a empresa. No entanto, Para que sua empresa possa participar deste projeto, A UNASP solicita os seguintes itens:

- (01) Uma Declaração da empresa ratificando a realização da palestra pelo(s) Universitário(s).
- (02) Permissão da Empresa para apresentação de materiais didáticos referentes aos assuntos abordados na Palestra, bem como uma viabilização que se processa nas seguintes opções:
 - () A – A Empresa faz um investimento através da Aquisição dos materiais para cada funcionário. Neste plano, os manuais são entregues à Empresa mediante o pagamento que será efetuado em forma de cheque(s) nominail(s) ao **Serviço Educacional Lar e Saúde.**
 - () B – A Empresa dá a oportunidade de aquisição aos que eventualmente quiserem. Neste plano, o projeto solicita o desconto em folha dos que adquiriram em 3 vezes conforme é deixado bem claro na Palestra. Os manuais são entregues aos funcionários que

eventualmente quiserem logo após a palestra, e o pagamento se efetua também após a palestra conforme as opções:

() B1 – Pagamento à vista na forma de um cheque nominal ao **Serviço Educacional Lar e Saúde**.

() B2 – Pagamento em conformidade com o desconto do funcionário. A empresa efetua o pagamento na forma de 3 cheques nominais ao **Serviço Educacional Lar e Saúde** com datas referentes aos respectivos pagamentos dos funcionários.

O Valor de cada material é de _____ ou três vezes de _____.

Agenda

() Uma sessão

Data: _____ Horário: _____ n° de funcionários: _____

() Mais de uma sessão

n° de sessões: _____ Data(s): _____

Horário(s): _____

Declaração

Universitário: _____

RG: _____

A declaração é a certificação da realização da palestra pelo Universitário. Deve ter o Logo colorido da Empresa, uma assinatura do responsável, bem como o carimbo da Empresa. O Projeto não pode ser realizado sem que este cadastro esteja devidamente preenchido.

OBS: Faça a diferença em sua empresa. Avise com antecedência os seus funcionários. Motive-os a participarem. Tanto os funcionários como a empresa só tem a ganhar com este projeto. A equipe de palestrantes chegará a Empresa 30 minutos antes, a fim de montar e preparar todos os equipamentos.

Para informações ligue para _____

Atenciosamente,

Palestrante da Unasp

APENDICE B: FICHA DE ABERTURA DO COLPORTOR

PROJETO**Construindo um Bem-Estar Social e Familiar**Apoio: **Serviço Educacional Lar e Saúde****Estrada de Belém, 885 Fone: (081) 2415040 – CEP: 52040-000 – Campo Grande –Recife**

Universitários:

_____ RG: _____

_____ RG: _____

Cadastro para fins de Estágio

Razão social: _____

 Matriz Filial

CNPJ: _____ Inscrição Estadual: _____

Especialidade: _____

Endereço: _____ n°: _____

Bairro: _____ CEP: _____

Fone: _____ Cidade: _____ Estado: _____

Responsável pela organização da Palestra na Empresa: _____

Agenda

() Uma sessão

Data: _____ Horário: _____ n° de funcionários: _____

() Mais de uma sessão

n° de sessões: _____ Data(s): _____

Horário(s): _____

Palestras

Qualidade de vida e produtividade

Motivação

Estresse

Relacionamento

Tabagismo

Câncer

Arte de viver saudável

Ônus

Esta palestra não tem custo algum para a empresa. No entanto, este projeto requer como único requisito para a realização do mesmo os seguintes itens:

(03) Uma Declaração da empresa ratificando a realização da palestra pelo(s) Universitário(s).

(04) Permissão da Empresa para apresentação de materiais didáticos referentes aos assuntos abordados na Palestra, bem como uma viabilização que se processa nas seguintes opções:

() A – A Empresa faz um investimento através da Aquisição dos materiais para cada funcionário. Neste plano, os manuais são entregues à Empresa mediante o pagamento que será efetuado em forma de cheque(s) nominail(s) ao **Serviço Educacional Lar e Saúde**.

() B – A Empresa dá a oportunidade de aquisição aos que eventualmente quiserem. Neste plano, o projeto solicita o desconto em folha dos que adquiriram em 3 vezes conforme é deixado bem claro na Palestra. Os manuais são entregues aos

funcionários que eventualmente quiserem logo após a palestra, e o pagamento se efetua também após a palestra conforme as opções:

() B1 – Pagamento à vista na forma de um cheque nominal ao **Serviço Educacional Lar e Saúde**.

() B2 – Pagamento em conformidade com o desconto do funcionário. A empresa efetua o pagamento na forma de 3 cheques nominais ao **Serviço Educacional Lar e Saúde** com datas referentes aos respectivos pagamentos dos funcionários.

OBS: Esta palestra não tem ônus algum para a Empresa. A Palestra só pode ser realizada mediante o preenchimento deste relatório que é arquivado na Unasp. O Material custa: _____ ou 3 vezes de: _____ .

Ass. do Universitário

Ass. do Dep. Financeiro

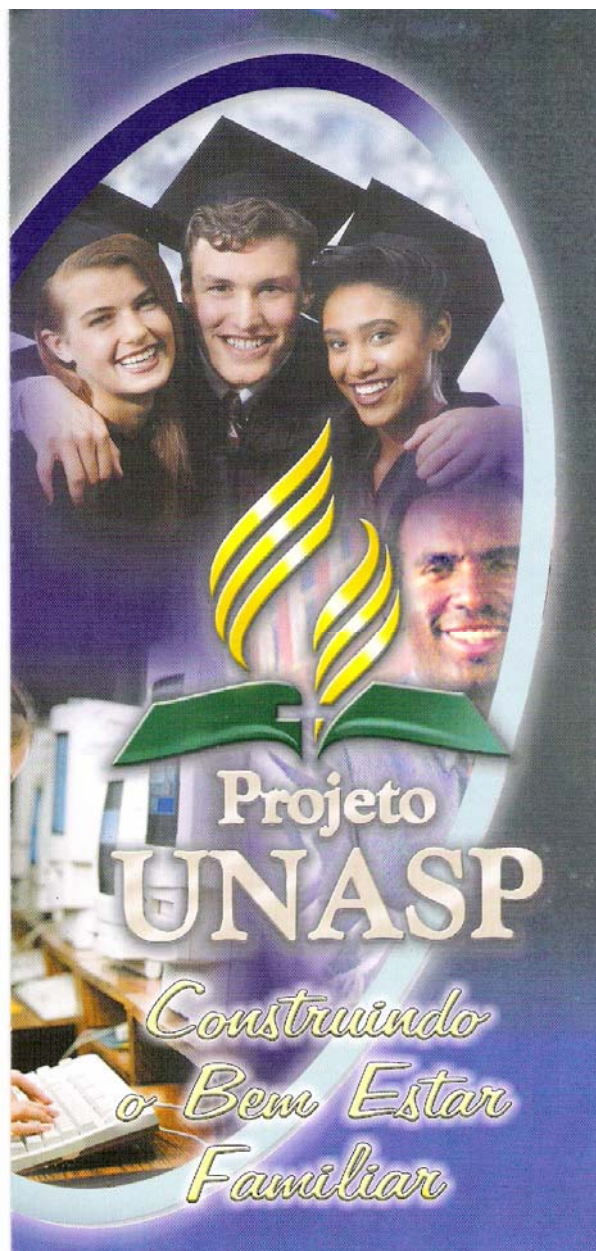
Representante da
Empresa
(carimbo)

APÊNDICE C: CD-CARD

CD-Card



APÊNDICE D: FOLDER



APÊNDICE E: DECLARAÇÃO



DECLARAÇÃO

Declaramos que recebemos em nossa empresa nesta data , os universitários **AGENOR PEREIRA SIMÕES** e **JOÃO ÁUTEO**, portadores dos RG 13142348 e RG 349528208, para a realização da palestra que teve como abordagem: câncer, acidentes e doenças do trabalho, relacionamento interpessoal, produtividade no trabalho e a arte de viver saudável.

A palestra foi realizada em nosso auditório no horário das 12:30 às 13:00 hs. A mesma foi conduzida pelos universitários acima citado, com precisão e agilidade, esclarecendo os tópicos abordados e possíveis dúvidas através das informações que foram expostas.

Atenciosamente


TRAMONTINA RECIFE LTDA

TRAMONTINA RECIFE LTDA

Av. Barão do Bonito, 1110 Bloco A – Várzea - Fone: (81) 3454-8800 – Fax: (81) 3454-8801 – CEP: 50740-080 – Recife - PE

APÊNDICE F: FIXA DE COMPRA

Projeto UNASP

Eu, _____, autorizo descontar na folha de pagamento a quantia de R\$ _____ nos meses de _____, _____ e _____, referente a aquisição dos livros oferecidos na palestra de Qualidade de vida.

Data _____ / _____ / _____

Assinatura: _____.

APÊNDICE G: PROPOSTA

PROJETO**Construindo um Bem-Estar Social e Familiar**

A UNASP – Universidade Adventista de São Paulo, há muitos anos vem beneficiando a sociedade brasileira com sua filosofia de ensino, disponibilizando serviços para escolas, comunidades e empresas, propiciando com isso um viver saudável para as pessoas. Esse serviços nos últimos anos, tem sido desenvolvido por um programa integrativo “Qualidade de Vida” que é uma grande ação social do setor educacional, que visa o fortalecimento físico, mental e produtivo dos funcionários, administradores e empresários em todo o Brasil.

Durante o ano letivo, os universitários são treinados para que no período de férias possam realizar treinamentos nas empresas, promovendo qualidade de vida e ao mesmo tempo realizando o seu estágio. Cada palestra realizada serve como avaliação para o estágio.

Sendo assim, o estudante beneficia a empresa ministrando palestras temáticas como: **Motivação, câncer, DSTS, Alimentação, relacionamento, Qualidade de vida e produtividade.**

Mais de 100 mil empresas já participaram conosco deste projeto em todo o Brasil. A palestra não tem custo algum para a empresa. Contudo, para participarem do projeto basta entrar em contato conosco por meio do seguinte telefone:

(085) 2572285 ou (092)88146132

Desde já agradecemos a sua atenção.

Atenciosamente,

Agenor Pereira Simões
(Palestrante da Unasp)

BIBLIOGRAFIA

- Appenzeller, Ronald E. *Curso Básico para Colportores*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1997.
- Balcão, Yolanda F. e Cordeiro, Laerte Leite. *Comportamento Humano na Empresa*. Rio de Janeiro: FGV, 1979.
- Bettger, Frank. *Uma Nova Dimensão no Treinamento de Vendas*. São Paulo: PL, 1982.
- Bezerra, Juarez C. O Desenvolvimento dos Recursos Humanos na Busca da Perpetuação da Qualidade. São Paulo: CIP, 1992.
- Bom Tempo, Adolfo. *Melhor Gestão de Pessoas*, Agosto de 2004, “Além do Comercial”. São Paulo: Segmento, 2004.
- Boog, Gustavo G. *Manual de Treinamento e Desenvolvimento*. São Paulo: Associação Brasileira de treinamento e Desenvolvimento, 1999.
- Carvalho, Marder V. *Qualidade de Vida no Trabalho*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- Celinsk, Leszek. *Treinamento Gerencial Básico*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- Chaj, Nicholas. *Métodos de Campeões*. Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1981.
- Chiavenato, Idalberto. *Gestão de Pessoas* (Rio de Janeiro: Campus, 1999), 293.
- Dayal, Ishwar. *Gerência de Treinamento*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1979.
- Ferreira, Paulo P. *Treinamento de Pessoal, A Técnico-Pedagogia do Treinamento*. São Paulo: Atlas, 1975.
- Fontes, Lauro B. *Manual de Treinamento na Empresa Moderna*. São Paulo: Atlas, 1980.
- Francis, Carlos. *Gestão RH*, ano 10, Janeiro/fevereiro de 2004, “O Oscar da Qualidade de Vida”. São Paulo: ABTD, 2004.
- Jorge, Bachir H. *Super Hiper*, Novembro de 2003, “Pessoas bem-desenvolvidas são mais Produtivas”. São Paulo: Abras, 2003.

- Mackay, Hanry. *Como Nadar com os Tubarões sem ser comido Vivo*. São Paulo: Nova Cultura, 1989.
- Mantejka, Ken. *Sua Equipe veste a Camisa?* São Paulo: Kobel, 1999.
- Marras, Jean Pierre. *Administração de Recursos Humanos*. São Paulo: Futura, 2002.
- Maximiniano, Antônio. *Teoria Geral da Administração*. São Paulo: Atlas, 2000.
- Milkovich, George T. *Administração de Recursos Humanos*. São Paulo: Atlas, 2000.
- Kanaane, Roberto. *Manual de Treinamento e Desenvolvimento do Potencial Humano*. São Paulo: Atlas, 2001.
- Odiorne, George S. *Treinamento por Objetivo*. Rio de Janeiro: Interciência, 1979.
- Robens, Stephen P. *Comportamento Organizacional*. São Paulo: Prentice Hall, 2002.
- Robis, Stephen e Coulter, Mary. *Administração*. São Paulo: Atlas, 2000.
- Rodrigues, Marcus V. C. *Qualidade de Vida no Trabalho*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- Ulrich, Dave. *Os Campeões de Recursos Humanos*. São Paulo: Futura, 2002.
- Vergara, Sylvia Constant. *Gestão de Pessoas*. São Paulo: ATLAS, 2000.
- Vila Nova, Tomás. *Motivação no Trabalho*. Rio de Janeiro: FGV, 1980.
- Wagner, John A. e Hollenbeck, John R. *Comportamento Organizacional*. São Paulo: Saraiva, 2002.
- Weiss, Donald. *Treinando e Orientando no Local de Trabalho*. São Paulo: Nobel, 1993.
- White, Ellen G. *Mensageiros da Esperança*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2002.

TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO

EM BUSCA DO DIPLOMA: A IMPORTÂNCIA E EFICÁCIA DO PROJETO *SONHANDO ALTO*

Marcelo de Oliveira

Bacharel em Teologia pelo Unasp, Campus Engenheiro Coelho, SP.
TCC apresentado em novembro de 2004
Orientador: Wagner Kuhn, Ph.D.
marcelo.oliveira@usb.org.br

RESUMO: O trabalho de colportagem (evangelismo por meio da venda de literatura) desenvolvido pela Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil, tradicionalmente tem contribuído na manutenção financeira de um número significativo de estudantes universitários que passam pelos internatos adventistas. O projeto *Sonhando Alto*, programa de colportagem estudantil voltado para jovens pré-universitários, começou em 2000 por iniciativa da Igreja na América do Sul. O propósito deste estudo é avaliar a importância deste projeto e sua eficácia em ajudar estudantes a ingressarem nas instituições adventistas de ensino. A pesquisa tem como delimitação o desempenho do programa no estado do Rio Grande do Sul em relação aos egressos no Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp), Campus Engenheiro Coelho (SP).

PALAVRAS-CHAVE: colportagem estudantil, estipêndio, estudantes, Unasp.

In quest for a diploma: the importance and efficacy of the *Projeto Sonhando Alto*

ABSTRACT: The work of canvassing (evangelism through the sales of religious literature), developed by the Seventh-day Adventist Church in Brazil, has traditionally helped a large number of university students to pay for their studies in the Adventist schools. The 'Sonhando Alto' project started in the year 2000 through the initiative of the Church in South America and is directed to the young people who would like to go to a university. The objective of this study is to evaluate the importance of this project and its efficacy in helping students to ingress the Adventist institutions of higher education. The research is limited to the deployment of this program in the state of Rio Grande do Sul and the ingress of these students in the Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp), Campus Engenheiro Coelho (SP).

KEYWORDS: student canvassing, stipend, students, Unasp.

Faculdade Adventista de Teologia
Centro Universitário Adventista de São Paulo
Campus 2

PROJETO SONHANDO ALTO

Uma pesquisa
Apresentada em Cumprimento Parcial do
Curso de TCC
Estudo Dirigido Individual

Por
Marcelo de Oliveira
Novembro de 2004

PROJETO SONHANDO ALTO

Trabalho de Conclusão de Curso
Apresentado como Requisito Parcial
À Obtenção da Graduação no
Bacharelado em Teologia

por

Marcelo de Oliveira

COMISSÃO DE APROVAÇÃO:

Orientador
Wagner Kuhn
Professor de Teologia Aplicada

Emilson dos Reis
Professor de Teologia Aplicada

Amim Rodor
Diretor do Curso de Teologia

Avaliação

Data de Aprovação

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
Definição do Problema.....	1
Propósito da Pesquisa.....	1
Importância da Pesquisa.....	2
Definição de Termos.....	2
Perguntas de Pesquisa.....	2
Metodologia.....	3
Delimitações do Estudo.....	3
Pressuposições.....	3
Capítulo	
I. O IDEAL DO PROJETO SONHANDO ALTO.....	4
Aspecto Espiritual.....	6
Aspecto Social.....	7
Aspectos Denominacionais.....	8
Associação Sul Rio Grandense.....	8
UNASP Campus 2.....	9
Igreja Adventista do Sétimo Dia.....	10
Conclusão.....	11
II. A EFICIÊNCIA DO PROJETO SONHANDO ALTO.....	12
O Treinamento dos Candidatos.....	12
O Processo Seletivo.....	13
Antes do Resultado.....	14
Depois do Resultado.....	14
O Estipêndio.....	15
Conclusão.....	15
III. A EFICÁCIA DO PROJETO SONHANDO ALTO.....	16
Da Perspectiva da Associação Sul Rio Grandense.....	16
Da Perspectiva do Estudante.....	17
Da Perspectiva do UNASP Campus 2.....	18
Conclusão.....	20
CONCLUSÃO.....	21
BIBLIOGRAFIA.....	24

INTRODUÇÃO

Definição do Problema

A cada ano que passa, tem crescido o número de interessados a participarem do Projeto Sonhando Alto. São jovens que acalentam o sonho de estudarem em uma Faculdade Adventista. Impulsionados por este desejo, aceitam o desafio de trabalhar por aproximadamente cinco meses na obra da colportagem, com a certeza de que no término do Projeto, estarão matriculados.

No entanto, de todos os participantes, poucos têm realmente conseguido o seu objetivo maior que é o ingresso na instituição de ensino . Diante desta realidade, surge a seguinte questão: qual é a causa? Por que o Projeto Sonhando Alto não está sendo eficaz para alguns?

Propósito da Pesquisa

Este estudo se propõe a mostrar a relevância do Projeto Sonhando Alto e as causas que levam alguns participantes a não ingressarem na Faculdade.

Importância da Pesquisa

Importante para o preparo de novos candidatos ao Projeto e conseqüentemente um maior número de matrículas em um dos cursos de nível superior.

Definição de Termos

No contexto da Colportagem aparecem muitos termos como: *Projeto Sonhando Alto* (programa criado pelo Ministério de Publicações para preparar estudantes pré-universitários a ingressarem na faculdade); *oferta* (apresentação do material); *prospecto* (pasta contendo várias figuras de natureza alarmante e também um pequeno mostruário do livro a ser apresentado); *campo* (local onde o estudante irá trabalhar); *o gigante* (termo usado para definir alguém que está sem vontade de dar ofertas); *oferta do anjo* (geralmente a última apresentação do dia); *estipêndio* (valor do semestre letivo na qualidade de aluno regular); *SELS* (Serviço Educacional Lar e Saúde).

Perguntas de Pesquisa

1) Qual é a importância do Projeto Sonhando Alto?; 2) Como o estudante pré-universitário é preparado para conseguir os recursos necessários para a sua chegada e permanência na Instituição de ensino?; 3) Qual tem sido a eficácia do Projeto da perspectiva do Campo, do aluno e da instituição de ensino?

Metodologia

No primeiro capítulo, estaremos abordando qual é o ideal do Projeto Sonhando Alto. No seguinte, o que o Programa faz para que o estudante obtenha sucesso. No terceiro capítulo, o presente estudo irá avaliar a eficácia do Projeto: da perspectiva da Associação, do estudante e da Instituição de Ensino. Ao final, apresentaremos uma conclusão do estudo proposto.

Limitações do Estudo

Esta pesquisa não tem o objetivo de esgotar o assunto. Por se tratar de um período bastante reduzido de tempo, este trabalho não irá abranger o Projeto como um todo, ou seja, em todos os lugares onde ele é realizado. Nos concentraremos apenas aos questionamentos mencionados acima (perguntas de pesquisa).

Delimitações do Estudo

Este estudo irá focalizar apenas o programa da Associação Sul Rio Grandense na União Sul Brasileira da Igreja Adventista do Sétimo Dia. A instituição de ensino em questão é o Unasp Campus 2 – Engenheiro Coelho – SP.

Pressuposições

A obra da Colportagem é de conhecimento geral entre os Adventistas do Sétimo Dia, bem como o seu surgimento no Brasil.

CAPÍTULO I

O IDEAL DO PROJETO SONHANDO ALTO

Muitos são os jovens em nossas igrejas que acalentam o sonho de estudarem em uma de nossas universidades. Mas, infelizmente, são poucos que conseguem angariar fundos e manter-se regularmente na instituição de ensino.

Com o objetivo de ajudar, algumas pessoas aconselham a estes jovens que procurem o Departamento de Colportagem da Associação local, e participem de uma campanha de estudantes durante os períodos “normais” de férias, que tem início na metade do mês de Dezembro e termina na primeira semana do mês de Fevereiro (férias de verão). No entanto, alguns acabam desistindo. O trabalho é difícil, pois para que o resultado aconteça, é necessário trabalhar em média doze horas por dia para compensar este breve período de campanha, pouco mais de um mês. Geralmente, os novatos não conseguem a tempo alcançar o valor do estipêndio.

Diante destas dificuldades, a obra da Colportagem não estava alcançando estes “candidatos” sem recursos os quais, conseqüentemente, acabavam conformando-se com a falta de dinheiro e desistindo temporariamente de seus sonhos.

Neste contexto, surge o Projeto Sonhando Alto, que é um programa da Igreja Adventista do Sétimo Dia que tem por objetivo: recrutar, selecionar e preparar rapazes e moças para a Colportagem e assim, atender os jovens pré-universitários que queiram

ingressar em uma de nossas faculdades e não tem recursos financeiros para manter seus estudos.

Segundo o Pr. Almir Marroni, Diretor de Publicações para a Divisão Sul Americana, o projeto se desenvolve em três etapas:

“a primeira é a organização por parte dos campos, a divulgação, conscientização e o chamamento. A segunda etapa é o treinamento e seleção. Nesta etapa os candidatos recebem uma instrução teórica e prática de como evangelizar disseminando publicações. A terceira etapa é a atividade no campo, propriamente dita. Organizados em equipes, os jovens recebem da direção da Colportagem um território onde atuar. Esta terceira etapa inicia-se em Setembro, ou seja, cinco meses antes do início do próximo ano letivo. Com isto os jovens têm um período razoável para alcançar seus alvos.”¹

O Projeto Sonhando Alto tem resolvido duas principais dificuldades daqueles que não conseguiam acompanhar os mais experientes em uma campanha “normal”: 1º) *Tempo*. O estudante tem cinco meses para alcançar seu estipêndio; 2º) *O ritmo* de trabalho não é tão intenso quanto o das férias, mas nem por isso, menos eficaz.

A primeira experiência deste projeto foi realizada em Curitiba-Pr no final do ano 2000. Vinte e dois jovens participaram deste primeiro projeto e 15 alcançaram o objetivo final. Podemos notar um excelente aproveitamento, quase setenta por cento. Atualmente, esses jovens estudam nos diversos cursos universitários do UNASP.

Hoje, o Projeto Universitário Sonhando Alto é uma realidade em quase todas as regiões do Brasil e da América do Sul.

A seguir, analisaremos três aspectos importantes do projeto.

¹ Site oficial do Departamento de Publicações da Divisão Sul Americana (www.dsa.org.br/sonhando_alto, Diretor responsável Pr. Almir M. Marroni). Acessado no dia 30/03/2004.

Aspecto Espiritual

“Na verdade, a melhor educação que os jovens podem obter é entrar na colportagem e trabalhar de casa em casa. Nesta obra eles encontrarão oportunidade de falar as palavras da vida. Assim semearão a semente da verdade.”²

Esta declaração de Ellen G. White é muito significativa. Pois através do trabalho realizado de casa em casa, os jovens podem desenvolver-se na sua comunhão pessoal com Deus, semeando o evangelho através das publicações. Nas dificuldades encontradas diariamente, no contato pessoal com o povo, os jovens sentem maior necessidade e dependência de Deus. Nicolas Chaij, escrevendo sobre “os sete salários do Colportor”, conclui:

“Colportar requer muito do caráter. Requer amor missionário, tenacidade, esforço e vigor espiritual. Por isso estimula o desenvolvimento dessas qualidades físicas, mentais, espirituais e sociais do indivíduo; fomenta o gozo, a saúde, o equilíbrio e a elevação espiritual.”³

Quando o jovem está dando uma oferta, geralmente as pessoas sentem-se à vontade e começam a lhes contar os problemas que estão enfrentando. Este é um momento muito adequado para ele testemunhar de sua fé e apresentar o Deus que o acompanha – apresentar a religião da Bíblia. A pessoa visitada sente a influência divina. Chora, desabafa, ouve conselhos, é convidada a estudar a Bíblia, sente paz. Através deste processo de evangelização, a personalidade e o caráter do jovem é enriquecido.

² Ellen G. White, *Mensageiros da esperança*. 1ª ed. (Tatuí – SP:Casa Publicadora Brasileira, 2001), 37.

³ Nicolas Chaij, *O Colportor de êxito*. 4ª ed. Traduzido por Naor G. Conrado (Tatuí – SP:Casa Publicadora Brasileira, 1992),18. Negrito acrescentado.

Aspecto Social

Nas apresentações dos livros e no contato direto com as pessoas, os jovens geralmente sentem-se desafiados a melhorarem constantemente sua oferta. Cada pessoa em particular, é um caso diferente, uma situação diferente. A cada oferta, sua mente enfrenta situações novas e inesperadas. Conseqüentemente, o crescimento do físico e do intelecto, acompanha estes jovens. Ellen G. White acrescenta:

“No próprio manuseio desses livros os jovens encontrarão muitas experiências que **lhes ensinarão como tratar com problemas** que os esperam nas regiões distantes... muitos **aprendem como se aproximar cortesmente do povo**, e como exercer **tato na conversação** com eles em diferentes pontos da verdade presente. Ao alcançarem certo grau de **êxito financeiro**, alguns **aprenderão lições de poupança e economia** que lhes serão de grande vantagem quando forem enviados como missionários.”⁴

Os jovens geralmente são tímidos por natureza e inexperientes nos negócios. Através do Projeto Sonhando Alto, eles estarão crescendo nestas áreas e naturalmente chegarão com mais desenvoltura na faculdade. Sua comunicação e relacionamento com os semelhantes serão mais apropriados. Robert Kiyosaki é escritor e autor de uma série de livros intitulada “Pai Rico, Pai Pobre”. Estes livros se tornaram grandes *best-sellers* por promover a alfabetização em negócios e também ensinar como as pessoas podem alcançar sua dependência financeira com pouco mais de quarenta anos de idade. Dentre os seus conselhos, encontramos este mesmo princípio que está relacionado com o desenvolvimento dos jovens em relação à prática da venda:

“Se você quer um dia ser dono de um negócio, mas não consegue fazê-lo decolar logo, aprender a vender algo é uma qualidade muito importante que se pode desenvolver nesse meio-tempo. A boa notícia é que a experiência de vendas pode ser adquirida em centenas de situações diferentes, seja num supermercado, numa loja de shopping ou num restaurante. As lições aprendidas num setor muitas vezes se aplicam

⁴ Ellen G. White, 35. Negrito acrescentado.

à outro. Portanto, só porque você trabalha numa sapataria hoje, isso não quer dizer que você só está aprendendo lições sobre sapatos!”⁵.

Como já mencionamos, muitos não têm os recursos necessários para estudarem. Ao participarem do projeto, todos têm a chance de alcançarem o “êxito financeiro” e custear seus estudos. Muitos que de outra forma apenas sonhariam com um curso superior, através do projeto, podem realizar suas aspirações acadêmicas.

Neste programa, o candidato aprende a desenvolver sua capacidade de automotivar-se. Deve ser perseverante e esforçado. Idealista e sonhador. Capaz de ficarem longos períodos longe de sua família e amigos. Propor e alcançar alvos. Deve ter metas bem claras e definidas em sua mente para que o resulta aconteça: “O êxito em qualquer coisa que empreendamos exige um objetivo definido. Aquele que desejar alcançar o verdadeiro êxito na vida deve conservar firmemente em vista o alvo digno de seus esforços. Tal alvo acha-se posto diante da mocidade...”⁶. Os próprios desafios e dificuldades durante o programa, fazem a “*seleção natural*” dos vitoriosos.

Aspectos Denominacionais

Associação Sul Rio-Grandense (ASR)

Segundo o Pr. Hiram Kalbermatter, Diretor Associado do Departamento de Publicações da ASR, o projeto é de extrema importância. Pois através dele, cumpri-se a missão da Igreja que é levar o evangelho.

⁵ Robert Kiyosaki, *Pai rico, pai pobre para jovens*. 1ª ed. Traduzido por Alexandre Feitosa (Rio de Janeiro:Elsevier, 2004), 116.

⁶ Ellen G. White, *Educação*. 6ª ed.(Tatuí – SP: Casa Publicadora Brasileira, 1996), 262.

O projeto é muito conhecido na ASR, chega a 80% dos membros da igreja. A administração do campo tem sempre contribuído e apoiado o programa para que este seja uma realidade para os jovens da igreja do estado do Rio Grande do Sul⁷.

Unasp Campus 2

Em entrevista com o pastor Paulo Martini, consideramos qual seria a importância do Projeto Sonhando Alto à esta instituição (UNASP). Ele se demonstrou um entusiasta pelo projeto e grande apoiador do mesmo. Segundo ele, o projeto “oportuniza as condições” para que o candidato possa ingressar na faculdade que de outra maneira não seria possível. Afirmou que os alunos provindos deste programa, estão, de uma certa maneira, mais preparados em alguns aspectos. Martini destacou pelo menos três: 1º) durante o período em que estiveram colportando, o contato com as pessoas e o manuseio com os livros os deixaram mais desinibidos e aperfeiçoaram sua comunicação; 2º) os jovens que participam deste projeto, certamente não têm outros meios para se manterem na Faculdade. Isto os torna, de uma certa maneira, mais dependentes de Deus. Pois, eles sabem que esta é praticamente sua única oportunidade de conseguirem um grau de instrução mais elevado e concomitantemente realizar seus sonhos em alguma carreira profissional; e 3º) são, em sua maioria, pessoas mais comprometidas e amadurecidas em relação aos estudos e seu compromisso com Deus⁸.

⁷ Hiram R. Kalbermatter, Diretor Associado do Departamento de Publicações da Associação Sul Rio Grandense. Questionário respondido através da Internet no dia 20/04/2004.

⁸ Paulo Martini, Pró-Reitor do Unasp Campus 2, Engenheiro Coelho – SP. Entrevista realizada em sua sala no dia 02/06/2004.

Para a Igreja

Não é novidade que os jovens são uma força tremenda dentro da comunidade. Mas por causa de sua timidez que lhe é natural ou falta de incentivo apropriado ou até mesmo falta de preparo em muitos casos, eles não têm uma participação ativa nesta e em outras programações que o colocam em uma certa evidência. O que se tem observado em algumas igrejas, é que muitos não participam do trabalho missionário da mesma. Quando o diretor do Departamento Missionário propõe uma campanha de entrega de folhetos ou convites para semanas e programações especiais, muitos membros não participam. O Projeto Sonhando Alto, segundo o pastor Hiram, beneficia a igreja em dois pontos principais:

Uma delas é que tais estudantes através do programa da Colportagem chegam e alcançam pessoas que de outra forma nunca alcançariam. O participante chega à casa das pessoas com o interesse comercial, e com isso consegue abertura para levar a mensagem do evangelho. Passa esses nomes para a igreja local que dará continuidade no interesse que foi despertado trazendo pessoas por eles visitadas, a Cristo. Além disso, outra importância que se possui é que a igreja consegue desse forma investir para que seus membros possam concluir e ter seus estudos, formando pessoas que formam opinião, deixando a própria igreja mais ativa e menos passiva, ou seja, forma pensadores⁹.

O pastor Paulo Martini também concorda, que quando os jovens participam de uma campanha de Colportagem, é fato que muitos retornam mais desembaraçados do que quando lá chegaram. Envolvem-se mais ativamente nos cultos da igreja. Dirigem os cânticos, programas de jovens e até pregam¹⁰.

Com esta considerável mudança, podemos constatar que o programa de colportagem é muito eficaz e benéfico par os jovens na igreja. Com isto, a reverência

⁹ *Ibidem.*

¹⁰ *Ibidem.*

aumenta, os problemas de apostasia ou abandono da fé diminuem, e a influência dos jovens atrai outros interessados.

Conclusão

Neste capítulo, consideramos os elementos relacionados com o ideal do Projeto Sonhando Alto que consiste em: *elevantar* o nível espiritual dos participantes através de um relacionamento mais íntimo com Deus; *proporcionar* ao participante, experiências que contribuem para o seu crescimento intelectual e social bem como a possibilidade de ingressar em uma faculdade adventista; *considerar* a importância do Projeto Sonhando Alto para as instituições diretamente envolvidas que são: a ASR, o Unasp Campus 2 e a Igreja Adventista do Sétimo Dia.

No próximo capítulo, iremos avaliar o que o Projeto Sonhando Alto tem feito para dar as condições necessárias para que o candidato obtenha sucesso no programa.

CAPÍTULO II

A EFICIÊNCIA DO PROJETO SONHANDO ALTO

O Treinamento dos Candidatos

No início de cada etapa, é realizado o lançamento do Projeto Sonhando Alto onde é escolhido um lugar adequado a reuniões com jovens, geralmente em uma chácara. Neste lugar, são realizadas algumas palestras voltadas para a área de motivação espiritual, entre outras. Este pequeno curso tem a duração de um final de semana que inicia na sexta-feira à noite e termina no Domingo por volta das 16 horas. Dentre as informações que são comunicadas a todos, destacamos algumas: tempo de duração do programa, horários a serem cumpridos, informações sobre o vestibular e testemunhos de ex-participantes. Após esse final de semana os diretores realizam treinamento de uma semana em relação a abordagem, oferta, ponto de contato, fechamento, objeções, etc. Em seguida, eles saem para treinar algumas ofertas (queimar campo) em um bairro mais simples, logo que se sintam mais seguros, somente aí recebem o campo definitivo. Os participantes recebem uma apostila tendo diversas aulas e explicações de todos os passos, inclusive contendo muitas frases motivacionais. Adquirem uniformes, pasta, prospecto e etc, para poderem realizar todo o trabalho.

O Processo Seletivo

O vestibular tem sido um dos grandes desafios a serem superados pelos candidatos do Projeto Sonhando Alto. Em relação ao perfil geral dos participantes do programa, muitos não tiveram recursos para poderem fazer um bom ensino médio ou um curso preparatório. A maioria provém de família com baixos recursos (por isso participam do projeto) e alguns até, fizeram o segundo grau em nível de supletivo, com a duração de 3 meses ou pouco mais que isto.

Observando estas características, podemos notar que quando não há apoio por parte da Associação, dando um suporte necessário, muitos não conseguiriam ser aprovados no vestibular. A ASR no ano de 2003 estava consciente deste desafio. Em um trabalho conjunto com o Departamento de Educação, foi estabelecido um projeto de preparo destes candidatos através de um curso preparatório onde os candidatos estudavam duas vezes por semana durante as dez semanas que antecederam a data do vestibular. Os alunos tiveram um preparo por volta de 80 horas durante este período. Praticamente não tiveram custo algum pelo curso, pois a ASR deu gratuitamente um livro para cada participante vender e, este dinheiro, seria destinado para o pagamento do curso.

Logo após os candidatos participarem do processo seletivo, eles fazem uma viagem seguindo o seguinte roteiro: saindo do estado do Rio Grande do Sul, conhecem o IAP (Instituto Paranaense de Ensino em Maringá – Pr.), em seguida seguem para o UNASP Campus 2 (Engº Coelho – SP), para a Casa Publicadora Brasileira (Tatuí – SP) e finalmente para o UNASP Campus 1 (São Paulo capital) onde retornam para o projeto. Algo que foi inédito aqui no Brasil, dentro destes moldes.

Antes do Resultado

Aqueles que sonham alto devem se comprometer ao máximo durante o período que antecede o processo seletivo. Eles têm que conciliar os estudos com o trabalho, sendo perseverantes até o final. A expectativa é grande em relação ao resultado, e todos ficam ansiosos até o último momento. O clima dentro da campanha é outro antes do resultado, pois assim todos estão esperançosos em matricular-se na Instituição de Ensino. Essa conduta os motiva para conseguirem logo o estipêndio escolar que lhes garantirá o sustento necessário até as próximas férias.

Depois do Resultado

O Projeto Sonhando Alto na ASR no segundo semestre de 2003, teve uma aprovação de 70% dos candidatos. Este impacto positivo deve-se ao programa preparatório do curso pré-vestibular realizado no mesmo período.

Mas uma pergunta poderá surgir: o que acontece com aqueles que não conseguiram a aprovação? Como eles podem continuar motivados por algo que sabem que não vão conseguir realizar, a matrícula? O pastor Hiram responde como este desafio tem sido superado em seu Campo:

“Se for verificado que o problema que não o permitiu fazer entrar foi o Processo Seletivo, ele continua. Mas se ele já é reincidente no Sonhando Alto e o problema dele é financeiro e não do processo, ele é convidado para que passe um tempo fora do projeto repensando qual é seu objetivo ao estar no projeto.”¹¹

Geralmente o clima após o resultado do vestibular é uma mistura de alegria para aqueles que passaram, e tristeza por parte dos que reprovaram. Muitos dos que não conseguiram a aprovação, pensam em desistir do projeto. Contudo, estes são motivados a

¹¹ Pr. Hiram R. Kalbermatter.

continuarem, pois muitos também não conseguiram na primeira vez, mas ao persistirem, conseguiram. Também é enfatizado que ao retornarem ao projeto em sua próxima edição, terão mais tempo para se prepararem e assim, mais chances de aprovação.

O Estipêndio

Quando os participantes alcançam o alvo proposto, que é referente ao valor do semestre escolar, eles ganham um bônus de 35% que têm a seguintes participações: 20% provindos da Associação e do SELS e 15% da Instituição de Ensino. Ou seja, além de seus lucros pessoais, recebem ainda esta bonificação. Por se tratar de um programa especial, pois recebem um percentual a mais, os alunos que vão para colportagem no período normal das férias e que ganham um bônus de 25%.

Conclusão

Neste segundo capítulo, pudemos observar que o Projeto Sonhando Alto tem sido eficiente em prover condições ao sucesso dos participantes através de três principais aspectos: 1º) eles são preparados ao trabalho durante o período de uma semana e somente então é que saem efetivamente ao campo; 2º) são preparados a enfrentarem o vestibular através de um curso preparatório que praticamente não tem custo algum ao candidato; e 3º) além de seus lucros pessoais, ainda ganham um bônus de 35% sobre o valor total do estipêndio.

Diante destes três pontos, podemos concluir que o candidato tem todas as condições possíveis para ingressar em um curso superior, pois são apoiados e preparados para tanto.

No próximo capítulo, estaremos focalizando a opinião dos envolvidos no Projeto Sonhando Alto sobre a eficácia do programa.

CAPITULO III

A EFICÁCIA DO PROJETO SONHANDO ALTO

Após analisarmos alguns aspectos quanto ao ideal e a eficiência do Projeto Sonhando Alto, neste capítulo iremos contrastar algumas idéias a respeito de sua eficácia.

Da Perspectiva da Associação Sul Rio-Grandense

Quando se fala em resultados positivos, parece um tanto complicado prever ou até mesmo avaliar qual realmente tem sido ou será o sucesso do Projeto Sonhando Alto. Existem vários “modelos” em todo o Brasil e o programa depende muito da estrutura do campo e da liderança do grupo.

Dentro deste contexto, perguntamos ao Pr. Hiram Kalbermatter qual tem sido a eficácia deste projeto em sua associação. Segundo ele é razoável. Dos participantes que freqüentaram o projeto em 2003, 25 estão em universidades. Foi percebido que muitos acabaram não indo pelo fato de terem pela primeira vez uma quantia enorme de dinheiro que nunca antes tiveram a chance de ter e alguns acabaram gastando parte do dinheiro em outras coisas que ao seu ver eram prioridades como: dívidas passadas, resolução de problemas financeiros de seus parentes em casa, etc...¹².

¹² Hiram R. Kalbermatter, Diretor Associado do Departamento de Publicações da Associação Sul Rio Grandense. Questionário respondido através da Internet no dia 20/04/2004.

Da Perspectiva do Estudante¹³

Entrevistamos alguns alunos do Unasp campus 2 no período de Abril e Maio deste ano, para sabermos qual tem sido a eficácia do Projeto Sonhando Alto na opinião deles. Dentre algumas respostas, selecionamos as mais freqüentes. A maioria dos alunos concorda que as associações estão realmente investindo na estrutura do programa (casa alugada, beliches, colchões, uniformes, curso preparatório para o vestibular, treinamento, bolsa de 35%, etc...). Entretanto, eles ressaltam que apesar disto, algumas coisas tem prejudicado o bom andamento da campanha.

Em primeiro lugar, é em relação ao despreparo do líder. Foi destacado que muitas vezes o líder do grupo não está preparado para a função. Um exemplo é que às vezes alguém é escolhido para liderar somente porque vende bem. Mas quando assume a função, mostra-se inadequado para o cargo. Alguns líderes trancam o semestre letivo para poderem se reorganizar financeiramente e acabam sendo vistos como mercenários quando focalizam apenas o aspecto comercial e, conseqüentemente, não inspiram o grupo. Outro problema é quando o próprio líder não está interessado em ir para a faculdade. Seus interesses são outros. E muitas vezes o próprio líder acaba desmotivando alguém a ir estudar naquele ano simplesmente porque percebe que este candidato vende bem. Interessado no seu lucro com porcentagem que terá sobre as vendas dos colportores, ele quer garantir que sua próxima equipe também alcance os alvos propostos, e assim, há conflito de interesses. Outro problema é em relação aos líderes solteiros que correm o risco de namorar durante a campanha com alguma colportora e, quando isto acontece, ele perde a capacidade de proibir outros a fazerem o mesmo. Conseqüentemente, o grupo acaba perdendo os

¹³ Entrevista realizada aleatoriamente com alunos do Unasp Campus 2 no período de Março e Abril de 2004.

propósitos iniciais e muitos são desmotivados, pois se sentem sem o apoio do líder ou até mesmo do grupo. Quando o namoro é liberado ou até mesmo incentivado, acontecem encontros durante o período de trabalho. O dinheiro ganho para pagar os estudos é gasto desnecessariamente com este tipo de expediente e normalmente este namoro não vai muito além do período da campanha. De acordo com os entrevistados, o segredo do sucesso no Projeto Sonhando Alto é o candidato estar totalmente concentrado em seu objetivo de entrar na faculdade e a cada dia imaginar-se freqüentando a mesma. Nunca pensar na possibilidade de não conseguir matricular-se.

Finalmente, em algumas equipes de Sonhando Alto, são adicionados ao programa pessoas que não estão interessadas em ingressar na faculdade. São pessoas que têm outros interesses como: pagar dívidas, comprar carro ou outro tipo de investimento, ou até mesmo pessoas sem objetivo algum. Estes acabam prejudicando aqueles que têm o objetivo de estudar. Muitas vezes, segundo o resultado da pesquisa, são pessoas que desmotivam outros simplesmente pelo fato de não estarem com o mesmo objetivo da maioria dos participantes, estudar. Isto geralmente acontece quando o Projeto Sonhando Alto é realizado paralelamente com uma equipe de colportores efetivos no mesmo local ou na mesma casa.

Da Perspectiva do Unasp Campus 2

O pastor Paulo Martini trabalhou muitos anos como diretor do Instituto Adventista Paranaense (IAP) e recentemente foi nomeado pró-reitor do Unasp Campus 2. Possui uma vasta experiência com os alunos e um contato muito próximo com o Projeto Sonhando Alto.

De acordo com Martini, o Projeto Sonhando Alto tem trazido um benefício muito grande aos jovens que não têm recursos para ingressar em uma faculdade adventista. Para ele, o projeto tem beneficiado não somente os jovens, mas também a igreja, as escolas com a vinda de novos alunos e o próprio departamento de publicações com um aumento considerável nas vendas. Entretanto, alguns pontos merecem uma maior atenção: 1º) deve haver um cuidado especial com aqueles que, apesar de terem participado do projeto não conseguiram a bolsa completa, apenas parcial. Segundo Martini, estes candidatos talvez deveriam esperar um pouco mais para matricular-se até obterem todo o dinheiro necessário. Porque isto causa um certo desespero no aluno que tem que dividir-se entre os estudos e a preocupação de conseguir o restante do dinheiro para o seu sustento. Muitos não conseguem, trancam o semestre e correm o risco de nunca mais tentarem novamente devido a frustração da primeira tentativa. 2º) apesar do aumento das matrículas, o número ainda é baixo se comparado com a percentagem de pessoas que participam do Projeto Sonhando Alto. Segundo ele, o programa não tem dado o resultado esperado neste sentido. O pró-reitor do Unasp atribui esta deficiência ao breve período de duração do programa, cinco meses. Como está acontecendo em muitos lugares do Brasil, com um período maior de um ano, ele acredita que o percentual de matrículas irá aumentar beneficiando assim um maior número de pessoas.

Para que os candidatos tenham uma visão mais ampliada e até mesmo para o esclarecimento de dúvidas em relação as carreiras universitárias, o Unasp Campus 2 está com um projeto de visitar todos os campos da União Sul Brasileira e União Central Brasileira no ano de 2004 para um incentivo maior aos participantes do Projeto Sonhando Alto.

Conclusão

Neste capítulo pudemos perceber que a eficácia do Projeto Sonhando Alto é comprovada por todos os participantes e envolvidos diretamente ou indiretamente no mesmo. Entretanto, foram ressaltados alguns aspectos importantes que têm comprometido o objetivo final do programa que é a matrícula na instituição de ensino. Todos estes pontos abordados, são quase que totalmente dependentes dos participantes ou dos organizadores e não da estrutura do programa.

Concluimos que o Projeto Sonhando Alto, segundo a opinião dos participantes e administradores em geral, tem se revelado um importante elemento de incentivo e capacitação de futuros profissionais e ministros da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

CONCLUSÃO

Como já comentamos nas páginas anteriores, não podemos avaliar o sucesso do Projeto Sonhando Alto através de um ou outro programa realizado, que talvez o mesmo não tenha alcançado o resultado esperado. Temos que considerar o projeto como um todo. Seus ideais, suas estruturas de apoio ao participante e atitudes que estejam constantemente aprimorando as estratégias para que o sonho da faculdade esteja cada vez mais próximo da realidade de nossos jovens.

No primeiro capítulo, consideramos os elementos relacionados com o ideal do Projeto Sonhando Alto que consiste em: *eleva*r o nível espiritual dos participantes através de um relacionamento mais íntimo com Deus; *proporcionar* ao participante, experiências que contribuem para o seu crescimento intelectual e social bem como a possibilidade de ingressar em uma faculdade adventista; *considerar* a importância do Projeto Sonhando Alto para as instituições diretamente envolvidas que são: a ASR, o Unasp Campus 2 e a Igreja Adventista do Sétimo Dia. Em todos estes aspectos o Projeto Sonhando Alto tem alcançado um nível satisfatório

No segundo capítulo, pudemos observar que o Projeto Sonhando Alto tem sido eficiente em prover condições ao sucesso dos participantes através de três principais aspectos: 1º) eles são preparados para realizarem o trabalho durante o período de uma semana e somente então é que saem efetivamente ao campo, assistidos por um líder experiente; 2º) são preparados a enfrentarem o Processo Seletivo através de um curso

preparatório que praticamente não tem custo algum ao candidato; e 3º) além de seus lucros pessoais, ainda ganham um bônus de 35% sobre o valor total do estipêndio. Assim, concluímos o segundo capítulo atestando que o candidato tem todas as condições possíveis para ingressarem em um curso superior, pois são apoiados e preparados para tanto.

No terceiro capítulo pudemos perceber que a eficácia do Projeto Sonhando Alto é comprovada por todos os participantes e envolvidos diretamente ou indiretamente no mesmo. Entretanto, foram ressaltados alguns aspectos importantes que têm comprometido o objetivo final do programa que é a matrícula na instituição de ensino. Todos estes pontos abordados são quase que inteiramente dependentes dos participantes ou dos organizadores e não da estrutura do programa.

Como um dos primeiros participantes deste projeto em Curitiba no ano dois mil, tive a oportunidade de avaliar a eficácia deste programa. Eu e minha esposa trabalhávamos como autônomos nesta cidade – vendíamos lanches tipo “cachorro quente”. O trabalho não era difícil, mas como muitos jovens, nós tínhamos os nossos sonhos e projetos mais arrojados, nós queríamos cursar uma faculdade. Mas, como pagar as mensalidades? Como custear as despesas? Diante das dificuldades que passávamos, o sonho era cada vez mais irreal. Certo dia ouvimos falar do Projeto Sonhando Alto. Era um novo programa do departamento de publicações da associação para jovens que gostariam de cursar uma faculdade, mas não tinham os recursos necessários. Com um certo receio no início, pela fé, abandonamos o nosso trabalho e nos lançamos em uma das experiências mais significativas de nossas vidas – a colportagem. Os desafios foram muitos. Primeiramente vencemos a timidez de falar com estranhos, depois o desafio de vender os livros e, por fim, a conquista do estipêndio.

Hoje, depois de quatro anos de estudos (2001-2004), minha esposa é formada pelo Unasp Campus 2 no curso de Licenciatura Plena em Educação Artística e Música e eu sou formando em Teologia pela mesma Universidade. Este é o objetivo do Projeto Sonhando Alto.

Como pudemos constatar durante toda a exposição desta pesquisa, o Projeto Sonhando Alto tem se revelado um importante elemento de incentivo e capacitação de futuros profissionais e ministros da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

BIBLIOGRAFIA

CHAIJ, Nicolas. *O Colportor de êxito*. 4ª ed. Traduzido por Naor G. Conrado Tatuí – SP: Casa Publicadora Brasileira, 1992.

FILHO, Arlon. Aluno do 2º ano de Teologia. Entrevista realizada no dia 04/06/2004.

CASSIANO, Valter. Aluno do 2º ano de Teologia. Entrevista realizada no dia 04/06/2004.

KALBERMATTER, Hiram R. Diretor Associado do Departamento de Publicações da Associação Sul Rio Grandense. Questionário respondido através da Internet no dia 20/04/2004.

KIYOSAKI, Robert, *Pai rico, pai pobre para jovens*. 1ª ed. Traduzido por Alexandre Feitosa. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

MARTINI, Paulo. Pró-Reitor do Unasp Campus 2, Engenheiro Coelho – SP. Entrevista realizada no dia 02/06/2004.

MENDES, Antônio. Aluno do 2º ano de Teologia. Entrevista realizada no dia 04/06/2004.

MORAES, Helearte R. Aluno do 4º ano de Teologia. Entrevista realizada no dia 05/06/2004.

OLIVEIRA, Simone Apª. Sales. Formada no curso de Educação Artística. Entrevista realizada no dia 05/05/2004.

WHITE, Ellen G. *Mensageiros da esperança*. 1ª ed. Tatuí – SP: Casa Publicadora Brasileira, 2001.

_____. *Educação*. 6ª ed. Tatuí – SP: Casa Publicadora Brasileira, 1996.

Site oficial do Departamento de Publicações da Divisão Sul Americana [www.dsa.org.br/sonhando alto](http://www.dsa.org.br/sonhando_alto), Diretor responsável Pr. Almir M. Marroni. Acessado no dia 30/03/2004.

TIMM, Alberto R. *A Colportagem adventista no Brasil*. 1ª ed. Engenheiro Coelho, SP: Imprensa Universitária Adventista, 2000.

IV JORNADA BÍBLICO-TEOLÓGICA – 2004

UMA PESQUISA SOBRE HEBREUS 9:25

Ricardo do Carmo Coelho

Graduando em Teologia pelo Unasp, Campus Engenheiro Coelho, SP.

Monografia apresentada em abril de 2004

Orientador: Reinaldo W. Siqueira, Ph.D.

pastorricardocoelho@gmail.com

“Nem ainda para se oferecer a Si mesmo muitas vezes, como o sumo sacerdote cada ano entra no santo dos santos com sangue alheio”. (Hb.9: 25)

I. INTRODUÇÃO

A. PROBLEMA

O significado meio nebuloso da palavra grega “ta hágia”, que é traduzida ora como “santuário” ora como “santo dos santos” designando o lugar que Jesus entrou ao ascender para o céu, tem causado dúvidas em alguns, que alegam que Jesus entrou ou assumiu sua posição no “santo dos santos” logo que subiu para o céu. Esta teoria aparentemente anularia a doutrina bíblica do santuário, pregada pelos adventistas, pois se “ta hágia” realmente é o “santo dos santos”, e Jesus o adentrou ao ascender para o céu; então não estaria certo dizer que Jesus entrou no santíssimo do céu em 1844 como dizem os adventistas.

B. OBJETIVO

Por causa da confusão provocada pelas diferentes traduções, faz-se necessário determinar o que significa “ta hágia” no contexto de lugar da ministração de Jesus após sua subida. Portanto o objetivo desse estudo é descobrir o que o autor de Hebreus queria dizer ao escrever “ta hágia”?

C. MÉTODO

O método científico que usamos foi o da “Leitura Atentiva”, sendo que nesta apresentação abordaremos somente os aspectos da pesquisa que realmente ajudaram a responder nossa pergunta.

II. REVISÃO LITERARIA

Em primeiro lugar fizemos uma revisão literária a fim de saber o que autores pensam a respeito de Hebreus 9:25, e descobrimos que existe um grupo de comentaristas que afirma que a melhor tradução para *ta hágia* neste verso é “santo dos santos”, embora a palavra grega *hagia* seja a mesma usada no versículo 24 traduzida por santuário, o argumento deles é que o autor de Hebreus faz uma comparação entre o ministério de Cristo com o levítico terrestre com alusão direta ao dia da expiação, e era especialmente neste lugar que o sumo sacerdote entrava uma vez por ano, como exemplo desses autores temos: Philip Hughes, Donald Hagnes e Champlin.

Na verdade não são muitos os que comentam esta parte mais periférica do verso, a qual faz referencia ao lugar onde Jesus entrou, mas é interessante notarmos na grande maioria dos comentaristas a idéia de que este santuário é o próprio céu, e não seria um lugar no céu, então se for assim, parece que a separação de santo e santíssimo seria irrelevante e também complicaria a doutrina bíblica do santuário, porque não faria sentido Jesus entrar no santíssimo em 1844 se não há distinção de santo e santíssimo.

Além dessa tendência vista nestes comentários, que acaba apoiando a tradução da expressão grega *hagia* como “santo dos santos”, sendo este lugar o céu como um todo, percebemos ainda um posicionamento distinto que tende a afirmar que a melhor tradução é

na realidade “santuário” e não “santo dos santos”, esta posição é defendida principalmente pelos Adventistas do Sétimo Dia, o que os ajuda a sustentar a doutrina do santuário que é entendida como um lugar material no céu. Estes afirmam que embora o sumo sacerdote entrasse no Dia da Expição no santo dos santos não é esta verdade que o autor de hebreus quer salientar, sendo que poderia ter usado outra expressão, mas usou uma palavra no plural que quer dizer lugares santos ou santuário.

III. ARGUMENTAÇÃO

A nossa pericope de estudo corresponde aos capítulos 8, 9 e 10 de Hebreus, isto porque os três capítulos tratam do mesmo assunto: O Sumo – Sacerdócio de Jesus Cristo. As descobertas que nos ajudam a responder nossa pergunta procedem do estudo do contexto e principalmente da análise do próprio texto.

Ao estudarmos o contexto da carta de Hebreus descobrimos que foi escrita entre 67 e 68 para cristãos Judeus num momento de crise da fé. Pelo que vemos estes convertidos estavam em perigo constante de voltar ao Judaísmo, ou pelo menos de darem muita importância às observâncias cerimoniais, considerando-as necessárias à salvação.

Neste contexto o autor de Hebreus escreve um sermão com o propósito de exortá-los a permanecerem firmes na fé do evangelho. E para isto faz uma argumentação (Hb. 8:1 – 10:18) comparando a superioridade da ministração de Cristo no santuário Celestial em contraste com a ministração do sacerdócio terrestre que ainda praticavam.

Portanto, o contexto não trata de um serviço especial, do dia da expiação, mas do serviço no santuário em geral, tanto é que descreve os dois lugares do santuário. A ênfase deste sermão não era falar especificamente do serviço no santuário no lugar santo dos santos, mas, do serviço no santuário como um todo.

Ao analisarmos o texto percebemos que o problema está na tradução da palavra grega $\tau\alpha \alpha\gamma\iota\alpha$, a qual aparece dez vezes em Hebreus, sendo traduzida por: santuário, lugar santo e santo dos santos. A problemática é a divergência em algumas versões nos versos 8, 12 e 25 do capítulo 9 e o verso 19 do capítulo 10, pois algumas versões traduzem $\tau\alpha \alpha\gamma\iota\alpha$ como “santo dos santos” (por exemplo: as versões Almeida, LH e NVI) e outras como “santuário” (por exemplo: as versões BJ, TEB e a NLH).

Além do argumento do contexto encontramos pelo menos mais 3 evidências de que $\tau\alpha \alpha\gamma\iota\alpha$ quer dizer “santuário”:

1) Quando o autor cita claramente o lugar santíssimo (Hb. 9:3) ele o descreve com duas palavras: $\alpha\gamma\iota\alpha \alpha\gamma\iota\omicron\nu$, enquanto nos outros versos em que o lugar não é totalmente definido só é usada uma variação de $\alpha\gamma\iota\omicron\sigma$.

2) Tendência da Septuaginta em se referir ao lugar santíssimo com dois termos: exemplo: Êxodo 26:33 o escritor Bíblico fala neste verso dos dois lugares e usa $\alpha\gamma\iota\omicron\nu$ para se referir ao lugar santo e $\alpha\gamma\iota\omicron\nu \tau\omicron\nu \alpha\gamma\iota\omicron\nu$ para santíssimo. Provavelmente o autor de Hebreus pela influência da leitura da septuaginta tenha usado estas mesmas nomenclaturas.

3) Hebreus. 9:25 pode ser comparado paralelamente com a passagem de Levítico 16:3 onde Arão entra no santuário para ministrar diante do Senhor no dia da expiação. A questão é que no dia da expiação o Sumo-Sacerdote entrava no santuário como um todo, ou seja, neste dia ele entrava no santuário para ministrar nos dois compartimentos e não somente no segundo. É uma vez que o santuário inteiro estava envolvido nestes serviços, é melhor traduzirmos $\tau\alpha \alpha\gamma\iota\alpha$ como santuário.

IV. CONCLUSÃO

Á luz do estudo que fizemos podemos reagir criticamente ao grupo que considera τα αγια como o “santo dos santos”, afirmando que esta idéia não reflete o ensino da Bíblia, pois a Bíblia não ensina que ao subir para o céu Jesus iniciou seu ministério no lugar santíssimo. Mas ensina que ao subir para o céu Jesus entrou no santuário para iniciar seu ministério sacerdotal.

As implicações deste estudo são muito importantes, no campo da teologia sistemática ajuda na compreensão da doutrina do santuário, como entendida pelos Adventistas do Sétimo Dia, pois esta ensina que Jesus ao ascender para o céu começou o serviço intercessório no lugar “santo” e só então em 1844 passaria para o lugar “santíssimo”, para realizar o serviço expiatório, cumprindo então a profecia de Daniel 8:14.

E na teologia aplicada este estudo faz face a um problema que pode surgir ao ministrar um estudo bíblico sobre o santuário, por exemplo; sanando a duvida sobre um texto que aparentemente contraria o ensino bíblico. Podendo assim reforçar a fé daqueles que crêem no Sumo Sacerdote celestial que desde 1844 ministra no santíssimo e logo que terminada esta expiação voltará para buscar os seus remidos.

IV JORNADA BÍBLICO-TEOLÓGICA - 2004

A DOCTRINA DO SANTUÁRIO: DEFINIÇÃO E ANÁLISE DE SUA PRESENÇA NOS ESTUDOS BÍBLICOS

Raul Daniel de Souza

Graduando em Teologia pelo Unasp, Campus Engenheiro Coelho, SP

Monografia apresentada em abril de 2004

Orientador: Rodrigo P. Silva, Th.D.

rdanielsouza@hotmail.com

RESUMO: O objetivo dessa pesquisa é verificar a presença da explicação da doutrina do santuário celestial nas instruções bíblicas ministradas, historicamente, pelos adventistas do sétimo dia no Brasil. Além disso, visa averiguar a apresentação desta doutrina pelos alunos do curso de Teologia do Unasp, Campus Engenheiro Coelho, no estágio em evangelismo público que realizaram em 2003.

PALAVRAS-CHAVE: santuário celestial, estudos bíblicos, preparo batismal, Igreja Adventista, alunos de teologia.

The doctrine of the sanctuary: definition and analysis of its presence in Bible studies

ABSTRACT: The purpose of this research is to verify the presence of the theme of the doctrine of the sanctuary in Bible courses historically administrated by Seventh-day Adventists in Brazil. It also intends to check out the presentation of this doctrine by the Theology students of the Unasp, Campus Engenheiro Coelho, in their practice of public evangelism that took place in the year 2003.

KEYWORDS: heavenly sanctuary, Bible studies, instruction of candidates to baptism, Adventist Church, theology students.

RAUL DANIEL DE SOUZA

**A DOCTRINA DO SANTUÁRIO:
definição e análise de sua
presença nos estudos
bíblicos**

Monografia apresentada na IV Jornada
Bíblico-Teológica do Seminário Adventista
Latino-Americano de Teologia
Prof. Dr. Rodrigo P. Silva

Engenheiro Coelho – S.P.

Abril de 2004

SUMÁRIO

LISTA DOS GRÁFICOS	iii
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULOS	
I. A IMPORTÂNCIA DA DOCTRINA DO SANTUÁRIO	3
1.1. As duas mil e trezentas tardes e manhãs	4
1.2. O santuário terrestre	5
1.2.1. A estrutura do santuário	5
1.2.2. Os rituais do santuário	6
1.2.2.1. Ofertas	6
1.2.2.2. O serviço dos sacerdotes	7
1.3. O santuário celestial	8
1.4. O juízo investigativo	9
II. ANÁLISE DA PRESENÇA DO ASSUNTO DO SANTUÁRIO NOS ESTUDOS BÍBLICOS DA IASD	11
2.1. Presença do estudo do santuário de 1921 a 2001	12
2.1.1. Presença do estudo do santuário de 1921 a 1945	12
2.1.2. Presença do estudo do santuário de 1945 a 1968	13
2.1.3. Presença do estudo do santuário de 1968 a 1986	13
2.1.4. Presença do estudo do santuário de 1986 a 1992	14
2.1.5. Presença do estudo do santuário de 1992 a 2001	14
III. ANÁLISE DA PESQUISA DE CAMPO	16
3.1. Primeira questão	16
3.2. Segunda questão	17
3.2.1. 2300 dias	17
3.2.2. O santuário terrestre	18
3.2.3. O santuário celestial	18
3.2.4. O juízo investigativo	19
3.2.5. O santuário como centro das doutrinas adventistas	19
3.2.6. Outros	20
3.3. Terceira questão	20
CONCLUSÃO	22
BIBLIOGRAFIA	24

LISTA DOS GRÁFICOS

GRÁFICO 1	
Estudos Bíblicos (1921-2001)	12
Estudos Bíblicos Doutrinários (1921-2001)	12
GRÁFICO 2	
Estudos Bíblicos (1921-1945)	13
Estudos Bíblicos Doutrinários (1921-1945)	13
GRÁFICO 3	
Estudos Bíblicos (1945-1968)	13
Estudos Bíblicos Doutrinários (1945-1968)	13
GRÁFICO 4	
Estudos Bíblicos (1968-1986)	14
Estudos Bíblicos Doutrinários (1968-1986)	14
GRÁFICO 5	
Estudos Bíblicos (1986-1992)	14
Estudos Bíblicos Doutrinários (1986-1992)	14
GRÁFICO 6	
Estudos Bíblicos (1992-2001)	15
Estudos Bíblicos Doutrinários (1992-2001)	15
GRÁFICO 7	
Respostas da primeira questão.....	17
GRÁFICO 8	
Respostas do item 'a'da segunda questão.....	17
GRÁFICO 9	
Respostas do item 'b'da segunda questão.....	18
GRÁFICO 10	
Respostas do item 'c'da segunda questão.....	18
GRÁFICO 11	
Respostas do item 'd'da segunda questão.....	19
GRÁFICO 12	
Respostas do item 'e'da segunda questão.....	19
GRÁFICO 13	
Respostas do item 'f'da segunda questão.....	20
GRÁFICO 14	
Respostas dos 4 grupos de opiniões da questão 3.....	21

INTRODUÇÃO

Quando decidi fazer a pesquisa com base na doutrina do ministério de Cristo no santuário celestial (ou doutrina do santuário), o fiz porque tive o conhecimento de que a correta compreensão dessa doutrina constitui-se no alicerce da fé adventista do sétimo dia (White, 1978, p. 221). Especialmente me interessei em averiguar este assunto pelo fato de ter me tornado membro da Igreja Adventista do Sétimo (IASD) sem ter tido conhecimento desse assunto. Apesar de ter aprendido sobre ele mais tarde, fiquei preocupado por imaginar que muitas outras pessoas poderiam estar vivendo o mesmo caso que eu vivenciei. Percebi também que a doutrina do santuário é a 23ª. crença fundamental dos adventistas do sétimo dia conforme apresentada no Manual da Igreja (MI, 2001, p. 17) e detalhada no livro *Nisto Cremos* (NC, 2000, pp. 408- 430).

Por isso, o objetivo dessa pesquisa é verificar a presença da explicação do santuário nos estudos bíblicos ministrados pelos adventistas do sétimo dia historicamente aqui no Brasil. Outro objetivo é verificar a apresentação desta doutrina por parte dos alunos do 4º ano da Faculdade Adventista de Teologia (FAT) do Centro Universitário Adventista de São Paulo, campus Engenheiro Coelho, SP. Verificar esses alunos foi pensado especialmente porque estes estudam durante um semestre uma matéria que trata apenas dessa doutrina, e no segundo semestre do 3º ano fazem o estágio de evangelismo da FAT ministrando estudos bíblicos para de vários lugares desse país.

Esse estudo consiste em três capítulos breves. No primeiro capítulo¹, trata-se a importância da doutrina do santuário, em que mostra de forma sucinta alguns aspectos principais da doutrina. Agora, no segundo capítulo² foi feita uma análise cronológica.

¹ Baseado em "TIMM, Alberto R., *O santuário e as três mensagens angélicas: fatores integrativos no desenvolvimento das doutrinas adventistas*. Imprensa universitária adventista. Centro universitário adventista de São Paulo. Engenheiro Coelho, SP. 2002." Em "TIMM, Alberto Ronald. *Desenvolvimento da doutrina do santuário no contexto do conflito cósmico*. Seminário Adventista Latinoamericano de Teologia. Universidad Adventista del Plata. Argentina. 1997." E em "WHITE, Ellen G., *Evangelismo*. Casa Publicadora Brasileira. 3ª edição. Tatuí, SP. 1978."

² Todas as informações deste capítulo foram extraídas de "SILVA, Paulo Cilas da, *séries de estudos bíblicos da Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil: breve história e análise comparativa do seu conteúdo*. Imprensa universitária adventista. 1ª edição. Centro universitário adventista de São Paulo. Engenheiro Coelho, SP. 2002."

comparando a presença do estudo do santuário com a presença de outros estudos, começando do ano de 1921 indo até o ano de 2001. E no terceiro capítulo, faz-se a análise do resultado da pesquisa de campo proposta a ser feita com os alunos do 4º ano da FAT.

CAPÍTULO I

IMPORTÂNCIA DA DOCTRINA DO SANTUÁRIO

A importância do assunto do santuário é conhecida historicamente pelos adventistas do sétimo dia. Percebe-se a importância do assunto por alguns pensamentos como os da pioneira adventista White (1978, pp. 221-225).

Para ela, a compreensão correta da doutrina constitui o alicerce da fé da IASD; o assunto do santuário e do juízo investigativo deve ser claramente compreendido pelo povo de Deus; o conhecimento deste assunto é essencial para estes exercerem a fé devida para os últimos tempos; foi a chave para a solução do mistério do desapontamento de 1844; o ministério final de Jesus, o Sumo Sacerdote, por Seu povo está sendo processado no santuário celestial; a expiação de Cristo é compreendida corretamente através do assunto do santuário; o assunto do santuário conduzirá o povo à reforma da própria vida; o Espírito Santo testificou acerca das verdades do santuário; no desfecho do Grande Conflito, o assunto do santuário será um alicerce seguro em que se apoiar contra os enganos do inimigo de Deus.

Outro autor contemporâneo também ressalta a importância do estudo, pois para ele o santuário, junto com as três mensagens angélicas, constitui-se como fator de integração no desenvolvimento das doutrinas adventistas. (Timm, 2002, p. 10).

Percebe-se que o assunto do santuário desenvolveu-se no contexto do reavivamento religioso do fim do século dezoito, e primeira metade do século dezenove nos Estados Unidos da América. Nesse período, um homem chamado Guilherme Miller decidiu compreender o significado de cada versículo da Bíblia. Começou a estudar no ano de 1816, concluindo seu estudo no ano de 1831. À medida que estudava, deparou-se com o verso de Daniel 8:14 – “Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado.” -, o que determinou sua crença na segunda vinda física de Jesus (cf. Mt. 24; Mc.13; Lc. 21; Jo. 14: 1-3; At. 1: 9-11; 1Co. 15: 51-54; 1Ts. 4: 13-18, 5: 1-6; 2Ts. 1: 7-10, 2:8; Tt. 2: 13; Hb. 9: 28; Ap. 1: 7, 14: 14-20.) por volta do ano de 1843.

Miller, convencido dessa verdade, começou a pregar sobre esse assunto. A partir de então, as pessoas que o acompanharam foram chamadas de grupo milerita.

Vários desses mileritas aprofundaram seus estudos para saber quando começou e quando terminaria o período das duas mil e trezentas tardes e manhãs.

1.1. AS DUAS MIL E TREZENTAS TARDES E MANHÃS

Ao fazer uma análise bíblica, percebe-se que a expressão “tarde e manhã” corresponde ao período de um dia (24 horas), como, por exemplo, pode ser visto no relato da criação (cf. Gn. 1: 5, 8, 13, 19, 23, 31.). Então, duas mil e trezentas tardes e manhãs correspondem a 2300 dias. Como em profecia um dia corresponde a um ano (cf. Nm. 14: 34; Ez. 4: 6.), os 2300 dias correspondem a 2300 anos. Faltava agora saber a delimitação cronológica dessa profecia.

Nessa busca pela data do início e fim desse período de tempo, Miller encontrou outra profecia no livro de Daniel, no capítulo 9: 24-27:

“Setenta semanas estão determinadas sobre o teu povo e sobre a tua santa cidade, para fazer cessar a transgressão, para dar fim aos pecados, para expiar a iniquidade, para trazer a justiça eterna, para selar a visão e a profecia e para ungir o Santo dos Santos. Sabe e entende: desde a saída da ordem para restaurar e edificar Jerusalém, até ao ungido, ao Príncipe, sete semanas e sessenta e duas semanas; as praças e as circunvalações se reedificarão, mas em tempos angustiosos. Depois das sessenta e duas semanas, será morto o Ungido e já não estará; e o povo de um príncipe que há de vir destruirá a cidade e o santuário, e o seu fim será num dilúvio, e até ao fim haverá guerra; desolações são determinadas. Ele fará firme aliança com muitos, por uma semana; na metade da semana, fará cessar o sacrifício e a oferta de manjares; sobre a asa das abominações virá o assolador, até que a destruição, que está determinada, se derrame sobre ele.”(ênfase do autor)

Essa profecia veio como resposta divina ao pedido de Daniel de esclarecimento sobre o significado de Daniel 8: 14. Maxwell (2002, p. 247) detalhou as conclusões mileritas da seguinte forma (ver os sublinhados):

- (1) – essas duas profecias, as das 70 semanas, ou 490 anos, e a dos 2300 anos de Daniel 8:14 como tendo iniciado juntamente;
- (2) – o decreto com “a ordem para restaurar e edificar Jerusalém”, iniciando em 457 a.C.;
- (3) – as sete semanas estendendo-se de 457 a.C. a 408 a.C., momento em que houve a restauração de Jerusalém;
- (4) – as sessenta e duas semanas indo de 408 a.C. até 27 d.C., quando Jesus, “o ungido”, “o Príncipe”, foi batizado;

(5) – a última semana começando desde o batismo de Jesus em 27 d.C., estendendo-se até ao ano 34 d.C.;

(6) – a referência à cessação do sacrifício e oferta de manjares na metade da semana, correspondendo com a morte de Jesus, que aconteceu três anos e meio após seu batismo.

Desta forma, subtraindo 490 anos de 2300 anos, ficam 1810 anos; como os 490 anos terminaram em 34 d.C., sendo acrescentados 1810 anos aos 34 já passados da era cristã, chegou-se ao ano de 1844. Depois de vários estudos, chegou-se a data de 22 de outubro de 1844 (Timm, 2002, pp. 21-25, 29-35, 70-72; Neufeld, 1996, pp. 803-806).

Ao estar definido o período dos 2300 dias, e sabendo que Miller acreditava que o fim desse período profético culminaria com a segunda vinda de Jesus, os mileritas enfatizavam a purificação do santuário. Para fazer esta ligação entre a purificação do santuário e a segunda vinda de Cristo, era necessário conhecer como funcionava o santuário terrestre.

1.2. O SANTUÁRIO TERRESTRE

O Senhor deu a seguinte ordem a Moisés: “E me farão um santuário, para que Eu possa habitar no meio deles.” Com esta ordem, Deus queria deixar visível ao povo de Israel o senso de Sua presença. De Êxodo 25 a Levítico 8, foram dadas instruções acerca do santuário a ser construído, e do serviço a ser realizado nele. Dois aspectos do santuário terrestre serão enfatizados: sua estrutura e seus rituais.

1.2.1. A estrutura do santuário

O santuário terrestre estava dividido em três compartimentos: o átrio (cf. Ex. 27: 9), o lugar santo (cf. Ex. 26: 33) e o lugar santíssimo (NC, 2000, p. 413). Todos esses compartimentos eram separados por cortinas, pois era necessário que fossem desmontáveis. Cada compartimento tinha alguns móveis construídos de tal forma que também pudessem facilmente ser transportados. Os móveis foram dispostos conforme descrito a seguir:

- átrio – no átrio estava o altar do holocausto (cf. Ex. 27: 1) e a pia dos sacerdotes (cf. Ex. 30: 18) ;

- lugar santo – no lugar santo encontrava-se o candelabro (cf. Ex. 25: 31) , a mesa dos pães da proposição (cf. Ex. 37: 10) e o altar do incenso (cf. Ex. 37: 25);
- lugar santíssimo – no lugar santíssimo ficava a arca da aliança (cf. Ex. 25: 10, 16) que continha a Lei de Deus, e posteriormente foram colocados o maná e a vara de Arão (cf. Hb. 9: 4); o propiciatório (cf. Ex. 25: 17-21) por cima da arca, com dois querubins, um numa lateral e outro na lateral oposta.

1.2.2. Os rituais do santuário

Os rituais do santuário eram regidos por um sistema sacrificial de ofertas. Essas ofertas eram ministradas pelos sacerdotes ao povo e a si mesmos. O serviço desses sacerdotes nos rituais consistia no recebimento, apresentação, e utilização de ofertas. Das ofertas apresentadas, havia cinco tipos: ofertas queimadas, de manjares, pacíficas, pelo pecado, pelos pecados e as culpas. E dois tipos de serviço faziam os sacerdotes: o serviço diário, e o serviço do dia da expiação. (Andreasen, 1943, pp. 63-65, 73-75, 83-85, 93-95, 104-106, 112-115, 122-131).

1.2.2.1. Ofertas

- Ofertas queimadas – eram ofertas de animais, as únicas ofertas totalmente queimadas. Eram feitas nos sacrifícios da manhã e da tarde, e em ofertas voluntárias. Queimavam completamente durante a noite inteira e/ou o dia inteiro. Significavam consagração e dedicação, e eram as mais importantes de todas as ofertas. Simbolizavam o Cristo que devia se entregar por completo (ibid., pp. 63-65).
- Ofertas de manjares – eram ofertas de vegetais (cereais, farinha, azeite, sal, incenso e vinho), onde apenas uma pequena porção era queimada, e a outra parte ficava para os sacerdotes. Significavam submissão e dependência (ibid., pp. 73-75).
- Ofertas pacíficas – eram ofertas que podiam ser de animais ou de vegetais. Significavam gratidão e regozijo. Nessas ofertas, uma parte era dedicada ao Senhor, outra parte ficava com os sacerdotes, e a maior parte era devolvida para o ofertante (ibid., pp. 93-85).

- Ofertas pelo pecado – eram feitas quando os sacerdotes, toda a congregação de Israel, os príncipes do povo, ou uma pessoa comum do povo pecavam por erro, engano, ou atos precipitados, sem que o soubesse no momento em que o cometeu, descobrindo posteriormente. Se o sacerdote pecasse, deveria ser sacrificado um novilho sem defeito. Se toda a congregação pecasse, deveria ser sacrificado um novilho. Se um dos príncipes pecasse, deveria trazer um bode sem defeito. Se uma pessoa comum do povo pecava, deveria sacrificar uma cabra ou uma cordeira. (ibid., pp. 93-95)
- Ofertas pelos pecados e as culpas – reconhecendo que a Bíblia em certos momentos confunde a designação a ser feita nesses dois tipos de transgressão, as ofertas pelo pecado se enquadram no modelo das ofertas explicadas no tipo de oferta supra; as pela culpa também se referem a pecados cometidos por ignorância, mas não completa, pois se acreditava que a pessoa pecou por desatenção ou por ignorância voluntária. Vale lembrar que pelos pecados cometidos conscientemente não havia oferta, devendo o pecador ser morto. Entre os pecados cometidos que conduziam o pecador a dar esse tipo de oferta estavam o não denunciar, tocar coisas imundas e jurar temerariamente. Se o pecado de alguém fosse classificado como esse tipo de oferta, deveria sacrificar uma cordeira, ou cabrita, ou rola, ou pombinho, ou ainda uma oferta de manjares sem óleo, nem incenso. (ibid., pp. 104-111).

1.2.2.2. O serviço dos sacerdotes

- O serviço diário – incluía o trabalho com as ofertas queimadas do sacrifício da manhã e da tarde, oferta de manjares e libações, o espevitamento das lâmpadas do santuário, as ofertas de incenso, as ofertas individuais pelo pecado, queimadas, de manjares e pacíficas. Havia também o ofício das ofertas de purificação, pelos leprosos restaurados, por votos de nazireu, e de contaminações. O sacrifício de um cordeiro de manhã e outro à tarde, oferecido todos os dias do ano, era aumentado de mais um cordeiro por oferta aos sábados, e de sete cordeiros durante algumas festas (ibid., pp. 112-114).
- O dia da expiação – era um dia especial quando todo o povo de Israel parava todos os tipos de atividades e passava o dia inteiro em jejum e oração, esperando a aceitação divina. O serviço diário funcionava apenas com o

sacrifício da manhã e da tarde. O sumo sacerdote se vestia especialmente para esse dia. Este trazia um novilho que serviria como expiação por seu pecado individual. A ele eram entregues dois bodes e um carneiro. Ele, então, sacrificava o novilho por si, e aspergia seu sangue no lugar santíssimo – esta era a única vez no ano que entrava no santíssimo, pois durante o resto do ano, todos os serviços eram efetuados no lugar santo do santuário – depois de haver colocado incenso no incensário. Outra cerimônia realizada naquele dia envolvia os dois bodes. Um deles era escolhido para ser o bode do Senhor e outro para ser bode Azazel (emissário). O bode do Senhor era sacrificado e o seu sangue aspergido no lugar santíssimo e lugar santo para purificação dos mesmos – estavam contaminados com os pecados dos sacerdotes e do povo – . O bode Azazel era enviado para morrer no deserto depois de o sacerdote haver colocado as mãos sobre sua cabeça, simbolizando a transferência de todos os pecados para o bode. Assim terminava o dia da expiação (ibid., pp. 122-131).

Acontece que esse santuário terrestre foi substituído de uma tenda para uma construção edificada no reinado de Salomão. Foi destruído no período do cativeiro babilônico, mas reconstruído pelos que voltaram do cativeiro. Foi reconstruído por Herodes. Então, esse último santuário foi destruído (ibid., pp. 21-31).

1.3. O SANTUÁRIO CELESTIAL

Assim, Miller concluiu que o santuário a ser purificado seria a Terra e a Igreja (Timm, 2002, p. 35). Agora, os mileritas esperavam a segunda vinda de Jesus no dia de 22 de outubro de 1844. Por Cristo não ter voltado na data marcada, o movimento milerita se desfacelou em vários grupos, dentre os quais havia um que acreditava que o que aconteceu foi a passagem de Cristo do lugar santo para o santíssimo do santuário celestial (ibid., p. 52-57), e o começo do serviço do grande dia da expiação no santuário celestial, conforme funcionava no santuário da dispensação antiga. Esse grupo ficou conhecido como os adventistas sabatistas – hoje adventistas do sétimo dia -. Mas que evidências havia de um santuário celestial?

As evidências bíblicas do santuário celestial podem ser encontradas no conselho de Deus a Moisés para construir o santuário terrestre “segundo o modelo

que te foi mostrado no monte.” (cf. Ex. 25: 8,9, 40). A existência desse santuário fica clara com os textos: “Abriu-se, então, o santuário de Deus, que se acha no céu...” Ap. 11: 19; “... e abriu-se no céu o santuário do tabernáculo do Testemunho...” Ap. 15: 5; “... ministro do santuário e do verdadeiro tabernáculo que o Senhor erigiu, não o homem” Hb. 8: 2; “Porque Cristo não entrou em santuário feito por mãos, figura do verdadeiro...” Hb. 9: 24.

Existe ainda referência a objetos do santuário da nova dispensação que são iguais aos instrumentos do santuário da antiga dispensação. Entre eles acham-se o candelabro ou castiçal (cf. Ap. 1; 12), o altar do incenso (cf. Ap. 8: 3, 9: 13), e a arca da aliança (cf. Ap. 11: 19).

Ao perceber que o trono celestial (cf. Dn. 7: 9 -10) se localiza no santuário celestial (cf. Ap. 4:2, 7: 15, 16: 17), e notando que é de Seu trono que Deus abre os livros para o julgamento de todos, conclui-se que do santuário celeste partem os juízos de Deus. Isto conduziu os adventistas ao desenvolvimento da idéia do juízo investigativo.

1.4. O JUÍZO INVESTIGATIVO

O juízo investigativo tem seu fundamento bíblico basicamente nos textos: “Porque a ocasião de começar o juízo pela casa de Deus é chegada;” 1Pe. 4: 17; “... Temei a Deus e daí-lhe glória, pois é chegada a hora do seu juízo;” Ap. 14: 7. Isto quer dizer que o juízo denominado no apocalipse é o investigativo.

Os adventistas deram importância significativa ao conceito do juízo investigativo, colocando como essencial sua compreensão (White, 1978, p. 221-222). E a devida compreensão envolve conhecer que desde 1844 os casos dos mortos justos têm sido passados por juízo (cf. 1Pe. 4: 17), e que os vivos serão em seguida julgados. (White, 1985, p. 125). É necessário, por isso, que todos se preparem para o juízo investigativo (White, 1987, p. 342) porque ele antecede a segunda vinda de Jesus (White, 1991, p. 378; 2000, p. 485).

A expiação dos pecados está também acontecendo hoje no santuário celestial, por ocasião desse juízo, a exemplo da expiação dos pecados que também era feita no dia da expiação do santuário terrestre. Naquele dia o povo de Israel e o santuário eram purificados dos pecados. Hoje o povo de Deus e Seu santuário estão sendo purificados semelhantemente.

É preciso lembrar que a correta compreensão da questão do assunto santuário foi a maneira que os então mileritas obtiveram para entender a profecia de Daniel 8, ao explicar o que tinha acontecido em 1844, o que estava se passando no santuário naquele momento, e o que aconteceria no futuro (White, 2000, p. 423); pois este assunto veio a ser o alicerce da fé dos adventistas do sétimo dia (White, 1978, p. 221).

Com o conhecimento de todos esses aspectos listados neste capítulo sobre o santuário, e conhecendo a importância que ele possui, no próximo capítulo será feita uma análise para saber com que frequência e quantidade de vezes esse assunto aparece nos estudos bíblicos – organizados a fim de ensinar as verdades características dos adventistas e formar novos membros para essa Igreja.

CAPÍTULO II

ANÁLISE DA PRESENÇA DO ASSUNTO DO SANTUÁRIO NOS ESTUDOS BÍBLICOS DA IASD

O assunto do santuário se enquadra no grupo de estudos bíblicos que tratam sobre doutrinação, no contexto do conceito adventista de estudos que engloba assuntos sobre conversão, doutrinação e estilo de vida. Por doutrinação entende-se a explicação de conteúdos teóricos– doutrinários, tendo como outros temas a Bíblia, a segunda vinda de Cristo, a Lei de Deus e o sábado, a Trindade, os anjos, a criação, entre outros. Percebe-se a diferença dos temas sobre doutrinação com os de conversão e estilo de vida porque estes outros dois tratam do relacionamento salvífico com Deus, e da maneira visível do comportamento social do estudante da Bíblia, respectivamente.

Pelo fato de o santuário ser um assunto do grupo sobre doutrinação, será necessário ver os motivos porque é preciso o ensino de estudos doutrinários, o que valerá para mostrar a importância do conhecimento do assunto do santuário (White, 1978, p. 221). O primeiro motivo dá-se por causa do abandono da verdade bíblica durante o decorrer da história logo após o período apostólico do cristianismo.

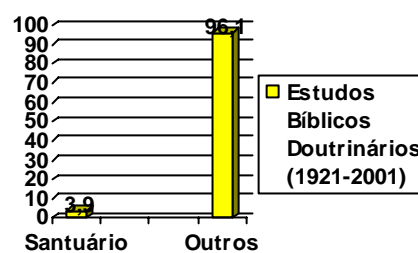
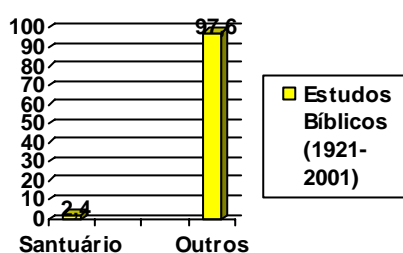
Outro motivo tem haver com as tendências filosófico- religiosas presentes no mundo contemporâneo. Dentre elas, a mais importante é o existencialismo, pois coloca o homem como centro de todas as coisas. Há também as tendências ecumênicas. O conceito da existência de várias verdades é outro motivo, porque obriga as pessoas a exercerem o respeito da verdade individual a despeito da verdade da Bíblia. Outro se relaciona com o processo de secularização do mundo. O crescimento do misticismo dentro da religião, também chamado espiritualismo, é outra tendência negativa.

Deve-se levar em conta a necessidade de doutrinação pela grande quantidade de religiões cristãs e não cristãs existentes hoje, pois isto traz muita confusão para as pessoas. E também pelo surgimento de distorções dentro da própria IASD, inclusive na IASD do Brasil, surgiu a necessidade de se doutrinar os estudantes da Bíblia. O próprio assunto do santuário tem sofrido essas distorções. Daí, a importância de expô-lo aos estudantes da Bíblia, para que seja diminuído o número

de problemas doutrinários ao esses tornarem-se membros da IASD, e para a correta identificação do que é distintivo nessa igreja. Por isso, é importante o estudo do santuário.

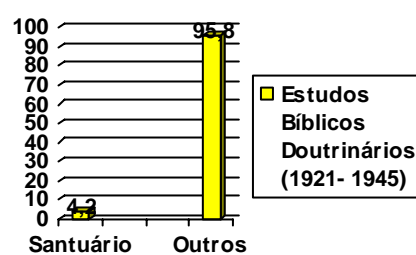
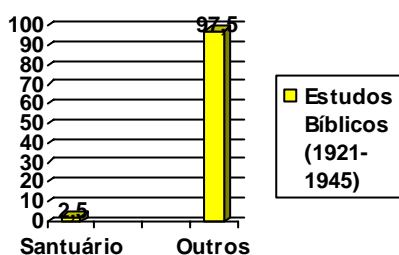
2.1. PRESENÇA DO ESTUDO DO SANTUÁRIO DE 1921 A 2001

A partir de agora, será feita a análise da presença do santuário nos estudos bíblicos de acordo com a divisão de períodos proposta (passim, pp. 1- 2). Na verificação geral dos estudos de 1921 a 2001, houve 67 estudos sobre o santuário dos 2703 analisados; são cerca de 2,4% de estudos do sobre o santuário em relação com 97,6% dos outros estudos. Destes 2703 estudos, 1711 eram doutrinários, e o santuário continuou com seus 67 estudos; isto representa cerca de 3,9% destes estudos, contra 96,1% dos outros estudos bíblicos doutrinários. Veja os gráficos abaixo:



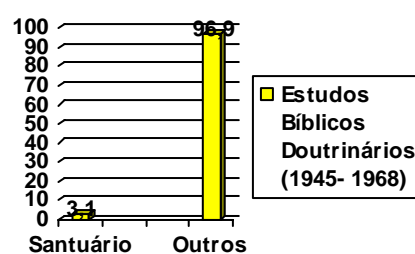
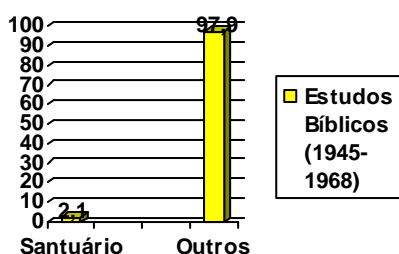
2.1.1. PRESENÇA DO ESTUDO DO SANTUÁRIO DE 1921 A 1945

Do primeiro período a ser analisado, de 1921 a 1945, foram analisados 349 estudos, dos quais 9 eram sobre o santuário; são cerca de 2,5% sobre o santuário, ao lado de cerca de 97,5% dos outros assuntos. Os mesmos 9 estudos, ficam englobados num conjunto de 210 estudos doutrinários, dos 349 estudos. Isto dá um percentual de cerca de 4,2% de estudos sobre o santuário, e cerca de 95,8% de outros estudos bíblicos doutrinários. Vale lembrar que as séries de estudos bíblicos mais utilizadas desta época foram: o livro *Estudos Bíblicos* e a série *Estudos Bíblicos Curtos*. Os gráficos mostram as duas situações dos cálculos percentuais obtidos:



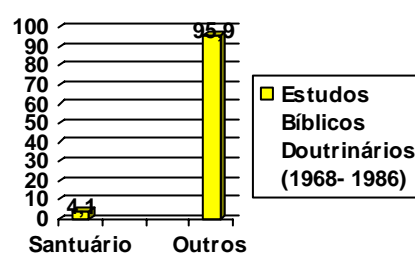
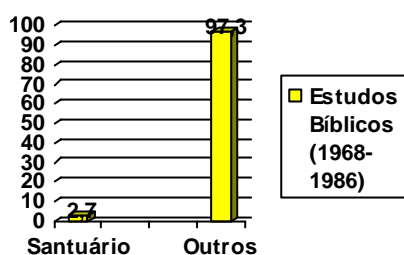
2.1.2. PRESENÇA DO ESTUDO DO SANTUÁRIO DE 1945 A 1968

Já no segundo período, de 1945 até 1968, foi verificada a presença de 682 estudos, dos quais 15 tratavam sobre o santuário. Em percentagem, são cerca de 2,1% para o santuário, e cerca de 97,9% para os outros estudos. Estes 15 estudos do santuário ficaram no grupo de 476 estudos doutrinários, dos 682 totais. Achou-se, então, o número de cerca de 3,1% para o santuário, e cerca de 96,9% para os outros estudos bíblicos doutrinários. Esse período foi marcado pela Escola Radiopostal e a série *Estudos Bíblicos para Pessoas Muito Ocupadas*. Os gráficos a seguir mostram os cálculos:



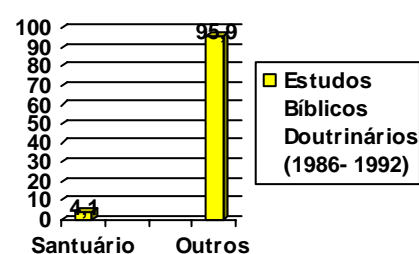
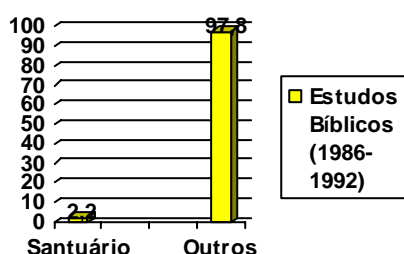
2.1.3. PRESENÇA DO ESTUDO DO SANTUÁRIO DE 1968 A 1986

De 1968 a 1986, no terceiro período, houve 646 estudos. Dentre eles 18 discorriam sobre o santuário. Encontrou-se o valor de cerca de 2,7% dos estudos para o santuário, contra cerca de 97,3% para os outros estudos. Dos 646 estudos desta época, 439 eram doutrinários, que comparados com os 18 estudos do santuário, trazem cerca de 95,9% para um, e cerca de 4,1% para o outro, respectivamente. As séries de estudos mais importantes desse período foram: *A Bíblia Fala*, *Tesouros da Fé Cristã* e *Encontro com a Vida*. Os gráficos a seguir representam os cálculos:



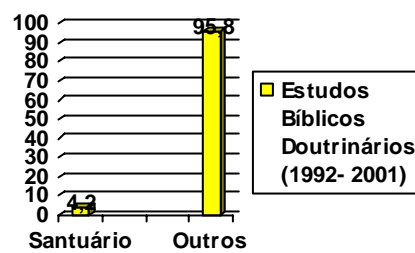
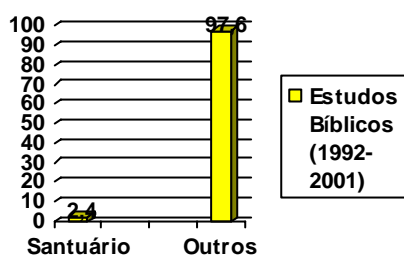
2.1.4. PRESENÇA DO ESTUDO DO SANTUÁRIO DE 1986 A 1992

O quarto período, compreendendo desde 1986 até 1992, é relatado como apresentando 133 estudos, sendo que o santuário ocupa 3 estudos desse todo. Isto dá cerca de 2,2% para o santuário, e cerca de 97,8% para os outros estudos. Já comparado com o grupo dos 73 estudos doutrinários, esses 3 estudos ocupam cerca de 4,1% dos estudos, contra cerca de 95,9% dos outros estudos bíblicos doutrinários. As duas principais séries de estudos desse período foram: *Seminário As Revelações do Apocalipse* e *A Bíblia Fácil*. Os gráficos a seguir ilustram a situação em porcentagens:



2.1.5. PRESENÇA DO ESTUDO DO SANTUÁRIO DE 1992 A 2001

E o último período, que vai de 1992 e chega até o ano de 2001, aparece com 893 estudos bíblicos, e destes 22 abordavam o santuário. Nos cálculos de porcentagem fica cerca de 2,4% para o santuário e cerca de 97,6% para os outros estudos. Sendo 513 os estudos bíblicos que são doutrinários, e sendo destes que saem os 22 do santuário, ficam cerca de 4,2% para este e cerca de 95,8% para aquele. Nesse período, houve ênfase sobre as séries dos programas de rádio e televisão. De maneira gráfica, pode-se perceber estes valores:



Em todos os estudos analisados neste capítulo, o estudo do santuário é apresentado, em média, por volta de 2,4% de todos os estudos bíblicos. Entre os estudos bíblicos doutrinários, os estudos sobre o santuário representam cerca de 3,9%. O objetivo do terceiro capítulo é ver que aspectos do assunto do santuário os alunos do 4º ano da FAT apresentaram no estágio de evangelismo do 3º ano de curso, quando estes saem para ministrar estudos bíblicos.

CAPÍTULO III

ANÁLISE DA PESQUISA DE CAMPO

Da pesquisa realizada com os alunos do 4º ano da FAT, trinta e sete responderam ao questionário. O questionário foi estruturado consistindo em três perguntas. Na primeira pergunta, pediu-se o nome da série de estudos bíblicos utilizada no estágio de evangelização no segundo semestre do 3º ano do curso. Na segunda questão, pedia-se para assinalar de forma objetiva quais aspectos do assunto do santuário foram apresentados. Esses aspectos eram:

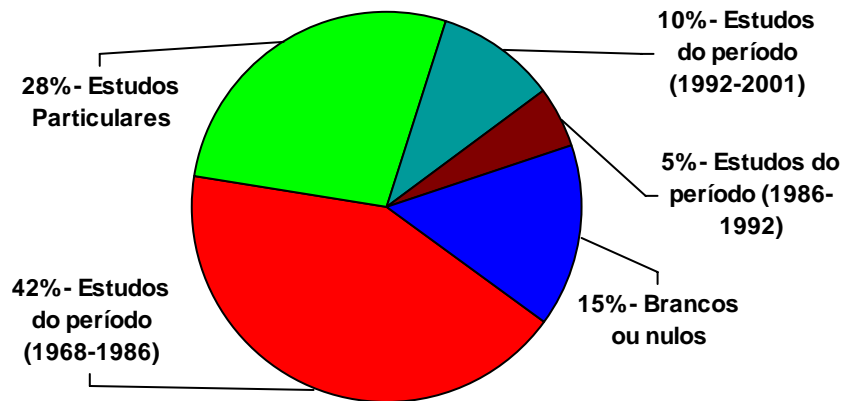
- a) os 2300 dias;
- b) o santuário terrestre;
- c) o santuário celestial;
- d) o juízo investigativo;
- e) o santuário como centro das doutrinas adventistas; e
- f) citar algum aspecto que não foi abordado na questão anterior sobre o santuário.

E na terceira questão, foi pedida a opinião desses alunos entrevistados sobre o que acontecerá com pessoas que se tornam membros da Igreja sem que estas tenham pleno conhecimento do assunto do santuário, o alicerce da fé dos adventistas do sétimo dia.

3.1. PRIMEIRA QUESTÃO

Na primeira questão deve-se levar em conta o fato de alguns entrevistados terem utilizado mais de uma série de estudos bíblicos, e de haver a presença de séries de estudos bíblicos produzidas por alguns individualmente, sem a disseminação desses para um âmbito nacional, ou de expressão regional. Foram obtidas 40 respostas. Destas, 17 séries de estudos eram do período de 1968 a 1986, 11 séries de estudos foram de produções particulares, 4 séries eram de estudos do período de 1992 a 2001, e 2 séries de estudos do período de 1986 a 1992. Cita-se 4 questionários que foram deixados em branco nesse item, e outros 2 anulados.

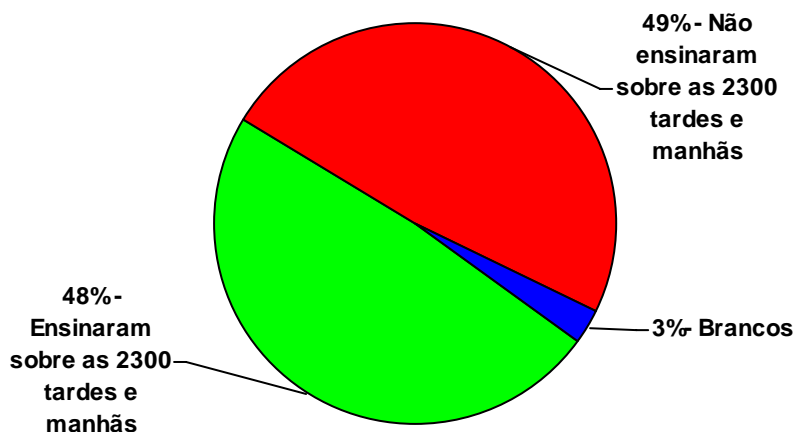
Percentualmente, as séries de estudos de 1968 a 1986 foram utilizadas em 42,5% das 40 respostas obtidas; os estudos particulares ficaram com 27,5% das 40 respostas; ficaram 10% das respostas para as séries de 1992 a 2001, e 5% para as do período de 1986 a 1992; não esquecendo também dos 10% de respostas em branco e 5% de respostas nulas. Gráficamente, ficam assim as percentagens:



3.2. SEGUNDA QUESTÃO

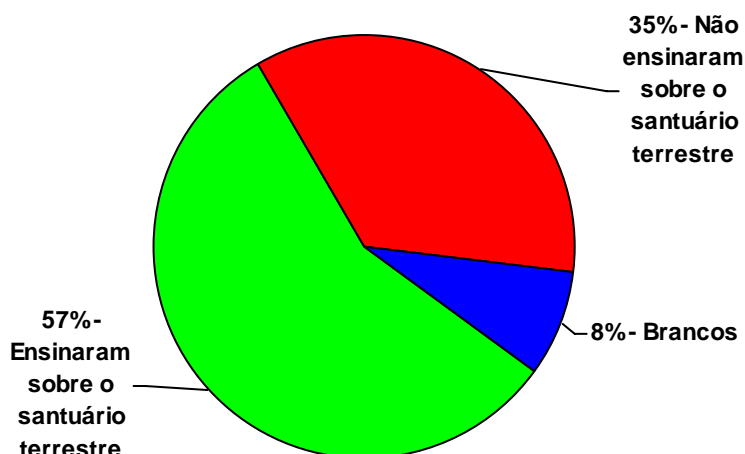
3.2.1. 2300 dias

Com relação aos 2300 dias, dos 37 entrevistados, 18 estudantes apresentaram seu estudo; outros 18 não explicaram o assunto. Houve uma questão em branco, e nenhuma nula. Em porcentagem, cerca de 48,6% dos alunos ensinaram o conteúdo, outros poucos mais de 48,6% não o ensinaram, e apenas cerca de 2,7% deixaram esse item em branco, e nenhuma porcentagem para as respostas anuladas. Gráficamente, pode-se demonstrar assim em porcentagem:



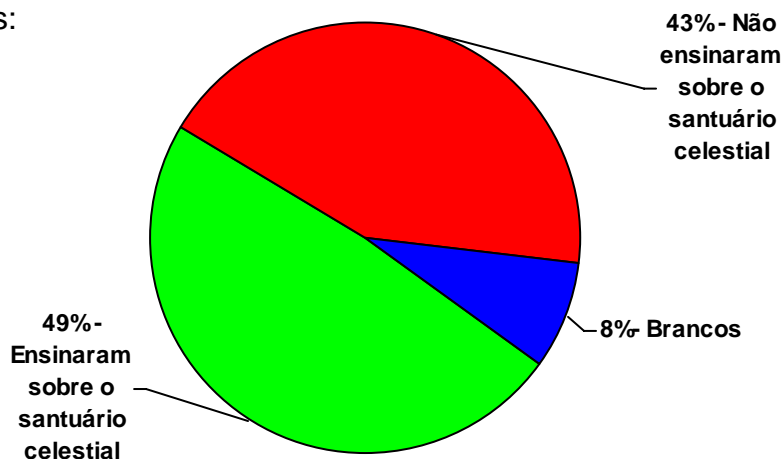
3.2.2. Santuário terrestre

Dos 37 entrevistados, no que diz respeito ao santuário terrestre, 21 estagiários apresentaram o estudo em questão, 13 alunos não explicaram sobre tal santuário, 3 deles deixaram o item em 'b' do questionário em branco, e não houve respostas que fossem anuladas. O percentual dos alunos que ensinaram sobre o santuário terrestre para seus estudantes da Bíblia foi de 56,7%, contra cerca de 35,1% do grupo que não ensinou o assunto. 8,1% dos entrevistados deixaram suas respostas em branco, enquanto não deixaram respostas nulas. O gráfico seguir representa as porcentagens:



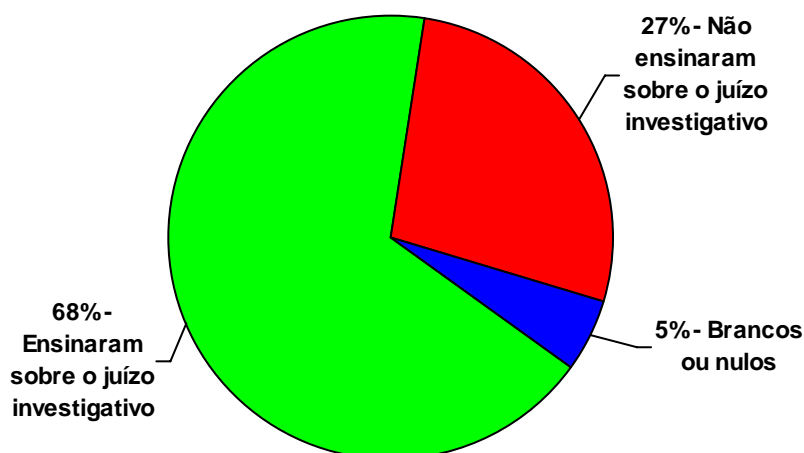
3.2.3. Santuário celestial

Sobre o santuário celestial, 18 dos 37 entrevistados deram esse estudo para seus estudantes, 16 não o apresentaram, 3 deixaram a resposta em branco, sem nenhuma resposta nula. Isto significa que cerca de 48,6% dos alunos que fizeram o estágio de evangelismo explicaram sobre o santuário celestial, cerca de 43,2% não o explicaram, cerca de 8,1% deixaram suas respostas em branco, e ninguém respondeu as questões de maneira a anulá-las. De forma gráfica, as porcentagens são as seguintes:



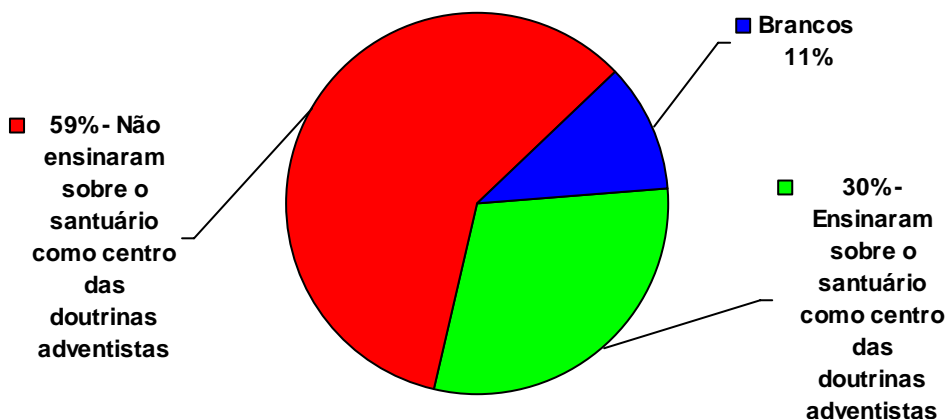
3.2.4. O juízo investigativo

O juízo investigativo foi o que recebeu mais ênfase de todos os aspectos, tendo 25 estudos dados do total dos 37 estudos. Apenas 10 deles não explicaram sobre esse juízo, ficando ainda uma questão em branco, e outra questão que precisou ser anulada. Em termos percentuais, atribuiu-se cerca de 67,5% dos entrevistados os alunos que apresentaram o assunto, cerca de 27% não tendo explicado sobre o assunto, cerca de 2,7% das questões que ficaram em branco, e outras 2,7% das questões foram anuladas. De uma forma gráfica, os percentuais ficarão expostos a seguir:



3.2.5. O santuário como centro das doutrinas adventistas

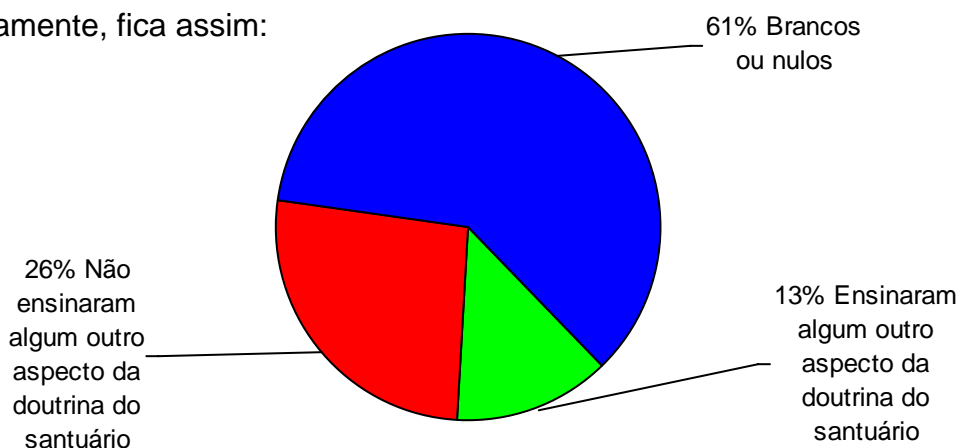
O assunto do santuário como centro das doutrinas adventistas foi ensinado por 11 dos 37 entrevistados, levando em conta os 4 entrevistados que deixaram esse item em branco e o fato de não haver respostas nulas, os outros 22 alunos não ensinaram o item a seus estudantes da Bíblia. transformando esses números em porcentagem, encontra-se o valor de cerca de 29,7% para os alunos que ensinaram o assunto, cerca de 59,4% de alunos que não o ensinaram, cerca de 10,8% que deixaram em branco, e não há respostas nulas. Graficamente, fica ilustrado abaixo:



3.2.6. Outros

Dos 37 entrevistados, 4 deram ênfase em algum outro aspecto assunto do santuário não citado na presente pesquisa³. Dentre eles, houve o tópico dos rituais e festas, o sistema de sacrifícios, o santuário no contexto de 5 passos para a salvação e 5 colunas da verdade, e um colocou o corpo como o santuário do Espírito Santo. Este último não pertence ao assunto do santuário tratado nessa pesquisa. Outros 10 não deram ênfase em algum aspecto do santuário. Além de uma resposta nula, houve 22 entrevistados que deixaram a resposta em branco.

Em porcentagem, os que deram ênfase a algum outro aspecto do santuário são cerca de 10,8%; os que não trataram sobre outro tema são cerca de 27%; os que deixaram em branco são 59,4%, e as respostas anuladas cerca de 2,7%. Graficamente, fica assim:



3.3. TERCEIRA QUESTÃO

As respostas foram divididas em 4 grupos:

a) 26 entrevistados afirmaram que a falta do estudo do santuário produzirá membros com dificuldade de uma compreensão profunda da Bíblia, com dificuldades de defender as doutrinas da IASD, e com facilidade de se afastar da igreja. consideram, portanto, necessário o estudo do santuário antes da aceitação como membros da IASD.

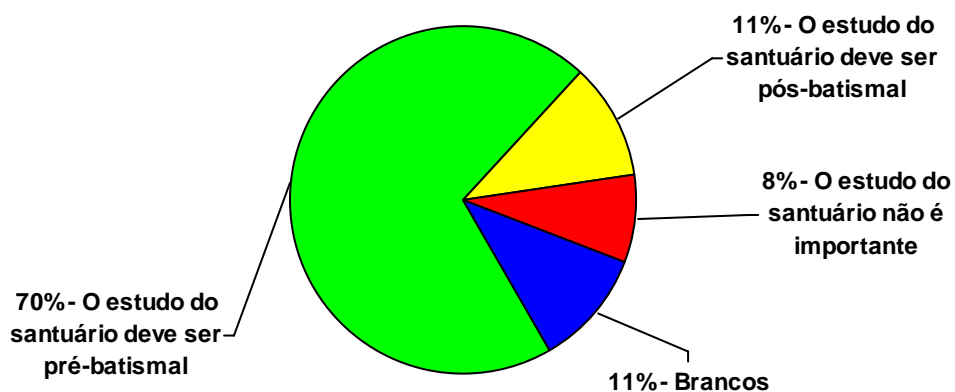
b) 4 alunos afirmaram que o ensino do santuário deve ser posterior a entrada de seus estudantes da Bíblia como membros da IASD.

c) Outros 4 entrevistados deixaram a questão em branco.

d) E outros 3 afirmaram não ser importante ensinar o assunto do santuário.

³ Ver capítulo 1.

Em porcentagem, o grupo 'a' ficou com cerca de 70,2% das respostas. O grupo 'b' e o grupo 'c' ficaram com cerca de 10,8%, cada. E as repostas em branco dão cerca de 8,1%. De forma gráfica, fica assim:



Após a constatação desses dados, e sua apresentação de forma gráfica, faz-se necessária a conclusão chegada diante do presente trabalho.

CONCLUSÃO

O assunto do santuário foi um fator decisivo junto ao desenvolvimento da IASD. A compreensão deste assunto foi essencial à união dos mileritas como um grupo que acreditava na validade das conclusões da profecia de Daniel 8: 14. E esse mesmo assunto torna a IASD distinta de todas as outras denominações.

Pelo estudo realizado, conclui-se que a doutrina do santuário é essencial para os cristãos exercerem a fé devida para os últimos dias. A compreensão dessa doutrina é uma salvaguarda contra os últimos enganos de Satanás. Ela é um ponto de distinção diante de um mundo tão cheio de artifícios para confundir as pessoas.

No que diz respeito a presença do estudo do santuário historicamente nos estudos bíblicos, este teve sua presença em cerca de 2,4% dos estudos produzidos. Portanto, em geral, o ensinamento deste assunto tem sido negligenciado historicamente pelos obreiros adventistas.

Com relação a pesquisa feita com os alunos entrevistados do 4º ano da FAT em 2003, cerca de 70% dos alunos entrevistados disseram ser necessário o ensino do estudo do santuário antes do batismo. Estes responderam que a falta de conhecimento sobre o assunto do santuário trará ao converso incerteza quanto a origem profética da IASD. E produzirá membros que não conseguirão defender as doutrinas adventistas. Produzirá também membros que terão facilidade para abandonar a fé e afastar-se da Igreja.

Mas apenas cerca de 50% do total de alunos ensinaram o assunto nos estudos bíblicos por eles ministrados durante o estágio de Evangelismo no segundo semestre do 3º ano do curso. Mostrando, assim, uma discrepância em seus conceitos ou em suas respostas na pesquisa.

Portanto, sabendo que o estudo deste assunto é essencial para a construção da fé adventista do sétimo dia, e percebendo que há casos em que este assunto não é apresentado aos estudantes da Bíblia antes de se tornarem membros da IASD, é necessário apresentar estudos bíblicos sem jamais excluir o santuário das séries de estudos bíblicos, porque o estudo do santuário deve ser pré-batismal.

O objetivo desta pesquisa foi alcançado no sentido de apresentar a importância do estudo do santuário para as pessoas que recebem estudos bíblicos dos obreiros (voluntários ou assalariados) da IASD. Foi possível também constatar a presença do

assunto do santuário nos estudos bíblicos historicamente, e nas séries apresentadas pelos alunos do 4º ano da FAT. O presente trabalho abriu portas para uma pesquisa profunda sobre a fundamentação teórica deste assunto para ser aplicado aos estudantes pré-batismais. Outra pesquisa poderá ser feita no sentido de constatar a prática de apresentação desses estudos por parte dos obreiros adventistas de determinada região (cidade, estado, etc. ou um distrito pastoral, associação/ missão, União da IASD, etc.), com o objetivo de ter um parâmetro para serem feitas correções caso haja falta ou omissão da apresentação deste estudo.

BIBLIOGRAFIA

ANDREASEN, M. L., **O ritual do santuário**. Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira. 1943.

Manual da Igreja. Tatuí, SP. Casa Publicadora Brasileira. 2001.

MAXWELL, C. Mervyn. **Uma nova era segundo as profecias de Daniel**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira. 2002.

NEUFELD, Don F. (Ed.), **Seventh - day Adventist encyclopedia**. Commentary reference series, volume 11. Second revised edition M – Z. Hagerstown, MD, USA: Review and Herald Publishing Association. 1996.

Nisto Cremos. Tatuí, SP. Casa Publicadora Brasileira. 2000.

SILVA, Paulo Cilas da. **Séries de estudos bíblicos da Igreja Adventista do Sétimo Dia**. Engenheiro Coelho, SP: Imprensa Universitária Adventista. 2002.

TIMM, Alberto R. **O santuário e as três mensagens angélicas: fatores integrativos no desenvolvimento das doutrinas adventistas**. Imprensa universitária adventista. Centro universitário adventista de São Paulo – Engenheiro Coelho, SP. 2002.

_____, **Desenvolvimento da doutrina do santuário no contexto do conflito cósmico**. Seminário Adventista Latinoamericano de Teologia. Universidad Adventista del Plata. Argentina, 1997.

WHITE, Ellen G. **Cristo em Seu Santuário**. Santo André, SP. Casa Publicadora Brasileira. 1979.

_____, **Evangelismo**. Santo André, SP. Casa Publicadora Brasileira. 1978.

_____, **Mensagens Escolhidas, Vol. I**. Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1985.

____, **História da Redenção**. 5ª edição. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1991.

____, **Parábolas de Jesus**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1987.

____, **O Grande Conflito**. Tatuí, SP. Casa Publicadora Brasileira. 2003.

V JORNADA BÍBLICO-TEOLÓGICA - 2005

O MINISTÉRIO JOVEM E A PÓS-MODERNIDADE: BREVE ANÁLISE DAS REUNIÕES DE JOVENS DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA

Allan Macedo de Novaes

Jornalista, graduando em Teologia e pós-graduando em Docência Universitária pelo Unasp

Monografia apresentada em abril de 2005

Orientador: Rodrigo P. Silva, Th.D.

allannovaes@yahoo.com.br

RESUMO: Este artigo pretende identificar na trajetória histórica do ministério jovem da Igreja Adventista do Sétimo Dia a ocorrência de mudanças nas reuniões jovens e no próprio ministério jovem, bem como analisar as causas e as conseqüências do afastamento das reuniões atuais dos princípios que a estabeleceram. Tais causas e conseqüências podem ser melhor identificadas e entendidas por meio do fenômeno sócio-cultural conhecido como pós-modernismo.

PALAVRAS-CHAVE: ministério jovem, reuniões J.A., pós-modernismo.

A brief analysis of the brazilian youth meetings of the Seventh-day Adventist Church

Abstract: The present article intends to identify the changes that took place in the Youth Meetings and Youth Ministry through the historical trajectory of the Seventh-day Adventist Church. It pretends also to analyze the causes and the consequences of the departing from the original principles that established such meetings and ministry. Such causes and consequences can be better understood under the light of the socio-cultural phenomena known as post-modernism.

Keywords: Youth Ministry, Youth Meetings, Pos-Modernism.

V JORNADA BÍBLICO-TEOLÓGICA - 2005

O MINISTÉRIO JOVEM E A PÓS-MODERNIDADE: BREVE ANÁLISE DAS REUNIÕES DE JOVENS DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA

Allan Macedo de Novaes

Jornalista, graduando em Teologia e pós-graduando em Docência Universitária pelo Unasp

Monografia apresentada em abril de 2005

Orientador: Rodrigo P. Silva, Th.D.

allannovaes@yahoo.com.br

RESUMO: Este artigo pretende identificar na trajetória histórica do ministério jovem da Igreja Adventista do Sétimo Dia a ocorrência de mudanças nas reuniões jovens e no próprio ministério jovem, bem como analisar as causas e as conseqüências do afastamento das reuniões atuais dos princípios que a estabeleceram. Tais causas e conseqüências podem ser melhor identificadas e entendidas por meio do fenômeno sócio-cultural conhecido como pós-modernismo.

PALAVRAS-CHAVE: ministério jovem, reuniões J.A., pós-modernismo.

A brief analysis of the brazilian youth meetings of the Seventh-day Adventist Church

ABSTRACT: The present article intends to identify the changes that took place in the Youth Meetings and Youth Ministry through the historical trajectory of the Seventh-day Adventist Church. It pretends also to analyze the causes and the consequences of the departing from the original principles that established such meetings and ministry. Such causes and consequences can be better understood under the light of the socio-cultural phenomena known as post-modernism.

KEYWORDS: Youth Ministry, Youth Meetings, Pos-Modernism.

1. INTRODUÇÃO

A história do ministério jovem da Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) está intrinsecamente ligada ao desenvolvimento das reuniões periódicas realizadas pelos jovens adventistas (JA) – que com o tempo passaram a serem denominadas no Brasil de reuniões JA. Criadas em torno do lema “salvação e serviço”, as reuniões para jovens adventistas visavam incluir os jovens no programa missionário da igreja, fortalecendo seu conhecimento bíblico-doutrinário e incentivando-os ao trabalho evangelístico e de testemunho.

No entanto, alguns estudiosos e pesquisadores do ministério jovem têm identificado nas últimas décadas mudanças graduais do estilo e conteúdo programático das reuniões para jovens. Tais mudanças seguem paralelas as mudanças na mentalidade social e no próprio ministério jovem. Dessa forma, muitos acreditam que as reuniões JA não cumprem mais o propósito para a qual foram criadas, deixando de suprir as carências espirituais dos jovens adventistas, satisfazendo-os apenas socialmente ou culturalmente.

Assim, a primeira hipótese que orienta esta pesquisa é a de que houve mudanças graduais no ministério jovem, que refletiram no conteúdo e propósitos das reuniões JA, indicando um novo paradigma das reuniões jovens na Igreja Adventista. A segunda hipótese é que essas mudanças são mais bem compreendidas à luz da pós-modernidade como fenômeno sócio-cultural ocidental.

O objetivo deste artigo é, portanto, identificar, na trajetória histórica do ministério jovem da Igreja Adventista, a ocorrência de mudanças nas reuniões JA e no próprio ministério jovem, bem como analisar as causas e as conseqüências do afastamento das reuniões atuais dos princípios que a estabeleceram. Uma vez que as reuniões JA representam o motor do ministério jovem na igreja local, faz-se necessário descobrir se as mesmas realmente

mudaram, porque mudaram e quais poderão ser as implicações dessa mudança.

A fundamentação teórico-metodológica que irá reger este breve estudo é essencialmente bibliográfica. As descrições da origem, história e propósitos do ministério jovem e das reuniões JA estão baseadas nos estudos de Malcom Allen (1995), Artur Elias Marski (1984), Rommel Resende (1998) e Mário Veloso (1979). A descrição e análise das mudanças de paradigma das reuniões JA estão baseadas na pesquisa de Marski (1984) e nos estudos de Alberto Timm (2001) e Malcom Allen (1995). A relação do ministério jovem e das reuniões JA com a pós-modernidade está fundamentada nas pesquisas sobre o pós-modernismo de Stanley Grenz (1997), Ricardo Gondim (1996), Vanderlei Dorneles (2003, 2004), Charles Lemert (2000) e Jean-François Lyotard (1998).

O breve artigo estará dividido em quatro partes, a saber: (1) “Origem e propósitos” na qual serão descritos a origem, história, propósito e conteúdo programático das reuniões JA; (2) “Influências e mudanças” no ministério jovem e nas reuniões JA; (3) “Reuniões jovens na pós-modernidade” na qual irá se apresentar a moldura teórico e filosófica do pós-modernismo como causa para as mudanças no ministério jovem e nas reuniões JA e; (4) “Conclusão e perspectivas”, tópico por meio do qual se pretende apresentar algumas possíveis conseqüências para as mudanças de paradigma do ministério jovem e das reuniões JA.

2. ORIGEM E PROPÓSITOS

Saber a origem da reunião JA é saber a origem da sociedade JA e vice-versa, pois ambas surgiram simultaneamente. Por meio de um breve relato da história da sociedade JA, esta seção pretende determinar os propósitos das reuniões de jovens.

Mesmo com o funcionamento da Escola Sabatina e com a fundação de colégios denominacionais, alguns jovens procuravam mais opções para crescerem espiritualmente e testemunharem da fé que professavam. Em 1879, Luther Warren, com apenas 14 anos, e seu amigo Harry Fenner, de 17, formaram a primeira sociedade de jovens adventistas na igreja de Hazelton, no estado de Michigan, Estados Unidos. O propósito era levar jovens à Cristo – tanto os jovens não-adventistas como os jovens adventistas professos, mas não realmente convertidos (Marski, 1984, p. 10).

As primeiras reuniões, que se realizavam semanalmente na casa de Harry, contavam inicialmente com apenas nove rapazes, e sua programação¹ consistia em estudo da Bíblia, momento de oração, louvor, informações sobre o trabalho missionário e recolhimento de ofertas para comprar e distribuir publicações de cunho evangelístico, além de campanhas pró-saúde ou de temperança (Ibidem). Além das reuniões e atividades religiosas, a sociedade de Luther promovia “diversas e interessantes atividades sociais e recreativas” como “passeios em meio à natureza, brincadeiras ao ar livre, picnics [sic]”, entre outras coisas (Ibidem).

Após a iniciativa de Luther, os 25 anos seguintes marcaram o surgimento de dezenas de grupos semelhantes em várias partes do mundo, o que coincidiu com a produção de artigos de Ellen White sobre a importância de a igreja trabalhar pelos jovens. É a partir da proliferação das sociedades JA e das instruções de Ellen White sobre os jovens que a igreja adventista como organização deu um dos primeiros passos para o surgimento de um ministério jovem.

O estabelecimento do ministério jovem na igreja está ligado ao papel desempenhado pelo pastor A. G. Daniels. Conforme Allen (1995, p. 28), sob a liderança de Daniels, os anos de 1907 e 1908 foram marcados pelos planos estabelecidos em prol dos jovens adventistas e a organização oficial de um departamento de jovens como entidade separada. Nesses anos, princípios bíblicos relativos aos jovens e instruções dos escritos de Ellen White fundamentaram a missão e propósito da sociedade jovem e também das reuniões JA². A própria existência desse ministério resumia-se no famoso lema “salvação e serviço” (Ibid, p. 90), que eram as palavras-chave que guiavam todas as atividades, programações e mesmo as reuniões. Por “salvação” entendia-se a conversão pessoal e a mudança de coração experimentada por cada jovem ao aprofundar-se no relacionamento pessoal com Cristo, e o “serviço” definia-se como a execução da responsabilidade que cada adventista possui de proclamar as três mensagens angélicas (Ibid, p. 102).

3. INFLUÊNCIAS E MUDANÇAS

A obra de Malcom Allen (1995), intitulada *Conduccion divina o pression mundana? – El ministério jovem em la Iglesia Adventista*, traça uma linha histórica do desenvolvimento do ministério jovem da igreja diante das mudanças ocorridas na sociedade³ e é uma das maiores contribuições para identificar quais foram causas e conseqüências do ministério jovem. Para ele, o desenvolvimento do ministério jovem da Igreja Adventista está diretamente relacionado às influências sociais e culturais da época e às tendências e atividades das igrejas protestantes e evangélicas. Dessa forma, os vinte anos após 1907 e 1908 tornaram-se marcos⁴ das atividades juvenis da igreja e do comprometimento dos jovens com a missão (Ibid, p. 29), o que coincidiu com a ênfase das igrejas “populares” nas “missões estrangeiras” – a partir de 1900 até 1930, “todas as denominações experimentaram um crescimento sem precedentes nas atividades em países além-mar” (Ibid, p. 126).

No entanto, Allen (1995) analisa que a grande depressão econômica estadunidense e a segunda guerra mundial “exerceram sua influência sobre a mentalidade das sociedades e a composição do grupo de líderes de jovens” (Ibid, p. 30). Uma das conseqüências foi a substituição do interesse dos jovens pelo serviço missionário estrangeiro pela formação secular acadêmica e profissional⁵. Allen (1995) comenta que nessa fase o vínculo da educação adventista com o serviço se enfraqueceu lentamente, uma vez que as escolas estavam deixando de ser “instituições que preparavam para o serviço missionário, e se converteram em provedoras de educação para a formação de profissões liberais” (Ibid, p. 128).

A década de 1950 apresentou ao mundo a expansão da indústria cinematográfica, a influência da televisão e a cultura do rock. Já as décadas de 1960 e 1970, impulsionadas pelo liberalismo, foram marcadas pelo ceticismo e pelos protestos públicos (Ibid, p. 32). Diante desse caldeirão de ideologias políticas e sócio-culturais, as denominações cristãs dedicaram-se a abordar temas sociais e logo foram seguidas pelas sociedades de jovens adventistas.

Ao percebermos uma mudança na atitude e conduta dos nossos jovens, começamos a por muita ênfase em assuntos e normas de caráter social. Em lugar de ser centros de treinamentos para o serviço, as sociedades de jovens se converteram em foros para debater assuntos e normas de índole social (Ibid, p. 129).

Concomitante a esse envolvimento das igrejas cristãs com questões sociais, houve também a consolidação da ênfase do conceito dos dons espirituais, o que produziu um desvio do compromisso do jovem adventista com o serviço. O problema, segundo Allen (1995), era que a ênfase na identificação dos dons e talentos dos jovens freqüentemente justificava a inatividade missionária:

Se fosse oferecida uma oportunidade de dar testemunho, realizar uma obra missionária ou prestar algum serviço, os jovens poderiam revisar sua lista de dons espirituais. Se um determinado dom não se encontrava em sua lista, então obviamente a oportunidade não era para ele (Ibid, p. 131).

Todas as mudanças pelas quais passou o ministério jovem afetaram diretamente o propósito e o conteúdo das reuniões JA. O lema “salvação e serviço” como guia das atividades e programações do ministério jovem e mesmo das reuniões JA foi enfraquecendo no decorrer das décadas, com a penetração de influências seculares e das igrejas protestantes. Embora a descrição de Malcom Allen auxilie na compreensão da atual conjuntura das reuniões JA na atualidade, as influências sócio-culturais e religiosas sentidas pelo ministério jovem no decorrer das décadas do século 20 podem ser melhor compreendidas à luz do fenômeno da pós-modernidade.

4. REUNIÕES JOVENS NA PÓS-MODERNIDADE

Embora não haja consenso entre os estudiosos da pós-modernidade sobre quem primeiro designou o termo ou quando esse fenômeno teve início, muitos especialistas apontam

a década de 1930 como seu marco inicial (Grenz, 1997, p. 34). Como fenômeno sócio-cultural, entretanto, o pós-modernismo só ganhou força “três ou quatro décadas mais tarde”, envolvendo na década de 1960 artistas e pensadores que “buscavam propor alternativas radicais à cultura predominante” (Ibid, p. 36). Atribui-se a consolidação da noção do pós-moderno a Jean-Francois Lyotard, por sua obra *La condition postmodern*, em 1979 (Dorneles, 2004, p. 7).

O pós-modernismo pode ser encarado como uma rejeição a mentalidade moderna, isto é, ele tem que ver com o colapso da modernidade (Lemert, 2000, p. 43). A modernidade caracterizou-se pelo predomínio da razão, cujo propósito era “infundir na vida um gerenciamento racional capaz de aperfeiçoar a existência humana por intermédio da tecnologia” (Grenz, 1997, p. 18). Contudo, a mente pós-moderna rejeita o absolutismo da razão, afirmando que o “mundo não possui centro algum, somente pontos de vista e perspectivas distintas”, uma vez que “existem outros caminhos válidos para o conhecimento além da razão, o que inclui as emoções e a intuição” (Ibid, p. 24).

Uma das principais características da pós-modernidade é o relativismo – “uma vez que o conhecimento é relativo, os pós-modernos não estão, necessariamente, preocupados em provar que estão ‘certos’ nem que outros estejam ‘errados’” (Dorneles, 2003, p. 43), pois o pós-moderno ignora o conceito maniqueísta de bem ou mal. Na verdade, a mente pós-moderna segue dois princípios básicos: (1) “toda explicação da realidade é uma construção válida, mas não necessariamente verdadeira” e (2) “não há conhecimento universal, revelado por entidades sobrenaturais ou concebido pela mente humana” (Ibid, p. 45). A ausência de certezas e verdades absolutas gera um relativismo religioso e a “cultura se torna um referencial tênue de verdade” (Ibid, p. 48).

Toda essa crise da verdade e do conhecimento objetivo representa uma transição do eixo do conhecimento da razão para o da emoção. Sem a crença em alguma ideologia ou metarrelato⁶, o resultado é o enfraquecimento de grandes causas e ideologias como formadoras de filosofia de vida e o fortalecimento da máxima *carpe diem* – sem perspectivas de satisfazer planos e sonhos, a busca pelo prazer momentâneo e a busca pela sensação domina a realidade do homem pós-moderno. Na pós-modernidade

o saber não mais significa um esforço mental; as informações chegam, passam pela razão, são decodificadas pelo efeito que produzem nas emoções e logo são descartadas para abrir espaço a novas informações. Na igreja, ao contrário do que acontecia na Reforma Protestante, não se vê mais interesse pela verdade; mas nas emoções que a verdade possa produzir. Aliás, o interesse hoje, já nem é se o que ouvirem foi verdadeiro. O importante é o que sentiu. Ninguém quer pensar. Todos querem sentir (Gondim, 1996, p. 91 e 92).

É, enfim, na pós-modernidade que o evangelho torna-se pós-racionalista, cuja “ênfase não recai mais sobre as proposições [ou doutrinas] como conteúdo central da fé cristã” (Grenz, 1997, p. 247) mas nas experiências e sensações que a vida cristã proporciona.

No artigo “Podemos ainda ser considerados o povo da Bíblia?”, Alberto Timm (2001) analisa a ameaça de perda de identidade da Igreja Adventista do Sétimo Dia sob o prisma da sociologia da religião. Ele divide a história da IASD no Brasil em duas fases, a saber, o período de ênfase bíblico-doutrinária (1844-1980) e o período de ênfase bíblico-relacional (1981-). No primeiro período os adventistas são conhecidos como “o povo da Bíblia”, grandemente interessados em estudos bíblicos e profecias, com a consagração da prática do ano bíblico e da participação com destaque de muitos adventistas em concursos bíblicos nacionais e internacionais. Já no segundo período, o interesse pelo “conhecimento racional dos ensinamentos bíblicos acabou sendo superado por uma leitura existencialista da Bíblia”, com a ajuda das publicações de livros de Morris Venden e Alejandro Bullón (Timm, 2001, p. 14). Esse período é analisado como fruto do espaço que se tem dado ao relacionamento e ao existencialismo nas atividades litúrgicas e programações da IASD.

A atual superficialidade no conhecimento das Escrituras tem contribuído, mais do que qualquer outra coisa, para obliterar a

consciência profético-doutrinária da denominação. O estudo objetivo (doutrinário) da Bíblia tem sido substituído por uma leitura pietista (existencialista), destinada quase que exclusivamente a alimentar um relacionamento místico e subjetivo com Cristo” (Ibid, 2001, p. 15).

As reuniões JA também refletem as alterações da identidade cristã-adventista. É dentro desse contexto que as reuniões de jovens ganham uma conotação mais forte de “programa JA”, no qual a sensação predomina sobre o conhecimento objetivo e o entretenimento parece ocupar o lugar do estudo da Bíblia, do testemunho e das atividades missionárias, enfraquecendo o lema original “salvação e serviço”.

Os programas de jovens de muitas de nossas igrejas perderam completamente de vista a centralidade das Escrituras em sua programação. Voltados mais à distração e ao entretenimento, tais programas não oferecem mais oportunidade para que os jovens esclareçam suas dúvidas sobre as doutrinas e o estilo de vida que professamos. O estudo seqüencial da Bíblia, os concursos bíblicos e as gincanas bíblicas são consideradas hoje, por muitos, como atividades obsoletas e destituídas de significado. Lamentavelmente, nunca tivemos uma geração de adventistas tão superficial em seu conhecimento bíblico-doutrinário como a atual (Timm, 2001, p. 15 e 16).

Tais efeitos no perfil do adventismo contemporâneo, mais especificamente no que se refere ao ministério jovem e às reuniões JA, foram identificados por meio da pesquisa de Artur Marski (1984), em sua dissertação de mestrado *Análise do encontro semanal dos jovens adventistas nas igrejas da União Sul-Brasileira da IASD e uma proposta alternativa do seu conteúdo programático*. Esta pesquisa, realizada há duas décadas, apontava para o início de uma tendência que atualmente parece estar se consolidando – a transição de reuniões JA para programas JA.

Nas estatísticas da dissertação foi descoberto que quase 40% das reuniões JA possuem caráter não-bíblico, isto é, informativo ou recreativo e que 52% dos entrevistados pensavam que as reuniões JA deveriam “se ater mais ao aspecto espiritual do jovem” (Marski, 1984, p. 56 e 59). Além disso, um quarto dos programas jovens usa raramente ou não usa a Bíblia (Ibid, p. 59).

Juntamente com outros dados, estes resultados indicam que os períodos propostos por Alberto Timm e relacionados com a compreensão da pós-modernidade, de fato revelam mudanças e tendências no perfil do adventismo contemporâneo, o que repercute no ministério jovem e nas reuniões jovens. A transição de um adventismo bíblico-doutrinário, mais voltado para a compreensão objetiva da fé cristã, para uma postura mais existencialista, voltada para a compreensão bíblico-relacional, segue paralela às mudanças causadas pelo fenômeno do pós-modernismo. De igual forma, a mudança de identidade do adventismo segue paralelo à predominância das emoções e da intuição sobre a razão na pós-modernidade, e a mudança de propósito e conteúdo das reuniões JA podem revelar uma tentativa do ministério jovem ou dos responsáveis pelas reuniões na igreja local de atender as expectativas espirituais e sociais do religioso pós-moderno. Sobre isso Malcom Allen (1995) comenta:

Como nós também nos unimos ao coro dos que pediam que se satisfizessem suas necessidades físicas e não as espirituais. O entretenimento e o prazer pessoal foram os resultados e semeamos as sementes que contribuíram para matar a espiritualidade de nossa juventude. Ao tratar de descobrir quais eram as necessidades dos jovens nos tornamos culpados de não averiguar quais eram as necessidades de Deus para os jovens.” (Ibid,, p. 133).

5. CONCLUSÃO E PERSPECTIVAS

Seja com a iniciativa pioneira de Luther Warren ou a implantação oficial de A. G. Daniels, as reuniões de jovens adventistas, concomitantemente ao surgimento do ministério jovem na Igreja Adventista do Sétimo Dia, têm como base o lema “salvação e serviço”. A origem das reuniões JA esteve sempre ligada ao senso de missão e às atividades missionárias, bem como ao interesse de aprofundamento do conhecimento bíblico-doutrinário.

Os estudos de Allen (1995) traçam uma linha histórica do desenvolvimento do ministério jovem da igreja diante das mudanças ocorridas na sociedade. Para ele, o desenvolvimento do ministério jovem da Igreja Adventista está diretamente relacionado às influências sociais e culturais da época e às tendências e atividades das igrejas protestantes e evangélicas. Dessa forma, os anos de 1907 até 1940 representaram o período de maior comprometimento missionário jovem, comprovando a primeira hipótese que orienta esta pesquisa – a de que houve mudanças graduais no ministério jovem, que refletiram no conteúdo e propósitos das reuniões JA, indicando um novo paradigma das reuniões jovens na igreja adventista. Nas décadas de 1950, 1960, 1970 e 1980, revoluções na cultura, política e meios de comunicação, bem como nas próprias igrejas protestantes, influenciaram o ministério jovem adventista e, por sua vez, as reuniões JA. Tais reuniões assistiram a uma transição de conteúdo e propósitos: de uma ênfase missionária e bíblica para uma informativa e recreativa.

Por sua vez, a pós-modernidade, como compreendida por Dorneles (2003, 3004), Gondim (1996), Grenz (1997), Lemert (2000) e Lyotard (1998), é o fenômeno sócio-cultural ocidental que melhor explica as mudanças sofridas pela sociedade, igreja e ministério jovem da IASD, como foi proposto na segunda hipótese deste artigo. Uma vez que na pós-modernidade há um predomínio da emoção sobre a razão e do relativismo sobre verdades absolutas, o resultado é o enfraquecimento de grandes causas e ideologias como formadoras de filosofia de vida e o fortalecimento da busca pelo prazer e pela sensação.

As transformações sócio-culturais do pós-modernismo afetam também a compreensão da fé cristã, do evangelho e do adventismo contemporâneo, como descrito nos estudos de Timm (2001): há uma transição da ênfase bíblico-doutrinária, voltada para a verdade objetiva e racional, para uma ênfase bíblico-relacional, voltada para uma realidade subjetiva e existencialista.

De fato, a mudança de identidade do adventismo apontada por Timm (2001) segue paralelo à predominância das emoções e da intuição sobre a razão na pós-modernidade, e a mudança de propósito e conteúdo das reuniões JA podem revelar uma tentativa do ministério jovem ou dos responsáveis pelas reuniões na igreja local de atender as expectativas espirituais e sociais do religioso pós-moderno.

Diante desse quadro, o ministério jovem e as reuniões JA deparam-se, grosso modo, com quatro grandes desafios: (1) a ênfase na verdade subjetiva e existencialista das reuniões jovens em detrimento da ênfase na verdade objetiva e bíblico-doutrinária pode provocar uma crise de identidade do adventismo, uma vez que a existência e a continuidade do movimento dependem da compreensão e conscientização plenas e precisas das doutrinas que distinguem a IASD de outros movimentos e denominações; (2) a ausência ou pouca ênfase nas atividades missionárias das reuniões JA podem comprometer o senso de missão dos jovens e fortalecer o perfil não-participativo das reuniões; (3) a ênfase bíblico-existencialista do ministério jovem e das reuniões JA pode favorecer uma maior aproximação litúrgico-doutrinária entre a IASD e outras denominações evangélicas, pelo menos no que se refere às atividades e programações jovens; (4) a ênfase informativa e recreativa das reuniões pode enfraquecer o papel da Bíblia na formação espiritual do jovem, e também pode ser responsável por criar uma mentalidade ou perfil dependente de atividades que visem satisfazer as sensações mais do que promover a reflexão.

Uma vez que o artigo propôs-se apenas analisar brevemente e identificar tendências e mudanças das reuniões JA da IASD sob a ótica da pós-modernidade, faz-se necessária uma continuação deste estudo no sentido de apresentar propostas e sugestões práticas para o fortalecimento e reorientação das reuniões jovens da igreja, a fim de evitar as possíveis conseqüências listadas no parágrafo anterior.

NOTAS

¹ Segundo Marski (1995, p. 11 e 12), as reuniões JA, sob a liderança de Luther, mantiveram basicamente o mesmo conteúdo programático. A primeira reunião realizada em sua casa consistiu, na ordem, em: (1) orações; (2) cânticos; (3) eleição do presidente e do secretário-tesoureiro; (4) relatório do trabalho missionário realizado na semana anterior à reunião; (5) “redação e assinatura de um compromisso de temperança contra o uso do álcool, fumo, chá, café e carne de porco”; (6) recolhimento de ofertas para a compra de literatura missionária.

² Em 1909, reafirmando votos tomados em reuniões realizadas nos anos pioneiros de 1907 e 1908, os propósitos do ministério jovem foram definidos como: “1) elevar o nível da vida devocional de cada jovem; 2) levantar a norma dos sogros dos jovens; 3) educar e treinar para o serviço; 4) proporcionar oportunidades de atividades missionárias e serviço; 5) ensinar os princípios de mordomia” (Allen, 1996, p. 90). Para maiores informações sobre os propósitos do ministério jovem ver estudos de Resende (1998) e Veloso (1979).

³ Apesar da descrição histórica de Allen (1995) referir-se ao ministério jovem adventista da Europa e, mais especificamente, da América do Norte, sua análise pode ser aplicada, grosso modo, à realidade brasileira, salvo dessemelhanças culturais, sociais e especialmente cronológicas que em primeira instância não afetam as hipóteses e conclusões deste estudo.

⁴ Allen afirma que nesse período se estabeleceu a compreensão atual de que a “escola sabatina era a igreja dedicada ao estudo, o sermão o momento quando esta se reunia para adorar e a reunião de jovens quando a igreja se reunia para adorar sob a direção dos jovens” (1995, p. 29).

⁵ “As universidades e os colégios floresceram como consequência da procura dos jovens para conseguir diplomas e excelência acadêmica. Muitos de nossos jovens e obreiros da igreja, ao não conseguir cursos especializados em nossos colégios e universidades, inscreveram-se em universidades públicas. No desejo de alcançar reconhecimento e créditos acadêmicos, a igreja empregou muitos desses graduados, e eles introduziram a filosofia corrente da época. O mundo era um lugar cada vez mais rico e o materialismo começou a apoderar-se de nossa juventude” (Allen, 1995, p. 31).

⁶ Lyotard (1998) foi o criador do conceito de metarrelatos, que são ideologias como o comunismo, cristianismo, entre outros, que legitimam e moldam os aspectos sociais, políticos e culturais de uma sociedade. Para ele, a pós-modernidade define-se como “a incredulidade em relação às metanarrativas” ou metarrelatos (1998, p. xvi).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Allen, Malcom. *Conduccion divina o presion mundana? – El ministério joven em la Iglesia Adventista*. Buenos Aires, Argentina: Asociacion Casa Editora Sudamericana, 1995.
- Dorneles, Vanderlei. *Do verbal para o visual: o status da imagem nas revistas semanais de informação*. Dissertação de mestrado. UMEESP. São Bernardo do Campo, 2004.
- _____. *Cristãos em busca do êxtase*. 2.^a ed. Engenheiro Coelho, SP: Unaspres, 2003.
- Gondim, Ricardo. *Fim do milênio: os perigos e desafios da pós-modernidade na Igreja*. São Paulo, SP: Abba Press, 1996.
- Grenz, Stanley. *Pós-modernismo: um guia para entender a filosofia do nosso tempo*. São Paulo: Edições Vida Nova, 1997.
- Lemert, Charles. *Pós-modernismo não é o que você pensa*. São Paulo: Loyola, 2000.
- Lyotard, Jean-François. *A condição pós-moderna*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1998.
- Marski, Artur. *Análise do encontro semanal dos jovens adventistas nas igrejas da União Sul-Brasileira da IASD e uma proposta alternativa do seu conteúdo programático*. Dissertação de Mestrado. São Paulo, SP: Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia, 1984.
- Resende, Rommel. *Uma análise sobre o culto jovem da Igreja Adventista*. Trabalho de conclusão de curso. Cachoeira, BA: Instituto Adventista de Ensino do Nordeste, 1998.
- Timm, Alberto. “Podemos ainda ser considerados o povo da Bíblia?”. In: *Revista Adventista*, junho/2001, Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, SP, p. 14-16.
- Veloso, Mario. “Para os diretores”. In: *Ação Jovem – Centenário MV 1879-1979*, Ano II, n.º 1, janeiro-março/1979, Divisão Sul-Americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia, p. 19-

RESUMOS DE DISSERTAÇÕES E TESES

TRANSE MÍSTICO: O FATOR DE APROXIMAÇÃO ENTRE CULTO PRIMITIVO, PÓS-MODERNISMO E PENTECOSTALISMO

Ms. Vanderlei Dorneles da Silva

Dissertação defendida em outubro de 2001

Orientador: Alberto R. Timm, Ph.D.

vanderlei.silva@unasp.edu.br

RESUMO: O pentecostalismo pretende ser o movimento de renovação do cristianismo no mundo contemporâneo. Essa renovação é buscada por meio da introdução de música popular no culto de adoração e da valorização da experiência mística, o que ocorre em detrimento do conhecimento objetivo da verdade revelada das Escrituras. O presente estudo analisa as raízes do culto pentecostal e sua relação com o culto primitivo e com o pós-modernismo, a fim de testar a validade do pentecostalismo como movimento de renovação da religião cristã. O pentecostalismo está enraizado na religiosidade primitiva e se estabelece em paralelo com o pós-modernismo. As semelhanças com o culto primitivo projetam o pentecostalismo como um subproduto da religiosidade natural humana. A proximidade entre pentecostalismo, culto primitivo e pós-modernismo distancia o culto pentecostal das Escrituras e da tradição cristã. Além disso, a persistente estimulação da emoção e dos movimentos corporais e a decorrente minimização da razão diferenciam ainda mais o pentecostalismo do culto bíblico, claramente refletido nas Escrituras como o culto da mente.

PALAVRAS-CHAVE: culto primitivo, pentecostalismo, pós-modernismo, transe, emoção, razão

MYSTICAL TRANCE: THE APPROXIMATING FACTOR BETWEEN PRIMITIVE CULTS, POSTMODERNISM, AND PENTECOSTALISM.

ABSTRACT: Pentecostalism intends to be a movement for the renewal of Christianity in the contemporary world. This renewal is attempted by (1) introducing popular music into the worship and (2) valuing mystical experiences, which occur in detriment of the objective knowledge of the truth revealed in Scripture. This study analyzes the roots of Pentecostal worship and its connections with both primitive worship and postmodernism, in order to test the Pentecostal claim of being a movement for renewing the Christian faith. Pentecostalism is rooted on primitive religion, and may be seen in parallel with postmodernism. Its similarity with primitive worship places it as a byproduct of the natural human piety. The connection between Pentecostalism, primitive worship, and postmodernism distances Pentecostal worship from both Scripture and Christian tradition. Besides, an emphasis on corporeal movements and an insistent stimulation of emotion, as well as the consequent minimization of reason, cause Pentecostalism to be far different from biblical worship, which is clearly pictured in Scripture as rational worship.

KEYWORDS: primitive cult, pentecostalism, pos-modernism, ecstasy, emotions, reason.

RESUMOS DE DISSERTAÇÕES E TESES

SÉRIES DE ESTUDOS BÍBLICOS DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA NO BRASIL: BREVE HISTÓRIA E ANÁLISE COMPARATIVA DE SEU CONTEÚDO

Paulo Cilas da Silva

Tese defendida em outubro de 2001

Orientador: Alberto R. Timm, Ph.D.

RESUMO: O presente estudo teve como objetivo estabelecer a fundamentação teórica dos estudos bíblicos adventistas e levantar a história das principais séries publicadas em português pela Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil, de 1921 a 2001. Analisou criticamente também estas séries através de comparação e contraste. Na análise de 94 séries bíblicas, se levou em consideração as diferentes ênfases dadas aos temas de conversão, doutrinação e estilo de vida, as quais foram estudadas no contexto dos diferentes períodos históricos em que surgiram. Relacionado a este propósito, buscou-se identificar as tendências de cada época, e apresentar sugestões a respeito do enfoque teológico ideal que as novas séries devem ter. Também foram consideradas as condições a serem cumpridas para o batismo, com base em um breve estudo exegético de Mateus 28:19 e 20 e na leitura contextualizada dos batismos mencionados no Novo Testamento.

PALAVRAS-CHAVE: estudos bíblicos, batismo, conversão, doutrinação, estilo de vida

BIBLE STUDY SERIES OF THE SEVENTH-DAY ADVENTIST CHURCH IN BRAZIL: A BRIEF HISTORY AND A COMPARATIVE ANALYSIS OF THEIR CONTENT

ABSTRACT: The purpose of the present study was to establish the theoretical foundation of the Seventh-day Adventist Bible-study series and to restore the history of the main series published in Portuguese by the Seventh-day Adventist Church in Brazil from 1921 to 2001, as well as to provide a critical analysis of those series by means of comparison and contrast. This analysis considered the different emphases placed on the themes of conversion, doctrination, and lifestyle in 94 series, which were studied in the context of different historical periods in which they were produced. Related to this purpose, the study tried to identify the tendencies of each period and to present suggestions about the ideal theological focus that new series should have. Based on a brief exegesis of Matthew 28:19, 20, and on a contextual reading of the baptisms mentioned in the New Testament, this study considered also the conditions to be fulfilled prior to baptism.

KEY-WORDS: bible studies, baptism, conversion, teaching doctrine, life style.

RESENHAS

CARTA APOSTÓLICA *DIES DOMINI*, DO PAPA JOÃO PAULO II*

Diogo Cavalcanti

Graduando em Teologia e Jornalismo pelo Unasp, Campus Engenheiro Coelho (SP)

Ordenado¹ padre aos 26 anos de idade em 1946, Karol Wojtyła atuou em diversos níveis e instituições católicas do Leste Europeu, desde os anos da Segunda Guerra. Obteve licenciatura e doutorado em filosofia pela Universidade Pontifícia de Roma Angelicum, chegando a atuar como professor de ética na Universidade Católica de Lublin e na Universidade estatal de Cracóvia. Desde sua eleição como Sumo Pontífice romano, em 1978, escreveu diversas encíclicas, cartas apostólicas e reflexões, todas elas adotadas como posição oficial da Sé Romana, cuja autoridade milenar deve ser obedecida.

Em *Dies Domini*, João Paulo II conclama os cristãos a guardarem as especificações relativas à observância do domingo como “dia do Senhor”. Inicialmente expressa sua preocupação com a substituição da obediência a este mandamento como tal pelo secularizado “fim-de-semana”. Acrescenta à exortação o retorno às tradições e ordenanças eclesiais, apelando seriamente aos clérigos e à comunidade laica, buscando apoio nas autoridades escriturísticas, eclesiais, bem como em sua própria, tida pelos católicos como santa, por ser aceite como Apóstolo sucessor de São Pedro. Numa seqüência de idéias truncadas, leva a efeito sua argumentação sem utilizar, contudo, uma linguagem rebuscada, o que não compromete a compreensão de um leitor de cultura média.

Ao longo da carta, nota-se um tom autoritativo, logicamente provindo da entonação canônica dos escritos papais, ainda maior numa carta apostólica. O domingo tem “valor imprescindível” é um “dever” – guardando-o, reza a carta, “prosseguimos no rasto da tradição perene da Igreja”. O texto assume também um caráter filosófico e apologético no primeiro capítulo, *Dies Domini*, pois defende as observâncias, tradições e dogmas católicos romanos, recorrendo freqüentemente a textos bíblicos, associando-os ao raciocínio filosófico, para legitimar suas declarações. Desta forma, seu posicionamento pertence à ala mais conservadora e ortodoxa da Igreja, que busca o resgate dos valores e instituições católicas. É uma reafirmação dos conceitos romanos em vista dos prejuízos causados pelo relativismo prevalecente na sociedade pós-moderna.

Desenvolve-se no texto a idéia de que o domingo é uma instituição divina a qual precisa ser respeitada devidamente por toda a cristandade. Note-se que o apelo não é feito apenas aos católicos, o que se percebe nitidamente não apenas em sua proposta inicial, mas também na terminologia utilizada ao longo da carta: “pastores” no lugar de “padres”, “cristãos”, ou mesmo “crentes”, no lugar de “fiéis”, ou “católicos”. O autor permanece fiel a este tema até o fim, focalizando em diferentes prismas as nuances da guarda do domingo, desde sua relação com a criação e o *shabbat* bíblico, passando pelo Novo Testamento, tecendo considerações bíblico-filosóficas sobre a observância deste dia pelos pontos de vista humano e divino. Aceita, portanto a criação, pois se reporta ao descanso divino após os seis dias da criação.

Ao defender a santidade do domingo, o autor usa diferentes tipos de fontes e as utiliza de modos distintos. Em primeiro lugar, utiliza-se de fontes escriturísticas para justificar a mudança do sábado para o domingo. Entretanto, esta utilização é peculiar: primeiro afirma e, em seguida, raciocina filosoficamente em favor da santidade do domingo, apoiando-se no fato de a ressurreição ter ocorrido neste dia, sem apresentar nenhum versículo bíblico claro que justifique tal relação (a ressurreição no domingo e a santificação do mesmo). Em seguida, cita as passagens que apenas mencionam o “primeiro dia da semana”, como se a Bíblia já tivesse

afirmado claramente ser o domingo um dia santo. Resumindo: estabelece primeiramente a doutrina sobre raciocínio e filosofia, e depois cita passagens das Escrituras como se estas estivessem apoiando a tese, como se vê claramente no texto a seguir:

Aquilo que Deus realizou na criação e o que fez pelo seu povo no Êxodo, encontrou na morte e ressurreição de Cristo o seu cumprimento, embora este tenha a sua expressão definitiva apenas na parusia, com a vinda gloriosa de Cristo. N'Ele se realiza plenamente o sentido « espiritual » do sábado, como o sublinha S. Gregório Magno: « Nós consideramos verdadeiro sábado a pessoa do nosso Redentor, nosso Senhor Jesus Cristo ».(14) Por isso, a alegria com que Deus, no primeiro sábado da humanidade, contempla a criação feita do nada, exprime-se doravante pela alegria com que Cristo apareceu aos seus, no domingo de Páscoa, trazendo o dom da paz e do Espírito (cf. Jo 20,19)

São abundantes as fontes patrísticas e documentos antigos citados no texto para fortalecer a tese central. Justifica-se a mudança como um costume cada vez mais comum entre os cristãos: "...os cristãos, apercebendo-se da originalidade do tempo novo e definitivo inaugurado por Cristo, assumiram como festivo o primeiro dia depois do sábado, porque nele se deu a ressurreição do Senhor".

Os comentários dos Pais da Igreja são encarados, como autoridade final. Citando documentos antigos, argumenta que a guarda do domingo já era um costume no segundo século. Cristo e os apóstolos teriam transferido as solenidades do sétimo para o primeiro dia. Para tanto, explica que as visitas de Paulo às sinagogas nos sábados eram apenas por motivos evangelísticos.

Daí parte para a filosofia novamente, ampliando as características deste dia, relacionando-o misticamente a outros tópicos. Logo, apesar de ser basicamente antibíblico, *Dies Domini* se constitui uma apologia cuidadosa e extremamente racional da santidade do domingo, apresentando argumentos em profusão, o que transmite ao leitor sensação de veracidade à tese, a despeito de não possuir fundamentação bíblica.

Entretanto, apesar de afirmar que a guarda do domingo foi um costume geral que permaneceu e que está estabelecido até hoje, o autor reconhece que, ao longo dos séculos sempre existiram grupos defensores do quarto mandamento bíblico, quando cita fontes históricas. Isto confere credibilidade histórica ao texto.

Entre os escritores cristãos, relativamente poucos são os que contrastam a posição quanto ao domingo. A defesa católica do primeiro dia da semana encontra eco nos escritos evangélicos. Somente autores adventistas e de aproximadamente oito denominações defendem o sábado como dia de guarda.

Pude sentir o impacto desta conclamação. A carta não alterou minhas convicções quanto ao dia de guarda verdadeiro, porém tocou diretamente minhas emoções e expectativas proféticas. Ela é uma prova concreta da resignação de Roma em torno de suas doutrinas e projetos de prazos centenários, revestidos de uma linguagem amistosa. Revela ao mesmo tempo seus objetivos despóticos de supremacia e domínio da consciência social: "mas, uma tal observância, antes ainda de ser sentida como preceito, deve ser vista como uma exigência inscrita profundamente na existência cristã".

Dies Domini mantém uma relação direta com a teologia adventista em, três níveis: (1) doutrinário; (2) profético e (3) hermenêutico. No nível doutrinário, dois aspectos devem ser destacados: (a) autoridade das Escrituras e (b) a perpetuidade da lei divina. Os adventistas do sétimo dia enxergam na Bíblia uma fonte de autoridade na qual baseiam suas crenças e julgam seus ensinamentos, em contrapartida, na teologia católica os dogmas e concílios eclesiais possuem autoridade paralela e superior à das Escrituras. Em segundo lugar, a Igreja Adventista encara a lei moral de Deus, especificada no Decálogo (Êx 20), como perpétua, enquanto Roma admite e opera mudanças na mesma.

Quanto à escatologia adventista, a Igreja romana cumpre um papel profético. A despeito das vozes discordantes, há mais de cem anos, os adventistas do sétimo dia declaravam que, futuramente "a questão do Sábado seria o ponto controverso no grande e final conflito que o mundo inteiro" seria envolvido². É um processo apontado como apóstata e produto da ação satânica, cujo clímax é descrito em Apocalipse 13, quando toda a humanidade será pressionada a obedecer a instituições humanas em detrimento a vontade divina. Pode-se sentir a proximidade deste momento neste apelo ao apoio de leis civis:



mas sobretudo porque mais carente duma regulamentação que aliviasse o seu peso e permitisse a todos santificarem o dia do Senhor. Nesta linha, o meu venerado predecessor Leão XIII, na encíclica *Rerum novarum* apontava o descanso festivo como um direito do trabalhador, que o Estado deve garantir.

Fazendo uma analogia entre as hermenêuticas aplicadas pelas teologias católica e adventista, notam-se profundas diferenças. Na teologia católica, as decisões conciliares têm primazia sobre as Escrituras, enquanto que na adventista, a autoridade da Bíblia é reconhecida como final, aplicando o princípio de interpretação protestante *Sola Scriptura* à risca. Nota-se, por exemplo, o contraste na citação equivocada de um versículo dos Salmos: “Ao domingo, portanto, aplica-se, com muito acerto, a exclamação do Salmista: « Este é o dia que Senhor fez: exultemos e cantemos de alegria » (118 [117], 24)”.

NOTAS DE REFERÊNCIA

1 Dados baseados no site: <http://www.acidigital.com/bio-papa.htm>

2 White, E. G., *Eventos Finais*. Tatuí-SP: Casa Publicadora Brasileira; pág. 118.

* Acessada em 23/10/05, no site da internet:

http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/apost_letters/documents/hf_jpii_apl_05071998_dies-domini_po.html